EVANGELHO DE MATEUS

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Fritz Rienecker

Editora Evangélica Esperança

Título do original em alemão: *"Wuppertaler Studienbibel"*
Das Evangelium des Matthäus
Copyright © 1994 R. Brockhaus Verlag, Wuppertal
Coordenação editorial
Walter Feckinghaus

T*radução*
Werner Fuchs

R*evisão de texto*
Hans Udo Fuchs

Capa
Luciana Marinho

Editoração eletrônica
Mánoel A. Feckinghaus

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

ISBN 85-86249-18-1 Brochura
ISBN 85-86249-19-X Capa dura

1ª edição em português: 1998
Copyright ©1998, Editora Evangélica Esperança
Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1997.

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS
ÍNDICE DE ABREVIATURAS

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. A credibilidade histórica dos quatro evangelhos
2. A questão sinótica
3. O apóstolo Mateus
4. O evangelho de Mateus
5. A época da redação do evangelho de Mateus

COMENTÁRIO

I. O TÍTULO, 1.1
1. Livro da genealogia de Jesus Cristo, 1.1

II. A GENEALOGIA DE JESUS, 1.2-17
1. A genealogia de Jesus Cristo, 1.2-17

III. O PRÓPRIO DEUS SOLUCIONA O CONFLITO DE JOSÉ, 1.18-25
1. O nascimento de Jesus, 1.18-25

IV. PERSEGUIDO PELOS SEUS, ADORADO POR ESTRANHOS!, 2.1-12
1. Os magos do oriente, 2.1-12

V. O MAIS GRAVE E ANGUSTIANTE NA VIDA REVELA-SE SEMPRE DE NOVO COMO O MAIS MAGNÍFICO E SIGNIFICATIVO, 2.13-23
1. A fuga para o Egito, 2.13-15
2. A chacina de crianças em Belém, 2.16-18
3. O retorno para Nazaré, 2.19-23
4. Visão panorâmica sobre a época herodiana após Herodes Magno (37-4 a.C.)

VI. O INÍCIO DA ATIVIDADE DE JESUS, 3.1–4.25
1. A palavra incrivelmente dura de João Batista, 3.1-12
2. Aquele que toma sobre si todo o juízo, 3.13-17
3. Nas profundezas de Satanás, 4.1-11
4. A primeira atuação de Jesus na Galiléia, 4.12-17
5. A vocação dos primeiros discípulos, 4.18-22
6. A atuação mais ampla do Senhor, 4.23-25

VII. O PRIMEIRO BLOCO DE DISCURSOS, 5.1–7.29
1. Introdução, 5.1,2
2. As bem-aventuranças, 5.3-12
3. O caráter de compromisso do evangelho: As parábolas do sal, da luz e da cidade sobre o monte, 5.13-16
4. O cumprimento da lei do AT por Jesus, 5.17-19
5. O tema do sermão do Monte, 5.20
6. Ira é igual a assassinato, 5.21-26
7. Impureza de pensamentos é adultério, 5.27-32
8. Sinceridade incondicional é a única garantia da verdadeira fraternidade, 5.33-37
9. O amor que supera tudo, 5.38-48
10. A tríade harmoniosa da nova vida, 6.1-18
11. Os três maiores perigos para a nova vida, 6.19–7.5
12. A nova vida é mostrada mais uma vez em três aspectos, 7.6-12
13. As primeiras duas parábolas, 7.13,14
14. A terceira parábola, 7.15,16a

15. A quarta e quinta parábolas, 7.16b-20
16. A sexta parábola, 7.21-23
17. A sétima parábola: Do construtor néscio e do sábio, 7.24-27
18. A conclusão, 7.28,29

VIII. A AUTORIDADE DE JESUS REVELA-SE PODEROSA EM AÇÕES E MILAGRES, 8.1–9.34

1. A cura do leproso, 8.1-4
2. A cura do empregado do centurião de Cafarnaum, 8.5-13
3. A cura da sogra de Pedro e outras curas ao entardecer, 8.14-17
4. Condições para seguir a Jesus de modo autêntico, 8.18-22
5. Jesus acalma a tempestade, 8.23-27
6. A cura do endemoninhado de Gadara, 8.28-34
7. A cura do paralítico, 9.1-8
8. A convocação do cobrador de impostos Mateus, e o posterior banquete com publicanos e pecadores, 9.9-13
9. A pergunta sobre o jejum feita pelos discípulos de João, 9.14,15
10. O remendo e o odre velho, 9.16,17
11. O reavivamento da filhinha de Jairo e a cura da mulher com hemorragia, 9.18-26
12. A cura dos dois cegos, 9.27-31
13. A cura de um mudo, 9.32-34
14. Resumo dos cap. 8 e 9 quanto aos milagres
15. Retrospectiva e visão panorâmica da ampla atividade do Senhor, 9.35-38

IX. O SEGUNDO BLOCO DE DISCURSOS JESUS, CONSTRUTOR DE SUA COMUNIDADE ATRAVÉS DE SEUS MENSAGEIROS, 10.1–11.30

1. A convocação dos apóstolos, 10.1-4
2. O grande discurso de envio dos discípulos, 10.5-42
3. Encerramento do discurso de envio do cap. 10, 11.1
4. A pergunta de João Batista e a resposta de Jesus, 11.2-19
5. Os lamentos sobre as cidades de Corazim, Betsaida e Cafarnaum, 11.20-24
6. As exclamações de louvor e salvação de Jesus, 11.25-30

X. JESUS DISCUTE COM OS INIMIGOS, 12.1-50

1. A primeira controvérsia do sábado, 12.1-8
2. A segunda controvérsia do sábado, 12.9-14
3. Perseguido pelos inimigos, amado pelo Pai, 12.15-21
4. O ódio traz consigo as mais terríveis conseqüências, 12.22-30
5. O que é "blasfemar contra o Espírito Santo"?, 12.31,32
6. A árvore e seus frutos, 12.33-37
7. A exigência de sinais pelos fariseus, 12.38-42
8. A parábola da recaída, 12.43-45
9. Os verdadeiros parentes de Jesus, 12.46-50

XI. O TERCEIRO BLOCO DE DISCURSOS: JESUS EDIFICANDO SUA COMUNIDADE, OU: A SEPARAÇÃO, 13.1-58

1. A parábola dos quatro tipos de solo ou do semeador, 13.1-17
2. A explicação da parábola do semeador, ou: os quatro tipos de solo, 13.18-23
3. A parábola da erva daninha no meio do trigo, 13.24-30
4. As parábolas do grão de mostarda e do fermento, 13.31-35
5. Explicação da parábola da erva daninha no meio do trigo, 13.36-43
6. O tesouro na lavoura e a pérola preciosa, 13.44-46
7. A parábola da rede de pesca, 13.47-50
8. As palavras finais de Jesus acerca das parábolas, 13.51,52
9. Jesus concluiu sua pregação do reino dos céus e não perde tempo. Ele vai embora!, 13.53
10. Jesus ensina em sua terra natal Nazaré e é rejeitado pelos seus conterrâneos, 13.54-58

XII. O ASSASSINATO DE JOÃO BATISTA, 14.1-13A

1. A morte de João Batista, 14.1-13a

XIII. O EXTRAORDINÁRIO DONO DE CASA E SACERDOTE DA FAMÍLIA, 14.13B-21

1. A primeira multiplicação de pães e peixes, 14.13b-21

XIV. O RETORNO DOS DISCÍPULOS PELO MAR, 14.22-33

1. Jesus anda por sobre o mar, 14.22-33

XV. SEMPRE DE NOVO O MESMO QUADRO: O SALVADOR QUE AJUDA, 14.34-36

1. Jesus em Genesaré, 14.34-36

XVI. DIÁLOGOS COM JUDEUS E GENTIOS, 15.1-20

1. Discussões com os líderes dos judeus, 15.1-20

XVII. O DIÁLOGO DE JESUS COM UMA GENTIA, 15.21-28

1. O milagre com a filha da mulher cananéia, 15.21-28

XVIII. O SEGUNDO MILAGRE: CURAS DE ENFERMOS EM GRANDE ESTILO, 15.29-31

1. Jesus volta para o mar da Galiléia e cura muitos enfermos, 15.29-31

XIX. O TERCEIRO MILAGRE: JESUS ALIMENTA QUATRO MIL PESSOAS, 15.32-39

1. A segunda multiplicação de pães e peixes, 15.32-39

XX. A SEGUNDA SOLICITAÇÃO DE SINAIS PELOS INIMIGOS DE JESUS, 16.1-4

1. Os fariseus e os saduceus pedem um sinal do céu, 16.1-4

XXI. ADVERTÊNCIA AOS DISCÍPULOS, 16.5-12

1. O fermento dos fariseus e dos saduceus, 16.5-12

XXII. AS NORMAS FUNDAMENTAIS DA COMUNIDADE DE JESUS, 16.13-20,28

1. A confissão de Pedro, 16.13-20,28

XXIII. O PRIMEIRO SERMÃO DA PAIXÃO, 16.21-28

1. Jesus prediz a sua morte e ressurreição, 16.21-28

XXIV. A LEI DA CRUZ É A LEI CONSTITUTIVA DA COMUNIDADE DE JESUS, 17.1-27

1. A transfiguração, 17.1-9
2. Sobre o retorno de Elias, 17.10-13
3. Um desafio à fé, 17.14-21
4. O segundo sermão da Paixão, 17.22,23
5. O imposto do templo, 17.24-27

XXV. OS NOVOS CRITÉRIOS E DIRETRIZES DA COMUNIDADE DE JESUS, 18.1-35

1. O maior no reino dos céus, 18.1-5
2. Os tropeços, 18.6-11
3. Em busca da ovelhinha perdida, 18.12-14
4. Sobre as instâncias da disciplina fraterna na comunidade, 18.15-18
5. A comunidade de Jesus é uma comunhão de oração, 18.19,20
6. A comunidade de Jesus está permanentemente pronta a perdoar, 18.21,22
7. A parábola do servo que não está pronto a perdoar, 18.23-35

XXVI. A POSIÇÃO DA COMUNIDADE DIANTE DE QUATRO QUESTÕES IMPORTANTES, 19.1–20.34

1. A questão do matrimônio, 19.1-9
2. Jesus abençoa as crianças, 19.13-15
3. A questão da propriedade, 19.16-30
4. Retrospectiva do cap. 19
5. A questão da recompensa: Será que cabe, no reino de Deus, a pergunta pela recompensa?, 20.1-16
6. A pergunta pela verdadeira grandeza: O terceiro anúncio da Paixão, 20.17-19
7. A mãe dos filhos de Zebedeu (Tiago e João) pede pelos seus filhos, 20.20-23

8. A reação dos “dez”, 20.24-28
9. A cura de dois cegos, 20.29-34

XXVII. AS AFIRMAÇÕES DE JUÍZO SE REVELAM EM QUATRO GRANDES CONTECIMENTOS E TRÊS PARÁBOLAS, 21.1–22.14

1. O primeiro acontecimento:A entrada em Jerusalém, 21.1-9
2. O segundo acontecimento: A purificação do templo, 21.10-17
3. O terceiro acontecimento: Jesus amaldiçoa a figueira, 21.18-22
4. O quarto acontecimento: Acerca da autoridade de Jesus, 21.23-27
5. A primeira parábola: Os filhos desiguais, 21.28-32
6. A segunda parábola: Os maus arrendatários da vinha, 21.33-46
7. A terceira parábola: As núpcias do filho do rei, 22.1-14

XXVIII. OS TRÊS ATAQUES DOS INIMIGOS CONTRA JESUS, 22.15-46

1. O ataque dos herodianos: A disputa pela moeda do imposto, 22.15-22
2. O segundo ataque dos saduceus: A sua pergunta pela ressurreição, 22.23-33
3. O ataque dos fariseus: A pergunta pelo principal mandamento, 22.34-40
4. O ataque de Jesus: A disputa em torno do filho de Davi, 22.41-46

XXIX. O ÚLTIMO ATAQUE DE JESUS AOS FARISEUS E A JERUSALÉM. CONTRA OS FARISEUS, 23.1-39

1. A caracterização dos fariseus, 23.1-7
2. A exortação daí decorrente aos discípulos, 23.8-12
3. As sete condenações, 23.13-33
4. Duas palavras de conclusão, 23.34-39

XXX. AS AMEAÇAS DE JUÍZO SOBRE JERUSALÉM, O MUNDO E A COMUNIDADE, 24.1–25.46

1. A preparação, 24.1-3
2. Os sinais do futuro próximo e longínquo, 24.4-14
3. O juízo sobre Jerusalém, 24.15-22
4. O futuro mais distante até o julgamento final do mundo, 24.23-31
5. Estejam sempre alertas!, 24.32-44
6. A primeira parábola: O servo vigilante e o servo lerdo, 24.45-51
7. A segunda parábola: As dez moças, 25.1-13
8. A terceira parábola: Os talentos dados em custódia, 25.14-30
9. O grande julgamento geral do mundo, 25.31-46

XXXI. SOFRIMENTO E MORTE DO SENHOR, 26.1–27.66

1. A decisão do Sinédrio, 26.1-5
2. A unção em Betânia, 26.6-13
3. A traição de Judas, 26.14-16
4. A última ceia pascal, 26.17-25
5. A Ceia, 26.26-30
6. A caminho do Getsêmani, 26.31-35
7. A luta de oração no Getsêmani, 26.36-46
8. A prisão de Jesus, 26.47-50
9. A tentativa de defesa, 26.51-54
10. As palavras de Jesus ao bando, 26.55,56
11. O interrogatório perante o Sinédrio, 26.57-68
12. A negação de Pedro, 26.69-75
13. A ida ao tribunal secular, 27.1,2
14. O fim do traidor, 27.3-10
15. A pergunta de Pilatos a Jesus, 27.11-14
16. Barrabás ou Jesus?, 27.15-26
17. Jesus é submetido ao escárnio, 27.27-30
18. A execução de Jesus, 27.31-50

19. Os acontecimentos logo após a morte, 27.51-53
20. O testemunho do capitão gentio sobre Jesus, 27.54
21. Os enlutados junto à cruz, 27.55,56
22. O sepultamento do Senhor, 27.57-61
23. A guarda e o lacre da sepultura, 27.62-66

XXXII. A RESSURREIÇÃO DO SENHOR!, 28.1-10
1. A ressurreição de Jesus, 28.1-10

XXIII. OS INIMIGOS DE JESUS SEM SAÍDA, 28.11-15
1. Os judeus subornam os guardas, 28.11-15

XXXIV. O SERVIÇO EM PLENA AUTORIDADE E A PALAVRA DA ONIPRESENÇA DO RESSUSCITADO, 28.16-20
1. A Grande Comissão, 28.16-20

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ESPECIAIS PARA MATEUS

ORIENTAÇÕES
PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:
O texto do Evangelho de Mateus está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:
A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:
Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas,foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado "Texto Massorético"). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas "escolas massoréticas" (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito:	redigido em:	pela escola de:
Códice do Cairo (C)	895	Moisés ben Asher
Códice da sinagoga de Aleppo (provavelmente destruído por um incêndio)	depois de 900	Moisés ben Asher
Códice de São Petersburgo	1008	Moisés ben Asher
Códice nº 3 de Erfurt	século XI	Ben Naftali
Códice de Reuchlin	1105	Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do AT. Manuscritos importantes são:
- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de "Septuaginta" (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT Antigo Testamento
NT Novo Testamento
gr Grego
hbr Hebraico
km Quilômetros
lat Latim
opr Observações preliminares
par Texto paralelo
qi Questões introdutórias
TM Texto massorético
LXX Septuaginta

II. Abreviaturas de livros

GB W. GESENIUS e F. BUHL, *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch*, 17ª ed., 1921.
LzB *Lexikon zur Bibel*, organizado por Fritz Rienecker, Wuppertal, 16ª ed., 1983.

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

RC Almeida, Revista e Corrigida, 1998.
NVI Nova Versão Internacional, 1994.
BJ Bíblia de Jerusalém, 1987.
BLH Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998.
BV Bíblia Viva, 1981.

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio

Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago

1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João
3Jo 3João
Jd Judas
Ap Apocalipse

APÓCRIFOS

Eclo Eclesiástico
2Mac 2 Macabeus
Sab Sabedoria

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. A credibilidade histórica dos quatro evangelhos

No fim do século I já se encontram notícias que confirmam que os quatro evangelhos vieram a ser utilizados para leituras nos cultos de diversas comunidades daquela época. Em vista disso, a fixação *escrita* do material dos evangelhos deve ter iniciado muito cedo, bem antes do final do século I Para qualquer pessoa que saiba refletir e julgar em termos histórico-literários, é um fato inegável que esses quatro evangelhos contêm relatos verídicos sobre a vida terrena do Senhor.

A credibilidade de historiadores *seculares* depende em primeiro lugar da comprovação de que eles próprios tiveram condições, em termos intelectuais e morais, de fornecer um relato fidedigno dos acontecimentos a serem descritos. Pode-se exigir no mínimo que os historiadores sejam capazes e tenham o propósito de escrever a verdade.

Se o que dissemos acima vale para a credibilidade da historiografia secular, quanto mais valerá para a informação dada pelos autores dos quatro evangelhos. Também eles não podiam nem queriam outra coisa que escrever a verdade. Esse fato é corroborado pelas seguintes circunstâncias: Os autores dos quatro evangelhos não apenas tinham plenas condições intelectuais e morais de relatar de forma verdadeira, mas como testemunhas oculares e auditivas estiveram durante três anos na dura escola daquele que vivenciava o que dizia de si: “Eu sou a verdade”. Nessa escola única eles aprenderam, melhor que ninguém antes e depois, o que é a *verdade*, a saber, a *verdade* no sentido mais absoluto!

Em Lc 1.1-4 o evangelista aponta com muita clareza para a meticulosidade de suas investigações prévias. Dos seus informantes ele exigia que fossem de fato testemunhas oculares, pois era a história mais sagrada que ele descrevia, a história em que tratava do bem-estar espiritual e eterno ou da perdição de toda a humanidade. Aqui a *comprovação da verdade* tinha importância soteriológica (de salvação). Para Lucas a verdade estava acima de tudo! Das testemunhas oculares de Cristo que eram servos da Palavra, Lucas não podia nem queria obter nada além da verdade.

O primeiro e o quarto evangelho originam-se diretamente de uma testemunha ocular e auditiva, o segundo e o terceiro de acompanhantes dos apóstolos. Portanto, todos os quatro evangelhos apoiam-se na fonte mais segura de toda historiografia, a saber, no verdadeiro testemunho presencial imediato!

De acordo com a tradição da igreja haviam transcorrido menos de 30 anos até a anotação escrita dos evangelhos (o decurso de 30 anos entre o acontecimento e o relato escrito também é reconhecido pela pesquisa crítica). Neste tempo da redação ainda viviam os apóstolos e irmãos de Jesus. Com grande senso de responsabilidade e com amor exemplar pela verdade, eles devem ter vigiado severamente para que se conservasse puro o material transmitido. Não é admissível falar de que eles usaram mitos, lendas e sagas. Lendas e sagas formam-se somente depois que se rompeu a ligação com os acontecimentos. Muito menos que de lendas pode-se falar de mitos. Que são os mitos? Eles são idéias transformadas em história. Os apóstolos, os parentes de Jesus e as testemunhas presenciais certamente impediriam na raiz o surgimento de qualquer lenda ou mito nos quatro evangelhos! Pelos mesmos motivos também se deve rejeitar a opinião crítica moderna de que, no relato dos discípulos, teriam se imiscuído a teologia missionária judaica, a mitologia oriental, ou a fé formadora de lendas da comunidade cristã.

Finalmente, acrescente-se em favor da credibilidade dos quatro evangelhos o testemunho dos pais da igreja e autores cristãos da virada do século I, os quais liam e veneravam como sagrados os quatro evangelhos.

Dos séculos I e II possuímos os escritos patrísticos, dos chamados pais apostólicos. Entre eles estão o *Ensino dos doze Apóstolos*, a carta de Clemente aos coríntios, as sete cartas de Inácio de Antioquia, a carta de Policarpo de Esmirna, aluno do apóstolo João, e outros documentos mais. *Em todos estes escritos já são citados os quatro evangelhos.*

Portanto, já naquela época, no fim do século I e início do século II, os evangelhos não só estavam redigidos, mas também amplamente difundidos no cristianismo de então, entre a Ásia Menor e Roma!

Da mesma forma estava definido *quem* foram os autores dos evangelhos.

Curiosamente os manuscritos mais antigos traziam como título a indicação: segundo Mateus, segundo Marcos, segundo Lucas, segundo João. O que quer dizer esta recorrente palavrinha "segundo"? Acaso significa que, como muitos teólogos supõem, Mateus, Marcos etc. *não* seriam os autores? De modo algum! Certamente é compreensível que os *próprios* autores não podem ter dado este título: segundo Mateus, segundo Marcos, etc. às suas obras. Não é assim que um autor se expressa!

Entretanto, podemos supor que os autores dos quatro evangelhos editaram seus escritos *sem* o nome do autor. Talvez tenha sido por modéstia que o fizeram. Talvez estivessem sob uma impressão tão forte do evento de Jesus que sua própria pessoa lhes pareceu totalmente sem importância, de modo que considerassem desnecessário mencionar os seus nomes! Além disso, as diferentes comunidades certamente sabiam quem era o autor por trás de um ou outro evangelho. Como ainda não havia a imprensa que possibilitasse a multiplicação de um livro em milhares de cópias, cada comunidade que talvez tivesse providenciado um cópia dos evangelhos sabia quem era o autor de cada um. Costumava-se dizer, então, talvez para distinguir: Este é o evangelho segundo Mateus, aquele é o segundo Marcos etc. Sobre a autoria não se tinha dúvidas! Nem mesmo o grande herege Marcião, que no início do século II fundou em Roma uma contra-igreja e rejeitava o AT, em momento algum atacou a autoria dos quatro evangelhos por Mateus, Marcos etc.!

Designar o autor pela fórmula: "segundo…", ou seja, "*segundo* Mateus, *segundo* Marcos etc.", tem um paralelo também na literatura judaica (cf. 2Mac 2.13).

O conhecido estudioso Norden comprova também a existência de tais paralelos na literatura helenista e patrística.

O pai da igreja Irineu (por volta do ano 180) considera a diversidade nos evangelhos como algo determinado por Deus! Se, de acordo com o profeta Ezequiel, quatro querubins sustentam o carro-trono do Onipotente e, segundo o Apocalipse de João, quatro misteriosos seres viventes circundam o trono de Deus, então é muito compreensível, pensa o pai da igreja Irineu, que uma parelha de quatro evangelhos deva carregar o Senhor Jesus pelos espaços da terra! Posteriormente o pai da igreja Jerônimo criou um símbolo para cada evangelista. Mateus recebe o símbolo do homem. Marcos é retratado como leão. Lucas é visto como touro. E João recebe a insígnia de uma águia! Esse simbolismo expressa de modo profundo a quádrupla figura do Senhor! Os quatro símbolos mostram, um após o outro, o lado humano, profético, sacerdotal e divino do Salvador!

Um indício poderoso da autenticidade dos quatro evangelhos é oferecido pelos numerosos evangelhos apócrifos que, em vista de sua tendência à arbitrariedade, de sua doentia busca por milagres, fazem brilhar de maneira tanto mais clara o estilo simples e sem enfeites dos evangelhos autênticos.

Uma última comprovação da autenticidade dos evangelhos, enfim, são também os testemunhos extra-bíblicos, como os de Josefo, Suetônio, Tácito e Plínio, além do *Talmud* e dos adversários pagãos Celso e Porfírio!

2. A questão sinótica

Entre os quatro evangelhos, *os três primeiros* formam um grupo especial! Evidenciam uma ampla *concordância* textual, que em alguns casos até se estende à coincidência literal. Por outro lado, também encontramos fortes *diferenças* entre Mateus, Marcos e Lucas!

A questão *sinótica* trata desse lado-a-lado de *concordância* e *diferenças* entre Mateus, Marcos e Lucas. Desde o final do século XVIII ela é um dos problemas mais abordados da ciência neotestamentária.

A questão recebe o nome de sinótica porque, compilando-se os textos paralelos de Mateus, Marcos e Lucas, possibilita-se uma visão de conjunto (sinopse) da vida de nosso Salvador!

Indaguemos, pois: a) Em suma, quais são as concordâncias? b) Quais são, sinteticamente, as diferenças? (cf. Appel, *Einleitung in das NT*).

a. Quais são as concordâncias?

- Nos três, a história de nosso Salvador é relatada na mesma seqüência.

João Batista batiza o Senhor. Jesus é tentado. Jesus atua publicamente na Galiléia. Ao contrário do evangelho de João, Jesus realiza somente uma viagem até Jerusalém, sofre e morre ali, para, em seguida ressuscitar dentre os mortos,

- Em todos os três a história de nosso Salvador está subdividida em muitas *histórias curtas* completas em si (perícopes). Essas narrativas muitas vezes também se inserem na mesma seqüência, ainda que nem sempre se possa identificar claramente um nexo entre elas.
- Em todos os três encontramos coincidências totais até na letra do texto, que são mais exatas nos ditos do Senhor do que nas partes narrativas.

Exemplos de coincidências literais:

Mt 3.3; Mc 1.3; Lc 3.4

Mt 11.10; Mc 1.2; Lc 7.27
Mt 9.6; Mc 2.10; Lc 5.24
Mt 16.28; Mc 9.1; Lc 9.27

b. Quais são, resumidamente, as diferenças?

- Material exclusivo de cada um dos sinóticos. Sob material exclusivo entendemos aquilo que cada evangelista apresenta sozinho. Compreende aproximadamente um terço do material todo.

Material exclusivo de Marcos: A parábola da semente (4.26ss), a cura do surdo-mudo (7.31ss), a cura do cego de Betsaida (8.22ss), prisão e fuga de um jovem (14.51s) etc.

Material exclusivo de Mateus: convite aos cansados e sobrecarregados (11.28ss), as parábolas do joio entre o trigo, do tesouro, da pérola, da rede (cap. 13), o imposto do templo (17.24ss), as parábolas do credor incompassivo (18.23ss), dos trabalhadores na vinha (20.1ss), dos filhos desiguais (21.28ss), das dez virgens e do julgamento do mundo (cap. 25), os guardas do sepulcro (27.62ss) etc.

Material exclusivo de Lucas: o jovem de Naim (7.11ss) e a grande pecadora (7.36ss), e depois, no assim chamado relato de viagem, no qual se encontra a maior parte do material exclusivo: o bom samaritano (10.25ss), Maria e Marta (10.38ss), a parábola do agricultor rico (12.16ss), a cura do hidrópico (14.1ss), as parábolas da moeda perdida (15.8ss), do filho perdido (15.11ss), do administrador injusto (16.1ss), do rico e Lázaro (16.19ss), do samaritano agradecido (17.11ss), do juiz iníquo (18.1ss), do fariseu e do publicano (18.9ss). Dos capítulos finais: Zaqueu (19.1ss), Jesus diante de Herodes (23.8ss), os discípulos de Emaús (24.13ss), a ascensão (24.50ss) etc.

- *O mesmo material* em *contextos* diferentes.

Em contraste com a ordem mais simples e natural de Marcos, Mateus e Lucas apresentam uma série de transposições, exclusões e intercalações.

Transposições: Mateus, p. ex., reúne a maioria das histórias de milagres nos cap. 8 e 9. Em Lucas é mais conhecido que ele deslocou a cena de Nazaré para o início da atuação de Jesus na Galiléia (cap. 4).

Exclusões: Em Mateus, p. ex., Jesus na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1.21). Em Lucas considera-se especialmente a "grande lacuna", a saber, que ele deixou fora todas as perícopes de Marcos desde o andar de Jesus sobre o mar até a cura do cego de Betsaida (Mc 6.45–8.26).

Intercalações: o material exclusivo de Mateus e Lucas.

- *O mesmo material* com *conteúdo* distinto.

Diferenças em informações diversas. Marcos e Lucas informam sobre um gadareno, um cego em Jericó, uma montaria na entrada de Jerusalém, enquanto Mateus fala nessas histórias de dois gadarenos, dois cegos, duas montarias. Marcos menciona três mulheres no sepulcro, enquanto Mateus fala de duas e Lucas não dá um número exato. Lucas troca a 2ª e 3ª tentação em relação a Mateus e, no Pai Nosso, que é tão importante e no qual se esperaria uma transmissão muito cuidadosa, deixa fora a 3ª e 7ª preces.

Chegamos ao final de nosso breve esboço sobre a questão sinótica.

A pesquisa teológica está consciente da dificuldade dessa justaposição de concordâncias e diferenças entre Mateus, Marcos e Lucas. Esforçou-se por oferecer soluções desse problema sinótico, mas todas essas soluções não passaram de *tentativas* de solução e continuarão como tais no futuro.

Devem ser rejeitadas as tentativas de solução entre teólogos críticos modernos que colocam em dúvida a substância de nossa fé no Senhor e Salvador crucificado e ressuscitado.

3. O apóstolo Mateus

Nos escritos neotestamentários podemos ler muito pouco sobre o apóstolo Mateus. Em todo o NT ele é citado *somente* cinco vezes. No primeiro evangelho ouvimos dele em 9.9, quando é chamado, e ainda na lista dos apóstolos (10.3), como também ocorre nas outras três referências:

Mc 3.18: "Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago";
Lc 6.15: "Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago";
At 1.13: "Bartolomeu e Mateus e Tiago".

O nome "Mateus" origina-se do hebraico. No AT encontramos os nomes correspondentes Matan = dádiva, e Matanias = dádiva de Deus. Portanto, Mateus significa "dádiva de Deus".

Uma questão importante é a seguinte: A história da vocação de Mateus não é relatada apenas em Mt 9.9, mas também em Lc 5.27s e Mc 2.14. Os três informes coincidem quase que literalmente.

Mt 9.9: "Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu."
Mc 2.14: "Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu."

Lc 5.27s: "Passadas estas coisas, saindo, viu um publicano, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu."

No texto original grego a coincidência dos textos torna-se mais evidente ainda.

A pergunta é: Por que Marcos e Lucas *não* chamam de Mateus, e sim de Levi, o publicano vocacionado por Jesus em Cafarnaum?

Vários pesquisadores pensaram que Mateus e Levi fossem duas pessoas diferentes. Estariam sendo contatas duas histórias diferentes de vocação. Consideramos isso como impossível, pelos seguintes três motivos:

- Todos os três relatos coincidem quase que literalmente, com exceção do nome do publicano;
- *Anterior* a todos os relatos está a *mesma* história, a saber, o milagre da cura do paralítico;
- *Posterior* a todos os relatos segue a *mesma* história, ou seja, a narrativa do banquete do publicano recém-convocado, com os mesmos discursos após o banquete.

Por conseguinte, nos três relatos descreve-se *o mesmo* acontecimento. Por isso também, correspondente ao mesmo acontecimento, a pessoa deve ter sido a mesma!

O nome Mateus certamente foi um segundo nome que o Senhor deu ao publicano na ocasião da vocação. Com esse cognome Mateus = dádiva de Deus, Jesus queria expressar a importância da partida imediata e do seguimento sem delongas!

Provavelmente Marcos e Lucas não incluíram o nome Mateus porque seu passado desprezível de publicano não deveria ser mencionado expressamente (Naquela época o publicano fazia parte da escória da humanidade). Por isso trouxeram o nome Levi, que certamente havia caído no esquecimento. *Um publicano de nome Levi não chamava muita atenção*. Mateus, no entanto, não teve medo de, na sua anotação do evangelho, conectar o seu nome com o seu antigo trabalho como coletor de impostos. Desejava anunciar a gloriosa força transformadora de seu Senhor. Em seu evangelho Mateus, portanto, diz:

Em 9.9: uma pessoa de nome Mateus;

Em 10.3: Mateus, o publicano!

Em todos as *outras* listas de apóstolos o nome Mateus aparecem *sem* o título *o publicano*. Ninguém queria magoar Mateus! Por isso omitiram a palavra "publicano". Somente o próprio Mateus conservou a designação da profissão de "publicano"! Só muitos anos mais tarde um escritor cristão (o autor da carta de Barnabé) referiu-se expressamente a Mateus, o publicano, encontrando na vocação de Mateus a prova de que Jesus veio para chamar pecadores, e especialmente aqueles que eram mais pecadores do que os pecadores comuns.

Logo depois de seu sim ao chamado do Senhor, Mateus inicia seu primeiro trabalho missionário. Prepara para o Senhor um banquete na sua casa e convida seus ex-colegas de profissão, a saber, os cobradores de impostos de Cafarnaum. Seu alvo era estabelecer contato entre seus colegas e o Senhor.

Este esforço de atrair o seu povo, o povo de Israel, ao Messias tantas vezes anunciado no AT, perpassa todo o evangelho de Mateus como um fio vermelho visível de longe!

4. O evangelho de Mateus

A menção mais antiga do evangelho de Mateus remonta ao bispo Pápias de Hierápolis. Considerando que esse bispo viveu por volta de 100 a 150 e que foi contemporâneo de Policarpo de Esmirna, que foi aluno do apóstolo João, aquilo que ele soube informar sobre o evangelho de Mateus "requer máxima importância segundo as normas da pesquisa histórica" (Feine, p. 22).

A comunidade de *Hierápolis* já é citada em Cl 4.13: "E dele (de Epafras) dou (eu, Paulo) testemunho de que muito se preocupa por vós (de Colossos), pelos de Laodicéia e pelos de Hierápolis".

O bispo Pápias de Hierápolis, pois, trouxe informações muito significativas sobre o evangelho de Mateus em sua obra de cinco volumes intitulada *Exposições das palavras do Senhor*. Como já dissemos, essas informações de Pápias são as mais antigas e ainda se apoiam em afirmações pessoais do apóstolo João, e por isso devemos aceitá-las com o máximo interesse.

Infelizmente, porém, a grande obra de cinco volumes de Pápias foi extraviada. Na ciência lamenta-se muito essa perda!

Entretanto, vem ao nosso socorro o bispo Eusébio de Cesaréia. Este Eusébio, falecido em torno de 339, conheceu e leu a obra de cinco volumes de Pápias. E, por ter em alto apreço a obra de Pápias, incluiu citações dele na sua *História da igreja*, de dez volumes (A *História da igreja*, de Eusébio, é a história eclesiástica mais antiga que possuímos. Começa em Jesus Cristo e, passando pelo tempo dos apóstolos, chega ao ano 324). Essa mais antiga história da igreja também é singularmente preciosa porque nela estão anotadas numerosas citações de escritos perdidos do cristianismo antigo. Entre muitas outras, foi anotada por Eusébio em sua *História da igreja* uma citação sobre o evangelho de Mateus, extraída da obra perdida de Pápias.

Essa citação de Pápias, diz o seguinte: “Mateus compilou os discursos de Jesus em língua hebraica (aramaica), mas cada um os traduziu da melhor maneira que sabia”. Eusébio ainda observa que, para essas afirmações sobre o evangelho de Mateus, Pápias se reporta a comunicações pessoais do “velho João”, isto é, do apóstolo João.

O que nos diz essa nota? Ela informa que:

- Mateus é o autor do primeiro evangelho;
- Mateus anotou os *discursos* do Senhor em língua aramaica.

Perguntamos: A que Pápias se refere, quando fala dos “*discursos do Senhor*”, reunidos por Mateus?

Olhando para o conteúdo do evangelho de Mateus, é muito digno de nota que, em meio às narrativas, encontramos *cinco* discursos completos do Senhor! Esses cinco grandes discursos do Senhor distinguem-se nitidamente das narrativas que os rodeiam. A diferença também é demarcada exteriormente por uma fórmula especial: no final de cada grande discurso lê-se sempre de novo uma expressão quase idêntica:

Mt 7.28: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras…”
Mt 11.1: “Tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos…”
Mt 13.53: “Tendo Jesus proferido estas parábolas…”
Mt 19.1: “E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras…”
Mt 26.1: “Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos…”

Se ligássemos os cinco grandes discursos uns aos outros, não poderíamos chegar à conclusão de que esses cinco grandes discursos do Senhor formam uma unidade coesa em si? Ademais, não poderíamos supor que os cinco grandes discursos já surgiram e existiram como uma unidade antes do evangelho de Mateus? Uma tal obra consistente dos discursos maiores do Senhor poderia ter-se destinado a instruir a jovem comunidade cristã palestina nos ditos e ensinamentos do Senhor. O objetivo era mostrar à jovem comunidade qual era a vontade de Jesus, a saber, a sua santificação, ou seja, que ela seguisse a Cristo de forma verdadeira e autêntica.

Motivados pela exegese científica de Mateus feita por Adolf Schlatter, o qual criou por assim dizer a expressão “a igreja de Mateus”, também nós nos empenharemos no presente comentário ao evangelho segundo Mateus em destacar sempre de novo, e especialmente com base nos cinco discursos de Jesus, o grande interesse de Mateus, que é proclamar a vontade de Deus para a nova vida seguindo a Jesus! E isto também continuamente para a comunidade de Jesus nos tempos atuais!

Retornemos aos cinco discursos do Senhor. Se déssemos títulos a cada um deles, eles seriam mais ou menos assim:

1º Discurso (cap. 5–7): Jesus, o novo legislador da sua comunidade.
2º Discurso (cap. 10): Jesus, o construtor de sua comunidade através de seus enviados.
3º Discurso (cap. 13): Jesus, o promotor de sua comunidade (parábolas).
4º Discurso (cap. 18): Jesus, o organizador de sua comunidade.
5º Discurso (cap. 24–25): Jesus, o aperfeiçoador de sua comunidade no seu retorno.

Schlatter opina que “os cinco grandes discursos do Senhor alinham-se numa unidade bem ordenada. *Nenhum discurso repete o outro; cada um é em si uma grandeza nova. Conferem movimento às palavras de Jesus e fazem culminá-las no seu alvo último, de acordo com um plano bem refletido*.”

Depois que o Senhor destacou continuamente para sua comunidade a grande exigência da santificação, do verdadeiro discipulado, da vida em seguimento a ele, a sua instrução alcançou o alvo.

Esse alvo, não obstante a angústia e opressão dos tempos, consiste sempre de novo em que a comunidade dirija seu olhar diretamente a Jerusalém, à Jerusalém do alto, de onde seu Cristo retornará com grande poder e glória, para trazer à sua comunidade a plenitude.

Esse é um “sistema doutrinário” no qual cada membro está inserido de tal maneira que os muitos crescem para formar uma unidade. Nenhuma parte poderá ser retirada.

Ele evidencia com que maestria o Senhor, enquanto ensinador, sabia revelar passo a passo aos seus discípulos, e dessa maneira à sua comunidade, os mistérios e a glória dos planos salvíficos de Deus!

Do aspecto de conteúdo dos cinco grandes discursos, retornamos agora ao formal (exterior). Constatamos que a finalidade exterior de uma tal coletânea de discursos do Senhor precisa ser vista mais numa intenção *didática* que histórica. O conhecido teólogo bíblico Friedrich Godet opina da seguinte maneira sobre a coletânea de discursos: “De tudo isso parece que se deve concluir que essa coletânea de discursos deve ter pertencido originalmente à obra *mais antiga* de Mateus, da qual ele a transportou para o seu evangelho atual propriamente dito!” E Godet continua: “Tudo leva à suposição de que a coleção de discursos de Mateus, se de fato tiver existido de forma separada do atual evangelho, foi redigida em hebraico ou aramaico”. É exatamente o que Pápias também afirmou naquela citação apresentada acima, e que diz: “Mateus compilou em língua aramaica os discursos do Senhor…” Vestígios dessa língua hebraica inseriram-se nas traduções gregas dos discursos do Senhor. Citemos alguns exemplos: de origem aramaica é a palavra *rakha* (tolo) em 5.22, *mâmon* (riquezas) em 6.24, bem como a palavra “justiça” no sentido de esmola, caridade etc.

O renomado teólogo Schlatter comprovou magistralmente, em sua obra *Der Evangelist Matthäus*, com exemplos e mais exemplos, que Mateus era *bilíngüe*, mostrando repetidamente que Mateus fundiu seu pensamento e sua linguagem *simultaneamente a partir de duas línguas*, a saber do hebraico e do grego.

Em síntese, será admissível dizer o seguinte: O evangelho de Mateus é formado por dois componentes:

- Os cinco grandes discursos didáticos do Senhor;
- O grupo de narrativas sobre a *vida* do Senhor.

A coletânea dos cinco grandes discursos do Senhor, da qual Pápias havia falado, foi orientada sob o aspecto principal de registrar inicialmente, na medida em que isso era possível, o *teor exato* dos ensinamentos do Senhor, a fim de *gravar* em cada membro da comunidade do Senhor os novos princípios da nova vida seguindo-o, e para indicar as linhas mestras em que sua obra na terra terá continuidade.

Os discursos do Senhor, por conseguinte, eram um *assunto muito importante*.

Atos 2.42 menciona entre os fatores essenciais da preservação da vida de fé da comunidade a "*doutrina dos apóstolos*". Lemos: "E perseveravam (a comunidade) na doutrina dos apóstolos e na comunhão…" Pensamos que *a parte mais importante* da doutrina dos apóstolos certamente foi a *reprodução dos discursos didáticos do Senhor*. Importava gravá-los firmemente na memória através da proclamação continuamente apresentada.

Uma vez que a formulação dos *discursos do Senhor* era alvo de tamanha importância para a vida espiritual da comunidade, todos os apóstolos em Jerusalém devem ter-se empenhado especialmente na fixação exata das palavras e dos ensinamentos de Jesus. Uma tarefa dessa importância e desse significado, contudo, não poderia ser executada responsavelmente por uma testemunha sozinha. Exigia-se, como defende Weizsäcker, "o trabalho conjunto de *várias* testemunhas auriculares e oculares e especialmente dos próprios apóstolos". Somente assim deve-se entender a expressão "doutrina dos apóstolos" em At 2.42. E, seguramente, sob esse critério, o autor dos cinco grandes discursos do Senhor não terá sido um apóstolo *sozinho*, e sim, por causa da importância do conteúdo por amor à verdade, *todo o apostolado*. – A fixação escrita da *doutrina* dos apóstolos, referente ao ensinamento do Senhor estabelecido *conjuntamente*, com certeza terá sido realizada pelo *apóstolo Mateus* (pois, por causa de sua profissão como cobrador de impostos, com certeza era *o mais capacitado na escrita e nas línguas*), por incumbência dos demais apóstolos. Realizou-a inicialmente na língua do Senhor, ou seja, em aramaico. A maneira como podemos imaginar essa atividade é ilustrada por um exemplo. O fragmento de Muratori relata o seguinte sobre o método de redação do 4º evangelho: "João escreveu o seu relato, submetendo-o ao parecer dos outros apóstolos e antigos discípulos que na ocasião estavam com ele".

Que os discursos didáticos do Senhor de fato eram a propriedade mais sagrada dos apóstolos evidencia-se na circunstância de que em todo o NT deparamos continuamente com "os discursos *do Senhor*", e isso do primeiro ao último livro do NT.

Chegamos ao segundo componente do evangelho de Mateus, ao grupo dos *relatos sobre a vida do Senhor*.

Mateus envolveu a coletânea de discursos, traduzida por ele para o grego, com uma narrativa da vida de Jesus, desde logo redigida em língua grega. O objetivo principal desse grupo de relatos certamente não foi só edificar os fiéis, ilustrar-lhes a maravilhosa e única figura de Jesus, mas também convencer os judeus *não* crentes e evidenciar-lhes seu grande erro, que consistiu em terem recusado Jesus, o Messias prometido pelo AT. Pois o caráter messiânico de Jesus era o principal ponto de controvérsia entre o judaísmo e o cristianismo primitivo. Jesus *não* tinha trazido o que o judaísmo esperava do Messias, libertação do jugo romano e instalação do domínio mundial do povo eleito. Ele fora rejeitado pelo povo judeu e pela autoridade religiosa competente, sendo executado como criminoso. Com isso foi definitivamente declarada nula a sua reivindicação da honra de Messias.

Diante de tudo isso, pois, fazia-se necessário destacar a partir do AT o verdadeiro *sentido* da função do Messias caracterizado em Jesus. Mateus conhece bem o AT. Com base numa interpretação nova e independente do conteúdo escriturístico, ele traz a comprovação bíblica inegável de que Jesus é aquele que de fato e verdadeiramente *cumpre* as promessas do AT. Nas narrativas do evangelho, esta finalidade de convencer os adversários supera com ímpeto e força qualquer detalhamento histórico do relato. Para isso não há tempo. O pensamento desse alvo é o único decisivo e determinante.

A comprovação trazida por Mateus, com muita clareza, de que Jesus Cristo é o Redentor e Salvador que veio em carne, que foi seguidamente anunciado pelo AT, e que é o único em que há salvação, constitui-se num último chamado à consciência do povo rebelde, e como que um ultimato que Deus lhe dá antes de iniciar o julgamento definitivo.

Por mais diferente que seja a finalidade da coletânea de discursos do Senhor daquela dos relatos (os discursos dirigem-se primordialmente à comunidade dos fiéis, as narrativas querem abrir os olhos dos judeus descrentes), por mais diferentes que sejam os dois componentes do evangelho de Mateus em seu objetivo, a saber, por um lado *ensinar, aprofundar*, por outro *evangelizar, convencer*, não obstante, esses dois alvos, apesar da sua disparidade, estão coligados numa maravilhosa harmonia.

Uma parte reforça a outra! Os cinco discursos, escritos para *ensinar e aprofundar*, servem *de igual modo* à finalidade apologética dos relatos. As narrativas, compiladas com o fim de *evangelizar e convencer*, por sua vez viabilizam de modo único a ilustração, através *do procedimento e da vida* de Jesus, de tudo o que foi dito. Um componente confere ao outro a maior ênfase!

Desse modo preserva-se a bela unidade do evangelho de Mateus, apesar da dupla origem, e comprova-se também poderosamente que ambas remontam ao mesmo autor.

Igualmente, a partir da singular e maravilhosa unidade de discurso e relato, explica-se sem dificuldades e com toda evidência, a incomparável posição que o evangelho de Mateus alcançou desde cedo na igreja como o "primeiro" evangelho.

5. A época da redação do evangelho de Mateus

A época presumível da redação do evangelho de Mateus situa-se entre os anos 50 e 60 após o nascimento de Cristo.

A passagem que parece comprovar expressamente que o evangelho foi redigido *antes* do ano 70 é Mt 24.15s. Após relatar a advertência dada pelo próprio Jesus à comunidade, para fugirem da Judéia quando ocorressem os horrores da desolação do local sagrado, Mateus interrompe subitamente seu relato e destaca com mais ênfase essa advertência, acrescentando por conta própria o alerta: "Quem lê isso, preste atenção".

Essa inclusão pelo evangelista parece demonstrar três coisas:

- O discurso já havia sido *redigido* quando foi interpolado esse alerta;
- Ele era lido, seja em particular, seja na congregação pelo preletor encarregado;
- O autor queria convocar a comunidade a *levar a sério* a dica dada por Jesus para aquele tempo, e tirar a conseqüência prática de se preparar para emigrar. Aproximava-se cada vez mais o momento do qual Jesus havia dito: "Orai para que vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado" (v. 20).

Cronologicamente parece impossível que uma tal indicação (pela qual Mateus dá destaque à advertência de Jesus de fugirem da Judéia) tenha sido feita *depois* da destruição de Jerusalém, ou mesmo durante essa fuga, acontecida por volta do ano 66. A advertência de Jesus propriamente dita talvez não trouxesse nada certo sobre o tempo de origem do livro que a contém, mas a ênfase com que o evangelista insiste na observação dela demonstra claramente que a ameaça *ainda* estava por acontecer, sim, que a seus olhos tornava-se *premente*.

Disso resulta que o livro que contém essa advertência precisa ter surgido *antes do ano 66*, quando iniciou a guerra e a comunidade teve de emigrar, atravessando o rio Jordão.

Voltando do evangelho para o *livro "dos discursos"*, somos direcionados a situar a época de sua redação nos anos bem *anteriores*. Essa data resultou para nós do momento da dispersão dos apóstolos que, como deduzimos de Atos 21.17ss, deve ter ocorrido *antes* de 59. – Por isso terão razão os pesquisadores que situam a época da redação do evangelho de Mateus no tempo *depois do ano 50*. É que o evangelho de Mateus deve ter estado pronto algum tempo antes de 59, quando os apóstolos em Jerusalém ainda podiam refletir com calma sobre a fixação correta do teor dos discursos de Jesus e também de seus feitos.

COMENTÁRIO

I. O TÍTULO, 1.1

1. Livro da genealogia de Jesus Cristo, 1.1

Livro da genealogia[a] de Jesus Cristo[b], filho de Davi, filho de Abraão[c].

Em relação à tradução

[a] No texto original lê-se "gênesis", o que significa surgimento, origem. Apoiando-se em Gn 5.1, Zahn traduz: "Livro da *história* de Jesus Cristo", Schlatter "Livro da *origem* de Jesus Cristo", W-B "Livro da história do *surgimento* de Jesus Cristo, St-B "Livro das origens de Jesus Cristo, NTD "Livro da história de Jesus Cristo, Menge "Genealogia de Jesus Cristo". Preferimos a palavra grega "gênesis", sem traduzi-la!

[b] No texto original o nome "Cristo" é usado com e sem artigo. Cristo *sem* artigo tem o sentido de um *nome próprio*. Cristo *com* artigo tem o caráter de uma *designação de cargo*. Ao dizer *o* Cristo, pensa-se no Ungido, i. é, em Jesus revelou-se o Ungido prometido no AT, ou seja, o Messias. o "rei messiânico". Com artigo encontra-se Cristo nos v. 16,17,18; 2.4; 11.2; 16.20; 22.42; 23.10; 27.17,22. A designação "o Ungido", o Messias, vem de Sl 2.2; 18.50; 20.6; 89.20; 132.17; 1Sm 2.10; 2Sm 22.51. A expressão "Messias" torna-se a designação mais abreviada do rei esperado para os tempos finais. Cf. St.-B. Outros detalhes sob o nome "Jesus Cristo" em Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel*.

[c] Atribui-se a Esdras a fama de ter realizado o trabalho de estabelecer a ascendência das famílias judaicas. – Era necessário assentar e continuar os registros genealógicos em vista do fato de que, para o *serviço no santuário, podiam ser admitidos somente homens de origem segura e imaculada* (cf. Ed 2.61-63; Ne 7.63-65). – Era competência do Sinédrio (o supremo conselho) examinar a legalidade da origem. Mesmo os sacerdotes que viviam no exterior não deixavam de enviar a Jerusalém, antes de se casarem, os documentos exigidos para a verificação de sua própria genealogia. Também se verificavam ali minuciosamente esses documentos genealógicos! Sempre de novo a literatura judaica aponta para essas tabelas genealógicas. O historiador judaico Josefo apresenta sua árvore genealógica com base em registros oficiais para um período de aproximadamente 200 anos, e com tal precisão que ele próprio é capaz de citar o ano de nascimento de cada antepassado. – À luz desses fatos, como são importantíssimos os registros genealógicos do Senhor. Também ele, como os homens que podiam ser admitidos ao santuário, possui uma ascendência *sem mácula e límpida*. Sim, ele que, como verdadeiro sumo sacerdote, adentrou o Santo dos santos através do seu precioso sangue, correspondeu plenamente às exigências, inclusive de ter uma origem sem mancha! (cf. St-B).

O NT inicia, como o AT, com um livro de gênesis, isto é, com um livro da origem. No AT tratava-se do nascimento do primeiro Adão, aqui no NT trata-se do nascimento do segundo Adão.

Pergunta: A expressão "livro da gênesis de Jesus Cristo" é o título apenas da genealogia de Jesus, citada nos v. 2-17, ou o título de todo o evangelho de Mateus?

Resposta: O v. 1 é primeiramente título da genealogia de Jesus, mas depois também dos cap. 1–2. Como, porém, nos cap. 1–2 está indicado *todo* o evangelho de Mateus, o v. 1 também é o título de todo o evangelho. – De que maneira o evangelho todo de Mateus está indicado nos dois primeiros capítulos? É que neles já se mostra que Jesus Cristo é perseguido pelos *judeus* (rei Herodes), mas adorado pelos *gentios* (os magos do Oriente).

Já no nascimento, portanto, se encontra a cruz.

Já no nascimento, porém, se encontra também a glória (revelada na adoração dos povos).

Já no início existe, pois, o ódio.

Já no início existe, porém, a adoração.

O que significa **Jesus Cristo, filho de Davi?** Jesus, como filho de rei, é um rei. Mt lembra 1Cr 17.11,12, onde lemos: "Há de ser que, quando teus (referindo-se a Davi) dias se cumprirem, e tiveres de ir para junto de teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente […] e estabelecerei o seu reino […] estabelecerei o seu trono eternamente".

Esta palavra aponta primeiramente para Salomão, porém o "eternamente" indica para além dele.

Visto que o Messias vindouro precisa ser um *rei*, cumpre-se, na expressão "filho de Davi", essa condição real.

O que significa: **Jesus Cristo, filho de *Abrão***? Mt quer evocar Gn 12.3b; 18.18b; 22.18, ou seja, quer lembrar que, em Abraão, *todos* os povos deverão ser abençoados. Portanto, já na primeira frase de seu evangelho Mt pensa em termos universais. Em outras palavras, a salvação imensurável e inimaginável de Deus em Jesus Cristo veio para *todos* os povos. – A expressão **filho de Abraão** ocorre aqui a única vez em toda a Bíblia.

II. A GENEALOGIA DE JESUS, 1.2-17

1. A genealogia de Jesus Cristo, 1.2-17

Lc 3.23-38

Abraão gerou a Isaque[a]; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos;
Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão;
Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom;
Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé;
Jessé gerou ao rei Davi[b]; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias;
Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa;
Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias;
Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias;
Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias;

Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia.
Depois do exílio na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel;
Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor;
14 **Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde;**
15 **Eliúde gerou a Eleazar; Eleazar, a Matã; Matã, a Jacó.**
E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.[c]
17 **De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze.**

Em relação à tradução

[a] Alguns teólogos pensam (cf. especialmente St.-B), e nós concordamos com eles, que a genealogia citada por Mt é a árvore genealógica de José, enquanto Lc apresenta a de Maria (Lc 3). Ambas se *bifurcam* nos filhos de Davi: Salomão e Natã. Em decorrência, Maria foi uma filha herdeira (Nm 27.8), cuja herança se encontrava em Belém, porque, contrariando o costume, viajou com José para lá durante o recenseamento (Lc 2.4s). Por isso Maria também não podia casar fora da tribo (Nm 36.8s). O marido de uma filha herdeira precisava registrar-se na linhagem do pai dela, recebendo assim dois pais (Ne 7.63; 1Cr 2.21s; cf. Nm 32.41). Desse modo, José era um filho de Jacó e de Eli, mas Jesus um neto do último (v. 16; Lc 3.23). – Detalhes bem pormenorizados em: Rienecker, *Prakt. Handkommentar zum Matthäusevangelium.*

[b] Davi é expressamente chamado de "o rei". O texto original *não* traz em v. 6b novamente "rei" Davi, mas somente Davi. Almeida traduz o v. 6b novamente com "rei Davi". Com a aposto "rei" indica-se que a história de Israel alcançou o seu ápice com Davi.

[c] Um manuscrito sírio reproduziu assim o v. 16: "Jacó gerou José, *José*, de quem Maria, a virgem, era noiva, *gerou Jesus*, que é chamado o Ungido…". Esse texto sírio precisa ser rejeitado. 1º porque está em flagrante contradição com os v. 18-25. 2º: Todas os demais manuscritos coincidem com o texto determinante assim como o temos diante de nós. Esse único texto competente está presente nos dois principais grupos de manuscritos: no grupo de texto *egípcio*, formado pelos manuscritos Vaticano (B), Sinaítico (a), Efraimita (C) e no grego coiné, acrescido de sete manuscritos da tradução vetero-latina, alguns textos gregos e "sírios do Sinai", os quais trazem: "Jacó gerou José; a virgem Maria, que era noiva dele, deu à luz a Jesus, que é chamado Cristo". A transcrição síria citada acima com certeza revela um erro de cópia. Provavelmente o escritor sírio continuou escrevendo mecanicamente "este gerou o…" O motivo por que referimos o manuscrito sírio é que a pesquisa liberal se baseia nele para refutar o milagre do "nascimento virginal"!

a. O maravilhoso

A genealogia de Jesus é composta de 3 partes. Cada parte contém 14 gerações.
O primeiro trecho de 14 gerações vai de Abraão até Davi.
O segundo vai de Salomão até o cativeiro na Babilônia.
O terceiro estende-se de Jeconias até Jesus.

Será que o número 14 (igual a 2 vezes 7) tem algum significado? Certamente. O número 7 indica que uma época de tempo foi concluída plenamente. No número 7 duplicado (igual a 14) a história de Israel foi trazida por Deus perfeitamente à sua primeira conclusão. E *três vezes* o número 14 demonstra: o perfeito governo e comando de Deus na história.

A primeira época de 14 gerações transcorreu até o reinado de Davi, a segunda até a destruição da dinastia de Israel no cativeiro babilônico, a terceira etapa leva a Jesus Cristo, o único rei verdadeiro, o rei eterno, cujo governo não terá fim.

Portanto, a genealogia tem a comunicar-nos algo maravilhoso através de sua estrutura, que é de 3 etapas de 14 gerações.

b. O escandaloso

Em todas as demais genealogias israelitas citam-se muito raramente nomes femininos. Mulheres são mencionadas somente nos casos em que se queria contornar uma irregularidade na genealogia. – Curiosamente, Mateus cita mulheres *quatro* vezes nessa genealogia de Jesus, mesmo não havendo uma irregularidade. Ainda outro aspecto é digno de nota: Mt não cita as mulheres importantes como Sara e Rebeca, mas "justamente" as quatro mulheres que causaram muito transtorno e irritação na história judaica.

- Tamar (Judá pecou com ela), cf. Gn 38.
- Raabe, a prostituta. Cf. Js 2.9ss. O NT destaca a sua fé, cf. Hb 11.31; Tg 2.25.

- Rute, a pagã, a moabita. Como pessoa ela é pura, mas como pagã e moabita ela é singularmente "pecadora". Basta verificar aquele obscuro capítulo de Gn 19. É certo que Rute é honrada no AT. Até um livro traz o seu nome. Mas não deixa de ser uma pagã moabita.
- A mulher de Urias, cf. 2Sm 11.26s. Mt não menciona o nome dessa mulher. Chamava-se Bate-Seba.

As quatro mulheres são um símbolo de que o pecado tornou-se poderoso. Mas elas também simbolizam que a graça em Cristo tornou-se muito mais poderosa. Sobre as grandes dificuldades ainda existentes na genealogia de Jesus, sobretudo no segundo bloco de 14 gerações, fornece esclarecimento *minucioso*: Rienecker, *Prakt. Handkommentar, Mt-Evangelium*!

Depois de José, interrompe-se de repente o uso da palavra "gerou". O v. 16 diz: […] **Jacó gerou a José, marido de *Maria*, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.**

Em toda a sua estrutura, a genealogia elabora a comprovação de que José descende corretamente da família davídica. O v. 16 quer mostrar que, juridicamente, José deve ser considerado o *pai* de Jesus. Com isso reforça-se o conteúdo do primeiro versículo: "Jesus Cristo, filho de Davi".

Além disso, a formulação: José, o pai (jurídico, não biológico) de Jesus, sem dúvida corresponde aos conceitos de direito matrimonial do povo judeu nos tempos do NT. Se alguém afirma: Este é meu filho, considera-se isso autenticado, isto é, a afirmação tem validade sem restrições, e a pessoa designada como filho assume todos os direitos de herança. Portanto, *o menino Jesus está protegido juridicamente*. Essa inserção legal na ordem da família criada por Deus aconteceu mediante a determinação única de Deus. Aconteceu não pelas regras da seqüência genealógica humana, mas sim pelo milagre singular e único do *nascimento virginal*. – Nossos bebês nos são dados por Deus pela via natural, o menino Jesus é dado a José por via *sobrenatural*.

Em outras palavras: Jesus Cristo foi verdadeiro Deus e homem. Como Deus ele não foi feito, porém era Deus e é Deus e será Deus de eternidade a eternidade. Como pessoa, porém, ele foi "*feito*" como *nós* pelo nascimento.

III. O PRÓPRIO DEUS SOLUCIONA O CONFLITO DE JOSÉ, 1.18-25

1. O nascimento de Jesus, 1.18-25

Lc 1.26–2.20

18 **Ora, o nascimento[a] de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.**
19 **Mas José, seu esposo, sendo justo[b] e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente[c].**
20 **Enquanto ponderava nestas coisas, eis[d] que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.**
21 **Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles[e].**
22 **Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta[f]:**
23 **Eis[g] que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).**
24 **Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher.**
25 **Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho[h], a quem pôs o nome de Jesus.**

Em relação à tradução

[a] Cf. o referido sobre *gênesis* no v. 1.

[b] Justo (*dikaios*), de acordo com a compreensão rabínica, é aquele que cumpre a lei, que sempre faz da lei a medida de seu agir.

[c] Essa palavra "secretamente" (*lathra*) ocorre ainda em Mt 2.7; Jo 11.28; At 16.37 (ao todo 4 vezes).

[d] "Eis" (grego *idu*) é também expressão preferida de Mt. Ele o usa 33 vezes em narrativas (a), 4 vezes em citações (b), 24 vezes em discursos (c). Mc 0 (a), 1 (b), 6 (c); Lc 16 (a), 1 (b), 40 (c); Jo 0 (a), 1 (b), 3 (c); At 14 (a), 0 (b), 18 (c), Tiago ao todo 6 vezes, Paulo ao todo apenas 9 vezes.

[e] Como o judaísmo antes de Cristo entendia as palavras: Ele *salvará* o seu povo dos *pecados* deles? Bem diferente de como o AT as entendia! O judaísmo, sob a influência dos fariseus, pensava que, com o surgimento do Messias, começaria a bem-aventurada plenitude do fim dos tempos. Esse tempo da plenitude final corresponderia ao estado paradisíaco. Fazia parte dele também a *pureza dos pecados* na comunidade messiânica dos salvos. Esse estado sem pecados é possibilitado pelo julgamento dos ateus, o qual também ceifaria os pecadores dentre o povo de Israel, deixando como *resto eleito* somente os justos, que são os fariseus, numa comunidade messiânica (a salvação dos pecados passa a significar simplesmente ser salvo dos pecadores, mediante o *aniquilamento* destes). A isso segue-se o novo grande derramamento do Espírito, e o governo messiânico justo protegerá a nova comunidade de salvos não pecadores, de cometerem novos pecados eternamente!

O judaísmo antes de Cristo desconhece uma *superação* dos pecados através do sacrifício expiatório do Messias sob a fúria do pecado. Apenas conhece uma "*destruição*" do pecado através de um grande ato de poder do Messias! O sacrifício na cruz é algo totalmente estranho para eles. Não é compreensível, a partir disso, que a "*cruz*" tornou-se para os judeus o grande escândalo?

Na perspectiva do NT, portanto, "salvação dos pecados" não é destruição poderosa dos pecadores (consumada numa poderosa manifestação pública – cf. Mt 4.6), mas sim perdão dos pecados (causado pelo sacrifício de si próprio na cruz). Salvação de pecados tampouco é um apagar dos pecadores, mas sim uma ajuda e cura presenteada ao pecador. O nome Jesus não significa julgar, mas salvar. Jesus e salvar andam juntos. Salvador e cura, cura da enfermidade, tornar bem-aventurado, tornar feliz é a mesma coisa! Por ser assim, já a história do nascimento (Lc 2.11) traz o nome "Salvador" (cf. Lc 19.10; At 4.12 etc.), 25 vezes econtra-se no NT a palavra "Salvador", 45 vezes a palavra "salvação", 101 vezes a palavra "salvar", curar (para mais detalhes, Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel*.

[f] O manuscrito D e os vetero-latinos e siríacos acrescentam: Isaías.

[g] Cf. o exposto sobre os v. 1,20.

[h] O grego coiné e os manuscritos C e D trazem "seu filho *primogênito*". Como em Lc 2.7. O grupo de textos egípcios não contém "primogênito". Assim também o manuscrito B e o a. Mas esse grupo (o egípcio, B e a) é o determinante neste caso. Outros detalhes em: Rienecker, *Prakt Handkommentar Mt*.

18 Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

Em Israel um noivado significa muito mais que entre nós. Sob aspecto jurídico, o noivado era equivalente ao matrimônio, pois a noiva já era considerada legalmente como esposa. Se um noivo morria, a mulher tinha se tornado "viúva"! O casamento propriamente consistia apenas na solene cerimônia de levar a noiva para a casa do noivo.

Por isso é que já em Dt 5.23s a noiva é chamada de *mulher* de seu noivo. Em vista disso também se tornam compreensíveis no cap. 1 as expressões que dizem, no v. 19, José, *esposo* da Maria; v. 20: Maria é a *mulher* de José, e v. 24: José recebeu a sua *mulher*, apesar de que ainda se pensa na *relação de noivos*! Portanto, entre os judeus o noivado era o início do matrimônio legalmente contraído. As bodas na verdade eram apenas a festa de buscar a noiva para casa (cf. Mt 25). Então teria início a convivência doméstica e conjugal!

Quando uma noiva tinha mantido relações com outro homem que não o seu noivo, o direito judaico considerava esse fato como *adultério*. O adultério era castigado com a morte por apedrejamento, aplicado a ambos, ao homem e à mulher. Sendo Maria filha de um sacerdote, consideravam-se ainda outros agravamentos da pena. O adultério de uma filha de sacerdote era castigado com a morte por fogo. O sedutor era estrangulado. É verdade que, sob o domínio romano, a pena de morte foi tirada dos judeus e era executada somente pelos romanos. Em Jo 18.31 os judeus dizem a Pilatos: "Não nos é lícito matar ninguém". Contudo, expor no pelourinho, publicamente, isso estava na ordem do dia, sem problemas.

Com base no exposto podemos, agora, compreender bem o v. 19.

19 Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.

Decepcionado, José teve que constatar: aconteceu adultério por parte de Maria. Mas não podia sequer imaginá-lo, considerando a religiosidade e pureza de conduta da Maria. Como devem ter sido terríveis os sofrimentos na alma de José. Contudo, não lhe deve ter feito quaisquer recriminações. Deve ter silenciado, sem perguntar, para não magoar Maria. Como homem "justo", como o v. 19 o

define, José deve ter sofrido uma enorme tensão, a saber entre o amor por Maria e a obediência à lei. Como homem justo (i. é, como um homem religioso nos termos do AT, que cumpria a lei), não podia casar com uma adúltera, sob pena de tornar-se culpado do adultério. Portanto, devido à lei, ele precisava *divorciar-se* de Maria. Havia dois caminhos para esse divórcio de José: *publicamente*, isto é, mediante um processo, ou *privadamente*, por acordo tácito mediante uma carta de divórcio. Conseqüência do processo seria uma *pena*, que no domínio romano consistiria em expor Maria à *vergonha pública*. José não queria isso. A palavra grega para "vergonha pública" ou "exposição no pelourinho" retorna em Cl 2.15. José escolheu o outro caminho, que era separar-se entregando a Maria uma carta de divórcio, privadamente, com o consentimento dela. A Maria dava-se, assim, a possibilidade de casar com aquele que mantivera relações com ela. Desse modo, o escândalo não viria a público. Tudo teria permanecido na esfera interna. Na verdade, a tradução de que José tinha a intenção de "deixá-la secretamente" não é bem correta, porque pode ser interpretada mal, no sentido de que José desapareceria *secretamente*, abandonando Maria. – Uma ação dessas seria contrária ao caráter de José, que era "*justo*".

Será que *Jesus* seria nascido como filho de uma adúltera? Tudo parecia pressionar nessa direção! O testemunho de Maria, a única que sabia da verdadeira situação, não seria capaz de impedir José de executar sua decisão de se separar dela. Pelo contrário, uma explicação de Maria sobre a verdadeira situação lhe teria parecido como uma afirmação inacreditável. Por isso Maria persistiu no silêncio! Com certeza lamentou-se muito sob essa angústia, de ter de observar o sofrimento indizível de seu noivo.

Nessa circunstância incrivelmente tensa, em que não se vislumbrava saída alguma, e na qual pareciam sobrar para as duas pessoas religiosas José e Maria apenas o adultério e a vergonha, tornava-se necessária a intervenção de um poder maior, a saber, o poder do próprio Deus!

20 Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.

O que Mateus já havia comunicado ao *leitor* no v. 18 com as palavras "… estava grávida pelo Espírito Santo", agora é transmitido a *José* pelo anjo do Senhor, que diz: O que Maria está esperando é obra do Espírito Santo. A palavra "eis" aponta para a surpresa súbita.

21 Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Será um "filho" a quem Maria dará a vida. O anjo continua solicitando a José que exerça seu direito de pai no filho de Maria. O direito de pai consiste em dar-lhe um nome. O anjo do Senhor diz ainda: "…pois ele próprio e nenhum outro, ele sozinho salvará o seu povo dos pecados". No texto original esse "*ele próprio*" é acentuado de modo especial. Como sabemos, o nome Jesus significa "auxílio, cura, salvação", literalmente: Javé é salvação, ou seja, "em Jesus, Deus traz salvação". O nome Jesus corresponde ao nome Josué no AT. Assim como Josué, Jesus é *verdadeiramente* o "*único*", que liberta a terra toda e a preenche com a presença pessoal de Deus. Em *sua* pessoa realiza-se a libertação das criaturas escravizadas, para a maravilhosa liberdade dos filhos de Deus!

José dificilmente terá superado a surpresa e a admiração! Inconcebíveis e incompreensíveis, como fora de qualquer medida, ter-lhe-ão soado as palavras do anjo. Ele, que pensava ter de distanciar-se do ato pecaminoso de sua noiva para, como homem justo, i. é, íntegro, não ter mais comunhão com uma pecadora, precisa ouvir e captar agora (mas não de Maria, a quem nem teria dado crédito), mas da boca do anjo do Senhor, que o filho (que Maria dará à luz) não é uma criança ilegítima de origem duvidosa, mas desde a eternidade estava destinado, como Jesus, como o "Deus ajuda", a "salvar o seu povo dos pecados deles".

22,23 Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco).

A surpreendente concordância entre aquela antiga profecia de Isaías e a condição atual inconcebível da virgem Maria convenceu o íntegro José a acreditar totalmente na mensagem do anjo e a reconhecer que, no caso de Maria, não havia ocorrido um adultério, mas sim um ato milagroso único e grandioso de Deus. Em consonância com isso, José passa a agir.

24,25 Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.

José obedece *imediatamente* ao anjo do Senhor. Logo depois de acordar, busca Maria para casa como sua esposa. Continuou obedecendo ao anjo do Senhor: quando a criança nasceu, deu-lhe o nome "Jesus". Desse modo reconheceu juridicamente perante todo o mundo a criança como seu filho.

IV. PERSEGUIDO PELOS SEUS, ADORADO POR ESTRANHOS!, 2.1-12

1. Os magos do oriente, 2.1-12

1 Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis[a] que vieram uns magos[b] do Oriente a Jerusalém.
2 E perguntavam: Onde está o recém-nascido[c] Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo.
3 Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém.
4 Então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo[d] deveria nascer.
5 Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta:
6 E tu, Belém, terra de Judá[e], não és de modo algum a menor entre as principais[f] de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel!
7 Com isto[g], Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera.
8 E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo.
9 Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis[h] que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino.
10 E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo[i].
11 Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.
12 Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra.

Em relação à tradução

[a] Cf. o exposto no cap. 1.20 sobre "eis".

[b] Sobre os *magos*: Eles não são mágicos, ilusionistas ou adivinhadores, e sim membros de uma distinta classe de sacerdotes e eruditos babilônicos. Não apenas estudavam sua teologia pagã, mas também ciências naturais, sobretudo a astronomia. Eram convocados como conselheiros do rei em todos os negócios importantes do Estado. Pertenciam à principal nobreza do país e gozavam da dignidade de príncipes (cf. Jr 39.3,13). Por isso a tradução "sábios" feita por Lutero é justificável.

[c] Também Schlatter traduz "que foi nascido". Zahn verte: "o rei há pouco nascido…"

[d] O Messias, o Ungido. Cf. o exposto no cap. 1.1, nota *b*.

[e] O manuscrito D traz: "na Judéia".

[f] *Schlatter* traduz: "entre os príncipes de Judá". Da mesma forma NTD. *Zahn* e *Klostermann* vertem: "entre as cidades distritais de Judá". *Menge* traduz: "entre as cidades dos príncipes de Judá".

[g] Então, após isso (grego: *tóte*), é expressão preferida de Mt. Aparece 90 vezes. Em Mc 6 vezes, em Lc 14 vezes, em Jo 10 vezes, em At 21 vezes, Rm 1 vez, 1Co 7 vezes, Gl 3 vezes. Cl 1 vez, 1Ts 1 vez, 2Ts 1 vez, Hb 3 vezes.

[h] Cf. o exposto acima em 1.20.

[i] Outra tradução: "de todo o coração".

Observação preliminar

Sinédrio é a palavra grega para "supremo conselho". Essa máxima autoridade judaica consistia de três grupos:

- os sumo sacerdotes;
- os escribas;
- os anciãos.

Cf sobre isso Mt 16.21; 27.41; Mc 8.31; 14.43,53,55; Lc 9.22; 19.47; 20.1 etc. Segundo o modelo do conselho de anciãos instituído por Moisés em Nm 11.16, o número de membros do Sinédrio, inclusive o sumo sacerdote no exercício do cargo, perfazia 71 pessoas.

O supremo conselho ou Sinédrio tinha para os judeus três funções:

- O Sinédrio era a representação espiritual de todo o judaísmo, ou seja, constituía a *autoridade máxima religiosa*. Como tal tinha de supervisionar a vida religiosa com todas as questões doutrinárias pertinentes e conduzir o culto.
- O Sinédrio era a *corte suprema de julgamento.* Cf. Mt 5.22; 26.59; Mc 14.55; 15.1 etc. Mais detalhes nas passagens indicadas.
- O Sinédrio ou supremo conselho era a autoridade política máxima dos judeus. Cf. Jo 11.47; At 4.15. Detalhes nas passagens indicadas.

A presidência estava a cargo do sumo sacerdote. Mais informações nas passagens indicadas.

O primeiro grupo do Sinédrio eram os *sumo sacerdotes*. Sob *sumo sacerdote* ou, como Schlatter traduz acertadamente: "*os que governam sobre os sacerdotes*", literalmente os "arqui-sacerdotes", entendemos os presidentes das 24 ordens de sacerdotes (Cf. 1Cr 25.4s). Em 2Cr 36.14 esses arqui-sacerdotes também são chamados de "príncipes (chefes) dos sacerdotes". Era a nobreza sacerdotal que conduzia o Sinédrio. Em geral pertenciam ao partido dos saduceus.

Os *escribas* pertenciam ao partido dos fariseus! Originalmente eles eram os copistas da Lei, da *torá*. Desse modo tornaram-se os entendidos da lei, os peritos! Chegaram a poder e reconhecimento através do movimento fariseu, que transformou a lei escrita na única autoridade que leva à bem-aventurança. Mais detalhes no artigo: *Pharisäer und Schriftgelehrte*. Eram eles os teólogos e juristas do povo. Cf. Ed 7.6; Jr 8.8; Lc 11.44,53; Mt 23.2; sobre os fariseus, cf. cap. 6, observações preliminares 1 e 2 para Mt 3.1-12.

Os *anciãos* são os membros do conselho, que não pertenciam nem a uma nem a outra classe. Eram os vogais. Quando havia necessidade de decidir apenas uma questão *teológica*, os "*anciãos*" não precisavam estar presentes. Logo, não são citados *neste* episódio. Mas sua participação era imprescindível quando o Sinédrio se reunia para uma função *política* ou *judicial*.

A *Galiléia não* fazia parte da área de influência do Sinédrio. Se Jesus tivesse permanecido na Galiléia, o alto conselho em Jerusalém não poderia ter decidido nada contra ele. A crucificação não se teria tornado um fato. Mas, por dirigir-se espontaneamente direto a Jerusalém, o Senhor entrou na esfera de poder do Sinédrio e, assim, sujeitou-se à morte.

1 Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém.

As palavras **em dias do rei Herodes** expressavam a essência da crueldade e terror. O cognome histórico Herodes *magno* talvez pudesse ser interpretado como sendo Herodes o grande, *não* na condução dos negócios do Estado, e sim como egoísta, trapaceiro, assassino, tirano e criminoso. De origem ele era um idumeu grosseiro, que ganhava o pão pela espada e que não queria parar de odiar Israel. A dinastia heróica dos macabeus foi destronada por ele. Fez executar pelo imperador em Roma o último macabeu, Antígono. Depois conquistou, com a ajuda dos romanos (i. é, dos inimigos da pátria), a cidade de Jerusalém, causando dentro dela um horrível banho de sangue. Depois assassinou seus rivais um após o outro. O povo judeu odiava-o profundamente. De fato, parecia ter chegado o tempo em que o cetro era afastado de Judá. Parecia que a bênção de Jacó seria totalmente convertida em maldição, e Israel iria ao encontro de sua ruína definitiva…

Essa descrição é suficiente para ilustrar para nós a breve e tão carregada frase **em dias do rei Herodes**.

Eis que vieram uns magos. Assim como em 1.20 o anjo foi anunciado com um "eis", também os magos são apresentados com um "eis". Aqui como lá a intenção é indicar surpresa. Era algo inusitado que pagãos, os quais perante os judeus não valiam nada, de repente ocupassem a cena!

Sua pátria era a região entre os rios Eufrates e Tigre. Lá, no reino dos babilônios, se praticava com especial dedicação a astrologia! – Desde o exílio babilônico (6 séculos antes), o grupo remanescente de judeus (chamados de judeus da diáspora) provavelmente constituía um grupo influente do reino da

Babilônia! Esses judeus na diáspora não se limitavam a levar uma vida isolada no silêncio, mas empenhavam-se assiduamente em fazer propaganda de sua religião!

Citemos apenas um exemplo: *Daniel*! Sobre sua influência marcante no mundo babilônico veja Dn 2.48; 5.11. Será que, nessa posição influente, Daniel não teria falado repetidamente do Deus *único* e do rei vindouro? Creio que sim! A notícia do nascimento de um rei que estava para vir também era conhecida no mundo pagão!

Uma caravana como o séquito dos magos não é um caso isolado. O escritor judaico Josefo relata a peregrinação de Helena, mãe de um príncipe babilônico, até Jerusalém! Esse príncipe pagão converteu-se ao judaísmo com toda a sua casa. O acontecimento deu-se cerca de 40 a 50 anos *após* a nossa história dos "magos do Oriente"!

2 E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente (na Anatólia) e viemos para adorá-lo.

A tradução usual "o recém-nascido rei" dá ocasião para enganos, pois induz sempre de novo à suposição de que a história dos "magos" teria acontecido imediatamente após o nascimento de Jesus. Há, no entanto, um decurso de tempo de um a dois anos entre a história de Belém e a "adoração dos magos". No v. 16 lemos: "Mandou matar todos os meninos […] de dois anos para baixo…" Além disso, Maria não vivia mais com o menino Jesus naquela estrebaria do Natal, à qual chegaram apressadamente os pastores, mas tinha encontrado um *abrigo* numa casa depois que as multidões afluídas a Belém por causa do "recenseamento" haviam retornado para suas terras. O v. 11 fala expressamente de uma *casa* em que se encontrava o menino Jesus. – Todos os desenhos que retratam os magos numa estrebaria não são biblicamente corretos.

A pergunta dos magos: **Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?** é formulada de modo tipicamente pagão! Os magos não indagam pelo nascido *Cristo*, e sim pelo "*rei dos judeus*". Cf. a inscrição na cruz. "Judeus", é assim que falam os pagãos. Com as palavras: "Vimos a sua estrela", eles se apresentam em Jerusalém.

Não poderíamos considerar essa história da "estrela sobre a casa de Belém" como uma prova da unidade entre criação e Criador? As épocas grandiosas na história do reino de Deus sempre foram acompanhadas por acontecimentos no âmbito da terra e das estrelas.

Os magos dizem: **Viemos adorá-lo**. – No texto original essa palavra significa: ajoelhar-se e tocar com a testa na terra. Quem se curva dessa maneira declara sua total sujeição à pessoa honrada. Por isso, traduzir com "venerar" seria tecnicamente melhor do que "adorar".

3 Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém;

Os magos experimentam uma grande decepção. Não apenas que ninguém, a quem perguntam, sabe algo do rei dos judeus, que foi nascido, mas também que sua pergunta contente causa susto e medo em todas as faces. Toda Jerusalém ficou alvoroçada, porque se temia um novo banho de sangue do desconfiado e furioso Herodes. Um historiador destaca a seguinte situação: Pouco antes de os magos terem chegado, alguns fariseus fanáticos teriam profetizado a uma parente de Herodes que o descendente dela receberia a honra de rei e Herodes perderia o trono. Diante disso, Herodes, resoluto, mandou executar esses fariseus! Instintivamente perguntamos: Será que Herodes também não poderia simplesmente ter mandado matar os "magos"? Com certeza essa pergunta foi levantada. Mas cremos que Herodes foi muito astuto para fazê-lo. Primeiro auscultar os magos… mais tarde talvez assassiná-los.

4 … então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer.

"Convocou a todos" é, no texto original, a fórmula técnica para a convocação do conselho. Reúne-se o **Sinédrio** (i. é, o supremo conselho, cf. opr). O termo "todos" demonstra que o Sinédrio tinha de comparecer completo. E todos os conselheiros compareceram.

São mencionados dois grupos:

- Os chefes dos sacerdotes, os arqui-sacerdotes (no texto original uma formulação semelhante ao conhecido "arcebispo", o bispo presidente de uma região);
- Os escribas do povo. São designados "do *povo*" porque compareciam à assembléia por força do encargo que receberam do povo.

Esses dois grupos de autoridades eram convocados sempre que havia necessidade de tomar uma importante decisão teológica. A pergunta teológica agora era: Onde vai nascer o Cristo? Da forma

grega do verbo, que está no tempo imperfeito, pode-se depreender acertadamente que Herodes repete sempre de novo as suas perguntas, para descobrir com exatidão qual é a opinião predominante nessa questão tão extremamente vital para ele.

5,6 Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel.

A passagem foi citada livremente de acordo a LXX. A enfática negação **não és de modo algum** explica a profecia a partir de seu cumprimento. Agora que nasceu o Cristo, Mateus não pensa mais na pouca importância da pequena Belém, mas sim no grande e glorioso fulgor que lhe foi concedido pelo nascimento do Cristo.

A frase **o qual apascentará o meu povo, Israel** (cf. Schlatter) não provém de Miquéias 5.1,3, mas Mateus retirou essa palavra de 2Sm 5.2. Lá consta: "Tu apascentarás o meu povo de Israel". O termo "apascentar" é expressão de "governar". "Pastor" é freqüentemente usado para "soberano" (Jr 23.1ss; Ez 34; 2Sm 7.7 etc.).

7,8 Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo.

Informado sobre o *local*, Herodes tenta descobrir, com a ajuda dos magos, também a *época* do nascimento do temido novo rei dos judeus. Contudo, para que, de forma alguma, a cidade soubesse do grande interesse que ele tinha pela criança, solicita que os magos venham até ele secretamente. Quer saber tudo com exatidão, para daí estabelecer suas determinações! Estava firmemente decidido a sufocar na raiz qualquer movimento messiânico. Como mestre na arte da dissimulação, fingia interesse religioso diante dos magos.

9 Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou (no alto, sobre o local) sobre onde estava o menino.

Os magos viajavam à noite! No Oriente costuma-se viajar à noite. Puseram-se a caminho logo que foram dispensados do palácio do tirano, para o qual ele os certamente chamou à noite. Ou seja, viajaram na mesma noite! Esse caminho noturno de 2 horas (Belém distava 8 km de Jerusalém) talvez tenha sido *no começo* bastante angustiante. Pois as impressões que colheram em Jerusalém devem ter pesado sobre suas almas. Como devem ter sido grandes as suas expectativas quando chegaram a Jerusalém. Nessa capital real esperavam encontrar aquilo que tinha sido o ardente desejo de sua árdua e dispendiosa viagem. – E como pode ter sido amarga sua decepção quando tiveram de experimentar ali uma recepção inesperadamente estranha e fria. Sim, sua pergunta pelo rei nascido dos judeus em toda parte havia causado tão somente horror.

Tanto mais fácil compreendemos o que diz o v. 10:

10 E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo.

Com uma alegria descrita por Mateus com as expressões mais fortes, eles exultam com a mesma estrela que já haviam visto em sua terra. A palavrinha "eis" no v. 9 expressa mais uma vez, como sempre, a surpresa! Extremamente felizes, após as decepções em Jerusalém, seguiram o seu caminho. A forte ênfase na alegria permite inferir a anterior aflição de seus corações.

11 Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.

É curioso que não se menciona José. Talvez porque neste momento não tenha sido imprescindível mencioná-lo. Maria é mencionada porque estava numa relação singular e única com o menino Jesus. – É interessante que neste cap. 2 se usa 4 vezes a palavra "*criancinha*", enquanto Lucas emprega o termo "*criança recém-nascida*", "lactente". Também aqui se conclui o que afirmamos antes em relação ao v. 2, que entre o Natal e a visita dos magos devem ter transcorrido quase 2 anos.

Pelo costume do Oriente combina-se a veneração com a oferta de presentes. Os presentes ouro e incenso remetem a Is 60.6.

Alguns pais apostólicos depositam um grande significado simbólico nos três presentes dos magos. O ouro destina-se ao menino Jesus enquanto rei. O incenso é presenteado ao menino Jesus pelo fato de ser ele o Deus a ser adorado. A mirra, de gosto amargo, foi oferecido ao menino Jesus como aquele que, como Redentor, um dia haveria de provar a amarga morte na cruz. Assim dizem alguns

deles. – No século V a interpretação da igreja antiga concluiu do número de 3 presentes que os magos devem ter sido três reis. No século VIII também se sabia os nomes desses reis, quais sejam, Gaspar, Melquior e Baltazar. Em seguida pensava-se que os três magos significavam as três famílias de povos: Sem, Cam e Jafé. – De tudo isso o evangelho de Mateus não tem conhecimento algum.

12 Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram (forçados e constrangidos) por outro caminho a sua terra.

Os magos são protegidos do perigo de serem usados como espiões para a fúria assassina do homicida múltiplo Herodes.

O próprio Deus mais uma vez interveio. A instrução celestial pelo sonho indica que já agora, com a chegada do Senhor, caiu a barreira entre judaísmo e paganismo. Deus estabelece contato *direto* com os pagãos. E os magos obedecem à voz de Deus. Com certeza retornaram ainda na mesma noite à sua terra.

De que modo maravilhoso o primeiro evangelho do NT descreve como já agora são convocadas primícias dentre os pagãos (cf. a Introdução a Mt). Por isso, com grande gratidão a Deus que enviou seu Filho também aos pagãos, os cristãos celebram a memória dos magos na festa de Epifânia (6 de janeiro), que significa a aparecimento de Cristo no mundo pagão!

V. O MAIS GRAVE E ANGUSTIANTE NA VIDA REVELA-SE SEMPRE DE NOVO COMO O MAIS MAGNÍFICO E SIGNIFICATIVO, 2.13-23

1. A fuga para o Egito, 2.13-15

13 **Tendo eles partido, eis[a] que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.**

14 **Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito.**

15 **E lá ficou até à morte de Herodes[b], para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: "Do Egito chamei o meu Filho".**

Em relação à tradução

[a] Cf. o exposto em 1.20

[b] Fala-se que a permanência no Egito teria durado apenas alguns meses.

13,14 Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito;

Os termos "dispõe-te" ou "levanta" indicam pressa e urgência da instrução, assim como a palavra "foge para o Egito". É bem presumível que José também partiu na mesma noite em que os magos retornavam apressadamente por caminho direto à sua terra. – A identidade formal entre as palavras da ordem e da sua execução reforça a obediência imediata e rigorosa (cf. 1.20 com v. 24 onde se lê: toma Maria – e imediatamente recebeu sua mulher, e aqui v. 13 com v. 14: toma a criancinha – e de imediato tomou […] ainda de noite, e ainda v. 20 com v. 21, onde se lê o mesmo: levanta, toma a criancinha e sua mãe […] e se dispôs, tomou a criancinha e sua mãe). Sempre José evidencia a obediência estrita, mesmo quando são dadas ordens incompreensíveis por Deus! As informações sobre José são poucas, mas o pouco que é dito, é suficiente.

Na mesma noite iniciou a fuga. Precisava caminhar por desertos perigosos e montanhas inseguras e selvagens. Mateus não relata nada sobre os incômodos da fuga. Nem sobre a permanência no Egito! Viveu lá como *fugitivo* e *estrangeiro*. Se surgisse a pergunta, com que José pagava o seu sustento, a provável resposta seria: o ouro dos magos era sua fortuna! A estadia no Egito durou até a morte de Herodes.

Por que o Senhor teve de fugir? Aconteceu para que ele se tornasse em tudo igual a nós, até mesmo na condição de *apátrida*, a fim de mais uma vez gravarmos: não temos aqui morada permanente. – E mais: não é absurdo, mas sim pleno de sentido, que o Senhor esteja entregue (já na

mais tenra infância) aos poderes malignos do mundo satânico. E o sentido é: "para que se cumprisse a Escritura". Por meio de três breves notas Mateus chama a atenção para o cumprimento da Escritura. Cumprimento da Escritura sempre é efetivação do plano de salvação divino. Por conseguinte, sofrimento e opressão não constituem um *fracasso* dos projetos salvíficos de Deus, mas sim *realização* da história de salvação de Deus. Foi assim já naquele tempo em que Jesus era criança, é e será assim também na história da comunidade de Jesus até que ele venha.

15 … e lá ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho.

A palavra "do Egito chamei o meu filho" encontra-se em Os 11.1, que diz: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho". É assim que está no texto hebraico. Mateus traduziu-o literalmente do hebraico ao grego. – (A LXX não verteu corretamente esse texto).

Oséias chama o povo de Deus de "filho de Deus". Para tanto Oséias apoiou-se em Êx 4.22, onde se lê: "Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito". Essa palavra foi colocada na boca de Moisés para que a transmitisse ao Faraó, a fim de que Israel fosse libertado do domínio dos egípcios.

O povo de Israel encontrava-se no Egito no tempo da sua mocidade. Na sua mais jovem idade Jesus também esteve no Egito. Essa semelhança entre a juventude de Israel e a juventude de Jesus é extraordinária!

A assim chamada filiação divina de Israel fundamentava-se em que Deus, libertando esse povo do Egito, o havia chamado à existência para uma finalidade bem especial. Essa "filiação divina" de Israel é um modelo da verdadeira e singular filiação divina de Jesus.

A citação de Oséias constitui, por isso, o primeiro testemunho do evangelho de Mateus de que Jesus é o "Filho de Deus"! Veja mais tarde o segundo testemunho, em 3.17: "Este é o meu Filho amado…!"

Levantamos uma pergunta fundamental sobre a vontade humana e a vontade de Deus. Apesar da vontade de Herodes de tomar decisões totalmente livres e autônomas, a vontade de Deus permanece sendo a única determinante! Herodes afirma que é *ele* quem faz a história, quem confirma seu trono, quem com astúcia e inteligência mantém o governo firme nas mãos e quem descobre e aniquila na raiz toda e qualquer tentativa mínima de revolta. Não obstante, como age tolamente esse tirano que se considera tão poderoso. Perguntamos: Por que Herodes não foi logo pessoalmente junto com os magos para descobrir, sob o manto da adoração e honraria, onde estava e quem era o rei nascido? Afinal, Belém podia ser alcançada a cavalo em apenas uma hora. Por que Herodes não o fez? Era algo que estava bem à mão! Por que Herodes, geralmente tão impaciente, mas neste caso tão tranqüilo, esperou com tanta confiança pelo retorno dos magos? Para todas essas indagações temos apenas *uma* resposta: Deus está no comando, Deus conduz a história de acordo com o seu plano. Apesar de sua "astúcia", Herodes é extremamente tolo. O Senhor, porém, tem em suas mãos não somente Herodes, mas todos os grandes e poderosos.

Herodes pode presumir que governa o mundo – contudo não faz outra coisa do que precisa acontecer e está acontecendo, a saber, a *vontade de Deus*, e essa de fato *acontece*! Incondicionalmente! Em qualquer circunstância! Herodes quer que, de qualquer maneira, o menino Jesus seja morto, e para isso realiza todo tipo de preparativos. Porém Deus *não* quer que ele seja assassinado, mas fique vivo. A vontade de Deus se realiza. Assim transcorre toda a história. A história do mundo e a história da salvação, "até que ele venha".

2. A chacina de crianças em Belém, 2.16-18

16 **(Diante disso[a]) Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos.**

17 **Então[a], se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias:**

18 **Ouviu-se um clamor em Ramá[b], pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.**

Em relação à tradução

[a] Novamente *tóte*. Cf. o exposto sobre o v. 7 na nota *g*. Não consta aqui "para que se cumprisse", cf. 1.22.

[b] *Ramá* situa-se aprox. 8 km a norte de Jerusalém num dos contrafortes das montanhas de Efraim. Lá Jeremias se *lamentou* (Jr 31.15), lá teve a visão da inconsolável mãe das tribos. O túmulo da progenitora Raquel situava-se já nos tempos de Jesus, como ainda hoje, entre Jerusalém e Jericó (cf. Gn 35.16-20; 48.7). Mateus interpreta esse clamor audível no tempo de Jeremias como uma profecia do clamor que se ouviu na chacina de crianças em Belém. As palavras "Belém" (sepultura de Raquel – agora chacina de crianças) e "Ramá" (lugar de lamento) levaram Mateus a uma associação de idéias.

16 Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos.

É importante a locução "todos os meninos". Significa que a ordem era investigar com exatidão todos os meninos de dois anos e abaixo. Como naquele tempo Belém era apenas um lugarejo pequeno, o número de meninos mortos terá sido *reduzido*, talvez entre 10 e 15. Constitui um exagero colossal que mais tarde, em hinos e liturgias, se falasse de *milhares* de crianças. É evidente que a crueldade da ordem de matança persiste mesmo assim. Mas como fato histórico isolado não chamou atenção na série dos demais atos sanguinários de Herodes. Por isso se entende que Josefo, o qual relatou detalhadamente a história de Herodes, não tenha mencionado a chacina de crianças em Belém. Esse evento lhe pareceu muito insignificante em comparação com o fluxo contínuo de morticínios do tirano!

17,18 Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.

Também neste episódio Mateus reconhece o cumprimento de um trecho da Escritura. Porém desta vez ele *não* diz, como nas demais vezes, "isso aconteceu *para que* se cumprisse…", mas somente: "então tornou-se novamente real o que já havia acontecido uma vez", a saber, o choro pelos filhos. De modo que a opinião de Mateus *não* é que a morte de crianças foi determinada por Deus com a *finalidade* de cumprir a Escritura, mas a tragédia terrível direciona a atenção para o texto do AT, a fim de consolar as mães! A partir daquelas palavras de Jr 31.15-17, diz-se à Raquel em seu lamento: Deixe seu choro e suas lágrimas! Seus filhos retornarão do país da servidão.

Essa palavra quer dizer, pois, às mães de Belém, que as suas criancinhas, que por causa do Messias tiveram que entregar suas tenras vidas, também retornarão, e isso no mundo celestial. Lá um dia virão alegremente ao encontro das mães que "retornam para casa". O terrível acontecimento em Belém não sucedeu *sem Deus*! Foi supervisionado por ele. Se, por um lado, a maldade de Herodes fez com que as mães caíssem no pranto, por outro essa sua dor serve e colabora para que o plano redentor de Deus se concretize. Elas são coadjuvantes na construção do Reino eterno! Herodes traz o horror. Mas, apesar de tudo, sua fúria e morticínio servem para que aconteça a obra redentora de Deus. Quando todos os grandes e cruéis dessa terra combatem a *Deus*, eles apenas realizam a vontade dele e concretizam o que ele planejou e determinou! Eles (os poderosos dessa terra), porém, ao bramirem tanto contra Deus, projetam-se cada vez mais em direção da culpa e pecado! (Quem tiver dificuldades com a exegese de Jr 31.15, leia detalhes em: Rienecke, *Prakt. Handkommentar zum Matthäus-Evangelium*).

3. O retorno para Nazaré, 2.19-23

19 Tendo Herodes morrido[a], eis[b] que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito,
e disse-lhe:
20 Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel[c]; porque já morreram os
que atentavam contra a vida do menino[d].
21 Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe e regressou para a terra de Israel.
22 Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes,
temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões
da Galiléia[e].
23 E foi habitar numa cidade[f] chamada Nazaré[g], para que se cumprisse o que fora dito por
intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno[h].

Em relação à tradução

[a] Herodes faleceu pouco antes do *passá* do ano 4. a.C., sob a mais terrível agonia. Diz-se que se finou de câncer intestinal.

[b] Cf. o exposto em 1.20.

[c] Não se costumava dizer "*terra dos judeus*" (cf. v. 2) e, sim, "*Israel*". Dizia-se sempre "*terra de Israel*" quando se atentava para a vontade de Deus. O povo de Israel é considerado "povo de Deus". Por isso Israel, cf. Schlatter: o nome Palestina ocorre muito raramente. Mais rara ainda é a designação "terra de Canaã" pela tradição rabínica (At 7.11 e 13.19).

[d] Literalmente: "atentar contra a alma (*psyché*)", é algo bem hebraico. Sobre *psyché*, veja no respectivo texto.

[e] O poder de Arquelau não se estendia até a Galiléia.

[f] A tradução literal "e veio e habitou numa cidade" é a expressão fixa para a moradia permanente num lugar.

[g] Nazaré significa: "vigília" ou "vigia" (fem.).

[h] O mesmo que "nazoreu". O nome "nazareno" é dado ao Senhor por estrangeiros. Mc 1.24; 10.47; Lc 4.34; 18.37; Mt 26.71 (Mc 14.67); Jo 18.5; 19.19. Ele é chamado pelos discípulos assim: Lc 24.19; At 2.22; 3.6; 4.10; 26.9. Uma vez o próprio Jesus se denomina de nazareno, em At 22.8.

19-21 Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino. Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe e regressou para a terra de Israel.

Morreram os que atentavam contra a vida da criança. Isso sempre de novo tornou-se uma verdade. Não só em Herodes, mas em todos os "assassinos de Deus" isso se comprovou até os dias de hoje.

Deus tem o braço mais comprido que todos os seus inimigos, que, não obstante sua luta contra Deus, apenas levaram o plano dele à concretização. Morreram os que atentavam contra a vida do cristianismo, da comunidade de Jesus, e morrem e desaparecem sempre de novo aqueles que cometem tais atos. É o que consta em letras garrafais sobre a história da humanidade. Temos de levar isto em consideração. "Como 'ninguéns' são todos eles, esses vãos desprezadores, diante do Deus imorredouro".

De novo José obedece imediatamente à ordem do anjo e inicia a viagem de retorno. Deve ter tido diante dos olhos Belém como alvo da jornada para casa. Quando tinha ultrapassado a divisa da Palestina, interpõe-se novamente algo em seu caminho, e de novo uma barreira política!

22,23 Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões da Galiléia. E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno.

Em Israel muitos tinham a esperança de que, com a morte de Herodes, também acabaria a crueldade herodiana. Contudo a situação era outra. Realmente o poderoso reino de Herodes decaiu em pedaços. Mas a dinastia de Herodes continuou. Em seu testamento ele havia determinado que seu reino fosse dividido entre seus filhos: Arquelau deveria receber a Judéia, Iduméia e Samaria. Antipas receberia a Galiléia e a Transjordânia meridional (No NT Antipas sempre é chamado de Herodes). Filipe deveria herdar a Transjordânia setentrional.

O Imperador Augusto confirmou o testamento. Em Lc 3.1 somos informados dessa subdivisão. Arquelau não é mais citado neste texto porque foi deposto pelo Imperador Augusto no ano 6, justamente por causa de sua crueldade. Augusto o enviou para o exílio em Vienne (Rhone, França). Seu território foi entregue ao procurador romano Pôncio Pilatos.

Quando José entrou na Palestina, mais precisamente na Judéia, soube que Arquelau era rei na Judéia. Descobriu ainda que esse filho tinha tomado o propósito de prosseguir o seu governo no mesmo estilo do pai, para não ser tomado como um filho "ilegítimo" de Herodes. Já havia acontecido uma diversidade de fatos cruéis que lembrava com singular clareza o regime terrível de seu pai. Apenas um exemplo: Logo depois da morte de seu pai, foram chacinados pelos cavaleiros de Arquelau 3.000 peregrinos que vinham para a festa em Jerusalém. – É compreensível que José, quando soube disso, **teve medo**" como diz o texto, **de retornar para lá** (i. é, para Belém na Judéia). Mediante uma nova e última visão em sonho José é orientado a desviar-se para a Galiléia. Lá fixou residência em Nazaré. De acordo com Lc 1–2 José já esteve em Nazaré *antes* do nascimento de

Jesus! Não sabemos quanto tempo vivera ali e se *muito tempo* antes Nazaré já fora o domicílio de Maria. Mateus encara o fato de José ter escolhido justamente *Nazaré* para residir como uma escolha dirigida por Deus, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: **Ele será chamado nazareno!**

Perguntamos: O que quis Mateus dizer com isso? Pois em parte alguma no AT se pode constatar que *os* profetas chamam o Senhor de *nazoreu*! Acresce ainda que no AT nunca se menciona o nome Nazaré.

Seguramente Mateus pensou em Is 11.1. Ali encontra-se a palavra do broto que sairá do tronco de Jessé. Esse broto que será o Senhor chama-se em hebraico *nezér*. Jesus é chamado por Isaías de *nezér*. A partir de seu local de residência, Nazaré, Jesus é designado de nazareno (Mc 1.24 etc.) e, aqui, nazoreu (também em Mt 26.71 etc.).

Tanto nazoreu como nazareno significam o mesmo. Não seria, pois, compreensível que Mateus relacione a designação *nezér* do AT com a palavra Nazaré do NT? Do mesmo modo é compreensível que somente um leitor conhecedor do hebraico podia entender o jogo de palavras de Mateus!

Sobre a cruz há de se escrever: Jesus, o nazoreu, rei dos judeus. Os judeus o lerão e constatarão que ele não é o Messias. Pois o que "de bom" pode vir de Nazaré? Para a comunidade de Jesus, porém, esse título significa que Jesus como Nazareno é "o broto de Jessé", do qual Isaías falou. E, junto com Isaías, também os demais profetas disseram que Jesus era "o broto". Só que usam outra palavra. Jeremias, em 23.5 e 33.15, usa a palavra *zémech*, assim como Zacarias em 3.8 e 6.12. Traduzida ela também significa "broto". – Os profetas mencionados não pensaram que o Messias haveria de sair de Nazaré. É Mateus quem vê nessa circunstância, de que no AT o Messias é chamado de *nezér* e no NT de nazareno, *a mão coordenadora e diretiva de Deus*. Os profetas são os instrumentos de Deus. Assim os considera Mateus. E assim é. Somente a partir dos eventos, ou seja, *posteriormente*, após esses eventos terem acontecido, pode-se obter a visão dessa maravilhosa concordância entre palavra profética e acontecimento.

Não é assim que acontece também em nossa vida de fé, que, a partir dos acontecimentos de nossa vida, ou seja, "posteriormente", podemos reconhecer sempre de novo a mão condutora e coordenadora de nosso Deus? Não paira também sobre a nossa vida um plano maravilhoso, uma permanente conjugação de promissão e cumprimento? Precisamos refletir sobre essa verdade repetidamente! Essa reflexão dará motivos para a adoração contínua! Muitas vezes foram pequenos acontecimentos do dia-a-dia em que pudemos experimentar: "O Senhor acompanha minha vida com uma atenção admirável, nunca estou só!" Muitos, porém, foram também os momentos obscuros e pesados na vida que permitiram constatar que também eles fazem parte do plano! Sim, o mais grave e angustiante sempre de novo se revelou como o mais grandioso e significativo! Mt 2 contém, além de outras, uma magnífica demonstração dessa verdade!

4. Visão panorâmica sobre a época herodiana após Herodes Magno (37-4 a.C.)

Imperadores Romanos	**Os governadores romanos em Cesaréia da época do NT**	**Judéia, Samaria, Iduméia (Edom)**	**Galiléia (Norte) e Peréia (Leste)**	**Nordeste além do Jordão, ao norte da Peréia**	
Otaviano Augusto (31 a.C. até o ano 12) **Tibério** (14-37) Com base num relato de Pilatos,		**Arquelau** (3 a.C. até o ano 6). Desterrado por Augusto para Vienne (Gália). Seu território foi subordinado diretamente aos governadores (Mt 2.22).	**Tetrarca Herodes Antipas** (3 a.C. até o ano 39) Casou com Herodias, esposa de seu irmão Herodes (Filipe I).	**Tetrarca Filipe (II)** (3 a.C. até o ano 34)	

inclui Jesus entre os deuses romanos (lenda)		**Pôncio Pilatos** (26-36)	Crucificação de Jesus (ano 30). Pilatos e Herodes Antipas comparecem a Jerusalém para a festa do *passá.*	Assassinato de João Batista (ano 28, Mt 14)	O território é subordinado diretamente aos governadores (ano 34). **Herodes Agripa I** é entronizado como rei (37-44).
Calígula (37-41)					
Cláudio (41-54)	**Félix** (52-60) (Paulo, At 24)		Herodes Antipas é exilado para a Gália. Herodes Agripa I é colocado como soberano também sobre a Galiléia e Peréia (ano 39).		
Nero (54-68)	**Festo** (60-62) (Paulo, At 25s)	Cláudio entrega também a Judéia e Samaria a Herodes Agripa I (ano 41). Herodes Agripa I manda matar Tiago, o mais velho (At 12.4), exige ser adorado como deus numa festa, e acaba morrendo comido por vermes (ano 44). A região é entregue diretamente aos governadores romanos.			
	Albino (62-64) **Géssio Floro** (64-66)	**Rebelião de Israel contra Roma** (66-78). Géssio Floro saqueia o tesouro do templo. Revolta. Vespasiano conquista a Galiléia (ano 67). Contra ele luta o escritor judaico Flávio Josefo. Tito destrói Jerusalém (ano 70). Fim de Israel.			No ano 53 **Herodes Agripa II** é empossado como "rei" no território do nordeste. Negocia com Paulo em Cesaréia (At 25–26). Falece no ano100.
Vespasiano (69-79)	**Gallo** (após 66)				

VI. O INÍCIO DA ATIVIDADE DE JESUS, 3.1–4.25

Observação preliminar

Nas narrativas dos cap. 3 e 4 Mateus também se utiliza do contraste. Nitidamente os contornos se distinguem um do outro. Por um lado soa a condenação incrivelmente dura de João Batista, que destroça, sem deixar restos, toda a autoconfiança e todas as almofadas de sossego que as pessoas ajeitam para si, e que arrasta para a luz penetrante toda e qualquer forma de pecado e injustiça. Por outro, segue-lhe o batismo de Jesus. Pela primeira vez ele, que é sem pecado, aparece completamente alinhado com os pecadores. Ele é mostrado já agora como *aquele* que assume sobre si todos os pecados em qualquer forma imaginável. Esse é o primeiro contraste elaborado pela contraposição de João e Jesus.

O segundo contraste evidencia-se no seguinte: após Jesus ser equipado de forma extraordinária e capacitado de modo extremamente maravilhoso com a plenitude do Espírito Santo, que lhe assegura, pelo milagre da voz divina do Pai, todo o seu amor e dedicação, segue-se imediatamente o tenebroso ataque do diabo, cheio de falácia e perversidade, na história da tentação, "em meio aos animais ferozes", como diz Marcos, no deserto (4.1-11).

Depois da brilhante vitória total de Jesus sobre todas as investidas de Satanás narra-se – novamente como contraste – a precipitada fuga para o esconderijo na desprezada "Galiléia dos gentios" (4.12-17).

Segue-se ainda este contraste: No meio do esconderijo na "Galiléia dos gentios", é lançado, através da convocação dos primeiros quatro discípulos, o maravilhoso fundamento da comunidade dos salvos do NT (4.18-22).

É a mesma forma narrativa do cap. 1, em que já se podia perceber no nascimento a cruz, mas também a glória. Contudo, é também a mesma maneira de descrição do cap. 2, em que o mais difícil e tenebroso (a fuga e morte de crianças) se revela como o mais grandioso e significativo, ou seja, em que sofrimento e opressão não significam o fracasso, e sim a realização dos planos redentores de Deus.

1. A palavra incrivelmente dura de João Batista, 3.1-12

(Mc 1.2-8; Lc 3.1-18; Jo 1.15,19ss)

1 Naqueles dias, apareceu[a] João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia:
2 Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus!
3 Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.
4 Usava João vestes de pêlos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre.
5 Então[b], saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judéia e toda a circunvizinhança do Jordão;
6 e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.
7 Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?
8 Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento;
9 e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão[c]; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.
10 Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.
11 Eu vos batizo com água[d], para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.
12 A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível.

Em relação à tradução

[a] "Ele vem para perto", "ele chega". Essa expressão também se encontra em Lc 1.80. A fórmula diz que João não viveu na comunidade daquele povo antes de iniciar sua ação, mas que vem de fora dela, do deserto, como lemos em Lc 1.80. Estava nos desertos até o dia de seu aparecimento público.

[b] Esses batismos faziam parte da atividade religiosa. O fariseu se batiza mais freqüentemente que os demais, o essênio com maior freqüência que o fariseu. Todos esses batismos, porém, não careciam de um batizador! Pois todos eles se batizavam a si próprios.

[c] Na literatura rabínica Abraão leva o título honorífico de "nosso pai". Israel tem participação nos méritos de Abraão. Condição para essa participação era descender fisicamente dele.

[d] Literalmente "na água". O uso de "em", contudo, aqui é instrumental.

Observações preliminares

1. Os fariseus. Os fariseus = os separados, eram os piedosos praticantes do judaísmo. Seu surgimento deu-se na época do retorno do cativeiro babilônico e da restauração do culto israelita. Seu agir inicialmente era excelente e visava erguer o povo humilhado como nação e observar rigorosamente a lei. Posteriormente sua influência tornou-se perniciosa. Não se satisfaziam em cumprir a lei mosaica (Torá), mas também consideravam como compromissiva para a vida e o comportamento a tradição dos pais, os artigos dos anciãos (Halachá), pelos quais o lei mosaica foi interpretada e ampliada. Seu empenho visava regulamentar e ordenar todas as situações da vida por meio de leis formais. No tempo de Jesus contavam 248 mandamentos e 365 proibições. Com temerosa preocupação cuidavam do cumprimento de todas as determinações da lei cerimonial e eram extremamente meticulosos na prática de obrigações religiosas exteriores (jejuar, lavar-se, orar, dar esmolas, pagar o dízimo e santificar o sábado).

A observância estrita da lei devia trazer o tempo maravilhosos da plenitude. Quanto mais justiça pela lei, tanto mais próximo estaria o reino messiânico sobre Sião. Aos justos segundo a lei estava prometida a ressurreição corporal que lhes concedia participação na glória messiânica aqui na terra. – "Para os estudiosos rabínicos era tão certo que o ser humano tem a capacidade de cumprir integralmente as leis de Deus, que eles falavam com toda convicção de pessoas que tinham cumprido toda a Torá de A a Z" (Strack-Bellerbeck; cf. também cap. 7, opr para Mt 5.20).

Josefo informa um número de aproximadamente 6.000 fariseus, o que certamente é uma estimativa superficial. Entre eles os escribas formavam o maior número. O escriba em formação chamava-se *talmid* (aluno). Aos 40 anos tornava-se *talmid-chakham*. O escriba ordenado chamava-se *chakham* (sábio).

2. Os saduceus. Os saduceus = os justos, derivavam seu nome do rabino Sadoque. Ao contrário dos israelitas ortodoxos, eles eram os livres-pensadores incrédulos, que negavam a doutrina da existência dos anjos, a imortalidade, a ressurreição e o juízo, bem como qualquer influência do regimento universal de Deus sobre as ações das pessoas. Rejeitavam os artigos dos anciãos e admitiam somente a lei escrita, a Torá, como determinante para a vida e conduta.

Os saduceus eram os "liberais". A maioria deles fazia parte da nobreza sacerdotal, que soube apoderar-se de uma grande parte das propriedades da nobreza pré-exílica, destruída pela queda do reino judaico (Sl 16.6). Após o retorno dos exilados das tribos do sul que eram mais influentes na religião, surgiu uma disputa pela posse das terras (Sl 16; 37; 40; 41) com o "povo rural" decaído que ficara nas terras (*am haarez*) e que, entretanto, de maneira alguma tinha força contra aqueles. Desse modo formou-se, das linhagens de sacerdotes que retornavam, a nova aristocracia do país.

Como os saduceus tinham grande número de adeptos entre os sacerdotes inferiores, levitas, funcionários do templo e os socialmente dependentes, os romanos consentiam, dentro de certos limites, que os saduceus conservassem, às escondidas, a posição de poder. Os sumo sacerdotes no tempo de Jesus e de Paulo eram saduceus. Em geral os saduceus eram homens voltados ao prazer, e o conteúdo de sua confissão está contido na palavra: "Comamos e bebamos, pois amanhã estaremos mortos!" Em relação aos fariseus viviam em inimizade. Apoiavam o que esses negavam, e negavam o esses afirmavam. Apenas num ponto os dois partidos eram unânimes, a saber, no ódio ao Senhor e Salvador.

1,2 Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

Apesar de *João Batista* ser apresentado ao leitor pela primeira vez, Mateus não informa *nada* acerca de sua origem. João é denominado expressamente o "batista". O cognome não se pode encontrar em parte alguma do AT. No AT fala-se de João como "anjo", o que "prepara o caminho", o que "clama alto" e expressões semelhantes, mas não de João como o "batista". Este segundo nome ele recebe somente no NT, e isso constantemente.

O que significa para João o batismo, do qual, como vimos, recebeu o cognome "o batista"? No tempo de João os judeus já conheciam, ao lado de vários tipos de batismos (no sentido de lavagens e banhos religiosos), um *batismo único*. Entretanto, esse *batismo total* executado uma única vez não era um batismo para os próprios *judeus*, mas sim para os *pagãos* que queriam passar para o judaísmo. Esse batismo único para os *gentios* significava um afastamento radical de todo o passado pagão e a decidida condenação do mesmo.

Se, a partir dessa observação, nos aproximamos do nome "o batista", a palavra "batista" adquire vida e cor. Ao exigir o repúdio radical de todo o passado, o qual deveria evidenciar-se no batismo, expressa-se que o batizando tinha de dizer um decidido "não" à sua vida anterior e a suas tradições e costumes religiosos.

Como arauto do rei vindouro e de seu reino, *João Batista* considerava um tal batismo total como a única mas *necessária condição para o ingresso no* "*reino dos céus*". Defendia-o a partir da convicção de que o atual povo de Israel tornou-se um acampamento de impuros, sim, é preciso dizer, um *redil de pagãos*.

Essa era uma pregação inaudita e terrivelmente dura de João.

Ao exigir o batismo, portanto, João colocava o Israel inteiro no mesmo nível dos pagãos indignos, que, na verdade, eram tidos pelos judeus como a escória da humanidade, miserável ralé de criminosos, como assassinos e devassos. Agora compreendemos bem o significado revolucionário e provocante do batismo de João. É por isso que se cunhou o termo fixo "João Batista". Sabia-se muito bem o que estava contido nele.

Acrescentava-se ainda o seguinte: O *local* de pregação desse batizador não era o templo, com seu culto ricamente elaborado, equipado com todos aqueles meios disponíveis de expiação, válidos desde

os tempos dos patriarcas, prescritos em todos os detalhes… Não, o templo *não* era o local de pregação do Batista, e sim o *deserto* e os lugares ermos. Porque também isso era tão *impressionante* e *revolucionário*, a expressão "no deserto" é usada logo *duas* vezes (v. 1 e 3).

O que significava, afinal, o deserto no AT? O deserto é a terra do diabo, o local do terror e dos sobressaltos. De acordo com Lv 16.7-10, costumava-se, no dia da reconciliação, enviar um bode para o deserto, para ser destinado a Asasel. Com isso se mostrava que o pecado tinha sido levado ao lugar do terror, ao lugar do diabo.

Esse lugar de terror é, agora, o local de pregação de João Batista. Sim, é para lá, ao deserto, que o povo devia ir, para deixar os pecados lá *fora*.

Junto com o seu batismo o Batista "anuncia", em segundo lugar, a palavra da "conversão". De propósito não usamos o termo "arrependei-vos" (fazei penitência), mas em vez dela "dai meia volta", "convertei-vos". Essa palavra é bem conhecida no AT e no judaísmo de então. Traduzir o chamado de João e de Jesus com "fazei penitência" expressa de modo *insuficiente* aquilo que João e Jesus queriam, porque a penitência está marcada pelo sentido de penitenciar-se, expiar, reparar o erro. O chamado do Batista e de Jesus, porém, dirige fixamente o olhar para a *conversão radical*. Em todo AT não existe o conceito do arrependimento no sentido de pagar, expiar e reparar o pecado. Sempre é usado: "dar meia volta, renunciar". São esses termos que deveriam ser usados, pois no NT a situação é a mesma. Em sua grande obra científica *Die Umkehr, Bekehrung und Busse im* AT… (Stuttgart, 1936, 460 p.), E. K. Dietrich escreve: "Não vejo uma razão científica para manter a tradução "fazei penitência". – Sobre isso pode-se comparar também as afirmações de Schlatter, Feine, Pohlmann, Eckstein e outros. Também Schniewind opina que "a palavra 'penitência' está sobrecarregada com idéias que levam exatamente para longe daquilo que a Bíblia fala sobre *metánoia* (a palavra grega para conversão). Todas as idéias de redimir-se, fazer reparação, encobrem o que é a *metánoia* bíblica". Mais detalhes e aprofundamento em Rienecker: *Begrifflicher Schlüssel zum griechischen* NT. – No idioma alemão a penitência (*Busse*) tem ligação com *bass, besser* (= tornar-se *melhor*). Significa, como já expusemos, a "reparação de um dano", pagamento ou substituição de um prejuízo. O acento está no "esforço, produção de uma substituição, satisfação", a qual *eu* tenho que realizar.

Conforme já informamos, a palavra grega no NT para "conversão" é *metánoia*. O que significa essa palavra no grego secular? Indica a mudança do pensamento, precisamente no sentido de que intelectualmente mudei minha opinião sobre um ou outro assunto. No NT a palavra *metánoia*, por sua vez, não significa mudar a opinião sobre *algo* qualquer (talvez sobre *algumas* coisas), mas estende-se sobre a opinião *toda* e o pensamento *todo* da pessoa. A *totalidade* do pensamento e da atitude precisa mudar! No contexto secular essa palavra jamais foi usada com esse sentido.

A palavra *metánoia*, provida de novo e profundo sentido, constitui-se num dos *conceitos principais* do NT, sim, ela faz parte do que é mais essencial na própria fé cristã. A *metánoia* (= meia-volta, conversão) do NT considera *a totalidade do pensar, sentir e querer do passado como inteiramente errado, como "longe de Deus", até mesmo como sendo contrário a Deus!* Portanto, conversão é a mudança de todo o pensar, sentir, querer e agir. Deus quer uma nova vida, não apenas uma nova mentalidade! Se a atitude geral anterior da pessoa foi uma conduta religiosa ou não, isso não anula a necessidade e incondicionalidade da exigência da conversão! Efetivamente, tal conversão radical e total permanece sendo a única premissa para entrar no "reino dos céus".

Para darmos uma breve resposta à pergunta: A conversão é ato *de Deus* ou *da pessoa*?, citemos o seguinte aspecto: A pessoa não pode converter-se a si própria, mas pode *deixar-se* converter! – Nosso sim a ele, a nosso Senhor, origina-se unicamente do *sim de Deus por nós*. Nosso *não*, porém, é unicamente a *nossa* culpa!

Usando uma ilustração: Quando se joga uma bóia salva-vidas a uma pessoa que está se afogando e ela a segura, e de fato a agarra firmemente com toda a sua energia – a pessoa assim resgatada não pode dizer: *Eu me* salvei, mas terá de dizer: Eu *fui* resgatada. Da mesma forma, a pessoa salva terá de reconhecer: Se eu não tivesse agarrado com toda a seriedade aquela bóia, eu sozinho seria culpado da minha morte nas ondas.

Assim, ter sido salvo é um *presente*.

Afogar-se, porém, é *culpa*!

Conversão não é produto do esforço, mas dádiva!

Perder-se, no entanto, é *culpa*, culpa própria, cem por cento!

"Conversão é a premissa incondicional do novo tempo que irrompe, o **reino dos céus**." Convocando com essas palavras em alta voz para a conversão, João reitera pela última vez, antes que venha o próprio Senhor, a exigência fundamental dos profetas do AT!

Mateus diz "reino dos céus", num total de 37 vezes. É somente Mateus que usa essa expressão. Marcos e Lucas trazem "reino de Deus". Essa última forma é usada por Mateus somente 5 vezes. Tecnicamente não há diferença entre uma expressão e outra. Por reverência, Mateus evita o nome "Deus", motivo pelo qual não diz "reino de Deus" mas "reino dos céus"! Em lugar de "reino dos céus" talvez se poderia traduzir melhor com "governo dos céus". Pois não se pensa em primeiro lugar num "reino", no sentido de um espaço ou lugar, mas num reino no sentido de uma ordem vigente, uma ordem em que somente Deus tem o comando como um rei, e a cujo comando e governo a gente se submete sem restrições. É esse "governo de Deus", o qual um dia será revelado total e plenamente com glória na nova terra, que João está anunciando e que já iniciou em Jesus e terá continuidade na comunidade de Jesus até os confins da terra.

3 Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

João tem de consertar o caminho. Naquela época, quando não havia rodovias "asfaltadas", preparava-se um caminho para o rei que anunciava sua chegada. Essa preparação do caminho sempre se constituía num trabalho árduo. A figura da preparação do caminho é aplicada à atividade de João. O "preparador do caminho" é João Batista. Preparar o caminho requer o empenho da pessoa toda.

4 Usava João vestes de pêlos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre.

Aí estava, pois, esse João, lá fora no deserto. Não precisava de nada daquilo que os outros precisavam. Sua vestimenta era somente o pelo de um camelo, talvez de um camelo que pereceu no deserto. Tal vestimenta constituía uma flagrante ofensa às leis de pureza dos judeus. Gafanhotos eram seu alimento. Também essa alimentação contrariava os costumes da vida normal em Israel.

Tudo, "palavra e pessoa", "pregação e vivência" formavam um único sinal que incitava à conversão!

5,6 Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judéia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

Qual foi, porém, o resultado da instigante *mensagem de conversão*? Foi raiva, ódio e revolta? Não! **Saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judéia…** Eles se dirigiam até ele. João não precisava correr atrás deles. Não tinha dificuldades para trazê-los à palavra de Deus. Todo o acontecimento no rio Jordão transformou-se, pela pregação do Batista e pelo seu batismo, num singular *movimento* divino. Não havia como agir diferente. As pessoas eram *impelidas* até ele no deserto.

7-9 Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.

Não apenas pela singularidade de seu batismo total e pela exigência da conversão, mas também com as marteladas do restante de sua pregação, João destroça todas as proteções e seguranças dos fariseus e saduceus diante dos seus próprios olhos. João chama os fariseus e saduceus de "ninhada de serpentes", "semente de cobra", "antro de víboras". – "*Semente de víboras* é o que são vocês", diz ele, "e não o que presumem, semente de Abraão"!

Para cada israelita essa expressão é, mais uma vez, uma palavra arrasadora. Pois "velha serpente" significa: "pai da mentira", e a semente da velha serpente é, de acordo com a antiqüíssima palavra de Deus, o poder inimigo das profundezas, contra o qual a espécie humana tem de lutar, por questão de vida ou morte. "*Esse veneno de serpente assassina* tornou-se agora pessoal", diz João, "e esse *veneno de víboras* em pessoa são vocês *fariseus* e *saduceus*, aos quais estou falando. O que vocês possuem da semente de Abraão foi transformado no seu contrário, por isso vocês não têm *nenhuma participação* na semente de Abraão, porém a mais antiga maldição de Deus paira também sobre as cabeças de vocês!"

Como causa mais profunda da perversão de seu pensamento João considera que, seguros de si, confiavam na sua ligação natural com Abraão. Construíam com toda a certeza sobre tudo o que torna

essa ligação natural exteriormente perceptível: a circuncisão, o sábado, a letra do templo e da lei. Pensavam que era essa a religiosidade completa e agradável a Deus.

João, agora, arrebenta radicalmente todas essas seguranças e apoios. De fato, arrasa tudo o que tinham! (cf. opr para Mt 5.20 e o sermão do Monte).

Ao proferir essa pregação de condenação, não está João arrasando também a própria promessa que Deus fez a Abraão? *Não*: quando os fariseus e saduceus se afastarem substancialmente de sua religiosidade impostora e presunçosa, poderão ser inseridos na verdadeira e essencial descendência de Abraão. Isso é possível unicamente através de uma conversão fundamental, e nada mais.

Assim como os fariseus se refugiavam junto de seu pai Abraão, da sua justiça, a qual requeriam vicariamente para si próprios, assim o cristão hoje, sempre de novo, corre o perigo de basear-se na bênção concedida aos pais. Acredita-se que, como aquilo que os pais realizaram sob a bênção ainda permanece, a bênção de Deus ainda paire sobre os descendentes. Acredita-se que, por causa dos pais, Deus também se comprometeria com os de hoje.

Sem dúvida João aderiu sem restrições à promessa feita a Abraão. Pela Escritura, João sabia que os filhos de Abraão são herdeiros do reino. – Contudo, o Batista combateu com o máximo vigor a opinião dos judeus de que Deus estivesse atrelado a Israel, que para Deus Israel seria imprescindível.

De modo algum Deus está amarrado a Israel. Com sua onipotência divina ele pode, em um momento, formar para si filhos de Abraão, até mesmo de pedras "mortas".

Deus não precisa de nós. De jeito algum somos imprescindíveis. Deus pode passar por nós diretamente ao que lhe interessa. Ele age como ele quer, não como nós queremos! Também hoje e agora ele pode acordar para a vida e colocar no seu serviço pessoas que estão totalmente afastadas dele ("pedras mortas")!

10 Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

Depois da palavra sobre os "filhos de Abraão", João traz o discurso sobre a "árvore que não traz bons frutos". Os ouvintes do Batista sabem que essa metáfora da *árvore* foi tirada do Sl 1. Os fariseus têm a firme convicção de que se assemelham à árvore plantada junto à corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto. Por isso pensam que tudo o que fazem é *correto*. O Batista lhes afirma exatamente o contrário, ou seja, que eles se assemelham à árvore infrutífera, que é cortada e lançada ao fogo.

A palavra do **fogo** encerra pela primeira vez um trecho da pregação do Batista. Ainda ouviremos a palavra "fogo" duas *vezes*.

11 Eu vos batizo com água, para arrependimento (conversão); mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

Todos os quatro evangelistas trazem a palavra do batismo com água, do batismo total. Diferente de Marcos, Mateus interpreta o batismo na água como exigência, cujo *alvo* é a conversão. **Eu batizo vocês em direção da conversão** ou **para dentro da conversão**. De acordo com Mateus, o Batista batiza *para que* se deixem os pecados, *para que* se viva em obediência a Deus na nova vida do reinado dos céus.

Marcos fala de um batismo cuja *premissa* é a conversão. Em Mc 1.4 lê-se: "João prega o *batismo de conversão* para remissão de pecados". Ou seja, para Marcos o batismo da água é um batismo que tem como *premissa* e *condição* a *conversão*. Somente quem é "convertido", quem "deu meia volta" é que recebe o batismo. Portanto, primeiro a conversão, depois o batismo.

Porém Mateus e Marcos não estão divergindo um do noutro na compreensão do batismo. Ambos estão corretos na transmissão das palavras do Batista. A vida cristã tem a *meia volta* (conversão) como premissa e também como *alvo* (santificação). É decisivo que quem vem da conversão *persevere* nela. Uma vida assim moldada pela meia volta teve como conseqüência o perdão dos pecados como dádiva e experiência únicas e o experimenta sempre de novo, diariamente, como presente e descoberta.

Em outras palavras: Não é biblicamente correto dizer que é preciso converter-se diariamente, que a conversão seria um ato de fé a ser repetido sempre de novo. Não! A visão bíblica é mais precisamente esta: Desde a conversão com que Deus o presenteou, o convertido vive num novo *estado*, numa nova *atitude*. Essa atitude, essa posição de fé, esse estar fundamentado na fé precisa mostrar-se sempre de novo, precisa evidenciar-se continuamente em *ações* de fé. O fato fundamental

do novo nascimento precisa deixar que a palavra de Deus se explicite. Ou, inversamente: A nova vida precisa evidenciar a conversão. É nisso que se revela o ser mergulhado no Espírito Santo, o batismo com o Espírito Santo. A nova vida é estar constantemente rodeado pelo Espírito Santo, é estar cheio dele! O Espírito e o fogo são o elemento da nova vida que continuamente julga e purifica, como também continuamente aquece e promove a vida. Assim é que deve ser entendida a palavra: "Ele vos batizará com o Espirito Santo e com fogo".

Para finalizar, repetimos mais uma vez: A conversão não é um acontecimento contínuo que se renova de caso em caso, de ação de fé em ação de fé. No entanto, a conversão efetua primeiramente a atitude de fé, o estado de fé, a partir do qual emanam os diversos atos de fé, nos quais, por sua vez, se confirma continuamente a atitude de fé anteriormente produzida.

Na linguagem teológica essa verdade foi expressa na seqüência *habitu fidei, actu fidei* (atitude de fé, ato de fé).

Após declarar a palavra do *batismo com água* (batismo total), João chega à afirmação sobre aquele "que vem depois de mim", ou "que vem atrás". É uma palavra que se encontra em todos os quatro evangelistas. O *que vem atrás*, porém, é ao mesmo tempo o "mais forte". O dito do mais forte aparece literalmente em 3 evangelistas. Que consolo para João foi saber: vem após mim *alguém* que é mais forte que eu. O que seria da obra da vida dele sem o fato de que alguém vem depois dele? Seria em vão! E o que seria do nosso trabalho diário e da vida toda, se não viesse alguém atrás de nós e o segurasse nas mãos?

A palavra do "que vem atrás", do "mais forte" é ampliada pela figura do "escravo doméstico" *que serve ao seu amo* que chega, retirando-lhe as sandálias e "levando-as embora". Essas sandálias o patrão usava somente na rua – não na casa. O serviço de levar embora as sandálias é o mais humilde e mais fácil trabalho de um escravo.

Enquanto Mateus fala do serviço de escravo de *levar embora* as sandálias, Marcos, Lucas e João usam a figura de *soltar* as sandálias. Como tudo é bem ilustrado! Antes de levar embora as sandálias é necessário desatar as suas correias. Nem sequer para isso o Batista se considera digno (mais explicações nos comentários sobre os outros evangelistas). Ele sabe que não é capaz de realizar a mínima coisa que significasse qualquer tipo de ajuda para o "mais forte". Diante daquele "que vem" ele não é *nada*. Ao lado de Cristo o Batista desaparece total-mente. O Batista sente somente sua impotência diante da plenipotência do Cristo!

Esse é João no deserto, aquele que prepara o caminho, que grita alto, que batiza para a conversão, que como tal prepara o caminho, como escravo e batizador com água, para aquele que vem atrás dele, o mais forte, que "batiza com o Espírito Santo".

12 A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível.

Novamente João emprega a palavra "*fogo*", agora pela terceira vez (v. 10-12, sempre no final). Os fariseus acreditavam que *eles* faziam parte do trigo que seria recolhido ao depósito. Mais uma vez precisam ouvir justamente o contrário, que por serem palha serão queimados com fogo inextinguível.

Como é dura também essa sentença! Numa olhada panorâmica sobre toda a pregação do Batista, perguntamo-nos instintivamente: Será que não foi realmente pesado demais o que o Batista disse? Será que uma tal palavra de condenação não provocará o contrário do que intencionava? Os fariseus e saduceus não se rebelarão numa ira feroz?

Schlatter afirma sobre este trecho: "*Desejar o batismo e permanecer ao mesmo tempo fariseu ou saduceu, isso provoca a perdição definitiva e inevitável"*. A palavra arrasadora de Jesus em Mt 12.31-34 e os oito ais do Senhor contra os fariseus em Mt 23.13-33 mostram-nos que o julgamento da obstinação é terrivelmente sério.

Acaso não há sempre o perigo de experimentar a conversão e, não obstante, permanecer fariseu, isto é, agarrar-se ao que era antes, próprio da gente, e não levar integralmente a sério o novo? Não ocorre muitas vezes que, após a conversão, adota-se muitas palavras piedosas, passa-se a falar com fluência um linguajar existente de fé, orar e ler a Palavra de Deus se tornam atividade religiosa? E que, apesar de toda essa ocupação religiosa, a substância interior do eu *continua* sendo a mesma, deixando existir bem no fundo, quase igual como antes, a pessoa orgulhosa, inflexível, melindrosa, teimosa e insensível, que de bom grado inclina seu ouvido ao elogio, à bajulação, mas o fecha para a verdade, a necessidade de um corretivo?!

Conversão autêntica tem *conseqüências*, conseqüências imprevisíveis, para a existência própria e também para a vindoura; ela traz *fruto*, ela gera *vida* borbulhante em santidade e justiça! Cf. Mt 5–7.

2. Aquele que toma sobre si todo o juízo, 3.13-17

(Mc 1.9-11; Lc 3.21,22; Jo 1.31-34)

14 **Por esse tempo[a], dirigiu-se Jesus da Galiléia para o Jordão, a fim de que João o batizasse.**
Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?
Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então[a], ele o admitiu.
Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis[b] que se lhe abriram os céus[c], e viu (João) o Espírito de Deus[d] descendo como pomba, vindo sobre ele[e].
E eis[b] uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo[f].

Em relação à tradução

[a] Cf. o exposto sobre 2.7 (grego *tóte* = depois disso).

[b] Cf. o exposto sobre 1.20.

[c] Outra tradução: "Empurrar de volta o ferrolho". Marcos fala que o céu se fendeu, se rasgou! O texto *coiné* e alguns manuscritos inserem um "lhe". Daí a forma: "Os céus se lhe abriram".

[d] Aqui o texto original traz "Espírito" sem artigo e "Deus" sem artigo. Cf. 12.28. Em 14.33 e 27.43,54 lê-se "filho de Deus", também sem artigo. Em 5.9 encontra-se "filhos de Deus", sem artigo. Essa é uma forma genuinamente judaica de se expressar. Em Jo 1.32 o Batista diz que viu o Espírito de Deus.

[e] Cf. o que se diz em Marcos sobre a mesma passagem.

[f] A expressão "em quem Deus se compraz" provém de Is 42.1. Ali se afirma do servo de Deus descrito por Isaías que Deus o escolhe, se compraz nele e lhe dá seu Espírito. – Logo, Jesus é o verdadeiro servo de Deus, no qual Deus tem satisfação em tudo (Jo 8.29), que em tudo realiza a vontade de Deus (Jo 4.34; 5.30; Mc 14.36).

Observação preliminar

E o que viria atrás chegou, o mais forte, o próprio Senhor. Ele veio! Sucedeu o encontro pessoal singular e único entre Jesus e seu arauto. É esse momento único da reunião pessoal dos dois que o evangelista descreve agora.

O batismo de João atraiu, como tantos israelitas, também Jesus ao Batista. Mas o mesmo João que nos demais casos tinha a convicção de que todos sem exceção precisam passar pela confissão dos pecados, pela conversão e pelo batismo se quiserem ser partícipes do "*reinado dos céus*", diz a Jesus: Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim? Portanto, segundo a opinião de João, Jesus não tem necessidade do perdão dos pecados, não precisa primeiramente tornar-se justo, ele já é justo, a saber, justo a partir de si mesmo.

Contudo, Jesus não desiste de assumir o batismo da conversão e do perdão dos pecados, porém sem que se fale de uma confissão de pecados.

Por que Jesus deixou-se batizar? Sabemos da importância do batismo de João. Ele significava o juízo sobre a pessoa culpada. Jesus tinha necessidade de um tal juízo? Não, por causa de si próprio ele não precisava deixar-se batizar. Ele submeteu-se ao batismo não somente exteriormente, como a uma cerimônia, ou para nos dar um exemplo, a saber, de que também precisamos deixar-nos batizar. Jesus sabia que precisava realizar e construir o que esse batismo representa. Está cônscio de que ele é o cordeiro de Deus que leva embora o pecado do mundo. Por isso responde ao Batista: Convém cumprir toda a justiça. Ele sabe o caminho da decisão redentora de Deus, que passa pela "vicariedade".

Por isso ele desce à mesma água com os pecadores. Iguala-se a eles (cf. Fp 2).

O batismo de João significa condenação! Ele quer suportá-la.

O batismo de João significa um grito por misericórdia! – Jesus quer abrir o acesso ao trono da graça. Com nitidez, vislumbra no fim de seu caminho a cruz. No seu batismo ele assume decididamente essa cruz. – Considerado para si somente, ele poderia ter tido alegria, mas a sua ligação com a humanidade coberta de culpa constituiu-se na grande carga de sua vida, que lhe trouxe

a morte. Por isso sua morte também se tornou o verdadeiro cumprimento do batismo de João. Por conseguinte, o batismo de João veio a ser, no seu auge, uma clara profecia da morte de Jesus.

Três sinais miraculosos formam a resposta divina ao batismo de Jesus:

- Os céus se abrem;
- O Espírito Santo desce;
- A voz de Deus fala.

Os céus se abrem. Agora os céus estão novamente "rasgados", como diz Marcos, ou "abertos", conforme Mateus. Abrem-se as regiões que até então estavam trancadas aos seres humanos. Em Jesus, ficou livre o caminho ao coração paterno de Deus! A terra recebeu de novo o céu. E novamente é possível ser nascido do céu!

O Espírito Santo desce. Pergunta-se: O que significa a transmissão do Espírito para o próprio Senhor Jesus? – De forma alguma constitui uma contradição, como pensam alguns, que o Espírito Santo desce no momento do batismo e que o Senhor nasceu maravilhosamente lá em Belém pela força do Espírito Santo. É certo que Jesus não viveu 30 anos sobre a terra sem o Espírito Santo. Contudo agora, no início da vida pública de Jesus, o Espírito Santo, que durante 30 anos foi o elo de comunhão entre o Pai e seu Filho encarnado, entra num novo tipo de relacionamento. O Pai o ungiu como rei mediante o Espírito Santo e simultaneamente como profeta, poderoso em atos e palavras perante Deus e todo o povo. Em conseqüência, no caso de Jesus o "Espírito Santo" jamais pode ser o Espírito do novo nascimento. Pois Jesus não precisava de um novo nascimento, ele já era santo desde o seu nascimento (Lc 1.35). Aqui o Espírito Santo é compreendido como *instrumentalização pública* para a atividade que o Senhor de agora em diante irá exercer. Agora iniciam os feitos milagrosos e as curas de enfermos.

O terceiro sinal milagroso acontecido do céu foi a *voz divina*. Através do meio mais direto, mais pessoal e mais íntimo de expressar a comunhão, a saber, pela "palavra", Deus revela ao seu Filho o relacionamento, singular por excelência, que existe entre ambos. Soa a voz de Deus, abrindo-lhe o que ele é *para Deus*, a saber, o amado, amado como um filho único só pode ser amado pelo pai, e revelando o que o Filho por isso é *para o mundo*, a saber, o instrumento do amor de Deus pelas pessoas. O envio do Filho tem a finalidade de elevá-las à extraordinária dignidade de filhos de Deus (cf. Mt 5.9).

Que contraste entre o início e o fim do presente capítulo! Lá no início, as mais duras palavras de condenação de João batista, aqui no final o cordeiro de Deus, que tomou sobre si todo o juízo ao deixar-se batizar no lugar dos pecadores. Lá a lei – aqui o evangelho; lá juízo, aqui a graça.

3. Nas profundezas de Satanás, 4.1-11

(Mc 1.12,13; Lc 4.1-13)

1 **A seguir[a], foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto[b], para ser tentado pelo diabo.**
2 **E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.**
3 **Então, o tentador, aproximando-se[c], lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.**
4 **Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.**
5 **Então[d], o diabo o levou à Cidade Santa[e], colocou-o sobre o pináculo do templo**
6 **e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.**
7 **Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.**
8 **Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles**
9 **e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.**
10 **Então[f], Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás[g], porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.**
11 **Com isto, o deixou[h] o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.**

Em relação à tradução

[a] Cf. o exposto sobre 2.7 (grego: *tóte*).

[b] No v. 1 chama a atenção que Jesus estava num deserto quando foi batizado, ou seja, que ele do deserto "foi levado ao deserto". O vale do Jordão, no qual o batismo se realizou (cf. 3.1), era incluído no deserto da Judéia, apesar de, naquela época, ser visitado por multidões de pessoas. Deve tratar-se, portanto, de um lugar especialmente ermo. O verbo tem o sentido de "ser conduzido para cima", do que se deve deduzir que esse deserto se situava mais alto, o que aliás também se pode concluir a partir do vale anterior. Também a tradição corrobora essa interpretação.

Segundo uma tradição, da qual porém se pode comprovar vestígios somente desde o século XII, o deserto em que aconteceu a tentação seria a região infértil a oeste de Jericó, hoje denominada de Quarantitânia. Ali se encontra um elevado monte de pedra de calcário, em cujas alturas ainda hoje eremitas seguem a tentação do Senhor com oração e jejum.

Diversos teólogos liberais deduzem a história da tentação de um mito (p. ex., Meyer). É que era amplamente difundida no Oriente e além dele a idéia da tentação do santo ou do herói, p. ex., Buda ou Zaratustra. A comunidade teria sido pressionada a defender Jesus contra a acusação de que não estaria preenchendo a expectativa popular de um Messias se rejeitasse um sinal do céu.

Outros (p. ex., Weiss) supõem que não está sendo reproduzida uma experiência visionária de Jesus, mas que ele "descreveu de forma breve e *figurada* a multidão de sentimentos e pensamentos em sua alma no início e posteriormente" (nós não concordamos, cf. nota *c*).

[c] A formulação "então, o tentador, aproximando-se" (v. 3) é uma característica do estilo de Mateus e expressa claramente que ele imagina que o diabo se aproximou de Jesus como algum *personagem físico*. Por trás da expressão "estas pedras" está subentendido um *gesto* de indicação, pelo que se reforça a tese do personagem corporal.

No v. 5 a locução "então, o diabo o levou à Cidade Santa" fornece uma terceira evidência a favor da pressuposição do v. 3, de que o diabo apareceu em figura corporal humana. – A isso soma-se o seguinte: a teologia rabínica ensina que os espíritos, quando se mostram às pessoas, fazem-no em figura humana.

No v. 9 a palavra "prostrar-se", não usada por Lucas, expressa a veneração física. Essa seria a quarta prova da presença corporal do diabo.

[d] Novamente o grego *tóte*. Cf. o exposto em 2.7.

[e] Outra tradução: "À cidade pertencente a Deus". Cf. 27.53 e Is 48.2; 52.1; Ne 11.1,18. O que tinha se tornado propriedade de Deus também era um santuário para Jesus. É para dentro desse lugar que agora entra também o diabo.

[f] Cf. o exposto em 2.7 sobre o grego *tóte*.

[g] "Satanás" é uma palavra hebraica. Há ao todo nove palavras hebraicas que Mateus conservou, que são: Satanás, Belzebu, gehénna (inferno), Mâmon (deus das riquezas), raka (cabeça oca), rabi (mestre), hosana, ai e amém.

[h] Encontra-se no original a palavra "soltar", mais especificamente no sentido de largar algo que está sendo *segurado*. Logo, a partir do texto original, pode-se sentir com emoção como a tentação do Senhor tornou-se cada vez mais séria. No v. 3 foi dito: O tentador pôs-se *ao lado* dele. No v. 5 lê-se: Depois o diabo levou-o *consigo*. No v. 5 diz: Novamente o diabo o leva *com ele*. No v. 11 consta: Depois disso o diabo o deixa *livre*. Pois ele tinha segurado firme o Senhor. Como é terrível essa escalada das tribulações de Santanás. Mesmo que o Senhor sempre de novo o tinha repelido com a palavra da Escritura, cada vez mais o diabo o apertava.

1,2 A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.

Enquanto o batismo de Jesus teve João Batista como testemunha, a tentação de Jesus exclui qualquer testemunha humana. Por essa razão o conhecimento da tentação deve estar baseado em informações de Jesus aos seus discípulos.

Enquanto Marcos se limita a dar uma breve nota, Mateus e Lucas referem detalhadamente a história da tentação.

A história da tentação é imediatamente posterior ao batismo. É o que comprova a palavra *tóte* (= a seguir), que expressa a ligação de dois acontecimentos em seqüência cronológica direta.

Marcos informa que a tentação do Senhor ocorreu *durante* todos os 40 *dias*. Porém Mateus e Lucas descrevem esses 40 dias e 40 noites como premissa de *preparação* para a primeira tentação. A tentação é narrada como acontecimento de *um* dia. Como aos 40 dias são acrescentados expressamente as 40 noites, Mateus pensa numa abstinência total de comida. O jejum prescrito pelo culto judaico abrangia somente o dia. Do nascer do sol ao seu ocaso não se comia nem se bebia.

Entretanto, à *noite* se comia. Porque devemos pensar na abstinência total de alimento, mencionam-se aqui os *dias* e as *noites* (Schlatter).

Em Moisés os 40 dias estão preenchidos com o falar de Deus dirigido a ele. Mateus, porém, não nos esclarece o que Jesus fez durante esse tempo. Marcos ainda intercala o obscuro *e estava entre os animais ferozes*. Cremos firmemente que durante esse tempo Jesus sempre cultivou a comunhão com o Pai.

3,4 Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.

É uma tentação muito refinada com a qual Satanás se achega a Jesus. É mais perigosa a tentação que nem se parece com uma tentação. Mostrando um interesse comovedor, aquele simpático desconhecido se aproxima de Jesus, que estava totalmente esgotado pela fome. Dá-lhe a sugestão de que, por força de sua condição de Filho de Deus, transforme pedras em pães.

Do mesmo modo como as palavras no paraíso: "Teria Deus realmente dito?", a expressão **se és Filho de Deus** formula uma dúvida. Seu significado é: "Se realmente és o Filho de Deus, não tens necessidade de passar fome". Fome e esgotamento atestam *contra* a filiação divina. A existência da filiação somente pode ser comprovada se forem utilizadas as capacidades milagrosas contidas na condição de Filho de Deus. Fome e exaustão precisam, portanto, ser eliminadas imediatamente, com ajuda dessas capacidades. Somente quando isso acontece, comprova-se como autêntica a filiação divina. Do contrário não! – Assim insinua o tentador.

Jesus sente seu esgotamento. A sensação da fome é avassaladora. Por que, pois, não usar os *dons* que possui, ainda mais que há necessidade? Afinal, os dons são dados para que os empreguemos! Este é o sentido da tentação satânica. – O que se pode contrapor a ela?

Sem dúvida é da vontade de Deus que trabalhemos com os dons, porém aqui temos um perigoso "mas". Os dons e as forças que Deus concedeu aos seus nos são dadas não para que as usemos segundo o nosso próprio arbítrio, somente para nós mesmos, mas estão aí para que sejam colocadas a serviço daquele que é o doador de todas as dádivas.

Satanás queriam induzir Jesus a utilizar arbitrariamente, de acordo com seu próprio interesse, as capacidades milagrosas que Deus lhe confiou para erigir o reino de Deus.

Se Jesus tivesse cedido a esses ataques de Satanás, cometeria um abuso de seus dons.

A reposta de Jesus foi: "O ser humano não vive só de pão". Ela expressa primeiramente que, como verdadeiro homem, Jesus quer se alinhar total e plenamente ao lado das *pessoas*. Não quer ocupar agora qualquer tipo de posição privilegiada. Usar as dádivas de Deus para libertar-se pessoalmente de privações e sofrimentos é antidivino! A expressão *o ser humano* lembra Satanás que, apesar de sua dignidade de Filho de Deus, Jesus está decidido a suportar integralmente as condições da existência humana. A seguir, citando Dt 8, Jesus esclarece: Deus também é capaz de sustentar a vida humana com outros meios que com o pão, p. ex., também com o maná! Sim, Deus até pode alimentar e sustentar o ser humano sem qualquer meio material, apenas pela mera força de sua vontade.

Por conseqüência, Jesus se compromete, pelas palavras "o ser humano não vive só de pão", a deixar unicamente na mão de seu Pai a satisfação de suas necessidades terrenas durante a sua atuação messiânica. Como qualquer ser humano, quer pedir diariamente ao Pai pelo pão. Quer suportar cansaço, fome e nudez, sem refugiar-se em quaisquer métodos autocráticos de alívio, e muito menos quando o maligno o convida para isso. – Schlatter afirma: "Um Filho de Deus que se afastasse da dependência de Deus e agisse por conta própria, traria revelações satânicas".

O mesmo vale para a comunidade de Jesus. Sair da dependência de Deus é aniquilar a confiança em Deus, é desonrar a Deus, é exaltar a vontade própria como causa determinante de tudo. Assim como o Batista, afirmando radicalmente a Deus, anunciava a negação de toda vontade própria humana e cristã, também Jesus sabia com toda a certeza: "O Filho nada pode realizar de si próprio". A vinculação de Jesus tão somente ao Pai torna impossível atender ao menor desejo egoísta. Em outras palavras: A consciência de que é Filho de Deus jamais o levará a negar que, como ser humano, tem feições de servo.

5-7 Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.

O diabo faz a proposta ao Senhor Jesus de convencer, através de um meio muito extraordinário, os judeus de que ele é Filho de Deus. Como lugar para isso ele escolhe Jerusalém, e lá o próprio templo, o símbolo da sagrada proximidade de Deus. O maligno quer convencer o Senhor para que, com a ajuda da onipotência de Deus, inicie sua atividade messiânica mediante uma poderosa ação religiosa de abertura. Pois somente através da poderosa medida divina de uma manifestação grandiosa o Senhor poderia cumprir sua missão, a saber, construir o "reinado dos céus". Essa a proposta do tentador.

Novamente o maligno usa uma palavra bíblica para fundamentar sua intenção. Retira-a do Sl 91, v. 11,12. Com ela quer dizer: Se Deus promete proteger dessa maneira o piedoso comum, para que nada lhe aconteça, quanto mais Deus cuidará de seu Filho, que apenas gostaria de cumprir *aquilo* que o seu Pai quer.

Jesus interpreta o milagre admirável de uma manifestação grandiosa com auxílio do poder divino como um "tentar a Deus"! É que com ele se colocaria à prova a onipotência de Deus, no sentido seguinte: Vamos experimentar uma vez se Deus é realmente Deus.

Ao repelir também essa tentação, Jesus declara que as medidas milagrosas de ajuda que lhe foram prometidas pelo Pai apenas serão utilizadas para socorrê-lo naquelas situações a que o Pai o conduzir e das quais ele novamente quiser salvá-lo (p. ex., ao acalmar a tempestade etc.). Por isso Jesus renuncia a qualquer ajuda divina para todas aquelas situações que não fazem parte do plano de Deus. – Com certeza Jesus arriscará o salto para as profundezas, a ida ao madeiro maldito – mas somente no momento em que Deus lho comunicar, em que Deus o quiser, do contrário não. Obediência incondicional é o mandamento supremo de Jesus. O caminho ao madeiro maldito, porém, foi um "salto às profundezas" bem diferente que esse salto da torre do templo.

A majestade do Deus onipotente demanda que nossa confiança nele seja incondicional. Podemos confiar que nos ajudará em qualquer momento, mas não podemos lhe prescrever nenhuma ajuda.

As promissões da Escritura não são algo como recursos de magia, pelos quais nos seria assegurada automaticamente a ajuda de Deus do jeito como nós a imaginamos. Quem falar de assegurar ou garantir, já se tornou culpado de ultrapassar os limites na sua vida de fé, pois submeteu a palavra de Deus à vontade humana. Isso é violar a Escritura. Isso é tentar a Deus!

8-11 Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás (prostrado), e só a ele darás culto. Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.

Mostrar o mundo e suas maravilhas foi uma obra satânica para enfeitiçar e ofuscar! Todos os milagres satânicos têm em si algo de enganador! Não são milagres para conceder bênção, que levam a Deus, e sim peças cênicas, que levam para longe de Deus.

O tentador pondera: O Senhor terá liberdade de fazer o que apraz ao Senhor, nesse imenso território de maravilhas que lhe está mostrando. Nele o Senhor pode governar de acordo com os seus desejos e intenções nobres, tornando esse mundo um templo de Deus… "porém", e aqui aparece de novo sorrateiramente o diabólico "porém", tudo o que foi dito e oferecido pode ser alcançado somente mediante uma pequena consideração para com o mundo.

Em outras palavras: ao desenvolver sua obra redentora, Jesus, por sabedoria e calculismo, deverá ceder um pouco aos desejos do povo, para desse modo assegurar-se da simpatia do povo e da colaboração de seus líderes na execução de seus grandes e divinos planos salvíficos.

Quantos sucessos obtidos com meios deste mundo podem, à luz de Deus, pertencer a essa categoria. A frase: "O fim santifica os meios" é do diabo.

A réplica de Jesus: "Você deve devotar-se a Deus, seu Senhor, e servir somente a ele" tornou-se o grande lema de sua vida sobre a terra. Com tudo o que é e possui, ele quer se colocar irrestritamente à disposição de seu Deus e Pai. Ele permite que o Pai lhe dê tudo o que diz e faz. É totalmente dependente dele. Não é a benevolência das pessoas que o influencia, nem o ódio delas que o tira do rumo, mas é unicamente o Pai que pode determinar o fim e os meios de sua missão redentora.

Deus, porém, requer um coração integralmente devotado. Um pequeno flerte com o mundo, um leve brincar com o próprio eu, destroem, aos olhos de Deus, a integridade da dedicação a ele. Justamente essa pequena concessão Jesus não fez. Tomou sobre si a cruz com vontade indivisa, devotando-se ao Pai. Ainda que pudesse ter alegrias, suportou a cruz, tornando-se assim nosso eterno sumo sacerdote, que tem compaixão de nossa fraqueza.

A tentação do Senhor chegou ao fim. Ao vencedor servem os anjos de Deus. Alimentam o faminto. Não se apoderou por conta própria do serviço dos anjos, mas Deus lhos enviou.

Agora está definida a posição de Jesus. Ao deixar o deserto para dar início à sua obra, o príncipe deste mundo é seu mais decidido adversário, mas Deus é o seu mais decidido amigo (se for lícito expressá-lo nesses termos humanos).

Jesus tinha somente um princípio, um ponto de vista, uma vontade, a saber, corresponder em tudo ao que Deus esperava.

Duplamente consagrado pela preparação no batismo e pela vitória na tentação, ele vai ao encontro da humanidade que por ele espera.

A arma com que Jesus conquistou a vitória foi tão somente a *palavra de Deus*: "Está escrito". O maligno estava derrotado. A Bíblia é e sempre será a academia dos lutadores de Deus, o arsenal espiritual. – O método mais perigoso do diabo, porém, é que ele próprio recorre a esse arsenal. Conhece-o muito bem, muito melhor do que nós! Ele também passa a usar a palavra de Deus como arma, mas como arma contra nós. Procede assim, usando de forma impura a arma da palavra de Deus, abusando dela, retirando-a, p. ex., do seu contexto, distorcendo-a um pouco etc. Nesse momento é importante dizer com redobrada vigilância, correspondendo ao exemplo de Jesus: "*Também* está escrito". É mais necessário ainda brandir a espada da palavra contra o "rei infernal, das trevas, do mal".

4. A primeira atuação de Jesus na Galiléia, 4.12-17

(Mc 1.14s; Lc 4.14s)

Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso[a], retirou-se (em fuga) para a Galiléia;
e, deixando Nazaré[b], foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali;
14 **para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías:**
Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios!
O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.
Daí por diante[c], passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

Em relação à tradução

[a] No texto original a palavra expressa que o batista foi entregue ao poder daqueles que o julgaram. Não é dito aqui quem foram eles. Seguramente Deus está por detrás também desse acontecimento. Cf. o exposto em relação a Mt 2 e cf. 11.2-19.

[b] Até à sua terra natal o Senhor renuncia!

[c] Cf. o exposto em 2.7 sobre o grego *tóte*.

Tudo o que o evangelho de João narra nos cap. 1.43 a 4.54, está condensado aqui dos v. 12 a 17. Jesus evade-se em fuga da Judéia para o norte, para as terras limítrofes da Galiléia. Seu campo de missão não vem a ser a Galiléia propriamente dita, mas as regiões fronteiriças da Galiléia, ou seja, onde já vivem pagãos (por isso Mateus diz "Galiléia dos povos gentios". No grego usa-se para povos e pagãos o mesmo termo: *éthnos*. Ali o Senhor inicia sua atividade. Assim como se podia encontrar retrospectivamente no AT o lugar de seu nascimento, Belém, e o lugar de sua vida oculta, Nazaré, também se podia enxergar no AT o lugar de vida e atuação do Senhor, a saber, Cafarnaum e a região em torno do lago Genezaré, até o território da fronteira, no qual já viviam os gentios. Mateus tem em mente Isaías 9.1s!

Pelo fato de que, com a sua prisão, João Batista não pode mais "clamar" em alta voz, o próprio Senhor dá prosseguimento à função de arauto. No texto original sempre se faz diferença entre "evangelizar" e "ensinar". Para a função de anunciar e evangelizar sempre se usa "ser arauto", "proclamar como arauto". O conteúdo da mensagem de arauto do Senhor é literalmente o mesmo da palavra de João: "Arrependei-vos!" Esse "arrependei-vos" é a primeira palavra que o Senhor anuncia em voz alta. Da mesma maneira como João (cf. o exposto sobre 3.2), também Jesus entende o arrependimento como "conversão". Também para ele a conversão é a primeira letra no alfabeto do discipulado no reinado dos céus. A conversão em toda a sua radicalidade e totalidade. Cf. 9.35.

Toda a diferença entre Jesus e João consiste apenas em que João esperava como iminente o que Jesus formula como presente! Uma segunda afirmação é feita por intermédio da citação da passagem de Isaías: Na terra das sombras da morte e das trevas brilha a grande luz, que é Jesus. Com que esplendor a palavra da luz brilha novamente no sermão do Monte, no cap. 5. Com que novidade e grandeza resplandece depois no quarto evangelho!

Que maravilhosa harmonia entre todas essas palavras e figuras do AT e do NT. Lá Isaías 9.1s; 60.2 etc., e aqui repetido no NT, do primeiro ao último livro e página.

5. A vocação dos primeiros discípulos, 4.18-22

(Mc 1.16-20; Lc 5.1-11)

Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores.
19 **E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.**
Então eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram.
21 **Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os.**
Então eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram.

A escolha desses discípulos foi preparada. De acordo com Jo 1.37, André e João eram alunos *do Batista*, através do qual conheceram o Senhor Jesus. Eles seguiam a Jesus, mas ainda não estavam constantemente com ele. Paralelamente exerciam ainda de tempos em tempos seu ofício de pescadores (cf. Lc 5.1-5). Agora foi-lhes feito o chamado para abandonarem totalmente sua profissão. A palavra de Jesus, no original "para cá!", "atrás de mim!", lhes diz: Está na hora! Agora preciso de vocês! Por isso venham. Atrás de mim!

O chamado de Jesus exige muitíssimo. Mas também promete muito! "Imediatamente" (sempre a mesma palavra, tão amada por Mateus, que a usa 19 vezes), "no mesmo instante" deixaram para trás suas redes, seu pai e o barco.

São dois pares de irmãos que Jesus chama.

O primeiro par de irmãos chama-se Simão e André. São originalmente procedentes de Betsaida. Essa localidade situa-se fora da Galiléia, a leste do rio Jordão (Jo 1.44).

O segundo par de irmãos eram os fillhos de Zebedeu! O pai é mencionado somente nesta passagem. De acordo com Mc 15.40, a mãe chamava-se Salomé. Quando são mencionados juntos, Tiago é citado primeiro. Deve ter sido o mais velho, enquanto João era o mais novo.

Junto com Pedro, eles formaram, dentre os 12 discípulos, o círculo mais estreito dos confidentes de Jesus. Em Mateus são mencionados, além da passagem citada, somente mais uma vez, em 10.2!

6. A atuação mais ampla do Senhor, 4.23-25

23 **Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades[a] entre o povo.**
E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou.
E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam.

Em relação à tradução

[a] Cf. a coincidência literal com 9.35. No texto *coiné* de 9.35 encontra-se ainda literalmente "entre o povo".

Mateus fornece uma visão geral da primeira atuação do Senhor na Galiléia. Ele relata do falar e agir dele. No falar ele distingue entre *ensinar* e *anunciar* (pormenores sobre a diferença no original, entre ensinar e anunciar, ver o exposto no v. 7 e 9.35). Quando Jesus se apresenta na sinagoga, Mateus usa o verbo "ensinar", referindo-se ao ensino e à discussão. "Anunciar" significa proclamar a notícia como um arauto. Significa oferecer o evangelho, transmitir uma boa notícia. Em Mateus a mesma expressão se encontra ainda em 9.35; 24.14; 26.13. Em Mt 5.2 o evangelista utiliza

conscientemente a palavra “ensinar”, mesmo que o local não tenha sido uma sinagoga! Por que o faz saberemos depois, na explicação do sermão do Monte.

VII. O PRIMEIRO BLOCO DE DISCURSOS, 5.1–7.29

Observação preliminar

Não é preciso expor mais uma vez como Mateus subdividiu as palavras do Senhor em 5 grupos de discursos evangélicos. Isso já foi dito nas orientações gerais da Introdução ao evangelho de Mateus.

Com o sermão do Monte inicia, agora, a formidável novidade que Jesus tem a dizer à sua comunidade! O sermão do Monte é a grande abertura daquilo que Jesus quer comunicar, ponto por ponto, sobre a “lei régia”, a perfeita lei da liberdade, sobre “a palavra que está plantada em vocês” (Cf. Tg 2.8,10,12 etc.)!

O sermão do Monte encontra-se nas primeiras páginas do NT.

O que Jesus ensina nele será concretizado antes e primeiramente nas palavras e acontecimentos de sua própria vida.

No seu agir Jesus realizará e executará pessoalmente o que está dando como tarefa aos seus discípulos nesse sermão do Monte. Ao segui-lo, os discípulos deverão transformar em ação o que ele está pedindo deles neste discurso. Assim deverá surgir uma história que seja para todos os tempos a palavra de Deus convertida em realidade. Essa palavra de Deus feita palpável será, então, *a comunidade de Jesus Cristo*. E essa comunidade de Jesus Cristo deve tornar-se a continuação da vida de Jesus através de todos os tempos até que *ele* venha!

Por isso a comunidade de Jesus Cristo torna-se uma grandeza absolutamente real. Vale inteiramente para ela a característica da visibilidade.

A CARTA MAGNA DO REINO DOS CÉUS
O SERMÃO DO MONTE
(cap. 5–7; cf. Lc 6.20-49)

1. Introdução, 5.1,2

(Lc 6.17,20)

1 **Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos;**
e ele passou a ensiná-los, dizendo:

Diante da pergunta a quem se dirige o sermão do Monte, respondemos que se dirige aos discípulos. São eles os interpelados. Por isso o Senhor, de acordo com Lucas (6.20), dirige “seus olhos” para eles e diz: “Felizes são vocês”! E Mateus diz: “Aproximaram-se dele os seus discípulos”. Entretanto, como Jesus gostaria que também as multidões ouvissem o que ele diz, ele abre a sua boca, o que significa que falou em voz alta. Todos eles devem saber o que Jesus diz àqueles que são seus discípulos e espera deles. Quanto às multidões, o final do sermão do Monte diz: “Estavam assustadas da sua doutrina, porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como seus escribas”. Os ouvintes do sermão do Monte, portanto, são dois grupos: os discípulos e o povo.

Porém o ensino dirige-se aos discípulos. Por isso o sermão do Monte é doutrina para os seguidores. Expõe diante dos olhos de todos os discípulos, e por extensão também diante da comunidade de Jesus na terra, os princípios pelos quais precisa guiar-se a nova vida de fé. – Por ser doutrina para os discípulos, é injustificada qualquer generalização das exigências do discurso do monte para além do círculo dos seguidores. O não-cristão estaria sobrecarregado. Mas não somente ele. O próprio cristão que está no discipulado não pode cumprir a partir de si as exigências de Jesus. Com a constatação de que somos totalmente incapazes de realizar o que o Senhor requer, avançamos para o verdadeiro ponto central da nova vida. Todas as religiões do mundo esforçam-se por estabelecer normas cujo cumprimento permanece nas esferas do humanamente alcançável. Jesus, e com ele o NT, exigem algo humanamente impossível. Por que o Senhor faz isso? Para que fique revelado que, a partir de nós próprios, não somos nem podemos nada.

Por essa razão o sermão do Monte não consiste apenas de ordens e exigências, mas simultaneamente ele doa e presenteia muito mais. Oferece-se, àquele que de si não é nem consegue nada, forças do mundo vindouro.

2. As bem-aventuranças, 5.3-12

(Lc 6.20-26)

3 **Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.**
4 **Bem-aventurados os que choram[a], porque serão consolados.**
5 **Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.**
6 **Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.**
7 **Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.**
8 **Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.**
9 **Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.**
10 **Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.**
11 **Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós.**
12 **Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.**

Em relação à tradução

[a] Schlatter opina que "os que choram" significa os que estão de luto por entes falecidos. Mas isso com certeza é um pouco unilateral, pois não ficaria compreensível a ligação com a primeira bem-aventurança.

Observação preliminar

Assim como temos oito bem-aventuranças, também temos oito exclamações de ais no evangelho de Mateus. Primeiro ouvimos de nosso Salvador as exclamações de felicidade. Com elas inicia sua primeira grande pregação. Somente mais para o fim de todos os seus discursos Jesus proclama os oito ais sobre os líderes espirituais, os representantes da igreja judaica. Por não terem seguido ao chamado de bem-aventurança do Senhor, esses escribas farisaicos tornaram-se maduros para a condenação do Senhor. Uma advertência séria também para nós!

3 Bem-aventurados o humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus!

É possível traduzir bem-aventurados com "felizes" ou "extremamente felizes". Também podemos dizer "muito benditos", sim, dignos de inveja são aqueles que…

Quem são, pois, os que são enaltecidos como tão felizes? São os ricos? São os fariseus?… Não, são os pobres!

Geralmente se traduz: "os pobres *de* (ou *em*) espírito". Pensamos que tal versão não expressa inteiramente o que está sendo dito. A locução "*pobre de espírito*" está em contradição com o restante do NT, em que não são enaltecidos os *pobres* de espírito, e sim os que são *ricos* de espírito, ricos *em Deus*. Sim, o NT todo pressiona para que sejamos ricos em Deus, cheios do Espírito Santo. Assim seremos bem-aventurados no Senhor.

Considerando que no grego a forma dativa em que se encontra a palavra **espírito** também pode ter um significado *causativo* (cf. Rademacher e BI-D, Gramática no NT), podemos traduzir: Bem-aventurados aqueles que são pobres, tornaram-se pobres *por meio* do agir do Espírito Santo! Os que pelo Espírito Santo deixaram-se ficar pobres em si próprios, tão pobres que estão com o coração completamente arrasado e quebrantado – são eles que são *exaltados como felizes*.

Com essa afirmação da primeira bem-aventurança já se estabeleceu a enorme diferença contra os escribas farisaicos. Os fariseus diziam: Quem cumpre a lei com toda a exatidão é rico em Deus. Quem, além disso, ainda observa literalmente todas as tradições transmitidas dos pais, a *Halachá*, é *muito rico* em Deus.

A isso Jesus diz um grande *não*, ao afirmar: "Ser pobre, quebrantar-se, converter-se é o único caminho para entrar no reino dos céus" (Cf. Jo 3). Já a primeira bem-aventurança declara a mesmíssima coisa que João Batista expressou através do chamado ao arrependimento e Jesus, prosseguindo esse chamado, confirmou, (cf. o exposto em 3.13ss e 4.17)!

4 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

A tradução "os que choram" é muito limitada. Os que se lamentam são também, e especialmente, aqueles que descobriram toda a miséria do "eu" corrompido pelo pecado. Sua tristeza é resultado daquele susto abissal diante da natureza pecadora cabalmente decaída e condenável do ser humano, diante do abismo cheio de veneno do pecado. Nessa situação totalmente desesperadora da pessoa, unicamente o Senhor pode proporcionar o consolo, a saber, que só ele consegue *vencer*.

5 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

O termo grego para mansidão inclui o oposto da ira, da irritação, do melindre que se consome em mágoas e geme de amargura. Dito positivamente, mansidão é: "ser amável, sem amargura". Portanto, são bem-aventurados os que são capazes de suportar sem amargura e sempre de modo amigável as cargas pesadas que lhes são impostas. Para qual atitude precisamos de mais força, para reagir teimosamente e revidar quando pessoas se opõem a nós, ou para permanecer objetivos e amáveis?

"Herdarão a terra", isto é, a atitude de suportar pacientemente e com amor exerce uma influência benéfica que supera a baixeza. Poderes vitoriosos emanam de uma vida dessas. Pessoas mansas submetem já agora a terra ao reinado de Deus.

Entretanto, não faz parte da "mansidão" que aceitemos calados a injustiça de outros como se fosse justa. Injustiça continua sendo injustiça. Por isso o manso aguarda pelo tempo e pela oportunidade para esclarecer ao outro com objetividade e amizade (mais precisamente, com verdade e lealdade) qual é a injustiça dele. Se o outro não aceitar o alerta, o manso não se enche de ira e ódio, e sim de paciência e força para suportar, entregando tudo àquele que julga com justiça. O manso sabe esperar!

6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Ter fome e sede é o mesmo que "perseguir a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Satisfação e refrigério por meio de Jesus há somente quando temos fome e sede, quando desejamos ardentemente agir em tudo como agrada ao Senhor, em pensamentos, palavras e ações. Por conseguinte, a justiça é dádiva, que não se conquista com esforço, e sim se recebe de presente. Justiça não é produzida, mas recebida. Novamente, que contraste com a "justiça dos fariseus" (Cf. sobre v. 20)!

7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Misericordiosas são as pessoas profundamente comovidas e perplexas com o fato de que, da parte de Deus, lhes está sendo presenteado continuamente algo ao qual não teriam o mínimo direito. Sentem-se envolvidos pela misericórdia de Deus, assim como o mar envolve totalmente o peixinho. Por estarem envoltos permanentemente pelo mar da misericórdia de Deus, que aponta para as eternidades *antes* de todos os tempos (Ef 1.4) e que perdurará além de nosso breve tempo de vida para todas as eternidades, não podem sequer ser diferentes do que misericordiosos diante dos outros. – O fariseu era misericordioso somente com pessoas do seu nível, não com publicanos, pecadores e gentios.

8 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

O termo "coração" refere-se a toda a vida anímica, ou seja, ao pensar, sentir e querer! Assim como no próprio Deus tudo é verdade, sinceridade e pureza, também os de coração limpo têm a vida cheia de verdade, sinceridade e pureza! O exterior é revelação do interior. O ser é tudo! Aparência não é nada. Impureza é estar separado de Deus. Porém, aos que são verdadeiros e puros no coração, é dado ver a Deus. Em Jesus já se pode ver Deus agora. Como é maravilhoso contemplar o Senhor desde já na sua palavra. Mas como será imensuravelmente maravilhoso no futuro!

9 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Ser "pacificador", ou literalmente "realizar a paz", é algo bem diferente do que conservar a paz tolerando e suportando as adversidades. Pacificador, como já diz a palavra, é alguém que estabelece a paz, que faz a paz entre pessoas. Assim como o ar está sempre cheio de todo tipo de bactérias, a atmosfera espiritual sempre está carregada com os bacilos da briga, do melindre, da inveja, da desconfiança etc. Disso resulta, por "contaminação", a discórdia. É para dentro dessa situação que o pacificador deve constantemente produzir a paz. Fazendo-o, realiza no varejo o que Deus realizou e continua realizando. Ele, o Deus da paz, estabeleceu a paz entre si e as pessoas, entre si e seus inimigos! Qual é, pois, a felicidade dos pacificadores? São *filhos de Deus*. – Não se lê "crianças" de Deus mas, como no v. 45, "filhos". É inimaginável o que significa ser filho de Deus. Leia Romanos 8 (cf. Rienecker, *Comentário aos Efésios*).

10-12 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

Esta é uma palavra estranha para o homem natural. Na sua opinião, os cristãos são pessoas dignas de pena. Pela sentença de Jesus, porém, são pessoas invejáveis, que a toda hora têm motivo de alegrar-se com júbilo, sim, com saltos.

O cantor do Salmo 73 entoa: "Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (v. 26). Este é, pois, o segredo da alegria no coração, a saber, ter o suficiente em Deus. Mesmo que o mundo inimigo de Deus jogue na prisão pessoas como Paulo e Silas, que lance na fornalha de fogo os três amigos de Daniel, *uma coisa* não lhes pode tirar: a comunhão com Deus. E mesmo que se aqueça a fornalha sete vezes mais do que de costume, o Senhor entra no fogo ardente como o quarto aliado.

Lemos no v. 12: **Porque é grande o vosso galardão nos céus**. Disso poderíamos deduzir que a comunidade sofre tantas coisas porque, afinal, será recompensada, porque em última análise representa o pensamento de mérito e recompensa dos fariseus, devotando-se novamente à justificação pelas obras. Mas esse é um grande erro. O texto não se refere ao consolo por uma recompensa no além. Na expressão "nos céus" podemos certamente interpretar: "reinado dos céus". Como já dissemos, esse reinado dos céus consiste de duas esferas, uma já iniciada e outra ainda futura. Ambas existem simultaneamente, sobrepõem-se, situam-se lado a lado e não uma depois da outra.

Logo, não se deveria falar de um seqüência temporal das duas esferas e da posterior recompensa, mas da simultaneidade do sacrifício de sofrimento dos discípulos e da aceitação pelo Senhor já agora. Em outras palavras: Quando aqui se está rejeitando, lá se está reconhecendo. Enquanto aqui em baixo as pessoas ferem os discípulos, o Senhor os trata e cura. Enquanto aqui as pessoas lhes causam injustiça, o Senhor lhes faz o bem sem cessar, já aqui e agora, mas de forma inicial (incógnita). Porém então o fará de modo pleno (público), glorioso e grandioso, para todas as eternidades.

Seria melhor traduzir a palavra "recompensa" com retribuição no sentido de gratidão, de presentear com glória divina imerecida. Esse presente da glória de Deus será conferido ao seguidor de Cristo realmente, i. é, visivelmente para todas as eternidades, sem fim, em crescente plenitude. Um presente desses não está em nenhuma proporção com nosso sofrimento e trabalho para o Senhor. Por isso não se pode falar de interpretar a palavra "recompensa" no sentido de "pagamento por um serviço prestado"! (Cf. detalhes sobre o chamado pensamento meritório, em Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel zum NT*). Cf. também o exposto sobre 6.1.

3. O caráter de compromisso do evangelho: As parábolas do sal, da luz e da cidade sobre o monte, 5.13-16

13 **Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.**
14 **Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte;**
15 **nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire[a], mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.**
16 **Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.**

Em relação à tradução

[a] Alqueire é uma medida de volume em que cabem 12,5 litros.

Obsevação preliminar

Aqui temos mais um contraste formidável: o sofrido e ofendido discípulo de Jesus, do qual se falou nos v. 10-12, é o sal da terra e a luz do mundo e a cidade sobre o monte.

13 Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

O pequeno grupo de discípulos no monte, todos eles pessoas simples, e em sua continuação a comunidade de Jesus, devem ser sal da *terra*! Deduz-se que a terra é comparável a uma comida indigesta. Atualmente pode-se constatá-lo de novo em vista de tanta crueldade! Às vezes nos vem a

pergunta por que este mundo decaído de Deus e, por isso, indigesto, não se arruinou há muito tempo em sua podridão e por que a paciência de Deus ainda continua. – Por causa do sal divino que ainda está no mundo, Deus poupa o mundo e retarda o seu julgamento definitivo!

Em meros termos de quantidade, a relação entre o número de seguidores de Cristo e o mundo será semelhante à proporção entre o grão de sal e a co-mida. Por isso é preciso não esmorecer por estar sozinho como cristão em um contexto ateu numericamente superior. O cristão continua tendo o chamado de salgar o seu contexto como uma comida. Essa é a promessa ao cristão que vive solitário. Na verdade, quantas vezes o poder de salgar de um pequeno grão foi imensuravelmente eficaz.

Ser sal é uma vocação importante. Entretanto, quem quiser cumpri-la precisa saber do sacrifício que está ligado a ela. Pois, quando o sal quer cumprir sua tarefa, precisa dissolver-se. O serviço do sal sempre acontece pela entrega de si próprio.

O sal que não se entrega, o sal que permanece no saleiro, perde o seu poder de salgar e por nada será revigorado como sal. No tempo de Jesus, o sal (obtido às margens do mar Morto ou de pequenos lagos na beira do deserto da Síria) facilmente adquiria um gosto insosso e mofado por causa da mistura maior de gesso ou restos de plantas. Por isso não podia ficar muito tempo armazenado. Precisava sair do saleiro, entrar nas comidas. – Assim os cristãos vivos precisam inserir-se no meio do mundo. Ademais, quando se diz que os discípulos devem ser sal da terra, o seu serviço de sal não tem limites. Eles são colocados em relação com a humanidade toda e com todas as suas esferas, também as esferas cultural, econômica e política. A palavra do sal vale não apenas horizontalmente até os confins da terra, mas também verticalmente, em todos os âmbitos da vida do ser humano de baixo para cima. – Assim, a primeira palavra do evangelho também é a última, a qual mostra aos seguidores de Cristo sua tarefa como sal da terra.

Expressando-o de outro modo: Ao cristão se diz que, aquilo que ele recebe da palavra e da oração, não o recebe para si sozinho. O sentido da pregação evangélica da palavra não é um estilo edificante na igreja, um clima emocionante e cerimonioso. Não, o sentido da palavra do sal é "trabalhar", "agiotar" com o que nos foi confiado. Todo o mais é sal que não é sal e luz que não alumia. – Nada causa tanta aversão como um cristianismo egoísta que fica indiferente diante dos que ainda estão do lado de fora. Isso não é sal, mas sujeira, que para nada mais serve que ser lançado fora e pisoteado pelas pessoas. Uma palavra abaladora! Uma palavra de juízo com efeito profético incrível! "Não ter mais nenhuma outra utilidade que ser pisado!" Uma palavra terrível sobre um cristianismo que apenas se auto-satisfaz e não trabalha nem se multiplica.

14-16 Vós sois a luz do mundo! Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus!

Se os discípulos devem ser a luz do mundo, está subentendido que o mundo é um único grande espaço escuro. Nessa escuridão as pessoas se batem, ferem-se no corpo e na alma. Quem traz luz para dentro dessas trevas, que significam noite e desesperança totais, é unicamente Jesus e sua turma de seguidores "iluminados" por ele!

Assim como o sal se dissolve no serviço, também a luz se desgasta ao brilhar! Novamente enfatiza-se aqui a grande idéia de compromisso e sacrifício do serviço de discípulo. Singularmente a palavra de "não colocar debaixo do cesto" é dedicada a essa idéia de compromisso. Por isso Jesus não diz: Mostrem suas obras, exibam-nas a todos!, mas declara: Assim como a tarefa da luz é brilhar, assim o dever mais sagrado de vocês é praticar o amor e a correta conduta cristã. A palavra de Jesus está tão distante do exibicionismo com a obra de amor quanto do não-testemunho temeroso, do não querer testemunhar! Há uma sutil diferença entre *mostrar-se* com sua "fé" e suas "experiências com Deus", e *testemunhar* a fé! A primeira é ação do "eu" religioso, a segunda é o agir de Deus! Somente por essa última o Pai no céu será glorificado. Nisso está o *maravilhoso* do testemunho, mas nisso reside também o *perigo* de se dar um relato de fé sobre suas experiências com o Senhor!

No texto grego, com muito mais evidência do que na tradução, a frase **brilhe a vossa luz diante dos homens** faz cair a ênfase sobre "luz" e não, p. ex., no "vossa". Do texto original evidencia-se, portanto, que é a luz que tem de brilhar. O discípulo tem somente a incumbência de permitir a livre circulação aos raios da luz, de não interpor-se no caminho da luz!

Esse pensamento aprofunda, a partir do original, o que já afirmamos acima em relação ao testemunho correto!

É significativo constatar onde Jesus diz que reside a força dos seus discípulos para brilhar: eles iluminam o mundo com o seu *agir*. Em outras passagens da Escritura, o peso é colocado sobre a *palavra* dos discípulos. Aqui vigora, não a palavra que eles proclamam, mas a *obra* que realizam. Jesus está dizendo: Se vocês discípulos realmente *fizerem* aquilo para o que eu os chamei neste mundo, então vocês, assim como a luz brilha, realizarão ações diante das quais também um não-cristão sentirá que esses feitos são presentes do mundo invisível, sendo dessa maneira direcionado para o Pai no alto, e o louvará!

A partir do texto original grego podemos fazer mais uma descoberta importante. No v. 16b, **para que vejam as *vossas* boas obras,** encontra-se uma especificidade lingüística. Pois *vossas* vem antes do substantivo (com artigo definido). Esse tipo de formulação encontramos mais uma vez em 23.8s, onde se lê com ênfase: "Um só é o *vosso* mestre, um só é o *vosso* pai". Ao se enfatizar o "vosso", visa-se conscientemente destacar o contraste. Isso significa, no nosso caso, em v. 16b, que as obras dos outros *não* são obras boas, ao passo que as dos discípulos são *boas*.

A fundamentação para afirmações tão formidáveis é apresentada por Paulo em Ef 2.10.

Outras ênfases extremas do "vosso" como esta encontram-se em 10.30 e 13.16.

Às figuras do sal e da luz Jesus ainda acrescentou uma terceira, a da *cidade sobre o monte*.

O Senhor quer expressar com ela o seguinte: Não há como vocês, discípulos, possam ficar escondidos neste mundo. As pessoas vêem vocês! Reparam em vocês. Assim como não se pode passar ao largo de Jerusalém sem ter notado essa cidade sobre o monte, assim também não pode ser simplesmente ignorada a comunidade de Jesus na terra. Ela, enfim, está aí. Quer o mundo goste, quer não, precisa confrontar-se com ela.

Acaso Mateus não está demonstrando de novo que pensa universalmente, que não se encontra nele nenhum vestígio de judaísmo? Não é verdade que, desde logo, ele entendeu o Senhor integral e plenamente? A palavra do sal e da luz e da cidade sobre o monte mostra, como já expusemos, que o chamado dos discípulos transcende muito além de Israel, que ele abrange todos os povos e nações, a humanidade como tal.

4. O cumprimento da lei do AT por Jesus, 5.17-19

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.
Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem *um* i ou *um* til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra[a].
Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus[b].

Em relação à tradução

[a] Isso significa: A lei de Deus continua em vigor, durante o tempo até que o plano se salvação de Deus alcance seu objetivo e até que haja um novo céu e uma nova terra.

[b] Na glória vindoura dos céus há vários degraus. Há pessoas grandes e pequenas também no reinado dos céus. O menor será aquele que quiser anular *um* desses mandamentos, mesmo que seja o mínimo. Mas aquele que conciliou o agir e o ensinar, este será chamado grande no reino dos céus (cf. Rienecke, *Matthäus-Kommentar*).

Estes versículos propõem questões difíceis. Jesus diz: A lei precisa ser cumprida até no menor mandamento. Cada i ou til tem de ser válido. Se um dos discípulos não observar um dos menores mandamentos ou o declarar insignificante, deverá ser chamado o menor no reino dos céus! Mas o que ensina e "cumpre" até o mínimo mandamento, será considerado grande no reino dos céus.

Na boca de Jesus essas palavras mostram-se como algo impossível. Jesus aparece praticamente como "amigo dos fariseus"! Poderíamos pensar que ele é aliado deles. Pois eram eles os que cumpriam a lei até no menor detalhe!

E agora o Senhor exige a mesma coisa? Isso é inconcebível! Pois observar literalmente as "mínimas" prescrições legais judaicas seria o exato contrário daquilo que o Senhor havia dito antes nas bem-aventuranças e continuava dizendo e vivendo em todo o sermão do Monte e depois.

O que significa aqui "lei" e "menor dos mandamentos"? Que quer dizer "cumprir"?

Do mesmo modo como Deus não pode revogar suas promessas do AT, pelo contrário, enviou Jesus como "sim" e "amém" dessas promessas (2Co 1.20), Deus também não dissolve a lei, mas envia seu Filho para cumpri-la. As profecias do AT equivalem a um recipiente vazio apenas durante o tempo em que o acontecimento ao qual indicam ainda não se tornou um fato. Somente com a realização do acontecimento no NT o recipiente fica cheio. Do mesmo modo, pois, como as profecias estão vazias sem o cumprimento, também a lei está vazia enquanto a obediência que lhe é devida não for prestada. Em Jesus Cristo, porém, profecia e lei foram cumpridas, isto é, tornaram-se "realidade". Em outras palavras: Cumprir significa corresponder com palavras e ações para que aconteça tudo o que profecia e lei requerem! A vida de Jesus foi essa singular "realização do que a profecia e a lei requerem"! Schlatter afirma: "Até agora a lei de Deus era transgredida. Mas agora veio aquele que *faz* o que Deus prometeu e determinou!"

Vejamos alguns exemplos, a fim de esclarecer para nós o recém-exposto cumprimento da lei através do procedimento e da vida de Jesus! Quando olhamos para a vida de Jesus, pensamos inicialmente: O Senhor está dissolvendo a lei:

- Jesus não obedece o mandamento do sábado (cf. Mt 12.1-14; Mc 2.23-28; Lc 6.1-5; 13.10-17; 14.1-5; Jo 5.9-16; 9.14-16);
- Jesus transgride os mandamentos do jejum (Mt 9.14s; Mc 2.18-20; Lc 5.33);
- Jesus ofende as ordens de purificação (Mt 15.1-20; Mc 7.1-23).

Se, pois, o Senhor transgride dessa maneira a lei, em que consiste o cumprimento da lei? O cumprimento da lei, como Jesus o entende, não consiste em observar, por fora, mecânica e textualmente os mandamentos e todos os acréscimos e adendos (*Halachá*); "o amor é o cumprimento da lei!"

Tomemos apenas um exemplo para elucidar uma vez o "cumprimento" da lei afirmado por Jesus. O mandamento do AT "amarás o teu próximo como a ti mesmo" foi interpretado pelos escribas como segue: Você precisa apenas amar o membro da sua comunidade: o fariseu somente os fariseus etc., pois unicamente o colega é o próximo, e mais ninguém. Amar o coletor de impostos e o pecador e até mesmo o gentio não era apenas desnecessário mas até contra o mandamento de Deus. – Assim agiam os fariseus (cf. o exposto sobre 5.43ss).

Jesus diz: O amor deve ser levado a *cada um*, também ao publicano, ao pecador e ao gentio, o qual para o fariseu não passava de escória da humanidade, plebe da rua. Se alguém matasse um gentio, o tribunal judeu não citaria essa pessoa, por ser considerado um caso não culpável. Pois "assassino é somente aquele que mata um concidadão!" Essa interpretação os escribas fizeram da lei.

Nessa perspectiva do seu mundo contemporâneo podemos agora entender o que Jesus afirma quando diz que, através dele, a lei deveria ser levada ao *cumprimento* até o i e o til. Quando cada pessoa (para retornar ao exemplo acima), também a inimiga, for amada até mesmo com o amor ágape, somente e unicamente então a lei e os profetas são cumpridos no seu sentido real, até o i e o til. "O amor ágape é o *cumprimento* da lei."

Por conseqüência, os v. 17-19 não revelam de modo algum uma associação com os fariseus. Tampouco se explicam como acréscimo posterior judaico-cristão, como pensam alguns teólogos. Pelo contrário, justamente as palavras de "fidelidade à letra" fazem-nos reconhecer de modo mais profundo a sua missão como o autêntico e verdadeiro *cumpridor* da lei do AT. As palavras seguintes do sermão do Monte ainda o comprovarão melhor.

5. O tema do sermão do Monte, 5.20

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus!

Observação preliminar

Por ser a palavra da justiça excedente tão importante, queremos expor ainda, para aprofundar a sua compreensão, o que Strack-Billerbeck disse sobre ela: "A justiça dos escribas e fariseus é caracterizada por Paulo, aquele apóstolo que, em virtude de sua formação, obtivera uma compreensão exata da opinião dominante dos fariseus, como uma 'justiça a partir da lei', ou como uma 'justiça produzida pela lei e suas obras'" (cf. Rm 3.20; 10.5; Gl 2.16; 3.21; Fp 3.9). Como, pois, pela opinião da velha sinagoga, procede a justiça do israelita a partir da lei e de suas obras? A literatura rabínica ensina sobre isso. A questão é esta: Todo cumprimento de um mandamento, enquanto ato de obediência ao legislador divino, contém em si um

mérito do israelita, assim como toda transgressão da lei acarreta uma culpa perante Deus. Outros méritos diante de Deus são conquistados mediante dar esmolas, jejuar, praticar obras especiais de amor, e não por último pelo estudo da lei. O que estabelece a respectiva posição jurídica da pessoa diante de Deus é a *relação* entre os méritos da pessoa e suas dívidas por transgressões. Quando os méritos *predominam*, a pessoa é considerada "justa" perante Deus. Quando predominam suas dívidas por transgressões, ela é considerada ofensora de Deus.

Ainda não está esclarecida a importante pergunta: O que é cumprir a lei? O que é transgredi-la? A velha sinagoga diz que qualquer cumprimento *literal* da lei deve ser considerado como cumprimento pleno e satisfatório!

Em decorrência, a justiça a partir da lei é construída quando o israelita adquire, pela observância pontual ainda que somente exterior das diferentes prescrições da lei, tal quantidade de cumprimentos e tão grande tesouro de méritos, que as transgressões da lei são excedidas em número e peso. Quando existe essa condição do *mais*, do *plus* na obediência à lei em relação às transgressões, Deus considera a pessoa como "justa".

Jesus não reconheceu esse tipo de justiça: "Se a vossa justiça não se tornar consideravelmente maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus". Mas Jesus não pára aí! Ele também ingressa na luta contra a justiça farisaica proveniente da lei! Isso ele faz destruindo o fundamento sobre o qual se baseia a doutrina dos méritos dos escribas. Esse fundamento era a afirmação de que o cumprimento literal da lei traria como conseqüência jurídica necessária a *justiça* perante Deus.

Contra essa afirmação Jesus protesta em todo o sermão do Monte. O decisivo não é cumprir a lei ao pé da letra: Deus quer uma cumprimento melhor de seus mandamentos, um cumprimento *no espírito e na verdade*.

O significado disso Jesus explica nos diversos mandamentos. Quem considerar o cumprimento dos mandamentos como Jesus, logo reconhecerá que a justiça por mérito dos fariseus acabou de vez. Perante o tribunal da consciência de toda pessoa sincera, ela se desfaz cabal e plenamente! O ser humano reconhece que não é capaz de cumprir nem um mandamento sequer! Não há ninguém que saia daí justificado, nem um sequer!

Até aqui alguns pensamentos de Strack-Billerbeck.

Que justiça é essa que, conforme dizem as traduções, "excede", "transborda", que é "melhor", "mais excelente"? Para podermos responder a essa indagação, vejamos rapidamente a justiça dos fariseus!

Os fariseus acreditavam que, cumprindo exteriormente todos os mandamentos e estatutos, seriam bons perante Deus, i. é, seriam justos por causa da ação produzida. Por isso os fariseus eram chamados de "justificados".

É que, de acordo com a doutrina judaica, existia um tipo de contrato. Como um comerciante, Deus anota continuamente os créditos e débitos da pessoa com ele. Homem e Deus estão face a face como parceiros iguais. Todas as boas obras praticadas pelo homem são registradas por Deus, "com base no relacionamento jurídico-comercial entre ele e a pessoa", como crédito desta. Dito de forma grosseira: Como você age comigo, ajo eu com você. Se você faz boas obras, recebe um ponto de crédito, tem saúde, torna-se rico e é abençoado. Se você não faz nada de bom, ganha um ponto negativo, fica doente, sofre desgraças, empobrece, não é abençoado etc.

Era essa, a grosso modo, a opinião da sinagoga (por isso também podemos entender, entre outras, a pergunta dos discípulos em Jo 9.2).

Como era terrível uma religião dessas! Que blasfêmia é esse rebaixamento da santidade e majestade de Deus ao nível dos homens, como se fosse um parceiro de direitos iguais e no mesmo patamar, como se procedesse igual a um comerciante! Não existe uma profanação pior do Deus três vezes santo! Jesus precisa repudiar total e plenamente essa justiça do mérito e da produção construída sobre a "blasfêmia contra Deus". Ele declara: "A não ser que a justiça de vocês seja em muito maior medida *bem diferente*, uma justiça que exceda em muito a dos fariseus, vocês não poderão entrar no reino dos céus". Essa palavra de Jesus é verdadeira, mas terrível, para todos os fariseus e demais ouvintes, uma palavra que virava tudo do avesso.

Compreendemos inteiramente a palavra final da pregação, onde lemos: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina" (7.28). Elas estavam profundamente abaladas porque Jesus desmascarou cabalmente os fariseus, que por todos eram considerados como "os justos", negando-lhes o reino de Deus de modo radical.

Repetindo: Jesus não revoga a lei, mas cumpre-a ao alçá-la à verdadeira vigência. Quem busca realizar esse sentido verdadeiro da lei logo descobrirá que a justiça excedente, a saber, a justiça bem diferente, produz primeiramente a plena e cabal quebra e bancarrota de qualquer justiça pela

produção (veja as bem-aventuranças em que justamente o ser pobre, a "mendicância" perante Deus, é enaltecida como felicidade, por causar o milagre da meia volta). Esse não ser nada e não saber nada abre caminho para a justiça *de Deus*. E aqueles que agora, pela justiça de Deus, se tornaram totalmente outros, também precisam, como tais, agir de modo totalmente outro, precisam fazer algo de "especial", não por força própria, mas pela força do alto. A expressão "algo de especial" surge textualmente no v. 47. Lá veremos mais!

6. Ira é igual a assassinato, 5.21-26

21 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.
22 Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.
23 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti,
24 deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.
25 Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.
26 Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

Observação preliminar

A forma de expressão "vocês ouviram" pressupõe que os ouvintes conheciam o AT a partir da leitura na sinagoga. Os antigos são os antepassados, que haviam recebido de Deus a lei através de Moisés. A parte que segue ao mandamento: "Quem, porém, matar será sujeito ao julgamento" são palavras de Êx 21.12; Lv 24.17; Nm 35.16ss; Dt 17.8ss. Essas palavras exigem que, quando a vida do outro foi aniquilada, deve acontecer a punição. Na sociedade do povo de Israel exerce-se vigilância sobre a vida de seus membros, castigando-se o assassino com a morte. É o que Deus tinha ordenado – por isso era um dever sagrado. Aplicando a pena de morte, a comunidade do povo efetua a purificação da culpa de sangue em que tinha se envolvido através do seu membro assassino.

21,22 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.

Jesus começa esclarecendo a justiça excedente através de três exemplos dos Dez Mandamentos. Como primeiro exemplo Jesus cita o mandamento **não matarás**.

A frase **eu, porém, vos digo** não quer ser um desprezo aos anciãos, um desprezo que tenta se livrar do passado, um desdém, porém máxima consideração do antigo. A lei é absolutamente santa, é inalterável, é o que persiste e perdura sem mudanças nas modificações do tempo. Mas a lei de Deus não olha para a ação, ela vê mais fundo, observa a *origem* da ação, a mentalidade que está por detrás dela. "Pois do coração procedem os maus pensamentos: homicídio…" (Mt 15.19). Dessa maneira Jesus vai à raiz, ele é radical (*radix* = raiz), mostrando-nos que a ira é igual ao assassinato. Schlatter explica: "Para os judeus era difícil *reconhecer* a natureza culposa de processos interiores do coração (i. é, os processos na alma e as atividades mentais)".

Quando Jesus afirma: Eu, porém, vos digo: **aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito ao julgamento**, as palavras "vos" e "irmão" apontam para os discípulos. É para eles que vale essa palavra do Senhor, porque os discípulos formam uma *irmandade*.

Nessa irmandade não pode existir a ira. Que significa irar-se? Com base no texto original, a ira pode mostrar-se em duas direções: Para dentro e para fora.

Vista para dentro, a ira eqüivale a estar amargurado, estar raivoso contra o irmão, ficar exasperado, carregar rancor dentro de si, distanciar-se do irmão, manter-se separado dele, consumir-se intimamente.

Para fora, irar-se significa estar agitado, enfurecer-se, agredir, ser duro, injusto, externar uma mentalidade áspera, ter acessos de cólera.

Tudo isso é assassinato do irmão.

É transgressão do mandamento: Não matarás.

É uma palavra muito séria de Jesus, que alumia para dentro do último cantinho de nosso coração e nos julga e purifica continuamente. Nosso constante fracasso é trazido à luz. Ter de admitir sempre de novo esse fracasso nos preserva de toda confiança no poder próprio e destroça integralmente toda presunção e todo orgulho. "O homem vê o exterior, porém o Senhor, *o coração*" (1Sm 16.7). Quando no coração se encontram todos os tipos citados de ira, o discípulo já se tornou culpado do julgamento, porque *tornou-se um assassino do irmão*. Como Jesus é extremamente severo com os seus! A sua palavra é "apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12).

Passamos para o segundo aspecto.

Quando a revolta interior ou a fúria exterior são seguidas do duro e amargo insulto *raka*, i. é, "cabeça oca, não faz parte de nós", então esse assassino do irmão deve ser julgado pelo *tribunal supremo* desta terra, o Sinédrio (quanto ao Sinédrio, cf. o exposto sobre 2.4).

Em o terceiro ponto:

Quem se deixa arrastar pela ira ao ponto de agredir o irmão com uma palavra ofensiva como **tolo**, i. é, "vá para o inferno, desgraçado (descrente)", esse próprio deverá ir para o inferno.

De tudo o que foi dito resulta para os membros da comunidade de Jesus que cada um precisa cuidar com extrema exatidão do seu relacionamento com o irmão e examinar sempre de novo, à luz da palavra de Deus, seus pensamentos e suas palavras, e perguntar-se: Como estou em relação a meu irmão? Como ele está comigo? Tão logo um tiver amargura no coração em relação ao outro, ou inveja, ódio, desprezo, satisfação malévola, contrariedade, ou quando um guarda rancor do outro, quando um, irritado, lança uma palavra dura contra o outro, isso é assassinato. Qualquer aborrecimento que continua corroendo o coração é assassinato do irmão.

Lutero afirma: "Tantos membros quantos você possui, tantas maneiras você poderá achar de matar, seja com a mão, a língua, o coração, o gesto, olhando alguém amargamente… não gostando de ouvir falar dele: tudo isso significa 'matar'. Porque nesse caso o coração e tudo o que há em você está disposto a desejar que ele já estivesse morto. E, ainda que a mão fique parada, a língua silencie, os olhos e ouvidos se escondam, de fato o coração está cheio de assassinato e homicídio."

Essa atitude, entretanto, não é apenas assassinar o irmão, mas também escarnecer de Deus. Pois enquanto persistir o rancor contra o irmão, estará interrompida também a ligação com Deus. Podemos notá-lo logo quando tentamos orar (cf. At 9.5c).

Num estado desses, desonraríamos a Deus se quiséssemos entoar hinos de louvor com a comunidade em oração.

Entendemos agora por que Jesus acrescenta os v. 23-26 diretamente depois da palavra do assassinato e da ira.

Após a advertência de teor negativo dos v. 21s, Jesus segue com dois exemplos positivos: Que sejam o lema de nossa vida não a amargura, irritação, inveja e ódio, mas sim o amor e a disposição para a paz.

23-26 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

Os dois exemplos não nos mostram como podemos nos precaver da ira, porém ambos nos mostram como devemos proceder quando já nos tornamos culpados da ira!

No primeiro exemplo alguém está prestes a trazer um sacrifício para o sacerdote ofertar sobre o altar. Aí lembra-se subitamente: Meu irmão tem algo contra mim! Eu o magoei. Jesus diz: Largue sua oferta diante do altar, interrompa a cerimônia do sacrifício, por mais aborrecido que fique o sacerdote com a interrupção, vá primeiro até o seu irmão e reconcilie-se com ele!

Enquanto a relação com o irmão não for passada a limpo, toda oração e leitura da Bíblia e todo culto não somente são inúteis mas também desgastantes e pecado.

Para Deus é muitíssimo mais importante e mais necessário um diálogo, pelo qual se supera uma amargura ou uma perturbação da fraternidade, do que culto e celebração da Ceia.

O primeiro exemplo nos v. 23s elabora a afirmação de Oséias 6.6: "Eu quero que vocês se amem e não que me ofereçam sacrifícios" (BLH), e coloca a reconciliação e o amor acima do culto. O dever da reconciliação existe até mesmo quando não eu tiver algo contra o outro, mas quando este tiver algo contra mim. Jesus nem sequer analisa se sou eu o culpado ou não. Basta que o outro esteja irado e amargurado comigo. Eu devo ser o primeiro a ir até ele e estender a mão para a reconciliação.

O segundo exemplo reveste com a forma de uma parábola a mesma exigência de estar pronto para a reconciliação. Estenda a mão enquanto você ainda está junto do irmão. E, quando todas as tentativas de entendimento fracassaram, devemos ainda aproveitar e explorar com toda seriedade a última chance e possibilidade, antes que aconteça a ruptura definitiva. Sublinhando as palavras de Jesus, Paulo diz em Romanos 12.18: "Façam todo o possível para viver em paz uns com os outros" (BLH).

Quando, porém, apesar dos mais sérios e sinceros esforços, não é possível manter a paz, então *aguarde*. Não exploda em ira, nem engula o problema, mas *entregue-o* a Deus. Espere silenciosamente até que Deus mesmo talvez mude a situação! Deixe-a amadurecer! Você, apesar disso, continua amado por Deus. "Não vos vingueis a vós mesmos, amados mas dai lugar à ira [divina]" (Rm 12.19). Essa referência à retribuição de Deus no juízo não abre caminho para a necessidade humana de vingança. Pelo contrário, os versículos seguintes do cap. 5, da bofetada, do amor ao inimigo etc., evidenciam que o discípulo de Jesus precisa, sempre de novo, oferecer amor em troca do ódio, bênção em troca da maldição!

7. Impureza de pensamentos é adultério, 5.27-32

27 **Ouvistes que foi dito: Não adulterarás.**
28 **Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.**
29 **Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.**
30 **E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno.**
31 **Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio.**
32 **Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.**

27,28 Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.

Mais uma vez o Senhor vai até a raiz, i. é, até o mundo dos pensamentos, o local em que se origina a ação. Pois "do coração procedem os maus desígnios, […] adultérios, prostituição…" (Mt 15.19).

No judaísmo predominava a opinião de que a mulher era um ser inferior, que sempre puxava o homem para baixo. Por isso o judeu piedoso não podia olhar para uma mulher. O farisaísmo pensava que, desse modo, estaria servindo severa e conscienciosamente à castidade! Por isso o escriba também ensinava: "Não fale muito com uma mulher. Todo o que fala muito com uma mulher atrai desgraça para si, e no final herdará o inferno. Por isso não fale com uma mulher na rua, ainda que seja sua própria esposa, filha ou irmã. Pois nem todos conhecem seu parentesco!"

Pela mesma razão não se permite que a mulher sirva o homem, nem se saúda uma mulher. Todas essas eram determinações dos fariseus.

Falar com um ser feminino era proibido porque, ao falar, era necessário olhar para a mulher. Olhar para uma mulher, porém, era pecado, inclusive olhar para seus vestidos coloridos. Havia um grupo entre os fariseus que, para não terem de, por engano, olhar para uma mulher, sempre andavam pela rua com os olhos semi-cerrados. Por se machucarem freqüentemente nesse procedimento, esse grupo se denominava "os fariseus da perda de sangue".

Tantos esforços para evitar olhar para uma mulher partiam do ponto de vista de que a mulher era apenas um ser sexual que seduzia o homem para o pecado. Dizia-se que a voz da mulher faz parte da indecência, os cabelos da mulher fazem parte da indecência etc.

É terrível ver quanto a mulher foi humilhada, quanto foi exposta ao desprezo pelos fariseus. A castidade rígida e legalista dos fariseus na verdade nada mais era que dura falta de amor e incrível orgulho diante do sexo feminino.

Como era diferente, agora, a atitude de Jesus diante da mulher. Jesus não rejeita de modo algum que se olhe para a mulher, condena apenas olhar para ela com desejo. Por isso o adendo **com intenção impura**. "Desejar" refere-se ao "desejo egoísta, pecaminoso". Em outras palavras: Quem transgride o mandamento da castidade não é aquele que chegou ao ponto de executar a ação de adultério, mas já é um adúltero quem contempla com olhares desejosos uma mulher casada ou noiva (ou seja, quem se imagina como seria se pudesse considerar aquela mulher como sua). Porque o matrimônio alheio deve ser considerado sagrado e inviolável. – Entre os sexos, no entanto, deve acontecer um relacionamento puro, puro em pensamentos e palavras. Não há a menor menção de uma vida ascética.

Encarar a mulher do outro, falar-lhe com pureza, permitir que ela o sirva (pela concepção farisaica o abençoado ministério da diaconia feminina não seria nada mais que transgredir a castidade), dirigir uma saudação à mulher, não considerar sua voz e seus cabelos como algo indecente, tudo isso não representa falta de castidade. Pelo contrário, é um procedimento imperioso em respeito e honra à mulher, criada e dada por Deus para servir à vida orgânica e eterna.

Quem se posiciona diante da mulher da maneira como Jesus exige, cumpre até o i e o til do mandamento **não adulterarás**. Procede assim por amor e máximo respeito diante do sexo oposto.

Contrariamente, quem fecha os olhos, recolhe a mão e não saúda nem fala com a mulher, magoa e despreza-a profundamente. Fere, assim, também a sagrada ordem da criação de Deus, ofendendo-o, ele que é o Senhor da criação.

O próprio Jesus não apenas olhava para as mulheres, mas também conversava com elas, o que seria impossível entre os fariseus (cf. Jo 4). – Dos discípulos o Senhor exige bondade e respeito para com a mulher. É correto falar desinibidamente com a mulher, pois ela não é o ser inferior como pensavam os fariseus, mas, sim, antes e profundamente, uma criatura de Deus igual ao homem. T. Bovet afirma: "Constitui um dos mais profundos mistérios da criação de Deus que a integralidade não foi atribuída à pessoa individualmente, mas está repartida entre ambos os indivíduos, homem e mulher". Essa ordem dual é uma ordem original que abarca toda a vida orgânica. Porque toda a vida provém de Deus, ela traz em si a impulsão de expandir-se incessantemente por meio dessa dualidade.

A exigência de Jesus em relação à mulher trouxe como conseqüência a importância de sua posição na história universal. O islamismo apresenta-nos ainda hoje o desprezo à mulher. Precisa usar véu na hora de sair à rua. É trancada no harém. Isso demonstra que, para o mundo dos homens, a mulher deve ser tão pouco visível quanto possível, pois ela nada mais é que o ser que seduz para o pecado. Em algumas sinagogas as mulheres ainda hoje precisam assentar-se no balcão elevado, atrás das grades, para que permaneçam invisíveis aos homens.

"Jesus libertou homens e mulheres uns para os outros da força dominante da sensualidade. Contudo, a premissa desse novo relacionamento é ser discípulo. Quando falta essa premissa, a liberdade facilmente torna-se atrevimento, e a bênção transforma-se em maldição" (Bornhäuser).

Chegamos à segunda parte:

29,30 Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno.

Estas palavras devem ser entendidas em sentido figurado. Elas querem apontar para a resolução incondicional de renunc**i**ar inteiramente a tudo o que, de uma maneira ou outra, pode afastar da fé e levar ao pecado. O rigor da formulação: **Arranca o olho, corta a mão** comprova como Jesus leva extremamente a sério a luta pela pureza, e que influência enorme ele atribui aos membros de nosso corpo no esforço em seguir a Jesus.

Cabe lembrar especialmente aos jovens que há tantas coisas que o olho lê e vê em figuras que podem tornar-se uma tentação, e que a mão sempre de novo quer agarrar essas coisas. Neste momento só existe uma palavra: "Não olhe! Tire isso daqui!" (cf. Pv 1.10; Eclo 21.2!).

Nesse contexto citemos uma palavra séria de Karl Heim: "O flerte e a brincadeira superficial entre jovens, o assim chamado 'ficar' apenas para divertimento, é condenável tanto do ponto de vista biológico quanto do bíblico. O relacionamento frívolo que um rapaz inicia com uma moça, querendo

depois tratar outras do mesmo modo, é um grave ataque ao fundamento do matrimônio, muito mais do que um noivado desfeito, cujas intenções eram sérias. Não existe somente o adultério *dentro* do matrimônio, causado por infidelidade, mas também existe o adultério *antes* do casamento e fora dele, no qual acontece algo que dissolve toda a ordem do matrimônio como tal!"

Chegamos à terceira parte:

31,32 Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.

Para compreendermos bem o que Jesus está dizendo sobre a questão do divórcio, é necessária um descrição exaustiva do divórcio facilitado naquela época pela prática dos fariseus. Não conseguimos sequer imaginar o quanto eram trágicas a confusão e a destruição nessa área.

O documento de divórcio protegia a mulher de ser arbitrariamente mandada embora de casa. O documento de divórcio servia de atestado de que a mulher separada podia contrair novo matrimônio.

De modo muito leviano, porém, o farisaísmo definia, com base em Dt 24.1, os motivos pelos quais uma o homem podia despedir sua mulher. De acordo com essa passagem, um homem podia demitir sua esposa com uma carta de divórcio quando tivesse encontrado nela **coisa indecente** (vergonhosa). Apesar de Deus ter estabelecido que o matrimônio é indissolúvel, que "os dois são uma só carne", e que o ser humano age contra a vontade de Deus quando desfaz o casamento, Moisés (e não Deus) tinha permitido, porém não ordenado, o divórcio. "Por causa da dureza do coração" (Mt 19.8) Moisés tinha permitido a separação, regulamentando-a na lei. O homem não podia dissolver o casamento por um motivo qualquer, mas somente "se encontrasse algo indecente nela".

Havia muita discussão no tempo de Jesus em torno da palavra "indecente". Os adeptos do mestre da lei Shammai entendiam-na como adultério. Contudo, de Dt 22.20ss conclui-se que a interpretação não pode ser adultério, porque este era castigado com apedrejamento. Logo, em caso de adultério não haveria necessidade de uma carta de divórcio.

Os seguidores do mestre Hillel entendiam "coisa indecente" como tudo que o homem pudesse usar como pretexto para uma separação, até coisas inofensivas, de modo que, enfim, cada homem podia alegar qualquer motivo para despedir a esposa. Bastava uma sopa queimada ou outra mulher que agradava mais ao homem. Outros motivos eram: não ter filhos, que a mulher comeu ou bebeu na rua etc. É preciso ler Ml 2.13-15 para ter uma impressão arrasadora das *conseqüências* que a facilidade de divórcio inventada pelos fariseus trouxe para o mundo das mulheres.

A facilidade do divórcio tinha solapado, especialmente no judaísmo do tempo de Jesus, o fundamento da fidelidade matrimonial, levando a mulher a uma dependência do marido como se fosse escrava. Pelo motivo mais fútil o matrimônio podia ser dissolvido rapidamente. Ele era apenas um contrato com curto prazo de rescisão.

Tudo isso é uma abominação para Deus. Ele odeia esse divórcio. É verdade que também havia matrimônios que continuavam unidos apesar de não gerarem filhos (veja Isabel e Zacarias). Mas no geral as separações aconteciam a todo vapor. Os cinco maridos da mulher samaritana são o exemplo mais impactante dessa compreensão leviana do matrimônio.

Para Deus o matrimônio é uma ordem divina e indissolúvel, por isso ele rejeita o divórcio. Somente num único caso Jesus permite a separação, a saber, por causa de adultério!

8. Sinceridade incondicional é a única garantia da verdadeira fraternidade, 5.33-37

Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos.

35 **Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei.**

Nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar *um* cabelo branco ou preto.

Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.

Recordando Lv 19.12, Jesus reafirma a proibição do perjúrio. Depois apoia-se em Nm 30.3 e Dt 23.21s, exigindo o cumprimento de todos os juramentos dados a Deus.

Agora Jesus se volta com clareza e determinação contra o abuso que os fariseus faziam naquela época com o juramento, e contra as exageradas minudências de interpretação quanto a juramentos válidos e inválidos. Diante dos requintes de casuísmos, Jesus afirma a santidade de Deus e a santidade do juramento que compromete incondicionalmente.

De acordo com Jesus, na vida diária não há necessidade nenhuma de juramento para asseverar e confirmar a verdade. Somente a sinceridade total, sem um juramento de garantia, assegura a verdadeira fraternidade. É que os escribas também recorriam, a toda hora, aos juramentos, inclusive para assuntos da vida cotidiana (p. ex., juro que almocei).

Além disso os escribas ensinavam: Não se deve jurar falsamente. O que se prometeu ao irmão apelando para o nome de Deus, precisa ser cumprido incondicionalmente. Todavia, quando alguém jurou em nome do céu, ou da terra, ou de Jerusalém, ou de sua cabeça, esse juramento não precisa ser obedecido. Um exemplo de singular hipocrisia o Senhor apresenta em Mt 23.16ss. Os fariseus eram espertos para fazer uma série de distinções minuciosas: quem jura pelo templo, não precisa cumprir o juramento, mas quem jura pelo *ouro* do templo tem de cumprir sua palavra, sob pena de tornar-se culpado etc.

Jesus interfere firmemente nesse emaranhado mentiroso de juramentos válidos e inválidos, que são apenas manobras de enganar o próximo para trapaceá-lo (pois quem saberia se situar entre o que vale e o que não vale!). Jesus dilacera tudo, pois constitui não apenas falta de sinceridade perante o próximo, mas também abuso vergonhoso do nome de Deus. Jesus afirma: Vocês sequer devem jurar, i. é, vocês não devem fazer uso de todos esses juramentos de corroboração e juramentos compromissivos e não compromissivos. Vocês se enganam se pensam que, com essas artimanhas, podem escapar da maldição divina. Com todas essas fórmulas ajeitadas, que citam o céu e a terra, não se pode enganar a Deus nem esquivar-se dele. Pois o céu é o trono de Deus e a terra o estrado dos seus pés (Is 66.1), e Jerusalém é a cidade do grande rei (Sl 48.2). Afinal, em todos esses juramentos o próprio Deus santo está envolvido. Mesmo jurar pela própria cabeça significa jurar por Deus, pois é Deus quem sustenta a nossa vida, não nós. Por isso também o juramento pela própria cabeça exige cumprimento radical. Schlatter diz: "Ao dispor arbitrariamente sobre coisas que não pertencem ao homem, mas a Deus, o ser humano abandona a posição que Deus lhe havia atribuído".

O discípulo deve dizer sim ou não, i. é, ser *sincero*. Todos os subterfúgios e promessas são **do maligno**, i. é, do diabo (cf. Mt 13.19, onde o diabo é chamado "o maligno"). Quanto à palavra do sim-sim e não-não, cf. Tg 5.12!

Com isso Jesus colocou o relacionamento fraterno sob a ordem singela e simples da sinceridade e pureza.

Para terminar, é preciso dizer que o Senhor não proibiu o juramento perante o tribunal. Segundo Mt 26.63 o próprio Jesus deixou-se colocar sob juramento.

9. O amor que supera tudo, 5.38-48

38 **Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente.**
39 **Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;**
40 **e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.**
41 **Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.**
42 **Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.**
43 **Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.**
44 **Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;**
45 **para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos.**
46 **Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo**
47 **E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?**
48 **Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.**

38-42 Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer

demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

Na linguagem dos teólogos essas frases muitas vezes recebem o título: O *ius talionis*, i. é, o direito ou lei da retaliação.

Pode-se falar de um tríplice direito de retaliação: a retribuição do eu, do direito, e do amor.

Sobre a retaliação do eu: A pulsão mais profunda do ser humano é, por natureza, o seu impulso de preservação. Enquanto essa pulsão se move dentro de parâmetros saudáveis, ela é algo natural. Ela se torna demoníaca quando tenta se impor violentamente sem escrúpulos. Então, exterioriza-se na vontade de dominar, de ser importante, no egoísmo, na ganância, no espírito vingativo, na inveja, no ressentimento, no ódio etc. Retribui-se o mal com coisa pior. Ofensa é devolvida com ofensa mais grave. Uma pequena censura é respondida com um discurso irado. Azeite é jogado no fogo. Age-se a partir da emoção, da irritação momentânea. O mal cresce. O relacionamento pessoal fica envenenado. O convívio torna-se insuportável. Em suma, a retaliação do eu manifesta-se desenfreadamente. Quando se dá livre curso à retaliação do eu, o fim será dissolução, decadência, anarquia, caos, guerra de todos contra todos.

Acerca da retaliação do direito: para que a retaliação do eu não possa soltar-se sem controle e destruir tudo, foi introduzida por Deus neste mundo caído a ordem jurídica, que construiu sua forma sólida no sistema de estado. Sobrepujar o mal com coisa pior é coibido pela legislação estatal. A lei exige retaliação justa. O pecado precisa ser expiado. À transgressão precisa seguir o castigo. O montante da reparação é medido pela grandeza da transgressão. Olho por olho, dente por dente. A morte culposa é reparada de maneira diferente que o assassinato doloso. A pena está na relação correta com a ação. Essa retaliação jurídica é um degrau superior da retaliação do eu. A retaliação feroz do eu foi controlada.

Quanto à retaliação do amor: É nela que os discípulos devem se exercitar. Esse é o mandamento de Jesus para eles. Falam dela os v. 39-42, assim como os versículos finais do cap. 5.

Não resistais ao perverso, isso significa: Discípulos de Jesus nunca buscam para si próprios a vingança. Para eles vale que é melhor sofrer do que cometer injustiça. Ao mal respondem com o bem.

Segue-se a palavra da **bofetada**. Todo judeu no tempo de Jesus sabia o que significava bater na **face direita** de alguém, a saber, era o injurioso golpe com o lado exterior da mão, desferido com a mão direita contra a face direita do outro. De acordo com o código civil judaico, punia-se a pessoa que feria desse modo a honra de outra, com 400 sus (cerca de 160 dólares).

Quando Jesus fala em seu modo figurado: Vocês discípulos devem sempre aceitar pacientemente a bofetada e estar preparados para suportar a segunda, está querendo expressar duas coisas:

- Como meus discípulos, vocês devem ver por detrás desse ultraje a mão de Deus que os está educando. Tudo serve a vocês para o melhor;
- Como meus seguidores, vocês não devem tomar a vileza do outro como padrão da conduta de vocês. No seu modo de proceder, vocês não devem deixar-se governar pela maldade do outro. Não devem tornar-se escravos dos outros. Escravo de seus caprichos e atos maldosos, que retribuem com injustiça ainda maior, e ofensa ainda mais grave. Contudo, vocês, discípulos, devem ser interiormente livres em seu comportamento diante do próximo, bem independentes da atitude dele. Não é o falar e agir do outro que deve determinar vocês, mas unicamente a palavra de Deus. Vocês, discípulos, são grandes demais para que o agir dos outros pudesse afetá-los em alguma coisa. O discípulo de Jesus não precisa perguntar pela opinião caluniosa de um ateu, que não deixa de ser falso e de fôlego curto como o próprio descrente! O braço de Deus é mais longo. Ele sabe de cada palavra que causou zombaria e dor. É melhor sofrer injustiça do que pessoalmente cometer a menor injustiça em pensamentos, palavras e ações (fuja do pecado como de uma serpente!).

Assim é que precisamos entender a palavra da bofetada. Todos os versículos seguintes até o final do capítulo sublinham o que dissemos sobre a retaliação do amor e confirmam o que já afirmamos sobre o amor *ágape*. Pois o amor *ágape* é o amor que ama aquele que não é digno nem merece o amor, que por sua conduta e ações perdeu o direito ao amor, que distribuiu uma bofetada após a outra ao seguidor de Cristo. Amar uma pessoas dessas, incessantemente, é isso que dizem as instruções do Salvador.

Isto não levanta a pergunta: Será que esse procedimento não abre as portas para qualquer injustiça, sim, não se cria e fomenta a injustiça dessa maneira, para que se alastre mais e mais? Por isso, a palavra da bofetada não seria uma palavra irracional, uma afirmação que passa bem ao largo da realidade?

É preciso refletir sobre essa questão. A resposta é dada pelo exemplo do próprio Jesus. Continuando na figura da bofetada, deve ficar claro que os golpes desonrosos não fazem triunfar a injustiça e a maldade, mas que existe alguém que julga corretamente, sim, que pode converter injustiça em bênção, que pode tornar bom aquilo que as pessoas queriam fazer por mal. É isso o que a sabedoria divina produz.

O fundo histórico dos v. 40-42 é o seguinte: a palavra da **túnica** e da **capa** leva para dentro do processo de julgamento civil do povo judeu.

Na prática dos fariseus, um credor tinha o direito de exigir do devedor um penhor, por exemplo sua túnica ou capa. Quando não o recebia por bem, podia exigi-lo por meio de um processo. Contudo, segundo Dt 24.10-13, deveria ceder a roupa ao dono de acordo com as necessidades para o uso de dia ou de noite. Em contraposição e essas posições jurídicas mesquinhas, os credores e devedores, se forem discípulos de Jesus, devem estar dispostos tanto a desistir do penhor como a entregá-lo. Pois o importante não é a demanda jurídica, e sim a prática do amor e da misericórdia.

A próxima metáfora do Senhor, sobre a **segunda milha**, refere-se ao costume judaico de acompanhar um viajante. Do perigo de se viajar sozinho desenvolveu-se a obrigação do acompanhamento. Quando este não era feito e acontecia uma fatalidade, era responsável a comunidade local em cuja área ela acontecera. O fariseu defendia a posição: Acompanho somente meu colega. Ao homem comum, que está abaixo do meu nível, ao "pecador", esse eu não acompanho. O discípulo de Jesus, por sua vez, deve comportar-se diferente: ele "deve estar disposto a prestar qualquer escolta", sim, a andar uma segunda milha além da milha obrigatória.

Novamente encontramos o princípio de não demandar na justiça, mas ir ao encontro, antecipar-se de modo cordial e prestativo.

A última figura, do **pedir**, quer expressar que os discípulos de Jesus, na ampla área de amizade e solicitude entre vizinhos, emprestam com prazer e não devem jamais fazer uma distinção entre merecedores e pessoas indignas.

Chegamos ao final desse trecho que nos ilustra de modo penetrante a grande palavra da retaliação do amor. Somente ela, que não tem nada a ver com a retaliação do eu ou da lei, constitui a diretriz para a nossa vida no seguimento de Jesus. Ela não tem validade na vida dos estados e povos, porque, conforme dizíamos no início, faltam ao não-discípulo todas as premissas para ela. Também essas palavras do Senhor, ao serem cumpridas, devem fazer brilhar o novo reinado de Deus na comunidade de Jesus – e então também para fora dela – até que ele venha.

Os apóstolos entenderam as exigências de Jesus (cf. Rm 12.17,21; 1Ts 5.15; 1Co 13.7; 1Pe 2.18-23; depois 3.9 etc.).

Constantemente é preciso vencer o mal com o bem. O gelo não derrete com tempestade e geada, mas sim com calmaria e calor do sol. Ódio e desejo de vingança, egoísmo e ira, a língua maldosa e o coração endurecido são dissolvidos pelo amor, pela retaliação do amor, pelo amor *ágape*.

43-48 Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

Mais uma última vez neste capítulo Jesus faz reluzir com força a palavra da retaliação do amor *ágape*!

Para entendermos a palavra do amor ao inimigo, precisamos olhar para Lv 19. Com grande densidade se declara, nesse capítulo, a vigência dos deveres de amar o amigo, irmão e concidadão. Aos poucos os fariseus, que eram apenas uma parte restrita do povo, passaram a interpretar esse capítulo no sentido de que todos os deveres de amor arrolados tinham validade somente para o círculo deles. O fariseu chamava de irmão, companheiro, amigo e próximo apenas a outro fariseu. Os demais eram para ele somente povo comum. Por isso o fariseu desprezava "o outro" (Lc 18.9).

Faziam parte dos "outros" os publicanos e pecadores, que não cumpriam os mandamentos de Deus. A conseqüência era a inimizade entre os fariseus e "os outros", os publicanos e pecadores (*'am haarez* = povo comum). Essa inimizade entre fariseus e pecadores não perdia em nada para a inimizade entre judeus e gentios, e às vezes até era mais forte (Tt 3.3).

Na opinião dos fariseus tratava-se de uma inimizade por causa de Deus. Pensavam no Salmo 139.21s: "Não aborreço eu, Senhor, os que te aborrecem? […] Aborreço-os com ódio consumado; para mim são inimigos de fato". Por isso os fariseus achavam que, por amor a Deus, precisavam odiar todos aqueles que não cumprem os mandamentos de Deus. Sim, diziam até que o povo, que não sabe nada da lei, é maldito (cf. Jo 7.49)! Jesus, agora, afirma: Amem os seus inimigos! Desse modo ele anula todo o ódio como tal. Inclusive o chamado ódio religioso! Não é essa a atitude que convém ao ser humano. Pois a missão de Jesus *não* era odiar os pecadores; ele veio para salvar os pecadores… Ao dizer, ainda, para aos discípulos: Orem pelos que *perseguem* vocês, ele está se referindo aos perseguidores como sendo os fariseus, pois eram eles que perseguiam Jesus e também seus discípulos. – Portanto, seguidores de Jesus devem reagir à inimizade com amor, à perseguição com oração. – Assim, brilha mais uma vez com toda clareza a lei da retaliação do amor *ágape*!

O que Jesus está exigindo é imenso. É algo de que, por nós próprios, não somos capazes. Cabe ir ao encontro de toda pessoa com o amor *ágape*, mesmo daquela que não é digna e merecedora de amor. O discípulo de Jesus tem de fazer sempre o "totalmente diferente", o contrário do que faria a pessoa do mundo. **Se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?** Vocês seguidores de Cristo têm a realizar o "especial". No uso oriental, a saudação era muito mais que apenas um cumprimento. Significava proferir um voto de bênção sobre o outro. A saudação era: "Paz seja com você!"

Os fariseus saudavam somente seus iguais, não os publicanos e pecadores que, para eles, representavam a "escória da humanidade", os "traidores da pátria". O que, porém, Jesus diz aos seus discípulos é incrível, supera tudo o que foi dito até aqui. Essas palavras de Jesus revelam novamente com máxima clareza o que expusemos já no início, a saber, que o sermão do Monte de Jesus é a inversão de todos os valores! Ao caminho do ser humano, do eu, da retaliação do eu, da imposição do eu, Jesus contrapõe decisivamente o caminho de Deus, da retaliação do amor. Ao caminho do homem natural opõem-se diretamente as pegadas de Cristo!

Jesus diz: Vocês, meus seguidores, devem saudar e abençoar também aqueles que não fazem parte do círculo de vocês, dos bons conhecidos, parentes e pessoas íntimas, daqueles que são amigáveis e simpáticos. Vocês também têm de amar, saudar, honrar e até antecipar-se com respeito e proferir palavras de bênção aos seus inimigos, aos adversários, aos que dificultam e azedam a vida de vocês, que injuriam e magoam, ferem e ofendem, que perseguem vocês! Se fizerem isso, realizam o "especial", o que "diverge totalmente" daquilo que o mundo faz. Vocês são chamados para esse procedimento "especial" e "totalmente diferente". Através desse agir vocês concretizam aquilo que o Pai celeste de vocês também está fazendo sem cessar, a saber, fazendo subir diariamente o sol sobre bons e maus e chover sempre de novo sobre justos e injustos.

Do mesmo modo como age o seu Pai no céu (v. 48), também vocês devem agir. Em outras palavras: Em todas as circunstâncias, vocês, discípulos, devem ter a natureza que tem o seu Pai. Assim como o seu Pai é o totalmente diferente, também vocês devem ser totalmente diferentes, ou seja, devem responder ao ódio com o amor *ágape*, à perseguição com oração.

Essa é a tarefa mais elevada e mais difícil. Sobrecarrega todos as nossas forças. É humanamente impossível!

Do mesmo modo como um grande pianista não esgotou o aprendizado do piano no tempo de sua formação, mas continua se dedicando diariamente, com fidelidade incansável e trabalho miúdo em particular, a exercitar seus dedos, a fim de tornar-se um artista completo, também os seguidores de Jesus precisam exercitar-se incessantemente, no trabalho miúdo da oração em particular, a fim de preparar o caminho para a perfeição do reino de Deus.

10. A tríade harmoniosa da nova vida, 6.1-18

1 **Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles! Doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.**

a. No correto exercício da misericórdia evidencia-se a nova vida como serviço da mão perante o próximo

2 Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.
3 Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita;
4 para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

b. Na oração correta revela-se a nova vida como serviço da boca perante Deus

5 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.
6 Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.
7 E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.
8 Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

Intercalação: O Pai Nosso

9 Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;
10 venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu.
11 O pão nosso de cada dia (necessário para a vida) dá-nos hoje;
12 e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;
13 e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém][a].
14 Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará;
15 se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

c. No jejuar correto mostra-se a nova vida como serviço de nossa alma perante sua luta interna

16 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.
17 Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto,
18 com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Em relação à tradução

[a] As palavras "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém" encontram-se na *coiné* e em diversos outros manuscritos. Encontramos essa doxologia também no *Didaquê*, ou *Ensino dos 12 apóstolos*, surgido por volta do ano 100. – Nesse louvor a certeza de que nossa oração será atendida é depositada sobre o poder e a glória de Deus. – Em forma poética seja formulada essa doxologia: Seu é o reino, queremos construi-lo. Seu é o poder, podemos confiar nele. Sua é a glória, podemos contemplá-la.

Observação preliminar

A formulação do Pai Nosso foi transmitida duas vezes, uma mais longa em Mateus e outra mais breve em Lucas, onde faltam a 3ª e a 7ª petições, e a interpelação é apenas "Pai". Isso escandaliza somente a quem tiver fé na letra morta. – Nós cremos que Mateus tem a formulação original (Justificativas no *Kommentar zum Matthäus-Evangelium*).

1 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.

No texto original o v. 1 traz a palavra "justiça". Ela é usada aqui em sentido abrangente, no sentido de *agir correto, fazer algo justo*! – Enquanto em 5.22 "justiça" era entendida a partir da posição diante da lei de Moisés (ver o respectivo comentário), a justiça aqui é vista como "atividade", como "fruto" daquela, em suma, como "a nova vida".

No v. 2 o texto original não tem: praticar "justiça" (beneficência), mas "dar esmolas". O significado dessa palavra veremos lá.

Como deve ser entendida a palavra "recompensa"? O termo "recompensa" ("galardão") ocorre quatro vezes nesses versículos, sempre na mesma formulação, que é dirigida contra os fariseus: "Receberam sua recompensa". O que faz aqui a palavra "recompensa"? Não havia sido rejeitada há pouco qualquer busca de aplauso meritório das pessoas? A resposta é que a "recompensa de Deus" é algo bem diferente da *recompensa* que se combate como algo condenável.

Recompensa não pode ser entendida na acepção de "pagamento", da maneira como existe, p. ex., o pagamento do empregador ao empregado como remuneração por um serviço prestado. Não, não é esse o sentido de recompensa, não como pagamento com base numa relação contratual ou num vínculo empregatício, mas no sentido de uma *relação de família*, de pai e filho. Recompensa deve ser vista como "reconhecimento" que o pai concede ao seu filho dedicado. Nessa perspectiva, recompensa é "dádiva", "presente", "bondade", cumprimento de compromissos, entrega de promessas dadas. Em suma: "Recompensa celestial" é o abraço do Pai celeste, é "ser presenteado com glórias eternas" (como Deus não nos *presentearia* tudo com seu Filho?). – Não há sequer como comparar essa "recompensa celestial" com a nossa prática de "boa ação" na terra, porque ultrapassa infinitamente qualquer medida de imaginação. Portanto, jamais pode ser um tipo de contrapartida pelo nosso fazer terreno na "nova vida". Em Lc 17.10 o Senhor diz: "Quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos *servos inúteis*, fizemos apenas o que devíamos fazer".

De forma idêntica fica claro na parábola dos talentos (Mt 25.14-30; cf. Lc 19.12-17) que a motivação principal não é a idéia de qualquer tipo de *pagamento*, e sim a idéia da *graça*! – Wilhelm Löhe formula-a no conhecido poema:

> *"Que quero eu? Quero servir!*
> A quem quero eu servir? Ao Senhor, nos seus miseráveis e pobres.
> E qual minha recompensa? *A recompensa é que eu posso."*

Nas prédicas sobre Mt 5–7, Lutero diz acerca do pensamento da recompensa: "Deus quer nos tornar firmes através de tal 'recompensa'. Se o mundo não quer agradecer-lhe e tira a sua honra, bens, corpo e vida, então agarre-se a mim e *console-se* com a verdade de que eu tenho ainda o céu e tanta coisa dentro dele que poderia muito bem retribuir-lhe tudo e muitas vezes mais do que agora possa lhe ser tirado… Console-se que o reino dos céus está aberto para você, e que então você *contemplará visualmente*, em eterna glória e felicidade, a Cristo, ao qual você tem agora pela fé."

Segundo o ensinamento dos rabinos, o judeu demonstra seu amor a Deus através de três desempenhos: beneficência, oração e jejum.

Essas três realizações são acrescentadas às obrigações cultuais judaicas.

Vertido para a linguagem de hoje, poderíamos dizer: Estão sendo caracterizadas aqui três manifestações da "nova vida". Os efeitos da nova vida caracterizam-se por três perspectivas.

- 1ª perspectiva: Olhar *para fora* gera o serviço ("esmola") de nossa *mão* perante o próximo.
- 2ª perspectiva: Olhar *para cima* gera o serviço ("oração") de nossa *boca* perante Deus.
- 3ª perspectiva: Olhar *para dentro* gera o serviço ("jejum") de nossa alma perante suas *lutas* interiores.

Temos uma tríade! Para *fora*, para *cima* e para *dentro*.

Jesus não está dizendo: "*Não* pratiquem a beneficência, *não* orem, *não* jejuem", mas: *Quando* exercerem a misericórdia, *quando* orarem, *quando* jejuarem, não procedam como os fariseus costumam proceder. Pois o modo como eles o fazem é condenável!

De que modo, afinal, agiam os fariseus? Eles queriam ser admirados pelas pessoas. Pelas *mesmas* pessoas que eles no geral desprezavam, queriam agora ser admiradas.

a. No correto exercício da misericórdia evidencia-se a nova vida como serviço da mão perante o próximo

2-4 Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

A beneficência judaica costumava dar muitas esmolas. O doador era forçado a essa generosidade ao ter de fazer doações em público. Através desse aspecto de publicidade, cada um se sentia observado. Pelas "ofertas" media-se o grau de religiosidade, ou melhor, o grau de justiça.

Após o culto na sinagoga cada um levantava e dizia qual era a quantia que queria ofertar. Quando havia uma doação muito vultosa, o doador era chamado até o *bemá* (tribuna) e recebia a honra de poder sentar ao lado do rabino.

O servidor da comunidade tocava, então, uma trombeta, a fim de chamar a atenção dos seres celestiais, porque ali se havia realizado um beneficência especial.

Quanto mais, pois, o fariseu praticava a beneficência, i. é, dava esmolas, tanto maior era o espetáculo, primeiro na sinagoga e depois também na rua.

O Senhor condena intensamente esse espetáculo na sinagoga e na rua. Reprova integralmente o caráter público da misericórdia. A mão esquerda não deve saber o que a direita faz, isso significa que o benfeitor não deve sequer *refletir* sobre sua ação, não deve de modo algum *tornar esse assunto importante*.

Uma atitude desinteressada dessas é que caracteriza o autêntico amor (*ágape*). Somente Deus deve saber o que é dado em segredo. Dessa maneira a beneficência não é realização, não é justiça pelas obras, mas sim *entrega* e *fruto de fé*.

Tudo o mais já tem sua recompensa. Mas quem exerce beneficência, i. é, pratica a misericórdia, em segredo, esse receberá retribuição do Pai celeste; o Pai lhe dará *recompensa*, a saber, recompensa no sentido acima exposto.

A palavra grega para "esmola" é *eleémosýne* (da qual surgiu o termo alemão *Almosen*). Não a reproduzimos como diversas traduções tradicionais com "dar esmolas", mas com praticar "beneficência". Entretanto, seu sentido é ainda mais amplo. Significa: misericórdia, compaixão, sofrer junto. Com essa palavra é expressado tudo em que o discípulo de Jesus é devedor do seu próximo: consideração, respeito, amor e ajuda, carregá-lo com empatia. Também ao socialmente mais humilde é necessário dedicar todo o amor e consideração. Nesse relacionamento ecoa com força a palavra de Jesus: "*Guardai-vos, cuidai* da vossa prática de misericórdia", i. é, do vosso amor autêntico e correta consideração perante o mais humilde e mais fraco!

Neste contexto chamemos brevemente atenção sobre um perigo.

Através de uma ajuda externa, muitas vezes tirada superficialmente da própria abundância, a gente pode se esquivar da verdadeira ajuda, profunda, interna. A palavra original grega entende o "dar esmolas", "praticar beneficência" como "tentar ajudar a alma e o corpo do próximo através do sacrifício voluntário de si próprio".

Mais uma coisa seja dita: Em nenhuma área o perigo de enganar-se a si próprio é tão grande, e o perigo de outros motivos entrarem em cena é tão forte, quanto na "prática da beneficência". Sob uma superfície religiosa, amigável e bondosa podem abrigar-se motivações contrárias à fé. Há algo de terrível nesses motivos ocultos, impuros, que com muita facilidade se introduzem furtivamente no pensar, sentir e querer do eu necessitado de reconhecimento. Constitui a mais sutil das trapaças quando a piedosa "prática da beneficência" se torna um meio para olhar-se a si próprio e nutrir o sentimento: "Eu fiz algo de nobre". "Eu sou melhor que os outros. Se todos fossem como eu, o mundo seria muito melhor."

Todo o serviço de amor dos seguidores de Jesus deve ser tão oculto que, quando o Senhor os chamar a si no dia do juízo final (por terem servido aos famintos e miseráveis), eles perguntem surpresos: "Quando foi que vimos o Senhor sofrendo e o servimos?" Nem mais estão conscientes de seus atos de amor, de seus serviços de misericórdia.

b. Na oração correta revela-se a nova vida como serviço da boca perante Deus

5-8 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

Também a *oração* deve estar na esfera secreta. Entre os judeus era usual que se realizasse publicamente a *oração*, assim como a beneficência. Como os horários de oração estavam determinados para de manhã, ao meio-dia e à noite, muitas vezes se via uma pessoa parada na rua orando. Desse modo ela cumpria pontual e fielmente o horário da oração. Nessa circunstância a pessoa não dizia a oração em voz alta (o que era proibido), mas a murmurava.

Jesus repele o caráter público da oração. Ele afirma no v. 6: **Quando orares, entra no teu quarto**, teu *tameion*, **e, fechada a porta, orarás a teu pai que está em secreto** (*crypta*).

O que é um *tameion*?

O *tameion* (= câmara) é o quarto dos suprimentos, é o recinto escondido, secreto, a peça mais íntima da casa, porque os suprimentos precisam estar seguros de ladrões e animais selvagens. Essa câmara de suprimentos é a única peça na casa do agricultor palestino que pode ser trancada. Tampouco possui janelas. Portanto, é duplamente apropriada para ilustrar o sentido do "secreto", porque ninguém pode *entrar* nem *olhar* para dentro. – Com que nitidez é caracterizada, assim, por Jesus, a diferença entre a natureza da oração em contraposição à prática da oração dos fariseus! Quantas vezes o próprio Jesus procurou a solidão da noite para orar.

A pequena câmara de oração, da qual Jesus fala, também pode estar localizada no meio da alvoroço do mundo e no meio das pessoas. Mas estará lá somente quando primeiro temos o sagrado costume de nos retirarmos ao quarto secreto como Jesus aconselhou.

É também excelente a maneira como a palavra do quartinho indica a posição de Deus diante de uma oração em segredo. **Deus a recompensará**, diz o texto bíblico. No grego o verbo "recompensar" significa "devolver o que se recebeu", "saldar uma dívida". Portanto, Deus considera a oração como nosso presente a ele, o qual ele nos devolve, como dívida que ele tem conosco e que ele salda a nós à maneira divina.

Com a palavra da oração em local oculto, porém, Jesus jamais quis dizer que seus discípulos somente poderiam orar num quartinho. Jesus não interditou a oração comunitária na sinagoga. Ele próprio costumava ir à sinagoga.

Além do perigo de "querer aparecer em público com a prática religiosa da oração", Jesus chama atenção para outro, a saber, o mau costume de amontoar *irrefletidamente* palavras de oração.

Os exercícios de oração dos judeus naquele tempo estavam num nível tão exagerado, que a incessante repetição das palavras prescritas transformou-se em "tagarelice": Exigia-se diariamente:

- Recitar três vezes a oração das 18 petições, às 9 da manhã, às 3 da tarde e à noite (Essa oração era dez vezes mais extensa que o Pai Nosso: tinha 970 palavras).

  Veja algumas partes da oração das 18 petições, também chamada de *tephilá*:

  "Louvado sejas, Iavé, Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó, Deus Altíssimo, fundador do céu e da terra, nosso escudo e escudo de nossos pais. Louvado sejas, Iavé, escudo de Abraão.
  Tu és herói valoroso, o eternamente vivo, o vivo que nutre, o que vivifica os mortos. Louvado sejas, Iavé, que faz os mortos tornar à vida.
  Santo e terrível é o teu nome, e não há outro Deus além de ti. Louvado sejas, Iavé, Deus santo.
  Agrada-te, Iavé, nosso Deus, e mora em Sião, e teus servos em Jerusalém te servirão.
  Louvado sejas, Iavé, porque queremos servir-te com temor.
  Agradecemos-te, Iavé, nosso Deus, por todos os benefícios da bondade. Louvado sejas, Iavé, a quem convém agradecer.
  Derrama a tua paz sobre Israel, teu povo, e abençoa-nos a todos nós. Louvado sejas, Iavé, que és o construtor da paz" etc.

Isso é apenas um *extrato bem breve*, para que possamos conhecer a *natureza* dessa grande oração de 18 petições.

- A confissão diária da fé, que devia ser recitada duas vezes. Também é chamada de *shemá*.

O *shemá* (confissão de fé), que devia ser proferido pela manhã em pé e à noite deitado, conforme Dt 6.7, era composto de 3 partes, tiradas de Dt 6.4-9, Dt 11.13-21 e Nm 14.37-41. Como revela o conteúdo das três passagens bíblicas citadas, o *shemá* não quer ser uma oração, e sim uma profissão de fé. É a confissão *fundamental* de Israel ao Deus único e seus mandamentos. – O *shemá* era emoldurado com elementos litúrgicos. O *shemá matinal* tinha duas introduções e duas finalizações. Uma destas introduções dizia, p. ex.: "Verdadeira e segura e firme e permanente e correta e confiável e amada e estimada e valiosa e fértil e gloriosa e justa e agradável e boa e bela é esta oração (o *shemá*)", etc. – A recompensa de orar o *shemá* era que ele servia como um meio de proteção contra

os maus espíritos, prolongava a vida da pessoa, garantia para a pessoa o mundo vindouro… Que diremos diante disso? Como neste caso a vida de oração tornou-se algo externo, igual a uma produção realizada!

Quanto à preparação para a oração, é preciso esclarecer o seguinte: Quem ia orar costumava esperar uma hora, depois orar uma hora, e em seguida esperar mais uma hora.

- A repetição das orações de mesa.
- Em qualquer ocasião, a doxologia (exaltação de Deus).

Com "tagarelar" ou orar de modo "irrefletido" ou "irreverente", Jesus também se refere à idéia de que, com as muitas palavras, Deus seria constrangido a ceder aos desejos dos que oravam. A oração abundante em palavras seria, de certo modo, o método mágico para merecer o céu. É uma idéia pagã, diz o Senhor.

O Senhor condena plena e cabalmente a oração vazia, irrefletida, verborrágica, supersticiosa. Por outro lado, não pensa de modo algum em interditar uma oração longa, fervorosa e confiante, a luta de oração que, em certas circunstâncias, pode durar até uma noite toda (cf. a oração de Jacó até o nascer do sol).

O apóstolo Paulo diz: "Orai cem cessar". Nisso ele está bem de acordo com o seu Mestre, para que essa oração persistente não seja desvirtuada em religiosidade mística, em fanatismo, mas permaneça sob a constante disciplina do Espírito e aconteça sempre na sobriedade bíblica.

Apesar disso, continua válido que a "oração incessante" é e permanecerá sendo o ofício do cristão autêntico. Pois "orar" não significa apenas dedicar de manhã e à noite alguns minutos à oração, mas traduz que se encontrou uma nova existência, um novo modo de ser, mais precisamente um modo que controla a vida toda. Orar significa que a vida toda tornou-se um diálogo com Deus, um diálogo que perdura até as eternidades e que não sofre nem um segundo de interrupção pela morte.

Quem se serve desse diálogo incessante não recebe sem refletir os acontecimentos todos de sua vida, não os vê como acaso, destino ou infortúnio, mas como presente da mão de Deus, ainda que sejam sofrimento e tristeza. A pessoa que ora recebe tudo de Deus e relaciona tudo com ele, o acontecimento maior e o menor, a bênção espiritual e o pedacinho de pão. Quem não ora sempre vê o lado avesso do tapete e do vitral da igreja, vê tudo incerto e confuso. Mas quem ora vê a estampa maravilhosa do tapete e a figura esplendorosa do vitral. Até no fato incompreensível vê a marca de Deus.

Intercalação: O Pai Nosso

9-15 Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia (necessário para a vida) dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém].

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

A importância singular do Pai Nosso é que Jesus coloca o nome "Pai" como nome originário mais próprio de Deus para seus discípulos e, por conseguinte, para a sua comunidade. Desde então, para ela o nome "Pai" é o primeiro e mais próprio nome de Deus, e não Iavé (Jeová).

Na oração judaica das 18 petições (também chamada "oração das 18 bênçãos"), o nome "Iavé" aparece ao todo 27 vezes, o nome "Deus" 13 vezes, e o nome "Pai" somente 2 vezes, ou seja, bem à margem.

Para os discípulos, o nome "Pai" tornou-se, por intermédio de Jesus, a expressão beatificante de tudo aquilo que a obra salvadora de Jesus consumou. O que os profetas do AT expressaram indiretamente, isso se tornou esplêndida consumação em Jesus. No AT Deus é chamado de Pai somente 11 vezes, no NT 155 vezes!

"*Pai nos céus*" significa que estamos radicalmente impedidos de transformar Deus Pai em nosso "paizão". A expressão "Pai nos céus" combina a bondade, que gera confiança, com a reverência mais sagrada. Qualquer intimidade grotesca e falsa fica de antemão excluída. A confiança no Pai jamais pode tornar-se uma familiaridade irreverente. Pois o Pai nos céus é e permanece santo.

Na boca de Jesus, portanto, a palavra "Pai" expressa o evangelho trazido por ele. No AT Deus era o Pai *do povo*! Israel era seu filho! Jesus vê Deus como Pai do indivíduo. Pela oração, cada um está pessoalmente em contato com Deus, o *Pai*. Isso é algo grandioso e completamente novo. Por outro lado, o indivíduo ora como membro da comunidade de Jesus. Daí por que a palavra "*nosso* Pai". O indivíduo é desviado de si próprio e direcionado exclusivamente para *Deus*.

As primeiras três petições do Pai Nosso tratam daquilo que Deus *quer*. Todas as intenções pessoais dos discípulos são inicialmente deixadas de lado. Não se fala da vontade *deles* nem da bem-aventurança *deles*, mas da vontade de *Deus* unicamente!

Desse modo a oração é, desde logo, *purificada* de toda *obstinação* e de todo egoísmo da pessoa.

Através do termo "nosso", "nosso Pai", dilata-se a visão para além do silencioso quartinho de oração do próprio coração, em direção à comunidade de Cristo, que se estende por todo o globo terrestre. Assim, a oração em secreto torna-se a "oração que cinge o mundo". Com ela fica banido o perigo de qualquer egoísmo piedoso.

Devemos, pois, orar o Pai Nosso com a mais sagrada reverência e como sacerdotes pelo mundo todo. Por isso ele pode ser proferido em verdade somente pelo "renascido". Somente o discípulo, somente o filho de Deus pode dizer "Pai".

O significado dessa preciosa palavra "Pai" talvez possa ser caracterizado melhor, colocando-se o termo "Pai" especialmente diante de cada uma das petições, como segue:

Pai, santifica teu nome, i. é, faz valer o teu nome entre nós e também em mim, completamente, diariamente, a cada hora.

Pai, traz até nós o teu reinado, i. é, ajuda-me para que governes entre nós e também em mim continuamente como rei e Senhor!

Pai, faz acontecer a tua vontade, do mesmo modo como no céu também na terra, i. é, a vontade do Pai precisa acontecer no meu cotidiano incessantemente, não a minha própria vontade. "Não como eu quero, mas como tu queres", essa é a petição diária do filho ao Pai celeste.

Rebrilham *três* diamantes reluzentes: a santificação do nome divino, a realização do reinado de Deus e o cumprimento irrestrito da vontade de Deus em mim e na comunidade do Senhor na vida cotidiana. É isso o que o discípulo de Jesus deve rogar com todo fervor.

A glorificação de Deus na vida do discípulo deve ser refletida por meio desses três diamantes.

Colocados à frente os interesses de Deus, seguem-se agora as questões dos próprios discípulos, que se referem à preservação de sua vida na terra!

Novamente o indivíduo está situado diante do *Pai* no céu, mas ele também é membro da *comunidade*, por isso a palavra: "*nosso*" pão diário. Nas petições seguintes: **Perdoa a *nossa* culpa** etc.

Na história da pesquisa sobre a versão do texto original surgiu uma questão difícil: deve ser traduzido: "Pai, dá-nos o pão destinado e suficiente para o dia *vindouro*", ou "dá-nos o pão destinado e suficiente para *este* dia"? A decisão caiu em favor da tradução "dá-nos hoje o pão para o dia *vindouro*", ou seja, o *pão necessário para a existência*, o *pão diário* (cf. 1Tm 6.8).

O teólogo Zahn fez uma referência ao diarista, que é valiosa para a compreensão da quarta petição. O diarista pertence ao grupo de pessoas que precisam "comprar cada dia o pão do padeiro", ou seja, que não pode, como os abastados, assar pão para a semana inteira. Se nos colocarmos na situação dele e o imaginarmos como aquele que sustenta a família, que precisa viver da mão para a boca, então realmente não será falta de fé quando ele pedir: Dá que eu hoje possa ganhar tanto que eu e os meus amanhã tenhamos o suficiente para comer.

Neste contexto seja mencionada ainda a referência "Tua palavra é lâmpada para meus *pés*" (Sl 119.105). Isso quer dizer que somente precisa ser iluminado o local em que pisar o meu pé. Tanto a "palavra" quanto o "pão" nos serão presenteados somente passo a passo, dia a dia.

Acrescenta-se a isso o pensamento seguinte: Em seu teor, o Pai Nosso não é de nenhum modo super-espiritual, entusiasta, sobrenatural no sentido de que o *pão* não caberia numa oração. Ao contrário, seu sentido é bem natural, respectivo às preocupações pelas necessidades diárias e corporais.

Ainda mais: A singela palavra "pão" previne de todo luxo, toda ânsia de consumo, e exorta para a simplicidade e o controle dos desejos. E ainda: na explicação da quarta petição, Lutero considera como incluídas no pão todas as necessidades terrenas, tais como: bom tempo, bom governo, vizinhos fiéis etc.

Em seguida, a oração do Pai Nosso progride do material para o espiritual.

"Dá o pão - perdoa a dívida." Esse duplo pedido constitui todo o anseio do ser humano. Pois a pessoa é corpo e alma.

A 5ª prece: **Perdoa-nos as nossas dívidas**! transfere para Deus a relação de credor e devedor. O devedor precisa pagar, esse é um dever *incondicional*. Se não o fizer, está caracterizada a *ofensa ao direito*. Na antigüidade punia-se severamente a quebra do direito.

As dívidas perante Deus surgem quando não se dá a *ele* o que *lhe* pertence! Dispensar de dívidas constitui uma bondade inacreditável, a qual era extremamente elogiada na Antigüidade.

Um discípulo sempre está diante de Deus como devedor, pois continuamente carece de realizar tudo o que pertence e compete oferecer a Deus.

O perdão divino das dívidas somente é concedido à pessoa que ora quando ela própria também perdoa as dívidas do seu próximo, não apenas 7 vezes, mas 70 vezes 7, ou seja, sempre e sempre de novo.

Por conseguinte, quem ora: "Pai, perdoa-nos as nossas dívidas", pode trazer esse pedido à presença de Deus apenas quando já *perdoou* a todos (estão incluídos os não-cristãos, cf. v. 14s) que pecaram contra ele. O texto original está a na voz perfeita: *temos* perdoado. Quem ainda não perdoou ao outro, não pode proferir o Pai Nosso.

A paciência que suporta e o amor que perdoa dirigem-se não apenas às fraquezas e deficiências dos semelhantes, mas também ao seus atos reprováveis. Somente ao que *continuamente* perdoa pode ser dado perdão.

O fato de Jesus acrescentar, depois da oração do Pai Nosso, uma explicação nos v. 14s, demonstra a importância que justamente essa petição tinha para ele: **Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará. Se, porém, não perdoardes, *tampouco* vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas**. Uma declaração muito séria de Jesus.

Constitui uma tragédia terrível, um mistério assustador, que o Pai no céu, que afinal é onipotente, torna-se quase que impotente quando seu filho, seu discípulo aqui na terra, *não* quer perdoar.

Contudo, não será um perdão real quando se fizer apenas uma trégua, e a desconfiança, a linha de separação, a ruptura continuarem existindo. A ligação de fé com o Pai celeste somente existirá quando estiver restabelecido o laço de amor com o próximo.

Enquanto o perdão do pecado se refere ao passado, a petição seguinte tem a ver com o futuro.

A 6ª prece: **Não nos deixes cair em tentação** tem em mente todos os sofrimentos e tentações, que para o cristão se resumem na constatação sempre de novo verdadeira de que "o desejo da carne é contra o Espírito" (Gl 5.17; cf. também Tg 1.13). As reincidentes provações e tentações, que servem para o cristão como provas de afirmação, são exigência da sabedoria pedagógica e da justiça divinas. Porque alegria e dor, tristeza e adversidades, decepções, fome, miséria e perseguição permanentemente trazem dentro de si grandes perigos. Cônscio de sua própria impotência e fraqueza, o filho de Deus volta-se, por isso, ao Pai, pedindo que ele *poupe* seu filho do poder aliciador de todas essas tentações. Em virtude de sua fidelidade, Deus faz com que a tentação não leve à queda, mas possa ser vencida (1Co 10.13).

A 7ª petição: **Livra-nos do mal** significa: "Salva-nos para que nós e o mal fiquemos longe um do outro". O mal é um poder atrás do qual está o maligno, Satanás. Por isso, estar e permanecer separado dele é algo que se torna viável cada dia somente pela mão salvadora e protetora de Deus. "Pai, segura-nos firmes na tua mão".

Chegamos ao final do "Pai Nosso". Em nenhuma outra oração, poucas e singelas palavras encerram um conteúdo mais glorioso e precioso que abarca a eternidade. Por isso ele é mais que uma oração. É uma escola superior de oração, na qual aprendemos continuamente como podemos e devemos orar.

c. No jejuar correto mostra-se a nova vida como serviço de nossa alma perante sua luta interna

16-18 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

No tempo de Jesus os judeus observavam dois dias de jejum para todo o povo: o dia da expiação (Lv 16) e o 9º dia do mês *abib*. Esse último era promovido como recordação das duas destruições do templo (a primeira destruição sob Nabucodonosor em 586 a.C. e a segunda por Tito no ano 70). Agregavam-se ainda jejuns decretados em situações de grandes calamidades, p. ex., na falta de chuvas, em epidemias, guerras, pragas de gafanhotos etc. Nesses casos se definia como dias de jejum a segunda e a quinta-feiras. Aconteciam celebrações públicas na rua. Mais severo era o jejum no dia da expiação: "Quem, no dia da expiação, comer a quantia de uma tâmara, ou beber tanto quanto cabe no seu gole, esse é culpado". Nesse dia sequer era permitido lavar-se. Também se devia deixar de ungir o corpo. Pelo contrário, as pessoas se aspergiam com cinzas, andavam descalças e adotavam uma expressão facial triste. Queriam parecer *insignificantes*, no intuito de *significar* tanto mais perante os outros (Esse é o trocadilho feito no texto original grego com "ocultar – brilhar"). Normalmente o jejum durava do nascer ao pôr do sol. Alguns devotos espontaneamente se encarregavam de outros jejuns particulares. Esse jejum espontâneo era tido em altíssima consideração. Acreditava-se que, com o jejum se conquistaria, junto de Deus um mérito especial, e pensava-se que, através de jejum, se poderia alcançar a suspensão de decisões condenatórias divinas. Por isso se jejuava também pelos pecados do povo, a fim de afastar do povo a ira de Deus! Muitas vezes essa atividade do jejum era feita para chamar a atenção, para concentrar sobre si os olhares das pessoas. Jesus afirma: Um jejum desses é hipocrisia, e por isso condenável! O jejum correto é um pensamento íntimo de arrependimento e um coração curvado diante de Deus. Isso precisa ser exercido com pureza discreta. Para fora não se nota nada. Mas o que jejua revela ao próximo um "ânimo alegre" (cf. Mc 2.18).

O que significa, então, para a situação de hoje aquele **jejuar**? Existe um jejum espontâneo e um jejum ao qual somos conduzidos. Ambos os tipos de jejum encerram em si os perigos de que Jesus fala aqui.

O jejum voluntário consiste em todo tipo de renúncias que a gente se impôs, p. ex., simplicidade na comida e bebida, simplicidade na vestimenta e moradia, gastar com máxima moderação, desistir de vários prazeres, como um charuto, um copo de vinho, música, arte, vida social etc. Acaso o motivo de um tal jejum e renúncias é que "possamos ofertar mais para os objetivos do reino de Deus"? Ou o motivo é que queremos estabelecer uma lei com essas renúncias e limitações, a qual deve determinar que somente uma vida frugal é uma vida de fé autenticamente bíblica? Se esse último for o caso, o jejum não passa de hipocrisia, de arte teatral. Esse jejum já recebeu sua recompensa. – Ao lado do jejum voluntário há também um jejum que nos é imposto sem nossa participação. É uma "obrigação ao sacrifício", uma renúncia forçada, é ter de *soltar-se à força* daquilo que amamos e prezamos, quer seja pela morte de um familiar mais chegado, pela perda dos bens e da pátria amada, quer seja por discórdias matrimoniais, abalos na profissão, perda da saúde, necessidades psíquicas e tensões, quer seja por guerra e fome, epidemias e enfermidades, frio e campo de concentração, denúncia ou perseguição.

Como devem ser suportados o jejum e a renúncia forçadas? Devem transcorrer de tal modo que a expressão do rosto se distorce a ponto de os demais poderem ver a tristeza? Deve-se falar do sofrimento em toda parte, para que as pessoas tenham comiseração? Será que muitas vezes essa "exibição" do sofrimento ou da renúncia a nós impostos não é mero egoísmo? Queremos ser observados, sentir a compaixão, queremos representar algo diante dos outros!

Inversamente, tal comportamento não seria falta de amor, p. ex., quando se tenta deprimir, através do próprio ânimo de luto, a todos os membros da família, aos amigos ou colegas de trabalho? Machucamos ao outro com a nossa própria ferida.

Não há dúvida de que, na convivência entre pessoas, é algo grandioso que um carrega o fardo do outro. E, se o misericordioso Deus concede ao sofredor pessoas próximas como conselheiras, devemos e podemos derramar nosso coração. Então essa revelação das cargas geralmente traz alívio. Mas isso é algo *totalmente diverso* do "jejuar" descrito acima, usado para aparecer, para atrair os olhares sobre a face retorcida.

Em lugar do "*mostrar-se*" perante as pessoas, Jesus requer "a cabeça ungida", o rosto lavado como sinal de libertação. A pessoa tem um olhar alegre mas não obstante jejua ocultamente e leva em silêncio a dor e tristeza perante o Pai celeste, que vê em particular.

Esse comportamento, porém, não seria fingimento? Uma hipocrisia à maneira inversa? Falta de veracidade, que para fora mostra algo bem diferente do que acontece na verdade?

Não, ocultar o jejum e o sofrimento não é hipocrisia e falta de sinceridade, mas disciplina sagrada e compromisso de amor perante o próximo. O que é ocultado diante das pessoas é tanto mais revelado diante do Pai no céu, ele que vê para dentro do que está oculto. Quando a boca sorri e os olhos brilham enquanto no coração se debatem as lutas, a causa da alegria não reside na própria pessoa que jejua e sofre, mas em Deus. O cristão que sofre sabe com certeza inabalável que também o mais sombrio tempo de jejum lhe redunda para o bem (Rm 8.28).

Assim, aprende a jejuar com o rosto radiante, aprende a sofrer com hinos de louvor nos lábios.

11. Os três maiores perigos para a nova vida, 6.19–7.5

a. O mâmon (riquezas)

19 **Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;**
20 **mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam;**
21 **porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.**
22 **São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso;**
23 **se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!**
24 **Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.**

b. A preocupação

25 **Por isso, vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?**
26 **Observai as aves do céu: Não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?**
27 **Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?**
28 **E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: Eles não trabalham, nem fiam.**
29 **Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.**
30 **Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?**
31 **Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?**
32 **Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas.**
33 **Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.**
34 **Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados. Basta ao dia o seu próprio mal.**

c. O hábito de julgar

7.1 **Não julgueis, para que não sejais julgados.**
7.2 **Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.**
7.3 **Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?**
7.4 **Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?**
7.5 **Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.**

A vida como discípulo de Jesus é ameaçada por *três perigos principais*: o *mâmon*, a preocupação e o hábito de julgar.

a. O mâmon (riquezas)

19-24 Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem (carcoma de traça) corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

O Senhor dirige-se aos *ricos* e aos *pobres*. A riqueza tem a característica da crescente ganância. Quanto mais se tem, mais se quer. A pobreza tem a característica do crescente desânimo, preocupação, pouca fé, depressão!

Jesus adverte: É insensato acumular propriedades e bens terrenos, pois as traças e a ferrugem destroem os tecidos preciosos, e ladrões podem roubar as preciosidades acumuladas (O termo grego para ferrugem é *brosis*, que também pode ser traduzido por "caruncho" ou "carcoma de traça". Talvez se tenha em mente baús de madeira, em que se guardam luxuosos vestidos e todo tipo de jóias. Esses baús o caruncho pode perfurar roendo a madeira, e a traça pode destruir o tecido).

Em contrapartida, é necessário ajuntar tesouros no céu, i. é, ao administrarmos nossos bens e nossa receita nesta terra devemos posicionar-nos na mais santa responsabilidade perante Deus. Pois do ponto de vista da eternidade faríamos algo melhor e mais sensato com o *mâmon* do que segurá-lo ou usá-lo para nossa segurança, para a ganância, para "querer ter sempre mais"!

Naturalmente Jesus, com essas palavras de amontoar tesouros, de ter bens e propriedades, não quis afirmar nada contra a propriedade como tal. Também José e Maria tinham sua casa e sua oficina e os materiais que um carpinteiro precisa para ser um bom administrador e artesão competente. Mas sua propriedade lhes servia apenas como meio de sustentarem sua existência na terra. Eles não serviam à sua propriedade.

Jesus não considera a maldição do dinheiro como residindo na quantidade da riqueza acumulada. Alguém pode possuir muito e mesmo assim estar livre para servir a Deus e à causa dele a qualquer hora e com generosidade. Por outro lado, alguém pode possuir pouco e, não obstante, estar preso ao *mâmon*. Porque a verdadeira maldição do dinheiro está no perigo de que o coração seja escravizado pela cobiça do dinheiro, de modo que a alma da pessoa seja sufocada pela poeira do dinheiro e do mundo.

O poder de fascínio dos bens é tamanho que o ser humano erra o verdadeiro alvo de sua vida. É isso que o Senhor vai esclarecer agora com a parábola do **olho saudável** e do **olho doente**!

No olho da pessoa revela-se como ela se relaciona com a sua riqueza. No olhar se evidencia se ela dá com disposição ou se é avarenta. O olho pode, portanto, revelar a bênção ou a desgraça que a generosidade ou, respectivamente, a ganância trazem ao ser humano.

Há ainda outro modo pelo qual a comparação do **olho** pode ilustrar algo. O olho é "simples" (assim também pode ser traduzido o termo "bom", "saudável"), i. é, nosso olho é constituído de tal maneira que pode captar e visualizar *um só* objeto de cada vez. O olho não é capaz de enxergar plenamente e gravar duas coisas ao mesmo tempo. O motorista do carro não consegue *simultaneamente* visualizar a estrada à sua frente e a bela paisagem ao seu redor. Se, apesar disso, olhar para os lados, sua condução torna-se insegura. Pois o olhar está dividido, divergente, não é simples na acepção de poder ver "somente um objeto", "somente numa direção": ou *para a frente* ou *para o lado*. – Portanto, Jesus quer dizer: Quando o olho for simples, i. é, quando olhar somente numa direção com clareza e atenção, então o corpo todo também será dirigido correta e seguramente pelo olho. Isso significa que a caminhada de fé torna-se luminosa e límpida. Quando, porém, o olho for mau, i. é, direcionado simultaneamente para dois objetos, ou dividido, também o corpo inteiro será levado para a insegurança, para o escuro. A caminhada de fé será conturbada e sombria.

Por conseguinte, não é apenas o coração que não pode servir ao mesmo tempo a dois senhores divergentes, mas também o olho. A perspectiva do olhar interior pode estar dirigida unicamente para

o que é terreno ou para o que é eterno. Com a evidência de sua vida simples e modesta, Jesus nos revela a loucura de toda acumulação de riquezas. Como se quisesse dizer: "Se vocês realmente reconhecem Deus como realidade, então não há mais lugar para nenhum competidor, quer seja o *mâmon* ou – chegando ao segundo aspecto – a ansiedade".

b. A preocupação

25-34 Por isso, vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: Não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: Eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas. Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino (dos céus) e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados. Basta ao dia o seu próprio mal.

Essa é a palavra para os pobres. O que o Senhor quer dizer com "preocupar-se"? Será que **não se preocupem** significa "não trabalhem", "fiquem de braços cruzados"? Não, porque sempre de novo a Bíblia fala do *trabalho* e da bênção do trabalho: "Quem não quiser trabalhar também não coma" (2Ts 3.10), e: "Preguiçoso, aprenda uma lição com as formigas" (Pv 6.6). Fundamentalmente, pois, preocupar-se e trabalhar são coisas diferentes.

Com a palavra "preocupar-se" o Senhor refere-se, não ao "prover", mas ao angustiar-se medroso, cismado e atormentado. A essas preocupações falsas, angustiantes, insistentes, arrasadoras de coração e nervos, o Senhor contrapõe três argumentos:

- Ele aponta para a revelação de Deus em nossa própria vida;

A indicação para nós mesmos: **Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?** Ambos, a vida e o corpo, nós os recebemos sem contribuirmos para isso. Deus os deu a nós. Deus os conserva em sua mão. Aquele que dá o maior, o corpo e a vida, não seria capaz de cuidar também do menor?

Perante Deus nenhuma angústia é tão grande que ele não a pudesse resolver, e nenhuma necessidade tão pequena que ele não a pudesse ver. Diante de Deus (falando em figuras), a maior montanha da terra e a maior profundeza da terra são iguais a um pequeno cupinzeiro. Deus situa-se acima de todas as medidas de espaço e de tempo deste mundo. Diante dele não existem coisas grandes e coisas pequenas. Nenhum pardal cai do telhado sem a sua vontade. Ele cuida com máxima atenção de cada instante de nossa vida. O Pai dos céus, que governa o mundo das estrelas e os sistemas solares do universo, tem sob seu controle também o mínimo acontecimento que se aproxima de mim na próxima hora. Nada (esse "nada" tem sentido total) pode acontecer comigo, a não ser o que ele previu e o que será *benéfico* para mim (cf. Is 40.26-31). É blasfêmia contra Deus se nos preocupamos e nos angustiamos temerosamente. É paganismo (cf. v. 32). É "inútil", porque com todas as preocupações não se muda nem melhora nada (v. 27). Pelo contrário: através da tristeza somente aumentamos nossa cruz e sofrimento.

- Ele aponta para a revelação de Deus na criação;

A indicação para a criação é a seguinte: **Observai as aves do céu: Não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. […] Considerai como crescem os lírios do campo: Eles não trabalham, nem fiam** (não realizam "nem trabalho masculino nem feminino")**. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.**

Está aí a palavra: "Não se afadigam, i. é, não trabalham, não semeiam…" Não deveríamos deduzir daí: Não trabalhamos, não semeamos, cruzamos os braços e deixamos que o Pai do céu nos alimente?

Assim como os pássaros não semeiam, assim também nós não temos necessidade de semear e colher?

Que tolice! Olhemos bem claramente para a figura dos pássaros. O passarinho não consegue semear, mas não obstante precisa fazer uso dos dons que Deus depositou nele para providenciar seu alimento. Não pode ficar sentado preguiçosamente no ninho, até que Deus lhe jogue a comida no bico. O sustento não chega voando. É ele que precisa voar até o alimento e procurar dedicadamente aquilo de que necessita.

E os lírios, eles não podem voar como os pássaros nem trabalhar para procurar comida, mas apesar disso precisam sugar as gotas de chuva e orvalho que caem sobre suas pétalas e abrir-se aos raios do sol. Se não o fizessem, morreriam.

Pássaros e lírios, portanto, não precisam se inquietar para além do que estabelece sua natureza de pássaros e lírios. Mesmo que não semeiem, não colham nem se afadiguem, Deus lhes dá o de que precisam. Deve, agora, o filho de Deus ansiar-se em vista de sua natureza de filho de Deus? Não, mas deve *trabalhar*, isso sim. Verdadeiros filhos e filhas de Deus são por isso sempre as pessoas mais dispostas e diligentes no trabalho.

Contudo, se, apesar de todo o esforço, falta o mais necessário? O que fazem os pássaros na tempestade? Abrigam-se o melhor que podem e *aguardam*. É o que faz também o filho de Deus! Quando a tempestade ruge, ele se abriga na proteção de Jesus – e *espera*. Bonhoeffer disse: "Creio que, em cada necessidade, Deus nos quer dar tanta força de resistir como precisamos. Mas ele não a dá antecipadamente, para que não nos fiemos em nós próprios, mas unicamente nele. Nessa fé deveria estar superando todo o medo do futuro."

- Ele aponta para a revelação de Deus no seu reino.

Chegamos à terceira revelação. O Senhor diz: **Ora, se Deus veste assim a erva do campo** (da qual fazem parte os lírios)**, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais o fará a vós?** Com essas palavras o Senhor pára bem diante de nós, olha fundo nos olhos de cada um e, por meio dessa terceira indicação, nos eleva a uma altura que deixa bem atrás tudo o que é terreno e todas as preocupações: Vocês foram comprados por preço alto e são destinados ao céu, não ao forno. Vocês são destinados à eternidade. Não destinados ao suicídio, como diziam os estóicos quando as cargas da vida haviam se tornado muito pesadas.

Existe apenas uma *única preocupação* justificada, que é a preocupação pelo céu. Dela o Senhor fala no final.

Ela é: **Buscai, em primeiro lugar, o reino** (dos céus) **e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.** "Reinado dos céus" é o domínio de Deus, é a presença de Deus. Esse reino já quer agora, invisivelmente, obter espaço. Tudo o que existe é apenas um pequeno início, um indício sugestivo para o grande e visível estado de consumação, quando Deus será tudo em todos, quando o reino perfeito de Deus abrangerá a terra numa grandeza visível. Para esse reino futuro deve estar direcionada toda a busca.

Buscar significa deixar-se preencher já agora com toda a riqueza desse maravilhoso reino futuro de Deus.

c. O hábito de julgar

1,2 Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.

A afirmação de Jesus: "*Não julguem*", não significa ser *cego* para as injustiças praticadas pelas pessoas. Não julgar tampouco significa abster-se de *formar qualquer juízo* sobre a conduta do ser humano. Não, é tarefa de cada seguidor de Cristo, bem como dever incessante da comunidade de Jesus, "examinar, vigiar e precaver-se" de tudo o que não é correto perante Deus. Nisso se fundamenta também a chamada "função pública do evangelho". João Batista agiu certo ao denunciar: "Não é correto, Herodes Antipas, que cometas adultério" (cf. Mt 14.4). O próprio Jesus, tantas e tantas vezes, julgou severamente os hipócritas. Também pregar com seriedade a meia volta, a conversão, e condenar durissimamente o pecado, não é "julgar".

A que se refere o Senhor com o "julgar" que é condenável? Ele se refere à atitude condenável de julgar *sem amor*, a qual ocorre com especial facilidade pelas costas do próximo. E qual é em geral o motivo do julgamento frio e da condenação pelas costas? É a nossa satisfação malévola secreta com a desgraça do próximo. O próprio "eu" quer destacar-se com tanto maior brilho diante do fundo escuro

da pretensa injustiça do outro! Gostamos de rebaixar o outro para que nós mesmos pareçamos grandes. Superestimar a nossa própria experiência e descoberta de fé constitui sempre de novo o ponto de partida de um julgamento sem amor sobre o próximo! Pensamos que o outro somente terá a "atitude de fé correta" quando puder evidenciar exatamente os mesmos sinais de conversão, novo nascimento, exatamente as mesmas experiências de fé como as nossas etc. Disso resulta a atitude de julgá-lo e o fanatismo para convertê-lo. – Nesse ponto é preciso ficar alerta e prevenir-se justamente quando recém se começou a nova vida de fé. Num instante pode acontecer que nós nos apoderamos de um certo papel de supervisor sobre aquele que "ainda não anda pela fé". Desapercebidamente nos promovemos à função de inspetor, fiscalizamos os movimentos do outro, controlamos sua fala, e anotamos, e julgamos, e condenamos. Essa atitude de fiscalizar ao redor é o julgar sem amor que Jesus repudia. Esse julgar delata o farisaísmo secreto, que é o pecado mortal dos crentes.

O seguidor de Cristo tem a tarefa de colocar, no lugar da atitude de julgar, o serviço de ajuda ao próximo. Decisivo é ser samaritano – não controlador nem juiz criminal. Quem pode retirar a farpa debaixo da unha ou o corpo estranho do olho é somente a mão samaritana do irmão, não a prédica de moral ou a sentença de um juiz sem amor.

A palavra de arrependimento que ajuda com amor somente poderá ser dita ao outro de modo salutar quando for precedida da sincera consciência da própria culpabilidade e imperfeição.

Os v. 3-5 nos informam algo sobre o fato de que muitas vezes somos bastante deficientes nessa consciência da nossa própria injustiça e culpa.

3-5 Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

Costumamos ver nossa própria injustiça com lente de redução, enquanto a do outro com lente de aumento. Gostamos de falsificar a nosso favor a avaliação de nós mesmos. A avaliação do outro falsificamos freqüentemente em sua desvantagem. É condenável ver o mal do outro sempre agudo e grande, combatendo-o, e não ser primeiro irredutivelmente duro e severo com a própria pecaminosidade.

Quando Jesus chama a culpa de trave ou estilhaço no olho, ele quer dizer que ela é um corpo estranho que penetrou até os órgãos mais sensíveis do ser humano. Quem não sabe distinguir entre o órgão propriamente dito, i. é, o pecador, e o corpo estranho dentro do órgão, i. é, o pecado, não é capacitado para ser terapeuta ou cura de almas.

Em todos aqueles publicanos e pecadores, Jesus sempre distinguiu maravilhosamente entre a criatura de Deus e o corpo estranho, i. é, o pecado. Por isso todas as suas curas são uma "separação entre o *essencial* e o *estranho*"!

Aquele que pensa que precisa lançar rapidamente ao outro a palavra de arrependimento também corre o perigo de querer converter o outro à força. Jesus proíbe qualquer imposição e constrangimento.

O outro muitas vezes é cercado por muros inescaláveis, que não podem ser rompidos por nenhum fervor missionário. Toda ação autocrática, por mais bem intencionada que seja, será, então, profanação do sagrado. No judaísmo piedoso daquela época ambos os impulsos estavam unificados, violentando as pessoas: o espírito de julgar e o fervor para converter. Para ilustrá-lo Jesus recorre a uma parábola.

12. A nova vida é mostrada mais uma vez em três aspectos, 7.6-12

(Mt 6.1-18)

a. O fervor correto

6 **Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.**

b. A oração persistente

7 **Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.**

8 **Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.**

9 **Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?**

10 **Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?**
11 **Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?**

c. A ação exemplar

12 **Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.**

a. O fervor correto

6 Não deis aos cães o que é santo (a carne sacrificada), nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.

Jesus está dizendo que, numa pessoa, pode formar-se uma situação de incapacidade de aceitar tudo o que é divino, de modo tal que seu coração fica tão dissociado do evangelho quanto um porco da pérola e um cachorro do santuário. Essa incapacidade de associação com o divino não precisa ser constatada apenas em pessoas cheias de vícios, mas também se encontra nas assim chamadas pessoas altamente instruídas.

Silenciar ou reter a mensagem sagrada das pessoas acima caracterizadas não constitui covardia, falta de fervor pelo Senhor, ou falha no dever de testemunhar. Inegavelmente são verdadeiras as palavras: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10.32s). Contudo, existem momentos em que simplesmente temos de nos calar! Também Jesus calou-se diante do sumo sacerdote e, a princípio, não respondeu nada (Mc 14.60ss), nem falou com os soldados que zombavam dele, cuspiam no seu rosto e batiam nele (Mc 14.65; 15.16ss). Da mesma forma, ao final, não respondeu mais a Pilatos (Mc 15.4ss; Jo 19.9), porque todo falar seria em vão e pareceria como "lançar pérolas aos porcos".

Por outro lado, vigora com a mesma clareza e seriedade a palavra de Jesus de que devemos agir enquanto é dia, antes que venha a noite, quando ninguém mais pode trabalhar (Jo 9.4).

Toda vez que experimentamos que nosso relato sobre nosso tesouro de fé mais sagrado e precioso, que nos tornou tão ricos e felizes, não encontra a mínima compreensão do outro, resultando para nós apenas em desprezo e zombaria, Jesus nos mostra, em meio à nossa tristeza e impotência, a única verdadeira e real fonte de força e consolo. É a *oração*.

b. A oração persistente

7-11 Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?

Nesse trecho somos orientados de que não precisamos fazer grandes reflexões, mas *simplesmente* pedir, procurar, bater à porta. Essa é a nossa tarefa, o mais é obra de Deus. Está-nos sendo assegurado com clareza e sem margem de erro que, quando pedimos, receberemos, quando procuramos, encontraremos, e quando batemos, a porta nos será aberta.

Entretanto, pode alguém contra-argumentar: Isso não combina com as nossas experiências! Muitas vezes, apesar de todas as nossas preces, apenas percebemos um grande silêncio de Deus! Nesse caso é preciso examinar se pedimos *corretamente*, se procuramos *corretamente* e se batemos *corretamente*, ou se estávamos preocupados somente com o nosso querido "eu" e seus interesses terrenos. Se foi assim, nossa oração, por mais insistente que seja, jamais chegará ao trono da graça.

Não obstante, quando nossa oração rompe o domínio do próprio eu, então já nos foi preparado de antemão todo o "bem" em Cristo. Todas as boas dádivas já estão prontas para nós antes de pedirmos por elas. A obra redentora está consumada. – Pelas três repetições, "pedir, buscar e bater à porta" quer ilustrar a oração *persistente* e *sincera*.

A última figura, do bater à porta, ressalta singularmente a sagrada majestade de Deus. Bater à porta é expressão do respeito que tenho pelos outros. Bater à porta significa que não posso "entrar" simplesmente, como costumo fazer na minha própria moradia, em que tenho liberdade de ir de um quarto ao outro sem ter de bater à porta. Diante da porta do outro, na qual estou batendo, inicia a área de domínio da outra pessoa. Esse domínio me impõe que eu pare diante da porta e, antes de passar,

escute o chamado "Entre"! Do mesmo modo, a oração também é um bater e esperar pelo "Entre!" do outro. Pois, ao orar, aproximo-me do domínio da pessoa suprema, a saber, Deus, o Senhor. Aí é preciso parar, com reverência e humildade. É preciso escutar em silêncio, aguardando até que se ouça o "Entre!" e a porta seja aberta. – E a porta *de fato* se abre, sempre de novo, toda vez que eu vier! Cristo é a porta para o Pai. É esse o grande e precioso milagre da salvação, que ele é a porta e que eu posso entrar e falar com o Pai com grande liberdade e total confiança.

A exortação para orarmos com insistência e persistência é enfatizada ainda nos v. 9-11, com uma parábola da vida diária.

A partir do comportamento do pai terreno tira-se uma conclusão sobre o Pai nos céus. Jesus diz: É verdade que o ser humano em sua maldade pode causar dano ao próximo. Mesmo assim essa maldade não destrói o poder da prece persistente, porque o amor dos pais pelos filhos, inato nas pessoas, não é capaz de dar nada de mau ao filho. Como em relação a Deus fica completamente de lado qualquer pensamento de maldade, o pedido persistente dirigido a ele pode ter tanto maior certeza de ser atendido.

A frase final: **Quanto mais o vosso Pai nos céus dará *coisas boas* aos que lhe pedirem**, representa uma salutar correção de todas as suposições falsas de "atendimentos de oração". Deus, com toda a certeza, atende cada oração, só que não de acordo com o programa estabelecido por nós, e sim de acordo com a sua vontade. Essa sempre é, sem exceção, *boa* (cf. Rm 8.28).

c. A ação exemplar

12 Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

Após a palavra do Salvador sobre nossa atitude diante de Deus (Peçam! Procurem! Batam à porta!) segue-se a regra de amor para a nossa atitude diante do próximo, resumindo desse modo todas as partes principais do sermão do Monte. Novamente a instrução do AT não é revogada, mas sim *cumprida* (cf. 5.17). O AT ensinava, numa tradução livre: "O que você não quiser que lhe façam, também não faça a ninguém" (cf. Tob 4.16). Essa frase é também conhecida como provérbio. Jesus exige *mais*. Ele inverteu a frase negativa do AT e a formulou de modo *positivo*. Portanto, agora não se diz apenas: Não faça nada de mal ao próximo, mas: "Faça o *bem* ao próximo! Alegre-o! Ame-o!" Porque você também quer ser tratado amigavelmente pelas outras pessoas, e com amor em dias bons e maus. Então aja do mesmo modo em relação aos outros! Ou seja, transporte-se em pensamentos para a respectiva situação do outro. Assim como você gostaria de ser tratado na situação dele, aja agora pessoalmente com ele! Então você sempre estará agindo certo. É exatamente como a mãe de Rosegger diz para o rapaz, na despedida: "Pedro, se uma vez você quiser fazer algo para outra pessoa e não souber se é certo ou errado, então feche os olhos e pense que *você é o outro*".

A afirmação: **Façam aos outros tudo o que querem que os outros façam a vocês** vem a ser também a solução da questão social, a regra básica da convivência comunitária, o segredo do bem-estar pessoal e social e da verdadeira paz! Contudo, como estão incrivelmente distantes, o mundo e a comunidade de Jesus, da obediência a essa palavra.

Com sete ilustrações o formidável conteúdo do sermão do Monte é levado ao encerramento:

- A parábola da porta estreita e da larga;
- A parábola do caminho estreito e do largo;
- A parábola dos lobos e das ovelhas;
- A parábola dos espinhos e cardos;
- A parábola da árvore boa e da que não presta;
- O exemplo de dizer "Senhor, Senhor";
- A parábola do construtor sábio e do insensato.

Nestas sete palavras finais a extraordinária seriedade do sermão do Monte mais uma vez obtém formulação nítida e profunda. Através das sete ilustrações das grandes cisões e decisões, o Senhor executa o juízo santo sobre os distantes e os próximos de Deus, sobre os membros puros e impuros de sua comunidade. O julgamento que traz separação também passa no meio da comunidade de Jesus, sim até no meio do coração do discípulo.

13. As primeiras duas parábolas, 7.13,14

13 **Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),**
porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

Nessa parábola fala-se de um alto muro em torno de uma cidade, que possui um portão principal largo e alto e uma porta lateral estreita e pequena. Pelo portão principal passam, numa estrada larga que serve ao tráfego geral, as *multidões*. Pela modesta portinha lateral passam, em caminho estreito, somente *alguns*, os *poucos*.

Essa é a figura. Vamos à interpretação: Ao lado do pequeno grupo de discípulos estava a grande maioria do povo. A massa do povo israelita exigia um Messias que lhe desse pão, um Messias externo. O grupo de discípulos, entretanto, em breve soube da via caluniosa da morte de seu Mestre na cruz, soube da entrega de tudo o que era próprio de sua existência e seu ser. Era uma questão difícil, um sacrifício radical que se exigia do Senhor: agir e pensar totalmente diferente do que a grande massa age e pensa. Lembramos todas as palavras e os exemplos dos cap. 5–7, como o Senhor proclamou por meio delas a inversão de todos os valores. Pois as exigências de Jesus contrariavam tudo o que havia até então.

Diretamente oposto ao caminho da massa, do eu, da auto-afirmação, da estrada larga, está o caminho divino dos poucos, a via de Jesus, da estrada estreita. Mas essa via do sermão do Monte, que direciona radicalmente nossa vida para o trilho estreito do caminho apertado, é o único caminho que conduz à *vida*. E, por estar em jogo a vida eterna, é tolice olhar em volta à procura da estrada larga. Estando em questão a *vida*, nenhum sacrifício é grande demais para ser feito para a conquista do alvo.

Com as parábolas das portas estreita e larga, das estradas apertada e espaçosa, Jesus descreveu a grande separação que sua vinda causou entre as pessoas. O caminho estreito é ele próprio, ele que é "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14.6). O caminho largo, este é Satanás! Da grande massa, dentre todos os que andam o caminho do eu, a rota do pecado, que é o afastamento de Deus – Jesus convoca *todos aqueles* que peregrinam pelo caminho de Jesus, seguindo a ele, passando longe da estrada larga.

Mais uma vez, porém, Jesus faz uma distinção, porque mesmo no pequeno grupo que anda pelo caminho estreito, nem todos realmente pertencem ao pequeno grupo. – É este fato doloroso que Jesus explica com a ilustração de um rebanho de ovelhas. Nem todos que se parecem como ovelhas, são ovelhas.

14. A terceira parábola, 7.15,16a

Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.
16a **Pelos seus frutos os conhecereis.**

Mencionam-se profetas! São pessoas que falam em nome de Deus. Assim também esses profetas se apresentam no meio da comunidade de Cristo como quem usa palavras santas e fala em nome de Deus. Não obstante, o que *dizem* e o que *fazem* não é de Deus, porque sua motivação íntima é sombria e sacrílega. Por isso se comparam a lobos vorazes que andam sob a veste de ovelhas e, como piores inimigos do rebanho, dividem a comunidade do Senhor.

Como seria bem mais fácil viver seguindo a Jesus, andar no caminho estreito, se não irrompessem sempre de novo na própria comunidade de Jesus a ânsia de poder e de vantagem pessoal, a necessidade de prestígio e as discórdias. Desse modo, cada um precisa acautelar-se diante do outro e cuidar de si próprio e do "rebanho".

O sinal de reconhecimento para discernir quem é lobo e quem é ovelha é definido por Jesus nos termos: **Pelos seus frutos os conhecereis!** Quando a comunidade do Senhor for fiel na oração e na vigilância, em breve se revelará quais foram os poderes ocultos e sombrios e as motivações dos "lobos em peles de ovelha". Promoveram a sua própria obra e não a obra de Deus. Será descoberto se tinham o Espírito de Deus ou o espírito de baixo, se produziram fé ou descrença, se levaram à paz ou à discórdia, se buscaram a santificação ou não, se aproximaram de Deus ou fixaram as pessoas a si próprios, se defenderam com toda a clareza a vontade de Deus ou perseguiram alvos egoístas.

Efeitos e frutos do Espírito Santo somente podem crescer sobre o chão do Espírito Santo, não sobre a areia desértica do espírito anticristão. Para tornar isso mais uma vez palpável o Senhor lança mão de outra dupla de parábolas, das sebes de espinhos e das árvores imprestáveis em combinação com os seus frutos.

15. A quarta e quinta parábolas, 7.16b-20

Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?
17 **Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.**
18 **Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.**
19 **Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.**
Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

Do mesmo modo como é impossível que a fruta de uma árvore seja outra que a da própria árvore, também é impossível que o diabo busque a santificação, que a injustiça dê à luz a justiça, que a mentira produza a verdade, que a motivação falsa efetue um crescimento na fé, que a briga leve à paz, e o egoísmo gere o amor *ágape*.

Porque, apesar de não podermos olhar para dentro do coração da pessoa, podemos, com o tempo, deduzir a partir do que "sai dela" o que a moveu internamente. Assim como o fruto produzido pela árvore corresponde exatamente ao que a árvore é em si, tudo o que o ser humano faz também está profundamente ligado ao que ele é em sua essência. Se não recebeu o Espírito de Deus, tampouco pode gerar frutos do Espírito, nem mesmo quando "emoldura" seu falar e agir com o nome de Deus.

O juízo de Deus queimará esses frutos aparentes e frutos falsos juntamente com a árvore. Porém a comunidade de Jesus tem o dever de separar-se o quanto antes de tais "falsos profetas" e "lobos em pele de ovelha". Isso é o que a disciplina exige, pois o Espírito Santo é um Espírito de disciplina.

16. A sexta parábola, 7.21-23

21 **Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.**
22 **Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?**
Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade.

Mais uma vez o Senhor corta em dois grupos o círculo daqueles que o seguem. Apesar de ambos os grupos crerem nele, o seguirem e o confessarem, fazendo-o até não somente com palavras, mas também com ação, e mesmo com ações que trazem o selo de Deus, como milagres, expulsão de demônios – mesmo assim Jesus exclui um grupo do "reinado dos céus".

Por que o Senhor faz isso? A partir de que critério Jesus provoca esse processo de separação no âmbito de suas testemunhas e, conseqüentemente, de sua comunidade?

Diante de uma seriedade tão consternante perguntamos: Afinal, existe isso, *em nome de Jesus* ter proferido profecias bíblicas, expulsado demônios, ter feito muitos milagres (curar enfermos, acalmar tempestades, afugentar cobras, neutralizar o veneno ingerido, ressuscitar mortos – cf. Mc 16.17s; Hb 11 – como é importante aqui a *tríplice* repetição de "em nome de Jesus") e, apesar disso tudo, ser rejeitado? A partir de Mc 16 e Atos dos Apóstolos, bem como das epístolas, sabemos que testemunhar Jesus como o Cristo e o Senhor traz consigo feitos milagrosos eficazes. Tornou-se verdadeiro que o reino de Deus não consiste em palavras, mas em manifestação do espírito e do *poder* (cf. 1Co 4.20 e 2.4). Em outras palavras: a ação em nome de Jesus não se revelava por "teoria e exegese", mas poderosamente "em ação e palavra". Não obstante, apesar de Jesus reconhecer como acontecidos e reais todo esses fatos e ações de seus seguidores, ele não quer saber nada desses milagreiros poderosos, mas condena-os completa e cabalmente. Isso não é uma posição impossível? Não! *Pois é Jesus quem diz isso*. Ainda que essas testemunhas não tenham temido os demônios e sempre de novo tenham trazido poderoso socorro nas enfermidades e necessidades, comprovando desse modo magnífico o poder de seu Senhor, ele apesar disso os repelirá e dirá: "Não os conheço!" João Batista certa vez descrevera a ação do Cristo com a parábola de que "aquele que virá depois

dele como o Cristo" tomará a pá e limpará completamente a sua comunidade e queimará a palha. Pela palavra severa e séria dirigida ao seu círculo de discípulos e, assim, à sua comunidade, o Senhor confirma que executará também essa parte da mensagem do Batista com máximo rigor no dia do juízo final.

Qual é o ponto de partida do qual o Senhor pretende executar essa última e mais severa separação de sua comunidade?

Ele o expressa com as palavras singelas e apesar disso muito sérias: são os **que não fazem a vontade de meu Pai que está nos céus**. Aqui está o critério decisivo! O que significa: *fazer* a vontade do Pai? Significa que a mais bem sucedida atividade em favor do Senhor pode cair, apesar de tudo, sob a condenação dele se o discípulo não perseguiu com todo coração e empenho a santificação pessoal. Pois essa é a vontade de Deus, a "vossa santificação" (1Ts 4.3; cf. 2Co 7.1; Hb 12.14). A discrepância entre o sucesso de suas realizações e a conduta *pessoal* na santificação será a sua condenação. Com que seriedade Paulo entendeu essa exortação do seu Senhor, quando falou, em 1Co 9.24-27, de sua luta pessoal pela santificação nas três imagens da luta na corrida, da luta de boxe e da luta corporal, um testemunho que ele encerra com as palavras: "… para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado".

Sim, existe uma atividade cristã exitosa que cai sob a sentença condenatória de Jesus, que dirá: **Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que só fazem o mal!** Há um limite, um limite sagrado entre a busca da honra própria e o empenho de "honrar a Deus *somente*". Quem não observa essa linha divisória, inevitavelmente fracassará. Neste contexto cabe mencionar a terceira tentação na história da provação de Jesus, em Mt 4.

A palavra terrivelmente séria de Jesus nos v. 21-23, de que a atividade mais bem sucedida e brilhante, combinada com grandes sinais e milagres, não constitui garantia nenhuma para sermos aceitos no reino dos céus, nem é um substituto para relaxarmos na seriedade da santificação pessoal, esse princípio do Senhor obtém uma segunda e igualmente impactante expressão de rigor em 16.26 (cf. Lc 10.17-20).

17. A sétima parábola: Do construtor néscio e do sábio, 7.24-27

24 **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;**
25 **e caiu a chuva (torrencial), transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.**
26 **E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia;**
e caiu a chuva (torrencial), transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Observação preliminar

Jesus chegou ao fim do seu discurso. Uma última ilustração tem como objetivo deixar mais uma vez clara a finalidade do seu discurso de maneira eloqüente e impactante. Mais uma vez é uma palavra de separação. É dirigida aos seus discípulos e aos que o escutavam.

Tudo depende de pôr em prática o que Jesus disse. Somente é sensato aquele que transpõe para a palavra do Senhor para a prática. Quem *apenas* ouve e *não* age, é tolo. Ouvir apenas proporciona uma posse aparente, que se quebra justamente quando deve ser comprovada. Porém para aquele ouvinte que *realiza* o que ouviu, a palavra de Jesus se torna um poder e uma força bendita. Esse realizar transforma-se num bem interior e numa riqueza interior que se iguala a uma casa fundamentada sobre uma rocha e que superará as provações, mesmo nas mais fortes tempestades e torrentes de angústias e tribulações.

18. A conclusão, 7.28,29

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina.
29 **Porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.**

O impacto do sermão do Monte foi profundamente marcante e duradouro. É o que também denota o tempo verbal do imperfeito no original grego. O imperfeito expressa a *duração* de uma ação ou impressão. "As multidões estavam totalmente fora de si." Estavam como que atordoadas, paralisadas! Pavor e admiração, profundo abalo interior e simples incapacidade de captar tomaram conta de seu coração. Jamais tinham ouvido algo assim.

Havia também entre os escribas personalidades famosas e oradores poderosos. Nomes como os dos grandes mestres da lei Shammai e Hillel, que viveram pouco tempo antes de Jesus, ainda estavam vivos na memória de todos. Mas não eram nada diante daquele que agora falava com autoridade como o "Senhor".

Aqueles podiam anunciar, com formulações cuidadosas e expressões elaboradas, uma série de prescrições morais detalhadas, mas Jesus derruba, a partir de sua autoridade divina, tudo o que eles haviam falado. Ele coloca diante dos seus ouvintes uma parede rochosa, uma parede granítica, vinda da eternidade, que esmagava e estilhaçava tudo o que até então fora dito. Nenhum discurso que tenha saído de lábios humanos era mais arrasador e impactante do que esse. Ele era, no mais verdadeiro sentido da palavra, a "inversão de todos os valores". Ele foi e continua sendo o mais abrangente e mais radical paradoxo, i. é, diretamente oposto a tudo o que houve até então, que já fora dito sobre a face da terra.

O que antes era "branco", o Senhor designa de "preto", e o que era "preto" ele chama de "branco". O que antes se dizia "em cima", fica agora situado "em baixo", e o que antes ficava "em baixo", hoje se fala "em cima". "Comparadas com a reviravolta que o sermão do Monte trouxe, as maiores revoluções são apenas batalhas infantis." Todas as religiões da terra esforçam-se por estabelecer leis que se situam no âmbito do humanamente praticável. Jesus exige o que está *fora* do humanamente alcançável. Porém, o que é impossível aos homens, é possível para Deus, possível "em Cristo", unicamente nele!

Usando uma comparação da música, o sermão do Monte é como uma magistral sinfonia que, sem qualquer preparação, inicia nos primeiros compassos com a atuação de toda a orquestra. E todos os instrumentos seguem sempre tocando o tema principal, o tema principal que é desenvolvido de modo inaudito e fundamentalmente diferente de todos as demais orquestras, a saber: *O ser humano não é nada - Deus é tudo. O ser humano não pode nada - Deus, porém, pode tudo*.

Até o momento em que foi pronunciado o sermão do Monte, as orquestras dos judeus tinham tocado aquela melodia que, sob a regência dos fariseus e escribas, fazia ressoar: "Justiça é possível a partir do esforço próprio, do mérito pessoal" (cf. o exposto em detalhes sobre Mt 5.38ss). *Religião é auto-salvamento*! Basta cumprir *pontualmente* todas as determinações estabelecidas pela religião, para que o *superávit* dos mandamentos observados supere o eventual pequeno *déficit* das *transgressões* da lei. Quando isso se concretiza, então Deus (assim ensinavam os mestres da lei) considera como justa aquela pessoa que *fez* por merecer total e plenamente o céu através de seu tesouro de obediências excedentes à lei. Portanto, o *ser humano* pode alcançá-lo e realmente o consegue sozinho, não carece nem da graça nem da salvação. Essa era a melodia que soava em toda a parte até o momento em que foi falado o sermão do Monte.

Além disso, até a hora de ser proferido o sermão do Monte, todas as orquestras *humanas* tinham tocado a melodia seguinte: "Toda a bem-aventurança humana consiste nisso: riqueza é felicidade, estar farto é conteúdo de vida, honra é 'querer ser alguém', religião é auto-satisfação, culto é produção com que eu próprio posso adquirir o céu". O sermão do Monte, no entanto, anuncia com nitidez desde o primeiro compasso, pela atuação de todos os seus instrumentos, mesmo que o ouvinte empalideça: "A bem-aventurança da pessoa não está na riqueza, mas na pobreza, estar satisfeito não é ter de sobra, mas ter fome, honra não está em 'querer ser alguém', mas em servir. Culto não é produção, mas graça. Religião não é satisfação das pessoas, mas paz de Deus e força de Deus. Somente aos que *por si próprios* nada são, nada têm e nada sabem, a esses, somente a eles, pertence a riqueza inescrutável e eterna de Deus e do Cristo. Somente os fracos, famintos, tristes e pobres em si – são ricos em Deus, ricos para toda a eternidade. Somente os que, com toda a seriedade e sinceridade, até com a última fibra do coração, "buscam o reino de Deus", que querem agradar ao seu Senhor e Deus em cada situação do cotidiano, que, mediante recurso às forças do alto, fazem acontecer seu amor divino na pressão e escuridão do mundo, somente a eles pertence o reino dos céus e tudo o que na terra é necessário para ele, e precisamente do modo como Deus o quer!

Portanto: primeiro Deus, e outra vez Deus e de novo unicamente Deus. É isso que o sermão do Monte, ouvido como uma sinfonia, faz ressoar como tema principal mediante o toque de todos os seus instrumentos. Somente aquele que se esquece de si mesmo e pensa apenas no Cristo será bem-aventurado. Somente quem quer tornar-se feliz por graça, unicamente por graça, torna-se justo, é redimido para o tempo e a eternidade. Em Cristo, nele somente!

VIII. A AUTORIDADE DE JESUS REVELA-SE PODEROSA EM AÇÕES E MILAGRES, 8.1–9.34

Observação preliminar

O sermão do Monte tinha evidenciado a autoridade e potência plena de Jesus, "pois ele os ensinava como quem tem plenos poderes, e não como os seus escribas".

Agora segue-se, à autoridade e ao poderio do discurso, a força de "dinamite" (como diz o texto original), i. é, a força dos "prodígios e milagres e sinais" (At 2.22).

Em duas séries são apresentadas cada vez 5 histórias de milagres.

No capítulo 8:

A cura do leproso;

A cura do empregado do centurião de Cafarnaum;

A cura da sogra de Pedro;

Jesus acalma a tempestade;

A cura dos dois gadarenos.

No capítulo 9:

A cura do paralítico

A ressurreição da filha de Jairo;

A cura da mulher com hemorragia;

A cura de dois cegos à beira do caminho;

A cura de um mudo.

São ao todo 10 milagres que Mateus relata. Talvez Mateus tenha lembrado dos 10 milagres no AT, que Deus realizou para libertar Israel do Egito. A teologia rabínica tinha ciência disso, porque dizia: "Dez milagres aconteceram aos nossos pais no Egito e dez no mar… Dez milagres aconteceram aos nossos pais no santuário".

Será que também para Mateus o número dez tem um significado simbólico? Dez é o símbolo de Deus, que é o início e fim de todas as coisas. No número dez iniciam as unidades e retornam novamente à unidade (mais detalhes no artigo "Simbolismo dos números" e no trecho final do cap. 9, quando exporemos *o sentido dos milagres*).

De acordo com as expressões genéricas com que os evangelhos falam dos milagres de Jesus (Mt 4.23s; 9.35; 12.15; Mc 1.32ss; Lc 5.17; 7.21), ele *realizou milhares de milagres*. Contudo, de modo mais detalhado, os evangelhos relatam *vinte* milagres de cura, *sete* exorcismos, *três* reavivamentos de mortos e *oito* milagres na natureza. Com exceção de *um*, todos os milagres ocorreram durante a vida terrena de Jesus, e somente esse um *após* sua ressurreição.

Em relação à *palavra* de Jesus, vale o mesmo que vigorou em relação à *palavra* dita por Deus no início da criação. "Como ele falou, assim aconteceu, e como ordenou, já sucedeu!" Também pessoas com doença terminal e até mesmo mortas foram salvas instantaneamente pela *palavra*. Foi Jesus quem falou, o Senhor, o *kyrios*, i. é, o poderoso, o soberano, o governante, o regente. E a palavra do soberano tem efeito criador! Quaisquer que possam ter sido os males – a palavra de Jesus evidenciou-se como poderosa e forte.

É valioso contemplar a linha de conexão interna entre os três primeiros relatos de milagres.

A *primeira ajuda* que Jesus concede a uma pessoa após seu sermão do Monte realiza-se num excluído, em alguém que foi repelido e amaldiçoado pelas pessoas e (de acordo com os judeus) também por Deus, um *leproso* que estava definhando sem nenhuma esperança, uma imagem lastimável de miséria humana, considerado como escória da humanidade.

A *segunda ajuda* pela qual Jesus revelou seu poder pleno é destinada a um gentio, que como tal também pertencia, na opinião dos judeus, à escoria da humanidade (os judeus desprezavam os gentios a ponto de chamá-los de cachorros). Ambos, o leproso e o gentio, eram segregados pela lei da comunidade israelita. Mas ali onde a lei tinha estabelecido de uma vez por todas a separação incontornável é justamente onde inicia o poder de cura de Jesus, não se detendo nem diante do *leproso* nem do *gentio*.

A *terceira ajuda* que revelou a glória de Jesus dirigiu-se a uma *mulher* (a sogra de Pedro), à mulher que também era diminuída pelo culto judaico.

A onipotente *palavra* "Eu, porém, vos digo", do sermão do Monte, é continuada de modo magnífico e singular por meio da poderosa *ação* das curas milagrosas.

1. A cura do leproso, 8.1-4

(Mc 1.40-45; Lc 5.12-14)

1 Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram.
2 E eis[a] que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me.
3 E Jesus, estendendo[b] a mão, tocou-lhe[c], dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra.
4 Disse-lhe, então, Jesus: Olha, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo.

Em relação à tradução

[a] Cf. o exposto em 1.20.

[b] Marcos incluiu aqui também a forte emoção do Senhor, da seguinte maneira: "E ele estendeu, cheio de compaixão (i. é, o coração ameaçava partir-se de tanta comiseração), as suas mãos…". Apesar de faltar aqui a palavra "compadeceu-se", ela é usada em outras quatro passagens do evangelho de Mateus.

[c] A palavra traduzida por Almeida com "tocou-lhe" pode ser vertida neste caso com "abraçar". Comparamos essa tradução com Mc 10.13 e 16. "Tocar", "apoderar-se" no v. 16 é exemplificado com "tomar nos braços". – Ver Pape: Dicionário, p. 721 e Schlatter: Markus, p. 189, Matthäus, p. 271! Cf. também 1Jo 5.18.

Observações preliminares

Lucas, o médico, descreve em Lc 5.12 esse doente como um homem que estava "cheio de lepra" (*pleres lepras*), i. é, que se encontrava no último estágio da doença. Como médico, Lucas sabia desse caso totalmente sem esperança, marcado pela morte iminente. – Apesar de Jesus ter curado muitos leprosos, apenas dois são mencionados explicitamente (aqui e em Lc 17).

Em Israel os leprosos eram assunto da mais extrema repulsa. A lepra era a pior enfermidade em três sentidos:

1. No aspecto físico: Pústulas esbranquiçadas corroíam a carne, um membro após outro era atingido e, por fim, até os ossos eram carcomidos. Febre alta com insônia e pesadelos atormentava terrivelmente o enfermo. Era certo que a doença levava à morte. Por causa dessa total falta de esperança, o doente era igual a um cadáver vivo. Os mestres da lei judaicos contavam os leprosos entre os mortos (são quatro os equiparados a um morto: o pobre, o leproso, o cego e o homem sem filhos; St-B, vol. I, p. 175). Se porventura, por uma causa qualquer, acontecia uma cura, essa eqüivalia ao *reavivamento de um morto*.

2. No aspecto social: Pela natureza altamente contagiante da doença, o enfermo era isolado de sua família e excluído do convívio com as pessoas, ficando limitado apenas à companhia de outros infectados, igualmente infelizes. Via de regra os leprosos viviam em grupos, a certa distância de locais habitados (2Rs 7.3; Lc 17.12). As pessoas colocavam comida para eles em locais combinados. Quando se aproximavam, todos fugiam apavorados. Essa mais terrível de todas as enfermidades era chamada de "tirano de todas as doenças". Os leprosos andavam sem cobrir a cabeça, ocultando o queixo. Deviam rasgar suas vestes e tinham a obrigação de se anunciar quando alguém se aproximava, exclamando: "Impuro, impuro!" Ou seja, estou pesteado, envenenado, contagioso, sou um excluído, fique longe! – Não bastava que o doente tivesse lepra, ainda tinha de anunciar em voz alta sua condição lastimável (cf. Lv 13.45s). Em gratidão pelo lastimoso aviso, costumava-se enviar comida para os leprosos até seu lugar solitário. Contudo, quando o leproso se aproximava de um povoado humano qualquer, era apedrejado sem escrúpulos.

3. No aspecto religioso: A lepra tornava a pessoa impura no sentido levítico. A impureza do leproso superava qualquer tipo de impureza perante a lei. Pois não apenas tornava impuro tudo o que tocasse, mas a mera *presença* dele já bastava para contaminar tudo naquele local, mesmo sem contato físico. "Quando um leproso entra numa casa, no mesmo instante em que entra nela todos os utensílios dentro dela ficam impuros, até a viga mais alta." Como sinal de sua impureza, "ele deve", assim exige a lei, "rasgar suas roupas, deixar crescer o cabelo sem cuidados e ocultar sua barba…" Por causa dessa impureza toda especial, a lepra também era um motivo pelo qual a esposa podia divorciar-se. – O mais terrível era que a lepra se apresentava como *um castigo direto de Deus*, mais precisamente como castigo por difamação (Sl 101.5), orgulho (2Rs 5.1; 2Cr 26.16,19), derramamento de sangue (2Sm 3.29), perjúrio (2Rs 5.23,27), lascívia (Gn 12.17), roubo (Lv 14.36)

etc. Essa era a situação terrível para o leproso, que ele tinha de considerar-se como alguém amaldiçoado por Deus, deserdado por Deus. Enquanto a doença durava, persistia sobre ele a sentença condenatória. Como na maioria dos casos a doença acabava na morte horrível, uma pessoa assim infeliz morria nas trevas do desespero total, repelido eternamente por Deus, destinado a ir ao encontro da condenação e do inferno eternos. Ao tormento temporal seguia-se o tormento eterno.

1 Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram.

Jesus desce do monte em que proferiu o sermão, nas proximidades de Cafarnaum, na região montanhosa da Galiléia. Não desce *sozinho*, mas rodeado de multidões que, ainda que tomadas de espanto, não o abandonam. Jesus entra em Cafarnaum.

2-4 E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe (abraçou-o), dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra. Disse-lhe, então, Jesus: Olha, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo.

A palavrinha "eis" (grego *idou*) denota o aspecto inaudito, surpreendente e súbito, a saber, que um *leproso* tinha tido coragem, contra todas as prescrições legais – sem medo de ser apedrejado – (sem gritar: "Impuro, infectado, fiquem longe!"), para arrastar-se ao centro da cidade no intuito de conseguir de qualquer forma, custasse o que custasse, um encontro com Jesus. A fé rompe através de aço e pedra. Todos os três evangelistas relatam esse acontecimento. Quando a multidão viu aquela figura lastimável, fugiu cheia de pavor e temor. Também é muito provável que os discípulos se afastaram rapidamente.

Somente Jesus, aquele que sempre age de modo totalmente diferente, fica parado. Assim ficam frente a frente Jesus e o leproso, numa rua vazia, sem gente. Só de longe a multidão observa esse quadro incomum.

O homem consagrado à morte lança-se aos pés de Jesus e clama: **Senhor, se quiseres, podes purificar-me.** De certo ouvira sobre Jesus, que ajuda e cura. Quando afirma: "Podes *purificar-me*" e não: "Podes *curar-me"* – está apontando para a angústia interior, a terrível angústia de *ser amaldiçoado por Deus*.

Mas também em outro aspecto transparece algo essencial nessa palavra do leproso: **Senhor, se quiseres, podes purificar-me.** O pedido do leproso ilustra a natureza da fé autêntica. Fé ativa tem dois lados, um lado *ativo* e outro *passivo*. O lado ativo mostra-se como *certeza* de fé inabalável. A fé sabe que Deus atende orações. O lado *passivo* revela-se no fato de que a fé não determina a partir de si o modo do atendimento, não agarra com violência a ajuda do Senhor, como se tivesse um direito ao socorro de Jesus, como se tivesse poderes de *dispor* sobre o poder do Senhor. Não, fé autêntica deixa o modo e a forma de atendimento totalmente nas mãos do Senhor (cf. o exposto sobre 6.5-13 e 7.7-11).

O pagão visa com sua oração tornar os deuses obedientes a ele. Por isso ele reforça sua oração com sacrifícios, presentes, autoflagelações, jejuns. Seu ídolo precisa ser convencido, precisa reverter seu ânimo em sentido favorável, precisa ser subornado.

O cristão, em contraposição, diz na sua oração: "Senhor, se queres…" Não a vontade própria, mas unicamente a vontade e o desejo de Deus devem prevalecer. Isso é fé de discípulo, fé autêntica. O cristão sabe que ele pode confiar que Deus fará qualquer tipo de ajuda, mas não lhe prescreverá nenhuma.

O excluído apresenta essa fé autêntica. "Se *queres*, podes purificar-me." E o que faz o Senhor? Ele estende sua mão ao infeliz, agarra-o firmemente, sim, *abraça*-o, *envolve*-o e aperta-o, o impuro, contra o seu peito, seu coração de Salvador.

O abraço ao pobre leproso também pode ser interpretado simbolicamente. Ao morrer na cruz sobre o Gólgota, o Senhor "abraçou a humanidade impura da lepra do pecado e tomou sobre si o pecado do mundo para levá-lo embora" (cf. Is 53; Jo 1.29; 2Co 5.21).

Jesus diz: **Quero**. Uma palavra de autoridade, uma palavra que contém poder criativo divino. No mesmo instante aquele que antes parecia um cadáver putrefato estava diante do Senhor puro e saudável. O excluído estava novamente aceito na comunhão humana. Foi esse o milagre da cura.

Como Jesus havia dito no sermão do Monte: "Não pensem que vim para dissolver a lei, mas para cumpri-la" (cf. Mt 5.17), ele envia o curado aos sacerdotes: **Cuidado, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho**

para eles. A proibição de Jesus de falar a alguém sobre a cura quer evidenciar que Jesus estava empenhado principalmente em cumprir a prescrição legal (sobre a cura de leprosos). Jesus temia que o curado pudesse imaginar (após a lepra ter sido afastada dele de modo tão extraordinário) que *também* estivesse livre da impureza prevista em lei e que não mais precisasse do atestado de purificação prescrito pela lei (cf. Lv 14.2s). Jesus não quer isso. A lei deve ser obedecida com rigor. Desse modo as palavras finais "de testemunho para eles" adquirem um sentido bem simples, a saber, *de testemunho para os sacerdotes*, e não para o povo. Esse testemunho para os sacerdotes é a prova de que Jesus observa estritamente a lei mosaica que requer um "sacrifício" do leproso.

Jesus igualmente evitou o louvor da multidão, evitou criar uma fé falsa, uma fé que se agarra somente em sinais e milagres, motivo pelo qual não é fé verdadeira e autêntica. É por isso que o Senhor proibiu ao curado que "falasse adiante"!

Que situação peculiar! Os adversários precisam atestar oficialmente o milagre (não há como interpretar e distorcê-lo), mas ao próprio Senhor não reconhecem, ou melhor, não o *querem* admitir como tal! A ninguém é mais difícil convencer da verdade que aos chamados *representantes oficiais da verdade*.

O envio aos sacerdotes, porém, tinha ainda outro sentido, mais profundo e em duas dimensões:

- Por meio dessa ação Jesus assume uma posição clara diante dos *sacerdotes*;

Jesus deixa à categoria sacerdotal suas funções oficiais. Não se insurge como um revolucionário anti-sacerdotal. Dessa maneira ele abre para si possibilidades de ação, sem que os sacerdotes possam cerceá-lo em termos *legais*. Que ele cure leprosos. Enquanto os enviar aos sacerdotes e impuser aos curados até a obrigação de realizar a oferta, legalmente eles não poderão agir contra ele.

- Jesus exige dos sacerdotes uma posição clara diante da sua *pessoa*.

Contudo, Jesus também quer que eles *ouçam*: "Está aí quem cura os leprosos. O Messias chegou!" Para que seja chamada a atenção deles de que o reino de Deus está bem no meio deles.

Conforme o relato de Lucas (Lc 5.16), Jesus se retira, após a cura do leproso, para um lugar solitário, a fim de orar. Jesus sempre de novo tinha a preocupação de proteger sua atividade de qualquer desvirtuamento espiritual, dedicando boa parte de seu tempo à oração. Por desse meio ele tentava combater simultaneamente a agitação entre o povo, provocada pela sua mensagem e sobretudo pelos seus milagres. A *oração* constituía o contrapeso que ele utilizava contra todos os perigos que continuamente ameaçavam sua obra de dentro ou de fora. A cena de Jesus orando conecta-se tanto ao acontecimento anterior quanto ao seguinte. Descobrimos aqui um dessas pausas de descanso que são especialmente características de Lucas (cf. comentário a Lc 4.42; 6.12).

Em toda a incomparável agitação e pressão do trabalho, Jesus continuou sendo *o grandioso e singular homem de oração*. Quase que forçosamente consegue espaço para orar. Abrevia o sono, separa-se do corre-corre das pessoas, da comunhão dos seus discípulos, e busca a *solidão*, busca seu Deus e Pai no silêncio da noite.

2. A cura do empregado do centurião de Cafarnaum, 8.5-13

(Lc 7.1-10)

5 **Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião[a].**
6 **Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente.**
7 **Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo.**
8 **Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.**
9 **Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz.**
10 **Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta[b].**
11 **Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa[c] com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus[d].**
12 **Ao passo que os filhos do reino[e] serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes[f].**
13 **Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado.**

Em relação à tradução

[a] *Centurio* é um comandante sobre uma *centúria* = 100 homens. O exército romano era subdividido em legiões. Uma legião, de 6.000 homens, tinha 10 coortes. Uma coorte = 6 centúrias.

[b] Duas vezes nos é informado que Jesus tenha se "*admirado*": na presente história, sobre a *fé* do capitão gentílico, e em Mc 6.6, sobre a *falta de fé* de sua cidade natal *Nazaré*.

[c] A expressão "tomar lugar à mesa", pelo texto original, é "estar deitado à mesa". O termo poderia causar-nos estranheza. Por isso comunicamos o seguinte, a título de esclarecimento, extraído de St.-B: Fazia parte dos objetos indispensáveis no equipamento de um refeitório sobretudo a mesa, sobre a qual eram depositados um após o outro os diferentes pratos de comida. Devemos, de fato, imaginar essas mesas com um formato semelhante às nossas, apenas que eram *mais baixas*, visto que não se ficava *sentado* mas sim *deitado* à mesa. Nas refeições diárias da família comia-se *sentado*. Somente quando os convidados no salão completavam um número definido de convivas é que se comia deitado. Esse costume é comprovado para os dias de Jesus (Mt 8.11; 22.10s; Mc 2.15; 14.3; Lc 5.29; 7.36s,49; 11.37; 14.8,10; quanto à refeição do *passá*, veja Mt 26.20; Mc 14.15,17; Lc 22.12,14; cf. também Jo 13.23; 21.20. Sobre a importância de ficar deitado durante a ceia do *passá*, cf. elementos da literatura judaica mais antiga no comentário a Lc 22.27). O costume exigia ficar deitado sobre o lado esquerdo. Então o braço esquerdo servia de apoio, enquanto o direito estava livre para comer. Os pés estavam esticados para trás. Como base, o que estava deitado à mesa tinha uma almofada. Quanto mais rica uma casa, tanto mais preciosas eram suas almofadas. Às vezes se mencionam até almofadas prateadas e douradas. A ordem das almofadas em torno da mesa parece ter sido em grupos de três almofadas cada. Com essa ordem estava diretamente relacionada a ordem de os convidados sentarem. Da almofada ainda fazia parte um travesseiro, que servia de apoio ao que estava deitado à mesa.

[d] Na teologia rabínica fala-se muitas vezes do banquete futuro dos justos, em sentido figurado e real, com o uso da metáfora do comer por ocasião de uma ceia. Veja Enoque 42.14: "O Senhor dos espíritos habitará entre eles, os justos e eleitos, e tomarão refeição com aquele filho do homem (Messias), deitando-se e levantando-se para toda a eternidade". O sentido das últimas palavras é que a bem-aventurança dos justos consistirá na incessante comunhão de vida com o Messias. A ceia de nosso Deus, que ele preparará no futuro para os justos, não terá fim, como diz Is 64.4: "Desde a antigüidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera (cf. também Is 25.6; Mt 22.1-13; Lc 22.30).

[e] No pensamento rabínico a designação "os filhos do reino" expressa a relação de *pertença*, de *dependência* e de *comunhão essencial*. Para "filhos" pode-se comparar "filhos do quarto nupcial" (9.15), "filhos do maligno" (13.38), "filhos do trovão" (Mc 3.17), "filhos do Altíssimo" (Lc 6.35), "filho da paz" (Lc 10.6), "filhos deste século" (Lc 16.8; 20.34), "filhos da luz" (Lc 16.8), "filhos de Deus" (Lc 20.36), "filhos da ressurreição" (Lc 20.36), "filho da perdição (Jo 17.12) etc. Em todas essas passagens é formulada a relação, acima mencionada, de pertença e dependência. De modo semelhante dizemos: "És um filho da morte", afirmando com isso que a pessoa já *pertence* à morte, já está identificada essencialmente com ela. Sendo os israelitas chamados de "filhos do reino", afirma-se que eles pertencem a Deus de um modo muito singular, que são o povo por ele escolhido, que está equipado com uma tarefa bem especial para o mundo.

Como em 4.23 e 6.33, aparece aqui o termo "reino" *sem* o acréscimo "dos céus". Essa formulação encontra-se mais algumas vezes em Mt (mais detalhes em Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel*). A palavra de que "os filhos do reino", i. é, os israelitas, são lançados "na escuridão lá fora" constitui uma afirmação muito dura do Senhor, e é uma condenação de Israel, da forma como já a indicou João Batista em 3.9s. Schlatter o formula com muita e seriedade e pertinência: "Portanto, a condenação de Isarel começa com uma testemunho especialmente vigoroso de sua pertença a Deus. É um processo semelhante como quando Jesus inicia um *novo* mandamento com a confissão à verdade do AT (cf. 5.17 com 23.2). Pela rigorosa palavra da escuridão 'lá fora', Jesus coloca o povo de Israel no mesmo nível dos descrentes e gentios."

Quanto ao local da escuridão, uma parte do *sheol*, seja dito o seguinte: A LXX traduziu *sheol* com *hades*. *Sheol* (hebraico) e *hades* (grego) significam "reino dos mortos". A *gehenna*, porém, é o *local de punição* do fogo do inferno.

A concepção original do *sheol* do AT foi modificada pela *fé na ressurreição* no NT. Exerceu uma influência duradoura sobre a compreensão do *sheol* do AT a fé na ressurreição no NT e, com ela relacionada, a idéia da retribuição. Na medida em que a permanência no *sheol* foi limitada no tempo pela idéia da ressurreição, o *sheol* perdeu seu caráter de abrigo perpétuo. Para os fiéis ele se tornou agora uma *morada provisória*, exclusiva para a duração do estado intermediário, i. é, para o tempo entre morte e ressurreição. E, na medida em que a *idéia da retribuição* exigia uma sorte diferenciada para justos e injustos, não apenas para o tempo depois da ressurreição, mas *já durante* o estado intermediário, o *sheol* deixou de ser um lugar de permanência igual para todos os seus habitantes. Tornou-se para os justos, até a ressurreição, um local de descanso e paz, e para os descrentes, até o juízo final, o local da merecida punição provisória, contudo após o

juízo final o local da condenação eterna. Mais adiante veremos outros pormenores Cf. St.-B, Vol. 4, II, p. 31, excurso).

[f] Schlatter (*Der Evangelist Matthäus*, p. 280) afirma: A violenta comoção do corpo produzida ao bater o queixo (ranger os dentes) pode ser por *raiva* ou por *medo*. Não se está falando do tormento físico. Pois não foi o prazer da crueldade que inventou uma execução penal terrível. O objetivo de Jesus é alcançado quando o ouvinte considera o que perdeu ao ser vitimado pela perdição. Mateus repete a expressão mais *cinco* vezes, falando sempre de pessoas *agraciadas* que receberam o chamado em vão. Não possui, porém, paralelamente uma expressão correspondente antitética, para o deleite dos eleitos e que vivem eternamente. Também isso caracteriza o seu objetivo religioso. É decisivo preservar o recebido, para que a salvação pela graça não termine em remorso. – Para o fato de que também aos condenados é atribuído um corpo humano, veja 5.29; 10.28.

Observação preliminar

Para podermos entender melhor a história do centurião, é preciso dar um breve esboço da história contemporânea. É um milagre de Deus, fazedor da história, que no tempo de Jesus ainda existia um povo judeu e que ele não tinha desaparecido como outros (como também as 10 tribos do Norte). Em lugar algum da história dos povos existe um exemplo de que um povo que fora mantido 70 anos cativo num país distante e estranho, sob duríssimas condições, e teve permissão de, na segunda e terceira gerações, retornar à terra natal e reconstruir sua cidade e seu templo.

Na terra natal, a Palestina, viviam na época de Jesus em torno de um milhão de judeus, e no exterior, i. é., no Império mundial Romano, fora da Palestina, três milhões (destes, um milhão apenas no Egito). A população total do Império Romano era de aproximadamente 60 milhões. Um 15 avos do império todo eram judeus, ou dito diferente, 7 por cento. Permanece um enigma, mesmo na opinião dos estudiosos, como foi possível que o povo judeu cresceu de modo tão espantoso.

A atitude do mundo gentio diante dos judeus, muito ativos também na vida comercial, *não era de forma alguma amistosa*. Os poetas romanos Horácio, Ovídio e Juvenal transformaram os judeus no alvo de seu escárnio feroz. Era na proibição de comer carne de porco e na celebração do sábado que eles descarregavam seus chistes. Os judeus seriam os mais ignorantes dos bárbaros, que nunca haviam feito uma invenção útil. Moisés teria sido o maior charlatão. Também é conhecida a palavra do imperador Augusto: "Prefiro ser o porco do Herodes que seu filho". O sentido é que Herodes assassinava seus filhos, mas se abstinha da carne de porco. A história do povo judeu é cheia de toda sorte de perseguições e de cha-cinas em massa. O esboço da história judaica, que Tácito incluiu em suas *Histórias*, respira o pleno desprezo do romano educado contra este mais desprezível de todos os povos escravizados, que odeia os deuses e as pessoas, entregando-se a uma superstição absurda e suja.

Inversamente, como os *judeus consideravam os gentios?* Os gentios eram chamados de cachorros. Ficavam no mesmo nível, para os judeus: pecadores, prostitutas, traidores da pátria, criminosos e gentios. Com infinito desprezo olhavam para o paganismo absurdo e sujo. Os rabinos exigiam que as pessoas aborrecessem os gentios. Enganá-los sob perjúrio também era permitido. Os gentios são inimigos de Deus, Israel é amigo de Deus. A um gentio não se deve indicar um caminho. Era expressamente permitido dizer palavrões contra um ídolo na presença de gentios. É proibido hospedar animais judeus numa estalagem gentílica. A judia não pode prestar ajuda no parto de uma gentia etc. Poderíamos trazer milhares de exemplos como esses. Jamais houve um ódio tão fanático entre dois povos como entre os judeus e os gentios de então!

5 Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando:

Quando o alvoroço do povo (causado pela cura do leproso) tinha se acalmado, Jesus retornou da solidão para Cafarnaum. O capitão (*centurio*) é um oficial romano. Cafarnaum era ocupada por uma guarnição romana de 100 soldados. O motivo é que Cafarnaum era uma cidade limítrofe. A divisa norte da Galiléia precisava ser mantida sob controle militar por causa do ódio aos judeus nas aldeias sírias e por causa da cobrança alfandegária.

6-13 Implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente (de nevralgia). Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faz isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes (sinal de

máximo horror). Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado.

Depois de tudo o que a observação preliminar tentou esclarecer sobre o contexto histórico, a fé do oficial romano rebrilha com muito mais claridade. Ele via e sabia com que desprezo e com que ódio e escárnio os romanos olhavam para os judeus. Via e sabia, porém, também, como era horrível o ódio dos judeus contra os gentios. Para essa terra-mãe dos judeus ele agora tinha sido destacado por ordem superior, para essa terra da escória da humanidade, vergonha da raça humana.

O que encontrava ele, pois, na Palestina? Inicialmente só pecado, nojo, sujeira. Observava os representantes religiosos, os fariseus e escribas. Com imensurável orgulho olhavam cheios de desprezo para os pobres do próprio povo, e para os gentios (os romanos), aos quais cabe mentir e enganar, segundo opinião deles, sempre que houver oportunidade para isso. Depois o centurião via os publicanos que enganavam aos seus próprios concidadãos o máximo que podiam. Via, ademais, a pobreza ilimitada, a prostituição, e as muitas enfermidades. É o que o capitão via, de maneira que um romano orgulhoso na verdade só poderia apoiar o ódio aos judeus entre seus colegas.

Lucas relata essa história com mais detalhes e aprofundamento. Ao que parece, tem no coração o desejo de caracterizar o capitão gentílico como *amigo humanitário*. Mateus, por sua vez, foi marcado de modo impressionante pela *palavra do Salvador*. Essa recordação impressionante de Mateus é enfatizada pelo fato de que essa é a primeira vez que Jesus faz uma declaração *severa* contra a descrença de Israel e uma afirmação *promissora* sobre os gentios, que são aceitos na comunhão de mesa com os patriarcas de fé de Israel.

Não obstante, atrás da fachada suja e sombria o centurião viu algo que o fez prestar atenção – *a fé dos judeus no único Deus*, no Deus vivo. Ele estava farto da multiplicidade de divindades de sua religião romana. Sua alma tinha encontrado paz no Deus verdadeiro. E, "desafiando todas as autoridades e ponderações políticas", tornou-se *prosélito, prosélito da porta*. Ainda que os oficiais romanos fizessem troça dele e talvez zombassem, ele confessava a *fé* do desprezado povo de Israel. Contudo, não fez apenas isso, mas muito mais. Construiu para os judeus uma *sinagoga*. A maneira solícita pela qual, em Lc 7.1-5, os anciãos se empenharam em favor dele, dizendo com muita gratidão: "Ele ama o nosso povo", demonstra o alto grau de consideração de que desfrutava entre os judeus. Um ditado rabínico afirma: "Se alguém constrói uma sinagoga, também pertence à sinagoga". Em conseqüência, o capitão também pertencia à sinagoga. Em Cafarnaum também ouvira falar do Messias que estava para vir, das esperanças pela verdadeira salvação do mundo. Cada vez mais se lhe abriam os olhos para a glória invisível do reino de Deus. Nenhum medo diante da calúnia ou zombaria de seus compatriotas o detinha de participar nos cultos.

À construção da sinagoga pelo capitão foi concedida honra maior que ao templo de Salomão. Pois essa sinagoga tornou-se, como nenhuma outra, o centro da atividade de ensino de Jesus. Se antes o centurião já fora um visitante assíduo nessa sinagoga, com certeza a terá visitado agora, desde a chegada de Jesus, com muito mais pontualidade e com profundo anseio no coração, a fim de prestar atenção nas poderosas pregações de Jesus (Lc 4.32).

Mas ainda lhe faltava a comunhão pessoal com Jesus. Por isso o Senhor enviou uma *aflição*. Seu escravo adoeceu. Em geral, entre os romanos os escravos dificilmente eram considerados como pessoas, mas apenas como objetos que podiam ser comprados e vendidos. Porém o centurião considerava o empregado como "seu próprio filho". Por isso dirigiu-se pessoalmente a Jesus e pediu ajuda. Lucas relata que o centurião fez com que os anciãos apoiassem sua petição, porque o sofrimento do servo lhe cortava o coração. O pobre escravo era tratado como se fosse a pessoa mais importante da cidade. Como esse gentio envergonha a muitos cristãos! O centurião solucionou de forma brilhante a questão social, a questão dos empregados, porque temia a Deus.

Jesus imediatamente se dispõe a ir até lá e ajudar. Nesse instante ouvimos da boca do centurião uma resposta curiosa: **Não sou digno de receber-te sob o meu teto**. O rico oficial sente-se indigno de que o Senhor entre em sua casa. Entrar na casa de um gentio era visto pelos judeus como uma contaminação. Com essa informação compreendemos a resposta humilde: "Não sou digno de receber-te sob o meu teto". Deveríamos antes esperar o seguinte: "Seria constrangedor e incômodo para mim, se o senhor, Jesus, afinal um judeu, viesse à minha casa. Meus conhecidos ficariam escandalizados, cobrariam a minha responsabilidade, se deixasse entrar um judeu na minha casa. Minha posição requer a necessária cautela. O senhor não poderia curar à distância? Aí evitaríamos chamar atenção desnecessária e a questão ficaria entre nós."

De maneira semelhante muitos falariam hoje. Temos um medo incrível de cair na boca do povo quando nos declaramos seguidores de Cristo. Pensamos que teremos complicações desagradáveis com parentes e vizinhos. Pois também poderíamos ser cristãos "sem chamar a atenção".

Com muita coragem de fé o capitão diz a Jesus: **Basta que digas uma palavra e meu criado ficará são!** "O senhor não tem necessidade de entrar em minha casa." Como ele justifica essa afirmação? Com a seguinte comparação: "Eu sou uma pessoa – o senhor é o Senhor! Eu sou um subordinado e tenho de obedecer à autoridade – o senhor é o Senhor *sobre tudo*. Eu tenho sob meu comando poucos soldados – ao senhor tudo está subordinado. Quando eu dou uma ordem, ela é executada imediatamente. Os soldados, vão, vêm e fazem tudo o que eu ordeno. A obediência é tão pontual que não se levantam questionamentos, não se toleram delongas. Nem um único soldado da tropa tem coragem de dizer: 'Não o farei!'" Essa é a comparação do centurião.

Dessa ilustração ele conclui, pois: Jesus é capitão, é comandante no domínio dos poderes de cura. Se ele disser uma palavra, tem de realizar-se. Quem lhe poderia resistir? Se o senhor, Jesus, ordena à doença e fraqueza: "Sai!" então ela sai; e à saúde e força: "Venham!" então elas vêm. E o poder da morte precisa ceder.

Essa visão grandiosa e muito original de fé, ligada a uma humildade igualmente grande, causa espanto ao próprio Senhor Jesus, de modo que ele afirma, dirigindo-se aos seus seguidores: **Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé!**

O Senhor aproveita o encontro com esse capitão para ampliar o horizonte de seus discípulos, dando-lhes a declaração: **Virão muitos do oriente e do ocidente e tomarão lugares à mesa do reino dos céus com Abraão, Isaque e Jacó, enquanto os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes.**

Jesus vê uma nova linha divisória atravessando a humanidade. Até então foi o povo eleito de Israel que tinha a declaração favorável de Deus com base na sua escolha por graça (Is 41.8; e outras vezes) e no pacto que ele fizera com Israel. Como "filhos do reino", no sentido de "sacerdotes", os judeus eram destinados a assentar-se no reino dos céus com Abraão, Isaque e Jacó. Estavam "dentro" e os gentios "fora" (Sl 147.13,20; At 14.16). Os judeus eram os "próximos" e os gentios os "distantes". Israel estava "nas alianças da promessa" – os gentios ficavam "separados da cidadania de Israel" (Ef 2.12).

Agora, porém, chegou o Messias com sua mensagem: "O reino dos céus está próximo" (Mt 4.17), reivindicando que se tenha fé (Mt 9.28; Mc 4.40; 11.22; Lc 5.20; Jo 10.37s). Nesse ponto os "filhos do reino" fracassam (Jo 5.37s; 8.45s).

Como foi forte a rejeição dos fariseus e escribas e, enganadas por eles, das multidões contra Jesus e sua reivindicação de ser o Messias! Uma rejeição que obteve sua mais forte expressão no grito "À morte com esse!", "Crucifica-o!"

Em contrapartida, *o Cristo* encontra *fé* entre os gentios: entre os samaritanos semi-gentílicos (Jo 4.42), nesse centurião, na mulher cananéia (Mt 15.28). Também destaca-se o samaritano dentre os dez leprosos (Lc 17.15-19).

A linha divisória, pois, não correrá mais entre judeus e gentios, mas entre *crentes* e *descrentes*. É uma linha divisória que passará no meio dos judeus e dos gentios.

Por isso acontecerá que do Oriente e Ocidente virão muitos gentios (como Is 49.12 profetizou), para assentar-se como crentes ao lado dos pais da fé Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Agora os gentios são "salvos por causa da graça mediante a fé" (Ef 2.8) – mas os judeus passaram, por causa da sua falta de fé, para a posição dos gentios (Ef 2.2), tornaram-se "filhos da desobediência". Desse modo os "filhos do reino" tornaram-se "filhos da desobediência", razão pela qual são expulsos para a escuridão, que fica "do lado de fora". Lá haverá lamento e ranger de dentes: o lugar do horror!

A fé, no entanto, recebe o cumprimento de sua expectativa. Ninguém lança em vão sua confiança sobre Cristo. Enquanto o ser humano pela descrença traz desgraça sobre si, o que crê experimenta cura, atendimento, salvação.

Vai, como creste assim te seja feito! A palavra de Jesus confirma seu poder: **Naquela mesma hora seu criado** (no original "seu filho") **ficou são**.

3. A cura da sogra de Pedro e outras curas ao entardecer, 8.14-17

(Mc 1.29-34; Lc 4.38-41)

14 Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre.
15 Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo.
16 Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes;
17 para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

Observações preliminares

1. É um erro da teologia bíblica crítica quando defende que *não existem endemoninhados* e que, no que se refere a esse fenômeno, Jesus teria se adaptado às concepções daquela época. De acordo com todos os relatos em que as curas são narradas com mais precisão, o essencial nesse estado de possessão é a *perda da consciência de si próprio*. A consciência do enfermo é praticamente absorvida (i. é, sugada) por uma personalidade estranha. Podemos reconhecê-lo muitas vezes na formulação "nós", pela qual o endemoninhado se identifica com os demônios e todos os demais entes semelhantes (veja v. 29-32). Por isso o primeiro objetivo de Jesus na cura é separar essas duas personalidades, das quais uma praticamente se apoderou da outra. Parece-nos que esse fato básico se apresenta como único em sua modalidade e exclui a idéia de distúrbios mentais comuns. Os possuídos, por isso, ainda que sejam considerados iguais aos doentes, integram nos evangelhos sempre uma categoria especial.

O abalo físico-psíquico de que sofrem essas pessoas origina-se de um mal mais profundo, da esfera da vida espiritual. Essa era também a opinião de Jesus. De fato, portanto, ele pressupunha uma verdadeira possessão. Será que ele teria se enganado? Não. Como poderia ter exercido um poder tão ilimitado sobre um tipo de enfermidade que ele tivesse avaliado incorretamente?

Contra essas evidências argumentou-se que o evangelista João silencia sobre exorcismos. Entretanto, seu evangelho encerra dizendo: "Existem ainda muitos e outros sinais que não estão escritos neste livro" (Jo 20.30). Em sua carta (1Jo 3.8) ele declara: "Para isso se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo". Pergunta-se: Será que essas situações acontecem ainda hoje? Psiquiatras respondem com um "sim". Godet diz: "Na minha opinião, os distúrbios psíquicos somente podem ser considerados como verdadeira possessão naqueles casos incomuns em que a vontade aparece como que algemada e paralisada por um poder desconhecido, e a consciência de si foi suprimida em maior ou menor grau" (cf. Godet, *Lukas Kommentar*).

2. Ao citar Isaías 53, Mt adiciona um traço que faltava nas narrativas. Até aqui os milagres de Jesus apareceram como sinais de poder ilimitado. Agora são descritos como uma *parte do sofrimento do servo de Deus*. O uso posterior de Is 53 no seu evangelho, bem como a maneira como se fez uso de *todo* o Isaías no evangelho (12.17ss; 11.5; 35.5s e 61.1) e na comunidade primitiva (At 8.32s; 1Pe 2.22s) mostram que o entendimento das palavras do profeta é realmente esse. Citar o AT é para Mt a forma em que ele traz a sua própria mensagem. Essa pregação se aproxima do que é testemunhado sobretudo em Mc e Jo. Jesus, que realiza seus feitos a partir da autoridade de Deus (Mc 2.10; Jo 5.19 etc.), age apesar disso como quem recebe de Deus, quem depende de Deus, quem sofre (Mc 9.19), quem já na vida terrena caminha para a cruz (Mc 9.12). De acordo com todos os evangelhos, os traços de poder majestático e submissa humildade estão muito próximos na vida e na atuação de Jesus. Em todos os evangelistas, o Jesus terreno já é o crucificado, mas também como Jesus terreno ele já é aquele cujo poder (Mc 2.10; Mt 7.29) antecipa o poder do ressuscitado (Mt 28.18; Dn 7.14). Igualmente em Is 53 se vê lado a lado o sofrimento e a exaltação (Is 52.12; 53.11ss), e a exegese do NT não diverge na interpretação dessa passagem (At 8.32s; NTD, p. 109).

Schlatter (*Der Evangelist Matthäus*, p. 283) comenta: "Será que relacionar o dito de Isaías com a atividade curativa de Jesus merece o julgamento de que Mateus *obscurece da cruz de Jesus* e se desvia da afirmação do profeta de que o servo de Deus é aquele que morre por causa dos pecados e que, assim, conquista o perdão e cria a justiça? Mateus, ao recorrer à Escritura, também nesse caso está motivado pelo interesse que o movia nas citações anteriores. Ele coloca de novo uma palavra da Escritura ao lado dos acontecimentos porque a atitude de Jesus feria a dogmática estabelecida sobre o Messias. Quando Jesus agia curando, acontecia o que Paulo chamou de 'humilhou-se a si mesmo'. Dedicou-se aos que necessitavam de ajuda, fazia o que exigia a necessidade que na hora o rodeava, renunciando a todos os planos que levavam para o futuro e visavam o engrandecimento dele. Por isso Mateus citou aquela palavra profética que colocava o Cristo como auxiliador no meio da comunidade enferma. Assim Jesus cumpria a vontade de Deus e seguia o caminho traçado pela Escritura, evidenciando-se justamente dessa maneira como aquele que 'livrou o seu povo dos pecados deles' (1.21), que o perdoou não somente com palavras nem lhe deu somente a esperança de uma graça vindoura, mas retirou dele o que estava sobre ele como juízo e punição. Com isso Mateus não está afirmando que Jesus não estivesse vendo em Is 53 também outras coisas."

14,15 Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre. Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo (à mesa).

De acordo com Lc 4.31-39, ocorre que é *sábado*. Vindo da sinagoga, onde ensinou e curou um endemoninhado, Jesus se dirige à casa que pertence a Simão, em Cafarnaum.

Desse episódio sabemos que Pedro é casado. É marcantemente providencial que devamos saber com certeza desse primeiro apóstolo, justamente de Pedro, que: *Mesmo em sua atuação apostólica deu continuidade ao seu matrimônio* (1Co 9.5; Clemente de Alexandria também tem informações sobre filhos de Pedro. Nos documentos de Nereu e Aquilau é citada nominalmente uma filha de Pedro: Petronila).

A sogra de Pedro jazia na cama doente, ardendo em altíssima febre. Desse fato concluímos que somente agora Jesus chegou a essa casa, não antes. Do contrário já a teria curado. A febre que acometeu essa mulher é definida apenas por Lucas com um termo típico da medicina: *pyretós mégas* (grande calor febril). Somente ele descreve com três palavras a atitude do médico diante do leito da enferma (Veja comentário a Lc 4.37-39).

A história dessa cura é narrada pelos três evangelistas sinóticos. Com certeza deve ter causado uma profunda marca em todos os três.

Temos também a oportunidade de dar uma olhada na *casa* de Pedro. Realmente teve grande significado que os apóstolos (sobretudo os que foram pais), provedores de suas famílias, deixaram seu trabalho e emprego para andar com Jesus pela região. *Talvez* a sogra não podia compreender bem essa nova atividade de seu genro. – A todo o serviço **da casa**, que sem o auxílio masculino tinha de ser vencido pela mãe e pela filha sozinhas, acrescentou-se, agora, uma doença. Como a enfermidade piorava visivelmente, a angústia deve ter aumentado ao máximo. Nessa necessidade extrema, chega Jesus e ajuda.

Será que essa ajuda do Senhor não visava ser norteadora para seus discípulos, que mal tinham começado a segui-lo?

Jesus havia dito aos discípulos que eles não teriam prejuízos por terem deixado tudo para o seguir. Ele não esqueceria a família que eles deixaram para trás. *Na casa de Pedro, pois, também se presenciou um milagre glorioso*.

Por isso, não seria talvez esse o sentido dessa cura milagrosa, a saber, que o milagre tornou-se programático, norteador para o relacionamento de Jesus com os parentes de seu círculo de discípulos?

16,17 Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

Naquele dia havia em Cafarnaum uma maravilhosa agitação. Por volta do pôr do sol, i. é, no momento em que (segundo Lc 4.31-39) o descanso do sábado havia terminado, conforme prescrito na lei, e já se podia carregar uma carga pesada, trouxeram a Jesus um grande número de doentes, sofredores, aos quais curou a todos, segundo Lucas 4.40, "*pondo a mão sobre cada um individualmente*".

Constatamos aqui um daqueles momentos na vida do Senhor em que seu poder milagroso se desdobrou do maneira singularmente rica (Lc 6.19). Tais ápices também acontecem na vida dos apóstolos (cf, no caso de Pedro, At 5.15s; de Paulo, At 19.11s). O relato é quase idêntico nos três evangelhos sinóticos. Tão profunda era a marca dessa noite na lembrança dos três evangelistas.

Apertado por tantos que o rodeavam, Jesus revela *mais* que apenas "um milagre". Ele é o "Salvador", que pode fechar os abismos, que ajuda e liberta das amarras de Satanás. É o mesmo Redentor que ainda hoje e em todos os tempos está à disposição dos possuídos, dos cativos e dos que sofrem. Ele tem todo o tempo, também hoje, para aqueles que o procuram. É ele quem possui aquele "método" simples e singelo, mas na realidade cheio de poder, que é citado aqui de modo tão marcante: **a palavra**. Se não for de outra maneira, essa é a forma de indicar que Jesus não é *nenhum* "feiticeiro", ninguém que controla meios secretos especiais, poderes interessantes que a gente poderia ou deveria pesquisar. Jesus ajuda com a "palavra", a mesma palavra poderosa pela qual Deus *criou* o mundo e pela qual Deus também *conserva* o mundo. É a palavra que ainda hoje desperta para a vida, que incessantemente atua no corpo e na alma e realiza aquilo para o que foi enviada, a saber: *propiciar* e *favorecer* "vida eterna".

Poderíamos indagar, no final desses v. 16 e 17, se Mateus não usou incorretamente a citação de Isaías. Pois no cap. 53, quando fala que "era as nossas enfermidades que ele levava sobre si e as

nossas dores que carregava", Isaías *não* se referia à atuação milagrosa de Jesus durante sua caminhada por cidades e aldeias, mas unicamente ao sofrimento e à morte *vicária* sobre o *Gólgota!*

Lutero deu a essa questão uma resposta correta. Ele diz: "Parece que Mateus não cita o versículo de Isaías no seu sentido real, porque Isaías fala dos *sofrimentos de Cristo* e não da *restauração dos enfermos*. Porém," continua Lutero, "deve-se responder a isso que Mateus traz o Isaías do Cristo *inteiro* em *todos* os seus atos, i. é, não apenas a parte do sofrimento de três dias, mas *a vida toda de Cristo*. A vida *toda* de Cristo, porém, consistiu em que *ele* tomou sobre si e carregou o nosso sofrimento. Logo, está levando também aqui sua compaixão com os possuídos e doentes, e carrega no coração o sofrimento deles, para que os livre…"

Além do que Lutero expôs de forma tão magnífica, vale concentrar o olhar ainda em *outro* aspecto, a saber, contemplar o significado inaudito dos milagres de Jesus como tais.

Contudo, isso veremos no final do cap. 9, quando uma retrospectiva dará atenção especial aos relatos de milagres dos cap. 8 e 9.

4. Condições para seguir a Jesus de modo autêntico, 8.18-22

(Lc 9.57-60)

18 **Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem.**
19 **Então, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores.**
20 **Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.**
21 **E outro dos discípulos lhe disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai.**
22 **Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.**

Observação preliminar

Acrescentemos brevemente algo sobre o *Filho do Homem*, expressão usada pela primeira vez em Mt. A locução (literalmente "o Filho *do* Homem", com artigo definido em ambos os substantivos) encontra-se em todos os quatro evangelhos, mais precisamente 30 vezes em Mt, 14 vezes em Mc, 25 vezes em Lc, 11 vezes em Jo, totalizando 80 vezes; e ainda em At 7.56. Em nenhum outro escrito do NT encontramos esse nome, pois Ap 1.13; 14.14 e Jo 5.27 não devem ser incluídos nessa lista, porque no original o nome aparece sem o artigo definido, significando por isso não o Filho do Homem, mas apenas um filho de homem.

Ademais, é digno de nota que o nome Filho do Homem nos evangelhos sempre só aparece na boca do próprio Jesus, exceto em Jo 12.34, onde o povo o adota do discurso de Jesus sem entendê-lo. Nunca nos evangelhos Jesus é interpelado ou confessado por alguém com esse nome. Para isso encontram-se as expressões: "Filho de Davi, Filho de Deus, Santo de Deus, o Eleito de Deus, o Cristo, Senhor". Exceto em At 7.56, o nome Filho do Homem tampouco se encontra no uso lingüístico das comunidades cristãs mais antigas que falavam de Cristo (cf. Albrecht, NT; Pormenores em Rienecke: *Begrifflicher Schlüssel zum NT*).

O que significa o nome "Filho do Homem"? No título "Filho de Deus" que Jesus recebeu no batismo expressava-se o seu relacionamento com Deus. Na designação "Filho de Davi" definia-se seu relacionamento com Israel. O terceiro nome, "Filho do Homem", que o Senhor relacionou consigo próprio, originário de Dn 7, visa expressar o seu relacionamento com a humanidade toda. O termo "filho do homem" designa na Escritura o verdadeiro filho e representante da espécie humana (cf. Sl 8.4-9; Ez 3.10-17). Com o artigo definido "*o* filho do Homem" a expressão somente pode designar o *homem no sentido maior*, o *homem extraordinário*, o *representante normal* da humanidade: um homem *verdadeiro* e simultaneamente o *verdadeiro* homem.: É claro que, ao se denominar assim, Jesus se declarou como o Messias, mas apenas implicitamente (sem usar esse nome). Era a única maneira em que podia fazê-lo naquele tempo. Concomitantemente Jesus expressou com esse nome o sentimento de amor com que abraçava toda a humanidade, que transformou em sua família.

18-20 Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem. Então, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.

Os breves acontecimentos que se seguem nos v. 18-22, entre Jesus e dois homens que queriam segui-lo, perfazem um colossal contraste com os relatos de milagres anteriores. Nas três narrativas de grandes milagres (cura do leproso, do criado do centurião, da sogra de Pedro) Jesus aparece como

quem presenteia a riqueza do amor auxiliador de Deus a partir da abundante plenitude da força do alto.

Nos v. 18-20 Jesus se mostra como aquele que pessoalmente não possui nada e não deseja nada para si. De antemão são rejeitados, nos acontecimentos seguintes, toda busca de sensacionalismo e sonhos de felicidade, toda supervalorização da saúde e do conforto, tudo aquilo que facilmente se pode pendurar na atividade de milagres. No Senhor estão interligadas a transbordante riqueza da graça curadora e a pobreza que renuncia a tudo. O Senhor, o Filho de Deus, poderoso em ações e palavras, é ao mesmo tempo o servo, o homem, que nada exige para si, mas migra pela terra como um sem teto, sem pátria e desprezado. Jesus consegue ser cheio de autoridade e poder somente quando, pobre e impotente, renuncia a tudo que é seu, quando *não tem nada e nada deseja para si*.

Das palavras do v. 21: "outro dos discípulos", pode-se concluir talvez que o escriba no v. 19 já tinha seguido Jesus por algum tempo como ouvinte assíduo. Atingido pela autoridade de seus discursos e atos milagrosos, queria de agora em diante aderir ao Senhor para sempre. Com liberdade e sinceridade ele o declara ao Senhor: **Mestre, quero seguir-te para onde quer que vás**. Isso é um testemunho corajoso. *É o único escriba que falou assim para Jesus*. O próprio Nicodemos veio somente à noite e achegou-se com perguntas e dúvidas. Esse se apresenta de *dia*, e sua palavra é um testemunho aberto. O escriba, o teólogo, encontra em Jesus a coroação de toda a teologia, reconhece em Jesus o maior de todos os teólogos, equipado com a autoridade do discurso divino e com a autoridade das ações divinas. É esse quem ele deseja seguir daqui em diante, onde quer que o Senhor vá, para experimentar a cada dia e cada hora a grandiosidade de seus discursos e seus feitos, e neles se *regozijar* e *edificar*.

Mas surpreende-nos que Jesus não aceitou entre os seus discípulos esse homem, um "especialista do ramo", esse teólogo entusiasmado que, ao contrário dos seus colegas, não era um *adversário* do Senhor, mas o seguia com júbilo. Surpreende-nos que Jesus não disse sim à beatificante proposta do escriba, que soa tão magnificamente: "Professor, quero seguir o senhor para onde quer (sempre) que vá". Como é grandiosa essa última parte: "sempre para onde quer que vá"! Essa palavra não atesta uma disposição extraordinária de entregar tudo? E mesmo assim?! Jesus conhecia o coração do escriba melhor que ele próprio. Para poder seguir a Jesus não basta uma disposição que provém do entusiasmo. Jesus exige mais (cf. o comentário sobre 16.24s).

Em Jesus, perdeu toda razão de ser, perdeu sentido e finalidade, a pergunta por entusiasmo e satisfação inebriante, a pergunta pela realização de ideais inteligentes, a pergunta por importância, reconhecimento e bem-estar.

Contudo, enquanto houver pessoas para as quais seguir a Cristo e obedecer incondicional e rigorosamente a suas exigências é mais importante que o mundo inteiro, esse discipulado encerra em si uma força incomparável, que não tem igual em toda a história dos povos e do mundo.

O escriba desse episódio vive em elevados e belos *pensamentos* e acredita que em Jesus encontrará a perfeição deles. Jesus, porém, vive no trabalho doloroso: "Tomou sobre si nossas fraquezas e carregou as nossas enfermidades" (cf. v. 17). Diante dele estende-se um grande reino de sofrimentos que ele precisa cruzar, de um lado ao outro. Comparece onde há pessoas sem paz, precisa chegar onde há lamento. Quando concedeu a paz a um e secou as lágrimas do outro, segue adiante sem descanso nem pátria. O escriba não faz nenhuma idéia de que tipo de teologia é essa, que se desgasta em trabalho penoso pela salvação das almas e renuncia integralmente ao *reconhecimento* e conforto. Mas era essa a teologia de Jesus. Uma teologia do serviço, não da teoria e das idéias geniais.

O escriba ficou para trás. Nenhum evangelho informa que entre os discípulos havia um teólogo. Mais tarde, é verdade, Jesus teve um teólogo entre seus seguidores, e até como "instrumento escolhido". Esse teólogo, porém, teve de iniciar como os demais discípulos, a saber, com tremor e temor, prostrado sobre a terra, e perguntando: "Que queres, Senhor, que eu faça?!" Esse teólogo, pois, depositou os estilhaços de sua teologia aos pés do Senhor Jesus e aceitou dele uma nova teologia, a teologia de *trabalhar* nas almas perdidas, acrescentada do selo sagrado: "Eu lhe mostrarei quanto ele terá de sofrer pelo meu nome" (At 9.16). A partir da teologia dos fatos desenvolveu-se para ele por si só o testemunho do "amor de Cristo, que excede todo entendimento" (Ef 3.19; cf. Laible, "Evangelho para o cotidiano"). A profundidade da teologia de Paulo evidencia-se em suas cartas, que até hoje ainda não foram suficientemente pesquisadas e exploradas e jamais o poderão ser. Por que não? Porque contêm a autêntica teologia do genuíno discipulado de Jesus.

E outro dos discípulos lhe disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.

A desculpa que o discípulo externou aqui *parece* ser justificada, ao passo que a resposta de Jesus parece contrariar o sentimento natural de decência e piedade do filho pelo pai.

O próprio Jesus condenou severamente a transgressão do 4º mandamento (Mc 7.10ss). Para entendermos bem os dois textos, podemos partir de duas possibilidades.

- O pai sequer tinha morrido. No Oriente o enterro acontece ainda no dia do falecimento, às vezes já após duas horas. O discípulo quer dizer: "Deixa-me ficar em casa até que meu pai faleça". Porém o Senhor quer instar o discípulo para uma decisão rápida, imediata. Uma vez que retornou ao círculo de sua família e seus afazeres, em breve será enleado por tudo isso e não terá mais a força para largá-lo. Na vida ética há momentos críticos em que o que não é feito logo, não será feito mais. O vento está soprando. Uma vez que passou, o veleiro não se lança mais ao mar.
- Tomemos a hipótese de que o pai de fato faleceu *há pouco* e que o filho tem de voltar às pressas para casa, a fim de cumprir o dever de filho e de amor. Nesse caso, a exigência de Jesus, de *não* sepultar o pai mas segui-lo imediatamente, no ato, não seria *infinitamente dura e áspera*? Certamente, pois uma tal exigência era para o sentimento judaico um verdadeiro "sacrilégio abominável".

Com essa exigência extraordinariamente dura e rude, porém, Jesus quer explodir poderosamente todo dever de filho que segura o discípulo, *quando está em jogo a pessoa de Jesus*. Jesus exige do discípulo a adesão total e exclusiva a ele. A lei isentava o sumo sacedote e o nazireu dos deveres frente aos mortos, mesmo que fossem pai e mãe (Lv 21.11; Nm 6.6ss).

O sumo sacerdote é o sucessor de Arão. Para este fora proibido o sinal de luto. Como servidor máximo do Deus da vida, não lhe cabe entrar em contato com nada que se chama morte (segundo a *Jubiläums-Bibel* de Stuttgart). Quanto mais vale honrar a vida representada e trazida por Jesus!

Conseqüentemente, o reino de Deus está *acima* do culto no templo. Quando o Senhor *convoca* para o discipulado, para o seu serviço, então compete realizar ainda hoje o que amanhã talvez seja muito tarde (Hb 3.7-18). Uma decisão rápida é, nesse caso, a mais necessária e mais premente condição da salvação e da vida.

O duplo sentido do termo **os mortos**, no qual se apóia a resposta de Jesus, demonstra o juízo de Jesus sobre o ser humano *antes* de sua renovação pelo evangelho. *Antes* de chegarmos à fé somos, segundo a Escritura Sagrada, pessoas *mortas*. Do mesmo modo diz Paulo: "Vocês *estavam mortos* em seus delitos e pecados" (Ef 2.1).

O sermão do Monte, na palavra do caminho largo e do estreito em 7.13s, onde somente o caminho estreito leva à "vida" (grego: *zoé*), esclarece o que é "vida" e o que é "morte". Jesus vê seu povo como pessoas mortas, porque andam pelo caminho largo, e não querem ouvi-lo (como é arrasadora a confirmação dessa palavra em 23.37!). Os discípulos, entretanto, tornaram-se, pela adesão a Jesus, os "viventes". Como tais, estão destacados de todas as demais relações e ligados de todo coração a Jesus. E, estando em jogo a "vida", tudo o mais precisa ser colocado em segundo lugar.

5. Jesus acalma a tempestade, 8.23-27

(Mc 4.36-41; Lc 8.23-25)

23 **Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram.**
E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia.
25 **Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!**
Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança.
27 **E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?**

Na parte final das narrativas de milagres, chegamos a uma série de relatos que também foram reunidos pelos evangelistas Marcos e Lucas: o controle da tempestade, a cura dos dois endemoninhados, a ressurreição da filhinha de Jairo, e a cura da mulher com hemorragia.

Mateus intercalou entre eles ainda a cura do parílitico (9.1-8) e a vocação de Mateus com subseqüente refeição e diálogo (9.9-17).

A autoridade de Jesus de realizar milagres chega ao auge. Jesus tem poder sobre as forças da *natureza*, revela sua autoridade sobre os poderes *demoníacos* (8.28-34) e sobre os poderes da *morte* (9.18-26).

Pelo plano indicado em 8.18, Jesus também queria anunciar o evangelho na região além do mar da Galiléia, na terra das Dez Cidades. Tendo falado longamente ao povo na margem de cá, estava tão cansado que, segundo a informação muito exata de Marcos, nem saiu do navio do qual tinha ensinado o povo. Seus discípulos o tinham levado "assim como estava", i. é, sentado no barco. Alguns outros barcos os acompanhavam, formando uma pequena frota. O tempo estava calmo. Jesus, cedendo ao cansaço, adormeceu. O pincel de Marcos preservou para nós o quadro com maior exatidão. Jesus estava deitado na parte traseira do pesqueiro, sua cabeça repousava sobre um travesseiro que uma mão amiga lhe tinha oferecido. A palavra **adormeceu** significa no texto original "caiu em profundo sono". É um termo do grego tardio.

No lago cercado de montanhas ocorre muitas vezes, sobretudo no final da tarde em dias quentes, que súbitas tempestades intensas descem dos morros. Esse fenômeno conhecido é indicado em Lc 8.23 com o termo "caiu sobre eles", como diz o original. Mateus expressa a vinda súbita e surpreendente da tempestade novamente com a palavra **eis** (cf. o exposto em 1.18). *Subitamente* a tempestade veio sobre eles.

Os v. 25-27 mostram um quadro com uma expressividade dificilmente igualada sobre a terra.

Os discípulos entram com Jesus na tempestade, i. é, penetram repentinamente na *aflição*, no *perigo extremo*, nas *piores dificuldades*.

O que os discípulos fazem primeiro? Eles trabalham. São especialistas do ramo. Dirigem o barco como pessoas capacitadas. Afinal, conhecem a tempestade e o clima. Várias vezes essas tempestades já se abateram repentinamente sobre eles. E agora novamente um furacão desses! As ondas se agitam às alturas, os marinheiros recorrem a todas as forças para vencer o apuro e a tempestade. Empenham-se, trabalham arduamente, controlam as velas etc.

É errado isso? Não, pois o cristão deve trabalhar, sim. Deve ser o trabalhador mais dedicado.

O que é que os discípulos precisam reconhecer? Que o perigo é maior que suas forças, as dificuldades superam a sua capacidade.

Que fazem, pois, os discípulos? Ficam nervosos! Gritam e perdem o controle. Sua maior aflição, porém, é esta: O Senhor Jesus *dorme*, ele *silencia*! Isso os leva a uma agitação maior ainda. Como Jesus pode ser tão indiferente, dormindo numa dificuldade dessas? Isso é falta de amor e de consideração. É indiferença. Então irritam-se com ele. Talvez até ficaram irados!

Essa atitude é certa? *Isto é fé*? Não, porque fé não é perturbação, nervosismo, irritação, acusação, não é agitar-se nem gritar. O próprio Jesus lhes diz: **Homens de pequena fé!**, "descrentes, homens sem fé!" (Mc e Lc). *Por que razão o Senhor realiza o milagre*? Por causa da fé deles ou por causa da sua falta de fé? É por causa da *falta de fé*! Isso é estranho.

É uma palavra muito séria! Que é falta de fé ou pequena fé? Podemos chamar os discípulos de descrentes?

- Afinal, estão com Jesus, foram junto com Jesus ao mar;
- Recorreram a ele na aflição;
- Contaram com a sua ajuda.

Não obstante, são descrentes, pessoas sem fé. Por isso estão sendo censurados por Jesus!

Por que o Senhor chama a atitude deles de falta de fé?

- Porque no apuro se tornam nervosos, perdem a calma, gritam perturbados, irritam-se;
- Porque querem forçar Deus a *ajudar* imediatamente e da *maneira* como *eles* imaginavam, como era o programa deles.
- Porque queriam que os seus problemas fossem eliminados.

Em Jesus nos é mostrado o que é fé verdadeira.

- *Na fé autêntica as coisas acontecem muitas vezes de forma bem humana*!

Também na pessoa de Jesus. Havia passado um dia de trabalho cansativo. O afluxo de pessoas era tão grande que ele *nem sequer tinha tempo par comer*, conforme relata Marcos. Ao entardecer ele tinha ensinado a partir do barco. Agora necessitava de descanso. Assim como estava, sentado no

barco, eles o levaram. Na terra de fato não tinha onde reclinar sua cabeça. Cansado e esgotado, adormece. Esta é a única vez em que lemos que Jesus dormia (embora à noite naturalmente costumasse dormir). Novamente somos colocados diante da natureza plenamente humana de Jesus.

Ele foi um ser humano igual a nós, teve fome e sede, chorou, sentiu compaixão, trabalhou até o esgotamento total, andou sob o sol ardente em estradas poeirentas. Na fé genuína as coisas acontecem de modo bem humano!

- *Na fé verdadeira as coisas acontecem muitas vezes de maneira bem desumana*!

Todo o nosso programa, o que planejamos e refletimos, às vezes é simplesmente deixado de lado. Esforçamo-nos tanto, mas ainda assim só se fazem julgamentos negativos de nós. Tudo é distorcido e pisado aos pés.

Quanta necessidade o Senhor tinha do sono! Lá fora, sobre o mar calmo, ele espera que finalmente possa descansar sem ser incomodado. Mas, no meio do sono, os discípulos o interrompem sem a menor consideração. Contudo, em nenhum momento ele se altera pelo súbito incômodo. Na fé autêntica não existe nervosismo, irritação, contrariedade, lamentação, reação e murmuração.

- *Na fé verdadeira a pessoa sabe: Tudo é governado pelo melhor regente, tudo está nas melhores mãos.*

Os discípulos pensam: O vento e as ondas decidem sobre a nossa vida. A fé genuína sabe: *Não são o vento e as ondas, não são as pessoas que decidem sobre nós*, mas tão somente Deus!

Tudo está sob controle. Jesus foi o único que, mesmo na tempestade, conservou sua posição junto de Deus. Observava a fúria dos elementos da natureza com a certeza: Tudo isso está sendo governado! Jesus não precisa recordar-se penosamente do Pai. Pelo contrário, quando acorda e seus olhos vêem o perigo, de imediato e com a mesma certeza ele vê também o Pai. Está aí não apenas a tormenta. *Também o Pai está presente* e governa. A natureza repousa dócil em suas mãos, pois é criatura dele. Acima da lei da natureza governa uma vontade, a vontade do Pai. E o infinito dos espaços siderais é envolto pela sua mão. Vento e ondas e tudo o que mais a natureza tiver, são propriedade de Deus, permanecendo por isso incessantemente a seu serviço. Essa não era apenas a *doutrina* de Jesus. Isso também ficava claro pela suas ações.

6. A cura do endemoninhado de Gadara, 8.28-34

(Mc 5.1-17; Lc 8.26-37)

28 **Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho.**

E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?

30 **Ora, andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos.**

31 **Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos.**

32 **Pois ide, ordenou-lhes Jesus. E eles, saindo, passaram para os porcos; e eis que toda a manada se precipitou, despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, e nas águas pereceram.**

33 **Fugiram os porqueiros e, chegando à cidade, contaram todas estas coisas e o que acontecera aos endemoninhados.**

34 **Então, a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus; e, vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles.**

O relato contém vários aspectos que nos são muito *estranhos*. Ela nos revela uma vitória da autoridade de Jesus ainda mais marcante que a anterior, dos v. 23-27. Isso porque o cenário da luta não é a natureza, mas a alma humana. Essa história de milagre foi registrada detalhadamente nos três evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, porém com diferenças. A diferença mais significativa é que Mateus fala de *dois* endemoninhados, ao invés de *um*, como Mc e Lc.

Para compreendermos essa história que nos causa muita estranheza, precisamos inicialmente constatar qual era a *situação* como tal. Onde acontece a ação, e quem está presente? Ela acontece na terra a leste do Jordão, no outro lado do lago Genezaré, diagonalmente oposto a Cafarnaum, ao lado de um campo de túmulos, num caminho pelo qual ninguém tem coragem de passar. A estrada, portanto, está vazia. Estão presentes somente Jesus, seus discípulos e os dois endemoninhados. É

importante observar isso. Também o rebanho de porcos está longe, assim como os porqueiros. Essa é a situação.

O acontecimento é descrito com especial cuidado por todos os evangelistas que contam a história. O relato de Marcos é o mais ilustrado.

A possessão que ocorre aqui é bem singular, não é comum. Não existe apenas *um* demônio, mas uma *legião*, como diz Lucas.

Os demônios são espíritos a serviço do diabo. Pode-se dizer dos demônios o mesmo, mas contrariamente, que vale em geral para os anjos quanto ao seu ser e agir. São enviados para servir aos seres humanos. Os demônios são anjos caídos, enviados para torturar as pessoas (cf. o livro de Enoque 61.1, onde consta: "Os demônios têm permissão de maltratar as pessoas até o dia do grande juízo final").

Logo que os demônios reconhecem Jesus, começam a gritar: **Que queres de nós, Filho de Deus! Vieste para cá, a fim de nos entregar ao tormento antes do tempo**?

Essa frase requer uma explicação. Ela é trazida por Lucas. Os demônios pedem ao Senhor, que não lhes ordene *descer* ao "abismo". No grande local de permanência dos espíritos há uma repartição para os maus espíritos. Os piores entre eles estavam algemados ali até o dia do juízo (Jd 6). Outros ainda têm o direito de permanecer na terra. O local preferido destes é habitar no ser humano. Quando têm de sair de um dos pobres seres humanos que ocupam, procuram reconquistar seu local de moradia, sempre que possível.

Essa concepção está presente na narrativa Mt 12.43-45 e Lc 11.24-26. "Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos (sem água, pelo texto original) procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro."

Quando vier o Messias e instaurar o seu reino, interferirá com autoridade no poder desses demônios. Eles sabem disso. É por isso que não gostariam de ser levados, antes do tempo, algemados ao *hades* (sobre o *hades*, veja nota *e* para Mt 8.5-13). Contudo, não podem pedir a Jesus que lhes permita apoderar-se de outras pessoas. Mas lá adiante estão os *porcos*, que, segundo Marcos, perfazem um "número de dois mil", ou seja, aproximadamente tantos quantos eles próprios são. Por isso pedem: **Deixa-nos entrar neles**. E Jesus lhes diz: **Pois ide**. Então saem dos endemoninhados e passam para os porcos e, vejam, a manada toda se precipita no lago pelo despenhadeiro, morrendo nas águas.

Perguntamo-nos: Quem morreu? Se formos exatos na tradução, temos de dizer que não foi a manada que morreu ao afogar-se, mas os demônios. A grande maioria dos leitores, a esta altura, fará a pergunta: Como é possível que demônios morram? Isso é impossível! Não, não é tão impossível assim. É preciso saber o que significa "*morrer*" entre os judeus. Quando a pessoa morre, não morre o seu espírito. O espírito é separado das relações em que se encontrava até então. O espírito do piedoso vai ao Paraíso, os demais espíritos vão ao *hades*. Mas continuam existindo conscientemente, apesar de estarem mortos, apenas sob outras condições e relações. De modo semelhante, pode-se também dizer de que demônios morrem. Seu ambiente de vida é o *ar* da terra (Ef 2.2). Quando são expulsos desse ambiente vital e das relações que se formam por habitarem o "ar" sobre a terra, isto para eles significa "morrer". Os espíritos de anjos, dos quais Judas diz que são "guardados sob trevas, ou seja, cercados por trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia" (Jd 6), são esses anjos "falecidos" que *se encontram no hades*.

Se essa interpretação for correta, ainda resta uma pergunta: Como aconteceu que os porcos se lançaram no mar? O processo de libertar os dois endemoninhados e entrar na manada de porcos foi tão tumultuado que os porcos, assustados, saltaram para o mar (Mc 5.13).

Os demônios, que *por seu próprio desejo* foram transferidos aos porcos, precisam *ir junto* para a água, efetuando o seu próprio desastre, depois de terem afligido por bastante tempo aqueles dois homens. Nunca mais irão maltratar ninguém. De agora em diante estão onde merecem estar devido à sua maldade singular, no abismo.

Seria totalmente por acaso que em 12.13 consta que o demônio expulso vagueia por lugares *áridos* ("sem água", segundo o original)? Por que vai para onde não existe água? Porque água significa para ele a "morte".

Sobre a narrativa em si, seja exposto ainda o seguinte: Os demônios contam com sua destinação de serem enviados para o "abismo". Perguntam apavorados: Vieste para cá para nos entregar *antes do tempo* às algemas e ao suplício no *hades*? Pedem por um adiamento e *pensam* que morar nos porcos seja esse *adiamento*, essa *protelação da pena*. Por isso se exclui a versão de que, em sua maldade, eles de imediato teriam matado os porcos, lançando-os pelo penhasco. Pois então esses "pobres diabos" teriam eles próprios destruído sua última habitação na terra. Por meio do grande tumulto ao se apoderarem dos porcos *eles, porém*, contra *a sua intenção, causaram a sua própria ruína*. -Se Jesus tivesse violado o direito de propriedade nesse episódio, os fariseus mais tarde teriam alegado isso como motivo de acusação contra ele em Jerusalém).

Os criadores de porcos correm para a cidade e contam o que presenciaram. Todo o povo corre para fora ao encontro de Jesus. Contudo, não para dar-lhe as boas vindas como vitorioso sobre os demônios, mas sim pedir-lhe que se afaste da sua região. Geralmente viu-se como causa desse pedido a circunstância de que Jesus seria culpado da destruição de *dois mil* porcos (cf. Mc 5.13). Isso, porém, não é correto, mesmo que *não* se admita o desfecho da história exposto na nota abaixo. Chegam a Jesus e vêem os dois endemoninhados que tinham dentro de si a "legião de demônios", agora sentados vestidos e normais, e têm medo. Então os porqueiros lhes contam o que aconteceu com os endemoninhados e os porcos. Contudo o povo não se alegra que duas pessoas recuperaram a saúde. Não reconhecem nessa cura maravilhosa que um profeta de Deus veio até eles. Apenas ficam apavorados com o acontecido e pedem: "Afaste-se de nós!" (cf. Bornhäuser, *Das Wirken des Christus durch Taten und Worte*, p. 80ss).

Que contraste enorme há nessa história da cura dos endemoninhados em Gadara, entre o seu início e o final. No início a noite terrivelmente sombria e escura – no final luz e brilho do sol. No início inferno furioso – no final uma imagem de bem-aventurança celestial. No início dois homens sem roupa e sem casa, habitando entre cavernas e túmulos junto de cadáveres, sendo piores que bichos, vítimas de muitas dores e fúria violenta, afligidos e torturados por milhares de maus espíritos, um comportamento feroz e incomum, em suma, um espetáculo horrível do terror do inferno, um pavor chocante para toda a redondeza, temido acima de tudo. – No final *dois homens*, curados e calmos, vestidos e sensatos, cheios de palavras cordiais de gratidão, livres e soltos, servidores do Altíssimo, uma maravilhosa bênção para toda a redondeza, fiéis e dedicados pregadores em postos isolados, em país distante, e não obstante consolados e cheios de confiança, para recrutar almas para Jesus. E quem tinha realizado tudo isso? Deus o tinha feito, por meio de Jesus Cristo, seu Filho!

7. A cura do paralítico, 9.1-8

(Mc 2.1-12; Lc 5.17-26)

Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade.
2 **E eis[a] que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados.**
3 **Mas alguns escribas diziam consigo: Este blasfema.**
Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que cogitais o mal no vosso coração?
5 **Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?**
Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados - disse, então, ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.
7 **E, levantando-se, partiu para sua casa.**
8 **Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.**

Em relação à tradução

[a] *Tóte* no grego, cf. o exposto sobre 2.7.

Essa história é narrada com mais detalhes pelo evangelista Lucas. No comentário a Lucas pode ser lida uma explicação pormenorizada. Aqui apenas traremos alguns breves destaques.

A expressão **sua própria cidade** significa, na linguagem judaica, o lugar de residência. Portanto, Jesus retornou a Cafarnaum, vindo da "terra dos gadarenos". O relacionamento do Salvador com a comunidade de Cafarnaum continua.

A palavrinha "eis" introduz novamente algo súbito e inesperado. Quatro homens trazem até o Senhor um paralítico. Quando Jesus viu a fé deles, a saber a fé dos carregadores *e* do paralítico, disse ao paralítico: **Tem bom ânimo, filho, teus pecados estão perdoados!**

Entre os escribas presentes a palavra de Jesus explodiu como uma bomba. Eles empalideceram de susto diante da afirmação: Teus pecados foram perdoados! Esse Jesus de Nazaré está expressando uma blasfêmia.

O que revoltava essas pessoas legalistas era o fato de que Jesus perdoou *a partir de si próprio* diretamente os pecados do paralítico. Isso significa interferir num direito majestático de Deus, tendo a ousadia de perdoar pecados aqui e agora (*na terra*). Ainda mais que o fato evidente da paralisia está manifestando claramente que Deus ainda não perdoou. Se ao menos esse Jesus de Nazaré tivesse dito: "*Deus* o perdoa" ou "*Deus* o perdoe", ou se tivesse dirigido uma oração a Deus – tudo isso ainda teria sido suportável. Mas agora ele afirma *a partir de si próprio*: "Teus pecados te foram perdoados". Isso é intolerável, é ofensa a Deus! Isso deve ser punido com a pena de morte por apedrejamento.

Os pensamentos e as discussões dos escribas não deixavam de ser bem-vindas para Jesus. Eles lhe davam oportunidade de tratar toda a sua ação de cura anterior e também a ação seguinte no paralítico como uma lição objetiva e acrescentar-lhe agora, de modo enfático, a *explicação*.

Que é mais fácil dizer: Teus pecados estão perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda!? Com essa dupla pergunta ele acerta bem no alvo. O que é mais fácil? Se a questão é a mera afirmação exterior, então é mais fácil *dizer*: "Seus pecados foram perdoados!". Pois "exteriormente" não se vê nada! O sentido dessa pergunta é: "Vocês pensam que são palavras vazias quando afirmo: Seus pecados lhe foram perdoados? Bem, então vejam vocês próprios se a ordem que eu expressarei agora *também* é uma palavra vazia!" Em voz alta e clara seguem-se as palavras do Senhor Jesus: **Pois vou mostrar a vocês que eu, o Filho do Homem, tenho poder na terra para perdoar pecados. Então disse ao paralítico** (com que suspense as más consciências prestam atenção nessa magnífica palavra!): **Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa!**

Temos de imaginar, entre a expressão "Vou mostrar a vocês…" e a ordem "Levante-se", um momento de silêncio solene, um momento de tensa expectativa, preenchido pelo narrador com as palavras: "Então disse ao paralítico…" Essa forma de narrativa baseada na visualização direta encontra-se igualmente nos três relatos paralelos. Ela marcara profunda e indelevelmente a memória de todos. Por ser anunciada antes, a cura transformou-se numa comprovação irrefutável. Com as palavras "na terra" Jesus se declara como representante terreno daquele que perdoa *no céu*.

Somente pode libertar da culpa aquele contra quem o pecado foi cometido. Somente o credor tem o direito de presentear a dívida. O credor é Deus no céu. Mas também existe uma pessoa sobre a terra através de quem os pecados são retirados, que é o "Filho do Homem". Ele é integralmente homem, mas de forma única e incomparável, de modo que nenhum ser humano pode igualar-se a ele. Pois ele é Filho de Deus e autorizado por Deus. O que ele realiza não o faz a partir de perfeição própria de poder, apesar de ser o próprio Filho de Deus. Não, realiza somente aquilo que ele vê o Pai realizando (Jo 5.19).

A autoridade régia de Cristo abriu caminho na multidão para o pecador agraciado. Cristo comprovou *visivelmente* em suas pernas aquilo que antes tinha realizado *invisivelmente* em seu coração.

De todos apoderou-se o medo, de modo bem especial dos escribas. Quem não teria o mesmo sentimento, quando Deus, o Criador, intervém e fala de maneira tão poderosa! Glorificaram a Deus. É digno de nota que *ninguém* glorifica a Jesus. Ninguém deve ter se lembrado disso.

Nesse exemplo tinha sido revelado a eles que Jesus é capaz de sarar o passado maligno de uma pessoa com "uma só palavra", que Jesus lhe pode perdoar o pecado, um alívio pelo qual anseia toda consciência oprimida. A formidável confirmação pela cura anuncia fortemente ao coração de cada um: "A quem Jesus perdoa, este de fato está perdoado".

Assim, pois, foi exposta bem alto e claramente a *palavra* do "perdão dos pecados", a *palavra* que quer trazer de volta ao Pai todos os filhos desgarrados.

Não cabe investigar de que maneira o estado de enfermidade do curado estava ligado ao seu pecado. Mas não há dúvida de que ele estava conectado ao sentimento de culpa. A pessoa que sinceramente anseia por salvação sempre terá como primeira necessidade em seu sofrimento reconciliar-se com Deus por causa de seu pecado. Sua maior angústia é o pecado, não a doença. Cristo encara com misericórdia essa atitude primordial, abordando-a com uma medida salvadora.

Jesus estabelece a reivindicação de ser, como reconciliador posicionado e atuante entre Deus e a pessoa, "a virada dos tempos". Tanto quanto a palavra: **Tem bom ânimo, filho, teus pecados estão perdoados!**, essa reivindicação é tão colossal, tão escandalosa, que apenas nos resta crer nela ou "irritar-se"! E os fariseus, esses não acreditaram nela, mas irritaram-se!

8. A convocação do cobrador de impostos Mateus, e o posterior banquete com publicanos e pecadores, 9.9-13

(Mc 2.13-17; Lc 5.27-32)

9 **Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu.**

10 **E sucedeu que, estando ele em casa (de Mateus), à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos.**

Ora, vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?

12 **Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes.**

Ide, porém, e aprendei (a compreender) o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos (espontâneos); pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento].

Observação preliminar

É provável que também em Cafarnaum os publicanos de lá tinham de taxar os peixes que eram trazidos à cidade. Desse modo Mateus, antes de ser coletor, já deve ter sido conhecido dos pescadores que acompanhavam Jesus. Aceitar um publicano no círculo dos doze causou permanentemente um forte escândalo entre os judeus, nos quais vigorava uma intensa aversão aos publicanos, circunstância da qual Mateus esteve sempre consciente (Schlatter, p. 302).

Por ser publicano, Mateus dominava duas línguas. O funcionário da coletoria precisava relacionar-se com todos, com os moradores e com os viajantes.

Isso também é importante para a época em que o evangelho de Mateus foi escrito. No mundo palestino não havia escritores *jovens*. Nele se veneravam *os idosos*. São os presbíteros que determinam a palavra, sobretudo quando se dirige em forma escrita à comunidade toda. Também a tarefa especial que foi dada ao apóstolo não desenraizou a valorização da idade avançada prescrita pela tradição, como evidenciam 1Pe 5.1s e 3Jo 1. Considerando que Mateus já atuava em negócios financeiros a serviço de Herodes antes de sua vocação, ele não era mais um jovem naquela ocasião. Por isso não demorou mais de cerca de 20 anos após a morte de Jesus para que Mateus estivesse em condições de falar à comunidade como presbítero (cf. Schlatter, p. 304).

Cafarnaum situava-se na estrada que levava do interior da Ásia até o mar Mediterrâneo. Em decorrência disso, deve ter havido naquela cidade uma coletoria importante (de Herodes Antipas). Estava localizada fora da cidade, próxima ao lago. Assim se explica a expressão de Lucas: "Ele saiu" e a de Marcos: "Jesus saiu outra vez e foi para o lago". A descrição da situação por Mateus também coincide com essas duas informações. Jesus devia ter motivos prementes e importantes para incluir uma pessoa dessa classe no número de seus confidentes.

A história anterior da cura do paralítico tinha evidenciado que as hostilidades contra ele já tinham começado. Contudo, Jesus não tem medo. Segue seu caminho reto traçado pelos céus. Convoca um publicano para segui-lo, fazendo dele um apóstolo. Com essa medida Jesus faz algo *muito escandaloso* para os judeus e especialmente para os fariseus e escribas.

Nesses cinco versículos ocorre duas vezes a expressão: "publicanos e pecadores". Os *publicanos* são símbolo da desonestidade, da arbitrariedade, do egoísmo e da ânsia de vingança. São pessoas que, para enriquecerem rapidamente, estão a serviço dos inimigos da pátria. São pessoas que renegam seu povo, sua pátria e a fé.

Quem queria tornar-se publicano tinha de saber que:

- Estará separando-se conscientemente de Deus, do povo, da pátria;
- Cometerá consciente e continuamente pecados graves contra Deus, o povo e a pátria;
- Terá de suportar o desprezo de todas as pessoas decentes;
- Será castigado eternamente no inferno, segundo a concepção judaica.

Por isso os publicanos são equiparáveis a *usurários*, *ladrões*, *assassinos*, *saqueadores*, *assaltantes* e *prostitutas*. São pessoas das quais se afirma: "São amaldiçoadas!" (Jo 7.49).

É dessa sociedade de malditos e infames que Jesus chama um homem para junto de si. Poderíamos pensar que o Senhor dificilmente poderia ter sido mais desastrado e incorreto. Caberia perguntar: Será que, com essa atitude, o Senhor não está justamente aprovando o criminoso? Um escândalo mais grave o Senhor não poderia ter provocado nos decentes e piedosos. Era mesmo *necessário* que o Senhor agisse dessa e não de outra forma, com uma atitude tão *radical*? Pois os pescadores que o seguiam como discípulos ainda eram pessoas honradas, eram israelitas em quem "não havia dolo" (Jo 1.47).

Porém, o que dizer nesse caso? Escolher um amigo dentre essa companhia mentirosa e irremediavelmente perdida? Esse é um modo de agir inaudito e incompreensível! O quanto esse procedimento escandalizou as pessoas revela-nos uma nota que se encontra 150 anos mais tarde num discurso de zombaria feito por Celso contra os cristãos, no qual ele proclama: "Jesus tomou publicanos canalhas para serem seus alunos".

Retornemos para a história. A vocação de Mateus é de natureza tão súbita e incomum que não podemos ter dúvida de que Jesus recebeu um impulso imediato do alto. O caráter superior da vocação evidencia-se igualmente na determinação e rapidez com que o chamado foi aceito.

Jesus diz: **Segue-me**. O verbo grego *akolutheo* = "seguir" tem, como primeiro significado, "ir atrás de". No Oriente a mulher anda atrás do marido. O aluno de profeta andava atrás do seu mestre. Isso expressa a *honra* que se presta ao que está em posição superior. Esse costume também tinha se instalado entre os rabinos. O mestre andava à frente do aluno ou montava num jumento. É dali que também os discípulos adotaram o costume. No entanto, entre seguir os rabinos e seguir a Jesus havia uma diferença fundamental. Os alunos dos rabinos, após um ou dois anos, quando o ensino terminara, dissolviam o relacionamento com o seu mestre.

Essa possibilidade é excluída no caso de Jesus. O chamado de Jesus é *total*. Ele vale para *a vida toda*. Jesus prende a si o discípulo com toda a sua existência. Desligado de Jesus, a existência de discípulo acaba. A vocação por Jesus, porém, não é apenas exigência, mas "dádiva e exigência" ao mesmo tempo. Somente o chamado de Jesus tem o poder de soltar uma pessoa de sua existência natural e de suas amarras.

Depois da triste página de vida de publicano e pecador, seguiu-se outra página. Começou a surgir a luz. Mateus tinha enganado a outros. Agora reconheceu que ele próprio estivera sendo logrado. O que antes lhe era prazer, tornou-se pesar. Nesse estado íntimo, o Senhor Jesus o viu, ele que é amigo dos publicanos e pecadores. Diz-se expressamente de Mateus: **Ele se levantou**. Incontáveis foram as vezes em que deve ter-se levantado e se sentado novamente. Dessa vez, no entanto, levantava-se para nunca mais ocupar o mesmo lugar. Para Mateus foi uma virada decidida e integral. Não ergueu-se somente um pouco de sua cadeira. Levantou-se e seguiu atrás de Jesus. A ponte estava derrubada, não havia como voltar atrás. Também hoje existem dois tipos de pessoas. Aquelas cujas vidas se assemelham a um *estar sentado* e outras cuja vida é um *andar* e *apressar-se*, um prosseguir seguindo a Jesus.

Jesus não o confronta com a vida e o comportamento que manteve até então. Não se deve derrotar ainda mais pessoas que estão batidas na sua consciência. Um raio de alegria tinha penetrado no coração de Mateus. "Ele largou tudo" (Lc 5.28), uma afirmação grandiosa, pois possuía mais que os pescadores no lago de Genezaré!

Mateus tinha iniciado sua trajetória de discípulo e encerrado sua vida de publicano (Mateus tem o mesmo sentido de "Teodoro", que significa "doado por Deus"). Nesse ponto decisório de sua vida, ele ofereceu ao Senhor uma ceia festiva. Certamente aconteceu com a mais profunda concordância de Jesus que nesse banquete se encontrassem não apenas Jesus e Mateus, mas também os discípulos de Jesus e muitos dos antigos colegas de Mateus, publicanos e pecadores. Ali, pois, está sentado Jesus, no meio do mundo, no meio das pessoas deste mundo. Celebra comunhão de mesa com essa escória da humanidade. No Oriente a comunhão de mesa, muito mais que entre nós, constitui um "símbolo

da amizade e da comunhão de vida". Ao dizer: Tenho comunhão de mesa com este ou aquele, estou afirmando: Essas pessoas são meus amigos, são meus *companheiros*, meu *círculo de relações*.

Quando os fariseus viram que ele comia com publicanos e pecadores, interpelaram os seus discípulos: **Por que o mestre de vocês come com os cobradores de impostos e os pecadores?** (Em Mt 11.19 os adversários, cheios de ódio, o chamam até de "comilão e beberrão"). O que impelia o Senhor a essas pessoas desprezadas? Amava ele o *pecado*, a sujeira, os trapos? Acaso pode-se atacá-lo com o dito: Diga-me com quem você anda e eu lhe direi quem você é? Não, ele não amava a injustiça do publicano, nem a os trapos do mendigo, mas o *ser humano* como tal. Ele não se relacionava com eles como um igual a eles, mas enquanto verdadeiro cura de almas via a enfermidade de suas almas. Muitos desses publicanos traziam dentro de si um profundo anseio de sair de sua nefasta rotina. Muitos sentiam intensamente o que é culpa e injustiça, admitiam que estavam cativos, reconheciam que assim não podiam continuar, tinham convicção de que estavam doentes, miseráveis, incuravelmente enfermos na alma. Muitos sabiam que necessitavam de um Salvador, motivo pelo qual de bom grado queriam ouvir e se dispunham a se entregar a uma nova vida.

Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores. Os fariseus se consideravam sãos, bons e honrados, que sempre estavam com a razão, que pensavam e diziam e faziam o que era correto. Reputavam-se sempre como melhores que os demais, que não necessitavam de Deus; que certamente *lembravam* de Deus, porém como um parceiro. Deus era para eles aquele que sempre de novo tomava conhecimento de suas boas ações e as registrava como pontos de crédito. Com base em todos esses créditos era para eles muito óbvio que se tornariam partícipes do céu (cf. o sermão da Montanha, 5.20ss).

"Deus, eu lhe agradeço que não sou como fulano ou beltrano" (Lc 18.11).

O publicano, em contraposição, sentia como vivia na injustiça e como Deus tinha razão. É por isso que Jesus se sentia *chamado* para quem sabia que vivia na injustiça, para quem estava *enfermo* na alma, e não para o saudável que dele não precisava. **Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento**. Que inversão de todos os valores e de todas as medidas! Os pecadores são chamados e os sãos ficam de fora.

Como é arrasadora essa palavra para todos os justificados por si próprios e os satisfeitos, que argumentam com seu fiel cumprimento do dever e que reclamam benefícios para si por seu comportamento correto e inquestionável, porém possuem dentro de si tão pouco amor desprendido e misericórdia sincera.

Se somos tão frios diante de um morador de nossa casa, ou diante de um trabalhador ou colega que espera diariamente por uma palavra amiga, é porque perdemos Deus. Somos como um membro amputado, arrancado do organismo caloroso de vida, chamado de amor *agape*. Se estivéssemos com Deus, bem perto dele, uma torrente de amor jorraria de nós, mesmo em meio à pior miséria, "pois Deus é amor, e somente aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele" (1Jo 4.16). Se permanecemos em Deus, as pessoas devem sentir que um grande amor vive em nós. Estarmos tão distantes de Deus, essa é a enfermidade de que todos nós padecemos. Por isso são os doentes, *nós* doentes, que precisam do médico Jesus Cristo com tanta urgência (cf. K. Heim, *Predigten*).

9. A pergunta sobre o jejum feita pelos discípulos de João, 9.14,15

(Mc 2.18-20; Lc 5.33-35)

Vieram, depois, os discípulos de João e lhe perguntaram: Por que jejuamos nós, e os fariseus [muitas vezes], e teus discípulos não jejuam?

Respondeu-lhes Jesus: Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento[a] (em tradução mais livre: os companheiros do noivo), enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar.

Em relação à tradução

[a] Literalmente, "filhos da câmara nupcial" são os amigos do noivo convidados para o casamento. A principal função dos amigos do noivo consistia em contribuir para a festa com tudo quanto estivesse em seu alcance. – A cerimônia iniciava com a condução da noiva da casa de seus pais à casa do noivo. Logo que o noivo e seus amigos chegam, o séquito se põe em movimento, acompanhado de música e toques de tambor.

Noiva e noivo estão ornados com guirlandas. A noiva é carregada numa liteira, rodeada pelo noivo e seus amigos. De todas as maneiras é enaltecida a beleza da noiva. Entoam-se alegres hinos nupciais. As pessoas cantam, riem e dançam diante da noiva, até que o cortejo chega à casa do noivo. Em caso de uma noiva virgem a festa dura *sete dias*, em caso de uma viúva três dias. Cada dia aparecem novos convidados. Somente os "filhos da câmara nupcial", os amigos do noivo, precisam permanecer a semana toda junto dos noivos. Outros costumes nas núpcias veja sob Mt 25 e Jo 2 (de St-.B, p. 504). Em relação a "filhos da câmara nupcial" veja também o exposto na nota *c* em Mt 8.5-13.

Quem eram os discípulos de João? Seu líder João Batista já estava na prisão. Se tentarmos elucidar como seu aprisionamento devia estar influenciando seus seguidores, poderemos compreender que nessa época, mais do que antes, buscavam aproximar-se de Jesus.

Todavia, eles estavam decepcionados com Jesus. Se ele tivesse dado início a uma atividade impetuosa, se tivesse dado esperanças a eles, os discípulos de João, de que em breve arrebentaria as portas da prisão da fortaleza de Maquero (em que seu mestre estava prisioneiro), então sim teriam manifesto plena e total concordância com Jesus e sua atuação. Muitas vezes pesou-lhes no coração ao terem de observar como a multidão rodeava o Senhor e seguia tão exclusivamente seus passos, como se não existisse mais um João Batista no mundo. Constatando, ademais, que nem mesmo Jesus trabalhava pela libertação desse grande homem, mas que, pelo contrário, *celebrava* até banquetes com *publicanos* e pecadores, quando eles pensavam que ele deveria *ficar de luto e jejuar* por João Batista na cadeia, então *é muito natural e compreensível* que seu desgosto com Jesus se transformasse em irritação amarga. Podemos compreender a sua pergunta: Como é possível que nós, como discípulos de João, como também os fariseus, jejuamos com tanta freqüência, e seus discípulos nem sequer jejuam? Seus discípulos comem e bebem e fazem alegres festas!

Assim como muitas vezes dois partidos contrários se aliam por causa de uma *irritação conjunta contra um terceiro*, também aconteceu neste caso. Discípulos de João, fariseus e escribas eram unânimes em sua posição, em sua irritação contra Jesus. Por terem ficado parados junto de seu mestre, o precursor do Senhor Jesus, os discípulos de João de fato retrocederam e até se tornaram *críticos* do Senhor Jesus.

O Senhor Jesus lhes disse: **Acaso podem os companheiros do noivo estar de luto enquanto o noivo está com eles? Dias virão, quando o noivo lhes será tirado. Então, sim, jejuarão**.

A resposta de Jesus parece tanto mais incisiva quando lembrarmos o último testemunho do Batista sobre ele: "O que tem a noiva é o noivo. O amigo do noivo que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do noivo" (Jo 3.29). Assim o Batista havia descrito a glória espiritual de Jesus e seu relacionamento com ele. Por isso Jesus agora, diante dos discípulos de João, apenas queria dar continuidade àquele discurso do mestre deles, respondendo: "Acaso podem os amigos do noivo (ou os convidados das bodas) ficar tristes enquanto o noivo está com eles?" Essa seria uma questão compreensível, mesmo para o sentimento dos seguidores de João. O Messias ainda está celebrando suas bodas.

É possível que os fariseus concordassem com uma exceção à regra do jejum para as semanas de festejos nupciais. Não seria uma tortura ter de jejuar no dia das bodas?

Esse banquete de Jesus na casa de Mateus com os publicanos é, para o Senhor, como uma ceia de núpcias. Jesus designa a si próprio como o noivo.

Com essa afirmação, Jesus expressa muitas coisas. Coloca-se como igual a Deus, que no AT é freqüentemente nomeado como *noivo* ou *esposo do povo de Israel*. Além disso, coloca-se acima de todos os demais enviados e profetas de Deus. Eles substituíam um ao outro. Um noivo, porém, não pode ter outro ou outros ao lado de si ou ser substituído por outro enquanto estiver vivo. Jesus, porém, vive eternamente. *O relacionamento da comunidade com ele e dele com a comunidade é exclusivo*. Jesus não tem outro ao seu lado. A comunidade está ligada unicamente a ele para todo o sempre.

De repente, porém, o olhar do Senhor Jesus se obscurece. Parece que uma imagem está passando diante dos seus olhos. Em tom solene ele diz: **Haverá dias**…, interrompendo-se no meio da frase como se estivesse diante de um terrível segredo. **Haverá dias em que o noivo será tirado deles!** Ou seja, no final dessa alegre semana de bodas o noivo subitamente será arrancado com violência. Então virá o duro tempo do jejum para os que hoje estão alegres. Não será necessário que o jejum lhes seja imposto. Jejuarão espontaneamente.

Nessa resposta de sentido profundo Jesus anuncia pela primeira vez nos sinóticos a sua morte violenta. A forma verbal e a palavra utilizada por Jesus designam um *golpe súbito*, que deverá atingir o *sujeito do verbo*. O jejum futuro, que Jesus contrapõe aqui ao jejum legalmente vigente em Israel, não é um costume apenas externo e legalista, e sim expressão de uma dor profunda. É um jejum que brota da situação de aflição em que a *comunidade* de Jesus, o corpo de Cristo, se vê lançada no meio do mundo por causa do passamento de seu cabeça. O objetivo do jejum é caracterizar com maior seriedade a oração e conquistar com maior segurança o socorro divino, o Espírito Santo, o *Paracleto*. Essa afirmação de Jesus refere-se, portanto, a toda a história da comunidade de Cristo até o seu retorno. Estas palavras do "noivo" e do "jejum" foram gravadas profundamente no coração dos discípulos, sendo transmitidas nos evangelhos. É por isso que soam quase idênticas nos três evangelistas Mateus, Marcos e Lucas.

Os discípulos do Batista pressentem e aprendem que a morte de Cristo alcançará um significado maior para os discípulos do Senhor e para o mundo que o sofrimento martirial de João Batista. No entanto, constitui o pensamento mais aprazível dessa palavra de Cristo que podemos, de acordo com o Espírito de Cristo, celebrar festas de alegria celestial pela salvação dos pecadores, mesmo durante a prisão de um profeta e até no pressentimento de que a *própria morte* está *próxima*. Realmente, o Senhor tinha participado da festa na casa de Mateus não por causa do banquete, mas por estar faminto e sedento por almas humanas. Ele havia encontrado ali almas humanas cheias de anseio.

10. O remendo e o odre velho, 9.16,17

(Mc 2.21s; Lc 5.36-39)

16 **Ninguém põe remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo tira parte da veste, e fica maior a rotura.**

17 **Nem se põe vinho novo em odres velhos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho, e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam.**

Observação preliminar

Os odres eram feitos da pele de animais, que eram retiradas inteiras de uma ovelha ou cabra. Os furos existentes no pescoço e nas pernas eram costurados ou, no caso de serem usados para encher ou derramar o conteúdo, amarrados com uma tira de couro.

Partindo do contraste acima referido, entre o jejum legalista e o jejum futuro da comunidade messiânica, Jesus passa para um contraste mais profundo, existente entre a forma antiga e a nova do reino de Deus. Fala dele em duas parábolas, nas figuras do remendo na roupa e do odre de vinho.

As duas parábolas do remendo de tecido novo e do vinho novo não devem ser separadas das frases anteriores, após as quais elas são citadas por todos os três evangelistas sinóticos. Ao mesmo tempo, porém, é preciso ter em conta que Jesus está visando o futuro: **Virá o tempo em que o noivo será tirado deles**. Depois disso deverá vir o tempo novo! Enquanto fala, surge diante do olhar do redentor a imagem da *nova vida* e da *nova natureza* de sua comunidade. A ordem totalmente nova da comunidade de Cristo somente poderá entrar em vigor quando a nova vida assumiu o lugar da velha. É impossível querer costurar apenas um pedaço da vida nova sobre a velha. A natureza do Espírito é uma peça inteiriça. Tê-la pela metade apenas traz prejuízos. A pessoa acompanha-a um trecho e cai de volta. Presume e faz de conta que tem a vida nova. Mas é apenas *remendo*, não algo tecido e crescido. A fraqueza e o desgaste da vida velha foram apenas um pouco encobertos.

Após ter exposto e ilustrado na primeira comparação a *necessidade* da transformação, Jesus passa a descrever os *órgãos* nos quais a vida nova deve transitar. Ele é acusado de que costuma relacionar-se com os publicanos. Contudo, a quem escolheria para órgãos da vida no espírito que se assemelha a um vinho novo, gerador de vida? Deveriam ser os velhos fariseus, imbuídos da certeza de seus próprios méritos? Ou deveriam ser os escribas, cuja arte nada mais era que transformar todo o Antigo Testamento num livro de leis? Deixar essas pessoas, tais como eram, participarem de sua obra seria o melhor caminho para adulterá-la pela mistura com pensamento de mérito legalista e preconceitos ultrapassados. Em pouco tempo ela sucumbiria.

Estão em jogo conteúdo e forma. Ou seja, as formas antigas não são capazes de conter Jesus!

Os mesmos pensamentos Jesus expõe pessoalmente naquela prece que ele proferiu por ocasião do envio dos 70: "Graças te dou, ó Pai, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as

revelaste aos pequeninos" (Mt 11:25)! Deus lhe tinha dado como instrumentos esses pobres e ignorantes galileus. Jesus o louva por isso: "Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mt 11:26)!

O Senhor Jesus não quer reformar o judaísmo como tal. Tampouco pensa em forçar a nova vida para dentro das formas judaicas de jejum, de leis, ou do sacerdócio clerical. Não, ele quer criar e provocar algo inteiramente novo. Pois as formas velhas acabariam se rompendo sob o novo modo de ser espiritual.

Está de acordo com o costume que se derrame vinho novo em odres novos. Desse modo ambos serão preservados. O vinho, por meio dos odres, e os odres, por meio do vinho. É dessa maneira, pois, que o Senhor esclarece que não pode confiar o novo vinho aos odres velhos, isto é, que não pode inserir o espírito de vida do Novo Testamento nas velhas formas judaicas.

Essa palavra de Jesus tem máxima importância para todos os tempos. Mostra-nos o quanto o Senhor ressaltou a importância da forma para o conteúdo. Revela com que clareza o Senhor reconheceu como imprescindível que a forma do cristianismo corresponda à sua *natureza* interior.

Fica estabelecida para todos os tempos a advertência de Cristo de que não se deve estragar a vida autêntica de sua comunidade forçando-a para dentro de formas prefixadas, isto é, que se coloque a forma acima da vida, que se prenda obstinadamente, pela organização, o Espírito exuberante.

Entretanto, também faz parte de sua afirmação que as formas *cristãs autênticas* serão preservadas junto com o conteúdo.

11. O reavivamento da filhinha de Jairo e a cura da mulher com hemorragia, 9.18-26

(Mc 5.21-43; Lc 8.40-56)

Enquanto estas coisas lhes dizia, eis[a] que um chefe (da sinagoga), aproximando-se, o adorou
e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá.
19 **E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos.**
E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio
por trás dele e lhe tocou na orla da veste;
porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada.
22 **E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde**
aquele instante, a mulher ficou sã.
23 **Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço,**
disse:
Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme. E riam-se dele.
25 **Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou.**
E a fama deste acontecimento correu por toda aquela terra.

Em relação à tradução

[a] Cf. o exposto sob 1.20.

Observação preliminar

A palavra "sinagoga" é usada com vários significados. Por um lado é designação da *casa* em que acontecia a reunião de culto (local de oração), por outro lado para a própria *reunião* dos judeus como comunidade em culto, e, em terceiro lugar, também para uma *reunião dos representantes* dessa comunidade. Parece que *antes* do cativeiro babilônico não havia ainda sinagogas. Em 2Rs 4.23 somos informados de que se procurou um profeta a fim de perguntá-lo acerca da lei. Ainda não havia necessidade clara de uma casa de oração específica.

No NT a *sinagoga* era conhecida como uma "instituição muito antiga". No tempo de Jesus havia sinagogas em todos os lugares, mesmo nos menores (Nazaré, Mc 6.2). Em Jerusalém deve ter havido sinagogas em grande número (400 a 500). Cada clã tinha a sua. Mesmo no monte do templo menciona-se a existência de uma sinagoga. A isso se somavam diversas sinagogas na diáspora (At 14.21).

As organizações comunitárias tinham a obrigação de construir *sinagogas*. Os moradores eram obrigados a participar na construção. Tampouco era proibido a pagãos e prosélitos apoiarem a sinagoga financeiramente (Lc 7.5) e participar dos cultos.

O *estilo arquitetônico* das sinagogas via de regra era de *três naves*. Cafarnaum até possuía uma de *cinco* naves. Presume-se que havia várias entradas, cada nave com a sua própria. As escavações na Galiléia

constataram isso com relativa certeza. Depois da entrada havia as fileiras de assentos, as quais dirigiam o olhar da comunidade para o interior da sinagoga (o lado oposto da porta).

Geralmente era ali que se localizava, atrás de uma cortina, o *sagrado*. Era uma arca com um rolo da Torá e os demais textos sagrados. Todos eram escritos sobre pergaminho e igualmente enrolados. Durante o culto o sagrado era colocado à mostra.

Na direção do olhar da comunidade também se encontrava um local elevado, com um púlpito para o *leitor* e o *orador* (Em geral também se utilizava a sinagoga como escola para as crianças).

O *culto na sinagoga* era formado pela *leitura* da Escritura, *oração* e *pregação*. Ao ser proferida a leitura as pessoas permaneciam em pé, na pregação ficavam sentadas. Até meninos de 12 anos podiam participar da leitura. Uma pregação podia ser feita por *qualquer pessoa* que tivesse mais de 30 anos e se anunciava previamente junto ao chefe. O Senhor Jesus e seus discípulos usaram com freqüência essa oportunidade para anunciar o Evangelho.

O *presidente da sinagoga*, sempre um dos homens mais respeitados, era eleito entre os anciãos da comunidade. Era tarefa dele zelar pela ordem do culto, convidar leitores e pregadores para o serviço, censurar e barrar desordens.

Subordinado ao presidente da sinagoga, estava o *zelador ou servidor da sinagoga*. Ele chamava por nome os leitores, oradores e pregadores que lhe haviam sido indicados pelo presidente, para desempenharem sua função. Trazia-lhes os escritos sagrados e os guardava novamente com cuidado na arca sagrada após o uso. Ele também executava o castigo dos açoitamentos na sinagoga. Entretanto, não é possível comprovar se ele também era incumbido do ensino de crianças.

Nas *portas de entrada* da sinagoga recolhiam-se as esmolas, administradas por um tesoureiro nomeado para tal. Esse cargo também era muitas vezes ocupado pelos mais famosos rabinos e pelas pessoas mais respeitadas, embora no cargo fossem subordinadas ao presidente da sinagoga.

Chega a Jesus um dos presidentes da sinagoga de Cafarnaum, portanto, uma pessoa de prestígio na cidade. Todos os três evangelhos também referem o seu nome: *Jairo* (Jairo significa: “o que traz luz”). Ele tem uma filha única de doze anos de idade. É por causa dela que ele vem a Jesus. Logo que o encontra, cai aos seus pés e pede, inquieto, com muitas palavras, que ele venha apressadamente à sua casa. **Minha filha acaba de morrer**, lamenta-se ele. Depois, corrigindo-se e esperançoso de que ainda haja uma centelha de vida nela, suplica: **Vem, impõe a mão sobre ela, e ela viverá**.

Essa ida de Jairo até Jesus seguramente não foi nenhuma bagatela para ele. Pois sempre de novo ele tinha de constatar que, quando esse Jesus vinha à sinagoga e falava, os recintos se enchiam com muito mais ouvintes, e que esse Jesus era bem mais importante em Cafarnaum que ele próprio, o chefe da sinagoga. Talvez ele *não pudesse aprovar* muito bem o procedimento de todas as pessoas que se dirigiam com suas enfermidades a Jesus, pois uma coisas dessas nunca havia acontecido. Será que isso era digno de um bom israelita?

Contudo, o orgulho não o ajuda! A doença da filha se torna visivelmente pior. Aí corre até Jesus e prostra diante dele seu rosto em terra. Ele, *o ilustre presidente da sinagoga*, não se envergonha diante do povo de também solicitar a ajuda de Jesus, de também pedir a Jesus de coração, para que venha à sua casa ver sua filha doente.

Combinando-se os relatos dos três evangelhos, obtém-se um quadro muito vivo da máxima agitação e do desabamento interior desse homem. Quando saiu de casa, ela *ainda vivia*. Contudo parece que já haviam iniciado os sintomas da agonia de morte. Por isso, entre as muitas palavras que dizia, segundo Marcos, foi possível que Jairo também proferisse em seu discurso confuso que sua filha *acabava de falecer*, mas logo dando espaço à esperança de que ela ainda estaria viva e poderia ser salva. Porém, não fazia parte de seu pedido expresso que sua filha estivesse morta e que o Senhor a devesse ressuscitar. Unicamente tinha a certeza de que Jesus ainda poderia salvá-la nos seus últimos suspiros, de modo que, nas contradições próprias de sua agitação, se exteriorizava inconscientemente uma grande confiança em Jesus.

Por isso priva-se a história de uma de suas características mais vivas quando se contrapõe Mateus contra Marcos, de modo que Jairo estaria proferindo apenas uma petição bem clara e elaborada. Isso não combinaria tão bem com ele quanto o discurso perturbado de um pai extremamente aflito por sua filha.

Imediatamente o Senhor o acompanha. Seguem-no os discípulos e uma massa popular que o rodeia de maneira quase sufocante. Quem não gostaria de estar presente e ver se Jesus ajudará também desta vez! – Subitamente o cortejo se detém. Jesus pára. Uma mulher necessitada de ajuda, que tem vergonha de nomear publicamente sua enfermidade, teve a idéia de tocar secretamente a

roupa do Senhor para ser curada. Ela segura a barra de sua túnica com um temor reprimido (quanto à orla do manto, cf. Nm 15.38; cf. também At 5.15; 19.11).

Foi obra de um segundo na alma de Jesus perceber – compreender – e conceder esse toque pela mulher em sua veste. A mulher sentiu-se abalada pelo contato e de imediato ficou ciente da cura. Jesus, porém, que *conscientemente* (Mc 5.30) havia sentido o fluxo de vida e, em conseqüência, também um poder de cura sair dele, voltou-se e falou: **Tem bom ânimo, filha, tua fé te curou** (No final deste comentário voltaremos a abordar com mais detalhes a cura dessa mulher).

A demora de Jesus nesse episódio quase leva a esquecer que ele está a caminho do leito de uma moribunda. Faz lembrar uma outra delonga que se tornou uma severa provação para as amigas de Jesus, Maria e Marta, em Jo 11. Também para Jairo essa pausa constituiu uma prova dura. Parece que ficou calado, o que sem dúvida lhe foi contado como ponto positivo.

A casa está repleta do barulho dos flautistas e das mulheres carpideiras. Jesus ordena: **Saiam daqui, a menina […] está dormindo!** Eles riem-se dele: Ela está morta, isso nós garantimos!

Os três evangelhos sinóticos têm em comum a expressão "riam-se dele". Como é curioso que essas mulheres, em altos prantos, tão antipáticas para nós hoje, têm de ser testemunhas de que a grandeza de Jesus está sendo revelada.

O povo precisa ser mandado para fora. Jesus não quer realizar um milagre de demonstração pública. Por outro lado, tampouco o realiza atrás de portas fechadas. Jesus realiza seus milagres diante de *testemunhas*. De acordo com Lucas, ele levou consigo três testemunhas: Pedro, Tiago e João. Atestada pela boca de duas ou três testemunhas, qualquer questão é segura. "O melhor é ter três testemunhas. Os três apóstolos são testemunhas de Jesus na ocasião em que é importante para ele ter testemunhas, mas não um número maior que o necessário" (o mesmo ocorreu na transfiguração, 17.1ss). Além dos discípulos, participam ainda o pai e a mãe. Provavelmente Jesus também se enquadrou nos costumes. Eles exigiam que um homem não ficasse sozinho com uma moça (De acordo com Marcos ela tinha 12 anos, ou seja, poderia ser desposada)!

A casa ficou, pois, em silêncio e solidão. Duas almas estavam diante do leito da menina, com fé e súplica. Eram o pai e a mãe. *A comunidade do Senhor, porém, está representada pelos seus três amigos íntimos*. Segue-se, agora, a solene ressurreição. A palavra *talita cumi* (Mc 5.41) abalou a Pedro, e através dele a Marcos, com sua força original, de modo que ela ressoa no material deles através da comunidade até o fim do mundo.

Com majestade régia Jesus ordena à morte que devolva a sua presa. Em voz alta ele diz, de acordo com Marcos: "Menina, eu te digo, levanta-te!" Nenhum sussurro, nenhuma fórmula, nem mesmo uma oração, mas somente: "Eu te digo!" Assim como ele ordena aos demônios, também dá ordens à morte, e ela cede. Chama o "espírito", e ele retorna.

A menina se levantou e andou pelo quarto. Pai e mãe estão atônitos, os olhos cheios de lágrimas de espanto e gratidão.

Marcos e Lucas trazem a instrução de que se dê de comer à menina. Dessa maneira se ressalta a total tranqüilidade do Senhor nessa grandiosa ação de milagre. Ele age simplesmente como o médico que tomou o pulso da doente e prescreve a dieta para o dia. Em traços como esses reconhece-se o relato de uma testemunha ocular, que continua com a voz de Jesus em seus ouvidos e que ainda vê a criança caminhando para lá e para cá.

Acima mencionamos apenas de passagem a *cura da mulher com hemorragia*. É necessário, porém, dar-lhe atenção especial. Em Mateus a história é narrada de maneira relativamente breve. Marcos e Lucas a apresentam com grande plasticidade e numerosos pormenores.

Em Lv 15.25ss lemos (em tradução livre) que: "Quando uma mulher tem hemorragia por longo tempo, será impura enquanto a tiver. Todo leito em que estiver deitada, será impuro por todo o tempo da hemorragia. Tudo em que ela estiver sentada, será impuro. Cada pessoa que tocar nela será impura, deverá lavar suas roupas e banhar-se, permanecendo impura até o cair da noite. Quando ficar limpa da hemorragia, deverá tomar duas pombinhas ou duas pombas-rolas e trazê-las ao sacerdote. De uma o sacerdote fará uma oferta pelo pecado, da outra um holocausto, reconciliando-a perante o Senhor pelo fluxo de sua impureza. Assim exortareis os filhos de Israel diante das suas impurezas, para que não morram."

Imaginemos que essas determinações valem para a mulher dessa história. Nesse caso, durante todos esses doze anos ela foi quase como uma *leprosa*. Ela *própria* era imunda. O que ela tocava e cada pessoa que a tocava tornavam-se impuros. Em conseqüência, ela estava excluída do contato

com pessoas e era evitada pelos seus próprios familiares. Agregava-se a isso a pergunta angustiante: Por causa de que pecado estou sofrendo isso?

Somente agora estamos em condições de compreender a história em todos os seus detalhes, ilustrados tão amplamente por Marcos. A mulher, sob a pressão do sofrimento, do isolamento e da suposta culpa, ouve o que está sendo falado acerca de Jesus. Ele é o grande homem de milagres e amigo dos pecadores e das pecadoras. Será que não a ajudaria? Mas como proceder? Pois não pode misturar-se entre as pessoas, nem pode falar de sua enfermidade diante de todos. Por isso ela planeja: tocarei na sua veste. Se ele realmente for o que falam dele, isso já me ajudará! Acontece que naquele dia Jesus está cercado de uma grande multidão. Ela se esgueira pelo ajuntamento e toca por trás a capa dele. De imediato a hemorragia cessa, e ela nota em seu corpo que está curada.

Jesus sabe à distância e simultaneamente, pois é profeta (Lc 7.39). Por isso sabe a respeito dos pensamentos da mulher antes que ela o toque. Ele lhe diz: **Tua fé te curou**. Jesus não censura a simplicidade da mulher, porém abençoa com atendimento a *enorme confiança* dela, que no fundo não é uma confiança no poder de cura de seu *manto*, mas sim nele *pessoalmente* (mais explicações no comentário ao texto de Marcos).

12. A cura dos dois cegos, 9.27-31

Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi!

28 **Tendo ele entrado em casa, aproximaram-se os cegos, e Jesus lhes perguntou: Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor!**

Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé.

E abriram-se-lhes os olhos. Jesus, porém, os advertiu severamente, dizendo: Acautelai-vos de que ninguém o saiba.

31 **Saindo eles, porém, divulgaram-lhe a fama por toda aquela terra.**

Observação preliminar

Mateus encerra com duas curas maravilhosas o relato de milagres dos cap. 8 e 9:

A cura dos dois cegos;

A cura do surdo-mudo.

Os dois relatos fazem parte do material exclusivo de Mateus, ou seja, é somente Mateus quem traz esses relatos de milagres, e o faz "com muito amor". Cronologicamente ambas as narrativas se inserem imediatamente após os últimos acontecimentos do grande dia que começou na terra dos gadarenos.

É *evidente* que o Senhor concedeu a visão a muito mais do que a esses dois cegos mencionados. No seu exaustivo estudo sobre os cegos dos evangelhos, o médico Knur comprova que, no tempo de Jesus, o número de pessoas que se tornaram organicamente cegas deveria ser bem maior no povo judeu do que hoje em dia.

Mal o Senhor havia partido da casa de *Jairo*, para ir ele próprio para casa, isto é, para chegar à casa de Pedro em Cafarnaum (que era onde ele morava quando estava na cidade), aparecem de novo dois pedintes atrás dele. São dois cegos, clamando: **Tem compaixão de nós, Filho de Davi!**

É a primeira vez que nos deparamos com o nome "Filho de Davi", e pronunciado por dois israelitas. Com a expressão "Filho de Davi" indica-se a relação de Jesus com Israel. Ele é o herdeiro anunciado do "rei Davi". Como descendente de Davi, o rei de Israel, afirma-se sua reivindicação pelo domínio vindouro sobre Israel. Os milagres inauditos eram considerados indícios de que Jesus era o Messias, o ungido e rei anunciado no AT. Contudo, porque o nome "Filho de Davi" podia ser distorcido politicamente, o Senhor nunca o usou como designação de si próprio. Também por causa da interpretação apenas exterior e terrena, o Senhor desejava ser reservado em relação a esse nome aqui na Galiléia.

É por isso que o Senhor recebe os dois cegos somente em casa. Após examinar a sua fé, o Senhor atende o seu insistente pedido. A cura acontece mediante um toque firme sobre os olhos, a fim de que Jesus se torne perceptível aos que não podem vê-lo.

De modo simbólico, Jesus quer dar-lhes a entender o presente da visão. É justamente nisso que se mostra que Mateus não está *somente* interessado numa *única* maneira e forma pela qual Jesus curou, a saber, na cura pela mera e poderosa "palavra". Na verdade, de acordo com ele, ocorre uma ampla diversidade nos procedimentos das curas. Uma vez o Senhor curava pela simples palavra (p. ex., Mt

8.13), outra vez pela palavra e pelo abraço (p. ex., Mt 8.3), uma vez pelo toque somente (Mt 8.15 e 9.25) e outra vez sem qualquer ação perceptível (Mt 9.33).

O milagre acontece. Os dois cegos vêem. Agora ocorre o que já lemos diversas vezes. Jesus ordena severamente aos curados: **Cuidem para *que ninguém o saiba!*** Ninguém deve sabê-lo. O quê? Que os homens cegos recuperaram a visão! Por que o Senhor faz isso? Ele age assim para que sua ação milagrosa não seja interpretada mal. Não deve ser cultivada a obsessão por milagres, e sim a fé nele, *o Senhor*! Jesus não quer reunir ao seu redor pessoas ansiosas por exibições unicamente para satisfação de suas necessidades terrenas, mas pessoas que levam a sério sua tarefa essencial, o autêntico reconhecimento de sua real e verdadeira tarefa e missão de redentor (cf. o exposto sobre 8.4, referente à proibição de testemunhar a cura milagrosa).

13. A cura de um mudo, 9.32-34

(Lc 11.14-16)

Ao retirarem-se eles, foi-lhe trazido um mudo endemoninhado.
33 **E, expelido o demônio, falou o mudo; e as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal coisa em Israel!**
Mas os fariseus murmuravam: Pelo maioral dos demônios é que expele os demônios.

Como num estilo de telegrama acrescenta-se ainda esse milagre. É semelhante à cura do mudo endemoninhado em Lc 11.14-16. Mas com Mt 12.22-24 essa história não tem nada a ver. Pois lá fala-se de um *endemoninhado* que era cego e mudo. Os evangelhos também fazem uma distinção clara entre "mudos" e "endemoninhados mudos". Em Mt 15.30 e Mc 7.31-37 trata-se de um caso normal de mudez. Aqui neste texto, porém, a possessão é a causa do mal. A mudez tem caráter *demoníaco*. Isso é algo bem diferente! Por isso o texto original também utiliza a palavra *ekbállein*, que quer dizer: *ele lançou fora o demônio*. Como a cura dos dois cegos, também esse milagre acontece em casa (de Pedro).

Que ação poderosa do Salvador! Cegos entraram na casa do Salvador e saíram vendo. Um mudo possesso foi trazido à moradia do Salvador – e sai dela falando. As multidões confessam: Jamais se vivenciou algo assim em Israel.

O comentário dos fariseus, de que Jesus teria se aliado com Satanás, mostra como o inimigo já está agitando e instigando. – Dessa vez Jesus não se digna a responder-lhes. Somente mais tarde somos informados de uma réplica, em 12.24ss.

Findou-se assim um longo trabalho cheio de conteúdo, que começou na tarde anterior e na viagem pela tempestade noturna no mar até Gadara e de volta. Mateus pára por um instante com sua narrativa.

São dez milagres formidáveis que Mateus destacou nos cap. 8 e 9, dez milagres de grande significado (fazem lembrar os dez milagres da saída do Egito).

Qual é o sucesso junto aos fariseus? Eles consideram o Senhor como alguém a serviço do diabo. Este lhe teria dado poder de comandar também os demônios. Como não podem negar *os fatos* de suas curas, os fariseus precisam difamar *a causa* desses eventos poderosos como sendo inspirados pelo diabo. Como seu ódio os deixa obcecados e deturpados!

Depois desse grande relato de milagres nos cap. 8 e 9, Mateus conta apenas mais *seis milagres* até a confissão de Pedro no cap. 16 – e depois dela somente mais *dois milagres* (Devido à sua peculiaridade, não foi contada a história da maldição à figueira).

14. Resumo dos cap. 8 e 9 quanto aos milagres

Os relatos de milagres dos cap. 8 e 9 evidenciam o sentido profundo dos milagres de Jesus como tais. Podemos falar inicialmente de um significado *tríplice* dos milagres.

- Os milagres são uma parte da revelação de sua glória

"A enfermidade não é para a morte, mas para a glorificação de Deus, a fim de que o filho de Deus seja glorificado através dela" (Jo 11.4). É maravilhoso: sua glória revela-se sempre naquelas situações em que há menos esperança, em que acabaram as possibilidades de socorro deste mundo.

- Os milagres são uma parte do sofrimento de Deus (cf. a explicação de 8.17).

- *Os milagres são uma parte da irrupção do que virá*, são escatologia que irrompe, são promessas da glória perfeita de Deus e de seu reino no século vindouro.

Portanto, os milagres têm um significado programático. Eles apontam para a integridade perdida da criação, para a sua restauração, sua reabilitação e renovação. Devem ser novamente sarados: a alma *com* o corpo, o homem *com* a criação toda. Aqui nos milagres do Senhor iniciou-se sem alarde o que mais tarde será executado pública e amplamente. O que acontece no milagre, o salmista já pressentiu profeticamente: "Que te perdoa todos os teus pecados **e** cura todas as tuas enfermidades" (Sl 103.3). Nesse "e" reside o que é decisivo, o que é novo de Deus. Nele reside toda a redenção, o grande "e" de Deus, no qual ele reúne céus e terra e restabelece a "integridade" da sua criatura. Corpo e alma e criação são redimidos.

Cada grupo de sinais aponta à sua maneira para uma característica do século vindouro:

As *curas de enfermos* anunciam: No futuro mundo de Deus não haverá mais enfermidade e decadência. O Senhor retirará todo sofrimento corporal e toda dor (Ap 21.4).

As *expulsões de demônios* atestam: A autoridade de Satanás e de todos os poderes sombrios já está quebrada (Lc 10.18; 1Jo 3.8).

Os *milagres na natureza* prometem a restauração da paz originária de Deus, até mesmo na criação extra-humana (Rm 8.20ss). Eles não são uma suposta interferência na harmonia da natureza, como defendia Espinoza, mas exatamente a cura dela.

Por fim, *as ressurreições* apontam para o fato de que a vontade última de Deus com sua criação não é a morte e decomposição, mas sim a vida e imortalidade. Como último inimigo a morte será aniquilada (1Co 15.26; Ap 21.4) e não reinará mais na "cidade de Deus". Está chegando a "páscoa do mundo"! (cf. Gerhard Schmidt em *Katechetische Anleitung*).

As narrativas de milagres evidenciam com poder e clareza que Cristo penetrou no tempo. Os milagres do Senhor são prelúdio e aperitivo, primeira prestação e manual de instruções, abertura e prelúdio daquilo que os novos céus e a nova terra abrangem.

Em At 2.22 encontram-se os *três* termos gregos utilizados no NT para milagres, na pregação de Pedro em Pentecostes: "Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com *milagres, prodígios* e *sinais*, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós".

A partir do texto original, esses três termos para milagres podem também ser vertidos da seguinte maneira: Jesus foi ratificado por Deus diante de vocês por meio de *atos de poder* (*dýnamis*), por *indicações* significativas do futuro e por *sinais* (do que virá).

Os milagres de Jesus eqüivalem, em linguagem metafórica, a pequenas conchas que precisamos encostar ao ouvido uma após a outra. Em cada uma o ouvinte percebe o marulhar dos mares da eternidade, a certeza da glória vindoura!

15. Retrospectiva e visão panorâmica da ampla atividade do Senhor, 9.35-38

(Mt 4.23-25)

35 **E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.**
36 **Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.**
37 **E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, É grande, mas os trabalhadores são poucos.**
38 **Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.**

35 E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.

Com estas palavras Mateus repete o que já afirmou em 4.23-25 sobre a atividade abrangente do Senhor. O v. 35 caracteriza, numa coincidência quase literal com 4.23, a atuação com quatro verbos. São eles: percorrer a região, ensinar, evangelizar, curar.

Estas quatro atividades revelam-nos o Cristo que *fala* e que *trabalha*, ou seja, a atuação de Jesus com *palavra* e *atos*, com *cuidado pela alma* e *cuidado pelo corpo*.

Primeiro: **Jesus percorria a região**. Ele procurava as pessoas lá onde estavam em casa. Em todas as cidades e aldeias há pessoas em casa. Jesus não espera que as pessoas *venham* a *ele* (como João Batista!), contudo vai até elas e as *procura*, por mais estranhos e escondidos que possam ser em seus hábitos. Ele realiza "visitas domicialiares", como diríamos hoje. Samuel Keller afirmou certa vez: "A chave para as almas das pessoas está pendurada em sua casa. Por isso é necessário ir até elas, procurá-las em sua vida cotidiana, em suas aflições, em suas doenças, em sua solidão."

Ressaltam-se em seguida três momentos característicos dessas andanças, dessa procura das pessoas em seus lares.

Segundo: **Ensinando**. Ensinar refere-se à instrução dada ao povo (exposição da palavra de Deus!), e também à controvérsia com os fariseus e escribas.

O objetivo é que o povo seja ensinado a partir da autoridade, e não dos "estatutos humanos". A palavra, novamente a palavra, a palavra poderosa do Espírito, jamais poderá ser enaltecida demais. De que outra maneira o Bom Pastor alcançaria seu rebanho, se não fazendo ressoar a sua voz?

Terceiro: Ao lado do ensino acontece, como segunda característica, o "anúncio", a "proclamação de alegria" do reino. Quem ouviu esse chamado de arauto, essa proclamação de alegria, deve saber que está convocado a se tornar cidadão desse reino, o reino que existirá de eternidade a eternidade.

Quarto: Ensino e proclamação são acompanhados da *ação* simultânea. Pois o reino de Deus está "em vigor". Quando o Senhor diz a sua palavra, caem as amarras do pecado, os castelos do *mâmon*, as fortalezas da doença, sim os laços da morte. – Jesus nos proíbe deixar de lado a grande miséria física, social e econômica das multidões, como se não tivéssemos nada a ver com ela, como se fosse possível ouvir e aceitar o evangelho do reino de modo desligado dela. Jesus nos proíbe considerar essa miséria como algo sancionado por Deus. Pelo contrário, ela faz parte da realidade sem Deus em que Jesus nos ordenou que penetrássemos, dando-nos as magníficas palavras do "sal" e da "luz".

36-38 Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

Do v. 35 ao 36 acontece uma mudança na narração de Mateus. Numa comovente figura sobre seus sentimentos, Jesus nos mostra sua sincera compaixão com o povo. Ele *viu* o povo. Nem todos *vêem* o povo. O poeta romano Horácio dizia: "Odeio o povo simples e mantenho-me longe dele". Os fariseus afirmavam: "O povo que não sabe nada da lei e é maldito" (cf. Jo 7.49).

Jesus, no entanto, *viu* o povo e tinha *compaixão* dele. É exatamente o que diz em Lc 15.20. Essa compaixão profunda fazia com que "no Senhor *o coração se retorcesse em seu corpo* (uma expressão literal muito forte)". Doenças e sofrimentos de todos os tipos, empobrecimento econômico e domínio estrangeiro nem sequer eram os males piores. O mais terrível era que o povo estava enfermo na *alma*. Faltava-lhe consolo e confiança, fé amor, esperança. Entretanto, isso a maioria não via. O Senhor o vê com o olhar do amor de Salvador. Condoía-se imensamente.

Esse é o mistério do ângulo sob o qual "o mundo precisa ser visto e experimentado". Quem realmente se aproxima de Jesus percebe algo dessa posição. Ninguém pode persistir no seu velho julgamento e na velha natureza, na dureza de coração e justiça farisaica.

Esse "compadeceu-se deles" é a verdadeira insígnia de sua dignidade régia. O rei faz parte do povo. Assim o Bom Pastor vê o seu rebanho. Na comparação com essa atitude é que se torna compreensível o que os falsos líderes fizeram com "o que era seu". Aí estão os instigadores que incitam, golpeiam e perseguem cada vez mais o pobre povo. Há os sábios e inteligentes que proferem, como os amigos de Jó, seus discursos elaborados e dogmaticamente corretos, mas não passam todos de "consoladores molestos" (Jó 16.2). Aí a miséria acha a todos que de algum modo consegue encontrar na terra, os "sacerdotes e levitas" – porém em lugar algum encontra aquilo que obtém junto de Deus, a *grande misericórdia de Deus*.

A figura do rebanho desgovernado, esgotado e prostrado no chão é tirada de Ez 34 e Zc 11. "O rebanho sem pastor é perseguido por animais ferozes, por enxames de insetos, dilacera-se em espinhos e matagais e finalmente jaz exausto na terra." As ovelhas estão "esfoladas" e "prostradas no chão". Não obstante, a ilustração contém uma indicação secreta para a salvação. Pois foi "suscitado" o Bom Pastor, a "promessa de Deus se cumpre em Jesus Cristo" (H. J. Iwand em: *Göttinger Predigmeditationen*).

É dessa esperança que fala o v. 37. *O tempo de angústia é na verdade o período anterior à colheita. Justamente por ser tão grande a miséria, o campo está maduro para a safra*. O olhar do Salvador constata: **A colheita é grande**! Cristo o diz para o seu povo e para todos os povos. Afirma-o naquele tempo e hoje. É tempo de colheita porque a promessa de Deus se cumpriu e Cristo veio.

A própria safra é figura recorrente para o juízo vindouro. Inversamente, porém, quando a palavra de Deus é poderosamente anunciada, já agora são feitas decisões, as decisões do juízo final. Na posição diante de Jesus, de fato já agora se decidem vida e morte, salvação e condenação.

A colheita é grande, mas poucos os operários. O pensamento de Jesus exterioriza-se numa emoção forte e profunda, num contraste impactante. Ao erguer os olhos para Deus, surge a sentença: A colheita é grande e está madura. Ao olhar em profundidade para a humanidade, surge o lamento sobre o "rebanho exausto e prostrado" e a falta de operários para a safra. Pois constitui uma agonia amarga ter uma colheita abundante mas faltarem os ceifeiros.

A tensão, a profunda emoção do coração, a divergência entre olhar para o alto e para a profundidade, é solucionada pela *oração*, a oração séria e persistente: *Roguem ao Senhor da colheita que "lance para fora" operários na sua colheita, como diz com dureza e clareza ao texto original*.

"No tempo de safra o proprietário procura, além dos seus auxiliares permanentes, ainda trabalhadores especiais, para jogá-los (*ekballein*) na sua colheita, assim como um general lança suas forças de reserva na batalha decisiva. Há grande necessidade de discípulos de Jesus, impelidos pelo Espírito de Deus, plenos de uma fé firme, animados por um amor sagrado, dotados do olhar de Jesus, a saber, o olhar da compaixão e da esperança, que queiram ajudar na construção do reino de Deus. Precisam saber-se vocacionados pelo próprio Deus. Somente ele pode dar essas personalidades! Ele as dá quando se ora por elas. São fruto de muitas orações. É maravilhoso o quanto Deus coloca em nossas mãos e faz depender de nossa cooperação. Até o emprego de seus mensageiros e colaboradores! A intercessão autêntica realiza obras grandes no reino de Deus. Abre corações, bocas e mãos para a gratidão e o serviço. Impulsiona para a missão e a diaconia. Ela nos dá a palavra certa e a ação correta" (Münchmeyer).

IX. O SEGUNDO BLOCO DE DISCURSOS JESUS, CONSTRUTOR DE SUA COMUNIDADE ATRAVÉS DE SEUS MENSAGEIROS, 10.1–11.30

1. A convocação dos apóstolos, 10.1-4

(Mc 3.14-19; Lc 6.13-16; At 1.13)

1 Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos
para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades.
2 Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e
André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão;
3 Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu;
4 Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

Observação preliminar

Jesus se encontra no auge de seu trabalho na Galiléia. Agora ele quer estender a sua atividade para fora da Galiléia e "multiplicá-la". Por isso ele envia seus doze discípulos para dentro de todo o povo de "Israel".

1 Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades.

O termo grego *proskaléo* quer dizer "chamar para junto de si", "avocar". É o mesmo termo usado por Marcos, ao passo que Lucas emprega a palavra *synkaléo*, isto é, "convocar". A partir do termo usado por Lucas, "Jesus convocou", deve-se deduzir que não se deve exagerar a idéia de que Jesus e o discípulos sempre viviam juntos, sem que às vezes a convivência fosse interrompida de dia ou de noite por breves separações ou ausência de alguns. Em Cafarnaum moravam, em casas diferentes, Pedro e André, os filhos de Zebedeu e o publicano Mateus. Quando, pois, Jesus queria dizer algo a todos em conjunto, precisavam ser reunidos para esse fim. Isso acontece agora de modo solene.

Jesus chama os doze para junto de si. Antes de iniciarem seu serviço, seu serviço missionário, eles têm de chegar *primeiro* ao *Senhor*, a fim de receberam dele a vocação e a autorização. Somente depois disso poderão cumprir sua missão, sua tarefa, *somente então* poderão ir às *pessoas*. Isso é digno de nota. O envio somente é possível a partir da vocação pessoal.

Quando não existe a vocação pessoal, o envio paira no ar. Somente por meio do próprio Senhor o envio adquire fundamento, poder e objetivo. A partir de agora os doze são um conceito definido, uma unidade, a tal ponto que a designação "os doze" continuou sendo usada mesmo depois da saída de Judas. O número "doze" tem um sentido profundo. A aliança antiga estava alicerçada sobre as doze tribos de Israel. A nova aliança deveria ser construída sobre os doze apóstolos. – Do mesmo modo como o sumo sacerdote trazia sobre o peito de sua vestimenta litúrgica os nomes das doze tribos, assim Jesus, o novo e verdadeiro sumo sacerdote, carrega no coração os nomes dos doze apóstolos. – O Apocalipse de João fala das doze portas da nova Jerusalém, sobre as quais estão inscritos os nomes das doze tribos. Entre cada par de portas encontra-se uma imponente pedra retangular como fundamento do muro da cidade, e sobre cada uma dessas pedras está escrito com letras luminosas o nome de cada um dos apóstolos (Ap. 21.12ss). Desse modo está assegurada a unidade da Antiga e da Nova Aliança. Na vocação dos doze, essa unidade ficou documentada (ao convocar os doze, Jesus estabelece sua reivindicação sobre todo o povo de Israel!).

No contexto judaico, a máxima demonstração de poder é *realizar milagres*. É com isso, pois, que inicia a incumbência do Senhor Jesus aos apóstolos. Os demônios terão de obedecer aos apóstolos por causa de sua *autoridade* apostólica, e de fato lhes obedecerão por causa de seu *poder* apostólico.

2-4 Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

Não somente aqui, mas também em outras passagens do NT encontram-se listas de apóstolos. Essas listas (em Mc 3.14-19; Lc 6.13-16 e At 1.13) e a de Mt 10 são semelhantes em três aspectos:

- Elas contêm os mesmos nomes, com exceção de Judas, filho de Tiago, mencionado por Lucas tanto no evangelho quanto em Atos. Em lugar dele Mt e Mc trazem *Tadeu!* A designação "*Lebeu*, chamado de Tadeu", não se encontra no texto grego de Nestle (1950), somente no texto *coiné*.
- Nas *quatro* listas, essas doze pessoas estão distribuídas em *três* grupos de quatro integrantes cada, sem que aconteça uma troca de um apóstolo de um grupo para outro. Disso parece resultar que o colegiado de apóstolos era formado por três círculos concêntricos, cujo relacionamento com Jesus se dava em graus decrescentes de intimidade.
- São sempre os mesmos apóstolos que aparecem na ponta de cada quarteto: no primeiro *Pedro*, no segundo *Filipe* e no terceiro *Tiago*, filho de Alfeu. Além dessa subdivisão em grupos de quatro, Mateus oferece uma subdivisão por duplas. Em Atos dos Apóstolos os quatro primeiros são ligados individualmente por um "e", e os oito restantes são agrupados por pares (cf. mais detalhes em Rienecker, *Praktisches Handkommentar zum Lukas-Evangelium*).

2. O grande discurso de envio dos discípulos, 10.5-42

a. A 1ª parte do sermão missionário: As sete incumbências da primeira atividade dentro de Israel

5 A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos;
6 mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel;
7 e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus.
8 Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai.
9 Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos;
10 nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.
11 E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes.
12 Ao entrardes na casa, saudai-a;

13 **se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz.**
14 **Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.**
15 **Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade.**

b. A 2ª parte do grande discurso de envio de Jesus

16 **Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas.**
17 **E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas;**
18 **por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios.**
19 **E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer,**
20 **visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós.**
21 **Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.**
22 **Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.**
23 **Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem.**
24 **O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor.**
25 **Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?**
26 **Portanto, não os temais; pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido.**
27 **O que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados.**
28 **Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.**
29 **Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai.**
30 **E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados.**
31 **Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais.**
32 **Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;**
33 **mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.**
34 **Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.**
35 **Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra.**
36 **Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa.**
37 **Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim;**
38 **e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim.**
39 **Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á.**
40 **Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou.**
41 **Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo.**
42 **E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.**

Observação preliminar

Mateus é quem traz o relato mais detalhado sobre o discurso de envio de Jesus. Vamos subdividi-lo em duas partes:

1ª Parte: v. 5-15. As sete incumbências da primeira atividade missionária dentro de Israel.

2ª Parte: v. 16-42. As sete palavras de estímulo para os tempos de perseguição na atividade missionária posterior.

a. A 1ª parte do sermão missionário: As sete incumbências da primeira atividade dentro de Israel (cf. Mc 6.7-11; Lc 9.1-5)

A 1ª incumbência: Ir somente às ovelhas perdidas da casa de Israel

5,6 A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel.

Primeiramente o Senhor delimita a área de trabalho. Ele dá instruções rigorosas para que não fossem nem às cidades dos gentios nem dos samaritanos! As cidades dos samaritanos eram colocadas pelos judeus daquele tempo no mesmo nível das cidades gentílicas. – Apesar dessa delimitação restrita da tarefa neste cap. 10, a idéia da missão aos gentios persiste claramente por todo o evangelho de Mateus (cf. 2.1-12; 3.9; 8.11ss; 12.18; 21.43; 22.7-14; 24.14).

É impressionante como o Senhor se esforçou em demonstrar, também por meio dessa instrução aos discípulos, o quanto ele ama o seu povo! Como deve ter sido dolorosa para ele a rejeição geral do povo e o ódio dos fariseus!

Duas imagens são mescladas no v. 6. É a figura da **casa de Israel** e depois a das **ovelhas perdidas de Israel**. Quem são as ovelhas perdidas de Israel? De acordo com 9.13, são os publicanos e pecadores.

Portanto, os discípulos não estão sendo enviados aos justos, aos "sãos", e sim aos "doentes", aos espiritualmente enfermos, que necessitam do médico e Salvador.

De acordo com 9.36, as ovelhas perdidas da casa de Israel são todo o povo de Israel. Contudo, com certeza nessa visão estão excluídos os fariseus e escribas.

A 2ª incumbência: Pregar o evangelho do reino dos céus

7 E, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus.

Eles irão dar testemunho da proximidade do reino dos céus. O tempo de salvação está irrompendo, é preciso converter-se. É o chamado do próprio Jesus, que os apóstolos, como substitutos dele, devem repetir agora! A palavra da comunidade é a palavra do próprio Jesus. Mesmo que o chamado à conversão não seja mencionado expressamente, ele permanece a partir do que foi dito anteriormente (no sermão do Monte), que unicamente a meia volta constitui a porta de entrada ao reino dos céus. Mc 6.12 o declara expressamente: "Saíram pregando ao povo que se arrependesse".

A 3ª incumbência: Curar enfermos

8 Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai.

O envio dos doze abrange duas dimensões. A primeira está no v. 7. É o *anúncio* (*kérygma*). A segunda está no v. 8. É o *cuidado pelos outros*. Ou seja, pregar o reino dos céus é *servir* e *ajudar*. Ajudar com a *palavra* e com *ação*, são estes os dois lados do envio (é à atuação do próprio Jesus que os discípulos devem dar continuidade).

O envio autêntico, a fé autêntica sempre tem *duas mãos*. A mão direita traz a *palavra* – a mão esquerda o *amor;* a mão direita o *pão da vida*, a mão esquerda o *pão de cada dia*.

A 4ª incumbência: Fazê-lo de graça

9 Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos.

O que é o cinto? O cinto não servia apenas para afixar a túnica e a capa, mas também para guardar dinheiro e demais objetos de valor. Às vezes o cinto era até chamado de "sacola do dinheiro".

O discípulo não apenas é orientado a não exigir recompensa nem pagamento pelo seu serviço de anúncio e de ajuda pela cura, mas também a nem mesmo aceitar *presentes*. O judeu piedoso tinha grande disposição para dar. Presenteava com alegria e generosamente. O templo estava repleto de

presentes, e os principais sacerdotes, os arqui-sacerdotes, enriqueciam pelos presentes volumosos e preciosos. A exigência de Jesus é que o discípulo permaneça pobre e modesto. Não pode tirar vantagens para si do trabalho no reino de Deus. Aqui se faz uma correlação com aquele perigo mencionado na primeira tentação de Jesus em Mt 4, o perigo de que se misturem o egoísmo e o trabalho no reino de Deus.

A 5ª incumbência: Não fazer preparativos de viagem

10 Nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento.

De modo vivo Jesus passa a mencionar todo o equipamento de um viajante. A palavra grega *péra* designa a bolsa do pastor ou do peregrino. Um peregrino religioso do povo judeu sempre trazia consigo um *cajado*, uma *bolsa* ou sacola – e o *livro da Torá*.

A instrução **não providenciem uma bolsa para o caminho** quer expressar: "Não façam preparativos como geralmente são feitos antes de uma viagem. Não comprem primeiro uma sacola de viagem, mas vão assim como vocês estão". Também as demais instruções, **não providenciem duas túnicas, nem sandálias, nem um cajado**, querem expressar que nenhuma dessas coisas deve ser *comprada*. Os discípulos devem sair assim como estão!

Entretanto, as palavras de Jesus não podem ser entendidas como se os discípulos devessem sair, p. ex., *sem* túnicas, *sem* sandálias e *sem* cajado. Ao contrário, aquilo que os discípulos *já possuem*, isso eles devem usar e vestir, mas não devem fazer *novas aquisições*.

Em relação à túnica, é preciso dizer que o homem comum usava apenas *uma* túnica debaixo do manto (ou da capa). Como já vimos em Mt 6.34, a capa servia à noite como coberta, pois não se usava camas. Uma *esteira* estendida para a noite era o "leito inferior". O manto ou a capa constituía a "cama superior". A túnica ou roupa de baixo era uma camisa muito longa de lã ou linho, provida de mangas e amarrada com um cinto. Pessoas melhor situadas usavam debaixo da túnica uma segunda veste, a camisa propriamente dita, de linho (mulheres vaidosas usavam de 3 a 6 camisas).

Todas essas instruções de Jesus no v. 10, os discípulos podiam observar diariamente no exemplo de Jesus. A resposta dos apóstolos em Lc 22.35: "Jesus lhes perguntou: Quando vos enviei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Jamais! disseram eles", comprova que o Senhor providenciou fielmente tudo de que necessitavam.

Apesar de não poder aceitar nem pagamento nem presentes, o trabalhador deve ser digno de receber *comida*! *Sustentar os servos da palavra é um dever indispensável*.

A 6ª incumbência: Escolher as residências como seus centros missionários

11-13 E em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, volte para vós a vossa paz.

Os discípulos farão duas experiências: Sua mensagem experimentará ou *aceitação* ou *rejeição*. Neutralidade não existe! Onde ela for aceita, eles saberão que estão trazendo a paz, paz verdadeira e real, sobre a casa.

O v. 13a fala da possibilidade da aceitação. Quando os pregadores da "palavra" obtiveram acesso a uma casa, devem permanecer nessa casa e torná-la o ponto de partida para seu trabalho em favor do Senhor. O ponto de partida de todo trabalho para o Senhor é a casa, a família.

A 7ª incumbência: Não sendo recebidos, sacudir o pó dos seus pés

14 Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.

Este versículo falam da possibilidade de uma negativa. O evangelho não quer se *impor*. Como uma força elástica, ele penetra onde encontra aceitação e decisão, e se retrai onde é rejeitado. O próprio Jesus experimentou isso durante seu ministério de ensino, e também agiu de acordo com essa experiência (Lc 8.37; Jo 3.22).

Quando os judeus retornavam de países *gentios* para a terra prometida, costumavam sacudir o pó de seus pés na fronteira. O gesto significava romper com toda a comunhão com o mundo descrente e gentílico. Os apóstolos devem fazer o mesmo diante de seus *conterrâneos* nas cidades, que recusam

sua pregação. Devem sacudir *até mesmo* a poeira, o que há de mais ínfimo. Com esse gesto devem declarar que não têm nada a ver com o destino que espera essa gente.

15 Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade.

Uma palavra muito dura. Não será dura demais?

Não, Jesus sabia o que estava dizendo. "A quem muito foi dado, muito lhe será exigido" (Lc 12.48). Os moradores das cidades de Israel conhecem o AT. Portanto, foi-lhes dado muito mais que aos moradores de Sodoma e Gomorra. Ademais, tinham experimentado o próprio Jesus em seus milagres e suas pregações impressionantes e ainda podiam experimentar os apóstolos de Jesus como amáveis visitantes em suas próprias casas. Como foram extremamente ricas, portanto, as oportunidades que tiveram! *E a resposta? Desprezaram* o chamado de Jesus e de seus apóstolos. Como é incompreensível a maldade de uma atitude dessas! Por terem repudiado a maior oferta pessoal da graça trazida por Jesus e seus apóstolos, a graça se transformará para eles em terrível condenação. Pois a quem muito foi dado, muito lhe será exigido.

Chegamos ao final do breve estudo das sete incumbências de Jesus aos doze, referentes à sua primeira atividade missionária dentro do povo de Israel. Por trás da simplicidade e pobreza desses primeiros mensageiros não está uma pobreza intencional de mendigos, e sim a simplicidade e modéstia daquele que aprendeu a *confiar irrestritamente em Deus em todas as situações*. Ele (o Senhor), que envia pessoalmente seus trabalhadores para a "*colheita*", cuidará deles no serviço! O chamado de Jesus para a simplicidade e modéstia tem o objetivo de impedir quaisquer intenções egoístas secundárias, quaisquer desejos materialistas e qualquer *apoio demasiado* em recursos naturais. Sua confiança deve residir unicamente no *Senhor da seara*, Jesus Cristo.

Também em outros aspectos a maneira como os doze devem exercer a missão tem um sentido profundo. Devem iniciar no pequeno, nas pessoas individualmente, nas casas particulares, não em público, p. ex. na sinagoga. É esse início nas coisas pequenas e escondidas que deve caracterizar o primeiro envio dos doze! A família, a casa deve ser o ponto de partida do empreendimento. O reino de Deus sempre inicia no oculto, pequeno, insignificante!

A saudação **paz venha sobre vocês** não será uma fórmula vazia, mas significará poder. Será um precioso presente, que se tornará uma profunda e maravilhosa propriedade daqueles que se abrem a essa saudação!

Certamente Jesus pronunciou muitas vezes essa saudação: "Paz seja contigo". Ele a expressou como dádiva de *bênção*, que se cumprirá para aqueles que receberem a Jesus.

A palavra "paz" é adequada para resumir em um só termo a plenitude daquilo que Deus quer ser e dar a nós seres humanos!

No entanto, Deus dá a sua paz para que a pessoa presenteada *irradie* a paz divina, que é maior que todo entendimento sobre a terra, para dentro do mundo sem paz. A saudação da paz também quer dizer que a pessoa não apenas se mostre *ela própria* como uma pessoa de *paz*, e sim que revigore outros com a paz recebida do alto.

b. A 2ª parte do grande discurso de envio de Jesus (cf. 24.9-14; Mc 13.9-13; Lc 12.11s; 21.12-19)

A. As sete palavras de estímulo para os sofrimentos na perseguição durante a atividade missionária posterior, introduzidas por uma tríplices forma de ódio: ódio em geral; ódio das autoridades; ódio da família

O ódio em geral: O ódio no contato com os de fora e sua resposta

16 Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas.

O texto original grego traz a palavra "eu" *enfatizada*. Ou seja: "Cuidado, *eu, eu* pessoalmente estou enviando vocês como ovelhas…" O Senhor disse sem rodeios que é *ele* quem faz isso. Indefesos, os discípulos precisam mover-se num contexto que é cheio de rapina, maldade e infâmia e quer destruí-los. Os apóstolos devem enfrentar os seus inimigos não com a força dos punhos ou da espada, nem com a arma da palavra agitada e sem espiritualidade. Eles devem ir ao encontro da malícia e vileza das pessoas com pureza e sabedoria! Cabe evitar toda artimanha ou diplomacia, toda astúcia e esperteza humanas, todo manquejar em ambos os lados (1Rs 18.21), todo consentimento em "contemporizar e fazer concessões"!

A situação perigosa dos discípulos enquanto **ovelhas no meio dos lobos** e seu comportamento numa realidade dessas são ilustrados simbolicamente por Jesus no v. 16 pelas figuras "da ovelha e do lobo" e no v. 17 pelas figuras da "serpente e pomba".

O envio, por conseguinte, não será um empreendimento agradável e fácil, mas cheio de perigos para o corpo e a vida. Que figura assustadora: uma *ovelha no meio de lobos*! A verdade desse fato muitas vezes não foi suficientemente considerada pelos mensageiros de Cristo, ou seja, que essa figura "ovelha no meio de lobos" não constitui sua condição anormal, e sim a condição *normal*. Vale, nessa situação, não colocar ódio contra ódio, violência contra violência, e sim "o alegre martírio". "Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos" (Ap 13.10). A palavra de Jesus **Eu vos envio** tem um significado extraordinário.

As figuras da "serpente e pomba" são diferentes das primeiras, *da ovelha e do lobo*. Em que aspectos? "Ovelha" designava o apóstolo, "lobo" apontava para o *inimigo*. Na segunda imagem, "serpente e pomba", *ambas* as metáforas se referem à mesma pessoa, a saber o *apóstolo*. O enviado de Jesus necessita de sabedoria para descobrir sempre de novo o que é correto no meio de todas as situações difíceis, e para ir adequadamente ao encontro das pessoas. Essa sabedoria, porém, precisa vir acompanhada de pureza, sinceridade e retidão, para que não aconteça nada que possa tornar-se motivo de uma acusação justificada por parte dos inimigos. Pois os enviados de Jesus estão no meio de adversários duros, que não têm escrúpulos, que caem impiedosamente sobre os apóstolos sempre que haja um pequeno motivo para isso. Por isso é preciso, como fazem as serpentes, fixar firmemente os olhos no adversário, avaliar a situação com *olho vivo* e *pensamento sóbrio* e, em seguida, permanecer senhor da situação sem astúcia ou táticas mentirosas, mas com pureza e verdade em todos os atos e palavras, ou seja, demonstrando um modo de agir de pombas.

Prudência e *sinceridade* trazem consigo a verdadeira *sabedoria*. A *prudência* que é usada como tática, i. é, que dissipa um pouco a divisa entre verdade e mentira e que por causa da finalidade *santifica* o meio, mesmo que não seja um meio bem correto – tal prudência transformada numa tática dessas, *não* é prudência bíblica, ela é unilateralmente *apenas* um modo de agir de serpente. É necessário que se acrescente a retidão do *modo de agir das pombas*! *Portanto, Jesus quer uma sabedoria com a qual não nos manchamos* (*não* tática, *não* diplomacia, *não* política, *não contemporizar*) e *Jesus quer uma pureza com a qual não oneramos nosso serviço* (isso aconteceria se mostrássemos uma honestidade não sábia e abríssemos nosso coração sem cautela, de modo que não visaríamos tirar do caminho as dificuldades). Em outras palavras: a singela confiança na ajuda de Deus não exclui a prudente cautela diante das pessoas.

O ódio no contato com as autoridades e sua resposta

(cf. Mt 24.9-14; Mc 13.9-13; Lc 21.12-17)

a. A autoridade judaica

17 E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas.

Cuidem-se das pessoas! É ao mesmo tempo marcante e comovente que o mesmo Senhor que envia seus apóstolos às pessoas, no mesmo instante também os previne diante das pessoas. "Cuidem-se das pessoas!" *Tenham cautela com eles*! É uma palavra séria para os mensageiros enviados às pessoas. Uma palavra que os faz andar seu caminho *solitários*. Uma palavra que os lança integralmente sobre o Senhor que os incumbiu. Somente porque ele é o que os incumbe e envia, eles são capazes de carregar o peso e a responsabilidade de sua missão, e também suportar que o socorro deles está somente em Deus e não nas pessoas. "Tenham cuidado com as pessoas." Ainda hoje é preciso observar com seriedade essa palavra de Jesus. Todo sentimentalismo, toda facilidade de confiar cegamente, toda insinuação e lisonjeio com emocionalismo são negativos. O enfeite do cristão é a "hombridade"!

É muito importante essa palavra: Cuidem-se das pessoas! Sejam cautelosos! Ela é muito pouco observada. Apesar da coragem de testemunhar, a ordem é ter *cautela*! Somos lembrados de Ef 5.15: "Andem cuidadosamente (de modo correto e exato), não como *néscios*, mas como *sábios*".

Perseguição e tribunais esperam pelos mensageiros. Todos os meios de poder que estão à disposição dos judeus serão utilizados para a condenação dos apóstolos! Os "tribunais" referem-se aos júris locais dos judeus. Ao lado do grande Sinédrio, composto de 71 membros (veja detalhes no

cap. 4, observação preliminar) havia nas cidades com no mínimo 120 habitantes adultos tribunais menores, compostos de 23 membros. No v. 17 está se pensando nesses tribunais menores locais dos judeus. A forma plural de "sinédrio" (grego *synedria*) também indica para essa acepção.

A sentença desses tribunais locais sobre os discípulos será: **açoitamento**. At 22.19 demonstra que, de fato, isso foi executado. Paulo, ex-perseguidor de cristãos, defende-se diante do povo judeu em Jerusalém com as seguintes palavras: "Eles [os judeus] bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti [Jesus]!" De acordo com 2Co 11.24, Paulo afirma de si que: "Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um". Quanto aos "açoites na sinagoga" cf. ainda Mt 23.34; Mc 13.9; At 22.19; 26.11. Esse "açoitamento na sinagoga" deve ser distinguido do "açoites oficiais", executados pelos romanos, muito mais cruéis, que iniciavam o processo de crucificação e foram aplicados em Jesus (cf. o exposto sobre Mt 27.26).

O "açoitamento na sinagoga" era um castigo não muito raro e muito degradável. A pessoas precisava inclinar-se sobre uma coluna (de cerca de 1 metro de altura), em cujos lados eram atadas as suas mãos. Como chicote usava-se uma *correia*, confeccionada com 4 tiras de couro, e da largura de uma mão, com a qual o servidor da sinagoga aplicava 39 chibatadas, das quais um terço sobre o peito e dois terços sobre o dorso. Contudo, a pessoa a ser castigada precisava ser observada primeiro, para ver se suportaria ou não esse número de açoites. Se não pudesse suportá-los, o número de pancadas era diminuído. Um série de transgressões eram castigadas dessa maneira: diversos pecados morais, e também quem comeu comida impura, ou carne não cortada de acordo com os ritos, ou algo de que não se ofertou o dízimo, quem comeu pão fermentado na festa do *passá*, ou quem quebrou o jejum da reconciliação (cf. Lauck, p. 153).

b. A autoridade gentia

18 Por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios.

Os "governadores" eram naquela época os procuradores romanos, como Pôncio Pilatos, Félix, Festo (At 24.25 etc.), enquanto os "reis" eram em primeiro lugar os herodianos como, p. ex., Herodes Agripa. Os reis herodianos são contados como representantes do paganismo, apesar de terem formalmente adotado o judaísmo.

Como o discípulo de Jesus representa diante dos procuradores e reis a causa do reino de Deus, ele é um mártir, que significa *testemunha* (cf. o exposto sob cap. 8.4). No cristianismo incipiente, ser mártir é em primeiro lugar *ser testemunha*. Mais tarde a palavra mártir foi usada para aquele que "testemunhou com o sangue", ou seja, que selou com a sua vida a fé no Cristo. Do termo *mártys* = testemunha originou-se a palavra martírio – sofrer por amor a Jesus. O v. 18b diz que os sofrimentos de perseguição suportados pelos discípulos devem ser testemunhados diante dos *judeus* assim como diante dos *gentios*. Já agora se prenuncia com esse duplo testemunho a palavra de Paulo em 1Co 1.23: "Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura (tolice) para os gentios".

19,20 E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós.

Sendo, pois, assim que os discípulos, apesar de toda cautela, precisam comparecer aos tribunais, eles podem ficar consolados pelo apoio do Espírito Santo.

O discípulo não está sozinho diante de seus juízes terrenos, mas vem acompanhado de um advogado de direito. Esse advogado é o *Paracleto*, o Espírito Santo (cf. Mt 6.25). Àquele que cisma, temeroso e preocupado, como deverá falar e o que deverá dizer porque afinal defende a causa mais importante e extraordinária e fala para defender sua vida, a esse Jesus diz: "Não se deixe levar a desvios, não tente usar artifícios especiais, não procure por meios auxiliares!"

É significativo que, nas palavras dos v. 19 e 20, em que o discípulo em perigo de vida confessa o seu Mestre, Jesus não diga: "Será o Espírito do *meu* Pai que falará através de vocês" mas: "Será o Espírito do *vosso* Pai que falará e testemunhará com vocês".

Mais uma vez, expressa-se com clareza a enorme e singular diferença entre Jesus e nós na relação com o Pai nos céus.

O ódio no convívio com os membros da própria família e sua resposta

21,22 Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

Os sofrimentos com a perseguição tornam-se cada vez mais intensos. No início falava-se da perseguição pelos *de fora*, depois da perseguição pela *autoridade*. Agora trata-se, como *terceiro* aspecto, da opressão no próprio *círculo familiar*. Constitui a maior aflição quando, por parte dos parentes de sangue, surge o ódio mortífero, e quando o irmão denunciará à morte o irmão, e o pai ao filho. E mais: filhos se rebelarão contra os pais de maneira indigna, lançando os próprios pais à morte. Surge o quadro retratado em Mq 7.6. Além da expulsão do povo e da pátria, acompanha os discípulos a expulsão da comunhão familiar. "Diante da ardoroso banimento com que o judaísmo punia os delatores, a declaração de Jesus retrata com cores especialmente fortes a cruel impossibilidade de reconciliação na discórdia. Extirpar a confissão a Jesus impõe-se até mesmo aos parentes de sangue como o dever mais sagrado" (cf. Schlatter).

O ápice da perseguição, porém, é alcançado quando os seguidores e discípulos do Senhor são odiados por *todos*, i. é, *sem qualquer exceção*. No entanto, todo o **ser odiado** acontece **por amor do meu nome**, conforme o Senhor declara literalmente.

A *resposta* a esse ódio de todos os lados, por parte de todos, das autoridades, dos parentes mais próximos, não deve ser amargura, mágoa, indisposição para a reconciliação, falta de amizade e amor, dureza de coração e frieza, mas deve *mostrar-se na perseverança no amor* (o amor *ágape*) *até o fim* (v. 22b). Vale lembrar Mt 5.44-47.

Outra forma de reação a todas essas perseguições é mostrada no versículo seguinte:

23 Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem.

A *outra maneira de reagir* é, portanto, a *fuga*. Em decorrência, nem sempre a fuga significa *pequena fé* ou *falta de fé*, mas pode corresponder à exigência de Jesus. Nesse caso a fuga é sabedoria e cautela. Os discípulos devem *fugir* da perseguição *de uma cidade* para *outra*. Jesus assegura expressamente que, para essa fuga de uma cidade israelita para outra cidade israelita, sempre restará aos discípulos, até a volta de Cristo, ainda um cidade em Israel onde poderão refugiar-se.

De maneira totalmente imprevista o Senhor fala aqui de sua volta. Como se deve entender essa palavra? Talvez não haja outra possibilidade do que entender que, aqui como em outras passagens (16.28; 24.34), o Senhor está vendo a sua volta para o *julgamento* como coincidente com a destruição de Jerusalém. Aliás, o fato de que Mateus reproduz aqui essas palavras sem estranhá-las e sem dar um esclarecimento é também um indício de que o evangelho de Mateus foi escrito *antes do ano 70*.

B. As sete palavras de estímulo do Senhor para os perseguidos

A 1ª palavra de estímulo: O discípulo não está acima do Mestre

24,25 O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?

No exemplo do próprio Senhor mostra-se ao discípulo a necessidade do sofrimento. O discípulo não pode superar o seu mestre. O destino do discípulo é sofrer como o seu Senhor! Ele estava como ovelha no meio dos lobos. Seus inimigos o arrastaram de tribunal em tribunal, primeiro perante o tribunal gentílico (Pilatos), depois perante o tribunal judaico (Herodes). Seus próprios irmãos voltaram-se contra ele. Um apóstolo o traiu e o entregou à morte. – Mais três vezes encontra-se no NT a palavra "o discípulo não está acima de seu mestre": Jo 15.20; 13.16; Lc 6.40.

Se, na sua maldade, as pessoas chegaram ao ponto de chamar o próprio Senhor de Belzebu, i. é, de príncipe dos demônios, então os discípulos não precisam esperar outra coisa para si. A acusação dos inimigos, de que Jesus estaria possesso por Belzebu ou por um demônio, encontra-se em Mc 3.22; Lc 11.15; Jo 7.20. E a acusação de que ele estaria expulsando os demônios numa aliança com Belzebu está em Mt 12.24 (cf. Schlatter, *Die Erklärung der Wirksamkeit Jesu…*, p. 343).

A expressão **domésticos** indica que Jesus forma um *comunidade doméstica* com os seus discípulos, ou seja, uma família. No lugar da casa de Israel surge a casa de Jesus, e essa casa passou a ser "casa de Deus" aqui na terra (cf. as cartas de Paulo).

A 2ª palavra de estímulo: A mensagem agora conhecida somente no pequeno círculo será um dia proclamada no mundo todo

26,27 Portanto, não os temais; pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido. O que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados.

Um dia se manifestará com toda glória e poder o anúncio do reino dos céus, agora abafado com violência. É incumbência dos discípulos pregar do alto dos telhados, quando ele um dia estiver separado deles, o que o Senhor lhes falou ao ouvido, ou seja, o que lhes comunicou no pequeno círculo de seguidores. A figura do **eirado** faz recordar os telhados planos do Oriente, de cima dos quais se podia facilmente pregar para um grande multidão.

Talvez também se esteja aludindo ao seguinte costume: "Do telhado mais alto da cidade o empregado da sinagoga costumava anunciar três vezes, pelo som de trombetas, o início do sábado, para que as pessoas retornassem dos campos e fizessem os preparativos do sábado" (cf. St.-B., vol. 1).

Para explicar a expressão **o que se vos diz ao ouvido**, seja dito o seguinte: o desaparecimento do hebraico como língua materna no judaísmo palestino tornava necessário *transpor* as leituras da lei no culto para o *vernáculo* corrente, que era o *aramaico*. Nessa tradução, a regra era que o *palestrante* no culto da sinagoga permanecesse sentado. (Daí a expressão, utilizada também para Jesus: "Quando fechou o livro, entregou-o ao funcionário e *sentou-se*", Lc 4.20.) O *intérprete*, que traduzia o hebraico para o aramaico, precisava estar *de pé*, bem próximo do palestrante, para que ouvisse claramente as palavras dele. Pois o palestrante não falava em voz alta, e sim em *tom de sussurro*, de modo que o intérprete precisava inclinar-se para ele a fim de entendê-lo bem. Aquilo que lhe estava sendo dito quase ao pé do ouvido, ele anunciava *em voz alta* à comunidade reunida, na sua língua materna (St.-B., p. 185; vol. 4, p. 1).

A partir dessa situação entende-se melhor a expressão "o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos telhados".

A 3ª palavra de estímulo: Na pior das hipóteses pode ser morto apenas o corpo, não a alma

28 Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.

Essa palavra de estímulo inicia com um **não temais**. É o *segundo* "não temais". O *primeiro* encontrava-se no v. 26. O *terceiro* está no v. 31.

***Temer* aquele que pode fazer perecer corpo e alma** não é um medo e desespero trêmulos, mas sim um cuidado reverente para não entristecer de nenhuma maneira ao santo Deus. É melhor sofrer continuamente injustiças do que praticar injustiça uma única vez, vindo a causar sofrimento ao Senhor.

A 4ª palavra de estímulo: O Pai nos céus vigia com infinito e amável cuidado por cada um dos enviados

29-31 Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais.

A providência amorosa, diária e constante de Deus vela pela pessoa menor e mais insignificante deste mundo. De modo palpável e drástico essa maravilhosa verdade é ilustrada por meio de dois exemplos: o do pardal e o dos cabelos da cabeça.

No menor, Deus é o maior. Conforme Lv 14.4ss, dois pássaros puros, entre os quais eram contados também os pardais, constituíam o sacrifício de purificação do leproso. Comprar *dois* pardais era algo insignificante. Dois pardais custavam um *assarion*. Um *assarion* ou "asse" tinha o valor de alguns centavos. A insignificância do valor era proverbial. *Aumentando* a quantidade, diminuía o preço. Ou seja, se 2 pardais custavam 6 centavos, 5 pardais custavam 10 centavos (cf. Lc 12.6). É marcante que o Senhor estava informado também sobre as pequenas coisas do dia-a-dia!

Por mais insignificante e sem valor que seja um pardal, nenhum deles cai da árvore exausto por fome ou frio sem que Deus não o saiba e ou não o tenha dirigido assim. Lembramo-nos de Mt 6.26.

"A ação divina determina tudo o que acontece na natureza, também a duração da vida de um pardal" (Schlatter).

O segundo exemplo trazido por Jesus é o dos cabelos. **Quanto a vocês, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Portanto, não tenham medo**! Por isso é preciso depositar toda a confiança no Pai dos céus. O Pai sabe de tudo, também do mais simples e insignificante, e de maneira total e integral. Como já foi dito constantemente em outras passagens, isso não significa que o cristão não tenha sofrimentos. Entretanto, temos de reaprender: *Não importa o que venha a nos atingir e alcançar, tudo procede da mão do pai*. Esse tema ressoa sempre de novo, nos mais diversos momentos!

A 5ª palavra de estímulo: Quem confessa Jesus apesar das inimizades do mundo, a esse também o Senhor confessará na glória perante o Pai celestial.

32,33 Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.

No v. 19 foi dito que o consolador e auxiliador é o Espírito Santo, o *Paracleto*. Aqui *o próprio Jesus é o consolo*! Jesus *confessa* sua fidelidade para com os discípulos. Também no evangelho de João o Espírito Santo é o *Paracleto*, o auxílio dos discípulos em seu contato com o mundo, e Jesus é seu advogado diante de Deus, caso venham a cair em pecado: "Se, todavia, alguém pecar, temos um *paracleto*, um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo…" (1Jo 2.1). Para sua comunhão com Deus, os discípulos fundamentam sua fé na *parúsia* = presença de Jesus junto de Deus; para lutar com o mundo fundamentam-se na presença do Espírito Santo (diferente de Paulo, Rm 8.20). O próprio Jesus também fala de um advogado que ele dá ao discípulo perante o mundo (Mt 28.20b).

A 6ª palavra de estímulo: Jesus, o pacificador, também traz a espada

34-39 Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á.

Com base em Is 9.6 e muitas outras referências do AT, o Messias também é chamado de príncipe da paz. A mensagem dos anjos na noite de Natal em Belém também anunciava "paz". No sermão do Monte os discípulos são proclamados felizes por serem promotores e portadores da paz. A toda pessoa que adere a Jesus, o Senhor quer "dar a paz, paz verdadeira e real, que o mundo não conhece" (Jo 14.27). Essas afirmações sucedem-se por todo o NT. A palavra "paz" encontra-se no NT em torno de 100 vezes. Como é possível, porém, que *agora* de repente Jesus não pronuncia mais a palavra "paz", mas "espada"? **Não vim trazer paz, mas a espada.** Como devemos compreender essa afirmação? Ela deve ser entendida de tal maneira que somente alcança essa paz, que é maior que todo entendimento, aquele que está numa luta inexorável contra si próprio.

Ademais, quando o Senhor fala da *espada*, ele não quer dar a entender que o discípulo agora tem de tomar a espada, mas que *é o inimigo que usa a espada*. Ele quer exterminar o cristianismo. – A luta até os extremos é a conseqüência natural e necessária da atuação de Jesus. A "mensagem da paz" ataca o homem natural. Considerando que o inaugurador da paz, Jesus Cristo, ataca sem cessar a orgulhosa fortaleza do eu, que não tem paz, entendemos que o Senhor não se esquiva da luta, mas a inclui no seu envio. O inimigo usará a espada "contra o Senhor e seu Ungido" (Sl 2.2). "A convicção de que a luta em que a comunidade de Jesus está sendo envolvida é prevista e provocada pelo próprio Jesus ajudou os discípulos a sofrer com calma e disposição e a aceitar com alegria, quando exigida, a própria morte. E todas as palavras de encorajamento do cap. 10 têm o mesmo tom, a saber, como se deve ir ao encontro da espada do inimigo."

Mais uma vez a luta de perseguição é descrita até a discórdia na família. A nova geração se levantará contra a velha, o filho contra o pai, a nora contra a sogra. Por amor a Jesus os velhos serão oprimidos pelos jovens. Em Lc 12.52 lê-se: "Estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três".

Quando em tais perseguições alguém coloca em segundo lugar o amor ao Senhor, não será digno de fazer parte dos discípulos do Senhor. A adesão a Jesus anula qualquer outro vínculo (cf. o seríssimo acontecimento em 8.22).

Quem ama mais o pai ou a mãe… e além deles o filho ou a filha (Lucas tem uma versão mais severa e inclui os irmãos e especialmente a própria esposa), esse não é digno do Senhor Jesus.

À pesada exigência de romper os laços de sangue quando estes se opõem a que o discípulo siga o Mestre, o Salvador acrescenta a advertência aos discípulos de assumirem espontaneamente a cruz na qual ele está pronto para morrer, de o seguirem carregando a cruz e morrendo nela. Considerando que nessas palavras Jesus apresentou sua própria vida como exemplo, então temos nelas uma profecia.

A dura metáfora de seguir a Jesus "carregando a cruz e morrendo nela" visa ser uma clara ilustração da plena decisão com que o discípulo precisa deixar tudo atrás de si, renunciando não apenas às amizades do mundo e da família, mas também largando, se assim for exigido, a profissão apostólica e aceitando alegremente morrer pelo Mestre.

A palavra freqüente nos evangelhos sobre "tomar a sua cruz" (cf. Mt 16.24; Lc 9.23; 14.27), bem como a palavra de "perder e achar a alma" (cf. Mc 8.35 com Mt 16.25 e Lc 9.24; Lc 17.33 e Jo 12.25), requerem uma entrega integral e total ao Senhor.

A exigência de Jesus pelo empenho total, diário e constante do discípulo em favor de seu Senhor, sim até a morte na cruz, é primeiramente a vontade e o caminho *específicos* do Senhor. A exigência da *entrega total* não apenas é "imposta" aos discípulos, mas ela é *cumprida* pelo próprio Senhor. "Seu próprio agir é uma caminhada para a morte, e ele a faz com determinação perfeita. Mas esta se baseia sobre sua certeza de vencer a morte. Também para os seus discípulos ele faz do compromisso de morrerem uma promessa de *vida*. Desse modo fica claro por que Jesus não deduz para si próprio, dessa visão do futuro, que se pode desistir de agir, abandonar o judaísmo, silenciar, mas por que ele persevera firme no seu caminho. Pois também para ele, perder a alma é ganhá-la, e morrer na cruz é ingressar na vida" (Schlatter, *Matthäus*, p. 351).

A 7ª palavra de estímulo: Uma palavra de promessa que conscientiza o discípulo de que ele traz aos que o recebem o mais importante, a saber, o próprio Deus.

40-42 Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.

Ao trabalho do apóstolo é concedido o dom mais magnífico. Pelo fato de o apóstolo chegar às pessoas, abre-se-lhes a possibilidade de acolherem Jesus e, recebendo Jesus, a pessoa aceita o próprio Deus. Não existe dom maior nem no céu nem na terra. Pois está em jogo Deus pessoalmente. Receber o Cristo é unificação com Deus, é hospedar a Deus.

Jesus não está incentivando os fiéis a acolherem amigavelmente os apóstolos, pois o discurso dirige-se unicamente aos apóstolos. Antes, ele quer fortalecer a coragem de seus seguidores. Eles devem saber o quanto valem aos olhos de Deus. De fato, Jesus considera a acolhida que se faz aos apóstolos como um benefício realizado a ele próprio, e mesmo a Deus. O Senhor tem em mente não somente a acolhida hospitaleira (cf. v. 41, **oferecer um copo de água fria**), mas também a aceitação da sua pregação.

Quem acolhe um **profeta** por causa de suas dádivas espirituais, recebe a **recompensa** de um profeta. Quem acolhe um **justo** por causa de sua justiça, recebe a recompensa de um justo. Quem aceita com fé a palavra desses profetas e defende sua causa justa, recebe a mesma recompensa que os próprios profetas e justos. Torna-se participante da eterna bênção gloriosa dos apóstolos (3Jo 8). Os discípulos é que são "esses pequeninos", pelo que se expressa não a sua humildade nem mesmo sua condição miserável, e sim sua posição inferior diante dos grandes, poderosos e famosos desse mundo (a quem todos querem prestar uma gentileza). Contudo, justamente sobre essas pessoas desprezadas pelo mundo repousa a benevolência de Deus e seu olhar providencial.

Em 11.1 o evangelista anuncia o final de seu discurso de envio, à semelhança do que fizera no sermão da Montanha. Contudo, aqui deixa de comunicar a impressão que o discurso causou, nem menciona algo de que *teriam iniciado* a caminhada ou teriam *retornado* (cf. Mc 6.30; Lc 10.7). Ele

está mais motivado a comunicar ao leitor o fato surpreendente de que, depois de ter dado aos apóstolos suas instruções, retomou sua atividade em outras localidades (da Galiléia). O Messias não enviou os doze para que ele, por sua vez, pudesse descansar. Antes, queria multiplicar sua atividade pela convocação de novas forças de trabalho. As palavras finais dessa seção, que lembram Mt 4.23; 9.35, permitem reconhecer que agora está sendo executado o programa de vida do Messias de acordo com os contornos esboçados em Mt 4.12ss. A virada que inicia em 11.2ss, a contradição e oposição ao Messias, liga-se de novo com o nome do Batista (cf, porém, 14.1ss).

3. Encerramento do discurso de envio do cap. 10, 11.1

Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles.

O presente versículo encerra o cap. 10, assim como 9.36-38 constituiu a introdução a todo esse trecho.

No cap. 10 Jesus deu a seus discípulos a incumbência e a autoridade missionárias. Agora *ele próprio as cumpre*. Ele visava reforçar o testemunho missionário dos discípulos através de sua própria instrução, mediante o ensino e a pregação, porque veio "para ensinar e pregar" (cf. o exposto sobre "ensinar e pregar" em 4.23-25). Também o nosso testemunho e serviço aos seres humanos deve vir acompanhado de todo o nosso zelo e empenho. O sangue de nosso coração precisa pulsar por tudo. Somente então o Senhor ainda hoje se inclina e confirma o nosso serviço. A expressão **nas cidades deles** significa que Jesus seguiu os discípulos àqueles lugares em que tinham trabalhado.

4. A pergunta de João Batista e a resposta de Jesus, 11.2-19

(Lc 7.18-35)

2 **Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo[a], mandou por seus discípulos[b]**
perguntar-lhe:
3 **És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?**
4 **E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo:**
5 **os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.**
6 **E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.**
7 **Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?**
8 **Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais.**
9 **Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta.**
10 **Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti.**
11 **Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele.**
12 **Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele.**
13 **Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João.**
14 **E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.**
15 **Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.**
16 **Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros:**
17 **Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes.**
18 **Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio!**
19 **Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras[c].**

Em relação à tradução

[a] Outro manuscrito diz: "de Jesus Cristo".

[b] O texto coiné traz "dois"em vez de "por".

[c] O grupo de manuscritos coiné traz "por seus filhos".

2,3 Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo (o Messias), mandou por seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que estava para vir (ou "o que vem", i. é, o Messias prometido) ou havemos de esperar outro?

O Batista já estava preso um longo inverno na solitária fortaleza Maquero, nas montanhas além do mar Morto. Através de seus discípulos ele recebera notícias de Jesus e de seus feitos e ensinamentos.

Talvez os pensamentos e perguntas de João naquela solidão fossem os seguintes: Se realmente for *verdade* o que meus discípulos informam sobre ressurreições e maravilhosas curas de enfermos, isso é algo grandioso. Mas então, por que não brilha uma luz na minha cela escura? Se for *verdade* que o Mestre disse de si: "Vim para apregoar aos *cativos* a libertação" (Lc 4.18), se isso realmente for verdade, por que o Senhor não liberta o seu *servo*, que já está há tanto tempo apodrecendo na prisão? O servo espera, mas nada acontece. O Mestre nem mesmo lhe faz uma *visita*. Parece que Jesus nem se importa com o seu servo e arauto. Para um coração humano isso evidentemente é incompreensível. Aonde isso vai levar? A quem devo me dirigir na minha angústia? Assim o Batista preso talvez esteja cismando e lutando. Não consegue livrar-se das perguntas e dos anseios de seu coração. Um único pensamento o detém sem cessar: Que há com esse Jesus? Não devia ele tomar a pá e fazer uma limpeza, em especial diante da revoltante injustiça desse Herodes, a quem ele (João) havia dito a verdade de modo tão claro e insofismável?

Assim como numa tarde de verão as nuvens se juntam no céu até cobri-lo de uma nuvem escura da qual relampeja o raio, todos os pensamentos que João teve sobre Jesus se amontoam numa decisão final: Ele convoca dois de seus discípulos e os envia até Jesus para lhe dizerem: **És realmente o que está por vir, ou devemos esperar outro**?

O que significa essa pergunta? Será que João está duvidando de Deus? Olhemos para o AT. Na ocasião em que fugiu da cruel rainha Jezabel e se escondeu na caverna do monte Horebe, Elias tinha indagado de maneira quase idêntica: "És tu, Iavé, o que está para vir?" (1Rs 19). Também *Moisés* externou uma vez sua profunda irritação com o Senhor (Dt 32.51). *Jó* mostrou todo o seu desespero amaldiçoando o dia de seu nascimento (Jó 3.3ss). *Jeremias* estremece pelo profundo terremoto sob o terrível rigor de Deus (Jr 20.7ss). Evidentemente não se pode de modo algum falar de dúvidas da existência de Deus. Esses homens da velha aliança falam com o seu Deus porque ele é para eles um Deus vivo e pessoal e porque se encontram num relacionamento vivo com ele. São *fiéis* demais para negá-lo, mas também estão *abalados* demais com o que na sua atuação lhes é incompreensível, para que não lhe tivessem de revelar seu coração que sangra e grita. Nas suas afirmações, o que não for oração é *confissão*. Por não quererem largar Deus, têm o direito de se mostrar a ele assim como são.

Porque na sua aflição máxima *não* se voltaram para uma pessoa qualquer, mas sim para seu Deus, não se tornaram renegados, descrentes, desesperados, porém fizeram tudo o que podiam.

Assim como nas grandes tentações e nos grandes abalos os servos da antiga aliança não se voltaram amedrontados para o mundo, mas falaram com seu Deus sobre isso, sendo salvos por meio desse grito e desse lamento dirigidos a ele, assim – retornando para João – acontece também com o Batista. O fato de que a circunstância é realmente essa comprova-nos sua mensagem a Jesus. Se tivesse conservado como ressentimento no seu coração a irritação que sentia com o modo de agir de Jesus, esse ressentimento o teria feito tropeçar. Contudo, ele abriu a válvula, para que escapasse tudo o que o atormentava. Diante de todo o povo, o grande arauto falou com o seu grande rei. Uma vez testemunhara diante de todo o povo sobre Jesus, por isso sua relação com ele precisava ficar *às claras perante todo o povo*. Ele teve coragem para perguntar diante do povo, por meio dos seus *servos*: "És tu o que está por vir, ou devemos esperar outro?"

Qual é, agora, a resposta do Senhor Jesus à confissão de seu servo? É como lemos:

4-6 E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.

Era essa a resposta do Senhor Jesus. Isso era tudo, isso significava consolo? Isso é um incentivo amigável, uma recordação amiga: "Amado João, lembro de você, não desanime"? Aos publicanos e

pecadores Jesus diz: “Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados”, ao criminoso na cruz ele afirma: “Em verdade lhe digo, ainda hoje você estará comigo no paraíso!”

Entretanto, ao seu fiel arauto João, que sofre inocentemente na fortaleza, o Senhor não diz nenhuma palavra de consolo, de fortalecimento. O que Jesus manda dizer a João, seus discípulos já lhe haviam dito há tempo. Foi justamente nesses atos magníficos de Jesus que o Batista se escandalizara. Eram exatamente eles que lhe haviam proporcionado tantas infindáveis lutas espirituais durante o longo tempo no cárcere!

No primeiro instante a resposta de Jesus a João Batista parece ser enigmática. Contudo, ao refletir sobre ela, descobrimos que um maravilhoso consolo para João reside profundamente oculto nessas palavras. Elas apontam claramente para Isaías 35.5s, uma passagem que João com certeza sabia de cor (o prof. Bornhäuser é da opinião de que João sabia de cor todo o livro de Isaías – o silêncio de trinta anos no deserto dava oportunidade para isso). Essas palavras de Isaías anunciavam com exatidão e nitidez a tarefa do Messias. Jesus indica: “No cumprimento dessa profecia, você, João, pode notar e constatar que eu sou realmente o Messias anunciado que está para vir”.

Mas João devia mover em oração no seu íntimo não apenas o que foi exposto acima, a recordação de Isaías 35.5s, e sim muito mais: Ele devia aprender das palavras de Jesus algo muito mais significativo. Que *mais* Jesus, afinal, queria dizer com essa misteriosa palavra?

Para podermos entendê-lo, precisamos recordar uma afirmação feita por Jesus a Tomé no evangelho de João: “Felizes são os que não vêem e crêem” (Jo 20.29).

Poderíamos dizer que existem *dois estágios* na fé: Uma *situação inicial*, na qual se encontram todos os que aderiram a Jesus, que começaram a segui-lo. Esse período tem como título: “Porquanto me viste, creste”. E uma *situação de prosseguimento*, uma etapa mais profunda da fé. Para esse estágio mais profundo da fé é que os crentes precisam amadurecer aos poucos. Nessa etapa vigora: “Felizes os que, apesar de não verem, crêem”. Ou, com as palavras do hino *Por tua mão me guia*: “Se bem que eu nada sinta do teu poder, que a luz da tua face não possa ver: Eu sei que tu me guias, meu Bom Pastor…”

O Senhor Jesus sabe que *não* podemos ingressar desde já na etapa mais profunda da fé, quando somos *independentes* de tudo o que nos contraria e *dependemos* unicamente de nosso Deus. É um fato consolador nesse episódio que Jesus não condena o Batista, mas que ele o quer ancorar nesse estágio mais profundo da fé, no qual não verá, não sentirá nem experimentará, mas em que aprenderá a crer cegamente: Jesus é o Messias prometido, o Filho de Deus anunciado, mesmo que exteriormente tudo possa depor contra ele e pareça completamente incompreensível para João.

Aprendemos esse descansar em Deus, essa fé, mais preciosa que o ouro passageiro, unicamente quando Deus nos tira o chão de baixo de nossos pés e nos conduz para dentro de abismos em que não o entendemos mais. É necessário que, na pessoa de Jesus e também no nosso próprio caminho de sofrimento, reste algo que *jamais* compreenderemos. Somente então poderemos experimentar o que está contido na palavra “*Bem-aventurado* o que não se escandaliza comigo, que não se deixa abalar por nada na confiança em mim”. Será introduzido no estágio mais profundo da fé quem não reclama e lamenta sobre o que lhe sucede, mas diz com gratidão: “Se bem que nada sinta do teu poder,… eu sei que tu me guias, meu Bom Pastor” e também: “Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre” (Sl 73.26; cf. as coletâneas de prédicas de Karl Heim).

A palavra **Feliz é quem não se escandaliza comigo** é também a última palavra de Jesus a João. Ela comprova que Jesus realmente percebe João como passando por uma hora de angústia e tentação, mas ao mesmo tempo sabia que ele estava salvo. O Senhor *não* emite uma condenação sobre quem se agarra nele, e sim uma *bem-aventurança*. Jesus conhecia seu servo e arauto e sabia que efeito a mensagem teria sobre ele.

João precisa aprender a silenciar e consolar-se, como um mensageiro do cordeiro de Deus, e a confiar cegamente, aconteça o que acontecer.

Também nós precisamos nos prevenir de que, no desenvolvimento de nossa fé, às vezes chegaremos ao ponto em que não coordenamos mais nada, em que nossa razão parece ficar parada, quando não entendemos mais nada e não conseguimos mais alinhavar as coisas. Pode ser uma situação em que, quando pedimos por esclarecimento, a única resposta que obtemos é a *confirmação da situação tal como é*, e quando não acontece nenhuma solução ou libertação da *difícil situação do momento*, antes tudo permanece obscuro e nada muda nem melhora. “Em tudo isso, não permita que

você seja desviado, não se escandalize do Senhor e da sua Palavra. O Senhor Jesus quer levá-lo às profundezas da vida de fé, quando a fé será considerada mais preciosa que o ouro perecível, depurada pelo fogo, para trazer louvor, honra e glória quando será revelado Jesus Cristo. O Senhor Jesus queria libertar seu servo João daquilo que ele realiza com *outros*, mostrando-lhe como conduz aos outros de modo bem diferente do que a ele."

7-19 Então, em partindo eles (os mensageiros de João), passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais. Mas para que (afinal) saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e (vistes) muito mais que profeta. Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. Em verdade vos digo: Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir (como precursor do Cristo). Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça!

Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós (vos) tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes (assim fez esta geração). Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras.

Depois que os discípulos de João partiram com a resposta de Jesus, o Senhor *dá um poderoso testemunho sobre o seu arauto e servo*.

O Batista tinha achado motivo de tropeço nos modos de Cristo. Contudo, esse motivo forte e público de João se escandalizar com a atitude de Jesus de forma alguma levaram o Senhor a se alterar. O Senhor sentiu que o Batista tinha prejudicado mais a si próprio perante o povo do que magoado ao Senhor. Por isso o Senhor, por assim dizer, protegeu a reputação de João contra a própria mensagem enviada por ele, ao começar a elogiar e louvá-lo!

É que, quando esteve no deserto próximo ao rio Jordão, o Batista tinha dado um testemunho esplêndido em favor dele, o Senhor. O Senhor agora faz uso dessa oportunidade de *também honrar publicamente ao seu precursor*. Considerando que havia uma correlação estrita entre a sua missão e a de João, ele não podia deixar passar essa oportunidade. O discurso de Jesus sobre João é quase que seu "necrológio", pois pouco tempo depois João foi morto. Nesse discurso Jesus destaca primeiramente a *eminente importância* do "Batista" no reino de Deus, não obstante seu lugar em comparação com os que pertencem aos novos tempos. Depois Jesus descreve a atitude do povo diante das duas manifestações divinas que vieram sobre o povo naquela época, a saber, a atuação oficial do Batista e a dele próprio, o Senhor.

As palavras **passou Jesus a…** chamam a atenção para o aspecto solene do discurso de Jesus. Nesses termos elogiosos sobre João reconhecemos de modo esplêndido Jesus como mestre de almas. Disse ao povo: **Que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?** O povo não tinha saído porque tivesse inclinação para admirar os juncos sendo embalados pelo vento no Jordão, algo que pode ser visto todos os dias. Não, deve ter sido algo bem diferente. O caráter vigoroso do Batista tinha conquistado o povo. Agora, quando João de fato parecia estar vacilando, o povo devia lembrar-se daquela primeira impressão, para que agora não visse nele injustamente um caniço balançado pelo jogo do vento, mas sim um cedro sacudido pela tempestade. Portanto, o povo não devia acreditar que João estava *vacilando* no seu testemunho, em sua opinião sobre Cristo, mas devia continuar *confiando* como antes na grande e solene declaração do homem forte.

É por isso que ele continua: **Que vocês saíram para ver? Acaso uma pessoa vestida com vestes finas?** Jesus acrescenta: **Eis que quem usa roupas finas** (as pessoas de vida abastada) **está no palácio dos reis!** O povo vira que o Batista no deserto usara por livre opção uma veste de pelos de camelo, cingido com um cinto de couro, e que não adulou o rei, mas duramente lhe disse a verdade. Por isso não precisam preocupar-se de que ele abandonaria sua vocação agora (por ter de penar na masmorra de Herodes como testemunha da verdade)! Se tivesse inclinação à *maciez*, da qual são gerados os bajuladores, certamente também lhe serviria "uma veste *macia* no *palácio do rei*". No

entanto, com sua personalidade *forte,* ele será perseverante até o fim em roupas ásperas "no cárcere do rei". Ele demonstrará que está à altura de sua missão!

Dessa maneira Jesus acalmou o povo sobre a firmeza e coerência do Batista, tanto acerca da confiabilidade de seu testemunho quanto acerca da gravidade de seu destino, sobre o que era *inevitável* em sua missão.

Pela terceira vez Jesus indaga: **Que vocês querem ver? Um profeta?** E Jesus responde: **Sim, alguém que é mais do que profeta!** Em que sentido ele é mais do que profeta? Jesus explica ao povo que João é o anjo do Senhor, do qual o profeta Malaquias (3.1) profetizou que iria à sua frente para abrir caminho, e que **ninguém entre os nascidos de ser humano é maior do que ele,** o Batista! Desse modo, pois, João Batista se destaca como *primeiro* entre todos os profetas por sua posição única no reino de Deus. *Ele encerrou a antiga aliança e iniciou a nova*. João merece ser chamado o maior entre todos os profetas, porque ele foi o enviado de quem falou Malaquias. No entanto, Jesus eleva o menor de seus discípulos acima do maior dos profetas. Por quê? É porque, pela dádiva de poder experimentar a força redentora, o *discípulo de Jesus* alcançou uma percepção mais profunda da natureza, do desenvolvimento e das bênçãos do reino dos céus do que a percepção concedida a João. Se já foi essa a situação daqueles que *naquele tempo* acreditavam em Jesus, quanto mais valerá para nós, para quem pela história dos séculos *a grandeza e glória de Jesus* foi revelada de maneira mais maravilhosa ainda.

Com as últimas declarações, Jesus citou com toda a clareza a tarefa do Batista, a saber, *anunciar o Messias*. Dessa maneira ele também confidenciou a todos que o Messias agora *apareceu*, e que *ele o era*.

Pesava muito no coração do Senhor o quanto o precursor e mais tarde ele próprio, o fundador do reino dos céus, foram *mal-entendidos* pelos líderes do povo e posteriormente pelo povo induzido ao erro. Sobre isso proferiu para seus ouvintes um severo discurso de crítica em forma de uma comparação: **Com quem posso comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós tocamos flauta, mas vocês não dançaram; entoamos lamentações, mas vocês não prantearam** (bem assim faz esta geração).

É preciso observar que as crianças são descritas como inconstantes, porque no mesmo momento querem brincar de "casamento" e de "enterro" com seus companheiros. Com isso fica caracterizada a geração daquele tempo pela maneira como se posicionou diante de João Batista e do Cristo. Como as crianças que exigem dos companheiros que "dancem de acordo com a sua música", eles exigem que João executasse uma alegre melodia nupcial, enquanto de fato João conclamava o povo para uma celebração de arrependimento e de luto. De imediato, no mesmo instante, porém, queriam entoar com o Senhor Jesus um lamento fúnebre, enquanto Jesus *queria convocar* o povo *para a alegre festa de casamento da graça do Novo Testamento*.

João se apresentou, não comia nem bebia, representando com sua severa abstinência a mais profunda seriedade da vida. Apesar de ficar abalado pelo poder de seu espírito, aos poucos o povo falava: "Ele é severo demais para nós, é muito soturno". No fim a maioria se afastou dele, declarando que ele estava possuído por um demônio tristonho (cf. v. 18).

Jesus apareceu, comia e bebia, participando com liberdade e amor desinteressado nos banquetes deles, a fim de anunciar "boa nova". Contudo, disseram: **Olhem, este homem é comilão e beberrão. É amigo dos cobradores de impostos e de outras pessoas de má fama!** O espírito farisaico o baniu como sendo uma pessoa que não observa a lei. Assim, largavam dele também (cf. v. 19a).

Com os traços dessa parábola, Jesus retratou a experiência recorrente que a pregação do reino dos céus realiza sempre de novo no mundo.

A pregação da lei é considerada séria demais, muito desumana e destruidora de toda alegria da vida. A pregação da reconciliação, porém, é vista como *favorecimento* da leviandade, do pecado. Sempre de novo os mensageiros de Deus precisam tolerar o fato de serem rejeitados pelo mundo.

Entretanto, é apenas circunstancial essa triste experiência. Sempre há *alguns* que aceitam a sabedoria celestial, que a defendem e se tornam filhos do espírito dela. São esses que há muito foram fiéis a ela e comprovaram que o *mérito* dessa boa notícia, *justificando a boa nova por meio de sua palavra e sua obra*! Os filhos da sabedoria sempre defendem a justiça dela, assim *como filhos defendem o direito da sua mãe*!

Foi uma hora crítica em que Jesus proferiu essas palavras para o povo. Com a pergunta através dos seus mensageiros, João tinha posto em perigo a imagem de Cristo e sua própria perante o povo.

O povo poderia sentir-se tentado a assumir apaixonadamente a pergunta do Batista e questionar, desse modo, a autoridade de Jesus. Ou podia começar a ficar com dúvidas dos dois profetas. Jesus corrige esse aparente erro do Batista, aproveitando até a oportunidade para esclarecer ao povo a diferença entre a sua posição e a do Batista, bem como a unidade superior de ambas as posições para a *fundação do reino dos céus*. Mostra também ao povo que ele se tornou *duplamente culpado*, primeiro *em João Batista*, depois *nele*. Ou seja, a inteligência mais perfeita não poderia ter dado uma guinada melhor para o episódio, do que a que deu Jesus. Essa sabedoria, porém, era a do príncipe do reino dos céus, aquela que reúne numa só a *perfeita verdade e o amor*.

Esse discurso é um dos que evidenciam da melhor maneira o que Jesus era como *orador popular*. O pensamento é exigido, o interesse é estimulado pelas formas de perguntas, a atenção é despertada por ilustrações atraentes. Enfim, a aplicação é marcante para a consciência: "João não conseguiu nada com sua dureza. Eu tampouco consigo algo com minha amabilidade. Vocês não querem saber nada de Deus, nem de uma nem de outra maneira." *Não obstante, há pessoas* cuja atitude diante de Jesus e cuja atenção e resposta à sua palavra e obra "*justifica a Deus* e condena a *vocês*!"

5. Os lamentos sobre as cidades de Corazim, Betsaida e Cafarnaum, 11.20-24

(Lc 10.12-15; Jo 12.37)

20 **Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido:**

Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza.

22 **E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras.**

Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje.

Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo.

Estes versículos são palavras de despedida às cidades em que Jesus havia pregado. Corazim não é citada nem no AT nem por Josefo. No entanto, a cidade é mencionada com este nome pela tradição judaica. De acordo com Eusébio, Corazim ficava a três horas de distância de Cafarnaum, de acordo com Jerônimo, a 40 minutos. Dalman afirma: "No local da antiga Corazim encontra-se hoje uma *região erma de basalto*. Seja como for, Corazim deve ter sido uma cidade importante, porque Jesus a compara com Tiro e Sidom e a coloca no mesmo nível de Cafarnaum. Não temos conhecimento de nenhum dos numerosos milagres que aqui são pressupostos, e dos realizados em Betsaida conhecemos apenas *um*. As duas cidades que servem como comparativo são personificadas e apresentadas como duas mulheres que, vestidas de pano de saco e cobertas de cinza, se apresentam como símbolos do luto. **Tiro e Sidom** também serão consideradas culpadas, porém em grau menor que aquelas.

Um impacto maior provocam essas palavras contra as duas cidades impenitentes **Corazim** e **Betsaida** quando lemos em Ez 27,28 o lamento sobre o príncipe de *Tiro* e também de *Sidom*. Como deverá ser severo o castigo dessas cidades impenitentes, se sobre as localidades que no juízo sofrerão menos rigor já se profere um lamento desses.

O *ai* pronunciado aqui por Cristo não deve ser entendido tanto como uma *ameaça*, mas antes como expressão de *profunda dor* que Jesus sente com a impenitência dessas cidades. É o Cristo *sofredor* a quem encontramos aqui (Schlatter), o Cristo que não apenas sofreu na cruz as dores físicas, mas que também suportou, durante o tempo de sua atividade, o sofrimento de seu povo com doenças e necessidades de todos os tipos, e que especialmente teve de sofrer sempre de novo com a impenitência (cf. o exposto sobre 8.17).

Como terceira das cidades impenitentes é citada **Cafarnaum**. Ela ocupa uma posição muito singular. É a cidade em que Jesus iniciou sua atuação. Depois de sua tentação, ele foi por Nazaré até Cafarnaum e ali se estabeleceu (Mt 4.13). É a cidade em que foi anunciada pela primeira vez a

mensagem da proximidade do reino dos céus, na qual se situava o quartel general do rei. Em Mt 9.1 Cafarnaum foi até chamada de "sua cidade".

Em que posição especial privilegiada se encontrava, portanto, essa cidade! Foi-lhe permitido oferecer um lar ao Filho de Deus durante sua permanência na terra. Ela podia vê-lo cruzando suas ruas com uma freqüência como nenhuma outra cidade. Viu tantos milagres dele. Homens dessa cidade eram os seguidores do Mestre. Entretanto, tudo isso *não* conduziu a cidade de Cafarnaum a reconhecer Jesus e, assim, a arrepender-se. Agora é proferida a sentença. Ela é dada segundo o princípio de que ao que muito foi dado, dele muito se *exigirá*. Que posição Cafarnaum poderia ter ocupado, se não tivesse sido apenas exteriormente sua cidade e sua residência, mas se também se tivesse se tornado interiormente "a sua cidade"! Ela teria ingressado no reino dos céus como o *primeiro fruto*, como o início dos novos tempos, como *a sua cidade* na mais profunda acepção da palavra. Isso, porém, a cidade perdeu por causa de sua atitude. Ela não será exaltada até o céu, todas as suas grandes possibilidades se desperdiçaram.

A magnitude da culpa de Cafarnaum é mostrada pela contraposição com a cidade de **Sodoma**, conhecida pela sentença e condenação de Deus que a exterminou da face da terra. Essa cidade ainda existiria hoje, ou melhor, diante dos acontecimentos presenciados por Cafarnaum ela teria se arrependido sem demora e teria deixado de suas ações pecaminosas.

A palavra de juízo de Jesus nesse versículo também é uma citação do AT, mais precisamente de Is 14.13-15. Lá se canta a queda do rei da Babilônia.

As palavras do v. 24: **Pois eu afirmo que, no Dia do Juízo, Deus terá mais pena de Sodoma do que de você, Cafarnaum** adquirem seu peso terrível pelo fato de que é o próprio Juiz quem as profere. No Juízo Final a terra de Sodoma, que pelo horrível julgamento que conhecemos foi aniquilada da face da terra, estará numa situação melhor do que essa cidade de Cafarnaum, que entre seus muros hospedou o Senhor do mundo, mas não lhe deu o reconhecimento.

Vemos toda a gravidade de que se reveste a rejeição da graça testemunhada. Nada, nenhum pecado, por maior e mais execrável que seja, pode ser comparado com ela. Quem ouviu a mensagem da redenção pelo sangue de Cristo e apesar disso continua seu próprio caminho em oposição a Deus, sobrecarrega-se com uma culpa maior que a do pior criminoso. Isso não é uma avaliação humana, mas do próprio Deus santo, justo e insubornável. Nós seres humanos com certeza daríamos uma sentença muito diferente. Para nós uma transgressão moral ou ética visível pesaria muito, muito mais que uma submissão não realizada ao Deus santo. Nós condenamos com mais força as pessoas que se desviaram moralmente do que aquelas que conduzem sua vida com uma justiça própria autocrática.

Nesses lamentos reconhecemos que nossos critérios estão errados, porque deturpados pelo pecado.

Como deve ter sido duro para os discípulos ouvir essas palavras! Eles viam atrás de si sua amada terra natal ser consumida pelo fogo, enquanto se preparavam para abandoná-la. O *ai* do Senhor sobre as queridas cidades natais, que tinha amargurado primeiro o coração dele próprio, ecoou também nos corações deles como um trovão que faz estremecer. Sentiam dor pela amada pátria. Mas nem por isso queriam nem podiam retornar, porque eles também não estavam mais em casa e bem acolhidos onde seu Senhor e Mestre tinha sido deixado de lado com tanta descrença. Portanto, entristecidos, olhavam *para trás*.

6. As exclamações de louvor e salvação de Jesus, 11.25-30

Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque
ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.
26 **Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.**
Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém
conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar[a].
28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.**
29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e**
achareis descanso para a vossa alma.
30 **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.**

Em relação à tradução

[a] As palavras no v. 27b: "Ninguém reconhece o Filho senão o Pai…", são chamadas de "palavra joanina" nos evangelistas sinóticos, cf. Jo 10.15,17,25.

Em lugar do que Mt diz no v. 25: **Naquele tempo Jesus respondeu**…, Lucas diz em 10.21: "Naquele tempo exultou Jesus […] e disse: Eu te louvo…" Enfaticamente Lucas fala da *alegria* de Jesus. A palavra de Jesus: "Eu te louvo, ó Pai…" está situada no tempo: **naquele tempo**. Não queremos *passar por cima dessa cronologia*.

De que tempo está se falando?

A partir do v. 20, Jesus começou a criticar as cidades. Seguem-se os "lamentos dos ais". Ele anunciou a *palavra de condenação* sobre Cafarnaum (v. 23). Seus atos milagrosos em Corazim, Betsaida e Cafarnaum haviam acontecido *em vão*. Em vão? Não. Os milagres haviam acontecido para *juízo*. Nesse tempo, portanto – Jesus enaltece o Pai! Diante da noite do juízo há sem dúvida algo que traz alegria, a saber, existe o reluzente e claro dia da *aceitação* da salvação! Assim os v. 25-30 se destacam do *fundo escuro do juízo* dos v. 20-24.

Em Lucas a posição cronológica dessa hora é outra (cf. Lc 10.21ss).

Portanto, após os ais e o anúncio do juízo por Jesus nos v. 20-24 segue-se agora uma *oração de ação de graças*. A partir do contexto e do fato de que esta oração foi transmitida neste ponto, temos de concluir que ela não é uma oração proferida no isolamento, mas que foi orada perante a *multidão reunida*.

A expressão: **Respondeu Jesus…** *não* indica que essa oração fosse uma resposta a uma objeção qualquer ou à pergunta de um discípulo ou espectador. Ela nos leva para dentro da íntima relação entre Pai e Filho.

Tudo o que Jesus *faz, diz, ensina, ora e "responde"* é, por assim dizer, uma ressonância ao que ele ouve do alto, do Pai, é *resposta* ao Pai. Como deve ter sido estreita essa ligação, que entrava nos menores detalhes! E que exemplo isso representa para nós quanto à nossa posição de cristãos!

O conteúdo da oração é um *louvor* a Deus. Cristo trata Deus primeiramente como *Pai*. Para nós hoje a palavra "Pai", dirigida a Deus, é muito usual e por isso – infelizmente – muitas vezes não expressa mais nada de especial. Contudo, neste texto temos de nos conscientizar de que Jesus profere essa palavra "Pai" diante de judeus. Mais precisamente, diante de judeus que sequer se arriscam a proferir o nome de Deus por medo de cometerem pecado. Sobre eles deve ter feito grande impacto que um ser humano na frente deles não apenas usava livremente o nome de Deus, mas também o trata de "Pai". Contudo, quem teria mais direito de usar a palavra "Pai" se não o próprio Filho de Deus? Ele, *o unigênito*!

Em segundo lugar, Jesus designa Deus como **Senhor do céu e da terra.** Certamente Jesus o faz porque o motivo de seu louvor é a *ação* desse Senhor do céu e da terra.

O motivo de seu louvor é a sabedoria de Deus que, para alcançar os seus alvos, envereda por caminhos muitas vezes incompreensíveis para nós seres humanos.

Deus ocultou esse agir aos sábios (que são os escribas profissionais) e inteligentes deste mundo e o revelou aos menores. Por meio disso se faz primeiramente a constatação de que há *dois grupos de pessoas*: os **sábios**, respectivamente os **entendidos** e os **menores**.

Para designar o segundo grupo é usado o termo *népios* = menor de idade. Refere-se na verdade a "crianças que ainda não alcançaram a maioridade ou que intelectualmente ainda não estão à altura de uma pessoa adulta".

A situação não é que Deus injustamente daria *preferência* a um desses dois grupos. Pelo contrário. Revelando sua verdade aos menores e ocultando-a aos sábios e entendidos, Deus restitui-lhes um relacionamento *correto* e de certa maneira anula qualquer privilégio. Pois não está nas mãos dos pequenos tornarem-se sábios e alcançarem aquela capacidade de discernimento que os *sábios* têm. Contudo, os *entendidos* e *sábios* têm o poder de quererem tornar-se como os menores, isto é, largar *todos os preconceitos*, todas as presunções *intelectuais* e reconhecer sua total insuficiência perante Deus.

É preciso chamar atenção para a falta dos artigos antes de "sábios" e "entendidos". O sentido é "sábios", não "*os* sábios". Nessa forma a exclusão não é absoluta. Porque entre eles não podem ser contados *aqueles* sábios que, aos seus próprios olhos, tornam-se ignorantes e pobres, passando assim para a categoria dos pequenos. Do mesmo modo pode haver, inversamente, *ignorantes* que são presunçosos e se consideram como muito sábios, de maneira que Deus não lhes pode revelar nada. Por esse motivo o artigo também falta *antes de népios* (= *ignorantes*).

No v. 25 ainda não foi respondida uma questão. O que Jesus quer dizer com a palavrinha **isso**?

A maioria dos exegetas considera o "isso" como a mensagem do reino dos céus, ou seja, o *todo da mensagem* de Jesus (cf. Zahn, NTD e outros).

Com acerto, justamente o NTD aponta para o fato de que então, na verdade, deveria ter sido inserida antes uma correspondente coletânea de ditos e discursos. Mas esse não é o caso. O exegeta Schniewind desenvolve ainda que Jesus agradece a Deus pelo "insucesso". Ele sabe que no insucesso junto ao povo de Israel está contida a salvação *do mundo inteiro*. No insucesso israelita ele vê o plano do Pai, cujo objetivo é alcançar não *apenas* o povo *judeu*, mas sim a humanidade toda.

O versículo: **Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado** ressalta que **ocultar** diante dos sábios e entendidos não foi um *acaso* nem sequer um acontecimento secundário, mas corresponde ao agrado de Deus. É sua deliberação que está por trás do acontecimento. É sabedoria de Deus, como é dito literalmente em 1Co 1.21, que o mundo não reconheceu a Deus por meio da sua sabedoria.

O **sim, Pai** afirmado por Jesus não é somente uma simples concordância, mas é expressão e confirmação de um *posicionamento*, que Jesus assumiu durante toda a sua vida na terra.

"Sim, Pai": assim o Senhor posicionou-se diante de tudo que vinha do Pai, fosse alegria ou sofrimento, sucesso ou insucesso. É a submissão integral à vontade de Deus que aqui se expressa e que capacitava Jesus de forma tão cabal para sua obra redentora. É uma atitude que está diametralmente oposta à *atitude* da humanidade caída, que cultua o ídolo do Eu. Jesus diz "sim, Pai", retornando desse modo ao ponto em que os caminhos de Deus e da humanidade se separaram porque as pessoas não queriam mais dizer "sim, Senhor e Deus". Partindo desse ponto Jesus segue o caminho que os primeiros seres humanos deveriam ter trilhado, a saber, um "sim" integral ao Pai, na confiança absoluta. Com esse "sim, Pai" durante sua vida inteira, Jesus abre caminho para aqueles tantos que seguirão em suas pegadas pelos milênios, tendo nos lábios a oração aprendida de seu Mestre: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu".

O jubiloso derramar do coração nos v. 25 e 26 dá lugar a uma contemplação mais calma. Depois que a *adoração*, por assim dizer, transportou o Senhor até o coração do Pai, o Filho agora se recosta de forma mais estreita e firme no Pai. Perpassa sua alma o prazer da eterna unidade divina.

Jesus diz: **O meu Pai me deu todas as coisas. Ninguém sabe o que é o Filho a não ser o Pai; e ninguém sabe quem é o Pai, a não ser o Filho e também aquele a quem o Filho o quiser revelar.**

Jesus se apresenta como o Filho autorizado do Pai. Tudo lhe foi entregue. Nesse "tudo" temos de incluir inicialmente toda a autoridade de Jesus: seu poder de perdoar pecados (Mt 9.6), a autoridade sobre a natureza (Mt 14.22), o poder sobre as enfermidades (Mt 9.27ss), sua autoridade de falar (Mt 7.29) e seu poder sobre a morte (Jo 11.43).

Isso "tudo" lhe foi entregue pelo Pai. À luz das cartas de Paulo, porém, podemos entender esse "tudo" de uma maneira ainda muito mais abrangente. O NT afirma que realmente o universo lhe está sujeito, pois lhe foi entregue pelo Pai. Ele é o Senhor do universo. Contudo, ele se *tornou* esse Senhor após sua ascensão!

Neste "tudo" do v. 27, no entanto, temos de observar mais um aspecto. Trata-se nesses versículos de *revelação*, "oculta a sábios e entendidos e manifesta a pequenos". Toda revelação passa por ele, *o Filho*. Além dele não há mais fonte de revelação. Quem busca seu conhecimento em outro lugar pode estar certo de que será vítima de espíritos e demônios enganadores.

Na segunda parte do versículo, essa idéia é formulada com toda a clareza. Ninguém reconhece o Pai, a não ser o Filho **e aquele a quem o filho o quiser revelar**. Não existe outro caminho a Deus que o *caminho através do Filho*.

O próprio Filho, no entanto, é um mistério que ninguém conhece, a não ser o *Pai*. Por isso é que esse mistério precisa ser *revelado*.

Nisso descobrimos que reconhecer a Cristo não depende de nós seres *humanos*, mas que é inteiramente um *presente do Pai*. Sim, esse conhecimento dado pelo Filho está hoje em primeiro lugar, antes de tudo o mais. *Primeiro* vem o conhecimento concedido, somente *depois* pode vir o restante, como o conhecimento de *Deus*, de sua *obra* e sua *vontade*.

Porém devemos ter cuidado para não separar as duas coisas, o conhecimento do Pai e do Filho. Ambos estão interligados, formam uma *unidade*.

O *artigo* antes de "Pai" e "Filho" confere à relação entre ambos um caráter único, essencial e absoluto e nos proíbe de colocar essas palavras "Pai e Filho" na mesma categoria em que situamos relacionamentos análogos, p. ex., entre Deus e as pessoas, ou os israelitas piedosos ou os reis teocráticos.

Assim como a natureza do Filho não é nada misteriosa para o olhar do Pai, a natureza do Pai não é nada oculta ou insondável para o olhar do Filho. De fato, a singular comunhão de vida aqui descrita somente pode acontecer sob a condição da mais perfeita união das naturezas. A *distinção* das posições descrita pelas expressões "Pai" e "Filho" dissolve-se numa perfeita *unidade* de pensar e querer.

É esse o mais profundo motivo pelo qual o Pai entregou tudo ao Filho. No mesmo sentido esclarece o precursor João acerca de Jesus: "O Pai *ama* o Filho e lhe entregou tudo em suas mãos" (Jo 3.35). "Amar" e "conhecer" são apenas *dois lados* de uma mesma atividade mental. Se Deus entrega tudo ao filho, é porque o *reconhece* e *ama* como o Filho. A relação do Pai para com o Filho fundamenta o relacionamento do Filho para com o Pai. – Todas essas palavras testemunham que a existência e natureza do Filho são e permanecem sendo um *mistério* e não podem ser penetradas pela *especulação da razão*.

Depois dessas palavras tão importantes de Jesus sobre si no v. 27, não podemos constatar nenhuma diferença entre o Jesus dos sinóticos e o do evangelista João. É possível ver que, conforme Mateus, Marcos, Lucas e João, o Filho pertence *essencialmente* ao Pai, assim como o Pai pertence ao Filho. Por isso o ser e agir de um estão abrangidos na eternidade do outro.

Por maiores que fossem as concepções dos *discípulos* acerca da pessoa e obra de Jesus, eles ainda estavam longe de considerar o *aparecimento* de Jesus em *todo o seu significado*. Jesus tenta abrir-lhes os olhos a esse respeito. Mas fala com eles à meia voz, pois lhes está confiando um mistério. Ele próprio é a revelação perfeita do Pai, pela qual ansiaram os melhores do AT (cf. Godet).

Por esta última palavra o trecho ganha um encerramento glorioso. Essa hora de alegria singular de Jesus termina com um precioso chamado do Salvador: **Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados…** (v. 28-30).

28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

Este Filho equipado com todos os poderes, a quem tudo foi entregue, convoca agora para o **vir**. E tudo isto à vista de todas aquelas pessoas e cidades que desprezam a graça que lhes foi presenteada e rejeitam Jesus.

Ele não se deixa desanimar nem desviar de sua tarefa por insucessos. Diante de toda inimizade e rejeição, ele se expõe e exclama: Venham todos, eu lhes quero dar descanso!

Duas características daqueles que são convidados a vir são mencionadas: eles precisam estar **cansados** e **sobrecarregados**. O verbo *kopiáo* descreve um cansaço que se instala após pesado trabalho corporal, enquanto *portizo* expressa o estar sob pesada carga de responsabilidade.

Também aos que interiormente estão cansados e sobrecarregados será concedido o **descanso** do Cristo. Não terão mais de suportar exigências legais opressoras e impossíveis de serem cumpridas. Serão libertados do penoso trabalho de observar os preceitos. Todos eles podem vir e ter a certeza de que encontrarão o descanso em Jesus.

Ninguém precisa ter medo algum de que suas forças e capacidades serão insuficientes para conquistar esse descanso. Ele nem precisa ser conquistado, nós pessoas não precisamos contribuir nada para ele. Esse descanso é dádiva. É presente daquele que com autoridade divina afirma: ***Eu* o darei a *vocês***. Não é uma *obra humana*, mas um *ato de Deus* que o ser humano recebe como presente.

29 Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e vocês achareis descanso para a vossa alma.

A exigência de **tomar o jugo** de modo algum pode ser comparada com as exigências que a lei determina para as pessoas. Esse imperativo decorre plenamente do indicativo do versículo anterior. O Senhor Jesus *não exige* sem antes ter *presenteado*. E seu *presente* é tal que a pessoa pode cumprir a exigência subseqüente a partir da *força* do que lhe foi doado. E mesmo na exigência está contida promessa e força.

Inicialmente é usada a imagem do "jugo", carregado pelos animais de tração, para arrastarem sua carga. Nessa figura podemos reconhecer uma série de verdades.

A primeira coisa que pode ser dita do jugo é que *ele existe para o trabalho*. Disso se depreende desde já uma *importante instrução para o discípulo de Jesus*. O discípulo não existe para um fim em si próprio. O Senhor Jesus não lhe concedeu o descanso para que depois passe pela vida bem quieto e calmo, esperando até que o Senhor o recolha para alegrias eternas. Não, o cristão carrega uma "canga", que existe para *trabalhar*. O cristão é quem deve levar adiante a alegre notícia do amor de

Deus com sua palavra e sua vida. Foi para isso que foi redimido. Foi retirado da grande multidão de pessoas para servir ao seu Senhor, para trabalhar para ele.

No entanto, o jugo nos ensina algo mais. Um "jugo" também "alivia" consideravelmente o trabalho. Como aconteceria aos animais se tivessem de puxar uma carroça pesada sem terem uma canga? As correias lhes abririam as mais dolorosas feridas na carne. Sim, sequer teriam condições de arrastar sua carga. Exatamente o mesmo acontece com o jugo que Jesus impõe aos seus seguidores. Ele facilita o trabalho, sim, ele os capacita a realizá-lo.

Além disso, o jugo proporciona ao que o carrega um direcionamento seguro para o alvo. Quantos saltos para o lado um animal não daria e em quantos desvios não entraria, se não fosse dirigido sempre de novo pelo jugo e por aquele que dirige o jugo para o rumo certo.

Também o cristão deve ficar alegre quando recebe sempre de novo a correção através do "jugo".

Talvez possamos ainda lembrar o jugo duplo. Muitas vezes são *dois* animais que trabalham sob a mesma canga. Um ajuda o outro a puxar e trabalhar. É o que também acontece com o cristão sob o seu jugo duplo. O segundo que está do lado dele e o ajuda a carregar e tracionar é o próprio Senhor Jesus Cristo.

Em segundo lugar, Jesus convida a **aprender** dele, isto é, tornar-se seu seguidor. Ele é **manso** e **humilde de coração**. Ambas as qualidades precisam ser encontradas também na vida de seus discípulos, tanto a *mansidão*, que é igual para com cada pessoa, seja ela pobre ou rica, amiga ou inimiga, como também a *humildade*. Exatamente isso foi o que acompanhou o Senhor Jesus como uma clara luz brilhante durante todos os seus dias. Essa humildade dele não foi uma máscara exterior, um gesto adquirido de cortesia, não, ela brotava de seu coração, do mais íntimo de seu ser. Não uma coação externa o impelia para essa atitude, e sim a necessidade mais interior.

Em outras palavras: A mansidão é a característica *exterior* de uma ação, enquanto "ser humilde de coração" refere-se mais à disposição *interior* que está por trás de toda ação.

Quando o discípulo é obediente a esse imperativo, isso por sua vez lhe trará novo "descanso". Na verdade, às vezes o *descanso* não é imediatamente visível de fora, pois também o discípulo está plenamente inserido em seu tempo, no mundo com toda a sua pressa e atividade, e nem sempre pode afastar-se dele. Porém o discípulo sempre de novo pode receber de presente o *descanso da alma*, uma segurança e firmeza interior diante de todo o exterior. Esse "descanso interior" brota da proximidade daquele que anda junto, debaixo do jugo, e que é o "Senhor do universo".

30 Porque o meu jugo é suave (útil, agradável), e o meu fardo é leve.

Nesse v. 30 o Senhor Jesus retorna mais uma vez à figura do jugo. Ao falar do jugo "útil", ele aborda mais uma vez a idéia que já expusemos no versículo anterior. O jugo não é um objeto supérfluo, nem algo que *atrapalha*, mas que é muito útil. Útil para a própria pessoa que o carrega, pois lhe concede apoio, ajuda, alvo e sentido para a vida. Mas é útil também para a *causa do Senhor Jesus Cristo*, que constrói seu reino com essas "pessoas de canga".

Novamente constatamos que tudo o que o discípulo tem, tudo o que ele realiza para o seu Mestre, é presente do alto. Toda a existência do discípulo é abrangida por uma palavra, que é *graça*.

A carga leve evidencia mais uma vez o contraste com o antigo, com a *lei*. Lá não havia fardos *leves*. Lá havia somente *árduo dever* e *peso insuportável*.

À beira do caminho da lei jaziam os que tinham quebrado, a saber, os que sincera e verdadeiramente tinham levado a lei a sério e haviam desesperado dela. Em comparação com essas cargas o fardo de Jesus é leve.

X. JESUS DISCUTE COM OS INIMIGOS, 12.1-50

1. A primeira controvérsia do sábado, 12.1-8

(Mc 2.23-28; Lc 6.1-5)

Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer.
Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado.

Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome?
Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes?
Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo:
aqui está quem é maior (i. é, alguém que é mais) que o templo.
Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes.
8 **Porque o Filho do Homem é senhor do sábado.**

A situação é a seguinte: O Senhor Jesus atravessa com os seus discípulos as plantações de cereais da Galiléia. Acompanham-nos fariseus de intenções hostis, observando-os. Portanto, a situação tinha se agravado a tal ponto que nem no campo, entre colheitas que amadureciam, Cristo e seus seguidores estavam livres do controle de seus adversários.

Era sábado. Talvez, devido ao rápido retorno naquele dia, os discípulos não tiveram tempo de tomar uma refeição em algum lugar. Estavam com fome. Por isso colhiam algumas espigas e comiam-nas, debulhando-as nas mãos. – O direito civil em Israel referente à propriedade da terra baseava-se na afirmação de Deus: "A terra é minha" (Lv 25.23). A pessoa proprietária era apenas *administradora, beneficiária*. Por isso também o faminto podia usufruir moderadamente dos frutos. Especialmente as margens de uma plantação de trigo eram reservadas para os pobres (Lv 19.9).

A lei do AT permitia, portanto, que quem passava podia comer algo do trigal ou da vinha. *Porém*, não se podia levar nada numa vasilha ou num saco para casa. Isso seria roubar (Dt 23.25s). A lei divina não fixou com tanta rigidez nem enalteceu tanto o conceito de propriedade que não sobrasse mais espaço para o amor.

A ação dos discípulos como tal, portanto, era lícita perante a lei e não era condenável. A transgressão, porém, era que ela acontecia **no sábado**. Pois arrancar espigas e debulhá-las significa, de acordo com os fariseus, colher, moer, trabalhar! Constituía uma transgressão de uma das trinta e nove regras gerais que compunham a lei do sábado dos fariseus. A ação de "trabalhar" foi alegada, pois, pelos fariseus hostis que seguiam o Senhor. Eles cumpriram muito bem o papel de "espiões".

Que dizia, afinal, o mandamento do sábado do AT? Em Êx 31.14 diz: "Guardareis o sábado, porque é santo para vós. […] Qualquer que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo" (cf. Êx 31.15; 35.2; também Lv 23.30; Jr 17.27). Violação do sábado, portanto, dava pena de morte. Veja Nm 15.32,36; Ne 13.15,16,17,18; Ez 20.15s; Jr 17.21s!

Com base nesses textos do AT os fariseus pareciam estar com a razão. Porque, segundo sua opinião, arrancar espigas é "**trabalho**". Quem trabalha viola o sábado e merece a morte por apedrejamento. Será que, com essa interpretação, os fariseus tinham razão? Não! Pois em Êx 12.16 consta expressamente: "Nenhuma obra se fará nesse dia, exceto o que diz respeito ao comer. Somente isso podereis fazer!" Aqui se afirma expressamente que a preparação de alimentos *no sábado não constitui trabalho*. Em que lugar da terra "matar a fome" poderia ser igual a "trabalhar"? A razão singela e sóbria já rejeita isso de antemão! O exemplo de Davi evidencia que a fome dos discípulos precisa ser levada a sério.

É sempre a mesma "triste cantiga" que ouvimos dos fariseus. A lei, que devia ser meio para o fim, que devia ser orientação e direcionamento, aio até Cristo, tornou-se para os fariseus *um fim em si mesmo*, para merecerem o céu através da minuciosa observância dela. Em lugar de caírem em si, ocupam-se, cheios de ódio, do "pecado" do "trabalho de colher espigas" no sábado, caindo sobre o Senhor com a acusação: **Vê, os teus discípulos fazem o que não é permitido no sábado!** Mas o Senhor defende seus discípulos.

O exemplo de Davi, tomado de 1Sm 21, é muito apropriado. Segundo a tradição, também esse acontecimento ocorreu no sábado! A atitude de Davi repousa sobre a idéia de que, em casos excepcionais, quando um dever ético (nesse caso a preservação da vida de Davi) colide com uma lei cerimonial, esta última precisa ceder. O erro do farisaísmo, portanto, era que o fim (o preparo de alimentos) tornou-se refém do meio (santificação do sábado). Era dever do sumo sacerdote (naquele exemplo do AT) preservar a vida de Davi, o legítimo representante da teocracia, e de seus companheiros, ainda que às custas de uma lei cerimonial.

Nesse episódio da colheita de espigas, Jesus cita ainda outro exemplo de violação do sábado segundo os fariseus, a saber, os serviços dos sacerdotes no templo em dia de sábado, quando ofertam os holocaustos e realizam outros atos cultuais.

Para os sacerdotes no templo até se torna obrigação anular o sábado. Permanecem sem culpa porque o **templo** é **superior** ao sábado. Por isso Jesus acrescenta a explicação (referindo-se a si próprio): **Aqui está alguém que supera até mesmo o templo**, ou seja, alguém em cujo serviço pode acontecer bem antes uma tal libertação da lei do sábado. Se os discípulos de fato tivessem quebrado o descanso do sábado, com isso não teriam cometido pecado, pois:

- O Filho do Homem (em cujo serviço se encontram) é senhor do sábado;
- Preparar comidas no sábado não é trabalho.

2. A segunda controvérsia do sábado, 12.9-14

Mc 3.1-6; Lc 6.6-11

9 **Tendo Jesus partido dali, entrou na sinagoga deles.**
Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida; e eles, então, com o intuito de acusá-lo, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado?
Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali?
Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem.
13 **Então, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e ela ficou sã como a outra.**
Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida.

Novamente é sábado. O Salvador encontra-se na sinagoga, onde vê um homem com uma mão aleijada. Também os escribas e fariseus o vêem. O ser humano comum certamente sentirá pena desse pobre deficiente, e pensará: "Meu bom homem, graças a Deus está aqui o Salvador que já restaurou a tantos. Por meio dele Deus ajudará também a você." Não é assim que pensam os fariseus. Seu coração foi sufocado sob a crosta dos preceitos e opiniões, dos "muros e cercas", e morreu.

"Será que ele vai curar no sábado?" Era essa a única questão que os preocupava. Sempre o vêem realizando **curas**. Mas curar é para eles realizar um trabalho igual a assar pão, beneficiar madeira e construir casas.

Havia prescrições exatas para a cura de doentes no sábado. A escola mais rigorosa, a do rabino Shammai, proibia até *consolar doentes* no sábado! Nesse dia apenas se podia curar e ajudar quando a vida estivesse em perigo. Mas quando não havia risco de vida, ajudar um doente no sábado significava profanar o sábado, o que era punido com morte por apedrejamento.

O doente na presente história *não* estava em *perigo de vida*! No dia seguinte ainda haveria ocasião para ajudá-lo. Como os fariseus já tinham se mostrado como fiscais rigorosos no episódio anterior da colheita de espigas no sábado, seria prudência humana, neste momento, ter cautela, para não provocar desnecessariamente a ira dos adversários.

O que faz Jesus? Intencionalmente, ele deixa o conflito evoluir para os extremos, provoca a reação, *ele quer* a decisão; ele desafia os adversários, dizendo: Quem de vocês, tendo uma ovelha que, num sábado, caísse numa cova, **não a pegaria e arrastaria para fora? Quanto mais precioso, porém, é um ser humano que uma ovelha!** Os antagonistas **se calam**. Esse silêncio significa ou falta de saída ou ódio do inimigo traiçoeiro. Talvez seja mais do que ódio, talvez já seja uma *obstinação* que não aceita mais nenhum argumento e que *conscientemente persiste* no ódio, na ira e na mentira. "Jesus olhou-os ao redor, indignado e condoído com a dureza do seu coração", lemos em Mc 3.5. Uma vez que para Jesus o alfa e ômega de seu agir é fazer o bem *sempre*, a qualquer tempo, também no sábado, não importa que conseqüências isso possa ter, ele diz ao homem: **Estende a tua mão!** Para Jesus existe somente uma única questão: O bem *tem de* ser feito, imediatamente!

É isso que queremos aprender aqui com Jesus, com sua coragem sem transigências. Jesus nos ensina a não capitular diante do mal em nenhuma circunstância, mas, sim, partir para o ataque com a força do alto, com a ajuda da *dýnamis* e da *enérgeia* divina. Cristo nos mostra como se deve introduzir no império de Satanás o reino de Deus, como a mão ressequida, atrofiada e morta precisa ser *transformada* em uma mão viva, que restaura, traz ofertas, ora e luta. Quando se assume essa

atitude, acontece *transformação*, aparece a *dýnamis* de Deus e mostra-se o que é verdadeiramente a *comunidade de Jesus Cristo*.

A conseqüência destas transformações, o efeito desse ataque do alto, porém, sempre é o ódio do mundo. A última palavra dessa história é: **E conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida.**

Deliberar como poderiam **tirar-lhe a vida**, no entanto, *não constituía para os fariseus uma profanação do sábado*. Como eram obcecados os inimigos de Jesus! Consideram Jesus, por ter realizado um benefício no sábado, um *violador* do sábado. Eles próprios, porém, não ponderam que justamente eles profanam o sábado com seus pensamentos homicidas. Pensamentos de morte e ódio são equivalentes ao próprio assassinato (segundo Mt 5.21s).

Ou seja, "matar" alguém no sábado não é violação do sábado, enquanto curar uma pobre pessoa doente é. Que cegueira terrível!

O fato de que encontramos Jesus regularmente nos sábados na sinagoga, no lugar em que se pode ouvir a palavra de Deus e onde ele próprio pode explicar a Escritura, revela-nos o quanto Jesus preza o sábado. Como se deve usar o sábado ele mostrou curando a mão atrofiada da pessoa infeliz, batendo de frente, sem se abalar, com a crescente conspiração contra ele.

3. Perseguido pelos inimigos, amado pelo Pai, 12.15-21

15 **Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou,**
advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade,
para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías:
Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei
repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios.
19 **Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz.**
20 **Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor**
o juízo.
E, no seu nome, esperarão os gentios.

Observação preliminar

Exteriormente, Jesus se retrai. Até proíbe aos que cura que façam divulgação dos milagres de restauração. É admirável como o Senhor demonstra a prudência recomendada aos discípulos no cap. 10. Quando Jesus soube dos planos homicidas dos seus adversários, ele não os enfrentou apelando atrevido ao socorro de Deus, fazendo valer o direito de receber ajuda divina. Pelo contrário, retraiu-se. Sua hora ainda não tinha chegado.

No entanto, justamente ao se retirar, silenciando e ocultando-se, é que Jesus revela seu poder como realizador de milagres e restaurador. Isso acontece numa proporção tal que Mateus é impelido a lembrar Isaías 42.1-4, onde o profeta afirma que a obra do servo de Deus salvador se realiza no silêncio, sem alvoroço e sem apelações propagandísticas.

O Salvador, o Messias, não fará barulho, não brigará, não gritará nas ruas – por isso será chamado de **amado de Deus**, o amado em que Deus teve prazer. Ele **não quebrará a cana dobrada**, **não esmagará o pavio que ainda está ardendo**. Mateus evoca, a partir da profecia de Isaías, não somente que Jesus se retira para o silêncio por causa da inimizade dos líderes de Israel, mas também que seu nome se torna famoso entre os povos gentios. Em parte, Mt cita com bastante liberdade essa passagem de Isaías, mas no sentido correto. Talvez ele tenha se lembrado de Zc 12.10 e Hc 1.4: Jesus é realmente o "servo" escolhido por Deus, o seu "amado"! No texto original hebraico consta *único*! A LXX verteu o termo como *amado*. O Espírito de Deus que repousa sobre o servo de Iavé evidencia-se no recolhimento e no recôndito. Não obstante, apesar de seu silêncio e recolhimento, ele levará o **direito** e a **justiça** de Deus a todos os povos. Fará triunfar em todo o mundo a justiça de Deus – por meio de seu sofrimento e sua morte! No texto original grego lê-se: "Para que a justiça de Deus seja poderosamente conduzida para fora".

O quadro maravilhoso do Salvador traçado por Mateus dará novas forças e consolo para a nossa vida. Cabe-nos *andar calmamente* o caminho que Deus delineou para cada um, sem olhar para a direita ou a esquerda, sem ter em mente alvos e desejos pessoais. Contudo, devemos andar nosso caminho em direção do alvo, através de todos os obstáculos e dificuldades, unicamente correspondendo de modo obediente à vontade do Pai, comedidos e não obstante firmes e conscientes, humildes mas com passo seguro!

4. O ódio traz consigo as mais terríveis conseqüências, 12.22-30

(Mc 3.22-30; Lc 11.14-23)

22 **Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o (cego e) mudo a falar e a ver.**
E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi?
Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios.
Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto (acaba em ruínas), e toda cidade ou casa (família) dividida contra si mesma não subsistirá.
26 **Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?**
27 **E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes.**
Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.
Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa.
Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.

O que foi profetizado ao menino Jesus cumpre-se nele como homem. Cada vez mais ele se torna um *sinal* contra o qual se dirigem controvérsias. As *queixas* dos fariseus transformam-se na *acusação* ainda mais grave, de que ele está agindo por meio de Belzebu, incriminação essa que se levanta contra Jesus por motivo da cura. A mudez e cegueira no v. 22 não eram de natureza física, mas conseqüências de possessão.

Aí se levantam vozes no meio da multidão tomada de espanto, as quais formulam *a pior das acusações*.

Os fariseus declaram: Existe um pacto entre Jesus e Satanás. Para conferir-lhe crédito, Satanás lhe concedeu poder sobre seus súditos. (No que segue, aderimos aos pensamentos de Godet, no seu comentário a Lucas.)

Dos evangelistas Mateus e Lucas parece que se pode deduzir que nos círculos farisaicos de fato se havia concordado em tratar Jesus como *endemoninhado*. Por dizer a verdade àqueles que se consideravam representantes privilegiados da verdade e da santidade e que pensavam possuir um *monopólio* dos bens do reino de Deus, ele tinha de ser a mão direita de Satanás e da mentira. Estava anunciado o veredito da hierarquia de Jerusalém sobre Jesus. Professores da Lei, vindos de Jerusalém e representantes do clima hostil do partido judeu na capital, aproveitaram o rumor surgido na Judéia e Peréia para levantar uma acusação pública. Aquelas pessoas de Jerusalém pensavam que Jesus expelia o diabo unicamente por intermédio de Belzebu, o **maioral dos demônios**. Essa acusação não é somente uma *injúria* proferida a esmo por causa da *irritação* com o impacto dos atos de Jesus sobre o povo, mas é um *golpe* desferido contra a raiz da ação restauradora de Jesus.

Para *provar* a falsidade da acusação levantada contra ele, Jesus apela primeiro ao bom senso. Seus acusadores não tiveram a coragem de expressar sua idéia contra ele pessoalmente. Tinham-na pronunciado somente entre si! Mas Jesus os desmascarou. Em Lucas, Jesus cita um exemplo, a saber, de um país em que há guerra civil e que é destruído pelas discórdias internas. Mateus, no entanto, relata os exemplos da **cidade**, da **casa** e da **família**. – O reino de Satanás *também* está sujeito a essa lei. E não é admissível que Satanás queira provocar sua própria ruína.

Depois de expor a *irracionalidade* da acusação, Jesus demonstra que a afirmação tem origem unicamente na *maldade* dos fariseus.

Do NT e por Josefo sabemos que, na época de Jesus, havia entre os judeus numerosos exorcistas que faziam da expulsão de demônios, mediante pagamento, a sua profissão (cf. At 19.13: "alguns dos exorcistas itinerantes…"). Também o Talmude menciona esses exorcistas. São essas pessoas que Jesus designa com a expressão **vossos filhos**. Portanto, ele está dizendo: "Os seus próprios compatriotas (carne e sangue de vocês), os quais vocês não pensam em renegar, mas de quem até se gloriam, *sobre as curas deles vocês não lançam suspeitas*". No futuro, no dia do juízo, eles

derrotarão os atuais acusadores de Jesus, porque comprovarão que os atuais acusadores são parciais na classificação de fatos semelhantes (se bem que *semelhantes* somente pela aparência *exterior*).

Depois de explicitar o erro da incriminação de seus adversários por meio do apelo à *bom senso* e com o exemplo dos *exorcistas*, Jesus passa a proferir a sentença conclusiva: Se a obra de Jesus não é a de Satanás, ela é a obra *de Deus*. Disso resulta que Satanás está sofrendo uma derrota decisiva. Jesus diz que ele realiza suas curas e expulsa os demônios pelo Espírito de Deus, i. é, sem todos esses artifícios e fórmulas mágicas usadas pelos exorcistas. Basta que ele levante o dedo – como Lucas (11.20) relata a respeito do Senhor: "Se, porém, expulso demônios pelo dedo de Deus…" – e Satanás solta a sua vítima. A locução **dedo de Deus** é símbolo do *senhorio incondicional* e da *supremacia sobre Satanás* (cf. a expressão dos feiticeiros do faraó ao verem os milagres de Moisés: Êx 8.19).

Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Não é somente significativo que a parte inicial da frase provém de Êx 8.19, mas também que através dela Jesus está afirmando que *as suas restaurações superam* em gênero e número todas as curas dos exorcistas judaicos, assim como, segundo o testemunho dos feiticeiros egípcios, as suas artes foram superadas pelos milagres de Moisés, evidenciando-se como tentativas débeis. Os milagres de Jesus, assim como os atos de Moisés, apresentam-se como puras ações de Deus através de seu servo fiel. Mais que outros atos de cura de Jesus, as expulsões de demônios se caracterizavam melhor como tais, na medida em que Jesus não usava nenhum outro meio a que se pudesse atribuir a causa da cura. Somente pela *palavra de ordem* Jesus expressava a sua vontade e a de Deus, sem que *jamais* tenha falhado e deixado de ter sucesso. Como, porém, é ao Espírito de Deus, ou ao "dedo de Deus", ou ao poder de Deus ativo por meio de Jesus (5.17; 6.19) e à vontade de Deus que se realiza por intermédio de Jesus, que cedem todos os maus espíritos, indefesos e sem resistir, então "também se deve concluir desse fato que o *reino de Deus* pregado por Jesus e seus discípulos chegou *perto* não somente dos ouvintes do Evangelho (Lc 10.9,11), mas dos contemporâneos *todos*, e começou a ser uma *realidade presente*. Na palavra e ação de Jesus, Deus *começou, como nunca antes*, a revelar-se como o único Senhor no mundo" (Zahn).

Nessas circunstâncias os fariseus têm de tomar cuidado. É um momento de decisão. O reino de Satanás está implodindo porque chegou o reino de Deus. Até agora os adversários de Jesus pensavam que o reino de Deus viria com pompa exterior. Mas chegou sem que os fariseus o suspeitassem. E o que fazem eles? Lançam contra aquele que está trazendo esse reino a sua acusação blasfema. Por meio de uma figura drástica, os v. 29 e 30 confirmam o pensamento expresso no v. 20. O patrimônio de Satanás (os endemoninhados) está a partir de agora entregue ao saque (eles são curados). Disso resulta que o próprio proprietário foi vencido por alguém que é mais forte do que ele. Do contrário Satanás não se deixaria espoliar. A metáfora dos dois heróis, dos quais um amarra o outro antes de roubar os utensílios dele, foi tirada de Is 49.24s. O profeta a aplica a Iavé, que arranca seu povo das mãos do opressor gentio. Há uma impressionante majestade na descrição dos dois lutadores, e desconhecemos outra palavra de Jesus em que ele tenha expressado de modo tão marcante o sentimento que o animava acerca da *grandeza de sua obra*.

No v. 30, as expressões **ajuntar** e **espalhar** poderiam referir-se a uma colheita: juntar o *cereal* ou espalhá-lo. No entanto, pelo contexto é melhor relacioná-las com um *rebanho* (Jo 10.13-16) ou com um *exército*. Em vez de conduzir Israel de volta para Deus, ajudando assim no seu trabalho de ajuntar, os exorcistas o expõem a influências nocivas que o afastam mais de Deus e o *conduzem* ao reino de Satanás.

"Todos os ouvintes do Senhor Jesus devem ponderar que, quem não for *aliado* de Jesus, é ou torna-se por causa disso seu inimigo, e quem não atua com ele reunindo, age justamente por isso como quem dispersa."

A primeira dessas frases presume que a obra de Jesus é uma luta contínua contra o mal. Essa luta nenhuma pessoa contemporânea pode assistir sem tomar partido, qualificando-a de uma ou outra maneira como se a luta não lhe dissesse respeito.

A segunda frase traz a idéia de que a tarefa da vida de Jesus consiste em *reunir* a sua comunidade. "Quanto menores os escrúpulos dos inimigos obstinados que *acusam* Jesus e tentam impedir sua obra, tanto mais insistente torna-se o desafio à multidão dos indecisos para que se coloquem ao lado de Jesus na sua luta contra todas as ações de Satanás e *lutem* e trabalhem *com ele* assim como com seus discípulos, se não quiserem que Jesus os tenha de considerar como seus adversários."

A obcecação dos círculos de fariseus já se revelou, como vimos, do modo mais *terrível*. Consideram como um *endemoninhado*, como um *emissário do diabo* aquele que Deus lhes enviou como Messias, como Salvador, como o Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. Perguntamos, abalados: Isso não é apavorante? Será que é realmente imaginável, possível? São *pessoas* que viram como nenhuma outra criatura mortal de modo tão direto, tão absoluto, tão real e factual a proximidade do Senhor Jesus, que olharam no seu rosto, que o fitaram olhos nos olhos, ouviram seus discursos, discursos como nem antes nem depois dele qualquer ser humano proferiu. São pessoas que presenciaram seus milagres, sim, até ressurreições, milagres que, com esse poder e autoridade, jamais foram vistos de novo, nem antes nem depois dele. Como é possível que essas pessoas chegassem a tal veredito sobre Jesus, a essa afirmação que beira a irracionalidade? Como é possível?!

Após refletirmos longamente sobre a questão, há apenas *uma* maneira de compreender o enigma. Os fariseus *não querem* aceitar os pensamentos de Deus. E a graça sempre de novo rejeitada transforma-se numa *condenação à obcecação e obstinação*.

O segundo aspecto que o trecho revela é a imensurável paciência de Jesus com os fariseus. Antes de censurá-los e tratá-los com dureza, ele empenha-se em salvá-los, esclarecê-los, indo a debates e refeições com eles. Também no presente episódio ele faz o máximo esforço para comprovar, com modos calmos e objetivos, o aspecto irracional de suas afirmações.

5. O que é "blasfemar contra o Espírito Santo"?, 12.31,32

Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada.
Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.

Por meio dessa terrível palavra sobre o "pecado contra o Espírito Santo", Jesus faz referência à terrível e odiosa acusação anterior dos fariseus contra ele. Afirmavam que Jesus era endemoninhado, que fazia seus milagres por ordem e em nome do diabo. Atribuir essas obras, das quais resplandecia a santidade e o poder do Espírito divino, a Belzebu, significava zombar consciente e intencionalmente da entidade divina, da qual parte toda luz e todo bem.

Proferir um *ultraje* contra Jesus, que se apresenta às pessoas numa forma tão humilde e tão diferente da imagem que se fazia do Messias esperado, constitui uma transgressão, uma ofensa. No entanto, ela não precisa necessariamente brotar de uma intenção *maldosa*. Podia muito bem acontecer a um judeu sincero, mas dominado por preconceitos farisaicos, absorvidos já junto o leite materno, que considerasse Jesus como uma pessoa antidivina, um violador do sábado, e, por isso, um charlatão. Esse é o mesmo pecado que o jovem Paulo cometia *antes* de sua conversão. Jesus está disposto a perdoar aqui ou no além qualquer dessas ofensas que se referem apenas à pessoa terrena dele. Contudo, uma ofensa dirigida contra o que é divino em si, a saber, contra o Espírito Santo, atribuindo as *obras* do Espírito Santo ao espírito maligno, é denominada de **blasfêmia contra o Espírito Santo**. Isso, declara ele, é um pecado imperdoável. A verdade dessa ameaça foi comprovada pela história de Israel. Esse povo recebeu um castigo tão terrível, não porque tivesse pregado Jesus à cruz . Pois nesse caso o dia da morte de Jesus teria sido a data do julgamento desse povo, e Deus não lhe teria oferecido por mais 40 anos o perdão por esse pecado. Contudo, o que encheu a medida dos pecados de Jerusalém foi terem rejeitado a pregação apostólica, terem resistido teimosa e propositalmente à ação do Espírito de Pentecostes. O pecado realmente imperdoável não é a rejeição da verdade por causa de um mal-entendido, mas é o ódio a Deus propriamente dito, que leva a que se atribua, p. ex., a origem do evangelho a uma fraude, ou, em outras palavras, ao espírito maligno. É o ódio àquilo que é santo. Esse torna-se possível somente quando se destrói e anula *conscientemente* o impacto que o Espírito Santo produz em todo coração íntegro. Em todo caso, trata-se não de um *ato isolado*, mas sim do *estado interior* em que a pessoa se encontrar quando tiver de comparecer diante de Deus.

6. A árvore e seus frutos, 12.33-37

(Lc 6.43-45)

Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom **ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.**
Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração.
35 **O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más.**
Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo;
37 **porque, pelas tuas palavras, serás justificado e,** ***pelas tuas palavras, serás condenado*****.**

Sobre esse texto W. Trillhaas formula excelentes palavras explicativas quanto à sua aplicação prática:

Nós, pessoas de hoje, estamos todas acostumadas a levar muito mais a sério as *ações* que as *palavras*. Costumamos ver um crescendo na antiga tríade "pensamentos, palavras e ações". Afinal, que são as palavras! Pela imprensa e pela propaganda fomos acostumados a uma inflação de palavras. Não levamos a sério uma pessoa muito faladora. Desde Talleyrand estamos acostumados a que na política vige que as palavras existem para esconder os pensamentos.

Portanto, a primeira coisa que aprendemos nesse texto é que precisamos levar a palavra falada *muito mais a sério* do que normalmente fazemos. "Não permitas que saia da minha boca nenhuma palavra vã." Com as palavras podemos causar graves danos, como nos instrui suficientemente a carta de Tiago. Podemos tornar-nos benfeitores de nosso próximo quando selecionamos conscienciosamente nossas palavras, quando falamos o melhor do outro, e quando também sabemos silenciar. Quando a palavra se torna mensageira de um coração *bondoso*, então ela transforma-se em benefício para quem tem necessidade dessa bondade.

Por isso a palavra é para Jesus a manifestação da essência da pessoa. Pelo *fruto* se reconhece a árvore. Jesus havia falado disso também no sermão do Monte. Em Mt 7.16-20 ele ensinou-nos a ver a comunidade como plantação de Deus: boas árvores, que agora precisam trazer bons frutos. Como é grande a decepção quando uma árvore que pertence a esse pomar de Deus não cumpre o que promete, não produz o que devia. Que decepção para o mundo! Pois está claro que o mundo deve esperar muito da comunidade de Jesus. Porém Jesus critica: Essas árvores não trouxeram frutos bons. As palavras são frutos da árvore, são decorrências da natureza da pessoa. E se é correta a lei: **A pessoa boa tira somente o bem de seu depósito de coisas boas** (v. 35), ela também pode ser invertida: a disciplina que aplicamos às nossas palavras *retroage sobre nossa natureza*. Não existe apenas um caminho de dentro para fora, mas também um caminho de fora para dentro. O desleixo interior do ser humano moderno tem a ver com o desleixo de seu exterior, de suas palavras, seus gestos, seu comportamento, de toda a cultura.

Precisamos ter em vista essa correlação se quisermos entender os v. 35 e 36. Jesus afirma que, no dia do juízo, teremos de prestar contas de cada palavra vã que dissemos. Sim, ele profere a espantosa declaração de que pessoas podem ser justificadas e também sentenciadas a partir de suas palavras. A palavra e a fé estão interligadas da forma mais estreita. Para Paulo era óbvio que a fé em Jesus Cristo, o Senhor, também precisa manifestar-se em palavras perante o mundo (Rm 10.9). A pessoa sem fé e sem convicções também se torna necessariamente uma pessoa de palavras ocas. Mesmo que, pois, as palavras sejam pequenas manifestações da essência da pessoa, mesmo que sejam apenas expressão *exterior* do coração, essas "miudezas" são decisivas. Nada é secundário. Até a palavra que dizemos a alguém na rua é importante. Aquilo que as pessoas falam umas com as outras está sob sua responsabilidade absoluta. Quanta maldade pode originar-se de um falatório fútil. Quantas bênçãos podem surgir quando a todo instante nos sentimos responsáveis uns pelos outros com nossas palavras. (Até aqui os pensamentos de Trillhaas.)

7. A exigência de sinais pelos fariseus, 12.38-42

(Lc 11.29-32)

Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal.

39 **Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas.**
Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.
Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas.
A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão.

Pede-se de Jesus um **sinal** do céu. Parece que, depois das terríveis e sérias palavras precedentes do Senhor, os fariseus e escribas de fato estavam assustados. Parece que queriam dizer com essa exigência: Dá-nos um sinal do céu, para que finalmente possamos ter absoluta certeza de que verdadeiramente vens de Deus!

Jesus replica: "Um sinal assim de fato acontecerá. Mas não será um mero milagre para ser admirado, como esse que eu deveria realizar neste momento segundo o desejo de vocês." Será um ato divino, que constituirá um elemento fundamental da obra redentora que Jesus tem de realizar na terra (Rm 4.25). Jesus tem em mente a sua ressurreição. Ele explica esse sentido da sua ressurreição a partir de Jo 2.19. O sentido, portanto é este: "Assim como Jonas, arrancado da morte, pregou aos ninivitas, assim também o Filho do Homem anunciará ao mundo inteiro a salvação, como Ressuscitado." A morte e ressurreição de Jesus tornar-se-ão um sinal, que uma parte negará e outra parte aceitará com fé.

Na verdade, se o povo de Israel fosse assim como deveria, não esperaria por um sinal extraordinário para crer em Jesus. A simples presença dele lhe bastaria. Esse novo pensamento é desenvolvido no trecho seguinte. *Salomão* não realizou nenhum prodígio celestial perante a **rainha do Sul**. *Jonas* não realizou um único milagre em **Nínive**. Não obstante, ambos obtiveram aceitação. A sabedoria de Salomão e a pregração de Jonas foram suficientes para conquistar a audiência dos gentios e movê-los ao arrependimento.

À "história de Jonas" segue o exemplo da rainha da Arábia meridional, que veio de um lugar longínquo para Jerusalém, atraída pela sabedoria de Salomão (1Rs 10.1-13). Por ter demonstrado seu anseio pelo conhecimento de Deus em Israel baseado na sua revelação, essa gentia decretará de fato uma sentença de condenação sobre o povo judeu quando, no juízo final (ao lado dos contemporâneos judeus de Jesus), tiver de se justificar diante de Deus. Esse Israel não deu ouvidos a Jesus, e passou por ele com indiferença e desentendimento, ele que é mais que Salomão (porque a sabedoria revelada nele está acima da de Salomão).

Os **ninivitas**, que também são gentios, arrependeram-se por causa da pregação de Jonas. Esse mortos se levantarão como testemunhas de acusação contra os judeus no juízo. Com que dramaticidade essas palavras de Jesus expressam tudo! Os dois exemplos se complementam: na rainha de Sabá há o *amor pela verdade*, nos ninivitas o *arrependimento* pela maldade praticada e o temor perante o juízo.

De onde vem essa falta de entendimento que o povo judeu está evidenciando, e que o impede de reconhecer na *vinda de Jesus* uma revelação divina?

Será que ainda não foi suficientemente esclarecido quem ele é? Os milagres ímpares das curas de enfermos e dos ressurreições não são sinais e evidências suficientes? Acaso Jesus não falou como "ninguém jamais falou antes dele" (Jo 7.46)? Não lemos em Mt 7.28s: "Quando Jesus terminou de falar, a multidão ficou impressionada, pois ele ensinava como alguém que tem autoridade divina (i. é, que tem chamado e incumbência de Deus)"? Acaso o povo israelita é desprovido de entendimento natural? Não, a causa é outra. Ela reside na condição interior do povo. Eles *não querem*. Cada vez mais caem no estado de obstinação! O motivo disso já foi dito na explicação do v. 30.

8. A parábola da recaída, 12.43-45

(Lc 11.24-26)

43 **Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra.**

44 **Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada.**
Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa.

Essa parábola da recaída quer ilustrar como Jesus levou a sério o seu chamado ao povo de Israel para arrepender-se. – O Messias veio para expulsar de Israel o diabo da rejeição a Jesus, assim como, nessa parábola, o Senhor descreve um único endemoninhado do qual foi expulso o espírito imundo. Se o povo de Israel, pela sua incredulidade, rejeitar Jesus, o Messias, o seu fim será pior que o início. A vinda do Senhor não resultará em salvação para o povo de Deus, mas trará a desgraça. O diabo expulso retorna com reforço sete vezes maior. Quanto maior for a oferta da graça, tanto mais terrível será a queda. Que seriedade essa palavra traz também para cada cristão!

9. Os verdadeiros parentes de Jesus, 12.46-50

(Mc 3.31-35; Lc 8.19-21)

46 **Falava ainda Jesus ao povo, e eis que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-lhe.**
47 **E alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te.**
Porém ele respondeu ao que lhe trouxera o aviso: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?
49 **E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos.**
Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Desconheceríamos o verdadeiro objetivo dessa visita, se o relato de Marcos, neste como em diversos outros casos, não complementasse o relato dos demais sinóticos. De acordo com Marcos, havia chegado até os irmãos de Jesus o boato de que ele estaria num estado de perturbação próximo da demência. Era o eco da acusação dos fariseus (v. 24): "Ele expulsa os demônios através de Belzebu". Por isso seus irmãos vieram com o objetivo de levá-lo para casa (Mc 3.21). Também no evangelista João observamos que, naquele tempo, os irmãos de Jesus assumiram, como em Marcos, uma atitude de dúvida e mesmo hostilidade perante Jesus. Em parte alguma é dito que Maria compartilhava a opinião de seus filhos. Porém é possível que ela previa um acontecimento desagradável entre eles em público e por isso desejava que pudesse minimizá-lo e talvez até evitá-lo.

Não queremos abordar aqui com detalhes a pergunta quem seriam esses irmãos (cf. nosso comentário sobre Jo 2.12). É certo que a explicação dos termos "irmão" e "mãe" deve ser entendida de modo bem *natural* e *literal*. O Senhor foi interrompido em seu discurso, sendo-lhe anunciado que sua mãe e seus irmãos estavam lá fora, desejando falar com ele. Imediatamente Jesus entendeu o significado dessa mensagem. Havia chegado um dos momentos mais dolorosos da sua vida. Precisava afirmar sua vocação divina *contra* sua mãe e seus irmãos. Não podia dar razão ao objetivo deles. Eles tentavam fazê-lo vacilar diante de todo o povo, provavelmente sem mesmo se darem conta disso. Portanto, Jesus tinha de defender a sua missão por meio de uma atitude inabalável, mas também salvar a fé deles. Ele exerceu esse rigor da maneira mais cuidadosa possível. Olhou para seus discípulos, assentados ao redor, dizendo solenemente: **Minha mãe e meus irmãos são somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai no céu.**

Por meio dessa declaração ele reafirma, acima de tudo, o seu maior princípio, a saber, realizar a vontade do Pai no céu. Ao mesmo tempo consolou sua família espiritual, que naquele instante não duvidava dele, enquanto sua família de sangue parecia vacilar. E, em terceiro lugar, ele menciona a condição sob a qual espera poder encontrar seus irmãos novamente. Ele espera que retornem à plena confiança e obediência ao Pai no céu. Foi isso o que aconteceu. Entre os fiéis da Páscoa encontram-se a mãe e os irmãos de Jesus. A delicada recusa com uma exortação indireta constituiu-se num evangelho para eles: "Arrependam-se e creiam em mim!" (cf. M. Kähler: "Vinde e vede").

Portanto, de forma alguma a resposta de Jesus contém uma negação do valor da família. Mas para ele existem laços mais estreitos que os de sangue. Especificamente para ele a vida de família, depois de seu batismo, podia ter um valor subordinado, porque ele foi incumbido de uma missão que

envolve a humanidade toda. Por outro lado, há muito ele havia encontrado uma família nas mulheres que o acompanhavam e cuidavam dele maternalmente, e nos discípulos que participavam com dedicação da sua obra. Em torno dessa nova relação de cunho espiritual e eterno é que foram tecidos os laços verdadeiros, enquanto que os laços sangüíneos são apenas exteriores e passageiros. Nessa afirmação de Jesus expressa-se um profundo vínculo e gratidão por essas pessoas que se sacrificam pela causa dele. No sentido espiritual aqui expresso, Jesus não fala de um pai, pois essa posição compete unicamente a Deus.

XI. O TERCEIRO BLOCO DE DISCURSOS: JESUS EDIFICANDO SUA COMUNIDADE, OU: A SEPARAÇÃO, 13.1-58

Observação preliminar

As sete parábolas consistem de:

Quatro parábolas perante o povo, 13.1-35;

Três parábolas para os discípulos, 13.36-52 (cf. Mc 4.1-34).

Este terceiro bloco de discursos constitui uma *unidade*, como o discurso missionário do cap. 10. Temos diante de nós sete parábolas. As primeiras quatro são proferidas perante o povo e os discípulos. Contudo, a *explicação* dessas parábolas é dada *unicamente* aos discípulos. As últimas três parábolas são dirigidas apenas aos discípulos. A eles é mostrada de modo especial a incomparável glória do reino de Deus. O reino dos céus é realmente digno do *empenho total* por parte da pessoa. Somente no futuro se revelará toda a sua beleza e magnitude. Desse modo as *sete* parábolas falam tanto da irrupção terrena do reino de Deus quanto de sua consumação escatológica.

1. A parábola dos quatro tipos de solo ou do semeador, 13.1-17

(Mc 4.1-20; Lc 8.4-15)

1 **Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar;**
2 **e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia.**
3 **E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear.**
4 **E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram.**
5 **Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.**
6 **Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se.**
7 **Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.**
8 **Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.**
9 **Quem tem ouvidos para ouvir , ouça.**
10 **Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas?**
11 **Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido.**
12 **Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.**
13 **Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem.**
14 **De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis.**
15 **Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.**
16 **Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem.**
17 **Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram.**

1-9 Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar; e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça!

A parábola dos *quatro tipos* de solo é apresentada, além de Mateus, também por Marcos (4.1-20) e Lucas (8.4-15). É Mateus quem traz a parábola com maiores detalhes, sobretudo em associação com o AT (Dt 29.3 e Is 6.9,10). O v. 14 de Mateus refere-se ainda de modo especial ao cumprimento das profecias de Isaías, ênfase pela qual se expressa, melhor que nos outros evangelhos, toda a seriedade desse discurso de parábolas no evangelho de Mateus.

A parábola do semeador, bem como as demais parábolas do reino de Deus, foram proferidas por Jesus no porto de Cafarnaum. Como ele morava em Cafarnaum, essa cidade ouviu e viu muito mais atos e discursos de Jesus do que as outras cidades. Assim, também nesse aspecto se cumpriu a profecia de Isaías (Is 9.1; Mt 4.12-17). Jesus havia prenunciado que justamente aos moradores daquela região (a saber, Zebulom, Naftali, a Transjordânia e a Galiléia dos gentios, i. é, Cafarnaum e arredores) a luz do Evangelho surgiria primeiro e de modo singularmente brilhante. Agora eles estavam vendo essa luz nas "pregações do reino dos céus" que Jesus proferiu ali durante cerca de um ano. O Senhor hospedava-se na casa do discípulo Pedro e de sua sogra. Para lá retornava após suas caminhadas (Mt 8.14). Até mesmo chamava Cafarnaum de sua cidade (Mt 9.1).

Visto que na margem próxima ao porto se aglomerava naquela ocasião uma grande multidão de pessoas que queria ouvir o Mestre, Jesus entrou num barco e assentou-se nele. Pediu que remassem o barco um pouco para dentro do lago, para que pudesse ver melhor os ouvintes e eles pudessem ouvi-lo melhor.

Os versículos 3b-8 formam a parábola do semeador proferida por Jesus. Já a primeira palavra, "eis", é significativa. É uma exclamação pela qual Jesus quer destacar a importância da mensagem que seguirá, e motivar os ouvintes para uma atenção redobrada e uma reflexão especial. Essa palavra ocorre 62 vezes em Mateus (cf. cap. 3, nota *d* sobre tradução).

A região adjacente fornece ao Senhor a imagem de quatro classes de pessoas que ele tem diante de si na parábola. Partindo da margem do lago, o relevo torna-se bastante íngreme. Nesses penhascos acontece com freqüência que a parte superior de uma lavoura possui somente uma fina camada de solo, ao passo que ele se torna mais profundo quanto mais se desce para a planície. Daí as diferenças apresentadas.

Poderíamos, agora, criticar o semeador por ter semeado com pouca destreza, porque tantos grãos se perderam. É preciso saber que na Palestina se semeia *antes* de lavrar. O semeador da parábola, portanto, caminha pelo terreno não lavrado. Intencionalmente semeia sobre o caminho que os moradores da aldeia pisaram no chão, porque o caminho será lavrado também. De propósito a semente é lançada entre os espinhos, porque também eles serão tombados. Tampouco causa estranheza que as sementes caiam sobre rochedos, pois a rocha ficará visível sob a fina crosta de terra somente depois que a lâmina do arado a arranhar. – Desse modo desfaz-se a crítica da inabilidade do semeador, porque o método de trabalho do oriental é diferente da do europeu.

Nessa parábola Jesus também afirma que até mesmo na terra boa a colheita é diferenciada. Lucas indica apenas o maior grau de produtividade: cem por um. Mateus e Marcos mencionam também os graus menores, Marcos em escala crescente, Mateus em escala decrescente. Na composição e qualidade, o solo nem sempre é equivalente. Em alguns locais a base é boa, em outros menos. Por isso o agricultor da nossa parábola obtém uma colheita parcialmente de cem por um, de sessenta por um e de trinta por um. – No v. 8 Jesus encerra abruptamente a parábola com as palavras: **Quem tem ouvidos, ouça!**

Com certeza todos que estavam à margem do lago tinham ouvidos e ouviram a parábola. Porém essas palavras possuem um sentido mais profundo. Jesus lembra as pessoas de que se trata, agora, do chamado "ouvido interior". Sem *ouvirmos interiormente*, a parábola não nos dirá nada. Pelo contrário, talvez venhamos a sorrir por causa dessa história simplória. Até poderemos nos irritar com o Senhor que nos expõe uma história tão insignificante. Talvez tenha sido de forma idêntica ou

semelhante que o povo de Cafarnaum pensou após ouvir a parábola. – Jesus conhece a diferença entre ouvintes *com* e *sem* "ouvido".

Abençoada é a pessoa de quem o ouvido é aberto. Davi agradece ao Senhor porque os ouvidos lhe foram abertos (Sl 40.6b). Em Is 50.5 o profeta confessa: "O Senhor me abriu os ouvidos". Antes de pregar as parábolas sobre o reino dos céus, Jesus queria preparar, pela sua atuação, o povo para abrir o ouvido interior. É por isso que podia dizer no final da parábola: "Quem tem ouvidos, ouça!"

10 Então se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas?

Esta pergunta dos discípulos introduz uma passagem especialmente significativa. – Os discípulos perguntam não somente por causa *de si próprios*, mas também por causa *do povo*.

Antes de respondermos à pergunta dos discípulos, temos de nos perguntar: O que é uma parábola? Uma **parábola** descreve verdades e processos espirituais do reino de Deus por meio de figuras da natureza ou da vida terrena. A parábola se distingue da figura simples e da comparação através da sua forma. Ela concretiza uma idéia principal. Essa idéia central ainda pode ser ilustrada com traços secundários. Nesse caso os traços secundários não possuem importância própria. A exegese deve restringir-se a buscar realçar a ou as idéias principais. – Nas grandes parábolas de Jesus é apresentada muitas vezes uma *narração* completa. Essa narração é designada de conto de parábola (do grego *parabolé* = justaposição). Todos os autores sinóticos trazem a palavra *parabolé* (ao todo 44 vezes). – João usa o termo *paroimía* = provérbio, ditado, *discurso* figurado (cf. Jo 10.6; 16.25,29).

Importante para nós é conhecer a diferença entre *parábola* e *alegoria* (discurso com metáforas), para não as confundirmos. Numa alegoria pura não se ilustra, como na parábola, uma idéia principal por meio de uma narração, mas *cada aspecto separado* requer uma interpretação. Uma alegoria pura é uma construção extremamente bem arquitetada. Por outro lado, como já dissemos, pode acontecer que uma parábola não queira iluminar apenas *uma só idéia central*, mas que contenha ainda outras idéias básicas que requerem uma interpretação.

Existem, pois, parábolas com uma característica mais ou menos alegórica. Por isso uma parábola genuína não é tão freqüente quanto se pensa. Isso também deve ser considerado em vista das parábolas de Jesus neste cap. 13.

Após termos definido o que é uma parábola e o que é uma alegoria, ainda não sabemos *por que* Jesus agora fala em parábolas. Qual é o sentido comum a estas sete parábolas de Jesus em Mt 13?

Os discípulos perguntam não sem razão, pois preocupam-se com o povo.

O que o povo deve fazer com a parábola de Jesus, se ele não a explica? Como as pessoas devem entender as palavras, se antes precisam matutar sobre o *sentido* do que ele diz? Como chegarão, então, à fé? Essa é, de fato, uma pergunta muito séria! Inclusive para hoje. De quem é o problema, se as pessoas não se convertem a Cristo? É por causa da mensagem, da explicação, da pessoa do pregador ou dos **ouvintes**? Talvez a pesquisa pelo sentido das parábolas nos possa dar uma resposta a todas essas indagações.

Vistas como um todo, as parábolas de Jesus são narradas de forma tão simples e clara que podem ser entendidas até por uma criança. Não obstante, persiste a dificuldade de descobrir o seu sentido.

Existe ainda outra questão textual, a saber, se a palavra grega *parabolé* (v. 3 e 10), da qual derivamos o termo "parábola", de fato coincide inteiramente com o sentido do discurso de Jesus. Há um termo correspondente hebraico, *mashal*, que talvez se aproxime mais do sentido do discurso de parábolas de Jesus. Pois *mashal* significa "palavra enigmática". Este *mashal* está ligado de modo mais claro ao conteúdo da parábola, a saber, ao aspecto enigmático do mistério do "reino dos céus", do que a palavra *parabolé*, pois explica a pergunta dos discípulos, *por que* o Senhor fala "mais claramente" em parábolas. Portanto, em lugar de "parábola" seria mais acertado dizer "palavra enigmática".

10-15 Então se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados.

Mais uma vez levantamos a questão já formulada acima: *Por que o Senhor fala por palavras enigmáticas?*

No aspecto essencial, pode-se dar duas respostas a essa pergunta: Se a ênfase estiver na citação de Isaías (6.9s: "Endureça o coração desse povo"), então o discurso de Jesus em forma de parábolas, ou melhor, a "palavra enigmática" de sua proclamação me revela que *começou o juízo sobre Israel*. Se, no entanto, considerarmos como acentuada a palavra **mistério** (v. 11), a palavra enigmática de sua proclamação mostra que *começaram o exame e a seleção* daqueles que querem seguir seriamente a Jesus e daqueles que *não querem seguir* ao Senhor.

Sobre a primeira resposta: É estarrecedor como a luta de Isaías para conquistar seu povo foi em vão, como pela palavra da graça o povo foi impelido ainda mais para a condenação. É quase inimaginável que o anúncio da graça desencadeia na pessoa justamente o efeito *oposto* quando, com um coração indisposto para o arrependimento, ela vira as costas para Deus.

É impressionante como o Senhor se empenhou pessoalmente pelo seu povo. Como deve ter sido doloroso para ele apontar aqui para o **julgamento**. Até mesmo a graça de Deus tem limites. Ela não se desperdiça com pessoas que não *querem* saber nada dela. Do *não querer saber* decorre, depois, o *não poder*!

As expressões de ter e não ter do v. 12 ilustram mais uma vez a grave seriedade de sua advertência: **Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.**

O objetivo é comunicar o seguinte: Deus não dá às pessoas uma posse permanente. Diante dele não se fica estático: ou se tem abundância ou não se tem nada, num total vazio. Naturalmente é dada a cada pessoa a oportunidade de receber a dádiva da palavra de Deus. Essa dádiva tem de tornar-se propriedade. Cabe agora desenvolver a dádiva e atuar com ela. É algo que já sabemos da vida terrena. Quando tenho uma área de terra, preciso cultivá-la para poder sustentar minha vida com os frutos dela. No entanto, se não *fizer nada*, ela fica ociosa e não me traz *fruto nenhum*. Tanto mais isso vale para a graça de Deus, que vem a nós pela sua palavra e sua ação. – Desse modo Israel recebeu muito, desde tempos remotos, pela palavra de Deus e, posteriormente, pela atuação de Jesus. Contudo, não aceitou a "palavra de Deus", que era Jesus e que foi trazida por ele, muito menos atuou com ela ou fê-la produzir. Por isso a palavra de Jesus se cumprirá assustadoramente: **Ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.**

Isso é julgamento! E como é sério: "Quem não permite que a palavra aja sobre ele com abundância, esse será despojado até do que tem".

Esse resultado, porém, como diz Riggenbach, não era "nem a primeira nem a última vontade de Deus para Israel", mas sim a *deliberação de intervir com disciplina*. Se o coração não se abriu ao primeiro brilho da verdade, será *ofuscado*, em vez de iluminado, pelo brilho posterior dela. Esse efeito é um julgamento. Visto que o faraó se negou, após as primeiras advertências, a se submeter, ele foi *julgado* pelas palavras posteriores. Se não quer se converter, que pelo menos vai servir à conversão de outros, através da evidente disciplina aplicada a ele. – Esta era a situação do povo judeu nos tempos de Isaías. Condição idêntica repete-se nesse momento crítico do ministério educativo de Jesus, ao qual chegamos agora no cap. 13: A nação de Israel repelia cada vez mais a luz que brilhava em Jesus. É por isso que essa luz se cobria com o *véu* da parábola, da palavra enigmática, que *oculta* a obra redentora, em vias de consumação, dos olhares dos indiferentes e impenitentes.

Quanto à segunda interpretação, determinada pela palavra "mistério" do reino dos céus: O mistério consiste em que a palavra enigmática do anúncio de Jesus deve desencadear *avaliação* e *separação* entre aqueles que querem *se decidir seriamente* a corresponder à vontade de Jesus ou não.

Em suas parábolas, Jesus não fala do evangelho em geral, e sim dos *mistérios* do reino dos céus, isto é, da obra histórica de fundar, desenvolver e consumar o reino de Deus (Mt 13.11; Mc 4.11; Lc 8.10). Nos três relatos ficou preservada essa expressão, "mistério". Acerca desse mistério divino dos céus Jesus não podia instruir o povo com palavras comuns. Até mesmo seus discípulos, bem mais adiantados, podiam ser introduzidos nele somente *aos poucos*. Não obstante, aproximava-se o fim da obra de Jesus. Chegara o momento em que ele precisava preparar a inevitável *seleção* entre as *almas receptivas*, que queriam entrar na nova ordem divina e colaborar com ela, e a massa que até então permanecera não-receptiva e que caminhava em direção do juízo da impenitência, e não da salvação. Essa *seleção* era o alvo da parábola, um objetivo que correspondia a toda a situação daquela época.

Os corações receptivos, atraídos pelas figuras das parábolas, aproximavam-se de Jesus, a fim de receberem dele explicações sobre o seu sentido. Dessa maneira ingressavam no círculo dos discípulos. Os elementos convencidos e hostis, porém, aos quais faltava qualquer interesse *sério* na incipiente obra de Deus, *afastavam-se* após terem ouvido as parábolas, preparando desse modo o *juízo*, como expusemos na primeira resposta.

Sob esse aspecto, as duas explicações apresentadas por nós para a razão de Jesus falar em parábolas não estão em contradição, mas constituem uma relação de efeito, a saber: o que a primeira explicação afirma (os discursos de parábolas significam juízo e obstinação) é *conseqüência* da segunda explicação, de que as parábolas significam "separação".

As parábolas revelam e ocultam a verdade da vida eterna, dependendo da situação do ouvinte – assim como a coluna de nuvem, que para os egípcios trazia *escuridão* e para os israelitas *iluminação* [Êx 10.23] (cf. sobre isso B. Weiss, *Das Leben Jesu* II, p. 27-30).

Todos os evangelistas reproduzem, na parábola do semeador, a afirmação de Jesus: **Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!** Nessa verdade da vida eterna, a *palavra de juízo* ainda tem a *marca do evangelho*. Para aquele que tem ouvidos para ouvir, a escuridão do mistério poderá ser um impulso para atentar para o discurso de Jesus em parábolas. Uma pessoa assim buscará resposta e esclarecimento. E a resposta não deixará de ser dada, *pois Deus não quer que pessoas se tornem obstinadas e não se convertam.* É ofensivo a Deus dizer que ele quer que pessoas endureçam o coração e não sejam convertidas. "Deus *quer* que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1Tm 2.4).

Entretanto, por ser *esta* a vontade de Deus, a pessoa precisa decidir-se a *favor* dela. E a vontade dele é que as pessoas cheguem ao conhecimento da verdade. – Como, porém, se reconhece a verdade? *Ouvindo e praticando a verdade*.

Aos discípulos Jesus declara:

16,17 Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram.

Jesus continua falando aos seus discípulos, incluindo-os de modo singular no círculo das suas palavras, mesmo que essas afirmações também sejam válidas para todas aquelas pessoas que ouviram o Messias e viram seus milagres. Obviamente Jesus *não* se refere apenas ao ver e ouvir *naturais*, mas ao ver *interior* e ao ouvir *interior*. Fala-se da vantagem especial dos discípulos, por serem escolhidos para conhecerem o "mistério" do reino de Deus. Seus discípulos receberam mais que todos os profetas e **justos**, termo pelo qual se designa os que foram verdadeiramente "fiéis", que serviram a Deus à sua maneira. Os crentes da antiga aliança ansiaram pelo dia e pela hora e creram e viveram com base nessa esperança. Só que eles não experimentaram em vida a irrupção do reino de Deus.

Por meio dessa bem-aventurança (v. 16), Jesus visa mostrar toda a grandeza da graça através do privilégio dos discípulos. Ou seja, não é mérito deles, mas unicamente graça de Deus. Foi a graça que os vocacionou e escolheu. Da mesma forma Pedro não podia reconhecer o Messias a partir de si próprio (Mt 16.13-20), mas pela *graça de Deus*. Por meio dessas palavras de Jesus soluciona-se também o aparente conflito com Jo 20.29, onde Jesus declara bem-aventurados aqueles que *não* vêem e *apesar disso* crêem. O sentido profundo está no fato de que é o Espírito de Deus que torna possível a visão interior. – Mesmo que nas palavras das parábolas Jesus não tenha apontado para si próprio, depreendemos que está sendo indicado para *ele*, *Cristo*, a quem os discípulos vêem. É por isso que João pode falar repetidamente do *ver*. Como, por exemplo, em Jo 1.14: "*Vimos* a sua glória". Milharem dos contemporâneos de Jesus *também* viram as suas palavras e ações – *e mesmo assim não viram nada*: porque não *queriam* ver nada!

2. A explicação da parábola do semeador, ou: os quatro tipos de solo, 13.18-23

18 **Atendei vós, pois, à parábola do semeador.**

19 **A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho.**

20 **O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria;**

21 mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.
O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.
23 Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um.

a. A primeira explicação da parábola

Jesus denomina a parábola dos quatro tipos de solo também de "parábola do semeador". Com isto ele dá uma "dica" uma importante para a exegese, ou seja, de interpretarmos a parábola não a partir do *solo* e, sim, do *semeador*.

Ocorre que o semeador nos serve de lição. No seu trabalho de semear, ele contabiliza muitos insucessos. Três quartos da semente espalhada se perdem! As propriedades do solo da Galiléia e a singularidade de seu cultivo forçam o semeador a contar com o fato inevitável de que somente poucas sementes encontrarão terra fértil. Contudo, o fato de que o semeador não permite que nenhum insucesso, por maior que seja, influencie de forma alguma sua dedicação e sua fidelidade no trabalho, torna-o grande para nós e o coloca como exemplo. O semeador não desanima nem se torna amargurado com o insucesso; ele não pensa nos numerosos impedimentos e adversidades que esperam a semente que lançou. Ele *conta* com a *colheita*. Como pessoa sóbria e realista, ele sabe dos perigos e das decepções. Não as menospreza. Os pássaros e o solo rochoso, os espinhos e o calor darão trabalho às sementes que ele espalhou. O semeador não *despreza* os perigos, nem tampouco os superestima. Não é nem pessimista nem otimista, mas realista. Não encara os impedimentos e as dificuldades como *mais importantes* do que devem ser considerados. Ele não vê tudo negativo, mas com toda a calma e fidelidade desempenha, dedicada e persistentemente, o seu dever.

Por outro lado, o sucesso também não o transtorna, a ponto de tornar-se vaidoso e orgulhoso. Em nenhum sentido deixa-se arrastar por expectativas falsas. Não se abala com nada. O que constitui o lema de todas as suas ações e faz dele um exemplo para nós, o que o define como verdadeiramente "bom semeador", é o propósito de cumprir fielmente a sua tarefa, com responsabilidade integral em servir e disposição séria de dar o máximo de si.

Será Jesus o semeador? Ou, em outras palavras: *É possível que Jesus se referia a si próprio quando falava do semeador*? Muitos intérpretes responderam a essa questão afirmativamente, declarando que a parábola mostra "como Jesus pensava sobre o sucesso do seu trabalho, como ele se consolava pelos esforços vãos, como se alegrava com o sucesso".

Acreditamos que não é possível concordar com essa interpretação.

Pensamos que, nessa parábola, Jesus não explanou suas mágoas e suas alegrias diante dos discípulos, ainda mais em forma de parábola. Isso ele fez em outra ocasião, sem falar por parábolas. Temos em mente passagens como: "Naquela hora exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Lc 10.21). Ou: "Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isso aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos. Sim, Pai, foi assim que dispuseste na tua benevolência" (Mt 1.25s).

Segundo o nosso entendimento, cremos que na parábola do semeador Jesus não pensou *em si*, mas em primeira linha nos *discípulos*, e nem somente nos *doze*, mas em todos aqueles que até hoje estão seguindo ao Senhor. Pois o dever de anunciar o reino de Deus não é restrito unicamente aos doze, nem é atribuição reservada ao ministério da pregação. Mas para cada um que veio até Jesus, vale o chamado: "Vá e anuncia o reino de Deus!" O lugar é lá onde você está: na família, entre os parentes, no círculo de colegas, na sua cidade. Cada cristão que crê é semeador, é pregador do evangelho, e *não* somente pela palavra, mas primeiro pela *ação*, e depois pela palavra. Sim, no próprio Senhor acontece primeiro a ação, e depois a palavra.

Veja At 1.1: "Escrevi o primeiro relato, querido Teófilo, acerca de tudo que Jesus *fez* e *ensinou* desde o início…" Está sendo citada, pois, primeiro a *ação* de Jesus e depois a sua *palavra*.

Sim, o Novo Testamento até registra um anúncio da palavra *sem palavras*: Vós igualmente, mulheres, sede submissas aos vossos maridos, para que, se houver alguns que se recusam a crer na palavra, sejam conquistados, sem palavras, pelo procedimento de suas mulheres" (1Pe 3.1).

Ademais, aos olhos de Deus o "amor sem palavras" é mais precioso que "palavras sem amor".

Vida de fé genuína é vida de semeador, caracterizando-se por um constante compromisso. O cristão sabe-se sempre devedor diante dos outros. Confira para isso palavras como a do sal e da luz [Mt 5.14ss]. Paulo diz: "Sou devedor aos gregos como aos bárbaros, às pessoas cultas como às ignorantes" (Rm 1.14).

No trabalho de semeador temos de tomar sempre como exemplo o bom semeador da parábola, com sua persistência e fidelidade, seu esforço e seriedade, bem como sua permanente disposição de se empenhar integralmente. Por nada podemos nos deixar desanimar. Mesmo quando a fidelidade e disposição de servir, espírito de sacrifício e amor não encontram eco, mas somente recebem ingratidão e desprezo, e até rejeição, os seguidores de Cristo sabem com toda a certeza: "A sua palavra não retornará vazia, mas concretizará aquilo para o que foi enviada" (cf. Is 55.11).

A isso se acrescenta: O discípulo de Jesus, do mesmo modo como o próprio Jesus, não é apenas semeador, mas também – e isso deve ser acrescentado como interpretação – *semente*. Pois todo o que crê em Jesus *deve* ser não apenas anunciador da palavra no agir e no falar, mas profunda e essencialmente também a própria palavra.

Sobre a explicação de que os discípulos devem ser eles próprios "palavra" de Deus, veremos agora mais detalhes ao tratarmos da segunda interpretação da parábola.

b. A segunda explicação da parábola

A segunda explicação refere-se à palavra dos muitos tipos de solo. É esta que queremos estudar agora.

Eram quatro os tipos de solo descritos na parábola. Esses quatro solos diferentes são exemplos de *quatro maneiras diferentes com que as pessoas recebem a palavra de Deus*. A parábola dos diversos solos não trata daqueles que *nunca* ouviram a palavra de Deus, mas daqueles que repetidas vezes escutaram a pregação da palavra. Eles se assemelham ao solo endurecido pelas pisadas, ao solo rochoso, à terra cheia de espinhos, e à terra fértil. A todos os quatro tipos de solo *foi dado em abundância a semente da palavra de Deus*.

Agora a parábola descreve como são as reações do coração humano à plenitude da palavra de Deus. – Os ouvintes da palavra não são por natureza "caminho endurecido", "chão pedregoso" ou "solo cheio de ervas daninhas". Eles *tornam-se* tais tipos de solo conforme se posicionam em relação à palavra de Deus. Dito de outra forma: Os quatro tipos de solo não significam que o coração é constituído de maneiras diferentes, e sim denotam *atitudes diferentes diante da palavra de Deus*.

Quanto ao primeiro tipo: Talvez alguém imagine que o **caminho duro** são aqueles aos quais a pregação sequer consegue chegar. Nós, porém, somos da opinião de que os endurecidos, os de ouvidos moucos e corações insensíveis são aqueles que a palavra de Deus não consegue atingir, apesar de a terem ouvido incessantemente. Com ouvidos saudáveis, não ouvem. Onde podemos ver isto? Em sua atitude em relação ao próximo. Sua atitude diante da palavra de Deus será igual. Assim como me relaciono com o meu próximo, me posiciono diante da palavra de Deus: "Quem não ama seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?" (1Jo 4.20). – Será que o outro realmente pode achegar-se a mim, ou permaneço frio, fechado, rígido e orgulhoso diante dele? Tenho ressentimentos contra ele? Estou amargurado? Deixo-o simplesmente de lado? Existimos para nos ferirmos mutuamente ou para nos fazermos o bem? Para promovermos o próximo ou para impedi-lo? Para sermos duros ou solícitos com o irmão? Para sermos sinais de orientação, ou obstáculos sobre os quais o outro tropeça? Para livrarmos do peso ou impor cargas? Dificultar ou aliviar a vida uns dos outros? – O que importa é como agimos! É assim que se mede como a pessoa ouve.

Quanto ao segundo tipo de solo: A figura é do **chão rochoso**. O Senhor diz na explicação: **A palavra é acolhida com alegria!** Também nós aceitamos a palavra com alegria, saímos *entusiasmados* de uma pregação. Porém, tão logo chegam as tentações, adversidades e dificuldades do cotidiano, acaba aquele entusiasmo pela palavra ouvida. Com isso, constatamos que o entusiasmo não tem lugar na casa de Deus. A palavra de Deus não entusiasma. A palavra de Deus mata. *A palavra de Deus é um martelo que pulveriza rochas* (Jr 23.29). *A palavra de Deus é uma espada de dois gumes* (Hb 4.12) – mas também é *bálsamo de Gileade* (Jr 8.22). Porém *não causa entusiasmo*! O lugar do entusiasmo é a reunião do partido, onde devemos ser entusiasmados pelos programas partidários. Quem é atingido pela palavra de Deus torna-se *sóbrio*. Todas as ilusões são postas de lado, em particular as ilusões sobre si mesmo, sobre a própria capacidade e religiosidade. Também é integralmente destruída a ilusão sobre o mundo e todos os seus programas. A palavra de Deus me

torna *sóbrio* e diz que sem Cristo sou maldito. Aí acaba de vez qualquer entusiasmo. Aí existe somente a submissão e prostração diante da majestade sagrada!

O entusiasmado é uma pessoa do momento. Seu entusiasmo não persiste. Quantas vezes basta uma pequena coisa para que fique desanimado, indisposto, resmungão, amargurado, irritado. A força de resistência de uma árvore contra ventos e tempestades corresponde à profundeza de suas raízes. Nossa força para resistirmos às adversidades e injustiças depende de estarmos enraizados na palavra. O modo como agimos no dia-a-dia, na situação concreta, constitui a medida para verificar se estamos enraizados na palavra ou se ouvimos de modo apenas superficial, se o coração é apenas solo rochoso.

A terceira variedade de solo é o chão cheio de **espinhos** e inço. Espinhos e ervas daninhas são as dificuldades pessoais do caráter, as disposições hereditárias do temperamento, a predisposição para a ira, para a depressão, para o melindre, a inveja e o desânimo. Pela manhã, em oração, nos entregamos firmemente na mão do Senhor para o dia todo. Contudo, muito em breve aquilo que falamos com Deus de manhã no silêncio fica encoberto pelas dificuldades e pelos afazeres do dia. E, quanto mais o dia progride, tanto mais nos afastamos de Deus e da sua palavra.

O peso do cotidiano esmaga e destrói a palavra de Deus em nossos corações, de modo que a semente acaba sufocada.

Qual é a causa disso?

É que não fizemos o que qualquer jardineiro faria, a saber, exterminar o inço. É preciso arrancar, com a força do alto, todas as ervas daninhas das nossas falhas de temperamento e deficiências, numa luta de fé, colocando depois a palavra de Deus de tal maneira no nosso dia-a-dia que predominem não mais as predisposições hereditárias mas a palavra de Deus, determinando o temperamento e o caráter. O modo como agimos é que importa!

Quanto ao quarto tipo de solo: Jesus diz acerca **da terra produtiva**: "Bem-aventurados os que ouvem e guardam *e* dão frutos" (Lc 11.28; Jo 15.2,6,16). Afirma-se, portanto, três coisas daqueles que se igualam à boa terra: Ouvir corretamente é *prestar atenção* e obedecer; guardar significa levar a palavra para dentro do cotidiano, deixar-se configurar por ela; dar frutos é "tornar-se pessoalmente palavra de Deus", ser uma carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito Santo (2Co 3.3).

Chegamos ao fim dessa segunda explicação da parábola do semeador. Destaca-se sua extrema seriedade. Dentre os que ouviram a palavra de Deus, somente a quarta parte é bem-sucedida. Ou seja: A linha divisória, da qual falamos no início, passa bem no meio dos ouvintes da palavra. A seriedade da situação nos faz recordar a pergunta dos discípulos: "Sendo assim, quem pode ser salvo?" (Mt 19.25).

É precisamente essa a grande carência da comunidade de Jesus, ou seja, que é tão triste a discrepância entre a pregação que se ouve e a pregação que resulta em ação, em outras palavras, entre ensino e vida, entre palavra e ação.

c. A terceira explicação da parábola

A terceira explicação da parábola é a interpretação *evangelística*, amplamente difundida. Constitui um chamado para que acordem aqueles que ainda estão "do lado de fora", o chamado de Deus às pessoas de nossos arredores, cujos corações se assemelham aos *quatro tipos de terra*.

Quatro são os chãos da fé –

Amigo, e o seu, qual é?

3. A parábola da erva daninha no meio do trigo, 13.24-30

Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo;

25 **mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se.**

26 **E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio.**

27 **Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio?**

28 **Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio?**

Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo.

Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro.

Esta parábola das ervas daninhas no trigal é material exclusivo de Mateus. Somente ele traz essa parábola. Outras vezes já nos deparamos com trechos exclusivos no evangelho de Mateus (p. ex., 1.1s,23; 6.1-4; 11.28-30).

A parábola do inço no meio do trigo é o mais longo trecho exclusivo de Mateus. Outras parábolas, contidas unicamente em Mateus, são: 13.44-46,47-50; 20.1-16; 21.28-32; 25.1-13.

A edificação do reino de Deus é ameaçada não apenas pela atitude *interior*, do *coração*, mas também *de fora*! A comunidade de Jesus sempre está numa *guerra de duas frentes*. É uma luta contra o inimigo *interior*, que vem de dentro, do "eu", trazendo problemas para a comunidade, e uma guerra contra o inimigo *exterior*, o diabo, que aflige a comunidade de fora. Nesta parábola do Senhor é descrito o perigo de *fora* e a posição da comunidade diante dele.

A explicação da parábola é trazida mais tarde, isto é, após as duas parábolas do grão de mostarda e do fermento. Está nos v. 34-43. Inicialmente abordaremos apenas algumas perguntas sobre a parábola propriamente dita.

Não seria tola a pergunta dos empregados: **Donde vem, pois, o joio** no meio da lavoura?

Empregados na agricultura deveriam saber que o inço cresce por si próprio. Mas, se aqui há um caso incomum, o motivo é que em anos anteriores a terra, que fora limpa pelos empregados, não apresentava uma *quantidade tão grande* de joio ("trigo do diabo") como desta vez. Isso era impossível por vias normais. Em *Arbeit und Sitte in Palästina* II, p. 308, Gustav Dalmann relata: "Geralmente é conseqüência de negligência humana quando há grandes quantias de inço numa lavoura. Entretanto, também a maldade de um inimigo às vezes pode ser a causa do inço, como está pressuposto em Mt 13.25 e 28."

Como, afinal, o proprietário sabe com tanta certeza que, enquanto todos *dormiam* (quando não tinha ninguém na plantação), o inimigo semeou o joio à noite? Certamente o proprietário conhecia muito bem o seu terrível inimigo, que espalhou tantas quantidades de ervas daninhas na sua terra.

Será que não existem maneiras mais cômodas de um inimigo prejudicar o seu vizinho? Dos usos e costumes daquele tempo sabe-se que no Oriente não eram raras maldades tão incríveis. Até o direito romano contém determinações contra tais ocorrências (Fonck, p. 134). G. Dalmann conta o seguinte exemplo, em *Arbeit und Sitte in Palästina* II, p. 308:

> "Um agricultor pobre, que havia levado para pastar o seu gado numa terra alheia, foi denunciado por um terceiro ao proprietário da terra. O denunciado relata pessoalmente como se vingou do denunciante: No fim do verão desci ao vale, no qual há juncos da altura de uma pessoa e com vagens de sementes semelhantes ao grão de capim africano. Colhi as vagens até encher a minha capa, passei as suas pontas pelas aberturas dos braços (da capa sem mangas), debulhei e soprei as sementes, e fui até a lavoura de Abu Jasin, que recém fora lavrada, e semeei nela as sementes do junco. Antes do ano seguinte, a lavoura estava bem cheia de juncos. Daquele dia até hoje passaram-se vinte anos sem que o proprietário pudesse rasgar um sulco sequer naquela terra, por causa da quantidade de juncos. As oliveiras (que havia ali) secaram, e ele as cortou."

Como se deve entender o v. 26? Depois que o cereal granou, também se pode *reconhecer bem* o joio com suas características, de modo que suas *espigas finas* não podem mais ser confundidas com as *espigas cheias* do trigo!

Por que o proprietário rejeita a pergunta dos empregados: "Queres que vamos e arranquemos o joio?" Porque, como confirma a resposta do proprietário no v. 29, neste caso ambas as plantas poderiam ser *arrancadas juntas*. O trigo possui raízes mais fracas que o joio. As raízes mais fortes do joio, a serem arrancadas, também arrancariam as do trigo. Na época indicada pelo v. 26, em que o trigo e o joio estão formando os grãos, também o desenvolvimento das raízes das duas variedades de plantas está adiantado e facilmente acontece um entrelaçamento. Na região de Hebrom ainda hoje se deixa crescer ambas as plantas até a safra.

Como se deve entender o v. 30? É antiqüíssimo o costume de destruir ervas daninhas pelo fogo. Durante a colheita os ceifeiros deixam o joio cair no chão, para que não se misture nos feixes. As hastes do joio no chão são reunidas em maços e queimadas ali mesmo no campo. Depois o trigo é levado ao depósito.

Enquanto a parábola dos diversos tipos de solo é uma parábola paradigmática (mostra o exemplo de um bom semeador e da aceitação diferente da palavra), a parábola do joio entre o trigo constitui

um discurso figurado escatológico, que aponta para o *éschaton*, i. é, para o fim, para o tempo de colheita do juízo final. A ênfase da parábola está na *colheita*, vista expressamente como o fim do atual tempo do mundo (cf. 13.49; 24.3; 28.20). Esse fato precisa ser considerado desde logo na interpretação da parábola, pois somente a partir dele se explicam algumas questões emergentes, que permaneceriam sem resposta sem essa consideração da ênfase! No decurso da interpretação indicaremos tais perguntas.

Para a interpretação da parábola do joio entre o trigo, veja depois dos v. 36-43.

4. As parábolas do grão de mostarda e do fermento, 13.31-35

(Mc 4.30-32; Lc 13.18s)

31 **Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo;**
32 **o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.**
33 **Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.**
34 **Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia;**
35 **para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação [do mundo].**

31,32 Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.

A parábola do grão de mostarda consta em todos os autores sinóticos, a saber, também em Mc 8.30-32 e Lc 13.18s.

Diz-se do **grão de mostarda** que ele é a menor de todas as sementes. Isso não é verdadeiro literalmente, mas sim proverbialmente. Quando se queria designar algo como muito pequeno, falava-se, em forma de adágio popular, da "sementinha de mostarda". Depois que essa sementinha de mostarda havia crescido até ser uma **árvore**, formava um *arbusto* de 3 a 4 metros de altura, o qual até hoje é denominado de "árvore de mostarda" pelos árabes. Ainda em tempos atuais essas imponentes árvores de mostarda crescem às margens do rio Jordão.

Qual é o sentido dessa parábola? Quem vê somente diante de si a semente de mostarda, não consegue imaginar que dessa sementinha insignificante poderia surgir uma árvore que supera todas as hortaliças em altura e magnitude. O *contraste* entre a *insignificância* da sementinha e a grandeza da árvore, em cuja sombra os pássaros se abrigam, com certeza constitui o *elemento básico* dessa parábola. A partir desse contraste poderíamos deduzir que o reino de Deus seria pequeno e modesto somente *no início* de seu surgimento, para depois, no fim, brilhar com poder e resplendor. O reino de Deus seria idêntico a um reino terreno que começou pequeno e se tornou um império mundial! Interpretações como estas poderiam ser imaginadas.

Contudo, temos de rejeitá-las. Em seu desenvolvimento, o reino de Deus é totalmente diferente do desenvolvimento de reinos e poderes da terra. Não foram prometidas à comunidade de Jesus na terra tempos de poder esplendoroso. Sem dúvida lhe foram dadas as maiores promessas, contudo num sentido bem diferente, que não tem nada a ver com a grandeza e o brilho terrenos. À comunidade de Jesus foi prometido que as portas do reino dos mortos (o *hades*) não prevalecerão contra ela (Mt 16.18). Entretanto, seu caminho aqui na terra não será o caminho do poder e da grandeza, mas sim o caminho do serviço, do sacrifício, da subordinação. E o fato de se falar das aves do céu, que encontrarão sombra e abrigo nos imponentes galhos da árvore de mostarda, não deve ser interpretado no sentido dos *povos pagãos*, que agora vêm à comunidade de Jesus para poderem, junto dela, ter uma "vida de paz e sossego". *Não*, a comunidade não oferece *desfrute* aos que são acolhidos por ela, e sim o já mencionado compromisso de servir e sacrificar-se! A comunidade de Jesus sem dúvida oferece a todos que vêm a ela a verdadeira *paz do coração*, a "paz que supera todo o entendimento" (Fp 4.7), mas não qualquer *comodidade* e paz exterior.

Sintetizando: Não se pode interpretar a parábola do grão de mostarda, quanto à sua relação com o reino de Deus, como se ele se desenvolvesse assim como poderes e reinos terrenos, mas sim no sentido de que é preciso ver a construção do reino de Deus a partir do *alvo escatológico*, do *alvo eterno*. O alvo eterno, no "fim dos tempos", será incomparavelmente glorioso. Todos os reinos terrenos se desfarão em nada diante desse reino eterno. Aqui na terra, considerada como nada devido à sua fraqueza e pobreza, a comunidade de Jesus será, então, "configurada como uma comunidade que é gloriosa, que não possui mancha nem ruga nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.27).

Talvez a parábola do grão de mostarda ainda possa ser alvo de uma segunda interpretação, a saber, quanto à "palavra do reino". É como opina Michaelis em *Es ging ein Säemann zu sähen einen Samen*. A "palavra do reino" seria, então, como uma semente de mostarda, mais precisamente, **como o menor dos grãos da terra**. É uma palavra frágil e pequena ao lado das palavras fortes e estrondosas que preenchem o mundo. É uma palavra pregada "com fraqueza", ainda que aconteça "em demonstração do Espírito e do poder" (1Co 2.4). Quem seria capaz de tirar uma conclusão, a partir dessa palavra, sobre a grandeza e força que reside nela? Não obstante, permanece de pé a promessa: "Céus e terra passarão. Mas as *minhas palavras* não passarão!" (Mt 24.35; cf. 2Pe 3.13).

Michaelis mencionou ainda uma *terceira* interpretação da parábola. A parábola do grão de mostarda aponta para a vida do próprio Jesus, a saber, para a humildade de sua trajetória na terra e para a glória de sua aparição no futuro (2Ts 1.10)!

Poderemos pensar na pobreza de sua vida na terra a partir da sua palavra: "As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20). Não obstante, o grão de mostarda se transforma numa *árvore*, em cujos ramos **os pássaros do céu podem fazer ninhos**. "A pedra que os construtores rejeitaram veio a ser a pedra angular. Isso procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos" (Sl 118.22s; Mt 21.42). Também essa interpretação asseguraria a relação com o reino de Deus. Pois a glória do Filho do Homem é a glória do reino de Deus (Lc 6.26s).

33 Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.

A parábola do fermento soma-se plenamente à parábola do grão de mostarda. Também ela mostra o contraste entre o início e o fim, a pequenez inicial e a grandeza final.

Não está subentendido um efeito nocivo do fermento sobre a farinha. A figura do fermento, mesmo nas demais passagens do Novo Testamento, não é usada em sentido *negativo*, sendo que em todas elas trata-se da grande *força* de fermentação. O próprio fermento deve ser visto como neutro. Mas seu incrível poder de penetração é que ocupa o campo de visão da parábola e também das demais passagens bíblicas do NT: "Não sabeis que um pouco de fermento levada a massa toda?" (1Co 5.6). "Um pouco de fermento leveda toda a massa" (Gl 5.9). "Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus" (Mt 16.6).

Todos esses textos falam da imensa força de fermentação do fermento. Essa metáfora gozava de uma popularidade proverbial. Também entre os rabinos se encontrava esse provérbio. Dizia-se que uma ocorrência aparentemente insignificante poderia adquirir importância para o conjunto.

É o que Jesus também quer dizer com a parábola do fermento.

As três medidas de farinha (no texto original *saton* = medida hebraica para cereais. 1 *sat* = 13 litros; em Mt 5.15 o termo é *médios*, um latinismo, aprox. 9 litros de acordo com Mc 4.21 e Lc 11.23) totalizam cerca de 40 litros, que são aproximadamente 20 quilos de farinha. Ou seja, é uma quantia grande de farinha que é penetrada por uma pequena porção de fermento.

A parábola está expressando a incrível força *transformadora* da "palavra do reino". Foi a fé nessa força de dinamite e energia inerente à palavra de Deus que sempre de novo deu aos mensageiros de Jesus em todos os tempos a coragem para se oporem a todo um mundo de poderes hostis!

"Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes. E Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são. A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1Co 1.27-29).

34,35 Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação [do mundo].

Mateus quer dizer nestes versículos o quanto Jesus, o mais poderoso pregador de todos os tempos, comunicou ao povo através dessas parábolas. Como os israelitas seriam enriquecidos se o tivessem aceito! Como é seu costume, o evangelista fundamenta por que o Senhor passou a anunciar ao povo somente **parábolas** (cf. Mt 21.28). Mateus fundamenta esse modo de discursar de Jesus com o AT. É ao Sl 78 que ele recorre. Neste salmo, Asafe fornece uma retrospectiva da história de Israel desde a saída do Egito até Davi e Salomão. A intenção de Asafe era dar um ensino ilustrado ao povo de Israel para que, da desobediência de tempos antigos, aprendesse para o presente. Por isso Asafe diz no intróito do salmo que ele quer falar em parábolas e palavras enigmáticas. Mateus, por sua vez, traz aquele versículo introdutório, numa tradução intencionalmente livre, para indicar com toda a clareza como o salmista, nesse seu método didático, é um bom exemplo de Cristo. Enquanto Asafe recorre somente a *figuras* da história passada de seu povo, a fim de instruí-lo para o tempo atual, Jesus retoma em suas parábolas mistérios que estavam ocultos nos planos divinos de salvação desde a fundação do mundo. São as parábolas do reino de Deus. O nome Asafe não foi citado por Mateus. Ele diz apenas "a palavra do **profeta**". Alguns manuscritos antigos, p. ex. o Sinaítico, inserem aqui "Isaías" como sendo o profeta. A edição grega de Nestle (1950, bem como edições anteriores) retiraram esse nome.

Admitimos que nem em Mateus nem em outro lugar do Novo Testamento se confere, numa citação do AT, ao cantor de um *salmo* o título de *profeta*. Será que não existe um engano por parte de Mateus? Strack-Billerbeck nos dá a resposta (p. 670): "A designação *profeta* podia ser dada a qualquer pessoa pela qual falava o Espírito Santo. Por isso já em 2Cr 29.30 o mesmo Asafe é chamado de "profeta".

Portanto, Mateus justifica o modo de Jesus falar com exemplos da *Escritura*. "Isso constitui novamente um traço da humildade de Jesus, que Mateus ilustra com o argumento de que Israel não foi receptivo para a sua palavra e Jesus não podia falar *abertamente* com Israel sobre o plano de salvação de Deus, mas tinha de *ocultar* sua palavra" (Schlatter).

Deve ser apontado não apenas para o caráter *punitivo* dessa forma de parábola, mas também para o *último chamado à decisão*: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!"

5. Explicação da parábola da erva daninha no meio do trigo, 13.36-43

Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo.

37 **E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem;**
o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno;
o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos.
Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século.
Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniqüidade
e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.
Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça!

A explicação da parábola subdivide-se em duas partes.

A primeira parte são os v. 36-39. Ela faz uma interpretação *alegórica* dos diversos elementos da parábola. A segunda parte é formada pelos v. 40-43, onde se descreve a "colheita".

a. A primeira parte: Explicação dos diversos elementos

Não se interpreta quem são os **empregados** do fazendeiro, o fato de **dormirem** e o seu **diálogo** com o patrão. Causa estranheza que os empregados não são identificados. Se, apesar disso, quisermos recuperar essa interpretação por nossa conta, resta-nos somente explicar os empregados como os discípulos de Jesus. Isso significaria que são os *discípulos de Jesus* que vêem o mato e de imediato querem arrancá-lo. Pela parábola, no entanto, eles são instruídos pelo Senhor em favor de uma solução melhor. – Talvez os discípulos se reconheceram como os empregados, e por isso não havia necessidade de o Senhor identificá-los como tais.

O homem que semeia a boa semente é o próprio Jesus. Ele fala de si na terceira pessoa, designando-se como o **Filho do Homem**. Mateus utilizou sete vezes essa autodesignação do Senhor, incluída esta parábola. O título "Filho do Homem" aparece pela primeira vez em 8.20, onde o Senhor afirma: "As raposas têm covis […] mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça". Em seguida o termo aparece em 9.6; 11.19; 12.8; 12.32; 12.40 e aqui. Os discípulos já conheciam a expressão e sabiam que Jesus se referia a si pessoalmente, e não somente em vista do *fim dos tempos*, mas também para o *tempo presente*! Na presente parábola o termo "Filho do Homem" deve ser entendido em relação à sua atividade atual (v. 37) e *simultaneamente* para o tempo da colheita *no fim dos tempos* (v. 41).

Nesta parábola a **semente** é interpretada de forma diferente que na parábola dos diversos tipos de solo. *Lá* a boa semente era a "*palavra* do reino", aqui as sementes boas são os ***filhos* do reino**! Para diferenciá-la da semente designada expressamente como **boa**, a semente *ruim* da erva denominada joio, uma planta especialmente daninha, é contraposta à semente boa nesta parábola. Na parábola anterior, naturalmente, não havia necessidade dessa contraposição.

Esta semente daninha designa os **filhos do maligno**.

Como semeador dessa variedade especialmente maligna de inço é citado o **diabo**. A erva daninha não cresceu por si, mas é **lançada** de propósito e **à noite** entre o trigo recém-semeado! Os filhos do maligno são a *semeadura dele*.

A boa semente e o joio mau são os dois grupos em que se divide a humanidade. De acordo com essa parábola, não existe um terceiro grupo de pessoas. Os "filhos do reino" são os que no final da parábola são chamados de "justos" (v. 43). E no fim da história os "filhos do maligno" são denominados de "escândalos" e "praticantes da iniqüidade". Se lembrarmos Mt 5.45, reencontraremos os justos e injustos de lá aqui como os *filhos do reino* e os *filhos do maligno*. Em lugar de "filhos do reino" pode-se dizer também "*crianças do reino*". A acepção da palavra "*filho*" em "filhos do reino" corresponde à expressão de Efésios 2.3, "éramos filhos da ira", que significa que o destino da pessoa já estava traçado. É nesse sentido que também se deve compreender a expressão "filhos do reino".

Os "filhos do reino" são aqueles em cuja vida o Senhor Jesus já tomou posse completa, que pertencem total e integralmente a ele, enquanto os "filhos do maligno" são os que foram monopolizados pelo diabo, tornando-se seus escravos e assumindo mais e mais seu modo de ser.

Não é recomendável falar, neste contexto, de "eleição", porque no NT, quando se fala de eleição, a referência é sempre à escolha por parte de Deus, nunca e jamais por parte do *diabo*. E a eleição de Deus, que deseja que todas as pessoas sejam salvas, concretizou-se de forma singular e de maneira mais clara na cruz do Gólgota. Karl Barth diz: "Em Jesus Cristo está não somente o meio, mas também o fundamento de nossa eleição".

O conde de Zinzendorf entoava: "Nas marcas dos cravos da tua cruz, descubro a minha escolha de graça e luz".

Chegamos à questão central da parábola:

Considerando que o Senhor adverte para que não seja feita já agora a separação entre justos e injustos, entre "filhos do reino" e "filhos do maligno", será que devemos concluir que não se pode ou não se deve sequer distinguir entre bons e maus, *convertidos e não convertidos*? Não é o que o Senhor afirma. Todo o NT fala seguidamente que é possível reconhecer quem é justo e quem é injusto. "Pelos seus frutos os reconhecereis" (Mt 7.16). Frutos sempre são visíveis. Nesse contexto tampouco se pode falar de uma igreja *invisível*. Em cada um dos seus membros a igreja de Jesus Cristo sempre é uma igreja *visível*, embora como *conjunto* ela agora ainda esteja oculta aos nossos olhos. Porém o *indivíduo*, que segue o Senhor Jesus seriamente, pode e deve *se diferenciar* de alguém que não leva a fé a sério e nem sequer pensa em seguir a Jesus. É claro que às vezes o disfarce (anjos da luz) ou as decepções podem iludir nossa visão! Persiste como válida a possibilidade de reconhecer o cristão, ainda que nós sejamos pessoas que erram e saibamos que "nem tudo que reluz é ouro", que nem tudo que é visível na comunidade de Jesus faz parte da visibilidade genuína, e mesmo que saibamos que a comunidade de Jesus enquanto corpo de Cristo ainda não foi revelada (1Jo 3.2), mas continua oculta porque Cristo ainda será revelado em Deus, i. é, em sua visibilidade e glória plenas. Apesar de saber isto, já existe fundamentalmente aqui na terra a "visibilidade" da comunidade de Jesus com todos os seus sinais característicos em toda parte!

Se, de acordo com a parábola, devemos esperar com o extermínio do inço até a colheita, esta solicitação não está fundamentada no fato de que inço e trigo não pudessem ou não devessem ser distinguidos um do outro ou que não fossem reconhecíveis. O único motivo para *esperar* até a colheita é que os discípulos *não devem, de si próprios* separar os dois grupos de pessoas. O sentido de separar é *julgar, condenar, punir*. É como João e Tiago, quando o Senhor não encontrou abrigo em Samaria, queriam pedir que descesse fogo do céu que consumisse aquelas pessoas (Lc 9.52ss). Não cabe aos discípulos exterminar os maus, mas exclusivamente a Deus, que o fará através do Filho do Homem no dia do seu juízo.

Certamente os discípulos deviam fazer a *distinção*, mas não a *separação* no sentido da condenação e do extermínio dos não convertidos.

É verdade que as diferenças entre os dois grupos de pessoas precisam ser observadas com clareza e nitidez e não devem ser desprezadas. Pois pecado é pecado, injustiça continua sendo injustiça, e mentira não pode ser transformada em verdade! Contra o pecado, a injustiça e a mentira é preciso proferir a pregação de arrependimento, a palavra que esclarece, corta e separa. Desmascarar e destacar o pecado e encarar o trigo como trigo e o joio como joio não significa arrogar-se o juízo de Deus com orgulho farisaico e "julgar antes do tempo". Também Paulo adverte em 1Co 4.5: "Não julguem antes do tempo, antes que venha o Senhor…"

A advertência do Senhor, de não arrancar e queimar o joio *antes* da **colheita**, também deve ser entendida no sentido de que a comunidade de Jesus não deve promover, com quaisquer meios carnais ou até pela força, pela coerção ou pressão, ou pela ameaça contra os maus deste mundo, uma separação (como fez, p. ex., Calvino em Genebra). Pois em 2Co 10.4 Paulo afirma, para caracterizar a atitude da comunidade de Jesus diante dos maus, que "as armas do nosso combate não têm origem humana, mas o seu poder vem de Deus".

Não compete à comunidade de Jesus arrogar-se o direito de proferir um julgamento antes do juízo final. Ela tem de esperar até a colheita!

Permanecem abertas duas perguntas:

Se ambos, "os bons e os maus", devem permanecer pacificamente juntos até "a colheita", como fica com a questão da disciplina comunitária? E como fica a *certeza de salvação*, quando todas as verdades sempre de novo se revelam como imperfeitas e até como falsas ou perigosas?

Quanto à primeira pergunta: A parábola não trata da questão da disciplina comunitária, porque não é a comunidade como tal que está no centro da abordagem, mas a comunidade em seu relacionamento com os "filhos do maligno", com os que estão do lado de fora. A questão da comunhão é solucionada em Mt 18.

Quanto à segunda: A certeza de salvação é algo bem *diferente* que o *esforço para ter segurança e garantias*. A questão da certeza da salvação é levantada nessa parábola para quem a compreende corretamente, no sentido de que a reflexão e o exame começa com a percepção do chamado: Faço parte do joio ou do trigo? Naquele que busca com sinceridade é despertado o anseio por certeza, certeza de estar salvo.

b. A segunda parte

Nos v. 39-43 a parábola apresenta a descrição do julgamento final. O juízo no fim dos tempos é retratado com a figura de uma **colheita**. É uma ilustração que já encontramos no AT. Lemos em Jl 3.13: "Lançai a foice, a messe está madura; vinde, calcai, o lagar está cheio; as tinas transbordam. Sim, a sua malícia é grande." E em Is 27.12: "Naquele dia o Senhor debulhará o seu cereal desde o Eufrates até o ribeiro do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um".

A figura da colheita como juízo final está contida também na parábola da semente em Mc 4.26-29. Igualmente João Batista visualiza o julgamento com a figura da eira, e a condenação dos maus para a perdição eterna com a imagem do fogo (Mt 3.12). Da "fornalha de fogo" fala-se mais uma vez em Mt 13.50.

A expressão **consumação do século** é usada por Mt ainda três vezes, em 13.49,50a; 24.3; 28.20. Mt 13.49,50a: "Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa…" Mt 24.3: "No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão essas cousas, e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?" Mt 28.20: "…Ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco até a consumação do século."

A finalização do *éon* (século, época, era) significa o encerramento do *éon* atual e a irrupção do *éon* futuro. – Os **ceifeiros** são os **anjos**. São denominados anjos **dele**, i. é., do Filho do Homem. Os servos e mensageiros do Filho do Homem, como tais, reunirão os escândalos e os malfeitores que há em seu reino assim como se ajunta o mato, enquanto no mais é o próprio Filho do Homem quem executa a separação entre justos e injustos.

Sobre a participação dos anjos veja ainda: Mt 25.31: "Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória…" Mt 24.31: "E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus". Mc 13.27: "Então ele enviará os seus anjos…", como em Mt 24.31.

Sobre a intervenção do próprio Jesus veja: Mt 3.12: "[Ele] traz na mão a pá, vai joeirar sua eira e recolher o trigo no celeiro; mas o refugo, ele o queimará no fogo que não se extingue". Mt 25.31-33: "Quando o Filho do Homem vier em sua glória acompanhado de todos os anjos, então ele se assentará em seu trono de glória. Diante dele serão reunidas todas as nações, e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Ele colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda."

Portanto, os seus anjos executam o juízo a partir de sua ordem. Corresponde ao conteúdo da parábola que a *separação* entre ervas daninhas e trigo e a *queima* do joio é feita pelos *anjos* do Filho do Homem. No mais, como já mostramos, o Filho do Homem executa pessoalmente o juízo.

A expressão **malfeitores** ou "praticantes da iniqüidade" é tirada de Sf 1.3: "Extirparei homens e animais, pássaros do céu e peixes do mar, extirparei o que faz os maus tropeçarem; suprimirei o ser humano da face da terra, oráculo do Senhor". E ainda Sl 7.9: "Cesse a malícia dos ímpios, mas estabelece tu o justo! Pois sondas a mente e o coração, ó justo Deus."

Em Mt a expressão "malfeitor" já foi usada em 7.23: "Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade!" Nesse texto aqueles que apenas dizem "Senhor, Senhor" são chamados de "praticantes da ilegalidade", malfeitores. Como isso é sério! Os meros ouvintes da palavra, os que apenas falam piedosamente, são igualados no fim do sermão do Monte aos que aqui em Mt 13.41 são os "filhos do diabo". E quantas realizações evidenciaram aqueles de Mt 7.23. Realizaram muito em nome de Jesus. *Fizeram milagres* e até *expeliram demônios* em nome de Jesus, proclamaram conteúdos *proféticos* – mas não obstante: *malfeitores*. Como isso é sério!

Aos "praticantes da iniqüidade" o Senhor diz no fim do sermão do Monte: "Nunca os conheci. Afastem-se de mim!"

Os "malfeitores" da parábola são lançados na fornalha. A fornalha quer dizer o inferno, a *geénna*. Cf. Mt 5.22; 18.8s e Mc 9.43-48.

Quanto à expressão **choro e ranger de dentes**, veja o exposto sobre Mt 8.12.

A parte final da explicação dirige a atenção para os "filhos do reino", designados por Jesus como "os justos". A gloriosa destinação dada a eles é comparável ao raiar do sol. Assim como o nascer do sol, visto do alto das montanhas, é um espetáculo incomparável e inesquecível da natureza, assim será glorioso um dia o **resplandecer** dos justos, no eterno reino do Pai celeste. Um resplandecer e raiar com brilho sobrenatural de eternidade a eternidade!

Quem tem ouvidos, ouça e adore!

O v. 43b faz retornar ao v. 9 (cf. Michaelis, comentário ao texto).

6. O tesouro na lavoura e a pérola preciosa, 13.44-46

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.

O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas;

46 **e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra.**

Estas duas parábolas têm por objetivo falar, na série das sete parábolas do reino dos céus, do *alto valor* e da *natureza oculta* da propriedade celestial. Os caminhos de chegada até o reino são iguais em cada caso. Deus mesmo entra na vida das pessoas. A *vida anterior* não é decisiva, indiferente se a pessoa buscava a Deus ou vivia em todos os pecados. O tesouro no campo foi achado *por acaso*.

Ainda que jamais tenha sido *procurado*, ele foi descoberto. No caso do comerciante, no entanto, houve a procura. Uma demorada busca antecedeu a descoberta, que então significou um achado totalmente inesperado de uma pérola preciosa.

Em ambos os casos os descobridores obtiveram a *dádiva* preciosa, que estivera oculta, unicamente por meio da graça de Deus. Logo, as pessoas chegam a crer unicamente por *graça*, e o tesouro pode ser encontrado sem que tivesse sido procurado, ou ele é procurado e, após muito tempo, é encontrado. Deus se doa e se revela por primeiro, depois surge dessa realidade, por livre decisão da pessoa, a fé. Sempre e em todos os casos a propriedade celestial tem um valor tão grande que todas as outras coisas podem ser largadas em troca dele.

a. Sobre a parábola do tesouro no campo

Do mesmo modo como o tesouro está enterrado no campo e permanece oculto aos olhos de muitos, assim milhares de pessoas passam correndo pelo campo que contém o reino dos céus. Pois quantas vezes, dia por dia, o Salvador caminhou entre as pessoas do povo de Israel, porém os judeus piedosos não viram aquele por meio do qual veio o reino de Deus em pessoa.

Exemplos de pessoas que acharam, sem antes terem procurado, são a mulher samaritana, Paulo, e o carcereiro. Em Rm 10.20 lemos: "Eu fui achado por aqueles que não me procuravam, e me revelei aos que não me pediam nada". E Is 65.1 diz: "Fui buscado dos que não perguntavam por mim; fui achado daqueles que não me buscavam; e a uma nação pagã que não invocava o meu nome eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui!"

b. Quanto à parábola da pérola preciosa

À parábola do tesouro oculto encontrado de forma totalmente inesperada contrapõe-se agora a parábola da pérola preciosa. O comerciante procurou por ela e finalmente a achou. Ao que procurava foi permitido achar, como fruto de sua ansiosa procura. Não parou numa procura vã. Pessoas que buscaram foram Cornélio, de quem relata At 10, e Lídia, da qual se informa que o Senhor lhe abriu o coração (At 16.14). Esses exemplos nos mostram que temos de buscar a Deus com toda a seriedade e manter-nos ao lado dele com toda a fidelidade. Do contrário, não teremos parte com Jesus. A pessoa para a qual a causa de Deus não é digna de *todo sacrifício*, jamais compreenderá a preciosidade da pérola. A pérola preciosa não pode ser destruída, perdida, e já pode ser conquistada aqui na terra, a fim de que atraia nosso coração para o céu. Os apóstolos Paulo e Mateus também largaram tudo quando reconheceram a riqueza que é Jesus. A pérola nada mais é que o próprio Jesus. Ele é a pérola, na qual está oculta toda a glória do Pai!

c. Acrescentemos mais algumas perguntas

Em que reside a concordância das duas parábolas? Está em que as duas pessoas que encontraram vão, vendem tudo e adquirem o bem. E, em ambos os casos, trata-se de algo muito precioso. O valor é tão alto que tudo o mais pode e deve ser empenhado.

Em que consistem as diferenças entre as duas parábolas? A primeira parábola fala que o tesouro foi encontrado por acaso; a segunda diz que a pessoa que procurava encontrou o tesouro. Que sentido resulta disso quanto ao procurar e achar? O reino de Deus é o maior de todos os *presentes*. Não é algo que precisa ser conquistado por *mérito*.

Este presente não é dado como resultado da busca, do esforço. Somente aquele que busca, i. é, que anseia pelo reino de Deus, que procura pelo reino dos céus, recebe esse presente. Não obstante, esse buscar e procurar não é produção da pessoa, mas graça. A parábola do tesouro no campo evidencia que o tesouro não depende da busca. Para o pobre diarista a descoberta aconteceu totalmente sem que a esperasse. É com a mesma imprevisão impressionante que sobrevem a conversão da pessoa, que transforma sua pobreza em riqueza (Ap 3.12-19).

É verdade que o comerciante rico estava à procura de belas pérolas, mas jamais sonhou que poderia encontrar uma pérola *tão preciosa*, acima de qualquer expectativa.

Será que a ação e atitude do diarista serve de exemplo?

Se sim, em que consiste este exemplo? Em que ele desiste de todos os bens por causa daquele *um* tesouro. Contudo, o diarista não deveria ter informado o proprietário sobre a descoberta? Quando comprou o terreno, ele não falou nada sobre o precioso bem que este continha. Pagou um valor inferior. Encobriu a verdadeira intenção da compra. Será que, afinal, era necessário que o diarista

comprasse o terreno? Não poderia simplesmente apoderar-se do achado, sem adquirir a terra? (Com certeza nós teríamos agido assim).

Temos de ter em mente que, ao narrar essas duas parábolas, Jesus não é advogado, nem professor de direito. Apenas quer ilustrar um pensamento prático, qual seja: Eles foram e venderam *tudo* o que possuíam, a fim de alcançar a posse do tesouro. O objetivo é demonstrar o valor inaudito do reino de Deus. *O reino de Deus está em primeiro lugar!*

O reino de Deus *não* é um bem *ao lado* de outros – não é algo que se situa no mesmo nível de outros valores, mas se opõe a todo o resto, e isso de uma forma tão radical como a *vida eterna* se opõe à *vida daqui*.

Paulo declara: "As coisas que para mim eram ganhos, eu as considerei como perda por causa se Cristo. Como não, eu considero que tudo é perda em comparação deste bem supremo que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por causa dele, perdi tudo" (Fp 3.7s).

A propriedade que alguém precisa abandonar é *diferente* de caso para caso. Podem ser vínculos exteriores. Podem ser vínculos da alma. Mas é preciso *abrir mão* daquilo em que a pessoa prende seu coração. O moço rico devia libertar-se de sua riqueza. De Abraão foi exigido o filho Isaque; era preciso que o sacrificasse!

Libertar-se dos vínculos da terra não significa, contudo, *negligenciar responsabilidades terrenas*. Portanto, a exigência de posicionar pai e mãe depois de Jesus não dissolve o 4º mandamento.

Por outro lado nos é dito: Somente quem ama o próximo ama a Deus. O amor ao próximo é como que a pedra de toque do amor a Deus (cf. 1Jo 4.16-20).

Para finalizar, acrescentamos alguns pensamentos práticos de Emil Brunner (em *Saat und Frucht*, 1946, p. 43ss).

Dizíamos antes que Jesus é a pérola preciosa. Brunner diz: "Jesus veio para a sua propriedade, mas os seus não o receberam. Eles os convidou para o banquete, mas os convidados todos se desculparam. Não compareceram. "Viram" todos a grande pérola, mas não a "adquiriram". *Por quê?*

Essa pergunta é respondida pela nossa parábola. A pérola custa uma *quantia enorme*. Do ponto de vista da racionalidade humana, comprá-la é uma ação por demais arriscada. Para seguir na linguagem da parábola, é uma especulação *louca*. Pois é preciso *apostar tudo numa única jogada*. Esta é a razão por que tantos a deixam na vitrine, por que tantos não atendem ao convite para o banquete, desculpando-se.

"É estreito demais o caminho, apertada demais a porta que leva à vida." "Quem quiser ser meu discípulo, negue-se a si mesmo e siga-me", cegamente. Confiando cegamente naquele que diz: Eu lhe darei tudo, se você *largar tudo – esse é o preço da compra*!

O que precisamos nós vender, para podermos comprar a pérola? Repito: *Tudo*. Contudo, que quer dizer isso? Acaso significa: É preciso largar o emprego, vender a casa, os móveis, deixar a formação, todos os bens culturais, todos os interesses profissionais? *Não, não é preciso entregar tudo isso. Deus quer apenas o teu coração.*

Entretanto, a Bíblia nunca separa o interior do exterior. *Quando alguém realmente entrega a Deus seu coração, sua vida, também o que chamamos de exterior irá junto.* A decisão por Jesus Cristo terá *conseqüências exteriores*, se realmente for autêntica, se não for uma decisão meramente aparente, um palavreado vazio.

Bem entendida, a questão na verdade é a seguinte: *A pérola não custa nada mais que seu coração, sua pessoa, você mesmo. É preciso deixar de si mesmo, soltar a si próprio, parar de ser seu próprio senhor, e deixar que Deus seja o seu Senhor. Parar de justificar a si próprio, e dar razão unicamente a Deus.* Parar de considerar-se importante, e dar importância somente a *Deus*. Deixar de conservar qualquer coisa para si que sabe que Deus não aprova. Significa crer e obedecer, significa aceitar a palavra de Deus. Ou seja, é preciso *soltar de si mesmo*. Os apóstolos descreveram este ato de soltar-se com uma palavra extraordinária: *morrer*. Morrer com Cristo, reconhecer sua cruz como julgamento sobre si como condenação, sabendo ao mesmo tempo que a ressurreição dele é minha própria vida nova. Quem de fato se solta, morrendo com Cristo, também é capaz de soltar os seus pertences, assim como Deus quer: bens, honra, saúde, posição ou o que mais for, tudo o que antigamente era importante.

É assim que precisamos compreender a palavra do Senhor: "Quem quiser salvar sua vida, vai perdê-la, e quem perder a vida por causa de mim, vai achá-la" [Mc 8.35].

É essa, portanto, a maneira como a palavra de Deus enquanto "tesouro e pérola" se apodera de nós. *Não* é um processo em que *somos passivos*, como alguém que espera pela morte. Pelo contrário, somos desafiados à dedicação máxima, ao empenho mais ousado, difícil e concentrado. Mas todo esse empenho consiste exatamente em dizermos não para nós próprios, também pensando em nossa capacidade, que não esperamos nada de nós mesmos mas tudo de Deus.

Até aqui Brunner.

7. A parábola da rede de pesca, 13.47-50

O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie.

48 **E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora.**

Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.

É marcante como o Mestre, na última das sete parábolas do reino de Deus, se apoiou em algo conhecido dos discípulos. Pois alguns dentre o grupo dos discípulos exerceram a profissão de pescadores e, desse modo, foram lembrados de sua antiga profissão. Por ocasião daquela pesca maravilhosa no lago de Genezaré, Jesus os havia chamado para serem pescadores de gente. Pedro, naquele tempo chamado Simão, o pescador, e seus três companheiros de pesca, na verdade tornaram-se os primeiros discípulos que Jesus chamou para segui-lo. Eram os dois pares de irmãos: Pedro e André, Tiago e João. Por meio da parábola, Jesus quer dizer aos seus seguidores – o que vale também para nós hoje – que somente na eternidade será revelado quem terá a herança. Não devem eles começar a separar. Cabe-lhes pescar tudo o que conseguirem alcançar. A separação fica reservada para o juízo final.

Os **peixes** eram pescados com grandes redes de arrastão. A **rede** significa a missão, a mensagem de Jesus. Lançar a rede é pregar o evangelho. Através dos mensageiros de Jesus, que são colaboradores na construção e na expansão do reino dos céus, a rede é lançada ao mar dos povos, a fim de pescar almas. O **mar** são todas as pessoas. A rede é arrastada por esse mar de pessoas, e os peixes são pescados. Conseguir os peixes é conseqüência da ordem missionária de Jesus: "Ide pelo mundo inteiro, proclamai o evangelho a todas as criaturas. Quem crer e for batizado será salvo, quem não crer será condenado" [Mc 16.15s].

A graça de Deus busca a todos e é oferecida a todos. Por isso todas as pessoas cabem na rede. A decisão sobre quem será salvo e quem será condenado é prerrogativa de Deus. Por isso é impossível, durante a pesca, organizar uma comunidade pura. A última separação acontecerá somente na eternidade. Quando o sal da palavra de Deus não atuar contra a podridão do eu, há o perigo de a nova vida regredir, de a vida de fé apodrecer. Os maus são lançados na fornalha. A **fornalha acesa** significa perdição eterna. Em Mt 25.41 é sentenciado: "Retirai-vos para longe de mim, malditos, para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos" (cf. Mt 5.22,29s; 10.28; 18.9; 23.15,33). Os relatos do Apocalipse coincidem com essas afirmações, informando sobre o lago de fogo, no qual serão lançados um dia o diabo e todos os sedutores e seduzidos (Ap 19.20; 20.10,14s). "E todo aquele que não foi encontrado inscrito no livro da vida foi precipitado no lago de fogo."

8. As palavras finais de Jesus acerca das parábolas, 13.51,52

51 **Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim!**

52 **Então, lhes disse: Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.**

51 Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim!

Os discípulos entenderam o que essas parábolas do reino dos céus significavam. Tiveram oportunidade de sentir e captar algo das verdades divinas. No povo de Israel, os escribas estavam impedidos de compreender, porque não queriam dizer *sim* para Jesus. Por isso não se encontravam mais dentro do reino dos céus, mas já estavam fora. No cap. 23, Jesus expressa sua condenação dos mestres do povo.

52 Então, lhes disse: Por isso, todo *escriba* versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.

Se os discípulos entenderam corretamente o mestre, então também são os professores adequados. Entenderam que devem ser colaboradores de Jesus. Desses **escribas versados no reino dos céus** Jesus afirma em Mt 23.34: "Por isso eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis. A outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade." Jesus expõe perante os discípulos toda a responsabilidade deles quanto à verdade recebida. Eles receberam formação para serem os verdadeiros escribas, instruídos para o reino dos céus. Devem, portanto, levar adiante a feliz notícia de Jesus. Desse modo os discípulos obtêm o nome de mestres reconhecidos, a eles é confiado o magistério autorizado, pois são professores dispostos a se deixarem instruir do alto. Como não conseguem alcançar ou ultrapassar o seu Mestre, eles permanecem alunos dele, os quais, porém, não querem reter nada para si.

O dono da casa usa o tesouro para comunicar *a outros* a sua existência. Com o uso, o **tesouro** aumenta. Isso todo pregador autêntico pode experimentar. Enquanto distribui o pão da vida, ele próprio recebe em abundância. Um bom servo de Deus edifica sobre o que é antigo. A comunidade de Jesus Cristo é a verdadeira continuação da fé do povo de Israel na revelação. Deus escolheu para si o povo de Israel, revelou-se e deu as promessas através dele. Agora, porém, todas as promessas foram *cumpridas* em Jesus Cristo. Por isso Jesus dá aos discípulos um *novo estoque*, mas de forma alguma podem desprezar o *estoque antigo*, o AT. A grande casa do tesouro da verdade é a palavra de Deus do Antigo e Novo Testamentos. Sem o NT, o AT não está completo. O sangue, derramado durante os sacrifícios no culto judaico, apontava para o sangue do grande cordeiro sacrificial, Jesus. Este, tal como foi ilustrado pelo serviço cultual e revelado pelos profetas, constitui o "tesouro" do AT. Jesus, com sua vida, morte e ressurreição, revelado pelo Espírito Santo, constitui também o "tesouro" do NT. Nosso Salvador, portanto, é *ambos* os testamentos, o AT e o NT. E cabe aos discípulos anunciar esse evangelho em sua plenitude.

9. Jesus concluiu sua pregação do reino dos céus e não perde tempo. Ele vai embora!, 13.53

53 **Tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-se dali.**

Jesus chegou ao fim das sete parábolas do reino dos céus. A mesma perfeição que somente Jesus pode ter tem também a sua *pregação*. Suas parábolas tratavam do mistério do *reino dos céus*. Sua palavra foi concluída. Tudo foi feito. A primeira parábola apresentou o semeador. O próprio Jesus é o semeador. Ele espalha a semente de sua palavra como Senhor, e quem se abre para ele colherá ricos frutos.

A parábola seguinte nos confronta com o fato de que Jesus *semeia somente semente boa*. Mas também o inimigo está ativo. Seu trabalho acontece escondido. O inimigo age quando está escuro em redor de nós. É nessa situação que ele semeia suas sementes de ervas daninhas. Os dois tipos de sementes crescem inicialmente escondidas, mas possuem força para multiplicar-se. Assim também surge o joio.

A terceira parábola sublinha que o fim a vida com Deus é glorioso. O início é semelhante a um grão de mostarda, parecendo pequeno e insignificante, mas ela se desenvolve formando uma árvore. A força para expandir-se é inerente à palavra de Deus e rompe qualquer prisão do pecado. Uma vez que o Senhor plantou dentro de nós a semente imperecível, ela produz um efeito grande e eterno. Uma evolução nos aperfeiçoará até sermos transformados em imagem dele.

A quarta parábola traz a comparação do reino dos céus com o fermento. Como parece fraco o fermento da palavra, comparado com a quantia de farinha do mundo! Não obstante, ele age incessantemente na massa do mundo, dentro e em redor de nós.

A quinta parábola nos diz que o reino é encontrado sem mérito próprio. Quem encontra a riqueza do evangelho, vende com alegria a propriedade da vida egoísta que levava.

A sexta parábola chama nossa atenção para a circunstância de que o bem precioso não foi encontrado por acaso, mas depois de buscas sensatas. O comerciante da parábola é uma pessoa séria, que reflete e *deseja* a melhor pérola. Por isso ele medita e procura. Também nesta parábola, assim como no *achado inesperado* da anterior, o homem vende tudo, a fim de ganhar integralmente o

tesouro incomparável. É assim que se deve largar tudo em troca de Cristo, não de modo forçado, mas *expontâneo*, para que o tesouro do reino dos céus nos torne ricos para a vida.

A última parábola aponta inicialmente para o resultado da pregação. A rede da missão alcança pessoas e fica cheia, contudo o seu conteúdo é diverso. Enquanto for tempo da graça, nós como pescadores de gente precisamos pescar e trabalhar. Apenas no fim do mundo acontecerá que poderemos assentar-nos com os anjos e avaliar a pesca. Muitos tentam fazer o último por primeiro. Não é essa a nossa tarefa. Quem for sem valor, inútil ou estragado, será lançado fora, ainda que tenha estado na rede da comunidade de Jesus. Mas quem for vitorioso será tirado da rede e oferecido ao seu Senhor. *Não é o início, mas somente o final que coroa a trajetória do cristão*.

Jesus tinha dirigido uma pregação bem perfeita ao povo e, sobretudo, aos discípulos. Agora ele pára. Não permanece no local. O que foi feito por bem e com bênçãos não deve ser colocado em risco por palavras inúteis. Por isso, quando Jesus encerrava sua pregação num local, partia, sentia-se impelido adiante, a fim de proclamar o reino dos céus também em outros lugares.

10. Jesus ensina em sua terra natal Nazaré e é rejeitado pelos seus conterrâneos, 13.54-58

(Mc 6.1-6; Lc 4.16-20)

E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos?
55 **Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas?**
56 **Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto?**
57 **E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa.**
58 **E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.**

54 E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos?

Em Nazaré Jesus tinha crescido. Agora retornou à sua cidade paterna para ensinar. Com que sentimentos o Salvador terá chegado ali! Ninguém deve ser excluído do reino dos céus. Por isso ele comparece à sinagoga deles, para anunciar o evangelho do reino. O evangelho de Lucas registrou para nós que Jesus lia do livro de Isaías (Lc 4.18s): "O Espírito do Senhor está comigo, porque me conferiu a unção para anunciar a boa nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos a recuperação da vista, para despedir os oprimidos em liberdade, para proclamar um ano de acolhimento da parte do Senhor."

Jesus não se encontra em Nazaré como um concidadão, mas reivindica que, com ele, teve início esse tempo messiânico.

É muito provável que o povo viera correndo à sinagoga, reunindo-se ali para ouvir o jovem conterrâneo que provocava tamanho alvoroço entre o povo em toda parte. Primeiramente ficaram **admirados**, sobretudo pela maestria com que pregava e realizava prodígios. Sua pregação era poderosa, mas depois da admiração deixou-os apavorados.

Os nazarenos não negam que Jesus possuía sabedoria e poder. Jesus as possui porque as recebeu de Deus. "Pois nele estava a plenitude de Deus." Logo, ele era mais que eles próprios em Nazaré. Contudo, isso não podia acontecer, que ele "fosse mais do que eles". Afinal, o "pai" de Jesus era o carpinteiro da localidade, **Nazaré**. A **mãe** e os quatro **irmãos** dele, Tiago, José, Simão e Judas, eram bem conhecidos dos moradores. Do mesmo modo as **irmãs**. Talvez fossem casadas, vivendo em Nazaré. As pessoas perguntam e dizem:

55,56 Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto?

Apesar da admiração e das perguntas, a genealogia de Jesus lhes pareceu humilde demais. Afinal, ele era de uma classe baixa demais. Ele era o conhecido **filho do carpinteiro**, como relata igualmente Mc 6.3. Também sua mãe era a simples Maria, e seus irmãos e parentes eram pessoas bem comuns. Entre os moradores de Nazaré, saber de Jesus e conhecê-lo em pessoa não trouxe impulsos para crerem nele, mas foi *motivo para a descrença*. Fixaram-se no nome da família e

lançaram dúvidas sobre o que não podiam compreender, apesar de que tudo estivesse tão evidente diante de seus olhos. Em vez da *fé*, a palavra de Jesus lhes trouxe a *incredulidade*. Como esse filho de carpinteiro poderia ter aprendido na oficina o que normalmente se observava na formação dada pelos rabinos? Não, não podiam aceitar o que ele falava!

57 E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua *casa*.

As pessoas de Nazaré são iguais a todas as outras pessoas. Quem lhes quer ensinar algo, precisa vir de longe, deve ter passado por um exame, deve ter um título! Porém, como Jesus provém de *Nazaré* e não possui uma formação e um título reconhecidos, eles *não* querem se inclinar diante dele! Não querem aceitar como verdade que Deus está com ele e que Deus o elevou acima deles. Irritam-se. Estão ofendidos na sua própria honra, invejosos. Não querem que alguém da sua estirpe seja maior que eles, que alguém de suas fileiras tenha a ousadia de reivindicar que era o inaugurador do tempo messiânico de salvação. E mais, que ele era *aquele* em quem todo o AT (Torá e profetas) *enfim se cumpriu plenamente!*

Eles *não querem que este governe sobre eles*. Não querem que Jesus de Nazaré seja o Messias. Não querem o que Deus quer. Proíbem Deus de fazer de Jesus seu Salvador e Redentor!

O coração do ser humano sempre é o mesmo coração mau. Não *quer* reconhecer Deus e sua vontade divina. Quer determinar e persistir na vontade própria!

O fato de uma pessoa ser incapaz de crer tem sua origem em que não *quer* crer. Quando se leva a fé a sério, o caminho da admiração não leva para a *irritação*, mas para dentro da fé. No plano de Deus também está incluída a genealogia terrena de Jesus. Há tantos que ainda hoje tropeçam sobre esse fato. A origem de Jesus lhes parece humilde demais, razão pela qual querem deixá-lo de lado. Os irmãos de Jesus adotaram a mesma atitude dos nazarenos. Em Jo 7.5 lemos: "Na realidade, os seus próprios irmãos não acreditavam nele". Na fé, portanto, também está sempre em jogo o ato de querer da pessoa, para que se dobre diante do Senhor Jesus. Esse é o lado sério.

São enormes o sofrimento e a tragédia contidos nessa permanência de Jesus em Nazaré. Enviado por Deus para a salvação do mundo, para as ovelhas perdidas da casa de Israel, enviado para o perdão dos pecados de muitos, ele se torna para muitos um escândalo e causa para o pecado.

Por isso, soa cheio de dor a palavra de Jesus: **Em nenhum lugar um profeta é sem honra, a não ser em sua terra natal e na sua casa.** Porque os irmãos de Jesus também estavam entre aqueles que não o admitiam como Messias, por isso ele não fala somente da "terra natal" do profeta, mas também da sua "casa".

58 E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.

O Salvador sempre estava de mãos abertas, mas aqui a incredulidade lhe amarrou as mãos. Por que deveria demonstrar seu poder divino naqueles que de forma alguma o queriam? Onde existe falta de fé, Jesus não realiza sinais, porque seus milagres têm o objetivo de *aprofundar* a fé existente. Em Nazaré faltavam as premissas para isso. Prontamente Jesus permite que o que crê experimente o dom supremo. Mas ao que não crê não é concedido nada. Quem não almeja, nada recebe. Quem não *quer* ver com os olhos da fé, tampouco vê algo com os olhos naturais. Onde o Salvador gostaria de ter feito *o máximo, foi forçado a fazer o mínimo.*

XII. O ASSASSINATO DE JOÃO BATISTA, 14.1-13A

1. A morte de João Batista, 14.1-13a

(Mc 6.14,17-30; Lc 9.7-9; 8.19s)

1 **Por aquele tempo, ouviu o tetrarca Herodes a fama de Jesus**
e disse aos que o serviam: Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas.
Porque Herodes, havendo prendido e atado a João, o metera no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão;
pois João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la.
E, querendo matá-lo, temia o povo, porque o tinham como profeta.

6 **Ora, tendo chegado o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante de todos e agradou a Herodes.**
7 **Pelo que prometeu, com juramento, dar-lhe o que pedisse.**
Então, ela, instigada por sua mãe, disse: Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista.
Entristeceu-se o rei, mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, determinou que lha dessem;
e deu ordens e decapitou a João no cárcere.
11 **Foi trazida a cabeça num prato e dada à jovem, que a levou a sua mãe.**
12 **Então, vieram os seus discípulos, levaram o corpo e o sepultaram; depois, foram e o anunciaram a Jesus.**
13a **Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte;**

A expressão **por aquele tempo** representa em Mateus uma definição muito genérica de tempo. É Marcos quem indica o tempo com mais precisão. Veja em Mc 6.14-29. Exatamente antes desse trecho Marcos apresentou o informe sobre o envio dos apóstolos e sua atuação.

Herodes era chamado **o tetrarca** porque governava somente sobre uma *quarta parte* do país de se pai, Herodes o Grande (cf. a visão panorâmica dos filhos do tetrarca Herodes apresentada no cap. 4 na nota de rodapé 2). O nome completo do tetrarca Herodes é Herodes Antipas. Governou de 3 a.C. até o ano 39. A ele estavam subordinadas as terras da Galiléia no norte e da Peréia no leste. – A maior parte do tempo, Herodes Antipas residiu na cidade de *Tiberíades*, construída por ele na margem oeste do lago de Genesaré. Ele construi a cidade de Tiberíades em honra ao imperador Tibério. Às vezes ele também permanecia na sua fortaleza Maquero (no mar Morto), na Peréia meridional. – Jesus tinha exercido sua atividade principal *ao norte* de Tiberíades, em e em torno de Cafarnaum onde, de acordo com 4.13, ele passara a residir. Em Mt 8.1 Cafarnaum é chamada até de "sua cidade", i. é, a cidade do Senhor.

Herodes Antipas tinha ouvido muitas notícias a respeito de Jesus. Pessoalmente, porém, não estava interessado nele. Após o envio dos doze, seguidamente chegavam informações sobre Jesus aos ouvidos de Herodes. Este e seus cortesãos faziam as mais diversas conjeturas sobre esse homem incomum de Nazaré. Veja Mc 6.14s e Lc 9.7s. Pouco tempo depois da execução de João Batista os rumores sobre Jesus tinham assumido o seguinte aspecto, na opinião na corte do rei Herodes: **Jesus é João Batista ressuscitado dentre os mortos.**

O historiador judeu Flávio Josefo informa que Herodes Antipas era um homem supersticioso, que via fantasmas em todo lugar. Também Jesus pareceu-lhe como um desses fantasmas.

Entretanto, a curiosidade o impelia com muita intensidade para ver Jesus pessoalmente. Em Lc 9.9 lemos: "Herodes desejava ver Jesus".

Agora, nos v. 3-11, o evangelista Mateus recapitula o relato sobre o aprisionamento e assassinato de João Batista. Quem é *Herodias*, a mulher que desempenha um papel tão cruel na história do assassinato de João Batista? Ela é filha de Aristóbulo, um filho de Herodes o Grande. No ano de 7 a.C. Aristóbulo foi executado por seu pai. Portanto, Herodias era neta de Herodes o Grande. – Já aos 7 anos de idade Herodias foi dada como noiva a Herodes Felipe I, um irmão desse Aristóbulo, e mais tarde casaram. *Ou seja, Herodias teve de casar com o seu tio.* Herodes Filipe I, que Mateus e Marcos designam abreviadamente como Filipe, vivia como cidadão em Jerusalém. Desse casamento provinha Salomé, a moça de 20 anos que executou aquela dança fatídica que custou a vida de João Batista. Mais tarde Salomé foi dada em casamento a Herodes Filipe II, outro irmão de Herodes Antipas. A área sob o governo de Herodes Filipe II situava-se a leste do lago de Genesaré e a norte da Peréia.

Como foi que Herodes Antipas, casado com uma *filha* do rei Aretas, dos nabateus (situados a sudeste do mar Morto), chegou a desposar Herodias? Por ocasião de sua viagem a Roma, quando Herodes se hospedou na casa de seu irmão Herodes Filipe I em Jerusalém, vendo sua cunhada e sobrinha *Herodias*, fez-lhe uma proposta de casamento, que ela aceitou prontamente. Combinaram que Herodes Antipas, após seu retorno de Roma, rejeitaria sua esposa, a filha daquele Aretas, e se casaria com Herodias. Assim ela tornou-se sua esposa.

João Batista, com integridade profética, havia anunciado a Herodes Antipas: **Não é correto que a tenhas por esposa.** Casar com a esposa do irmão que com ela tivera filhos era considerado *incesto*, pela lei israelita (Lv 20.21) e, além disso havia um duplo adultério neste caso. Herodes não queria tolerar essa acusação, e muito menos Herodias. Por isso Herodes mandou inicialmente aprisionar o

Batista. Segundo Josefo, ele também fez isso por medo da influência que João exercia sobre o povo. Ambos os motivos podem ter influído. Também é correto que, por medo do povo, Herodes durante muito tempo não conseguiu decidir-se a executar João Batista. É que a prisão já havia acontecido no inverno antes da segunda festa pascal da atividade pública de Jesus. Os v12s indicam que a execução do Batista recém havia acontecido. Portanto, João estava no cativeiro durante mais de um ano. O local era, como informa Flávio Josefo, a fortaleza de Maquero na Peréia meridional, a leste do mar Morto. A fortaleza situava-se sobre um rochedo alto, cercada de profundos abismos por três lados. Herodes o Grande, além disso, a havia reforçado artificialmente e construído um palácio na pequena cidade que a cercava. A prisão para o Batista não deve ter sido dura demais, pois podia ter contato com seus discípulos (cf. 11.2ss). Sim, de acordo com Marcos, o próprio Herodes gostava de conversar com ele por causa de sua "justiça e santidade", mantendo-o, por assim dizer, numa detenção protetora contra *Herodias*, que guardava profunda mágoa contra ele desde aquela palavra (Mc 6.19s). Esse comportamento e sentimento contraditório combinam com o soberano arrastado por sensualidade e temores de um lado para outro, sem força de vontade e decisão, em contraposição ao caráter forte e puro do Batista. Contudo, Herodias perseguia seu alvo com a determinação de uma mulher magoada em sua ambição. E o "momento propício" chegou (Mc 6.21). Sua filha *Salomé*, do seu primeiro marido, que naquele tempo devia ter um pouco menos de 20 anos, tinha de ajudar a aproveitá-lo. No aniversário do soberano, festejado ao que parece em Maquero, ela surge de repente diante da pomposa reunião festiva e executa diante dos olhos do rei e dos numerosos dignitários, oficiais graduados e demais nobres do país (Mc 6.21) uma luxuriante dança solo. É verdade que isso era algo incrível para o sentimento de decência grego e romano. Mas alcançou o objetivo. De tão extasiado com a visão da sua enteada dançarina, Herodes, sob juramento, lhe prometeu tudo, até mesmo a metade de seu reino. "Instigada pela mãe", Salomé pronuncia o terrível pedido: **Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista**. Movido por um falso sentimento de honra, Herodes cede. Mateus narra o funesto e cruel acontecimento e relata, ainda, que os discípulos de João, depois de sepultarem seu mestre, informaram esses fatos a Jesus, ao que ele decidiu retirar-se para um local solitário.

13a Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte;

João Batista tornara-se vítima de um carrasco. Desse modo, também com sua morte tornou-se precursor de Cristo. Assim como as pessoas assassinaram o Batista, também farão mais tarde com o próprio Messias. Por isso é compreensível que Jesus se sentisse impelido para a solidão – para o silêncio – quando recebeu a notícia do assassinato de João.

No entanto, seria injusto pensar que Jesus se retirou de Cafarnaum por *medo*. É que Jesus não se afastou por eventuais perseguições de Herodes, mas porque procurava o recolhimento com seus apóstolos. Provavelmente a notícia do assassinato de João Batista foi trazida a Jesus no mesmo momento em que seus discípulos retornavam, a fim de acompanharem Jesus para o deserto(em Lucas os discípulos retornam de seu envio e transmitem ao Mestre suas impressões). Essa notícia tornava especialmente necessário que eles se devotassem ao silêncio. Certamente esse tempo de diálogo íntimo era muito bem-vindo para o Senhor, pois estava sendo lembrado com singular intensidade da proximidade de sua própria morte.

Os versículos seguintes nos mostram que a ida para o outro lado do lago também estava subordinada a uma *condução do alto*.

XIII. O EXTRAORDINÁRIO DONO DE CASA E SACERDOTE DA FAMÍLIA, 14.13B-21

1. A primeira multiplicação de pães e peixes, 14.13b-21

(Mc 6.31-44; Lc 9.10-17; Jo 6.1-13)

13b **sabendo-o as multidões, vieram das cidades seguindo-o por terra.**

14 **Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos.**

15 **Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer.**
16 **Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer.**
17 **Mas eles responderam: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.**
18 **Então, ele disse: Trazei-mos.**
19 **E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões.**
20 **Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios.**
21 **E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças.**

13b … sabendo-o as multidões (que Jesus tinha se retirado para um lugar solitário na faixa do deserto), vieram das cidades seguindo-o por terra.

O texto paralelo de Lucas indica o destino da viagem de barco de Jesus com os discípulos. É uma região sem moradores nas proximidades de *Betsaida*. Essa, contudo, não é a cidade conhecida pelos evangelhos nas cercanias de Cafarnaum no lado *oeste* do lago.

Antigamente a cidade era uma pequena aldeia de pescadores. O tetrarca Filipe, porém, tinha mandado ampliá-la, renomeando-a "Betsaida de Júlia". É esse, pois, o rumo que o barco tomou ao velejar pelas ondas do lago.

Muitas vezes nos admiramos da rapidez com que uma notícia corre de boca em boca. Sem possuírem rádio, imprensa ou telefone, essas pessoas ficaram sabendo logo que Jesus e seus discípulos tinham saído da Galiléia. Alguns certamente o viram na partida do barco. Parece que seu destino também lhes era conhecido. Muitos haviam aderido a ele na Galiléia e decidiram alcançá-lo. Os primeiros possivelmente notaram que o barco iria para Betsaida. Estava "tudo claro" para eles. O caminho de Cafarnaum a Betsaida por terra podia ser percorrido no mesmo tempo que de barco pelo mar. Assim, a multidão se pôs a caminho, a fim de contornar o lago a pé. Muitas localidades beiravam o lago. Em todo lugar pelo qual passava esse grupo apressado, começava-se a perguntar e responder. "Naturalmente", diziam, "se o Messias está tão perto, nós também queremos vê-lo". Esqueciam tudo o mais, partiam, juntando-se à multidão. De lugar para lugar aumentava o número dos caminhantes.

O que será que o Senhor sentiu ao ver essa multidão na margem? Afinal, ele queria buscar o silêncio com seus discípulos. O Senhor não teria o direito de rejeitar essa multidão? Mas ele não o fez. Apesar de o povo inverter totalmente o seu programa, Jesus permanece calmo e silencioso, esperando o que haveria de acontecer.

O barco toca a areia da praia e, ao mesmo tempo, chegam os primeiros integrantes da multidão (Marcos escreve: "Aconteceu que pessoas de todas as cidades acorreram a pé ao lugar em que chegaria o barco, de modo que alcançassem o local ainda antes do barco").

O que lhes diz o Senhor? Com certeza nada do que seria compreensível do ponto de vista humano. Mesmo que seu plano de procurar um lugar solitário tenha sido frustrado, ele vai ao encontro das pessoas com *amor*. Está emocionado. Vê a multidão como rebanho que não tem pastor, e a recebe com amável cordialidade.

14 Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos.

O Senhor correspondeu ao anseio de aprendizagem e amor dessas pessoas. Uma imensa misericórdia o preenchia e o impelia para junto desse povo. Poderíamos apontar, talvez, dois aspectos de sua compaixão:

A multidão se assemelhava (como está indicado no fim do v. 13) a um rebanho de ovelhas que não tem pastor; e Jesus vê o povo com um olhar esperançoso. É igual a um campo com uma colheita promissora (Jo 4.35).

Jesus atende todas as necessidades de seus ouvintes. Também os doentes que vieram são curados. Em primeiro lugar, porém, está para Jesus a pregação, diante de todas as carências ela é o mais importante. As curas dos doentes devem servir ao aprofundamento da fé. O principal não é que estejamos fisicamente com saúde, mas sim que a boa notícia seja anunciada, para que, pela palavra

de Cristo, corações despedaçados sejam curados e venham a herdar a vida eterna. Isso é o mais importante! Dessa maneira Jesus ajudou as pessoas em suas necessidades interiores e exteriores. Ele sempre tinha tempo para elas.

Contudo, Jesus trazia em seu coração mais um pensamento de amor. Enquanto ele permanecia aqui ao norte da Galiléia, aproximava-se o tempo da Páscoa. Em Jerusalém ele era tão odiado que provavelmente não poderia aparecer lá agora. Durante toda a manhã multidões de pessoas vinham até Jesus (Jo 6.5). Esse ajuntamento inesperado o lembrava dos grupos de peregrinos que estavam indo agora para a festa em Jerusalém. Assim, decidiu festejar uma festa no deserto, como compensação pela festa pascal.

15 Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer.

No entusiasmo, o povo seguira o Mestre sem levar comida. O sol já se inclina no oeste, e o povo ainda permanece atento às palavras de Jesus. Prestam intensa atenção às explicações do Mestre. Ele satisfaz sua fome pela palavra de Deus. Parece que a multidão nem se lembra das necessidades corporais. Nessa situação, porém, os discípulos se manifestam e se sentem responsáveis para cuidarem do povo. Eles se perguntam: "Deveria Jesus exigir que as multidões fiquem aqui sem alimento até à noite?" Obviamente não imaginam que Jesus já considerou a situação de seus ouvintes e que ele quer manter todos junto de si, por se saber autorizado a alimentar hoje todos os ouvintes como seus hóspedes.

A preocupação dos discípulos não corresponde aos pensamentos do Mestre. Eles querem que cada um do povo cuide de si próprio, enquanto Jesus quer cuidar pessoalmente do povo. Eles estão muito preocupados, apesar de seu Senhor e Mestre estar presente. Isso é falta de fé.

Por não verem ninguém tomando providências, eles levam sua preocupação ao Senhor. – Acaso devemos nos aproximar do Senhor somente quando nossa própria capacidade está no fim?

Em sua angústia e preocupação, os discípulos se voltam para o Mestre, quando estava caindo a tarde. A expressão grega *ophia* significa "o primeiro horário da noite", que inicia na nona e vai até a décima segunda hora do dia (das 15 às 18 horas). A primeira hora da noite pode ser equiparada ao nosso final de tarde. Depois, no v. 23, está subentendida a segunda hora do anoitecer, o tempo das 18 horas até o início da noite propriamente dita. Com o termo **a hora** os discípulos referem-se ao tempo ou ao momento em que se deveria despedir a multidão para que ainda pudessem comprar pão.

16 Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer.

Aos olhos de Jesus, seria uma ação errada afastar a multidão atenta de seu Mestre celestial por causa do pão diário. Lembremo-nos da resposta que Jesus deu a Marta (Lc 10.41s). A boa parte, afinal, é *ouvir a palavra de Deus*. O "ouvir" precisa vir antes do "trabalhar".

Por isso o Senhor deu sua resposta aos discípulos de acordo com o plano que traçara anteriormente: **Dêem-lhes de comer vocês mesmos**. Jesus não quer deixar a multidão sem comida até à noite. Sua instrução aos discípulos foi *dêem-lhes vocês próprios de comer*. Eles, porém, não entenderam a sua solicitação. De onde, enfim, tirariam comida para tanta gente? Em breve começará a ficar escuro, e eles estão num lugar ermo. Os lugares onde se poderia comprar comida estão distantes. – Eles devem ser criticados, então, quando querem enviar o povo para a região habitada? Eles não tinham considerado que Jesus poderia realizar um milagre.

17 Mas eles responderam: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

Dessa maneira eles querem mostrar ao Senhor a inutilidade de segurar a multidão, pois com o pouco que têm não é possível alimentar ninguém. Que seria isso, distribuído entre tantas pessoas? O Senhor, no entanto, queria que seus alunos pudessem olhar com ele para a *riqueza de Deus*. Para realizar o milagre da alimentação não havia necessidade dos cinco pães e dois peixinhos. Mas o Senhor queria conduzi-los de sua própria impotência para a riqueza divina. Eles deveriam constatar: Temos o mesmo que nada, mas em Deus há riqueza, e dessa plenitude celestial nós podemos nos abastecer!

18 Então, ele disse: Trazei-mos.

Jesus começa a *agir*. Simplesmente transpõe todas as preocupações dos discípulos. Solicita deles esse prato de um diarista: **cinco pães e dois peixes**. E nas mãos dos discípulos Deus multiplica tanto

o que é pouco, que ainda sobram *doze cestos*. Na substância desses precários alimentos o amor e a onipotência de Deus agiram de acordo com leis divinas.

19 E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões.

Jesus, portanto, convida as pessoas para sentar. – Os planaltos atrás de Betsaida de Júlia vicejam no mais belo verde da primavera. Na Palestina a primavera já começa no meio de fevereiro. Ou seja, ela já estava adiantada, de acordo com Jo 6.4: "Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus". Nesse entardecer de primavera acontece, pois, o solene momento. O Senhor segura nas mãos os **pães** e **peixes**. Está de pé no meio do povo, lembrando-nos a atuação de um pai de família. Ele agradece a Deus, como faz o pai no meio de sua família. Essa **bênção** não acontece porque é costume, mas porque através de Cristo a fórmula é preenchida com novo conteúdo. É a sua presença. Ela abre o acesso para o Pai (Jo 1.51).

O Filho agradece ao Pai celestial por seus benefícios na natureza e na sua revelação. Esse momento deve ter causado uma impressão singular sobre os presentes. O povo e, evidentemente, também os discípulos devem ter visto nesse gesto que a ação de graças de Jesus produziu milagres. O método milagroso que traz bênçãos é agradecer pelo pouco que temos.

De acordo com o costume judeu, o chefe da família proferia, no início de cada refeição, sobre o pão que ele partia, uma oração de agradecimento, chamada de "bênção". Esse costume judaico remontava a tempos muito antigos. Aos ancestrais que haviam saído do Egito Deus dera muitas oportunidades para agradecer e louvar. No deserto demonstrou ao povo seu poder e sua misericórdia. Lá também Deus os tinha abastecido, como um pai de família, com carne, pão e água. Assim como *outrora* Deus se revelara no AT, assim Jesus estava novamente no meio do povo e lhe oferecia alimento.

20 Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios.

O resultado da alimentação por Jesus foi que houve o *suficiente*, mas não com pouco, e sim com uma sobra maior do que antes tiveram nas mãos. Intimamente ligada à oração de gratidão está a instrução de Jesus de que deveriam recolher as migalhas em cestos. Um bem conquistado não pode ser tratado com menosprezo.

21 E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças.

O último versículo indica o número de pessoas presentes. Como a festa da Páscoa já estivesse próxima (o milagre aconteceu um ano antes da morte do Senhor), o povo começava a sair em números maiores. Por isso é compreensível que peregrinos que rumavam para Jerusalém haviam se juntado à multidão atenta. Por esse motivo, em breve decurso de tempo, a massa, reunida dentre as cidades da margem do lago, se havia multiplicado rapidamente. Os autores sinóticos nos informam o número: cinco mil homens. O acréscimo "sem mulheres e crianças" tem a seguinte razão: O costume oriental obriga as mulheres e crianças a se manterem separadas. Isso esclarece por que foram somente os homens que se haviam sentado "na ordem preestabelecida". Entretanto, o total de pessoas era muito maior que cinco mil, daí o adendo no versículo: **além de mulheres e crianças**. Os discípulos seguramente estavam envergonhados por sua pequena fé. Como estariam se sentindo?

No Oriente se permanecia calado durante a refeição. Isso favorecia a meditação.

É fácil imaginar que as pessoas reunidas levaram para casa uma impressão inesquecível do Senhor. Segundo Jo 6, essa impressão causou um entusiasmo *espiritual* espontâneo, não intencionado pelo Senhor.

Esta história da alimentação das cinco mil pessoas é a única de toda a atividade de Jesus na Galiléia que é comum a todos os quatro evangelhos (Mt 14.13ss; Mc 6.30; Lc 9.10-17; Jo 6). Por isso ela se constitui numa importante braçadeira para unificar a exposição joanina e sinótica. Em todos os quatro evangelhos esse milagre é exposto como auge da atividade de Jesus na Galiléia. Logo depois, segundo os sinóticos, ele começa a revelar aos discípulos o mistério de seu iminente sofrimento (Mt 16.3-28; Mc 8.27-38; Lc 9.18-27).

No evangelho de João é ocasionada, por meio desse milagre, uma crise decisiva na obra de Jesus na Galiléia. O discurso que lhe segue em Jo 6 aponta para a proximidade da morte violenta.

XIV. O RETORNO DOS DISCÍPULOS PELO MAR, 14.22-33

1. Jesus anda por sobre o mar, 14.22-33

(Mc 6.45-56; Jo 6.15-21)

22 **Logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões.**
23 **E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava ele, só.**
24 **Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário.**
25 **Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar.**
26 **E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram.**
27 **Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!**
28 **Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas.**
29 **E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus.**
30 **Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!**
31 **E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou -o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?**
32 **Subindo ambos para o barco, cessou o vento.**
33 **E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!**

22,23 Logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões. E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava ele, só.

O v. 22 causa surpresa. Por que o Senhor insistiu tanto que os discípulos o deixassem imediatamente após a alimentação dos cinco mil? Em outras ocasiões a presença dos discípulos não incomodou o Senhor quando despedia as multidões (cf. 13.36 e 15.39)! O relato do evangelista João responde a essa pergunta, em 6.14s. Ali João conta que, após o milagre da multiplicação, as massas queriam fazer de Jesus um rei. Como os discípulos sempre de novo traziam dentro de si, da mesma maneira como o povo, a idéia de um Messias terreno, o Senhor tinha de temer que os discípulos viessem a ser arrastados pelo turbilhão do entusiasmo popular. Por isso os pressiona para que partam.

Ele próprio retirou-se para o alto de um monte solitário, a fim de orar. A noite caiu, e o Senhor permaneceu lá em oração, sozinho no alto do monte.

Entrementes, seus discípulos tiveram de lutar intensamente com tempestade e ondas. Estavam bem no meio do lago! Sozinhos! Sem seu amado Mestre, pois ele os tinha afastado de si. Eles tinham de seguir seu caminho pelo mar perigoso *sem Jesus*. Isto lhes era incompreensível e inconcebível. Ele, seu amigo, seu guia em todas as horas, se despedira deles. *Sozinhos* os discípulos partiram de noite pelo mar escuro. Em breve o barco está, em termos de distância, bem longe do Senhor.

Não é assim também a *nossa* situação? *Também para nós Jesus é invisível*. Será que não poderíamos suportar melhor os sofrimentos da vida, se Deus fosse *visível* para nós, assim como são visíveis nossa mãe, nosso amigo, nosso marido? Não. Quem segue a Cristo o faz porque crê e não porque vê. Precisamos confiar num Senhor invisível!

24 Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário.

Está começando a aflição vinda de fora. O barco já estava no meio do mar, e eles sofriam sob a força das ondas, **porque o vento lhes era contrário**. Jesus está muito longe, invisível. É agora que começa o seu *apuro*. Eles são açoitados pelas **ondas**. E o vento é totalmente adverso. A dificuldade aumenta. Cresce o perigo de serem tragados pelas ondas. Medo e pavor se apoderam dos discípulos no meio do vasto mar na noite escura. – Novamente se confirma que aqueles que aceitaram Cristo em

seu coração não ficam isentos da dificuldade, do medo e da atribulação. Também eles entram em situações de medo e apuro. A fé genuína sabe que o cristão participa dos temores e dos perigos mortais desse mundo. É certo que Deus pode estender sua mão sobre seus filhos, pode protegê-los quando sofrem doenças e passam perigos de vida, pode preservá-los milagrosamente quando passam por fogo ou água, pode dar alimento e refrigério nos tempos de deserto na vida. Contudo, os cristãos jamais podem deduzir dessas ações de Deus o *direito* de que sua vida terrena transcorra sem sofrimentos. Os cristãos sofrem como outros nas carências exteriores. Sofrem também em situações de medo causadas por catástrofes naturais.

25,26 Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar. E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram.

Na quarta vigília da noite significa que durante as primeiras três vigílias os discípulos gritaram dentro da noite, clamando por ajuda e socorro, mas que não se podia ver nenhuma ajuda ou salvação. Jesus parecia ter esquecido os seus. Parecia não se importar mais com eles!

Diante do nosso apuro pessoal, Deus permanece calado por muito tempo, assim como diante de todo esse terror e pavor. Isso significa *sofrimento interior!* Vida cristã é vida interior repleta de sofrimento, de lutas na alma, de lutas na fé.

Uma desgraça, porém, nunca vem sozinha. Pois no meio da apavorante tempestade noturna aparece de repente um **fantasma**. Os discípulos se assustaram e **gritaram de medo**. O povo falava que à meia noite apareciam fantasmas caminhando sobre o mar e arrastando os navegadores para as profundezas. A partir daí se explica a expressão: "Tomados de medo, gritaram".

27-33 Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais! Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor! E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste? Subindo ambos para o barco, cessou o vento. E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!

Enquanto Marcos e João contam somente o milagre de que Jesus caminhava sobre o mar e que o barco aportou rapidamente, Mateus relata ainda um *segundo* milagre, a saber, que Pedro caminhou sobre o mar. *Caminhar como cristão é caminhar na fé,* é caminhar sobre o mar. – A história nos mostra, em diversos estágios, o que significa a caminhada da fé:

Crer significa encontrar e experimentar a Cristo em dificuldades e angústias. **Na quarta vigília da noite** significa: No apuro máximo e extremo, o Senhor vem. Quando a angústia é maior, Deus está mais perto. É o que os discípulos experimentam, é o que experimentam muitas vezes os que crêem. Quando nenhuma saída se apresenta, aparece uma possibilidade de socorro. "Deus tem sempre um caminho, não lhe faltarão os meios!" Os discípulos têm a experiência com Jesus. Eles ouvem sua voz (v. 27): **Sou eu!** Cristo é e permanece sendo, na tempestade, na angústia, nas circunstâncias da vida, o Senhor! Ele atravessa as ondas, pelo meio da dificuldade. Onde não o esperamos, pelo ímpeto do vento e das ondas, chega aquele que é mais forte que todos os poderes telúricos assustadores. Aquele que sofre, vê somente a dificuldade. O Senhor, porém, chega justamente na dificuldade e diz: "Sou eu!" "O caminho de Deus está nos rios e nas chuvas, e você não vês os seus passos. Assim também no mar da preocupação, Deus mantém oculto sua trilha, para que tenhamos que buscá-lo." Cristo diz: **Tenham bom ânimo, não temam**. O que significa crer? Significa *ver Cristo na aflição*.

Crer significa ir até Cristo. Pedro clama em voz alta: **Senhor, manda que eu vá até junto de ti, por cima das águas** (v. 28). Crer significa caminhar até Cristo.

Crer é um risco. Essa fé realmente é um risco: é um "ir-até-Cristo-por-cima-da-água". Entretanto, o sentido não é como talvez se diga acerca da fé, que ela seria um salto no escuro, arriscar-se dentro da incerteza. Não, Deus não exige de nós que nos lancemos numa escuridão abissal. Pedro não penetra em algo incerto. Seguindo a ordem de seu Senhor, ele caminha para o que há de mais seguro, a saber, para o próprio Senhor. Pedro vai porque vê o Senhor parado na escuridão e porque ouve sua ordem: **Vem!** Com isso ele vai e arrisca.

Crer é soltar-se, largar o barco, soltar-se do último apoio. Crer sempre é *soltar-se*. Deus retira as seguranças às quais nos apegamos, muito mais que geralmente supomos. Talvez Deus tenha exigido

o mais difícil que a mão precisa largar, que nos dava *apoio e segurança*. Então surge sempre de novo a pergunta, se estamos prontos para largar, porque Deus o quer, com uma *fé que se arrisca*, e – andar sobre a **água**.

Crer é olhar para Jesus. Quando Pedro **olha para as ondas** que o encobrem, começa a **afundar**. Mas quando clama com fé: **Senhor, ajuda-me, salva-me!**, Jesus estende logo a mão e o segura e ajuda. Jesus e Pedro sobem para o barco, e o vento se acalma. Ele tem poderes para que cesse a tempestade estrondosa e se tranqüilize a confusão caótica das forças telúricas. A ele foi dada toda a autoridade sobre o que é grande e o que é pequeno, sobre os corações humanos e sobre os povos, e também sobre a natureza e seus elementos.

Todavia, talvez nem tudo se tranqüilize. Talvez o Senhor não o faça! Talvez por nossa causa! Então, o mar continuará bramindo – porém ele não nos deixará afundar. Por isso somos dependentes da fé, como Pedro. A profundeza pode continuar querendo nos tragar, a morte pode continuar nos ameaçando, forças podem nos atrair poderosamente para baixo, as ondas podem nos encobrir. Contudo, Jesus está aí, ele socorre misericordiosamente, e nos segura. Crer é olhar para Jesus.

Crer é adorar. No v. 33 lemos: Não apenas Pedro, mas todos os outros no barco se **prostraram** diante de Jesus e disseram: **Tu és realmente o Filho de Deus!**

XV. SEMPRE DE NOVO O MESMO QUADRO: O SALVADOR QUE AJUDA, 14.34-36

1. Jesus em Genesaré, 14.34-36

34 **Então, estando já no outro lado, chegaram à terra, em Genesaré.**
35 **Reconhecendo-o os homens daquela terra, mandaram avisar a toda a circunvizinhança e trouxeram-lhe todos os enfermos;**
e lhe rogavam que ao menos pudessem tocar na orla da sua veste. E todos os que tocaram ficaram sãos.

Com maior clareza que em Mc 6.53-56, depreendemos destes versículos que, na medida do possível, Jesus queria permanecer incógnito, para poder percorrer a região com toda a privacidade, como se estivesse fugindo da publicidade (Mt 14.13). Contudo, todo esse esforço de permanecer quieto e desconhecido foi em vão. Ele foi identificado e aceitou *também* o fato de ser reconhecido como vindo da mão do Pai.

XVI. DIÁLOGOS COM JUDEUS E GENTIOS, 15.1-20

1. Discussões com os líderes dos judeus, 15.1-20

(Mc 7.1-23)

1 **Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram:**
2 **Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem.**
3 **Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?**
4 **Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.**
5 **Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim;**
6 **esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição.**
7 **Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:**
8 **Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.**

9 **E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.**
10 **E, tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouvi e entendei:**
11 **não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem.**
12 **Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram?**
13 **Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.**
14 **Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.**
15 **Então, lhe disse Pedro: explica-nos a parábola.**
16 **Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda?**
17 **Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso?**
18 **Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem.**
19 **Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.**
20 **São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina.**

1-9 Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem. Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Em Mc 7.1 lemos: "Os fariseus e alguns dos escribas, que vieram de Jerusalém", portanto, que aos fariseus que residiam na Galiléia reuniram-se fariseus vindos especialmente de Jerusalém para auscultar Jesus. Ou seja, as personalidades de altos cargos e com poder decisório da capital haviam chegado apressadamente. Cada vez mais os líderes da capital se preocupavam com o grave problema: "O que está acontecendo com esse Jesus de Nazaré?" – A acusação contra Jesus, que chegara à suprema autoridade espiritual em Jerusalém era: "Os discípulos de Jesus transgridem as tradições, isto é, as determinações dos rabinos e fariseus derivadas da lei mosaica dos antigos". Constituía grave transgressão não observar essas prescrições, que no tempo de Jesus ainda eram transmitidas *oralmente* e que mais tarde foram anotadas em forma escrita no Talmude rabínico como preceitos especiais. Essas prescrições eram tão severas que, segundo o Talmude, a pena para sua transgressão podia ser até mesmo a exclusão (excomunhão). Ao lado da lei de Moisés (a Torá) do AT vigorava em Israel no tempo de Jesus, e até mesmo antes da atuação de Jesus, uma outra lei, com o mesmo peso que a Escritura, que era a assim chamada legislação dos antigos, ou a tradição! Ao lado da Escritura, os fariseus também tornaram os antigos seus líderes. Ou seja, aquilo que os principais *mestres do passado* disseram para cada uma das palavras da Bíblia como explicação ou emenda, isso os pósteros alçaram ao nível do próprio **mandamento de Deus**, que até devia ser colocado acima do mandamento de Deus fixado na lei de Moisés e que tinha de ser cumprido sem exceção. A finalidade dessas emendas e explicações era "fazer uma cerca em torno da Torá", i. é, tornar totalmente impossível, através dessas prescrições que excediam a lei de Moisés, a transgressão da lei propriamente dita. Aos poucos, porém, essas "determinações dos antigos" se tornaram tão *importantes* que no tempo posterior não eram mais consideradas como complemento da Torá, mas conquistaram *valor próprio*, deslocando até a Bíblia. Isso é parcialmente demonstrado por um dito do Talmude, que afirma: "As palavras da Torá contêm coisas proibidas e permitidas, mandamentos fáceis e difíceis, mas as palavras dos escribas são *todas difíceis*!" (Ishmael).

Uma parte importante da tradição dos mais antigos tratava da *lei da pureza*, que consta de Lv 15. A lei somente proibia comer coisas sagradas, i. é., oferendas sacrificadas, com mãos não lavadas. Os

escribas, porém, ordenavam lavar as mãos antes de qualquer refeição. No hebraico, **comer pão** eqüivale a "tomar uma refeição". O pão era considerado alimento principal, não apenas porque era comido em cada refeição, mas também porque os demais alimentos eram enrolados em panquecas de pão, já que não se usava facas e garfos.

Havia minuciosas e meticulosas prescrições que diziam como devia acontecer a lavagem das mãos. *Duas vezes* tinha de ser derramada água sobre as mãos até os pulsos a partir de um recipiente qualquer. Pois até os pulsos elas eram impuras. Para cada ablução estava prescrito um pouco mais de um decilitro de água.

Na primeira ablução, porém, não podia ficar nada sobre a mão, como uma lasca de madeira ou uma pedrinha. Pois assim aquela área, e assim a mão toda, teria permanecido impura.

Cuidados mais rigorosos eram exigidos na segunda ablução. Pois, como a primeira lavagem purificava apenas as mãos, e como a segunda lavagem devia afastar das mãos simplesmente a água da primeira ablução que *tinha se tornado impura ela própria*, facilmente podia ocorrer uma nova contaminação. Além disso havia uma série de prescrições sobre a forma da vasilha, sobre a maneira de derramar a água, sobre quantas pessoas podiam ser lavadas simultaneamente, quem era indicado para derramar a água de forma válida etc. etc. Acontece que alguns dos discípulos haviam transgredido algumas dessas determinações que, na opinião dos fariseus e escribas, eram *muito importantes*.

O fato de que a *teologia farisaica* estava sendo desrespeitada leva os representantes rabínicos a perguntar: **Por que os teus discípulos transgridem a tradição dos antigos? Porque não lavam as mãos ao comerem pão.** Jesus responde à pergunta dos adversários com uma contra-pergunta: **Por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da *tradição* de vocês?** O sentido dessa contra-pergunta é o seguinte: Jesus considera também os fariseus *transgressores*. E ele quer expressar com toda a clareza que eles desrespeitam os mandamentos **de Deus**, o que, afinal, é bem pior do que transgredir as leis dos antigos. Pior ainda é que, por causa de tradições humanas, eles desprezavam os mandamentos *de Deus*. Para eles, como já dissemos, o mandamento de seres humanos era mais importante que o **mandamento de Deus**.

Para Jesus vigora unicamente o "mandamento de Deus". Nada mais. As tradições dos antigos são ordens humanas e, por isso, não obrigatórias.

Visto que os escribas não aceitam como verdadeira a afirmação de que, com suas determinações eles anulam os mandamentos de Deus, Jesus lhes passa a demonstrar num exemplo flagrante o quanto os fariseus destroem a palavra de Deus por meio de sua teologia legislativa. Como exemplo, Jesus cita o mandamento de *honrar os pais*. Jesus contrapõe diretamente o mandamento de Deus: "Honrarás teu pai e tua mãe…" (Êx 20.12) e "será morto quem amaldiçoar os seus pais" (Êx 21.17), e o estatuto humano: Um filho, que deveria sustentar os pais, podia ser absolvido desse compromisso se fizesse uma promessa de doação em dinheiro, destinada ao templo (a doação para sustentar os pais era chamada de *korban*, i. é, "bem dos pobres").

As prescrições dos antigos expressam, portanto, que a oferta a Deus está *acima* da contribuição para o sustento dos pais. Isso significa: a maldade dos filhos se apresenta travestida de religiosidade *especial*. O filho diz na cara dos pais: "Vocês, pai e mãe, não receberão mais nada de mim para o sustento!" Isso ainda é reforçado com um juramento. – Os fariseus não chamam esse juramento de ateu e nulo, mas de *correto* e até religioso. Afirmam: "O que prometeste, pertence a Deus". Não é mais necessário honrar os pais. A anulação do mandamento de honrar os pais é considerado até como um *extra* especial de religiosidade, pois o sacrifício para o templo tomou o lugar do sustento dos pais.

Jesus designa essa atitude de **hipocrisia**. Ele estigmatiza o comportamento hipócrita e profundamente pernicioso dos fariseus com as palavras do profeta Isaías (Is 29.13), que desafiou seus contemporâneos com a poderosa palavra de arrependimento: "A religiosidade de vocês é culto com os lábios, o coração de vocês se mantém longe de Deus. Mandamentos de pessoas são enaltecidos e mandamentos de Deus são abandonados."

Será que o comportamento acima descrito não constitui um perigo para qualquer pessoa religiosa?

"Em clubes religiosos as pessoas têm um papel importante. Elas têm de correr a todas as promoções religiosas. Usam um palavreado piedoso. Viajam por terra e mar para conseguir um prosélito (Mt 23.15), e esquecem os deveres *naturais*, ordenados por Deus, no lar e na profissão,

negligenciam o cuidado das crianças e dos doentes. *Essa* ação exige renúncia de si próprio, *aquela* edifica e cultiva o eu, o eu religioso!" (J. Lohmann).

A severa palavra da "hipocrisia" atinge os fariseus no mais íntimo. Até então, ninguém tinha ousado tanto, designá-los – os representantes da mais alta autoridade religiosa de Jerusalém – de "hipócritas". Isso era inédito. Por isso ele tinha de ser punido. O v. 12 nos informa que os escribas ficaram irritados!

10,11 E, tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouvi e entendei: não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem.

O Senhor não se contenta em ter feito os fariseus calarem, mas convoca o povo (que se havia afastado respeitosamente diante dos altos dignitários de Jerusalém) e, com auxílio de uma parábola, lhe apresenta o contraste entre a verdadeira pureza do coração e a mera limpeza exterior das mãos. **Na boca entra** o alimento – sai dela a palavra. – Não o que comemos, mas o que dizemos é que traz sofrimento e pecado. O que é *natural*, o que nos alimenta, nos faz crescer e mantém a nossa saúde, não é um veneno perigoso que nos torna impuros. Pelo contrário, o veneno imundo que nos traz sofrimento e nos oprime e pode nos fazer tropeçar vem de dentro de nós e brota de nós através das nossas palavras. Somente isso nos torna impuros e feios e nos leva a agir contra Deus. Ou seja, não é o *comer* mas o *falar* que torna impuro (cf. Tg 3, sobre a língua).

12-14 Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram? Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.

Antes de o Senhor chegar a instruir os discípulos num círculo mais restrito, eles lhe dizem, aproximando-se: **Sabes que os fariseus ficaram incomodados?** O procedimento de Jesus pareceu-lhes quase *duro* demais. Afinal, assim não se pode *tratar os representantes da maior autoridade espiritual da capital*, **escandalizando-os**! A boa educação e o tato o impedem. Os *pecadores e publicanos* o Senhor havia tratado com tanta delicadeza, mas com que dureza trata os *líderes espirituais de seu povo*! Justamente as regras de como lavar as mãos eram extremamente importantes para os fariseus e os israelitas em geral. Suas sentenças sobre a ablução das mãos eram, p. ex.: "Quem despreza a lavagem das mãos, será arrancado da terra. Quem come pão sem lavar as mãos, é um *pecador*…"

Jesus contrapõe a parábola da plantação às preocupações dos discípulos de que ele poderia ter tratado com demasiado rigor os fariseus e escribas . Ele diz: **Toda plantação que meu Pai celestial não plantou será arrancada com a raiz. Deixem-nos! São cegos guiando cegos…** Com a plantação, Jesus se refere aos próprios fariseus, não apenas às suas determinações e tradições. Os fariseus e suas ordens são comparáveis a uma plantação que o Pai celeste *não* plantou e que, por isso, precisa ser extirpada! Eles acham que são pessoas que vêem – e na verdade não são apenas cegos pessoalmente, mas também **guias cegos** de pessoas cegas. O fim terrível será que ambos cairão no buraco, o guia e o guiado. Deixem-nos cair!

O Senhor nunca havia se pronunciado com tanta nitidez como agora, distanciando-se dos líderes espirituais e representantes da teologia legislativa oficial.

A figura da plantação de vinhedos é corrente no AT e no NT. O ato de arrancar lembra a parábola do joio (13.30). Em mais uma oportunidade somos confrontados com toda a seriedade da figura da plantação (de videiras), em Jo 15.1ss. Lá a advertência séria de Jesus dirige-se aos *próprios* discípulos. Portanto, nem mesmo "ser discípulo", ser convertido, constitui uma *garantia* para a salvação eterna. Unicamente a circunstância de *permanecer* e *trazer frutos* e *perseverar* até o fim, é que traz em si a dádiva da graça: "Não a largada, mas a chegada coroa a corrida do cristão".

A João Batista, detido no cárcere, Jesus pedira que *não* se escandalizasse com ele, o Senhor. Contudo, quando os fariseus se escandalizaram com ele (v. 12), Jesus diz: *Assim está bem*. Isto constitui um sinal da condenação justa de Deus. Pois o que os fariseus engenhosamente elaboraram como preceitos, em última análise servia à sua própria justiça, à sua necessidade de afirmação. Esse engrandecimento do ser humano não provém de Deus, não é plantação dele, mas *cresceu por si*, é *erva daninha, que será exterminada com raiz e tudo*. Com profunda dor Jesus olha para o povo de Israel e seus líderes. A condenação de Deus é que ele dá guias cegos ao povo que sempre de novo o renegou, guias cegos que conduzem a si próprios e ao povo à perdição.

Por isso os discípulos devem desligar-se dos líderes e de sua teologia legislativa farisaica e seguir unicamente ao Senhor. Porque Jesus foi outorgado e plantado por Deus como a planta certa. Ele é o que *vê verdadeiramente*, e que abre os olhos daqueles que o seguem! Glória e vida serão o resultado final.

15-20 Então, lhe disse Pedro: explica-nos a parábola (sobre aquilo que entra na boca). Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina.

Pedro pede ao Senhor que explique a parábola. Ele não se refere às parábolas dos guias de cegos nem da plantação que Deus aniquilará, mas à afirmação de Jesus sobre o que entra pela boca ou o que sai dela! Os discípulos eram da opinião de que esse dito era uma parábola. Com essa opinião também indicavam que não tinham entendido o Senhor.

Os alimentos não contaminam, porque vão para o estômago, e a digestão separa o que não é útil. Portanto, pela ordem natural da vida física, foi providenciado que aquilo que não serve para o corpo seja novamente expelido dele. Contudo, os maus **pensamentos** que estão no **coração** – as palavras más comprovam que o coração está corrompido! – não saem pela ordem natural. Pelo contrário, nós os levamos conosco como nossa propriedade interior. Os maus pensamentos, mencionados por Jesus no v. 19, designam, consecutivamente, o 5º, 6º, 7º e 8º Mandamentos. Por fim é citada a blasfêmia (cf. 12.31s). Com essa última palavra Jesus lembra o primeiro mandamento. Na verdade, continuamente Jesus está falando desse primeiro mandamento (cf. Mt 4.1s; 5.33s,45,48; 6.1-18, especialmente os v. 9s; 6.19-33; 19.21s; 22.15-22,37s etc.).

A exteriorização do pensamento é a *palavra*. Jesus considera iguais o pensamento e a palavra. Isso é psicologia bíblica. Na palavra é trazida à luz o mais profundo pensar e querer do coração. "No pensamento do coração e no falar da boca já está contida toda a ação do ser humano" (Mt 5.22-37; 12.34-37).

O que está sendo afirmado nos v. 15-19 atinge não apenas a tradição dos judeus, mas também a própria legislação de Moisés. Estamos diante da mesma questão como antes de uma prédica e como em 19.1s.

Jesus suspende totalmente a lei, para que seja cumprida da maneira mais integral e profunda (Veja comentário ao sermão do Monte, cap. 5–7).

XVII. O DIÁLOGO DE JESUS COM UMA GENTIA, 15.21-28

1. O milagre com a filha da mulher cananéia, 15.21-28

(Mc 7.24-30)

21 **Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.**
22 **E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.**
23 **Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós.**
Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.
25 **Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!**
Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.
27 **Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.**
Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã.

Os discípulos estão assustados e confusos diante das palavras duras do Senhor, que contêm uma condenação arrasadora aos líderes influentes de Israel e à sua teologia de preceitos.

Entretanto, os discípulos são novamente fortalecidos em sua fé através de *três* milagres: o milagre em que é curada a filha da mulher cananéia, as curas de enfermos em grande estilo, e o milagre da multiplicação do pão.

O trecho inicia dizendo: **Jesus saiu dali**. Ele *foi para bem longe*, até a região de **Tiro e Sidom**, *para dentro da terra dos gentios*. Por um certo tempo Jesus abandonou o solo judeu, a fim de estar sozinho com seus discípulos. Marchando dois dias, alcançou a fronteira noroeste da Galiléia. Depois hospedou-se (segundo Mc 7.31) numa casa em Sidom, para poder ficar totalmente sossegado.

"Ninguém devia reconhecê-lo" (Mc 7.24).

Mal o Senhor havia entrado na casa, porém, acabou-se o seu sossego. Uma gentia, mãe de uma menina gravemente doente, ouve a respeito da sua chegada. Mateus denomina essa mulher de **cananéia**, a fim de caracterizá-la como *pagã*, como membro do povo originário que habitava a terra de Canaã. Marcos a designa como grega, de nacionalidade "siro-fenícia" (para distingui-la de "libo-fenícia" na África), igualmente para caracterizá-la como gentia. Essa mulher pagã grita atrás dele: **Senhor, Filho de Davi**. É curioso que ela usa o título "Filho de Davi". Ela deve ter ouvido falar não apenas de seus grandes feitos, mas também que agora se discutia em Israel se ele, por causa de seus discursos e feitos, não seria de fato o Filho de Davi. Em seu coração a mulher gentia respondeu a questão sucintamente no sentido de que "quem realiza esse milagres, não pode ser nenhum outro que o Filho de Davi, prometido em Israel". Esse Filho de Davi também poderá ajudar sua filha enferma. É o que ela crê firmemente, apesar de ser gentia.

Entretanto, o que faz Jesus? Ele não lhe responde com nenhuma palavra. Por que faz isso? Não porque não tivesse misericórdia ou fosse indiferente, mas porque não tinha nenhuma incumbência por parte do Pai. Acima de tudo prevalecia para o Senhor a obediência, até sobre compaixão e bondade do coração. Ele, que incessantemente realizava o que via o Pai fazer, não podia dar ouvidos à voz do seu coração, que tinha tanta vontade de ajudar. A trajetória que o Pai delineou para ele é estreita. É verdade que o mundo é *vasto*, com seus milhões de pessoas doentes, fracas e carentes de cuidados. Mas mais espaçoso e amplo que o sofrimento do mundo é o coração bondoso e amoroso do Salvador.

Neste episódio, os discípulos *parecem* ser mais misericordiosos que o Senhor! Dizem ao Mestre: "Atende e despacha-a!" Cede e faz o que ela pede, para que finalmente termine a gritaria! A misericórdia dos discípulos era apenas *aparente*. Na verdade, porém, era comodismo. Queriam ter sossego. Jesus responde aos discípulos: **Fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel**. O Senhor fala aos discípulos com calma e autocontrole. Nenhuma pessoa de fora imagina quanta renúncia esse envio lhe impunha.

"O maior sacrifício para uma pessoa sempre solícita é ter de restringir seu impulso para agir, é *não* poder utilizar suas forças interiores, é ter de *renunciar* até à prática do bem, quando a profissão, doença ou outra vontade superior o proíbem. Também nessa questão Jesus queria ser um exemplo de obediência para nós. De fato ele não teria podido desenvolver uma atividade maior nessa região neste momento, para não colocar em risco sua tarefa messiânica no povo de Israel. Pois, se agora, quando o ânimo entre o povo se tornava mais hostil a ele, mesmo que não houvesse chegado a uma rejeição definitiva, Jesus tivesse voltado sua atividade para os gentios, seus adversários o interpretariam como traição ao próprio povo. Ainda mais que, conforme relata Flávio Josefo, os tírios eram os que, entre todos os fenícios, se portavam com maior hostilidade diante dos judeus. Assim, pois, Jesus segue, com coração pesado, mas com passos firmes, seu caminho de obediência" (Lauk).

O fato de Jesus não lhe dar ouvidos não afastou a mulher. Pelo contrário, como seu grito de longe não chegou ao ouvido do Senhor, a necessidade a impeliu a aproximar-se de Jesus e apresentar-lhe seu pedido de perto. Veio, prostrou-se diante dele e disse: **Senhor, ajuda-me!** Ela tinha fé inabalável de que o Senhor lhe daria uma resposta positiva. Ele, porém, respondeu: **Não é certo tirar o pão das crianças e lançá-lo aos cachorrinhos.** O Senhor não está empregando a figura em sentido pejorativo. A expressão "cachorrinhos" já o denota. O "cachorrinho" é o cachorrinho de colo ou da sala, em contraposição ao cão de rua, que vagueia pelos becos. – A mulher gentia não entende a comparação como ofensiva, mas a assume, mesmo que na figura esteja encerrada uma humilhação para a ela. O Senhor lhe queria dar a entender que o envio do Filho de Deus destinava-se inicialmente ao povo de Israel. Ele se sentia preso a essa missão. Apesar de o Senhor ter se esquivado de Israel –

por causa da hostilidade crescente ali – ele permanecia disposto de todo coração a servir ao povo de Israel até a sua última hora na terra.

Por essa razão o Senhor não pode desfazer as fronteiras que Deus, em sua decisão inescrutável, estabeleceu inicialmente entre Israel e os povos. Não lhe cabe considerar os filhinhos como cachorrinhos e os cachorrinhos como filhinhos. Ele precisa obedecer à incumbência do seu Pai. Ainda que Israel o odeie e queira matá-lo, ele não pode odiar Israel e separar-se dele.

Contudo, a fé esperançosa e persistente torna corajosa e perspicaz a gentia, mãe da criança doente. Torna-a tão corajosa e ousada que o Senhor foi vencido. A resposta dela é: "Sim, sem dúvida, Senhor, tens razão, mas podes fazê-lo sem problemas, pois também os cachorrinhos comem e se fartam das migalhas que caem da mesa de seus senhores."

Se fosse assim, que os cachorrinhos ficariam alimentados somente *no caso* de que os filhinhos tivessem de passar fome, ela desistiria de seu pedido. Mas porque os cachorrinhos *e* os filhinhos são saciados conjuntamente, e mais precisamente pelo fato de que os filhinhos têm de sobra na mesa do Senhor, o pedido da mãe gentia não pode ser rejeitado. Porque a graça de Deus é rica e é grande. A mãe praticamente percebeu o conflito em que se encontrava o coração voluntário do Senhor. Ao dar razão ao Senhor com as palavras: **Sim, certamente, Senhor!**, ela tenta mostrar uma saída ao Senhor, de como ele poderia, sem tornar-se desobediente ao Pai, atender ao pedido dela. Ela assume de corpo e alma a metáfora dos filhinhos e cachorrinhos e a elabora adiante. A uma resposta tão apropriada o Senhor não pode resistir. Por isso Jesus declara: **Mulher, é grande a tua fé!** Ela tinha dado razão ao Senhor, por isso ele também deu razão a ela. Porque ela honrou como sagrada a vontade dele, Jesus também realizou a vontade dela. Sua bondade não perdeu para a fé dela. Chamou de *grande* a fé dela. É grande aquela fé que busca em Cristo misericórdia grande. Essa grande e rica misericórdia estendeu a mão à mulher, sem abandonar Israel. Foi ao encontro da fé da mulher cananéia, sem diminuir a fidelidade a Israel. Aqui Deus revelou aos ignorantes o que ocultou aos sábios. Sem instrução, exemplo e teologia, essa mulher gentia solucionou o enigma diante do qual os mestres de Israel se tornaram tolos. Na Bíblia constavam *ambas* as verdades, tanto de que Deus havia criado Israel para o seu *reino*, quanto a de que a *terra* ficaria repleta da sua glória. O grande enigma do futuro era descobrir como essas duas verdades haveriam de combinar. Os professores de Israel não decifraram o enigma. Esperavam a ajuda de Deus somente para si, enquanto os pagãos teriam parte somente na sua *ira*. A mulher cananéia vislumbrou como ambas as verdades se unificam na deliberação de Deus. Sua graça é tão rica que ele *mantém* sua promessa em favor de Israel e *também redime* os gentios. *Do seu pão* são saciados os filhinhos *e* os cachorrinhos" (cf. Schlatter, comentário ao texto).

É impressionante do que o amor de uma mãe é capaz. Respostas humilhantes e afirmações quase de repulsa não a ofendem. E mais: Não lhe importa o que as pessoas digam dela, que corre gritando e lamentando atrás de homens, e ainda homens *judeus*, aquelas pessoas que eram desprezadas e odiadas pelos membros de seu próprio povo. Em relação a isso ela é tão imune quanto em relação ao mal-estar dos discípulos por causa dos gritos de uma gentia. – Onde homens fortes já teriam dito um "basta", argumentando: "Esse tipo de tratamento é intoslerável. Que ofensa, ser comparado a um cachorro!", ela continua sendo persistente. Ela persevera na fé, mesmo diante dos obstáculos que se interpõe a ela com a negativa de Jesus. No entanto, sua fé esperançosa, que supera todas as dificuldades, conquista a vitória.

XVIII. O SEGUNDO MILAGRE: CURAS DE ENFERMOS EM GRANDE ESTILO, 15.29-31

1. Jesus volta para o mar da Galiléia e cura muitos enfermos, 15.29-31

(Mc 7.31-37)

Partindo Jesus dali, foi para junto do mar da Galiléia; e, subindo ao monte, assentou-se ali.
E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou.
De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel.

Jesus sobe num monte. Ali acontecem as curas. Isso parece estranho, mas provavelmente tem um sentido semelhante à permanente insistência em Marcos, de que as curas deveriam ser mantidas em segredo. O **monte** é local de solidão, e ao mesmo tempo local da proximidade de Deus. Moisés (Êx 19.3,20; 34.4) e Elias (1Rs 19.8) recebem a revelação de Deus no alto do monte. Jesus profere seu grande discurso no monte, e para orar sobe a um monte (Mt 14.23), chama seus discípulos para subirem ao monte (Mc 3.13), no alto do monte ele é transfigurado (Mt 17.1ss). O v. 30 nos oferece uma descrição genérica, assim como Mc 1.32-34; 3.7-12. No presente texto são citadas as três formas de doenças graves, das quais falava Is 35.5s: os aleijados, os cegos e os surdos. Cumpriu-se a promessa da vinda de Deus, à qual aludiu também a palavra de Jesus ao Batista (11.3-5). Os aleijados são citados duas vezes: **aleijados e coxos**, à semelhança dos **surdos** e **mudos** que são citados lado a lado (Mc 7.37; 9.25) para designar os surdos-mudos. Os doentes são deitados aos pés de Jesus, para obterem o contato físico com ele. A origem disso talvez seja uma antiga crença sobre a alma, embora não se deva julgar precipitadamente essa questão (cf. Mc 6.53ss).

A reação às curas é o louvor a Deus (cf. 9.8; e com freqüência em Lc, a partir de 5.26). Jesus fala pessoalmente no sermão do Monte (5.16; 6.9: primeira prece) sobre o louvor a Deus. Glorifica-se o **Deus de Israel**. Poderíamos concluir que Jesus está numa terra de gentios. Seu retorno para o mar da Galiléia (v. 29) significa, neste caso, que ele chega à margem oriental do lago (cf. 8.28ss; cf. Schniewind).

XIX. O TERCEIRO MILAGRE: JESUS ALIMENTA QUATRO MIL PESSOAS, 15.32-39

1. A segunda multiplicação de pães e peixes, 15.32-39

(Mc 8.1-10; Jo 6.1-13)

E, chamando Jesus os seus discípulos, disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanece comigo e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça pelo caminho.

33 **Mas os discípulos lhe disseram: Onde haverá neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão?**

34 **Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: Sete e alguns peixinhos.**

35 **Então, tendo mandado o povo assentar-se no chão,**

36 **tomou os sete pães e os peixes, e, dando graças, partiu, e deu aos discípulos, e estes, ao povo.**

37 **Todos comeram e se fartaram; e, do que sobejou, recolheram sete cestos cheios.**

38 **Ora, os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças.**

39 **E, tendo despedido as multidões, entrou Jesus no barco e foi para o território de Magadã.**

Inicialmente teceremos uma breve observação diante da afirmação que seguidamente é feita pela teologia crítica, qual seja: Os quatro evangelistas fizeram de *um milagre dois milagres* de multiplicação dos pães. Na realidade, porém, teria havido somente um milagre de alimentação. Passamos a dar um esboço dos dois milagres. Esse esquema evidenciará como eram *diferentes*, em todos os sentidos, o local, a hora, o número das pessoas e o número dos pães e peixes.

Acreditamos que, para qualquer leitor, esse esquema evidencia que temos, nos evangelhos, dois relatos – a alimentação dos *cinco* mil e a dos *quatro* mil. Com exceção do ponto em que Mateus relata que Jesus foi de barco até a montanha de Magadã, enquanto Marcos informa que ele se dirigiu para Dalmanuta, o relato B é totalmente coeso. Com exceção do ponto insignificante de que A e B não citam nomes, esses dois milagres de alimentação não possuem nenhuma relação entre si! Isso nos obriga a concluir: Durante sua atividade, Jesus realizou *dois* milagres de multiplicação de pães.

Mais peculiar é o relato de João, pois apresenta relações com ambos os milagres de alimentação. Ele traz o relato B à nossa memória por meio de um aspecto essencial, qual seja, que Jesus pergunta pelo conselho dos discípulos. A solicitação de A: “Dêem-lhes vocês mesmos de comer”, é lembrada pelo traço de que Jesus “experimenta” o seu discípulo Filipe. A igualdade com A é apontada pela

coincidência dos números indicados (5.000 pessoas, 5 pães e 2 peixes, 12 cestos) e que Jesus depois anda sobre o mar na tempestade.

A. Alimentação dos cinco mil						**B. Alimentação dos quatro mil**	
Mt 14.13-21	Mc 6.30-44	Lc 9.10-17	Jo 6.1-13	Mt 15.32-39	Mc 8.1-10		
Os discípulos retornam da missão					Antes da Páscoa	No último ano	
A leste do lago de Genesaré			Betsaida	Margem leste	Na Decápolis		
Cair da tarde					Cair da tarde	Três dias no deserto	
"Chegaram a um lugar ermo"				Jesus se sentou no monte	No deserto		
Os discípulos perguntam Jesus					Jesus pergunta os discípulos	Jesus chamou os discípulos para junto de si	
Não são citados nomes dos discípulos					Filipe e André	Não são citados nomes	
Jesus responde: "Dêem-lhes vocês de comer"					Jesus os "experimenta"	Os discípulos confessam sua incapacidade, e Jesus indaga pelo número de seus pães	
	Discípulos dizem que alimentá-los custaria mais de 200 denários		Filipe: 200 denários não são suficientes				
Cinco pães e dois peixes					Cinco pães de cevada e dois peixes	Sete pães e peixinhos	
Doze grandes cestos (*kóphinos*)					Doze cestos (*kóphinos*)	Sete cestos de alimentos (*spyris*)	
Cinco mil					Cinco mil	Quatro mil	
Jesus impele os discípulos para o barco					Jesus se retira da multidão	Jesus despede a multidão	
Jesus anda sobre o mar na tempestade					Jesus anda sobre o mar	Jesus viaja de barco com os discípulos	
Pedro anda sobre o mar					Não conta que Pedro anda	Para Magadã	Para a região de Dalmanuta

	sobre o mar		
Jesus no barco	Embarque de Jesus coincide com a chegada	Jesus no barco	

A solução da questão deve ser encontrada no sentido de que o relato de João pertence a A. Pois onde A e João divergem, trata-se, na verdade, de detalhes *complementares*.

Jesus Cristo levou a sério a questão do pão. Ele próprio experimentou uma vez a verdade da palavra da Torá "O homem não vive somente do pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Dt 8.3), quando teve fome após 40 dias e 40 noites de jejum (Mt 4.3s). Exatamente a história da tentação comprova a relação recíproca entre *pão* e *palavra de Deus*, entre *ter fome* e *tentação* (cf. Êx 16.3; 17.1s; 1Rs 17.16). Singularmente, na história da tentação de Elias defrontamo-nos com a nítida verdade de que às vezes a questão do pão é a *primeira* questão – não em termos de valor, mas de premência. Primeiro é preciso comer e beber antes de ter condições de caminhar até o monte Horebe, o local do encontro com Deus (cf. 1Rs 19.1ss). Nós, seres humanos, afinal, em nossa experiência espiritual, também dependemos da constituição do nosso corpo. Essa talvez seja a mais forte expressão da verdade de que temos nosso tesouro em vasos de barro.

Jesus ajuda! Ele leva a *questão do pão* tão a sério quanto a *questão de Deus*. Então, alimenta as milhares de pessoas. O Filho de Deus ora e agradece pelo pão. Ele atesta, desse modo, que o Deus que nos deu o pão celestial na pessoa de seu Filho também nos quer dar o pão físico: "Todos esperam de ti que lhes dês a comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens" (Sl 104.27s; cf. v. 13s; Mt 6.11; Is 33.16; 2Ts 3.12). A questão do pão também é uma questão de fé.

Jesus disse: **Tenho compaixão dessa gente**. Enquanto os discípulos ainda estão ocupados consigo próprios e, talvez, com o que Jesus lhes dissera sobre o reino de Deus, Jesus olha ao seu redor. O olhar sobre a grande multidão de pessoas é um olhar de compaixão! Não constitui um sinal de sua natureza humana que Jesus também vê a necessidade física dessa multidão, mas sim um sinal de sua divindade. Ele realiza o milagre da multiplicação do pão como sinal de que ele é "de natureza divina". Pois os milagres de Deus acontecem por amor!

Para realizar o milagre, porém, o Senhor demanda a colaboração de seus discípulos.

Ele, que mais tarde dirá: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15.5), tampouco quer fazer algo sem os seus discípulos. O Cristo exaltado está ligado de modo singular à sua comunidade, assim como a cabeça está ligada ao corpo (Efésios).

No entanto, não queremos esquecer que não somos mais que servos inúteis, e continuaremos sendo. Quando Deus convida à mesa, nós somos os servos. O cristão não é fazedor de milagres. Até mesmo os apóstolos realizaram os milagres "em nome de Jesus cristo" (cf. At 3.6,16; 4.10; 16.18; 9.13-17). "Concede aos teus servos que anunciem com toda intrepidez a tua palavra, e estende a tua palavra, para que aconteçam curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus" (At 4.29b,30). Deus ainda hoje é um Deus que realiza milagres. Usa, para tal, somente a nossa mão, em Cristo (cf. At 5.12; 1Tm 4.14; 2Tm 1.6; Mc 7.18s; Tg 5.14s; Lc 10.9).

Graças ao relato do milagre da alimentação dos cinco mil, fazemos uma *segunda* descoberta: Jesus Cristo se contenta com pouco!

O olhar para baixo mostra a impotência do ser humano. O olhar para cima revela a força do Onipotente, para o qual é fácil transformar o pouco em muito (cf. 1Sm 14.6). Justamente o pouco recebe na Bíblia uma promessa especial (cf. Pv 15.16; 16.8; Tob 4.9; Mt 25.21; Lc 21.1-4; Mc 12.41-44). Não nas panelas de carne do Egito, mas no deserto foram manifestos os milagres de Deus ao povo de Deus. Num piscar de olhos uma pequena porção pode ser suficiente, com os estoques dele, para alimentar quatro mil homens. Depende somente da perspectiva: para baixo ou para cima! "Elevo os olhos para os montes, de onde me virá o socorro. O meu socorro vem do Senhor que fez os céus e a terra" (Sl 121.1ss; cf. 2Co 4.18; Hb 11.27).

A *terceira* descoberta está em que *o milagre da multiplicação do pão acontece sob a oração de gratidão de Jesus*. Nessa oração está contida inicialmente a gratidão por essas poucas dádivas que Jesus tem nas mãos! As palavras atestam uma elevada confissão de humildade diante do doador de todas as boas dádivas (Tg 1.17; Ef 4.8; 1Co 1.7; Jr 31.14). Sem o Pai celeste Jesus não queria realizar

nada (Jo 15.9). Na oração de gratidão pelo pouco, o cristão declara sua total dependência de Cristo. Esse testemunho de humildade não está contido na oração de preces exigentes, mas sim na modesta ação de graças. A oração de gratidão de Jesus, porém, não é feita somente referente ao presente, mas também ao que é futuro. Ele agradece de antemão! O ânimo elevado da fé arrisca-se a usar essa elevada linguagem de oração.

XX. A SEGUNDA SOLICITAÇÃO DE SINAIS PELOS INIMIGOS DE JESUS, 16.1-4

1. Os fariseus e os saduceus pedem um sinal do céu, 16.1-4

(Mc 8.11-21)

Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu.
Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado;
3 **e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?**
Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas. E, deixando-os, retirou-se.

Observação preliminar

Para a primeira solicitação, veja no cap. 12.38-42

Novamente os inimigos de Jesus aparecem "na paisagem". Mal o Senhor chegou à margem ocidental, eles já estão aí. "Vieram para fora" diz o texto grego em Marcos (Mc 8.11). Pode-se ver bem como eles saem de seus esconderijos, para se lançar de todos os lados sobre Jesus. Desta vez participam também saduceus, i. é, representantes da nobreza sacerdotal de Jerusalém (cf. Mt 15.1). Segundo Mc 8.15, deve ter havido entre esses adversários de Jesus também adeptos de Herodes (cf. Mc 3.6). De acordo com Mc 8.11, essa mescla colorida de inimigos de Jesus começou a brigar intensamente com ele (entre si eles eram arqui-inimigos – mas, por se tratar de atacar Jesus, de repente eram amigos). Eles exigem, como já aconteceu em Mt 12.38, um **sinal do céu**. A questão do Messias deve, enfim, ser esclarecida publicamente diante de todo o povo. Jesus tem de comprovar sua reivindicação de ser o Messias. Todos os milagres já realizados por Jesus não são suficientes para essa gente. Sim, todas as demonstrações de poder e milagres feitos até então por Jesus eram atribuídos ao *diabo* (cf. Mt 12.22ss). Tampouco eram suficientes para eles os sinais indicados pelo próprio Jesus como comprovação, conforme o profeta Isaías os havia prenunciado a respeito do Messias (cf. Mt 11.2). – O *Messias*, como *eles* o imaginavam, tinha de fazer descer fogo do céu para sua comprovação, como Elias fizera, ou mandar parar o sol, como Josué realizara, ou chamar um raio ou chuva ou granizo, ou efetuar os grandes sinais no céu relacionados à chegada do Messias (como Lc 21.11 e At 2.19).

"Da mesma maneira como os nazarenos em Mt 13.53-58, os inimigos de Jesus, agora, queriam um Messias como *eles* o imaginavam, um Cristo de acordo com a *sua* opinião e idéia. Por isso levantaram a *sua* exigência do que o Senhor tinha de realizar. O evangelista chama essa atitude de **tentar o Senhor** (v. 1), i. é, uma tentativa de levar o Senhor ao ponto em que *eles* querem que ele esteja. O Senhor deveria ser *forçado* a ser e comportar-se como *eles* queriam. Jesus, porém, permaneceu sendo o Senhor soberano, que não entrega sua honra a pessoas. Certamente ele quer estar do nosso lado com sua ajuda e seus milagres, mas não tolera que nós o tentemos ou lhe demos ordens. Em nossas orações também corremos o risco de tentar o Senhor, solicitando dele, como os fariseus, um sinal, ou levando-o para o ponto exato em que *nós* gostaríamos que ele estivesse. O Senhor repele essa exigência de um sinal. Ele rejeita *aqueles* sinais com os quais as pessoas querem pressioná-lo, obrigá-lo, dominá-lo. Na Escritura nem sempre se nega a realização de sinais. Por exemplo, lemos de Gideão, em Jz 6.36-40, que ele pediu um sinal. No entanto o pedido de Gideão

brota da fé na palavra do Senhor que lhe foi dita. A fé e confiança na palavra do Senhor, porém, faltam aos fariseus e saduceus" (Otto Bückmann).

Jesus não cede às exigências dos inimigos. Ele desmascara a sua intenção maldosa (cf. 12.38), ao lhes responder que eles conhecem muito bem os sinais exteriores do céu. Estão familiarizados com os fenômenos da natureza, segundo os quais são capazes de predizer o tempo bom ou ruim. Contudo, não são capazes de interpretar **os sinais dos tempos**. O que significam esses "sinais dos tempos"? Pensa-se nos sinais, *que o Senhor realiza, os seus milagres*. Esses sinais dos tempos, i. é, do tempo especificamente messiânico, eles *não* sabem interpretar. Esses sinais dos tempos não lhes dizem nada. Qual é a causa por que os questionadores de Jesus não se apercebem dos sinais dos *tempos messiânicos*? Seria a *falta de clareza* dos sinais? Não. A causa é a geração infiel e ingrata, que é chamada de **adúltera** e prostituta. De acordo com a linguagem da Escritura, isso significa que esta geração não manteve a fidelidade e aliança com o seu Senhor, desviou-se e tornou-se ingrata, procura satisfazer *a si própria* e não ao Senhor. Ajeita para si um messias, e passa de largo do verdadeiro Messias. Nenhum outro sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta **Jonas** (cf. 12.38ss). Nesta ocasião o Senhor não considera necessário explicar-lhes melhor esse sinal, como ainda fizera no cap. 12.

Assim como o profeta Jonas, durante a tempestade no mar, foi engolido por um peixe marinho e permaneceu três dias na barriga do monstro, mas depois ressurgiu vivo, assim Jesus será engolido, no temporal do sofrimento da cruz, pelo dragão da morte, porém no terceiro dia ressuscitará. *Esse será o grande sinal*. Para os inimigos será tarde demais, para os outros será um sinal do céu que confirma o Filho do Homem como Filho de Deus.

Curto e abrupto consta no v. 4: **Deixou-os e foi embora**. A ruptura foi consumada.

Nesta situação, Jesus se volta, mais do que nunca, para os discípulos. Ele os adverte claramente contra o fermento dos fariseus e saduceus.

XXI. ADVERTÊNCIA AOS DISCÍPULOS, 16.5-12

1. O fermento dos fariseus e dos saduceus, 16.5-12

5 Ora, tendo os discípulos passado para o outro lado, esqueceram-se de levar pão.
E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.
7 Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão.
Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão?
Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos tomastes?
Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos tomastes?
11 Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.
Então, entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

Provavelmente Jesus se retirou tão rapidamente para o lugar sossegado que não houve mais tempo para comprar pão. Todavia, Jesus *não* está pensando na compra de pão. Seus pensamentos ainda estão totalmente ocupados com os fariseus e os saduceus. Por isso ele diz aos discípulos: **Cuidem-se e previnam-se contra o fermento dos fariseus.** Com essas palavras Jesus está se referindo a *todo o modo de pensar* dos fariseus e saduceus. Os discípulos ainda não reconhecem plenamente o perigo que os ameaça da parte dos inimigos de Jesus. Os discípulos tinham cumprido a religiosidade farisaica desde os tempos de criança e ela lhes fora ensina como a *espiritualidade correta*. Jesus chama a atenção deles para como é perigoso aceitar e adotar a visão doutrinária dos fariseus. Acontece como no caso do fermento. Assim como a força de penetração do fermento perpassa tudo, também o modo de pensar dos inimigos se apodera do *coração todo* e contamina o *espírito*, a *alma* e o *corpo*. Por essa razão os discípulos necessitam ser seriamente prevenidos.

O diálogo, porém, revelou que eles entenderam completamente errado o seu Senhor. Eles achavam que, ao falar do fermento dos fariseus, o Senhor estaria pensando na momentânea falta de

pão. O Senhor os censura pela sua pouca fé e os remete àqueles milagres de **multiplicação de pães** no deserto, como no cap. 15 foi relatado que ele alimentou **quatro mil** e no cap. 14, **cinco mil**, ou seja, como eles puderam presenciar duas vezes a maravilhosa solução da preocupação pelo pão.

No v. 12 Mateus informa que os discípulos entenderam a palavra de comparação sobre o fermento dos fariseus e saduceus. Reconheceram que Jesus queria prevenir os discípulos quanto à compreensão totalmente errada da religiosidade legalista (cf. sobre isso o sermão do Monte, especialmente 5.20 e outras passagens) bem como quanto à cosmovisão dos saduceus. Mateus considera como fermento dos fariseus particularmente a *concepção doutrinária*, Lucas considera mais a *hipocrisia* deles (12.1) e Marcos provavelmente mais o *ódio dos fariseus* e de Herodes (8.15) contra Jesus.

Dito à margem, esse trecho de Mateus (v. 8-11) é uma nova prova em favor da autenticidade dos *dois* relatos de multiplicação de pães. Portanto, não é possível falar de uma *mistura* dos dois relatos, nem dizer que houve apenas *um* milagre. Jesus diferencia com exatidão a alimentação dos cinco mil da dos quatro mil, e ainda os cinco pães para alimentar os cinco mil e os sete pães com que saciou os quatro mil. A palavra de Jesus, afinal, é determinante! (cf. sobre isso o quadro depois dos v. 32-39.)

Outro aspecto: Para o termo **cestos** são usadas duas expressões diferentes nos dois milagres. Na história dos cinco mil a palavra grega para cesto é *kóphinos* (4.20). A mesma palavra *kóphinos* para cesto também é repetida por Jesus quando menciona a alimentação dos cinco mil em Mt 16.9. No milagre da alimentação dos quatro mil está, para cesto, em grego: *spyris* (15.37). O mesmo termo *spyris* é também repetido por Jesus quando fala dos quatro mil em 16.10.

Kóphinos é um grande cesto de carga; *spyris* é um pequeno cesto para alimentos. Portanto, o primeiro milagre de alimentação foi *maior* que o segundo, tanto em relação ao *número de pessoas saciadas* quanto em relação à *quantidade de pão que restou*.

XXII. AS NORMAS FUNDAMENTAIS DA COMUNIDADE DE JESUS, 16.13-20,28

1. A confissão de Pedro, 16.13-20,28

(Mc 8.27-30; Lc 9.18-21)

13 **Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?**
14 **E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.**
15 **Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?**
16 **Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.**
17 **Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.**
18 **Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.**
19 **Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus.**
20 **Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.**
28 **Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.**

São palavras pronunciadas no tempo de *tranqüilidade*, entre o período da última atividade pública de Jesus na Galiléia e sua entrada em Jerusalém. Trata-se, a rigor, do início do seu sofrimento, morte e ressurreição.

No trecho de 13.53 a 16.12, que é o relatório dos *feitos* que seguiu o relato dos *discursos* do cap. 13 (aquele que trouxe as sete parábolas) é dito *dez vezes* que Jesus se afasta:

13.53: "Quando Jesus terminou o discurso de parábolas, afastou-se dali."

14.13: "Jesus, ouvindo isso (a decapitação do Batista) saiu dali e dirigiu-se de barco a um lugar desabitado."

14.22: "E logo impeliu os discípulos a (afastando-se do convívio com a multidão) entrarem no barco e saírem na frente dele…"

14.23: "Após despedir o povo, subiu a um monte solitário, a fim de orar."

15.14: "Deixem-nos cair (os fariseus)."

15.21: "Jesus saiu dali e retirou-se para a região de Tiro e Sidom."

15.29: "Jesus saiu novamente dali e chegou à proximidade do Mar da Galiléia, subiu a região montanhosa a fim de permanecer num lugar solitário."

16.4: "Deixou-os aí (fariseus e saduceus) e retirou-se."

16.13a: "Jesus foi com seus discípulos à região de Cesaréia de Felipe…", i. é, rumo ao Norte, à fronteira extrema do país.

17.1: "Levou-os (os discípulos) para um lugar à parte…" (pelo conteúdo, essa passagem pode ser incluída da relação).

Portanto, dez vezes nos capítulos que relatam os *feitos* de Jesus que sucederam ao grande capítulo do relato dos discursos (Mt 13), fala-se que *ele se afastou*. Dez vezes Jesus se esforçou para chegar a um lugar sossegado com seus discípulos. Somente na décima vez obteve êxito. Terminou a atividade pública de Jesus na Galiléia. Jesus se apronta para a última decisão em Jerusalém. Prepara-se e seus discípulos para o amargo sofrimento e morte lá. Para isso precisa de solidão.

No sossego, "entre as épocas", ou seja, entre a última manifestação pública na Galiléia e a entrada em Jerusalém, Jesus deseja levar ao coração dos discípulos as linhas mestras do *funcionamento* de sua comunidade.

Também em Marcos esse trecho "entre as épocas" é o que inicia com a confissão de Pedro e dura até a entrada de Jesus em Jerusalém. Ele se distingue de "antes" e "depois" pela atitude de Jesus, que fala, agora, "aos *discípulos* sobre si próprio, e à sua comunidade sobre temas bem específicos e interligados" (Mc 8.22–10.45).

Também Lucas aponta indiretamente para essa unidade narrativa (o trecho "entre as épocas"). Inicia com a confissão de Pedro sobre o Cristo (Lc 9.18-20), depois fala do *Cristo que sofre* (9.21s) e dos *discípulos* do Cristo sofredor (9.23-27). Em seguida apresenta a *transfiguração de Jesus* (9.28-36), a cura do jovem possesso (9.37-43) e o segundo anúncio de sofrimento (9.43-45). Contudo, os paralelos seguintes com Mateus são encontrados somente em Lc 15; 17; 18; e 22.

Retornemos a Mateus. As diretrizes fundamentais da comunidade de Jesus começam com o extraordinária e permanente confissão de pertencer a Jesus Cristo por parte da comunidade que crê nele, *o próprio Filho de Deus*. Isso confere à primeira diretriz fundamental da comunidade um significado singular.

13a Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe…

Jesus rapidamente retoma o *plano* de se retirar, que foi *duas vezes* frustrado, em Betsaida (de Júlia) pelo entusiasmo do povo de acompanhá-lo, e na região de Tiro e Sidom, onde, apesar de seu desejo de "permanecer incógnito" (Mc 7.24), a notícia de sua presença se espalhou por causa do milagre realizado com a mulher cananéia. Depois disso ele havia retornado para o sul, visitando pela segunda vez a Decápolis (federação das Dez Cidades), que anteriormente teve de abandonar com tanta pressa. Agora ele segue novamente para o norte, porém mais para leste, para os vales solitários onde nasce o rio Jordão, aos pés do monte Hermom. Lá ficava a cidade Cesaréia de Filipe, habitada majoritariamente por gentios (Josefo, *Vita* § 13). Nessa região afastada Jesus podia ter *esperança de encontrar* o sossego que em outras áreas da Palestina buscou em vão. Ele não vai à cidade propriamente dita, mas à *região circundante*, ou mais precisamente, às aldeias em redor (Mc 8.27). Aqui finalmente encontra lugar e tempo para dialogar em particular com seus discípulos.

Jesus, portanto, se soltara finalmente da sua pátria mais próxima, a Galiléia, após ter "saído nove vezes". Ele havia peregrinado com seus discípulos até a extrema fronteira do norte, às cercanias da cidade fronteiriça Dã (de Dã a Berseba, 1Sm 3.20).

13b Perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?

A resposta correta ou incorreta a essa pergunta é decisiva para a existência ou não da comunidade de Jesus na terra. Com a expressão **Filho do Homem**, Jesus refere-se a si próprio.

Segundo Marcos, Jesus pergunta: "Que dizem as pessoas *de mim*, quem eu sou? (Mc 8.27). Segundo Lucas, Jesus pergunta: "Que dizem as multidões *de mim*, quem eu sou? (Lc 9.18). Ou seja, em Marcos e Lucas, como a seguir em Mt 16.15, Jesus também pergunta na primeira pessoa: "Quem dizem vocês que *eu* sou?"

Jesus se autodenomina, aqui no v. 13b, o **Filho do Homem**. Essa designação encontramos somente na boca do próprio Jesus. É a sua *autodesignação*. Recapitulemos o que já foi dito por nós a esse respeito sobre Mt 8.20. Complementaremos as palavras que tentavam explicar a expressão "Filho do Homem" especialmente no sentido humano, com a observação de que o nome "Filho do Homem" expressava a relação de Jesus com a *humanidade*. Ele foi totalmente humano, como um de nós.

"Esse Filho do Homem presente, de acordo com sua humildade, leva a vida de uma *pessoa comum*. Ele *come e bebe*, de modo que as pessoas podem dizer: Vejam esse glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores (11.19). Ele é um *sem teto*: Não tem onde reclinar a cabeça (8.20). É uma pessoa sem direitos, que *precisa padecer* arbitrariedades na mão daqueles que têm poder (17.12). Será entregue nas mãos de homens, e eles o matarão (17.22s). Assim como Jonas na barriga da baleia, o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra (12.40). Entretanto, esse Filho do Homem também está ciente de sua *glória*. Por isso também disse: Vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu (26.64; 24.30). O Filho do Homem se assentará no trono da sua glória (19.28), há de vir na glória de seu Pai com seus anjos (16.27), mandará os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam iniqüidade (13.41). Porém já na atualidade ele tem mensageiros humanos na terra, e: Eles não acabarão de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem (10.23). A mensagem inaudita que eles devem anunciar é a notícia de que o Filho do Homem já chegou, e que a única salvação para cada pessoa está em invocá-lo e reconhecê-lo como tal. O Filho do Homem veio salvar o que estava perdido (18.11), e possui autoridade sobre a terra para perdoar pecados (9.6)" (Vischer).

Portanto, os evangelhos consideram tanto a *humildade* quanto a *glória* do Filho do Homem. É um mistério, um enigma para os contemporâneos de Jesus.

Em lugar da expressão "Filho do Homem", Paulo emprega o termo "segundo Adão", o qual procede do céu, e que deve ser distinguido do *primeiro Adão* (1Co 15.45).

"*Quem é Jesus, pois, realmente?* O juiz do mundo, ou uma pessoa sem direitos? Um que há de vir ou que está presente? Será que as nuvens do céu o trarão ou a terra o tragará? Ele é o senhor de todos os senhores ou o servo de todos os servos? Será ele o onipotente salvador do povo santo do Altíssimo, ou um ser humano indefeso e desamparado? Quem entende a enigmática humanidade do Filho do Homem? Quem, diziam as pessoas, ele era?" (Vischer).

14 E eles (os discípulos) responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

As opiniões sobre a pessoa de Jesus, relacionadas pelos discípulos, expressavam: "*Não* consideram o senhor como o Messias". É verdade que os contemporâneos de Jesus estavam profundamente impressionados com o aspecto extraordinário de sua pessoa. E, pelo visto, o rei Herodes Antipas não era o único que defendia a opinião de que em **Jesus o Batista** havia ressuscitado.

Outros eram da opinião de que precisavam lembrar Ml 4.5s, que diz: "Eis que vos enviarei o profeta **Elias**, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". Outros ainda pensavam que precisavam recordar 2Mac 2.4ss, onde se fala que Jeremias guardou o tabernáculo, a arca da aliança e o altar dos perfumes em uma caverna. A muitos parecia que Jesus era **Jeremias** que saíra de sua caverna.

Havia também outros que acreditavam ser Jesus um dos outros **profetas**.

"Os discípulos *não* reportam ao seu Mestre o que já sabemos de outras passagens do evangelho de Mateus, ou seja, que, ao lado dessas opiniões positivas sobre Jesus, havia também opiniões muito negativas! Pois uma vez os seus parentes mais próximos declararam que ele teria ficado *louco*. Pessoas piedosas, que se escandalizavam pelo seu convívio com pessoas *excluídas* da sinagoga, não tinham outra explicação que esta: *Ele gosta de comer e beber muito*. Os líderes religiosos e políticos o consideravam um inovador perigoso, que dissolve toda ordem, um entusiasta, quando não um charlatão e blasfemo" (Vischer).

Em sua excelente obra *Der Weg des Menschensohnes* (Gundert, Stuttgart, 1927), Martin Kähler escreve o seguinte: "Portanto. Jesus conseguiu, por meio de todo o seu comportamento, que a opinião pública sobre ele fosse unânime num ponto, a saber, na negação. Nisso *todos estão de acordo*: *Ele não é o Messias*: Apesar de tudo o que era *incomum* em sua figura e sua atuação, que se revelara com

tanta glória nos incontáveis e grandiosos milagres e demonstrações de poder, apesar de eventuais manifestações de intensa esperança, como após o milagre da alimentação, ele *decepcionou* os seus concidadãos. Sua *pessoa* e seu *comportamento* não coincidiam com a concepção deles de um rei salvador. Essas eram as opiniões negativas.

Como se julga em nossos dias a pessoa de Jesus? Concedemo-lhe a *prerrogativa* de ter descoberto e ensinado a mais pura conduta moral, ou o designamos como o maior gênio religioso, mas como limitado, unilateral, preso à perspectiva do seu tempo – como um dos profetas. É assim ou um pouco diferente que se define hoje a importância de Jesus para a vida intelectual da história universal. Dessa forma a pessoa culta do século XX pensa ter concedido a Jesus a honra devida. Já chegamos a uma conclusão, já temos nossa opinião formada sobre ele."

É evidente que não economizamos o nome de Cristo. Até lhe atribuímos títulos ricos de conteúdo, como Redentor, Salvador. Mas também eles são moedas gastas. Não ficam reservados exclusivamente para ele. Seu valor é definido justamente por aquelas opiniões de que ele *não* é o enviado por Deus, sem igual e de importância única para todos, e com direitos exclusivos sobre todos.

Ninguém se lembra de pensar *naquele* que o Pai enviou *pessoalmente* ao mundo, no *último*, no *único*, ou seja, no *próprio Deus*.

Como é hoje, assim também foi naquele tempo. As pessoas tinham sua opinião formada sobre o Nazareno.

Contudo, Jesus ainda não chegou ao fim de suas perguntas. Ainda tem uma palavra dirigida aos discípulos.

15 Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?

Evidentemente Jesus presume que eles não estão de acordo com nenhuma das opiniões referidas. Com toda confiança ele contrapõe seus discípulos àquelas pessoas. E, enfatizando a interpelação **vós**, ele lembra os discípulos daquilo que os distingue das pessoas e o que lhes sugere uma conclusão diferente. Também sabemos que peso ele concede depois à resposta deles. Era importante para ele que julgamento faziam dele.

Nos três relatos, o testemunho de Pedro, que agora segue, foi formulado de diversas maneiras:

- O Cristo, Filho do Deus vivo (Mateus);
- O Cristo (Mc 8.29), o Filho de Deus (segundo o *Códice Sinaítico*);
- O Cristo de Deus (Lc 9.20), o Filho de Deus (segundo o *Códice Beza*).

De certo modo, a formulação de Lucas encontra-se no meio dos outros dois.

De acordo com Mateus, a confissão de Pedro é:

16 Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

"Essa resposta de Pedro compreende Jesus com uma designação que é de uma natureza totalmente diferente de todas as citadas. Mesmo que aqueles o classifiquem como importante ou insignificante, que o avaliem positiva ou negativamente, de uma maneira ou outra eles permanecem no âmbito das possibilidades *humanas*. '*O Cristo*', '*o Messias*', '*o Ungido*', consagrado diretamente *pelo próprio Deus* para ser rei, profeta e sacerdote da sua graça, são termos que rompem qualquer *medida humana*, por serem totalmente *de origem divina*. Em relação aos reis, sacerdotes e profetas de Israel, Jesus é incomparavelmente mais que o principal deles. Ele é o Senhor, eles são os servos, ele é o testemunhado, eles são as testemunhas, ele é o sentido de todas as palavras do AT, o esperado por todos que esperavam, o prometido de todas as promessas de Deus. Para expressar que Jesus é esse único e singular, Pedro o designa de **o Cristo** ou, em sua língua materna aramaica, *meshiha*, de 'Messias'" (W. Vischer).

Aquela hora do Senhor Jesus com seus discípulos no lugar solitário lá nos altos de Cesaréia de Felipe foi verdadeiramente uma hora formidável e extraordinária. Mateus a descreve de forma solene e séria, designando o discípulo Pedro pelos seus dois nomes **Simão Pedro**. Ao responder-lhe, Jesus contrapôs esses dois nomes num contraste consciente e significativo.

Em Mt 14.33 – na história de como o Senhor anda sobre o mar – todos os que estavam no barco disseram: "Na verdade não és outro senão *um* Filho de Deus".

Agora é dito ***o* Filho do Deus vivo**. Essa palavra designa algo bem extraordinário, algo inaudito. Especifica a "imensurável diferença qualitativa" (Kierkegaard) entre Cristo e todas as c*riaturas*, tanto as invisíveis quanto as visíveis, os anjos e também os seres humanos. *O Filho do Deus vivo é o*

próprio Deus vivo. O discípulo João, no prólogo do seu evangelho (1.1-18) falou de maneira infinitamente profunda e sublime desse mistério: "Jesus, *o* eterno Filho de Deus". Veja as explicações no respectivo comentário.

Repetimos mais uma vez a resposta, a fim de gravar a enorme importância dessa confissão: "Tu és *o* Messias, i. é, *o* Cristo, ou seja, não um ungido qualquer, mas *o* Ungido por excelência, não uma pessoa esperada qualquer, mas *o* esperado por excelência. *O* realizador de tudo aquilo que o AT falou, indicou e sugeriu, capítulo por capitulo (cf. Comentário aos Romanos, cap. 1).

E mais: Ele é *o* Filho! Não *um* filho, mas *o* Filho por excelência. O único e incomparável no sentido *absoluto*. Ele é aquele *único* a quem o Pai confiou tudo e sem o qual ninguém pode conhecer o Pai (Mt 11.25-27). É o "Filho amado", em quem o Pai tem prazer (Mt 3.17).

A presente confissão de Pedro e dos discípulos, que concordam com o seu porta-voz, constitui uma decisão magna e historicamente decisiva. Sob aspecto fundamental, vem a ser *o fim da sinagoga e o início da comunidade de Jesus.*

"Por conseguinte, o testemunho de Pedro é a grande virada na vida de Jesus, na história de Israel e no destino da humanidade."

Através dessa confissão de Pedro, estava fundada a comunidade do NT, em contraposição à do AT. O Senhor Jesus sentiu a felicidade do momento, no qual obteve a certeza de que, apesar de tudo, tinha lançado raízes entre a humanidade e conquistado nela uma comunidade que continuaria sendo dele, apesar de todos os poderes do inferno. Como o Senhor se alegrou que seus discípulos o reconheceram! Eles não têm apenas opiniões sobre ele, não, eles o aceitaram no seu coração, e ele pessoalmente é "a razão pela qual" vivem seguindo-o. Eles não têm vergonha de ficar junto dele, apesar do julgamento negativo do povo.

Com palavras especiais, o Senhor destaca que foi o próprio Pai celeste que concedeu isso:

17 Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

Quanto à expressão **filho de Jonas**, provavelmente ocorreu um erro de cópia no evangelho de Mateus grego. Conforme o evangelho de João, o pai de Pedro se chamava João, e não Jonas (Jo 1.42; 21.15-17).

Portanto, não foram **pessoas** que deram a Simão e, com ele, aos discípulos a percepção da magnitude e glória únicas e absolutamente ímpares de Jesus. O povo não estava por trás de Simão. Ele e os poucos discípulos estavam sozinhos diante de Jesus. Pelo contrário, o **Pai nos céus** havia concedido como presente ao seu Filho essa confissão de fé dos discípulos.

18a Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.

Pedro somente poderá ser uma **rocha** para a comunidade de Jesus se ficar com a fé firme sobre Jesus Cristo. A construção que se apoia sobre essa rocha Jesus Cristo é a comunidade de Jesus. Lembramos de Ef 2.20: "…edificada (como um prédio) sobre o fundamento (*themélios*, rocha) dos apóstolos e profetas, onde Jesus Cristo é a pedra angular (pedra fundamental e cumeeira, *akrogonaios*)".

Primeiro *Cristo*, depois *Pedro* e os apóstolos, e depois a *comunidade*. Essa é a seqüência. Jesus Cristo, porém, não é apenas a pedra fundamental e angular, mas também o mestre de obras que constrói a sua comunidade. Ela não é obra dos apóstolos, e sim obra dele. Ela tampouco é propriedade dos apóstolos, e sim propriedade dele, comprada por alto preço.

O fato de Jesus, pois, colocar Pedro como rocha ou pedra fundamental de sua comunidade não está em contradição com Mt 21.42, onde Jesus diz: "Nunca lestes na Escritura: A pedra (*lithos*) que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular…" e onde *Jesus se refere a si próprio* como "*kephalén gonias*" (pedra angular, pedra fundamental). A passagem acima também não está em conflito com a carta de Pedro (1Pe 2.4s): "Aproximem-se da pedra (*lithos*) que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, e também vocês mesmos, deixem-se edificar como pedras vivas para uma casa espiritual (Veja comentário sobre Mt 18.15-18).

Nesse trecho, de acordo com as próprias palavras de Pedro, Jesus Cristo é o fundamento e a pedra angular de sua comunidade. Verifiquemos também, como comparação, Is 28.16 e Sl 118.22, que afirmam o mesmo. Repetindo: Jesus Cristo primeiro, depois Pedro e os apóstolos, depois cada membro da comunidade.

Como era equivocada a idéia daquelas pessoas em Corinto que diziam: "Nós somos gente de Cefas, i. é, de Pedro" (1Co 1.12)! Jesus não concedeu a Pedro uma posição de rocha única, fundamental para a comunidade toda.

Jesus Cristo sozinho é detentor dessa posição singular de rocha fundamental. No entanto, a primeira pessoa que seu Pai celestial lhe deu para essa função na terra é Simão. Deus o concedeu pelo fato de que fez com que Pedro fosse o primeiro a confessar: "Tu és o Cristo". Por causa da fé obtida de Deus e que o confessa, o Cristo declara esse apóstolo como rochedo ou primeira pedra fundamental de sua comunidade. Por isso Lutero explicou com acerto: "Quem, pois, quiser expor corretamente esse texto bíblico, aprenda aqui de Cristo que a comunidade existe somente onde há essa rocha, i. é, onde estão *esse testemunho e essa fé* que Pedro tem e os outros discípulos também".

Contudo, essa compreensão não pode levar, na luta contra as reivindicações católicas, a uma abstração hipostática da fé, como se o Cristo tivesse escolhido uma formulação da fé e não, antes de tudo, uma pessoa crente para ser fundamento da comunidade.

"Com certeza ficamos admirados, sim, espantados, quando nos damos conta de quanto Jesus arriscou ao apostar tanto numa pessoa. Ele o fez na confiança em seu Pai no céu, que lhe tinha dado essas pessoas para confiar. Tudo o que o evangelho de Mateus informa sobre Pedro, da sua vocação até a sua negação de Jesus, mostra que Jesus realmente o fez. Da mesma forma Lucas, que transmitiu a palavra do Senhor (Lc 22.31s): "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti para que a tua fé não desfaleça. E tu, quando te tiveres reencontrado, fortalece os teus irmãos." Atitude idêntica mostra João com a incumbência: "Simão, apascenta as minhas ovelhas!" [Jo 21.15]. Neste ponto, pois, o testemunho dos evangelhos é unânime" (cf. Vischer).

Em parte alguma do NT é dito que, por causa de Mt 16.18; Lc 22.32 e Jo 21.15-17 Jesus teria transferido a Pedro a autoridade máxima na igreja, que Pedro seria o verdadeiro representante de Cristo e de Deus, o substituto de Cristo e por isso o primeiro e último que teria todas as certezas. Tampouco se fala no NT de que o primado de Pedro abrangeria um primado de honra e de poder supremo de governo sobre toda a igreja, e precisamente no sentido da autoridade máxima legislativa, do supremo tribunal e da autoridade doutrinária máxima, com a procuração de infalibilidade em relação à solene definição de doutrinas de fé (*ex cathedra*). Nossa opinião é que essa reivindicação jurídica do papado por governo divino sobe a igreja não é conforme à Escritura. O único cabeça da igreja, ou melhor, da comunidade (*ekklesía*), é e continua sendo *Cristo*.

A **construção** que o Cristo erguerá é chamada por Jesus de sua **comunidade**, sua *ekklesía*. A palavra é usada nos evangelhos somente por Mateus, e somente aqui e em 18.17 (duas vezes). Origina-se da constituição das cidades gregas e designa "a assembléia dos cidadãos plenos da *pólis*, reunidos para exercerem atos legais" (Erik Peterson, cf. K. L. Schmidt, artigo *ekklesía*, in: Kittel, *Theol Wörterbuch* zum NT). Na LXX o termo foi escolhido para traduzir o termo *kahal* do AT, que designa a reunião da federação israelita. Enquanto no judaísmo tardio o termo estava sendo cada vez mais substituído por sinagoga, os vocacionados por Jesus Cristo o encamparam inteiramente para si como designação dos *chamados para fora*. Pois pela concepção puramente lingüística (do idioma grego), *ekklesía* significa "os chamados para fora" (*ek* = para fora, e *kaléo* = eu chamo). Ao sentido do AT, de reunião, agrega-se o sentido do NT, do "convocar para fora". Forma-se, assim, a "assembléia convocada para fora". Esta poderia ser a designação da comunidade de Jesus. Desse modo a palavra comunidade adquire o sentido mais profundo de reunião dos convocados para fora. É o Espírito Santo quem *chama* e *reúne*… precisamente aos que se deixaram chamar e reunir.

No NT o termo *ekklesía* aparece 115 vezes:

- 3 vezes em Mateus
- 24 vezes em Atos
- 5 vezes na carta aos Romanos
- 22 vezes em 1Coríntios
- 9 vezes em 2Coríntios
- 3 vezes em Gálatas
- 9 vezes em Efésios
- 2 vezes em Filipenses
- 4 vezes em Colossenses

- 2 vezes em 1Tessalonicenses
- 2 vezes em 2Tessalonicenses
- 3 vezes em 1Timóteo
- 1 vez em Filemom
- 2 vezes em Hebreus
- 1 vez em Tiago
- 3 vezes em 3João
- 20 vezes no Apocalipse de João.

Proporcionalmente ao número de capítulos, é em Atos dos Apóstolos, em 1Coríntios, no Apocalipse e na carta aos Efésios que a palavra *ekklesía* é mais freqüente.

Nenhuma vez encontramos a palavra nas duas cartas de Pedro. Isso é tanto mais estranho por ter sido diante de Pedro que o Senhor Jesus usou pela primeira vez a palavra *ekklesía* (Mt 16.18). Embora Pedro pessoalmente não use a palavra *ekklesía*, ele conhece muito bem o que ela designa. Usa expressões correlatas, p. ex., "casa espiritual" (1Pe 2.5), "raça eleita", "sacerdócio real", "nação santa", "povo de propriedade" (1Pe 2.9) etc.

Muitas vezes em sua obra historiográfica Lucas utiliza expressões que caracterizam a natureza da comunidade, sem citar *ekklesía* = comunidade, como, p. ex., "os seus" (At 4.23), "a multidão dos que creram" (4.32) "a plenária dos discípulos" (6.2), "os que são do Caminho (da salvação)" (9.2), "os santos" (9.32) etc.

Para a diversidade das formas como a palavra comunidade = *ekklesía* pode ser descrita no NT, citemos ainda um breve exemplo de Paulo. Na carta aos Efésios designa-se, apenas nos cap. 1 e 2, a comunidade de Jesus com 33 palavras ilustrativas diferentes.

Os múltiplos termos e expressões, usadas centenas de vezes para designar a comunidade, possuem essa *uma idéia básica* de que somente pode ser cidadão da comunidade aquele que experimentou um "renascimento" mediante um encontro pessoal com o Senhor.

Estes cidadãos são "da família de Deus" (Ef 2.19) e vivem entre as demais pessoas na terra como "cidadãos santificados", cuja "cidadania" ou "pátria" está, como escreve Paulo (Fp 3.20s), "nos céus, de onde esperamos como Libertador, o Senhor, Jesus Cristo, que há de transfigurar o nosso corpo humilhado, para torná-lo semelhante ao seu corpo glorioso, com a força que também o torna capaz de tudo submeter ao seu poder".

"Estão inseparavelmente unidas a mensagem de Jesus de que está próximo o reino dos céus e a fundação da sua comunidade. Já se argumentou que uma exclui a outra. Por ter *esperado* pelo reino de Deus, não poderia ter lançado o fundamento da comunidade" (Vischer).

Mas não é esse o caso. Pois a comunidade de Jesus deve ser, e é, testemunha e *portadora* de uma notícia universal de alegria, de um evangelho, que o próprio Jesus formula assim: "Deus, com efeito, amou tanto o mundo que deu o seu Filho, o seu único, para que toda pessoa que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).

Toda a vida e ação da comunidade de Jesus apressa-se em direção do grande dia do retorno e da revelação de Cristo. Toda a existência da *ekklesía* é anúncio e configuração daquilo que virá.

A ética da comunidade de Jesus precisa corresponder exatamente ao que nos profetas de Israel eram os "sinais": organização forte, transformação de uma parte da situação do mundo, expressão espiritual e física da mensagem do dia de Deus vindouro.

A comunidade de Jesus é a "palavra visível", é sinal do reino vindouro, é ação não restrita por nenhum barreira, ação ativa e intensiva em todas as direções.

18b As portas do reino dos mortos não resistirão a ela.

No evangelho de Mateus, Jesus usa duas vezes para "reino dos mortos" a expressão *hades*: em 11.29 e 16.18. Nestes trechos a tradução de Hades é "reino dos mortos" (Veja mais detalhes em Mt 8.5-13 na nota sobre tradução *e* e em Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel*).

A maneira de falar de **portas do reino dos mortos** revela que os israelitas imaginavam o reino dos mortos como uma *fortaleza*. Havia portões de entrada nessa fortaleza. Quem passou por esses portões é mantido preso. Nenhum finado retorna da fortaleza trancada do reino dos motos. Os portões fecham-se para sempre atrás dos falecidos.

Existe apenas uma única exceção, que é Jesus. Ele não pôde ser mantido na sepultura. As portas do reino dos mortos tiveram de abrir-se e devolvê-lo.

Com ele, também a sua comunidade não poderá ser mantida presa pelas portas do reino dos mortos. Para ela a morte foi vencida, pois foi-lhe dada vida eterna.

Os portões do mundo dos mortos não **prevalecerão** contra ela. Em outra tradução lemos: "As portas do reino dos mortos não serão *mais fortes* do que ela".

Sobre esse texto, Lutero disse o seguinte: "Na Escritura, *as portas* significam *uma cidade e seu poder*. Por conseguinte, aqui as portas significam todo o poder do diabo com seu séquito, como reis e príncipes desse mundo que precisam todos opor-se à rocha e à fé. Porém o consolo é este: Ainda que os cristãos tenham de deixar para trás o corpo e a vida, as portas do inferno não são vitoriosas, mas a vitória será dos cristãos. Pois a igreja é um batalhão em prontidão e uma guerreira heroína, que luta até mesmo contra as portas do inferno e que vence e triunfa e governa contra o pecado, contra a morte e contra o causador de ambos, a saber, contra o diabo" (Eberle, *Luthers Evangelien-Auslegung*).

À nomeação de Simão como rochedo, segue uma declaração:

19a Dar-te-ei as chaves do reino dos céus.

A linguagem figurada das **chaves** se sugere porque Jesus comparou sua comunidade com um prédio. Quem, pois, recebeu as chaves da casa, tem o cargo de fechar e abrir a porta.

A "palavra" que Pedro e os apóstolos anunciam torna-se, para uns, "perfume para a vida", para outros, "cheiro de morte" (2Co 2.12-14). A pregação dos apóstolos, assim como toda a pregação da palavra até os dias de hoje, age *como graça* quando é aceita, e *como juízo* quando é rejeitada. Desse modo o posicionamento perante o anúncio da palavra decide, em última análise, sobre pertencer ao reino dos céus ou ser excluído dele.

19b O que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares da terra terá sido desligado nos céus.

"Com essas palavras Jesus comparou o seu ministério com o do juiz, que envia para a prisão ou concede a liberdade. Com a administração da graça está firmemente conectado a ação de Deus como juiz. Também isso faz parte da grandeza do serviço apostólico. Como mensageiro de Jesus, Pedro aprisiona uns e conduz outros à liberdade. Os *soberbos* ele prende, os *cativos* solta das correntes. Em um lugar faz com que o pecado gere a morte, em outro afasta dele e declara livre. Pedro o executa com palavras humanas, contudo o faz com *validade eterna*. Deus o *endossa*. O perdão que Pedro anuncia é o perdão de Deus, a condenação que ele ameaça é executada por Deus. Ele não fala somente sobre os assuntos de Deus, mas a palavra que Pedro profere é ouvida, confirmada e cumprida nos céus.

"Essa promessa de Jesus passou a vigorar no dia de Pentecostes, quando Pedro estava diante dos judeus com o testemunho vigoroso de Jesus, e milhares vieram para o batismo. Foi ali que Cristo colocou sobre ele, como *rocha* escolhida, as primeiras pedras que formaram a casa edificada por ele. Foi ali que Pedro pôde usar a chave, que abre o reino dos céus. Evidenciou-se como boa chave, porque o Espírito de Deus acompanhava a sua palavra. Foi ali que ele estava de pé como aquele que **desliga**, quando conduziu as pessoas ao batismo para que seu pecado fosse apagado. E quando Pedro afastava a geração pervertida do reino de Deus isto também tinha validade, e o juízo de Deus caía sobre os membros dessa geração.

"O que começou em Pentecostes, tornou-se permanentemente seu ministério apostólico.

"Da mesma forma, a comunidade de Jesus não pode prescindir desse ministério hoje. Pois o serviço dos apóstolos chega também a nós através do Novo Testamento" (cf. Schlatter, p. 256).

Incessantemente, a palavra do NT segue também hoje chamando para a decisão.

20 Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.

Diante desse versículo, Schlatter lança a seguinte pergunta: "Por que o Israel inteiro não devia saber disso? Não tinha de ser proclamado de uma extremidade do mundo à outra? Afinal, dizia respeito a toda pessoa que Jesus era o Cristo. Para todos residia nisso a *promessa*, para todos trazia o *compromisso* de obedecer. Neste momento, porém, Jesus não deseja outra coisa senão que os discípulos creiam nele. Enquanto isso, fica encoberto para o Israel inteiro o seu nome de Messias, seu nome de Cristo, pelo mesmo motivo pelo qual Jesus encobre e oculta a pregação do reino dos céus com parábolas" (*Erläuterungen*, p. 257).

Ainda está por acontecer algo. Somente quando esse acontecimento decisivo tiver ocorrido pode-se anunciar livre e publicamente, sem mal-entendidos, que Jesus é o Cristo.

Chegamos ao final de um trecho que abrange céu e terra, de um evento significativo para a história universal.

Os v. 13-20 significam, verdadeiramente, a virada que separa e decide. Dão notícia do fim de Israel e do começo da "comunidade de Jesus", que abrange todos os povos. À construção e expansão dessa comunidade mundial destina-se, agora, a segunda metade do evangelho de Mateus.

XXIII. O PRIMEIRO SERMÃO DA PAIXÃO, 16.21-28

1. Jesus prediz a sua morte e ressurreição, 16.21-28

(Mc 8.31–9.1; Lc 9.22-27)

Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia.
E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá.
Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.
Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.
25 **Quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la; e quem perder a vida (a sua alma) por minha causa vai achá-la.**
26 **Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? Ou que dará o homem em troca da sua alma?**
27 **Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.**
28 **Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.**

Por três vezes o Senhor anunciou de forma especial sua paixão aos discípulos. O primeiro anúncio mencionou seu sofrimento e sua morte de modo genérico. O segundo (Mt 17.22) acrescenta que ele será entregue nas mãos dos pecadores, e finalmente o terceiro (Mt 20.17) fala dos açoites e da crucificação.

O primeiro sermão da Paixão começa com as palavras **a partir de então**. Elas significam: a partir da hora em que Pedro tinha dado o testemunho "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Depois dessa palavra maiúscula de Pedro, dita também em nome dos demais discípulos, o Senhor pode começar a revelar o grande segredo de sua cruz. Com incomparável nitidez Jesus vê os acontecimentos vindo em sua direção. Ele vê a cruz e caminha em direção a ela. Já no começo do evangelho de João [2.19,21] lemos: "Jesus respondeu e disse-lhes: Destruam esse santuário, e em três dias o reconstruirei. […] Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo." E em Jo 3.14 ele declara: "Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é preciso que o Filho do Homem seja levantado…" Já está diante dele próprio, portanto, no início de sua atividade, o "olhar para a cruz". Cabe agora introduzir os discípulos nesse mistério extraordinário, desvendá-lo. Em Jerusalém sua trajetória terrena chegará ao alvo. Em Jerusalém se cumprirão início e fim, a saber, o fim de sua vida na terra e o começo de sua vida de Ressuscitado, o fim da antiga aliança e o início da nova aliança, o fim da sinagoga, o início da comunidade.

Essa transformação do antigo em algo novo realiza-se, primeiro, pelo *povo eleito*. Acontece, em segundo lugar, pelo mais execrável acontecimento, a saber, quando Jesus será amaldiçoado, expulso, crucificado, pendurado no madeiro da vergonha e da maldição.

A reação dos discípulos foi pavor súbito e perplexidade. Muitas vezes tinham visto uma cruz, pois os romanos eram sumários com os rebeldes do movimento de libertação. Sem delongas, tais agitadores eram pendurados à beira da estrada. Para os judeus a visão de uma pessoa assim executada

era ainda mais horrível porque a lei de Moisés declarava: Uma pessoa enforcada é maldita perante Deus (Dt 21.23).

A partir desse fundo histórico, as palavras de Jesus sobre seu sofrimento e morte como crucificado possuem peso *dobrado*.

É humanamente compreensível que Pedro, todo apavorado, se torna porta-voz dos discípulos e leva Jesus **para o lado** (v. 22), para falar com ele em particular, a fim de implorar, de insistir que jamais isso poderá acontecer.

O episódio que está diante de nós contém dois aspectos: Ouvimos primeiramente o "não" de Pedro, e em segundo lugar, o "sim" do Senhor para a cruz.

- O mesmo homem que há pouco fora chamado de "rocha" por causa de sua confissão, assusta-se ao ouvir a notícia da cruz. Por que Pedro se assusta?

Ele se espanta com o que é totalmente inconcebível nessa pregação da Paixão. Esse será o fim da história? O fim de seu melhor amigo, de seu Senhor e Mestre, que somente realizou incessantemente o bem, que sem descanso e sem pausa andou pela região ajudando da manhã à noite, que se sacrificou pelos outros, renunciando a todas as comodidades, que sempre de novo se preocupou com os sofredores, amando e consolando sem igual – este será agora enforcado à beira do caminho? Além disso, ele seria morto traiçoeiramente não por assaltantes e criminosos, ou por pagãos, mas pelos mais elevados e respeitados representantes do povo eleito, pelos anciãos, sumo sacerdotes e escribas? Não, isso é impossível, isso Deus não pode permitir!

Pedro se assusta com o próprio Jesus. Se Jesus é o Cristo, *o Filho do Deus vivo*, como Pedro acaba de confessar, então um fim desses é totalmente impossível, porque não seria digno do Filho de Deus. Sempre de novo o Senhor tinha realizado milagres poderosos, e agora ele acabaria impotente, indefeso e difamado, pendurado na forca?

Pedro se assusta com Deus. Se Deus é Deus, deve acontecer o seguinte: A justiça de Deus castiga o culpado, o gentio, mas não o inocente e justo, e muito menos o próprio Filho de Deus. Se Deus for amor, um fim desses seria um tapa na cara, uma bofetada na natureza de Deus.

Pedro se assusta com o futuro. Que será depois de um fim desses, que teria de colocar em dúvida a obra de Jesus? Há pouco Jesus ainda enalteceu a indestrutibilidade de sua comunidade, e agora ele, o Senhor da comunidade, teria de desaparecer de modo ultrajante?

Compreendemos o susto profundo de Pedro e dos outros discípulos.

Esse espanto diante da morte de Jesus continuou existindo. Paulo diz duas vezes em 1Co 1: "A linguagem da madeira maldita é um escândalo para os judeus e loucura, tolice, para os gregos". E poucos versículos adiante diz: "Mas nós pregamos um Messias crucificado, estorvo para os judeus e tolice para os gregos". Ainda hoje esse fim incompreensível de Jesus torna-se sempre de novo um tropeço e escândalo. Pergunta-se como um condenado, enforcado numa cruz vergonhosa, pode trazer salvação eterna? É muito compreensível que Pedro se apavorou. Entendemos muito bem o conselho bem-intencionado de Pedro de que Jesus não se encaminhasse para uma morte dessas.

- Ao "não" de Pedro para a cruz segue, porém, o imutável "sim" do Senhor para ela. O conselho assustado e bem-intencionado de Pedro obtém a mais radical negativa de Jesus. Jesus diz: "Ande atrás de mim e não contra mim". O Pedro que, na sua boa intenção, se projetava na frente, é posicionado atrás. O Pedro que deixara de *seguir* Jesus é levado de volta a segui-lo. Ao próprio Satanás Jesus diz na história da tentação (Mt 4.10): "Retira-te, Satanás!" A Pedro ele diz: **Afasta-te! Para trás de mim!** O termo **Satanás**, dito a Pedro, é uma palavra muito dura de Jesus. A mesma boca de Pedro, à qual há pouco fora dado por Deus o testemunho do Cristo, torna-se voz do tentador. "Satanás" significa: Você está no meu caminho, você é adversário de Deus. Ainda que humanamente tenha boas intenções, mesmo assim você é o inimigo.

Nos dias atuais, continua em vigor a frase: Quando o cristão não olha inteiramente para Deus, ele freqüentemente promove, com suas melhores intenções, a causa do maligno. Ponderações humanas muitas vezes são de natureza anti-divina, e Satanás faz uso de pensamentos humanos dos filhos de Deus. Contudo, o "sim" de Jesus para a cruz permanece inabalável.

Jesus encerra seu primeiro sermão de Paixão com uma palavra profética (v. 24): **Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e venha.** A palavra "quer" representa decisão séria. "Renuncie a si mesmo" significa: "negue a si mesmo", rejeite-se a si próprio. Negar-se a si mesmo significa cassar o direito de existir do nosso "eu" melindroso, autoritário e teimoso. Significa cortar e negar a esse "eu" tudo o que não combina com as exigências de Jesus.

Jesus diz: **Tome sua cruz**. Era costume entre os romanos que o condenado à morte tinha de carregar pessoalmente o meio de sua execução até o lugar do suplício. Tomar sua cruz sobre si quer dizer: tomar firme e decididamente na mão o meio de execução do seu próprio "eu". Cada um tem sua cruz particular, ordenada por Deus, que significa para ele a morte. Um foi colocado por Deus junto com parentes, vizinhos ou colegas que significam a morte do "eu" dele. A outro Deus deu um trabalho com dificuldades que significam a morte para seu "eu". Ao terceiro Deus concedeu necessidades físicas que o incomodam diariamente. Ao quarto Deus deu superiores injustos, ao quinto subordinados rebeldes. Tudo é, na ótica de Deus, meio de executar o nosso "eu". É ordenado por Deus e constitui sinal de seu amor. É plano dele, no qual nada pode ser avaliado como negativo, mas tudo somente como positivo. É da seguinte maneira que temos de entender a palavra: "Tome sua cruz […] e siga-me", i. é, com o olhar interior observe atentamente a vida terrena do seu Mestre.

Martin Kähler afirma: "A passagem do Senhor Jesus pela Galiléia era acompanhada de uma luta vitoriosa contra todos os males que oprimiam os que dele se aproximavam, inclusive contra a senhora de tudo, a morte. Eles lhe atestavam: 'Ele fez maravilhosamente bem todas as coisas'. Essa luta humanitária contra o sofrimento do mundo dos homens é um sinal pelo qual Jesus se identifica como o Filho de Deus perante todo o mundo.

"No entanto, aos que aceitam seu chamado para o seguirem ele misericordiosamente tira a ilusão de que ele lhes traria a confortável libertação de todos os males, para que esse mundo lhes fosse aconchegante. Seu caminho leva para a cruz. Aquele que ajudou outros de mil maneiras, não podia nem queria ajudar a si próprio no caminho que lhe estava prescrito em nosso favor. Carregou e suportou a cruz, sob a qual e na qual desfaleceu.

"Na porta de entrada do caminho atrás dele, Jesus ergue para cada um de nós a sua cruz. Com isso ele nos presenteia com um precioso privilégio. Tudo o que *dificulta minha trajetória de cristão*, as pressões e inibições, as dificuldades pessoais e a mágoa que corrói as entranhas, vindas de minha vida antiga, do meu próximo ou das minhas condições de vida, tudo isso eu posso considerar como a cruz que cabe a mim, se eu, olhando para o que carrega a cruz do Gólgota, *permitir que me sirva para superar a falta de fé e o pecado*. Andarei nas pegadas dele, que estão anotadas para nós nos evangelhos."

Em lugar da vida, Jesus traz a morte, a morte mais dolorosa e amarga, porém não uma morte qualquer, e sim a morte do "eu". Todavia, essa morte do "eu" autoritário e teimoso é o único caminho para a vida, para a vida verdadeira.

Jesus continua falando, na mais paradoxal radicalização e com a mais inaudita nitidez:

25 Quem quiser salvar a sua vida (a sua alma) vai perdê-la; e quem perder a vida (a sua alma) por minha causa vai achá-la.

Dos túmulos do "eu" ressurge para os discípulos e também para nós a **vida**. Entretanto, querer ficar vivo gera a morte. Egoísmo sempre leva à perda de Deus. Todavia, buscar a Deus e ansiar por ele conduz à morte do "eu" pecador.

O sentido da vida somente se revela no lugar e na hora em que aparece a morte de tudo o que temos de nosso.

26 Pois que aproveitará o homem (o que o homem teria alcançado) se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida (ser prejudicado na sua alma)? Ou que dará o homem em troca da sua alma (o que o homem pagaria como resgate para sua alma)?

No lugar da palavra **vida** encontra-se, no grego, quatro vezes o termo *psyché*. *Psyché* também pode ser traduzido por **alma**. Segundo a psicologia bíblica, *vida terrena* e *alma* são a mesma coisa. A alma da pessoa não é uma parte, mas sim o ser todo da pessoa, ou seja, o somatório de seu *pensar*, *sentir* e *querer*. Isso é a alma. Também se pode definir: alma ou vida é toda a vida consciente do "eu" ou do "si-mesmo" da pessoa. Quem entregar diariamente a si mesmo à morte, achará a vida verdadeira e genuína.

A vida (a alma) é impagável. A vida se vive somente uma vez e, se for vivida futilmente, nunca mais poderá ser comprada de volta.

Com agudeza franca, Jesus larga integralmente nas *nossas* mãos e na nossa consciência a responsabilidade e a decisão pela nossa salvação temporal e eterna. Em formulação teológica: O aspecto subjetivo é dito com toda a clareza. O ser humano é levado totalmente a sério por Deus. Também o ser humano tem de levar integralmente a sério as exigências de Deus.

27 Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.

Jesus fala aos discípulos com tanta seriedade e franqueza porque quer chamar a atenção para o juízo futuro. Ele compensará a todos, levando em conta no juízo se a pessoa buscou *agradar ao próprio "eu"*. Será trazidos à luz, diante da sua face, se fomos *fiéis* ou *infiéis*, se "multiplicamos" o recebido ou fomos "negligentes" com as dádivas de Deus. Serão avaliadas a *obediência* e a *luta pessoal pela santificação*, e *não* o resultado.

Ele executará essa obra do julgamento na sua imensa glória, na glória do Pai.

"Todos os que se deixaram determinar pela necessidade de sucesso e impressionar por resultados, serão lançados como servos infiéis junto com suas obras no fogo, preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25.41). Naquele dia muitos dirão ao Filho do Homem: Senhor, Senhor, não realizamos muitas obras em teu nome? Então ele lhes dirá: afastem-se todos de mim, malfeitores! (Mt 7.22)" (cf. Vischer).

28 Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.

Nos autores sinóticos esse versículo forma o final o discurso poderoso e desafiador de Jesus. O que o Senhor afirma nesse versículo ele reforça colocando na frente um **amém**. Que significa o *amém* (traduzido com **em verdade**)?

"A palavra *amém* significa 'firme, válido'. Quando um judeu dizia *amém* a *outra pessoa*, declarava a afirmação do outro como compromissiva para ele próprio, nos aspectos legal e sagrado. Jesus desenvolve um uso totalmente novo desse termo, utilizando-o para reforçar *as suas próprias palavras*. Colocando o *amém* na frente, ele reveste sua declaração de autoridade jurídica sagrada e, simultaneamente, de caráter de compromisso para os que a ouviram" (cf. Vischer, p. 37).

Tanto maior, porém, é a dificuldade diante do fato de que uma afirmação assim reforçada *não se confirmou* na história. Pois todos os que estiveram presentes naquela ocasião morreram. Passaram-se dois milênios sem que o Filho do Homem viesse com seu poder real.

Como devemos, então, compreender essa palavra misteriosa do Senhor, que foi confirmada até pelo *amém* (= em verdade)?

Alguns pais da Igreja, entre eles o próprio Crisóstomo, consideram que foi na transfiguração (cap. 17) que se cumpriu essa afirmação. Contudo, é impossível relacionar palavras como "a vinda do Filho do Homem em seu reino" (Mt) ou "a vinda do Reino de Deus" (Mc e Lc) "com poder (Mc)" com um acontecimento tão específico e passageiro. Outros exegetas acreditam que a declaração somente pode referir-se à "volta" do Senhor, da qual já tratava o versículo anterior e que as pessoas imaginavam como sendo muito próxima.

Antes de abordar essa explicação da "volta de Jesus", queremos indicar ainda algumas outras concepções.

- Tentou-se aplicar esse versículo à destruição de Jerusalém. Esse pensamento, porém, não está diretamente contido na expressão "reino de Deus".
- Outros pensam na aceitação do evangelho pelos gentios ou no derramamento do Espírito Santo na festa de Pentecostes.

Godet declara: "Eu acredito com Hoffmann que é preciso comparar essa passagem com expressões como Lc 17.21: 'O reino de Deus está interiormente em vocês', e Jo 3.3: 'A não ser que alguém nasça de novo, não poderá *ver* o reino de Deus'. Jesus quer dizer: 'Sequer durará muito tempo até que os que entregaram sua vida a reencontrarão e começarão a usufruir da visão do reino de Deus.' A palavra 'ver' possui aqui seu pleno significado, tal como, p. ex., na expressão 'ver a morte' (Jo 8.51), que é idêntica a 'experimentar a morte' (v. 52) e na locução 'ver o reino de Deus' (Jo 3.3), onde é usado como equivalente de 'entrar nele' (v. 5). 'Ver a morte' nesse sentido não é o mesmo que 'ver alguém morrer', mas significa 'morrer pessoalmente'. 'Ver a vida' não significa 'ver pessoas vivas' mas 'viver pessoalmente'. 'Ver o reino de Deus' não significa vê-lo como os judeus em Pentecostes *viram* o surgimento da comunidade, mas *entrar* pessoalmente nele.

"A palavra **alguns** refere-se aos discípulos e a todos os que, no dia de Pentecostes, receberam o Espírito Santo e *viram* interiormente os grandes feitos de Deus, experimentado-os como adequados à salvação e certificadores dela. A esses Jesus designa como 'reino de Deus, no qual agora estavam entrando'."

- A opinião mais difundida relaciona as palavras do Senhor no v. 28 com a sua *volta*. Cabe aqui refletir brevemente sobre essa idéia.

"Para entender como pôde acontecer que os contemporâneos de Jesus não experimentaram mais em vida a volta dele, temos de considerar tudo o que é dito no NT sobre essa questão. Como o Filho do Homem não veio para 'executar' mas para 'consertar' (J. C. Blumhardt), ele espera até que a mensagem do Salvador humilhado e executado tenha encontrado fé, na mais ampla difusão possível. Somente depois ele aparecerá com seu poder revelado. A descrença adia a volta de Cristo. Sem dúvida, o juízo final há muito teria acontecido se Deus e Cristo não aguardassem sempre de novo com paciência. Já na segunda geração do cristianismo zombadores diziam: 'Onde ficou a promessa da sua volta? Desde que os pais adormeceram, fica tudo na mesma' (2Pe 3). A igreja palestinense, na qual circulava o evangelho segundo Mateus, não se deixou abalar por esse fato. Também a morte dos últimos do círculo dos doze, que obviamente ainda eram vivos quando Mateus escreveu, não foi motivo para eles alterarem ou cortarem a palavra de Jesus. A comunidade continuava vivendo com a *expectativa* da iminente chegada do Filho do Homem. Seu futuro preenchia com realidade atual o seu presente" (Vischer, p. 37).

Mais detalhes no *Begrifflicher Schlüssel* sobre o verbete "Naherwartung", e também em *Biblische Studien und Zeitfragen*, caderno 3: "Stellungnahme zu Bultmanns Entmythologisierung", p. 36ss.

XXIV. A LEI DA CRUZ É A LEI CONSTITUTIVA DA COMUNIDADE DE JESUS, 17.1-27

Observação preliminar

A lei da cruz é a lei constitutiva da comunidade de Jesus (a transfiguração de Jesus é a confirmação disso). Isto ouvimos detalhadamente em 16.21-28. Essa lei constitutiva significa a morte diária de tudo o que é nosso; ela é o único caminho para a vida. *Unicamente o caminho da morte*, o caminho bem pessoal de *morte* e *cruz*, assim como soletramos em 16.21-28, somente o *caminho da morte* em que entregamos sem restrições e reservas tudo que é egocêntrico à destruição, constitui o caminho para ao anúncio do "reino dos céus". Esse é o meio para abrir caminho na humanidade, a fim de conquistar os judeus e os gregos para Cristo.

Essa lei da comunidade de Jesus recebe agora sua mais solene sanção. É esse o sentido profundo da história da *glorificação de Jesus* no monte da transfiguração, bem longe do "Israel" real, nas imediações da cidade de Cesaréia de Filipe.

Sobre um monte foi anunciada a lei da antiga aliança, debaixo de trovões e relâmpagos; sobre o monte das bem-aventuranças, no sermão do Monte, foi proclamada a sintonia correta e a atitude da nova aliança. Novamente sobre um monte foi dada a confirmação da lei constitutiva da comunidade de Jesus.

Pedro, João e Tiago vêem o Senhor num brilho celestial. Esse brilho sobrenatural tem a finalidade de iluminar a escuridão da cruz. A verdadeira figura, a figura gloriosa, torna-se visível por um instante, superando cabalmente a figura do Senhor como servo. Assim, um dia, também a figura da comunidade como serva se transformará num quadro glorioso.

A lei da cruz passa pela morte em direção à ressurreição, pela humildade vai à glória, pela escuridão chega à luz.

"Para os discípulos, essa transfiguração deveria servir de grande fortalecimento para a grande tribulação à qual se estavam encaminhando. Por assim dizer, com os laços dessa experiência celestial eles estavam sendo *afixados* no céu, antes de poderem ser conduzidos para baixo, ao abismo da tentação que representavam para eles os sofrimentos de Jesus na cruz. Aprendendo a estimar a pátria eterna, a comunidade da cruz ganharia um fundamento profundo, pois agora seria fundada com corações humanos frágeis e pecadores, a fim de desafiar a morte e o inferno."

De acordo com a descrição esboçada pelos sinóticos, os quais todos trazem a transfiguração numa íntima correlação com o primeiro anúncio da Paixão (Mc 9.2ss; Lc 9.28ss), distinguimos três fases neste acontecimento:

A glorificação pessoal de Jesus (v. 1s);

O aparecimento dos dois representantes da antiga aliança (v. 3s);

A voz de Deus e a voz consoladora do Senhor (v. 5-8).

Antes de entrarmos na reflexão sobre a história propriamente dita, lancemos nosso olhar para a pergunta: Que monte serviu de lugar para a transfiguração?

Será que foi o monte Tabor, duas horas a sudeste de Nazaré, como presume a tradição? Os primeiros vestígios da tradição de que seria o monte Tabor remontam ao século IV. Cirilo de Jerusalém e Jerônimo

defendiam essa opinião. Contudo, várias razões contradizem essa tradição. É bem verdade que o tempo de seis dias teria sido suficiente para Jesus e seus discípulos deixarem a região de Cesaréia de Filipe e se dirigirem até o Tabor. Porém nada se menciona da viagem que teria sido feita neste período. Pelo contrário, Marcos informa que somente depois desse tempo eles saíram da região de Gaulanítide e chegaram à Galiléia (Mc 9.30). Também é preciso ponderar que Jesus considerou de bom alvitre evitar por ora toda aglomeração de pessoas na Galiléia, enquanto na região de Felipe ele ainda se dedica tranqüilamente às multidões, quando elas, oportunamente, vão ao seu encontro (Mt 17.14).

Naquela época o topo do Tabor era habitado, tendo uma cidade grande e fortificada, de modo que há alguns motivos contra a tradição de que a transfiguração teria acontecido no Tabor, enquanto há outros que falam positivamente em favor da região de Cesaréia de Filipe. Por isso, não há dúvida de que Jesus se encontrava na região montanhosa ao pé do Antilíbano. Ali ele conduziu os seus discípulos a um monte alto. Lucas diz, especificamente, a*o* monte. O monte mais alto dessa região é o Hermom. Por isso alguns estudiosos presumem que o Hermom tenha sido o lugar da transfiguração; outros citam o monte Panéas, nas imediações de Cesaréia de Filipe. Contudo, sempre será preciso considerar que, na proximidade de um monte muito alto, um menor ou até um braço dele não pode ser facilmente chamado de *o* monte ou de monte *alto*.

Considerando que o Senhor se encontrava na região de Cesaréia de Filipe, as expressões "o monte" ou "um monte *alto*" parecem apontar para o *Hermom*. É claro que, na escalada de um monte, não importava ao Senhor chegar à região da neve, mas sim à mais completa *solidão*. No isolamento tranqüilo do alto monte, Jesus fortaleceu a si e aos três discípulos pela oração. Eles oravam, e o mundo desaparecia para deles.

1. A transfiguração, 17.1-9

(Mc 9.2-8; Lc 9.28-36)

a. A glorificação pessoal de Jesus

1 **Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte.**
2 **E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.**

b. A aparição de Moisés e Elias

3 **E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.**
4 **Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias.**

c. A voz de Deus e a voz consoladora do Senhor

5 **Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.**
6 **Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo.**
7 **Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais!**
8 **Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus.**
9 **E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos.**

a. A glorificação pessoal de Jesus

1,2 Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.

Os três relatos sinóticos enfatizam que tinha transcorrido uma semana entre o diálogo em Cesaréia de Filipe e a transfiguração. A única diferença é que Mateus e Marcos dizem **seis dias depois**, enquanto Lucas formula: "Aproximadamente oito dias depois". A diferença é facilmente compreendida se destacarmos o "aproximadamente" de Lucas.

Não é sem intenção que Lc 9.28 diz: "Depois de proferidas essas palavras". Dessa maneira ele realça expressamente a ligação interior entre esse acontecimento e o diálogo anterior. Provavelmente um profundo desânimo se apoderou dos doze em decorrência do anúncio franco de sua morte próxima (Mt 16.21-23). Eles permaneceram consternados durante os seis dias, sobre cuja utilização os três relatos silenciam. No exato momento em que acreditavam ter chegado ao alvo de sua esperança pelo Messias, viram-se de repente como que lançados num abismo. Um sentimento

paralisante de amargo lamento tomou conta deles. Jesus precisava agir contra a dor na alma de seus discípulos. Para esse fim, ele recorre à *oração*, não sozinho, mas juntamente com aqueles dentre seus apóstolos cujo estado de ânimo poderia exercer maior influência sobre o dos demais. De acordo com os relatos de Mateus e Marcos, poderíamos pensar que o Senhor Jesus subiu o monte com os discípulos com a intenção de ser transfigurado diante deles. Porém Lucas nos permite reconhecer o verdadeiro objetivo do Senhor nas palavras "com o propósito de orar".

"O Mestre, portanto, tomou seus discípulos à parte, para estar sozinho com eles e orar. Aquele que o Senhor consegue chamar para segui-lo e servi-lo, ele sempre de novo procura conduzir da abundância das experiências e da pressão do serviço para o silêncio, para estar a sós com seu discípulo. Ele sabe que precisamos desses momentos para acumular novas forças, solucionar questões não resolvidas e obter novas perspectivas. Por isso ele nos proporciona estarmos com ele na presença do Pai. Felizes aqueles servos e aquelas servas que dispuserem de tempo quando forem chamados pelo seu Mestre celestial! Sem dúvida temos conferências sobre a fé, estudos bíblicos, reuniões de edificação e cultos de todos os tipos. Nosso cabeça exaltado os utilizou tantas vezes para revelar-se nessas ocasiões, aos diversos membros, na glória de seu ser e na plenitude de seu poder. Por essa razão ninguém deveria retirar-se sem motivos determinados, de lugares e oportunidades em que se ouve a voz de Deus e se vê a sua glória. Contudo, *Cristo* na realidade *não está preso* a todos esses lugares e programas para revelar-se. Sim, podemos dizer que muitas vezes nossas mais profundas bênçãos se encontravam onde menos as esperávamos. Jacó certa vez encontrou um céu aberto na solidão da estrada. Para o nosso Deus não existem caminhos tão solitários e horas tão escuras que ele não seja capaz de conceder a uma alma, como outrora a Jacó, um céu aberto. Também lá onde a visão natural vê apenas dificuldades, esterilidade e pobreza espiritual, ele pode dar oportunidade à fé para descobrir aquelas fontes de vida que fazem prosperar tudo para uma nova vida e um novo florescer. É por isso que o cantor da antiga aliança, agraciado por Deus, também testemunha acerca da comunidade dos romeiros – vinda do estrangeiro – e peregrinando pelos vales ermos do Becá até os altares sagrados de Iavé em Jerusalém: 'Ainda que passem por um vale de Becá, ele o transforma num manancial, pois a chuva serôdia o cobre de bênçãos. Eles caminham de força em força, até comparecerem perante Deus em Sião'" (Kroeker, *Allein mit dem Meister*).

Retornemos para a nossa história. O Senhor Jesus, pois, subiu ao monte com os seus três mais íntimos, a fim de orar. Enquanto orava, **alterou-se** o aspecto de seu semblante e suas vestes se tornaram alvíssimas. Como Jesus subiu o monte "para orar", a transfiguração de Jesus não foi objetivo da subida, mas sim o meio que Deus usou para atender a oração dirigida a ele. A relação entre a oração de Jesus e sua transfiguração é expressa por Lucas com a preposição grega *en*, que expressa ao mesmo tempo uma relação de simultaneidade e de causalidade. O sagrado silêncio de oração se reflete muitas vezes sobre o rosto inteiro. Quando a essa atitude do coração, como em Moisés e Estêvão, corresponde uma revelação objetiva de Deus, então pode acontecer que o brilho interior perpassa a alma e o físico, causando algo como um prenúncio da futura transfiguração do corpo. Foi esse tipo de fenômeno que se realizou na pessoa de Jesus durante a sua oração.

Lucas descreve o efeito simplesmente assim: "O aspecto de seu rosto tornou-se diferente".

A manifestação de luz procedente do interior do corpo de Jesus perpassou-o tão intensamente que se tornou perceptível até através de suas roupas. Também nesse pormenor a expressão de Lucas é bem simples: "Suas roupas resplandeceram de brancura". Forma um contraste com a descrição muito mais brilhante de Mateus nesta passagem, e de Mc 9.3: "E suas vestes tornaram-se resplandecentes, tão brancas que nenhum lavadeiro do mundo poderia alvejá-las assim".

b. A aparição de Moisés e Elias

3,4 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias.

A confirmação da lei constitutiva da comunidade de Jesus é realizada, agora, a partir do AT. Surgem Moisés e Elias, Moisés como representante da lei, Elias como representante dos profetas. – Ambos experimentaram em sua vida a dureza da lei da cruz. Ambos andaram o caminho da morte. Ambos, porém, viram como poucos a glória de Deus. Moisés e Elias passaram diretamente da vida terrena para a celestial. Ninguém conhece a sepultura de Moisés até o dia de hoje (Dt 34.6), e Elias subiu ao céu num carro de fogo (2Rs 2.11). Acerca de Moisés, Deus declara: "Ele está familiarizado

com toda a minha casa". "O Senhor falava com Moisés, face a face, como um homem fala com seu amigo" (Êx 33.11).

O assunto da conversa entre Jesus, Moisés e Elias nos é comunicado no relato de Lucas, onde se lê textualmente: "Falavam da *partida* de Jesus que ele estava para cumprir em Jerusalém" [Lc 9.31]. É de máxima importância para os discípulos que eles ouviram Jesus, Moisés e Elias falarem de sua partida em Jerusalém. Dessa maneira surgiu dentro deles o claro reconhecimento de que Jesus permanece ligado ao AT. Esclareceu-se para os discípulos a unidade da antiga e da nova aliança. Os espíritos dos dois Testamentos se saudaram novamente, como lá no Jordão, quando Jesus foi batizado,

A expressão "partida" deve ser bem observada. Lucas escolheu intencionalmente uma palavra que abrange os dois conceitos "morte" e "exaltação". A ascensão aos céus foi para Jesus a saída natural dessa vida, assim como para nós pecadores a saída é a morte. Jesus poderia ter escolhido essa saída naquele instante, subindo com os dois celestiais que falavam com ele. Porém, nesse caso, *teria retornado à glória sem nós*. Lá em baixo no vale do mundo ainda jazia a humanidade, oprimida pelo peso do pecado e da morte. Deveria Jesus abandoná-la à própria sorte? Não, ele quer subir somente quando a puder conduzir consigo.

Entretanto, para essa finalidade ele precisa escolher a outra saída, que pode cumprir-se somente em Jerusalém. A expressão "consumar" não designa apenas o fim da vida. Mais fortemente está contida nela a idéia de que, com uma morte tão cruel, caberia cumprir uma tarefa. A locução "em Jerusalém" é profundamente trágica. Jerusalém é a cidade que sempre de novo mata os profetas (Lc 13.33). A pequena palavra de Lucas sobre o assunto da conversa ilumina todo o acontecimento. É a chave do relato. De fato permite reconhecer a ligação entre essa aparição e o que aconteceu em Cesaréia de Filipe. Pois o diálogo sobre esse assunto mostra aos discípulos que o Messias sofredor é aquele que Deus quer, é aquele que o céu aprova.

Quando Pedro nota, segundo Lc 9.33, que os homens Moisés e Elias querem partir, ele tenta evitá-lo, dizendo a Jesus as palavras: **Mestre, como é lindo aqui! Façamos três tendas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias.** Portanto, logo se dissipou na memória de Pedro o que Jesus há pouco tinha dito a ele e aos discípulos (cap. 16.21-23) acerca de seu fim, e do qual acabavam de falar. Ele teria gostado tanto de *segurar* a maravilha desse momento. Teria preferido sair do mundo. Gostaria de estar morto ou desaparecido para a terra, em troca de poder manter coesa essa comunidade gloriosa e deter-se no meio dela. Queria atrair o mundo glorioso totalmente para dentro do mundo daqui e conservá-lo aqui. Assim ele fala como Simão, não como Pedro. "Ele não sabia o que dizia", observam os evangelistas, desculpando-o. "Porque eles estavam fora de si pelo medo", acrescenta Marcos!

c. A voz de Deus e a voz consoladora do Senhor

5-8 Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo. Aproximando-se deles, tocou-lhes (abraçou-os) Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus.

Esse é o ponto culminante do acontecimento. A **nuvem** não é de chuva, mas sim o véu com que Deus se cobre quando aparece na face da terra. Encontramos a mesma nuvem no deserto e na inauguração do templo salomônico, e novamente na ascensão de Jesus. Mateus a descreve como nuvem **luminosa** (nuvem de luz). Independente disso, ele diz como os outros dois que ela sombreou, encobriu a cena. O brilho do foco de luz que havia no seu centro perpassou o que estava em volta e lançou uma claridade misteriosa sobre a cena.

Retornamos a Pedro. Enquanto ele falava, não só os homens, mas também o Senhor Jesus foram envolvidos pela nuvem luminosa. Então ouviram a voz: **Este é meu Filho amado, em quem me comprazo, a ele ouvi!**

Da mesma maneira como naquela vez no Jordão, após a oração e confissão de estar pronto a morrer, a *ir como cordeiro* (que carrega o pecado do mundo), seguiu-se uma resposta de aprovação do céu, assim também se ouve, após o anúncio de sua morte aos discípulos dele, uma resposta do céu, por intermédio da transfiguração, bem como da voz: "Este é meu Filho amado, em quem me comprazo, a ele ouvi!"

A forma dessa declaração divina é diferente nos três evangelhos.

Em Lucas pode-se ler no texto original: "Este é meu Filho, *o escolhido*" (Lc 9.35). A variante que também pode ser encontrada em Lucas: "Este é meu Filho, o amado" (C, *coiné,* D) é *igualmente correta*. O termo "o escolhido" tem significado *absoluto,* em contraposição aos servos escolhidos para uma obra específica, como Moisés e Elias.

Marcos diz (Mc 9.7): "Este é meu Filho, o amado, a ele ouvi!"

Em Mateus consta: "Este é o meu Filho, o amado, em quem me comprazo!" A solicitação: **Dêem-lhe ouvidos!** é a repetição daquela solicitação pela qual Moisés comprometeu o povo de Israel, na sua época, a aceitar a doutrina dos profetas e do Messias, pelos quais a sua própria seria complementada (Dt 18.15). Essa palavra final indica claramente a finalidade de todo o acontecimento: "Ouçam-no, qualquer que seja a palavra que ele lhes disser. Sigam-no, qualquer que seja o lugar para onde ele os levar!" Se lembrarmos as palavras de Pedro na conversa com Jesus: "Deus queira impedir isso!" – "Isso de modo algum te acontecerá" (Mt 16.22), entenderemos o pleno significado dessa solicitação divina.

Constatamos novamente que aqui se cumpre uma *lei* presente em toda a vida de Jesus, que é: *Todo ato de humilhação espontânea por parte do Filho traz como conseqüência um ato do glorificação por parte do Pai*. Jesus desce às torrentes do Jordão para consagrar-se à morte, e Deus o chama de seu Filho amado. Sua alma aflita renova o compromisso de fidelidade até a morte, e logo a voz celeste lhe responde com a gloriosa promessa de Jo 12.28. *Assim também acontece aqui na história da transfiguração!*

A anotação **ninguém senão Jesus** é comum a todos os três relatos. Expressa-se nela claramente como estavam impressionadas as testemunhas oculares após o desaparecimento dos seres celestiais.

A lei da cruz brilha no AT e também no NT, singularmente também nessa história da transfiguração.

9 E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos.

Os três discípulos Pedro, João e Tiago deviam guardar silêncio e não falar sobre a transfiguração antes que o feito glorioso de Jesus, a vitória sobre a morte, fosse consumado na sua ressurreição.

2. Sobre o retorno de Elias, 17.10-13

(Mc 9.9-13)

10 **Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?**
11 **Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas.**
12 **Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles.**
13 **Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista.**

10 Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?

Os escribas defendiam a seguinte doutrina: *O retorno de Elias precede a chegada do Messias (do Cristo)*. Como foi que os escribas desenvolveram esse dogma? Ele é válido ou não?

11,12 Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles.

No v. 11 Jesus confirma a doutrina dos escribas, porque é uma afirmação oriunda do AT. O AT termina com as declarações do profeta Malaquias (3.23s): "Eis que vou enviar-vos Elias, o profeta, antes que venha o dia do Senhor, o grande e terrível dia…"

Os escribas usam essas frases de Malaquias para comprovar a partir da Escritura que Jesus *não* é o Messias prometido no AT e que a fé dos discípulos em Jesus como o Messias não é consistente com a Escritura, porque Elias ainda não teria vindo.

Jesus diz: **Elias já veio. E restaurará todas as coisas.** O que significa o termo: "restaurar"? Billerbeck explica: "Temos de supor que na expressão *restaurar* foi resumido, desde tempos antigos, tudo o que se acreditava que se podia esperar do retorno de Elias. A LXX já empregou o termo para

traduzir a palavra de Malaquias (3.24): 'Elias *restaurará* o coração dos pais para os filhos, e o coração dos filhos para os pais'. Ela foi ampliada no sentido de que Elias restauraria a disposição interior correta de Israel, conduzindo o povo ao arrependimento." Isso é verdade, diz Jesus. Elias já chegou, mas os escribas **não o reconheceram**. Porém agiram com ele **como queriam**.

13 Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista.

Os discípulos, portanto, entenderam corretamente que o Senhor se referia a **João Batista**, que devia mover os corações em vista do iminente dia do juízo, através de seu chamado ao arrependimento. Em outra ocasião Jesus já definira o significado de Elias por meio da palavra de Malaquias, designando-o como "o Elias que há de vir" (Mt 11.7-19). Mais tarde ele responderá com a seguinte contra-pergunta à pergunta dos escribas em Jerusalém quanto à sua legitimidade: De onde João tinha a sua autoridade, de Deus ou das pessoas (Mt 21.23-27)?

Os escribas, no entanto, "não o reconheceram", mas declararam-no como louco, e agiram com ele como queriam. Pelo exato motivo por que eles não se deixaram chamar ao arrependimento por João, não reconhecem em Jesus o juiz que lhes oferece o perdão. Farão com que seja executado, assim como João foi executado. O martírio do precursor constitui a derradeira prova de que somente o Cristo *sofredor* é o *verdadeiro Messias* de Israel (Vischer).

A lei da cruz é: O caminho da morte é o caminho da glória. Quando Cristo é executado e ressuscitado, realiza-se a vontade de Deus, anunciada na "lei" por Moisés e "nos profetas" por Elias.

3. Um desafio à fé, 17.14-21

(Mc 9.14-29; Lc 9.37-42)

14 **E, quando chegaram para junto da multidão, aproximou-se dele um homem, que se ajoelhou e disse:**

Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e outras muitas, na água.

16 **Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo.**

Jesus exclamou: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino.

18 **E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado.**

Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?

E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível.[a]

Em relação à tradução

[a] O v. 21 não consta no texto original editado por Nestle. Ele consta nos manuscritos C, D e *coiné*, e diz: **Mas esta casta de maus espíritos não se expele senão por meio de oração e jejum**.

Nos três autores sinóticos (Mc 9.14s; Lc 9.37ss) essa narração segue *imediatamente* à história da transfiguração de Jesus. Sem dúvida o grande contraste entre a narrativa anterior e a seguinte contribuiu para que os discípulos mantivessem inalterada a linha cronológica que ligava ambas entre si.

O "sono" que, segundo Lc 9.28-36, sobreveio aos discípulos na transfiguração de Jesus, bem como a oferta de Pedro de construir tendas, comprovam claramente que a transfiguração aconteceu no entardecer ou durante a noite.

Na manhã seguinte, pois, Jesus e seus acompanhantes desceram o monte. Uma grande multidão esperava por Jesus e foi ao seu encontro. De acordo com Mc 9.15, sua chegada causou uma certa *surpresa*. O povo veio correndo e o saudou. Poderíamos atribuir essa excitação a um último reflexo da transfiguração que ainda cobria a pessoa de Jesus. No entanto é mais natural explicá-la a partir da áspera disputa anterior entre os discípulos e os escribas, com a qual a chegada do Mestre coincidiu inesperadamente.

Mateus omite todos os pormenores que Marcos relata com detalhes, p. ex. os escribas discutindo com os discípulos etc. Mateus praticamente se *precipita* sobre o que está para acontecer. – Os sintomas da doença são convulsões, espuma, gritos. Mostram a que tipo de deterioração física pertencia a enfermidade. Era uma espécie de epilepsia. Contudo, o diálogo que Mateus, Marcos e Lucas apresentam em seguida mostra que, pela convicção de Jesus, a perturbação do sistema nervoso era ou causa ou conseqüência de uma condição semelhante à *possessão*, da qual já tivemos diversos exemplos. De acordo com Mateus, os ataques aconteciam periodicamente e dependiam das fases da lua. Marcos acrescenta mais 3 aspectos à descrição da doença: mudez, ranger de dentes; emagrecimento do enfermo.

Por trás dessa doença, porém, estava o demônio.

Os discípulos que *não* estiveram presentes à transfiguração sentiram-se *impotentes* contra um sofrimento tão profundamente arraigado (que já havia iniciado na infância, Mc 9.21). A presença de vários escribas (cf. Mc 9.14-16), que com certeza não economizaram na zombaria deles e de seu Mestre, havia ao mesmo tempo *humilhado* e *irritado* os discípulos. A expectativa do povo, por isso, era tensa ao *máximo*.

É verdade que os discípulos haviam recebido autoridade de Jesus para expulsarem demônios. Podemos também presumir que eles tentaram exorcizar o rapaz *em nome de Jesus*. Apesar disso a cura não aconteceu, o que prova que, ao empreendê-la, não estiveram com a força plena da comunhão com Jesus. Esse fato explica-se provavelmente de modo especial por causa de seu estado de ânimo. Há pouco haviam ouvido acerca do caminho da cruz, no qual precisavam seguir a Jesus, e naqueles dias talvez tenham lutado contra grandes tentações. Nessas condições foram solicitados a curar um enfermo e possesso, cujo sofrimento era horrível e chocante. O resultado frustrado de seus esforços leva a deduzir que eles deviam estar inseguros quando fizeram as tentativas. Depois disso, sem dúvida, sentiam-se completamente derrotados. Escribas inimigos, agora, aproveitavam esse momento para discutir com eles. Podemos imaginar qual eram as intenções. Em todo caso apresentavam o problema de tal maneira que a vergonha dos discípulos tinha de recair sobre o seu Mestre. Compreendemos, pois, a excitação da multidão e a perplexidade dos discípulos cercados pelos rabinos (cf. Mc 9.14-16).

Então Jesus surgiu no meio da multidão. Sua chegada atingiu em cheio o povo instigado, os escribas maliciosos e os discípulos desnorteados e confusos! Com certeza Marcos não usou uma expressão demasiado forte quando disse: "Eles foram tomados de espanto".

Para Jesus pessoalmente, que chegou no meio desse cenário, a situação representou um grande contraste entre a paz divina quando se comunicou diretamente com os céus, e o lamento do pai do rapaz, bem como todas as emoções que se alvoroçavam em redor dele.

Que contraste entre a região luminosa e cálida sobre o monte, tão próxima do reino da luz eterna, e a região fria e escura da descrença cá em baixo!

Lá estavam, tão próximos do Senhor, os espíritos do céu, e aqui os espíritos do abismo. Também os evangelistas *perceberam e se sensibilizaram* com o forte contraste entre a cena celestial da transfiguração e essa cena abissal, na qual o demônio da agonia parecia triunfar sobre todo o grupo de pessoas que rodeiam o possesso.

A severa interpelação de Jesus: **Ó geração incrédula e perversa…** tem sido relacionada com os *discípulos*, os *escribas*, o *pai* e o *povo*. Todas essas interpretações são corretas. Pois em Marcos o pai confessa pessoalmente sua *falta de fé*, e os discípulos não conseguiram realizar a cura por causa de sua falta de fé, como explica Mateus. O termo abrangente "geração", "espécie", proíbe excluir o povo ou os escribas. Para entendermos corretamente a exclamação de Jesus, precisamos imaginar a constituição de sua alma naquele momento. Após a alegria de conviver com os habitantes celestiais Moisés e Elias, Jesus de repente se encontra no meio de um mundo dominado pela incredulidade em diversos graus. É o contraste que o pressiona para essa dolorosa exclamação, um contraste não entre esta e aquela personalidade, mas entre toda a humanidade afastada de Deus, em meio à qual vive, e os moradores celestiais, dos quais veio. A pergunta reiterada: **até quando…?** (v. 17) também se explica somente pelo contraste com o episódio anterior. Não é uma manifestação de impaciência, mas expressão de dor e saudade, em que o Filho anseia pela casa do Pai que lá no alto do monte se havia revelado um instante perante seus olhos. – A palavra "até quando **vos suportarei**" (v. 17) mostra o quanto Jesus, apesar do seu amor, se sentia estranho no meio dessa incredulidade. A festa do dia anterior despertou nele um sentimento semelhante à saudade (Godet).

Entre os três relatos da cura propriamente dita há uma espécie de gradação.

Mateus informa simplesmente o fato da cura, sem mencionar a crise havida anteriormente. Essencial para ele é o posterior diálogo de Jesus com os discípulos. Em *Lucas* o informe da cura é precedido pela descrição da crise.

Marcos, por fim, narra por ocasião da crise uma notória conversa de Jesus com o pai da criança. Esse diálogo traz a marca da autenticidade e não permite supor que Marcos tenha extraído seu relato de um dos outros dois, nem que os outros tenham tido diante de si o relato de Marcos ou outro semelhante. Concretamente, como Lucas poderia ter deixado de fora tais dados mais específicos?

Mateus conservou a pergunta dos discípulos: **Por que motivo não pudemos nós expulsar o demônio?**

Jesus dá a resposta: **Por causa da pequenez da vossa fé**.

Nos manuscritos C e D (dos séculos V e VI) e especialmente na *coiné* encontra-se, em lugar de "pequenez da fé", "incredulidade".

Fé pequena e falta de fé são o mesmo para Deus. Certamente se pode dizer: A pequenez da fé dos filhos de Deus traz mais vexame e desonra ao Senhor que a incredulidade dos descrentes.

Jesus continua, dizendo: **Em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará ao outro local. Nada vos será impossível.** Essa comparação, no primeiro momento, causa estranheza, pois para um milagre desse porte é certamente necessária não uma fé *pequena*, tão pequena como um grão de mostarda, e sim uma fé *gigantesca*. No entanto, Jesus não está se referindo à fé *comum* que cada cristão precisa ter para ser salvo, mas uma *espécie muito singular de fé*, que Paulo arrola entre os dons especiais da graça, os carismas (1Co 12.9; 13.2). Essa fé realizadora de milagres, na verdade, é bem singela enquanto permanece oculta no coração de quem a possui. Se, porém, começa a atuar, seu efeito é imensuravelmente grande, pois há poder de Deus dentro dela. É por isso que Jesus diz: **Nada será impossível para vocês**. Essa fé é como uma participação na onipotência de Deus (Lauck, p. 259).

Quem tem essa fé, não calcula nem a força dos demônios nem o próprio poder. Ele conta unicamente com o Senhor.

A expressão **transportar montanhas** é uma forma proverbial da época, que significava tanto quanto "tornar possível o que parece ser impossível". Os rabinos chamavam um sábio, que na discussão levava a sua opinião à vitória contra todas as objeções, de "arrancador de montanhas".

4. O segundo sermão da Paixão, 17.22,23

(Mc 9.30-32; Lc 9.43-45)

Reunidos eles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens;
e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos se entristeceram grandemente.

De Lucas 9.43b-45 depreendemos que Jesus relaciona esse novo ensinamento sobre seus sofrimentos com o estado de agitação em que os corações extasiados da multidão se encontravam por causa do milagre da cura do moço doente. É a última vez que Jesus está passando pela Galiléia. Cabe despedir-se de uma atividade intensa e ricamente abençoada. Em breve partirá para a "última caminha" rumo à Judéia, "direto para Jerusalém".

O lema sob o qual se realiza essa última caminhada para Jerusalém é, como anúncio da Paixão: **O Filho do Homem será entregue na mão de pessoas**.

Novamente são incompreensíveis e inconcebíveis essas palavras de sofrimento: "O Filho do Homem", ao qual foi dado por Deus a autoridade sobre as pessoas, para julgar os vivos e os mortos – esse juiz poderoso será abandonado nas mãos das pessoas. E as pessoas *condenarão o juiz!* Chama a atenção a dupla ênfase no "humano": o Filho do *Homem* – será entregue na mão dos *homens*.

Em sua figura humana, Jesus está entregue em mãos humanas. Na sua estatura *sobre*-humana, entretanto, *não* pode ser segurado por mãos humanas. No terceiro dia será ressuscitado.

Do mesmo modo a comunidade de Jesus tem natureza *humana* e *sobre*-humana. Seu caminho é o caminho do Mestre.

Os discípulos ainda não conseguem conceber o caminho do Mestre. Lemos que eles **ficaram profundamente entristecidos**. Não dizem nada *contra*, como depois do primeiro sermão da Paixão, pela boca de Pedro (Mt 16.21-23) mas, cheios de dor, entregam-se ao luto. É curioso que *sequer captam* o último prenúncio de Jesus: **No terceiro dia ele ressuscitará**. Vêem apenas a *escuridão*. – Acaso não é esse um traço do coração humano em geral? Vê apenas o que é negativo, o que é visível, porém não o que é invisível (2Co 4.18).

5. O imposto do templo, 17.24-27

Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?

25 **Sim, respondeu ele. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos?**

26 **Respondendo Pedro: Dos estranhos. Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti.**

O imposto do templo significava para cada israelita um valor aproximado de duas ovelhas. Eram obrigados a pagar esse imposto do templo todos os *judeus homens* a partir dos 20 anos de idade, independente de residirem na *Palestina* ou no *exterior*. Somente os sacerdotes reivindicavam estarem isentos desse imposto. O recolhimento do imposto acontecia na Palestina meio mês antes da festa da Páscoa.

As quantias de impostos recolhidos eram depositadas no tesouro do templo. Em três datas específicas elas eram retiradas e utilizadas para fins cultuais.

Os sacerdotes justificavam sua reivindicação de isenção com base em Lv 6.16. Jesus também reivindicava para si essa liberdade, mas a partir de um ponto de vista bem diferente. Ele se sente como o *Filho* do Pai, ao qual pertence o templo. Com isso Jesus atribui a si uma posição diante de Deus que não cabe a nenhum outro israelita. Jesus afirma: Assim como o próprio Filho é livre do imposto do templo, assim também os filhos. Assim como os filhos dos reis estão livres dos impostos que seus pais exigem e recolhem dos estranhos, i. é, dos súditos e dos povos que eles subordinaram – assim estão *livres do imposto do templo*, não apenas Jesus como Filho, mas também os **filhos** do rei dos céus, cuja cidade é Jerusalém. Jesus se une com seus discípulos enquanto filhos, à semelhança de como a filiação dos discípulos está ligada à condição de Filho de Jesus em Mt 5.9,16,45,48.

De acordo com essa afirmação, Jesus, o Filho de Deus, e Pedro, o "irmão do Filho de Deus" (Mt 12.49s; 13.43), estão livres do imposto do templo. O templo, por sua vez, é a casa do grande Rei, que é Deus, o Pai nos céus.

Numa concomitância direta com essa liberdade de Jesus, encontramos sua submissão voluntária à lei e ao templo. Por isso Jesus paga *também o imposto do templo*. Para duas pessoas ela perfaz quatro dracmas, i. é, um estáter. É o imposto do templo para Jesus e Pedro (cf. Schniewind, NTD, p. 195).

Portanto, para evitar qualquer atrito, Jesus paga o imposto do templo. "Deus, que enviou seu Filho e o submeteu à lei, em última análise paga *pessoalmente* o preço exigido pela lei, realizando um *milagre*" (K. L. Schmidt).

É dessa maneira que o Senhor liquida o assunto do imposto, antes de dirigir-se pela última vez a Jerusalém. Lá purificará o templo e mostrará ao Sinédrio *quem* é verdadeiramente o Filho do templo de Deus.

Mais do que isso. Jesus entregará o sagrado imposto por cabeça assim como nenhum outro poderá entregá-lo no céu e na terra. Pagará literalmente com sua cabeça, i. é, renderá sua vida como resgate de muitos, a fim de realizar uma redenção eterna.

"Com que maestria Jesus elucida o nexo entre promessa e realização, ao pagar justamente agora, antes da partida para Jerusalém, mais uma vez o imposto do templo. Seguramente poderia ter-se *dispensado* dele com maiores direitos que os sacerdotes, que diziam: Comemos dos pães da proposição no templo, por isso não precisamos pagar uma contribuição ao templo. Ele poderia ter dito: Eu sou o grande sacrifício de reconciliação, do qual todos os demais sacrifícios no templo são

apenas *sombra*. Que mais eu deveria *pagar por isso*? Contudo, ele não fala assim. Deposita para si e Pedro as quatro dracmas" (cf. Vischer, p. 53-55).

XXV. OS NOVOS CRITÉRIOS E DIRETRIZES DA COMUNIDADE DE JESUS, 18.1-35

Observação preliminar

Neste capítulo encontramos *duas vezes* (v. 17) a palavra *comunidade*. Já em 16.18 tínhamos encontrado o termo. Portanto, Mateus utilizou *três* vezes o termo comunidade, *ekklesía*. Ao todo ele ocorre 115 vezes no NT (mais detalhes no comentário referente a Mt 16.18).

O cap. 18 de Mateus nos anuncia de modo especial como deve ser a vida dentro da comunidade entre os diversos membros. É realmente importante esse mandamento de "amar-se uns aos outros", que Jesus desdobrou mais no evangelho de João, e que é repetido sempre de novo pelo próprio João, por Paulo e por Pedro.

No primeiro trecho, v. 1-5, ouvimos a respeito do *novo critério*, segundo o qual alguém é julgado dentro da comunidade de Jesus como *grande* ou *pequeno*. O maior na comunidade é aquele que serve com a *maior disposição*. A pergunta dos discípulos é: *Quem é maior* (ou "o maior") *no reino dos céus?* Levantando essa questão, os discípulos mostram claramente que o "reino dos céus" ou reino de Deus coincide cabalmente com a "comunidade". A comunidade de Jesus é o lugar em que aqui na terra já iniciou o *reinado de Deus*, onde os critérios e as diretrizes e *as leis do reino de Deus* já têm validade.

1. O maior no reino dos céus, 18.1-5

(Mc 9.33-37; Lc 9.46-48)

1 **Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?**
2 **E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles.**
E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus.
Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.
E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.

Jesus torna a **criança** um instrumento de sua explicação. Contudo, ele *não* está apresentando a imagem de um discípulo humilde, mas sim o *tipo* de uma criatura frágil, ignorante, miserável. Constitui uma lei divina que, quanto mais frágil uma pessoa for em si mesma, tanto mais ricamente é derramada sobre e ela a plenitude do amor e da assistência divina (Mt 18.10). Em correspondência a essa lei, Jesus dedica um *interesse especial* às crianças e deseja recomendá-las de modo especial aos seus discípulos. Quem vai ao encontro delas e as aceita nesse sentido exposto por Jesus, recebe o próprio Jesus. Pois quem, por ordem de Jesus, acolhe o menor de todos, torna-se ele próprio o menor, e recebe dentro de si o maior que, em nosso favor, tornou-se o menor: Jesus, e, com ele, Deus. Essa é a compensação que ele recebe pelo rebaixamento voluntário. O termo **em meu nome** não se refere à mentalidade da pessoa acolhida, como se fosse dito que esta viria como discípula de Jesus, mas sim à mentalidade do que *acolhe*: Ele o faz por *causa de Jesus*, que lhe confia essa criatura ainda frágil.

Toda a exposição do Senhor evidencia, portanto, que a comunidade de Jesus deve formar seus critérios em contraste com as diretrizes do mundo. A *mola mestra do mundo* é que todos querem *subir* ao poder e ao esplendor, a fim de superar e dominar os outros.

Em contraposição, a *mola mestra do reino de Deus* é esta: que todos *descem* para a pobreza, fraqueza e modéstia, para se tornarem ricos em Jesus. Precisamente por esse poder de descer deve ser medida a grandeza da pessoa no reino de Deus (Fp 2.3ss). É por isso que os discípulos precisam dar meia volta e se igualar às *crianças* na *modéstia* e na *fraqueza*.

Porém, não somente *modéstia* e *fraqueza* são traços característicos das crianças, mas também a *liberdade com que confiam* e sua *natureza carente de amor*.

Crianças confiam integralmente nos pais. Não se preocupam. Se o pai lhes disse algo, isso se torna para elas uma verdade incontestável. Assim como as crianças, devemos nós também confiar em Deus e na sua palavra, e seremos felizes e confiantes, ainda que tenhamos de passar diariamente por

diversas dificuldades e aflições. A maneira como Deus me conduz será boa para mim. No meio das tempestades e necessidades da atualidade, podemos saber: "Meu Pai é o capitão". Na tempestade no mar da Galiléia Jesus também tinha permanecido firme na sua posição em Deus (cf. Is 43.1s; 41.10; 46.4; 49.15; 54.7-10; Hb 13.5; Mt 8.23-28; Rm 8.28s).

Crianças são carentes de amor. Não conseguem viver sem amor. Muitas vezes chegam dizendo: "Mãe, eu amo você". Agem assim, primeiramente porque seu coração cheio de amor as impele para isso, mas também porque sabem que seu agir trará consigo uma resposta de amor. Assim são as crianças. Têm necessidade de amar e se alegram com a resposta de amor. É o que torna a sua vida tão bela e despreocupada. – E nós velhos? Quantas vezes azedamos a nossa vida e a dos outros com desamor, antipatia, dureza de coração, frieza e aspereza em nossa natureza e em nosso convívio! Crianças pequenas não possuem sentimento de *status*. O filhinho do professor estende a mãozinha ao menininho do agricultor como se fosse seu irmão. Quanto nós adultos muitas vezes amarguramos nossa vida e a de outros pelo nosso orgulho e espírito de casta, e classe e de *status*!

O que é pequeno torna-se grande porque em Jesus o grande Deus tornou-se pequeno, i. é, ser humano. E esta é a grande maravilha: porque Deus se tornou ser humano, foram *chamados para o lar* todos os seres humanos, não apenas como criaturas, mas também como filhos perdidos do Pai celestial. Quando atendem a esse chamado do Pai, são acolhidos em nome de Jesus e transplantados para lugares celestiais.

2. Os tropeços, 18.6-11

(Mc 9.42-47)

6 **Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar.**
7 **Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo!**
8 **Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno.**
9 **Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.**
10 **Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celeste.**
11 **[Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.]**

6-9 Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar.

Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo! Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.

O ensino ilustrativo de Jesus, de mostrar com o exemplo de uma criança o que é necessário para entrar no reino dos céus ou para tornar-se membro da comunidade de Jesus, não visa *apresentar* através da criança a *idade*, mas essencialmente a *atitude interior* (cf. v. 1-5, onde explicamos essa natureza da criança). Por isso devemos entender por **crianças** ou "criancinhas" não apenas "crianças realmente pequenas", mas também aqueles que, na sua vida de fé, ainda são *principiantes*, i. é, que representam "crianças na fé".

Jesus vê o perigo. A esses iniciantes na vida de fé poderiam acontecer grandes injustiças. Eles podem ser prejudicados interiormente pelos "adultos" na vida de fé. Por isso é preciso evitar e afastar implacavelmente tudo o que contradiz a Deus e que poderia tornar-se escândalo para os iniciantes.

Em lugar de "principiantes" podemos dizer, ainda: *os insignificantes, os pequenos e fracos no reino de Deus*.

É enorme o perigo de **escandalizar**. Essa palavra vem do grego *skándalon* (= tropeço), escândalo.

"Essa palavra não se explica integralmente nem com o conceito de aborrecimento, nem de ato chocante, nem de sedução, nem de perdição. Pelo visto, ela designa o ponto mais vulnerável da comunidade. Toda vez que esse ponto é tocado, Jesus sente dor e revolta. Lembramos a palavra terrivelmente dura com que mandou Pedro afastar-se dele, chamando-o de Satanás, quando estava prestes a tornar-se o *skándalon* de Jesus. *Skándalon* é o empecilho que se coloca no nosso caminho, de modo que tropecemos ou sejamos desviados do rumo certo e caiamos na perdição" (cf. Vischer, p. 62).

Como um peso de chumbo, a alma perdida arrasta consigo para o abismo aquele que a seduziu para o mal. A mesma advertência encontra-se em Mc 9.42 e Lc 17.1s.

Pode-se, portanto, fazer tropeçar facilmente os principiantes na fé, os pequenos, através de desamor, desconsideração, mau exemplo, orgulho, indiferença, reserva e frieza no comportamento, e de entusiasmo falso, de modo que fiquem confusos e percam novamente a fé. Portanto, é fácil colocar uma pedra no seu caminho de fé, sobre o qual tropeçam, caem e se perdem.

"Para aquele, pois, que incorre nessa culpa, seria vantagem, em vista do terrível castigo que o atingirá, que lhe fosse pendurada no pescoço, pelo grande furo no seu centro, a pedra de um moinho tocado por um burro, que é maior que as pedras de moinho comuns, e que fosse afogado nas profundezas do mar. Entre os judeus não havia o costume de executar uma pessoa por afogamento. Eles se arrepiavam quando ouviam que havia pagãos que afundavam dessa maneira uma pessoa viva. Jesus escolheu de propósito a imagem desse extermínio bárbaro. Talvez a lembrança de um acontecimento horrível do tempo das lutas de libertação de 38 a.C. possa ter sido marcante. Naquele tempo os guerrilheiros de libertação galileus, após uma vitória sobre os tiranos, afogaram muitos dos adeptos de Herodes no lago de Genesaré. A pedra de moinho no pescoço exclui qualquer chance de salvação e impede o cadáver de emergir um dia. Tal afundamento total seria uma sorte para os escandalizadores da alma, em comparação com os tormentos que eles sofrerão" (Vischer, loc. cit.).

Mais importante que saber isso é possuir o *amor* que tem a intenção de não prejudicar ninguém em sua alma. Os **pequenos** realmente estão no coração do Senhor Jesus. No mundo eles são ignorados e menosprezados. No reino de Deus eles têm valor. Sim, o Salvador e todos os que têm o seu pensamento concedem-lhes consideração especial e cuidadosa consideração.

Não há como evitar o escândalo, pois vivemos num mundo do pecado e do engano. Mesmo os discípulos de Jesus não são poupados de tentações. Elas servem para sua aprovação (1Co 11.19). Mas ai daquele que causa o tropeço!

Afinal, a graça está aí para nos disciplinar, para nos ensinar e trazer de volta à simplicidade, pureza, humildade e amor pelo próximo, e para reconstituir a imagem de Deus destruída dentro de nós. – Mas para isso é preciso que nos controlemos, assim como os alunos precisam se concentrar quando o professor lhes quer ensinar algo. Se não o fizermos, muito em breve estaremos dando a outros um motivo de escândalo. Quando nos deixamos levar, dando espaço para nossos caprichos, espalhamos um ar maligno, que perturba os outros, e a responsabilidade será nossa.

"Cada qual precisa tomar as medidas mais drásticas para não ser seduzido nem tornar-se sedutor. Os membros do corpo, a mão, o pé ou o olho podem pôr a fé em perigo. Pela psicologia israelita, corpo e alma são uma unidade. Os membros do corpo são os órgãos da alma. "Ninguém diga, quando é tentado: Sou tentado por Deus! Cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e seduz" (Tg 1.13s). Corte a mão, corte o pé, arranque o olho, se o levam a tropeçar! Está em jogo a sua salvação eterna! É bem melhor entrar como aleijado na vida eterna do que ser jogado, inteiro, no fogo do inferno. O que Jesus ensinou no sermão do Monte em relação ao sétimo mandamento (5.27-30), ele reafirma aqui em relação a todos os mandamentos e a todas as possibilidades de decair da fé.

Será que Jesus fala literalmente de cortar os membros que nos seduzem? Jesus sabia tão bem como nós que também um **aleijado** ou um **cego** podem cometer **pecados** e ir para a perdição por causa de seus desejos. Entretanto, isso não altera o fato de que a pessoa vive com o corpo e que sua vontade vital se torna ativa através da ação dos membros. Por isso, a obediência da fé ordena *rigor implacável com os sentidos e membros*. Essa atitude tem um significado tão real quanto alguém carregar a sua cruz. E tão real quanto as aflições do inferno de fogo. Segundo Mc 9.43, Jesus disse,

com as terríveis palavras finais do livro de Isaías, que o verme que lá rói os malditos não morre, e o fogo não se apaga" (cf. Vischer, p. 65).

"Se subtrairmos o terror da eternidade, seguir de Cristo se torna, no fundo, um *devaneio*. Pois unicamente a seriedade da eternidade pode comprometer uma pessoa, mas também movê-la, a arriscar-se e se responsabilizar de modo tão *decidido* a segui-lo. Deve estar em jogo o céu ou o inferno – este é o motivo para seguir a Jesus, a fim de ser salvo: Isto é seriedade" (Kierkegaard).

10 Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celeste.

"Que trabalho amplo e grandioso Jesus mostrou à sua comunidade nos v. 5-7, a ponto de rebaixá-la para a modesta humildade! Confiou-lhe o cuidado pelas pessoas pequenas, contratou-a como protetor delas, para que as preserve do mal. Deu a ela também, como dever, a luta contra o escândalo, uma luta que nunca acaba, porque ele precisa vir, mas não pode vir sem que aquele que o traz caia na perdição. Aí é que recebemos espaço para o trabalho incansável e para a coragem heróica! Nessas palavras reside uma grande força profética. Pois por demais vezes presenciamos como a igreja dominante, que se julga grande diante de Deus, pisoteou o pequeno e produziu escândalo" (cf. Schlatter, p. 280).

Para que tenhamos vergonha de nosso desprezo aos pequenos, Jesus nos mostra como ele próprio se dedica a eles, sobretudo no v. 10 acima mencionado. Deus mesmo não apenas transfere o cuidado pelos pequenos e fracos e principiantes na fé à sua comunidade na terra, mas também às suas elevadas e celestiais legiões de anjos. Invisíveis, porém poderosos, esses espíritos elevados e superiores do céu conduzem a vida dos pequenos.

Porventura os membros da comunidade se considerariam distintos demais ou grandes demais para realizar o que os anjos de Deus fazem incessantemente e com grande alegria? Os olhos de Deus pessoalmente acompanham com amor e atenção esse serviço aparentemente insignificante dos seus anjos. Na qualidade de servidores dos pequenos, os anjos do Pai no céu sempre têm acesso a Deus.

"Para este ministério o ouvido de Deus sempre está aberto. Constitui um maravilhoso olhar para dentro do céu que Jesus nos descerra ao nos mostrar os altos e sagrados anjos de Deus, que rodeiam seu trono e admiram a sua glória, unidos ao mesmo tempo com os membros pequenos de nossa comunhão humana. O olhar de Deus vê sempre, com o olhar claro do amor, até mesmo o menor dos seres humanos. Jesus declarou isso aos discípulos, também para consolá-los e para despertar neles uma fé alegre. Podiam ter a mesma certeza em relação a si próprios, que, para as preocupações que eles tivessem no amor que se empenha pelos pequenos, eles sempre têm acesso a Deus. *Esse serviço proporciona o direito de ingressar ao trono de Deus*.

"Por meio dessa palavra aprendemos também a compreender um pouco a felicidade de Jesus. Sua obra na terra foi um *serviço aos pequenos*. No entanto, ela não o fez descer da comunhão com o Pai. Pelo contrário, como servidor dos pequenos também ele vê a face de seu Pai a toda hora" (Schlatter, p. 281).

11 [Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.]

Esse versículo 11 não consta em todos os manuscritos, mas somente na *coiné*. Contudo, somos da opinião de que ele cabe muito bem nesse contexto.

3. Em busca da ovelhinha perdida, 18.12-14

(Lc 15.4-7)

Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou?

13 **E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram.**

14 **Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos.**

A tarefa dos discípulos e, em decorrência, da comunidade não é apenas cuidar dos pequenos e fracos; a tarefa muito maior dos discípulos e, por isso, o desafio e compromisso da comunidade é também de irem em busca dos que se perderam e desgarraram, a fim de trazê-los de volta. Devem agir assim como o próprio Senhor age em relação àqueles. No reino de Deus não existe ninguém pequeno que não estivesse entregue à fiel direção e proteção do Pastor.

Pelo exemplo de nossos animais, cujo bem-estar nos traz lucro e cuja perda nos traz prejuízo, nós, pessoas duras e sem amor, precisamos aprender o que significa nos amarmos uns aos outros, e que é *pecado* desprezar os fracos e pequenos. Quem ama se lembra dos pequenos e se dedica especialmente aos desgarrados e doentes.

Nosso Pai nos céus não quer que nenhuma sequer de suas criaturas humanas fracas e desgarradas se perca. Por isso nós também não as devemos desprezar ou menosprezar, mas estar ao lado delas com amor e dedicação especiais.

Conseqüentemente, vigoram na comunidade de Jesus critérios e diretrizes bem novos, que são totalmente diferentes das medidas e diretrizes do mundo. Os discípulos gravaram isso muito bem. Suas cartas o demonstram. Por exemplo, Paulo diz em Rm 12.2: "Não se adaptem ao esquema deste mundo".

O sentido da parábola da **ovelhinha perdida** aqui em Mateus é diferente de Lc 15. Lá o Senhor quer descrever o amor do Pai que nos procura, que não mede esforços até que tenha encontrado o perdido.

No texto atual, além de retratar o amor de Deus que nos procura, o Senhor tem o especial interesse em mostrar como cada um é considerado uma pessoa valiosa por parte de Deus. Cada um é tão precioso para Deus como uma ovelhinha perdida para o bom pastor. O amor do Pai que nos considera *preciosos* constitui critério e diretriz para os membros de sua comunidade.

4. Sobre as instâncias da disciplina fraterna na comunidade, 18.15-18

Se teu irmão pecar [contra ti][a], vai argüí-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.
Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça.
E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.
Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.

Em relação à tradução

[a] A expressão **[contra ti]** consta somente no manuscrito *coiné*.

Com muita clareza estão sendo definidas *as instâncias corretas que devemos percorrer na comunidade*. Um membro é responsável pelo outro. Que cada um cuide do outro *com amor*. Cada um que vê que o irmão se tornou culposo, não pode silenciar sobre isso, mesmo que aquele que sabe da injustiça do irmão não seja a pessoa prejudicada nesse caso: nos manuscritos Sinaítico (a) e Vaticano (B) não se encontram as palavras **contra ti** (cf. v. 15 no texto)! A edição grega de Nestle tampouco traz essas palavras.

Portanto, Jesus está instruindo aquele que sabe da culpa do outro, a não permanecer *calado*, mas a ir **falar com ele** e, num serviço de cura de almas, ajudá-lo a reconhecer seu erro. – Contudo, seria injusto e pecaminoso debater amplamente o erro dele com um terceiro, nas costas dele. O contato deve ser de dois a dois, e sobretudo com amor! Talvez ele aceite a sua **palavra**. Se você o ganhar, isso não será um ganho somente para *você*, mas também para *ele*. Pois pecado sempre é prejuízo, é separação de Deus. Orientar e ajudar a restaurar é o contrário de perda, ou seja, é **ganho**.

Essa intenção de ajudar a restaurar com amor é o único motivo de conquistar o irmão. Entretanto, constitui *pecado* nosso quando o desejo de ter razão, ou a justiça própria, ou "lavar a roupa suja" com desamor, ou ainda o amor próprio ferido, forem as molas propulsoras da correção dada ao irmão.

Constitui, portanto, um ministério importante e valioso o serviço de orientação, e requer sabedoria, pureza, amor e, sobretudo, o tato de uma personalidade amadurecida em Cristo. Por isso, nem todos são chamados para essa correção fraterna. Justamente um *superior* deverá refletir de modo especial se é conveniente exercer, enquanto *superior*, o cargo de disciplinador ou orientador de um faltoso.

No caso de que o faltoso se feche à disciplina fraterna, de que não aceite nenhuma correção, somente nesse caso, e não antes, devem ser chamados, como próxima instância, **um ou dois irmãos**. A recomendação de incluir uma ou duas testemunhas não apenas deve aumentar a autoridade da

advertência, mas também deve servir para esclarecer os fatos que a pessoa eventualmente negue ou distorça, assim como Moisés já ordenou (Dt 19.15).

Quando essa tentativa não tiver êxito, quando o respectivo irmão não aceita nada por parte dos irmãos, a **comunidade** como tal possui a última palavra. Quando o irmão não aceita nada da comunidade, então será excluído dela. Que seja considerado como um **gentio** ou **publicano**.

Tal exclusão, porém, não significa a última determinação sobre o destino eterno do irmão. Isso nos mostra o amor de Jesus que busca o publicano e pecador perdido, bem como a palavra de Paulo em 1Co 5.5.

Essas instâncias da disciplina fraterna são o caminho biblicamente correto. Quantas vezes pecamos na comunidade contra ele! Geralmente, quando vemos supostas "faltas" de um irmão, l*ogo falamos pelas suas costas, julgamos com distorções, condenamos*. E não apenas isso! Atrás das costas do irmão, o falatório corre de um para outro. Desamor e sofrimento são a inevitável conseqüência.

Ao ordenar este roteiro de instâncias, Jesus confiou solenemente à comunidade o que ele conferiu a Pedro em Mt 16.18. Dessa maneira, fica evidente que essa autorização é o verdadeiro cumprimento da confissão de Pedro. A autoridade de **ligar** e **desligar** deposita na comunidade uma enorme responsabilidade em relação a cada membro. Se ela administra corretamente esta função na responsabilidade da fé, cumpre a vontade do Pai celeste (cf. 1Co 5.6; 2Co 2.5-11).

"Portanto, o que a comunidade fizer, atinge o céu. Ela solta o arrependido, perdoando-o. Ela prende o obstinado, que se torna para ela como um publicano e gentio. Em ambos os casos, Deus está do lado dela. A alegria dela, quando perdoa, é saber que, nesse instante, a pessoa não foi perdoada apenas por pessoas, mas também por Deus. A seriedade de seu julgamento é saber que, nesse momento, Deus julgou.

"Essa é a regra de confissão de Jesus, que está muito acima de tudo que a igreja católica introduziu desde os tempos apostólicos. Esta regra é amorosa e séria ao mesmo tempo. Ela protege o faltoso, não o rebaixa, não o submete a uma autoridade punitiva humana, mas lhe oferece o perdão, não dando espaço ao mal. Jesus disse aos seus discípulos que os estava unindo com a finalidade de, juntos, afastarem o pecado de suas vidas. Somente na medida em que isso se realiza, a comunidade de Jesus existe entre nós" (cf. Schlatter).

Onde isso não acontece, não existe comunidade de Jesus. É uma palavra muito séria para todos.

A comunidade de Jesus, por conseguinte, é uma *comunhão de luta contra o mal*, criada e sustentada por Deus.

A comunidade de Jesus, porém, não é somente isso, mas também uma *comunhão de oração*. É o que vemos nos v. 19s.

5. A comunidade de Jesus é uma comunhão de oração, 18.19,20

Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus.
Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

A oração é a *obra que unifica a comunidade*. O centro misterioso dessa obra unificadora é *Cristo*. Em concordância com o que foi dito no v. 18, de que aquilo que a comunidade realiza em relação às suas normas de confissão e correção diante do irmão possui validade perante o Pai no céu, no que se refere a perdão e juízo – assim também está sendo prometido para a *oração da comunidade* ***na terra*** que o Pai no céu a atenderá. Isso confere à comunidade de Jesus um poder inaudito e misterioso. – Em escala menor, a comunidade sempre já existe onde dois ou três estão juntos em nome do Senhor para orar. Jesus cumpre sua promessa na menor comunhão. Há pouco, nos v. 5, 6 e 14, Jesus nos informou que os olhos paternos de Deus vigiam, atentos, precisamente sobre os pequenos, fracos e humildes. Por ser isso um fato e uma realidade divinas, o Senhor nos revigora com as palavras de que, ao menor grupo reunido em oração, já se concede o maravilhoso presente do atendimento de oração. Pois onde dois ou três estão reunidos no nome dele, ele está no meio.

Orar em nome de Jesus significa orar de acordo com o pensamento dele. E orar de acordo com o pensamento dele significa orar da maneira como ele orou. Como foi que Jesus orou? *Que aconteça a vontade do Pai incessantemente!*

É assim a oração em nome de Jesus, uma oração que dá honras a ele, o Pai! – Entretanto, orar em nome de Jesus também significa *fundamentar* a oração no nome de Jesus. Isso significa apoiar a oração firmemente *sobre* o Jesus presente e vivo, *apostando* sempre no Senhor sobre todos os senhores, poderoso e atual. A última palavra de Jesus, dirigida a seus discípulos, realiza-se constantemente na terra: "Estarei com vocês até o fim dos tempos" (28.20; cf. o exposto sobre Mt 6.5-15 e 7.7).

6. A comunidade de Jesus está permanentemente pronta a perdoar, 18.21,22

21 Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?
Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

7. A parábola do servo que não está pronto a perdoar, 18.23-35

(Do credor incompassivo)

Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.
24 E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.
25 Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga.
26 Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei.
E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.
28 Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.
29 Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei.
30 Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.
31 Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera.
Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste;
não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?
E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.
Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.

A comunidade de Jesus é uma *comunhão de disciplina e luta* contra todo o mal em seu meio. A comunidade de Jesus é uma *comunhão de oração*. A pergunta de Pedro e a parábola do empregado não disposto a perdoar querem nos dizer, ainda, que a comunidade de Jesus caracteriza-se por uma disposição permanente de perdoar.

Pedro toma a palavra. Nestes dois e meio capítulos, do cap. 16 ao cap. 18, fala-se *seis vezes* das *palavras de Pedro*. Sua pergunta é: **Quantas vezes temos de perdoar um irmão?** Ele pensa que é preciso ir bem longe ao encontro dele e estar disposto a perdoá-lo. Só que ele acha que **sete vezes** seria o número da plenitude e do limite. *Mais* de sete vezes não seria necessário. – Jesus recusa essa aparente bondade e nobreza de coração para **perdoar sete vezes**, por ser humanamente fechado e limitado. Com uma palavra poderosa ele rompe também essa medida humana. Não sete vezes, mas **setenta vezes sete vezes**. Isso significa: *A medida do perdão não tem limites*!

Uma parábola tem a função de explicar essa exigência. Um **rei**, designado de **senhor** no restante da parábola, entregou um empréstimo a um de seus empregados (v. 27). O empregado em questão gerenciou com ele um estabelecimento bancário. A dívida aumentou para proporções imensuráveis. Dez mil talentos são aproximadamente 174 toneladas de ouro. Essa soma é uma dívida de fato impagável. Para ilustrar a magnitude da dívida, podemos compará-la com a informação de que o salário anual de Herodes Antipas perfazia cerca de 200 talentos.

O rei da parábola assume primeiramente uma *atitude de direito*, dando ordens de que o empregado impossibilitado de pagar fosse **vendido com mulher e filhos**. A lei (Êx 22.2) já prevê a venda do devedor como escravo. Contudo, o compatriota vendido tinha de ser alforriado no sétimo ano (Êx

21.2). Portanto, o rei ordena que o devedor e tudo o que ele possui sejam vendidos. Porém, movido pela súplica insistente do devedor, ele o liberta, sim, livra-o de toda a dívida. É exatamente assim que o rei celeste de fato faz conosco, que lhe devemos uma soma impagável. Perdoa-nos a dívida do pecado. Tanto é que Deus nos amou por meio de seu Filho. Não apenas uma vez, mas *milhões de vezes, diária e abundantemente, Deus nos perdoa nossa dívida gigantesca*.

Poucos momentos após ter sido isentado da enorme dívida impagável, o empregado da parábola vai e procede exatamente do modo contrário com um colega. Assume diante dele uma atitude *legal* e, não obstante as muitas súplicas dele, persiste no seu direito, apesar de se tratar de uma pequena soma e 100 denários, ou seja, o eqüivalente a 100 dias de trabalho (cf. 20.2).

Nós, seres humanos, costumamos ser muito "justos" com os outros, persistimos na atitude legalista diante deles, consideramos gigantescas suas faltas contra nós e não "queremos" perdoar. Jesus nos mostra como esta indisposição para a reconciliação nos coloca num terrível contraste com Deus. Enquanto nós vivemos incessantemente de seu perdão, usufruindo dele numa medida que nem se pode comparar com o que devemos uns aos outros, qualquer ofensa à *nossa* honra nos torna tão *irados* que não nos deixamos aplacar e que não queremos saber nada de perdoar. Pelo contrário, clamamos pelo direito e pela condenação, como se fossem valores absolutamente necessários. Deus precisa suportar que não perguntamos nem um pouco pela sua opinião, mas nós não suportamos aquele que (do nosso ponto de vista) não dá atenção *suficiente* à nossa opinião. Diante de Deus afirmamos, sem temor, muitas coisas erradas. Mas vingamos qualquer palavra errada de outros sobre nós. Para Deus não temos tempo, nem dinheiro, nem coração. No entanto, quando alguém não nos agradece e não nos concede o amor devido, consideramo-lo insuportável (cf. Schlatter, p. 288)!

No fim da parábola, Jesus nos apresenta a conseqüência dessa falta de compaixão e de disposição para reconciliar-se: *Quem não se torna misericordioso com a misericórdia de Deus e não aprende a perdoar a partir do perdão de Deus, desperdiçou a graça de Deus.*

Graça desperdiçada, por sua vez, provoca condenação. A graça de Deus transforma-se na ira de Deus. Vejam como é séria, seríssima, a palavra de Jesus sobre o perdão mútuo!

É a inversão da prece do Pai Nosso: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores." Desta feita, a formulação é: "Tu nos perdoaste a nossa culpa, por isso também queremos perdoar àqueles que se tornaram culpados em relação a nós."

Para essa questão, cf. o exposto sobre Mt 6.12-15. "Não há como negar: *O perdão é o coração da comunidade de Jesus*. Quando cada irmão perdoa o outro de coração, então dois podem se unir em oração, corrigir-se mutuamente, buscar o desgarrado, superar o que é pernicioso, proteger os pequenos, e honrar os humilhados; então Jesus está no meio deles!" (cf. Vischer).

XXVI. A POSIÇÃO DA COMUNIDADE DIANTE DE QUATRO QUESTÕES IMPORTANTES, 19.1–20.34

Observação preliminar

Neste capítulo veremos a posição da comunidade em relação ao matrimônio, à propriedade, à recompensa e à pergunta pela verdadeira grandeza.

1. A questão do matrimônio, 19.1-9

(Mc 10.1-12)

1 E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras[a], deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão.
2 Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.
3 Vieram a ele alguns fariseus, e o experimentaram, perguntando: É lícito o marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?
4 Então respondeu ele: Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher,
5 e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher[b], tornando-se os dois uma só carne?

6 **De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não**
o separe o homem.
7 **Replicaram-lhe: Por que mandou então Moisés dar carta divórcio[c] e repudiar?**
8 **Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu**
repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio.
9 **Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais**
ilícitas[c], e casar com outra, comete adultério.
10 **Disseram-lhe os discípulos: Se esta é a condição do homem relativamente à sua mulher,**
não convém casar.
11 **Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas**
aqueles a quem é dado.
12 **Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que**
a si mesmos se fizeram de eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para admitir,
admita.

Em relação à tradução

[a] Cf. Introdução, "O evangelho de Mateus". Estes v. 1,2 são palavras com as quais Mateus costuma concluir os discursos de Jesus. Nelas está resumida em poucas frases a obra de Jesus como palavra e ação. Ambas convocam para segui-lo.

[b] Essa palavra era usada no judaísmo especificamente para a união matrimonial. Nesse contexto a palavra "deixar" tinha uma acepção muito mais específica que desfazer todas as demais relações.

[c] A carta de divórcio era um instituto legal dado por Moisés ao povo de Israel. Sob condições especiais também a mulher tinha o direito de divorciar-se (cf. comentário sobre 5.31s).

[c] Os diversos manuscritos deixam claro que o mandamento é compreendido em ligação com Mt 5.32 e que os que se divorciam são culpados do adultério da mulher, se esta casar de novo.

1-9 E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão. Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.

Vieram a ele alguns fariseus, e o experimentaram, perguntando: É lícito o marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então respondeu ele: Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou então Moisés dar carta divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra, comete adultério.

Os dois primeiros versículos são muito significativos em seu conteúdo, pois informam sobre a última e decisiva ida de Jesus a **Jerusalém**. Essa ida a Jerusalém representa para o Senhor o caminho para a sua morte na cruz. Provavelmente ele ainda se encontra além do rio Jordão, porque vai expressamente na direção dos seus inimigos.

A circunstância da ida a Jerusalém confere às palavras seguintes de Jesus uma importância especial e séria. Jesus dá respostas para *três questões importantes*, que mostram como deve ser a atitude de seus discípulos. Nelas verificam-se linhas de ligação com o sermão do Monte, mas agora elas recebem uma elaboração maior. São as questões do *matrimônio*, da *propriedade*, e do *agir humano em relação à graça*.

O Senhor da comunidade é o Senhor da vida toda, singularmente do dia-a-dia. É digno de nota que são justamente os fariseus que propõem a Jesus a pergunta sobre o matrimônio, e que o fazem na forma de pergunta pelo divórcio. Com ela retomam a questão que Jesus já havia respondido no sermão do Monte (5.31ss; cf. ali o exposto sobre o assunto, especialmente sobre a prática judaica do divórcio e suas conseqüências). Essa pergunta leva ao questionamento da importância da lei como tal e do uso que dela fazia o judaísmo. É a pergunta sobre se podemos nos tornar justos ou não diante de Deus cumprindo a lei ao pé da letra. A resposta de Jesus é um *não* radical a essa pergunta, quando o judeu piedoso tinha o maior interesse que fosse respondida *afirmativamente*. Assim como no sermão do Monte Jesus já tinha passado do cumprimento formal dos mandamentos para o cumprimento deles "no *coração*", apontando para esse cumprimento como sendo o *verdadeiro* sentido dos

mandamentos, assim Jesus afirma aqui que o mandamento de Moisés sobre a **carta de divórcio** nesse caso nada mais é que uma concessão ao maldoso coração humano, mas que **desde o início** não foi assim. A lei já possui em si a marca de que Deus, desde o dilúvio, desistiu de um verdadeiro cumprimento de sua vontade. Nesse caso, pois, a lei é uma norma cuja única função ainda é evitar que o convívio das pessoas caia numa desordem total. Entretanto, quem pergunta realmente pela vontade de Deus, precisa ir além dela, reconhecendo: "Deus quer ir até o *fundo do coração*" (M. Lutero).

No judaísmo também havia uma compreensão mais rigorosa, a da escola do rabino Shammai, em contraposição à prática mais liberal da de Hillel. Na primeira a separação do matrimônio era permitida somente depois de um exame minucioso dos motivos, admitindo como causa da separação somente o **adultério**.

Provavelmente por trás da intenção de **tentar o Senhor** (v. 3) por parte dos fariseus havia o sentido de que os interrogadores supunham que, por causa das duas tendências distintas no judaísmo (Hillel e Shammai), os adeptos de uma das linhas com certeza ficariam revoltados com a resposta de Jesus. Contudo, Jesus vai *muito além* das *duas* opiniões, porque rejeita radicalmente um segundo matrimônio no tempo de vida do primeiro cônjuge, por ser adultério. Isso tinha de causar revolta no povo, pois parecia impraticável e desmedidamente rigoroso. Com as palavras: **Não foi assim no princípio**, Jesus quer expor novamente diante dos discípulos a ordem original. Para eles precisa ser determinante a pura vontade de Deus, sem fazer concessões e sem considerar leis estatais e civis. – A diferença entre a palavra de Jesus e a escola rigorosa dos fariseus (do rabino Shammai) está em que Jesus *preserva por princípio a indissolubilidade do matrimônio por ser uma criação de Deus*, e em que considera também a situação em que o divórcio seria concedido como sendo uma *transgressão da vontade de Deus*. Esta transgressão, porém, já aconteceu por ocasião da incontinência, no adultério. O divórcio tão somente revela que o matrimônio já foi rompido. Em contraposição, o judaísmo partia do ponto de vista de que, mesmo quando procedia *com rigor*, a possibilidade de uma dissolução do matrimônio era um *princípio legal* instituído por Deus.

As passagens paralelas Mc 10.11s e Lc 16.18 não falam dessa possibilidade do divórcio, mas designam *qualquer* separação como adultério. Isso não é uma posição contrária ao texto de Mateus, nem temos de ver em Mateus um eventual abrandamento. Pelo contrário, o texto paralelo de Marcos e Lucas ensina que o adultério (a incontinência) não concede uma *viabilidade* do divórcio, mas que rompe e destrói a *ordem de Deus*. Entretanto, se colocarmos ao lado deles Mt 5.28, veremos que o verdadeiro matrimônio, tal como Deus o planejou ao criar o mundo, está além de nossas capacidades. Jesus, porém, o proclama como dádiva, dada a nós de forma nova por meio do reino dos céus trazido por ele.

Em todo lugar onde realmente se cumpre a vontade de Deus, onde acontece o verdadeiro matrimônio, ali está o reino de Deus, o governo de Deus. Conduzindo corretamente sua vida matrimonial, os cristãos dão testemunho da irrupção do reino trazido por Jesus.

Segundo a ordem da criação de Deus e a ordem da salvação de Cristo, portanto, o matrimônio é indissolúvel, razão pela qual não se permite que uma pessoa divorciada torne a se casar.

10-12 Disseram-lhe os discípulos: Se esta é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar. Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram de eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para admitir, admita.

A resposta dos discípulos e seu espanto mostram que eles *compreenderam muito bem a seriedade da palavra de Jesus*. Do mesmo modo eles se espantam um pouco depois com as palavras de Jesus sobre a riqueza. A resposta que Jesus lhes dá naquele contexto também poderia ser aplicada à exclamação dos discípulos nesta questão matrimonial. É verdade, humanamente constitui algo impossível conduzir o casamento de tal maneira *como Deus o quis*, mas assim como para Deus nada é impossível, *um verdadeiro matrimônio também é um presente dele*.

O v. 11 refere-se à palavra seguinte e é retomado no final do v. 12. Desse modo já aponta para o fato de que o v. 12 é uma metáfora. Como tal, não fornece uma regra de validade geral, mas apenas indica uma possibilidade. Naturalmente um discípulo pode ser conduzido a praticá-la. É a *possibilidade de renunciar* por amor ao reino de Deus. Contudo, Jesus não coloca a renúncia como uma possibilidade limitada no tempo, na qual se pudesse novamente voltar atrás. Ao falar de

castrados [eunucos], entende a renúncia com a mesma radicalidade com que ensinou antes o *sim* ao matrimônio como um sim sem restrições, do qual também não se pode recuar. *Por conseguinte, essa última palavra sobre abster-se de casar enfatiza mais uma vez o caráter incondicional do matrimônio*. Essa palavra precisa causar tanto maior espanto quando consideramos que *casar era uma obrigação para os judeus*. De Gn 1.27 eles concluíam que somente no matrimônio o ser humano se torna aquela pessoa que Deus quer.

Não obstante, o judaísmo já conhecia a possibilidade de que alguém, por amor à lei, podia desistir do matrimônio. Por exemplo, conta-se que Ben Azzai defendeu sua condição de solteiro com as palavras: "Minha alma está presa à lei (não resta tempo para o casamento); que o mundo seja conservado por outros (cf. Strack-Billerbeck)"! Por isso tampouco podemos entender a palavra de Jesus como uma exigência de *ascetismo*, mas como menção de que pode ser possível que alguém renuncie ao casamento, para *agir* em prol do reino de Deus (não para conquistá-lo!). Foi assim que procederam o próprio Jesus, João Batista, e mais tarde Paulo. Para o cristão, porém, ambas as possibilidades estão lado a lado: fazer uso das dádivas de Deus e renunciar a elas. Cada uma delas, no entanto, precisa ser abraçada integralmente. Assim, renunciar ao casamento será idêntico à condição de um castrado. "O sacrifício ofertado pelo discípulo, porém, não é de um *penitente*, e sim trazido por *amor*" (Schlatter).

2. Jesus abençoa as crianças, 19.13-15

(Mc 10.13-16; Lc 18.15-17)

Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos, e orasse; mas os discípulos os repreendiam.
Jesus, porém, disse: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.
15 **E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali.**

No povo judeu era costume trazer crianças aos "professores da lei", para que fossem abençoadas. A bênção de pessoas tementes a Deus não era apenas uma palavra piedosa, mas tinha o significado de uma dádiva real (cf. Gn 27). Logo, as (mulheres, mães?) que trouxeram as crianças provavelmente agiram tão somente de acordo com esse costume. Contudo, o resultado foi outro, porque Jesus é alguém diferente do que um mero rabino ou uma pessoa temente a Deus. Isso fica evidente quando consideramos que a **imposição das mãos** por Jesus era o sinal exterior pelo qual concedia a cura, e que a **oração** de Jesus sempre é mencionada quando pede a força do Pai para momentos decisivos. Considerando, pois, que a dádiva que Jesus concede às crianças é a mesma que ele proporciona a todos que buscam sua ajuda e restauração, torna-se *compreensível* por que está situada nesse contexto a grandiosa palavra do v. 14. Pois com essa dádiva ele concede o **reino dos céus** (Mt 12.28!). Muito claro, porém, está que esse presente de Jesus permanece *oculto* e pode ser abraçado e entendido somente pela fé. Pois a forma dessa dádiva é a mesma pela qual, em geral, um rabino abençoa crianças.

Quanto ao v. 14, cf. o exposto sobre 18.3. Parece um pouco perigoso ver "uma decisão de validade geral" na palavra de Jesus de **que às *crianças* pertence o reino dos céus** (como defende Schlatter), porque então seria bem fácil começar a indagar no que consiste a vantagem das crianças. Numa tradução mais precisa, obtemos: "Aos com tal atitude pertence o reino de Deus". Como é, portanto, a mentalidade e o comportamento da criança pequena? As crianças têm uma *dupla* característica: a *humildade* e a *confiança*. Em decorrência de sua humildade, uma criança sempre está pronta a receber presentes; ela sabe da sua pequenez diante dos "grandes". Além disso, a criança tem uma confiança não fingida de que o pai quer o seu bem. Por isso, talvez se possa responder à pergunta pela importância que Jesus dá ao fato de ser criança, com a simples observação que ela possui o privilégio de chamar alguém de "pai" (Mt 6.9; Rm 8.14s). Esse privilégio, porém, adquire importância unicamente porque *Jesus* nos traz o *Pai*. É por isso que podemos clamar "Aba, Pai". Neste sentido nós adultos temos de nos tornar novamente crianças, entregando-nos simples e singelamente a ele. Enfatizamos, portanto: Nem este versículo nem Mt 18.3 constituem um elogio à *inocência infantil*. No tempo de Jesus não havia a moderna glorificação romântica da criança (apontamos ainda para o exposto sobre Mt 18.3ss).

3. A questão da propriedade, 19.16-30

(Mc 10.17-31; Lc 18.18-30)

16 **E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre[a], que farei eu de bom para**
alcançar a vida eterna?
17 **Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom, só existe um. Se**
queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.
18 **E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás,**
não dirás falso testemunho,
19 **honra a teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo.**
20 **Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?**
21 **Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um**
tesouro no céu. Depois vem, e segue-me.
22 **Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas**
propriedades.
23 **Então disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará**
no reino dos céus.
24 **E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que**
entrar um rico no reino de DeusS[b].
25 **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados, e disseram: Sendo assim,**
quem pode ser salvo?
26 **Jesus, fitando neles os olhos, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo**
é possível.
27 **Então lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos: Que será, pois, de nós?**
28 **Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na**
regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis
em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.
29 **E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou**
filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e herdará a vida
eterna.
30 **Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.**

Em relação à tradução

[a] Os manuscritos não são unânimes em relação aos v. 16,17. A *coiné* e o manuscrito C, como também traduziu Lutero, trazem a interpelação **Bom Mestre**, com a correspondente resposta de Jesus: **Por que me chamas de bom?** Esse texto corresponde ao paralelo de Marcos. Jesus recusou a designação de "bom Mestre". "Nisso, porém, revela-se a tensão na vida dele, de ser simultaneamente *aquele* que está do lado dos pecadores e o que *não tem pecados*. Está radicalmente lado a lado que Jesus está separado dos pecadores e que pertence integralmente a eles" (Schniewind; cf. Hb 7.26; 4.15). A partir da tensão existente entre a pergunta do jovem, na forma como ele a apresenta, e a resposta de Jesus, vê-se que Mateus provavelmente conheceu o texto de Marcos. Essa tensão nós expressamos traduzindo a pergunta do jovem com "que boa obra farei?". e a resposta de Jesus no v. 17: "Um só é o bom" (ademais, seja anotado que também Lucas traz a versão de Marcos).

[b] Quanto a essa metáfora, cf. as seguintes expressões proverbiais do judaísmo contemporâneo de Jesus, que mostram que ela tem sentido literal, para expressar um quadro de *impossibilidade* total. Os dois provérbios são: "Deus permite às pessoas verem (no sonho) somente os pensamentos do próprio coração". – "Podes observá-lo a partir do fato de que não se deixa nenhuma pessoa ver (no sonho) uma palmeira de outro ou um elefante passando pelo furo de uma agulha." – Essas coisas ninguém imagina, por isso também não sonha disso. Este acontecimento no sonho é uma total impossibilidade (cf. Strack-Billerbeck). Por conseguinte, devem ser recusadas as diversas tentativas de explicação que, por exemplo, propõem que se considere como fundo de agulha o menor portão no muro da cidade, como se Jesus *não* quisesse enfatizar com tanta radicalidade que é impossível os ricos entrarem no reino de Deus. É justamente o aspecto *totalmente impossível* que ele queria descrever com a parábola.

16-22 E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom para alcançar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom, só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. E ele lhe

perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem, e segue-me. Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades.

Para a época de Jesus, a pergunta do jovem não é incomum. Perguntava ele pelo **bem** que deveria praticar além da simples observação das *determinações legais*. Quer fazer algo espontaneamente por amor e não apenas evitar transgressões. Quer passar do cumprimento dos mandamentos para ações positivas, para boas obras excedentes.

A resposta de Jesus segue integralmente os moldes do AT, pois o NT não conhece o nome de Deus como "o Bom". Contudo, também no NT o bem sempre é visto em relação com Deus, o Bom. Mq 6.8 é que está mais próximo da palavra de Jesus. Por isso a resposta de Jesus deve ser entendida no sentido de que ele reformula a pergunta do jovem pelas *"obras do bem" excedentes* na pergunta pelo *bem*, cuja resposta se encontra na revelação da *vontade de Deus* conforme a encontramos nos mandamentos.

A réplica do jovem evidencia que ele entende a resposta de Jesus no contexto da religiosidade judaica. Esta havia transformado a lei num enorme número de mandamentos (613), de modo que se torna compreensível a nova pergunta: **Quais mandamentos?**

A resposta seguinte de Jesus deve ser compreendida em conexão com a exigência que ele faz depois que o jovem assegurou que cumpriu tudo.

Não é cabível que entendamos essa afirmação do jovem simplesmente como uma *autoconsciência falsa, equivocada*, como *justiça própria*, que se engana a respeito de si próprio. De acordo com a compreensão judaica da lei, era perfeitamente viável cumprir a lei. Os patriarcas e também Moisés eram vistos como pessoas que conseguiram isso.

O erro do jovem não era que ele não tivesse reconhecido suas transgressões, mas que ele não compreendeu a *interpretação* da lei feita por Jesus, tal como se depreende do sermão do Monte. Não compreendeu que Deus não exige ações isoladas que o ser humano pudesse apresentar, porém quer a pessoa *toda*, incluindo seus *pensamentos, palavras e ações*. Quando reconhecemos essa unidade de todo o cap. 19, de como Jesus na questão do matrimônio, e também ao abençoar as crianças, bem como agora na atitude perante os bens, exige *a entrega total a ele como o Senhor*, somente então entenderemos o desafio que ele faz ao jovem. Não sabemos com certeza se o jovem, afinal, descobriu isso, se ao rejeitar o desafio na verdade está se furtando à interferência de Deus em sua vida, que o atinge nessa exigência de Jesus. Também é possível que ele simplesmente tenha entendido a exigência como uma resposta à sua pergunta pela "boa obra" e ficado triste por não conseguir realizar essa obra. Há uma série de histórias do tempo de Jesus que contam de pessoas que realizaram ações semelhantes. Contudo, nem elas fizeram o que Jesus tem em mente, quando tinham a idéia de que assim *haviam realizando uma boa obra exterior*. Na verdade a exigência de Jesus é uma referência àquele "grande mandamento único", ao *primeiro mandamento* (Schniewind), de *amar a Deus acima de todas as coisas*.

23-26 Então disse Jesus a seus discípulos: Em verdade (amém) vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus. Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados, e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles os olhos, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível.

O empecilho que impediu o jovem de seguir a Jesus, ação pela qual poderia demonstrar sua dedicação total a Deus, a **sua riqueza** desencadeia, também diante da evidência do perigo que reside nas riquezas, o diálogo sobre o perigo das riquezas. No diálogo com o jovem não estava em jogo inicialmente a riqueza como tal, e sim a *pergunta* de como deveria ser cumprida a exigência de Deus (o *primeiro mandamento*). Somente depois que fica claro que a "propriedade" se interpõe a esse cumprimento, ele ressalta o *perigo* das riquezas. As duas palavras com que Jesus descreve o perigo das riquezas (da propriedade) eram especialmente *ofensivas* para ouvidos judeus, pois possuir bens era considerado uma comprovação da bênção de Deus, de modo que justamente as pessoas religiosas se apegavam especialmente às riquezas.

Jesus, porém, tem em vista outro tipo de riqueza. Pois ela não é apenas *dádiva* de Deus, prova de seu amor, pelo qual concede a riqueza, mas – para nós quase sempre em primeiro lugar – algo sobre o qual *nós* dispomos, no qual depositamos a *nossa confiança*, e que, por isso, se interpõe entre nós e Deus. Foi por isso que Jesus declarou os pobres bem-aventurados, porque sua situação exterior já os remetia a Deus, tornava-os dependentes dele (Lc 6.20; Mt 5.3). Desse modo os discípulos entendem Jesus corretamente, quando indagam assustados: **Quem, então, pode ser salvo?** Nas palavras de Jesus eles não vêem que ele esteja condenando determinado grupo de pessoas, mas que ele está combatendo uma atitude que é própria, em maior ou menor grau, de cada pessoa, e que se mostra especialmente nos *visivelmente* ricos.

O espanto dos discípulos no v. 25 é uma *reação*, que sempre indica que pessoas *entenderam* algo da essência da palavra de Jesus e de sua missão, ou seja, que ele fala "com autoridade" (Mt 7.28). É a *presença de Deus* que, como relâmpago, através de tudo o que a encobre, se torna visível na sua *palavra* e na sua *obra*. Por isso este espanto foi a reação já de Herodes (Mt 2.3; ali, porém, consta outro termo grego, usado mais em aparições visíveis de Deus através de seu anjo, p. ex. Lc 1.12, ou de Jesus como Filho de Deus, p. ex. Mc 6.50; Mt 14.16; Lc 24.38, mas que no conteúdo significa o mesmo). *Sempre de novo as pessoas se assustam quando Jesus se revela com sua palavra e sua obra, assim como Adão se assustou ao encontrar Deus após a sua queda*.

Jesus confirma que os discípulos têm razão com sua pergunta assustada, assim como também tinham razão quando concluíram das palavras de Jesus que seria melhor permanecer solteiro (v. 10). O fato é que não está ao alcance das possibilidades humanas viver assim como Deus planejou. Isso se mostra na atitude que cada pessoa toma diante da propriedade, assim como também se revela na posição em relação ao casamento. No entanto, Jesus não veio apenas para nos mostrar essa realidade. Pelo contrário, ele também nos mostra a possibilidade dada por Deus para viver assim como ele quer. Porque, em Jesus, Deus vem ao nosso encontro com amor, e não precisamos mais nos fiar nos bens deste mundo, vivendo na dependência deles. Em 1Co 7.30 Paulo nos mostrou como organizamos a nossa vida através dessa possibilidade dada por Deus: "Ter como se não tivéssemos!"

27 Então lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos: Que será, pois, de nós?

A resposta de Pedro soa ambígua, e por isso Pedro também recebe uma resposta dupla. Por um lado a pergunta soa como se Pedro quisesse apontar para o fato de eles o estarem seguindo, de terem abandonado toda a propriedade como sendo uma *obra* realizada pelos discípulos. Nesse caso, os discípulos ainda não teriam feito o que Deus espera, pois entregaram somente algo – se bem que muito, **tudo** – mas *não a si próprios*. Pois Pedro ainda aponta para esse fato: Veja o que nós *fizemos*! Na resposta de Pedro ressoa ainda o louvor próprio, que deve ficar de fora quando a entrega não é mais nossa obra, mas sim *presente* de Deus (Rm 3.27; 4.2).

Por outro lado, também podemos compreender a resposta de Pedro como confissão *humilde* que quer expressar: "Senhor, nós nos confiamos inteiramente a ti, queremos agarrar essa possibilidade que tu nos concedes". A isso segue a preciosa resposta de Jesus, que essa entrega na verdade não ficará sem recompensa. Primeiramente, ao que entrega tudo por amor de Jesus é retribuído tudo na comunidade: "Irmãos que há muito me faltaram, agora na comunidade me acharam" (Novalis). Contudo, além disso, o Senhor promete a vida eterna. Essa dádiva é a verdadeira recompensa para o discípulo.

28-30 Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e herdará a vida eterna. Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.

A fim de colocar essa verdade com mais ênfase no centro, Mateus ainda transmitiu a palavra do v. 28, que Marcos e Lucas não apresentam (Lucas tem uma palavra equivalente em outro contexto, Lc 22.28-30). Jesus promete aos discípulos a participação no governo do reino de Deus, caracterizado como o retorno do reino de Israel.

Significado especial possui nesse texto o conceito de "renascimento", que nós facilmente limitamos a um processo interno em cada indivíduo. Sem dúvida Jo 3.3 nos dá o direito de compreendermos o *novo nascimento* também como uma processo desses, que se realiza na pessoa individualmente. Contudo, não seria coerente com o NT se o entendêssemos como limitado a cada

indivíduo. O termo como tal é encontrado somente ainda em Tt 3.5, mas a questão toda é sempre, no NT todo como aqui, direcionada para o novo reino prometido por Jesus. Por um lado, Jesus já nos deu aqui esse novo ser, por outro lado, ele ainda está oculto para ser revelado na glória (Cl 3.3s).

Desse modo, a vida do cristão sempre se situa sob esse duplo aspecto: o que já nos foi dado como primeiro sinal (2Co 1.22; Ef 1.14), e o que ainda temos de aguardar. A palavra nos exorta a olhar para o segundo, a saber, que o que se chama novo nascimento se evidenciará integral, total e essencialmente no dia da *consumação*.

4. Retrospectiva do cap. 19

O cap. 19 de Mateus compõe uma unidade em relação ao sermão do Monte. Ele não afirma nada diferente do que as palavras correspondentes *de lá*. Entretanto, ele faz valer a *incondicionalidade* dessas afirmações no diálogo com os fariseus, com o jovem e com os discípulos. Aquilo que se evidencia aqui para os *três* casos específicos (matrimônio, ser criança, propriedade) vale de forma respectiva também para todos os demais mandamentos. Em cada mandamento Deus convoca "a pessoa toda". Contudo, ninguém é capaz de cumprir essa exigência com *forças próprias*. Deus, porém, concede a possibilidade de realizá-lo.

"A seqüência narrativa do cap. 19 expõe a tolice humana a uma luz penetrante:

"Primeiro chegaram a Jesus *aqueles* que se admiraram de que não podiam abandonar suas mulheres.

"Depois chegou um que se admirou porque devia largar o seu dinheiro. Segundo a opinião de Jesus, um homem não pode "largar" a sua mulher, mas deve ser capaz de "largar" o seu dinheiro. Com isso ele inverte a opinião vigente entre as pessoas.

"As *crianças,* que aos discípulos pareciam para nada servir, ele acolheu. O rico ele deixou ir. Com quanto ele poderia ter contribuído para Jesus e o seu grupo! Também com essa atitude ele inverte o nosso juízo.

"O conflito entre os pensamentos de Jesus e os nossos tem sua origem sempre no fato de que a graça de Jesus está muito acima dos nossos pensamentos. Ele cuida das mulheres porque elas possuem um coração que precisa de amor e o retribui. Não cuida do dinheiro, porque é um objeto morto, sem coração. As crianças ele recebeu porque aceitaram com gosto a sua bênção. O rico ele manda embora, pois era rico, corajoso e grande, um praticante sem mácula da lei divina: "Que mais farei? O que ainda me falta?"

"O reino dos céus é daqueles que são como crianças. Jesus não se desviou dessa regra. Pelo contrário, exatamente agora a reconfirmou, ao nos permitir ver de modo tão tocante o que é perfeição, a que alturas nosso amor pode alçar-se, quanto o amor pode tornar-se livre de qualquer preocupação. Essa grandeza, porém, não tem nada a ver com nossa orgulhosa autoconfiança. Pois Jesus acaba de tornar o rico uma criança pobre e frágil, a fim de que encontre o reino dos céus. Até que ele desmorone, humilhado e envergonhado, sob a carga de seu dinheiro, ele será grande demais para o reino de Deus" (Schlatter, p. 300).

Jesus respondeu a pergunta de Pedro: "O que será de nós, que deixamos tudo e te seguimos?", com uma promessa formidável, maior que qualquer expectativa. A primeira parte da promessa era que o Filho do Homem, executado como rei dos judeus, será o rei de Israel *exaltado* por Deus. E os doze eleitos julgarão as tribos de Israel. "Segundo o relato de Mateus (7.21ss; 10.32s; 16.27; 25.31-46), Jesus julgará pessoalmente, em íntima relação com o Pai. Ele o fará como o Filho do Homem, que a si próprio se rebaixou e ocultou o seu poder, sendo executado pelos homens. Isso determinará o seu julgar, quando estiver assentado sobre o trono de sua glória. De acordo com o critério de se as pessoas o aceitaram ou rejeitaram em sua figura pobre, ele lhes concederá entrada na alegria eterna ou as expulsará para o tormento eterno.

"Considerando que em Mt 25.31s diz que o Filho do Homem separará, da maneira recém exposta, "entre todos os povos" as ovelhas e os cabritos, poderíamos pensar que, com as palavras de 19.28, ele incumbe os discípulos da mesma tarefa em relação ao povo eleito. Contudo, não se pode admitir que ele deixaria para outros justamente a parte mais importante de sua atividade como juiz. Ele mesmo levantará o novo Israel. Os doze eleitos são desde já os representantes do novo Israel. Eles, que agora são os seguidores do rei rejeitado pelo seu povo, e que por isso são excomungados e excluídos do velho Israel, eles 'regerão' as doze tribos do novo Israel como ministros plenipotenciários dele.

"Essa é a *primeira* resposta de Jesus, segundo Mateus, à pergunta de Pedro quanto ao que caberia aos discípulos por terem largado tudo e seguido a Jesus" (W. Vischer, p. 102).

A *segunda* promessa que Jesus proferiu como resposta à pergunta de Pedro vale para *cada pessoa* que, por amor ao nome de Jesus, abandonou tudo. "Essa segunda afirmação diz que todo o que, por amor a Jesus, larga uma propriedade (na listagem são citados os membros da família um por um, antes dos bens materiais), não se torna, por isso, mais pobre, mas sim muito mais (Marcos diz: cem vezes mais) rico. Jesus enfatiza: Quem abandona algo "por causa do meu nome", i. é, por causa da minha pessoa, porque eu lhe sou mais precioso do que as pessoas mais amadas e porque aquilo que eu lhe dou tem mais valor para ele do que tudo o que possui… A promessa não vale para aqueles que abandonam seus familiares e sua propriedade por causa de uma especulação ou de um ideal ascético, talvez por menosprezarem as coisas deste mundo ou acreditarem que podem merecer algo para si sobrecarregando-se com dolorosas renúncias. Com essa palavra Jesus não declarou que as dádivas de Deus devem ser desprezadas ou que foram dadas para que, renunciando a elas, cheguemos a um degrau mais alto. Muito pelo contrário, Jesus está afirmando aqui, como em muitas outras passagens, p. ex. nas parábolas do tesouro no campo e da pérola preciosa (13.44-46), que aquilo que ele traz com a sua pessoa constitui a dádiva acima de todas as dádivas, e que os que quiserem receber esta dádiva, em determinados casos, terão de largar tudo o mais" (cf. Vischer).

A pergunta de Pedro: "Que será de nós, que abandonamos tudo e te seguimos?", recebe, como encerramento, uma resposta muito séria: **Muitos primeiros serão últimos, e muitos últimos primeiros** (v. 30). Pedro olha para o jovem rico que se afastou. Talvez os pensamentos de Pedro tenham sido formulados assim: "Este jovem rico é um último – enquanto eu, Pedro, com toda a certeza pertenço aos primeiros".

Entretanto, o primeiro tem de cuidar muito bem para que não se torne o último. Não é o início mas a chegada que coroa a carreira do cristão. Um primeiro pode ficar para trás, e um último pode avançar na corrida, vindo a ser um primeiro. Nossos olhos ainda não vêem como será a chegada de nossa corrida de fé. Tão certo como está fundamentado unicamente na graça soberana de Deus que, para quem por amor a Jesus renunciou a algo resultará disso o maior ganho, tão certo haverá muitos decepcionados que esperam por seu empenho algo diferente do que a graça e bondade de Deus. A parábola seguinte ilustra essa verdade.

5. A questão da recompensa: Será que cabe, no reino de Deus, a pergunta pela recompensa?, 20.1-16

(Lc 7.40-47)

Porque o reino de Deus é semelhante[a] a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha.
E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia[b], mandou-os para a vinha.
3 **Saindo pela terceira hora[c] viu, na praça, outros que estavam desocupados,**
e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram.
5 **Tendo saído outra vez perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma.**
6 **e, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados, e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo?**
7 **Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então lhes disse: Ide também vós para a vinha.**
Ao cair da tarde[d], disse o senhor da vinha para o seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e indo até aos primeiros.
Vindo os da hora undécima, receberam cada um deles um denário.
10 **Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém também estes receberam um denário cada um.**
11 **Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa,**
12 **dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo os igualaste a nós que suportamos a fadiga e o calor do dia.**
13 **Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo[e], não te faço injustiça[f]; não combinaste comigo um denário?**
14 **Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti.**

Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos[g] porque eu sou bom?
Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos[h].

Em relação à tradução

[a] Literalmente: Pois o reino de Deus é igual… No entanto, essa fórmula, sempre recorrente, especialmente no cap. 13, não está comparando algo, uma condição de dentro deste mundo, com um estado do reino dos céus. Pelo contrário, compara-se uma maneira de comportamento, no caso, a do dono da casa. É o que visa expressar a tradução: "Com o reino dos céus sucede…"

[b] 1 denário = 1 dracma (grega) = ½ shekel (judaico), um bom salário diário no contexto da Palestina de então. Conta-se do rabino Hillel que, como trabalhador, ganhou inicialmente ½ denário. Um escrivão de documentos altamente qualificado ganhava por dia 2 denários. A jornada de trabalho durava do nascer do sol até que as estrelas começassem a brilhar. Como o trajeto de *ida* até o local de trabalho era incluído no tempo de trabalho, o dono da casa tinha de sair de casa muito cedo.

[c] A contagem das horas começa às 6 horas da manhã. Portanto, a terceira hora é às 9 horas. A oitava e nona horas são às 14 e 15 horas respectivamente.

[d] Era um direito solicitar o pagamento do salário no fim da jornada combinada (Lv 19.13; Dt 24.15).

[e] O tratamento é familiar, talvez um pouco depreciativo, assim como um pai trata a criança queixosa.

[f] A dupla negação significa afirmação enfática: Estou procedendo com você dentro do mais rigoroso direito (Klostermann).

[g] O olho mau é o olho invejoso. O olho bondoso sempre é citado em conjunto com o bom coração, e vice-versa. O olho mau deseja o mal ao outro. Nessa acepção quase se equipara à maldição.

[h] A *coiné* e os manuscritos C e D ainda trazem o acréscimo dos muitos chamados e poucos eleitos. O versículo encontra-se, na verdade, em Mt 22.14.

Observação preliminar

"Jesus afirmou muitas vezes que Deus dá uma recompensa: Mt 5.12,46; 6.1s,5,16; 10.41s. Mas do mesmo modo inequívoco ele declarou que todos os que servem a Deus na intenção de *com isso 'merecer' a bem-aventurança*, perderão a felicidade eterna. Quem realiza boas obras por causa da recompensa, somente se irritará com a bondade de Deus.

"É por isso que muitos judeus, precisamente os que mais se esforçavam para servir a Deus, se irritaram com Jesus. Os israelitas foram os primeiros que Deus chamou para o seu campo de trabalho. Em tempos anteriores eles sabiam que isso era para eles um grande privilégio da graça divina. Porém depois tornaram o presente da graça cada vez mais um meio para alcançar méritos, segundo o lema: A Torá foi dada a Israel para que adquirisse méritos por meio dela. Em vão advertia e exortava Antígones de Socho: 'Não sejam como servos que servem ao seu senhor na intenção de receber recompensa, mas sim como os que se dedicam ao seu senhor *sem* a intenção de serem recompensados.' Conta-se que dois de seus alunos, por causa dessa afirmação, ficaram confusos com a doutrina da recompensa, tirando dela a conclusão de que não existe nenhuma retribuição, nem num mundo futuro. Em conseqüência, teriam se distanciado totalmente da Torá, tornando-se fundadores do partido dos saduceus.

"A maioria dos escribas defendia a tese: 'Conforme o esforço virá a recompensa' (Aboth 5.23). Como eles imaginavam a relação entre serviço a Deus e recompensa de Deus, mostram as variações da parábola do empregador que paga o salário, encontradas na literatura rabínica. Vejamos um exemplo:

"Um rei contratou muitos trabalhadores, e houve um que trabalhou muitos dias para ele. Vieram os trabalhadores para receber seu salário, e aquele trabalhador veio com eles. O rei lhe disse: 'Eu o considerarei de modo especial. Aos que realizaram pouco trabalho para mim, darei *pouco* salário. A você, porém, darei uma recompensa grande.' Assim os israelitas solicitaram a Deus sua recompensa neste mundo, e os povos igualmente pedem sua recompensa de Deus. E Deus diz aos israelitas: 'Filhos meus, eu considerarei vocês de maneira especial. Aqueles povos do mundo realizaram *pouco* trabalho a meu serviço, e lhes dou pouca recompensa. Porém a vocês darei uma grande recompensa.'

"A história é quase igual à narrada por Jesus. Tanto mais claro mostra-se como Jesus, pela guinada que dá à parábola, desestruturou a posição dos religiosos judaicos. É fácil de entender que eles achavam que Jesus destruía a justiça de Deus e que não valia a pena ser piedoso, não somente diante da circunstância de que qualquer um, e na última hora até o mais ocioso ocupante da praça, é convocado ao trabalho de Deus, mas também que, no final, ainda lhe é paga a mesma recompensa que àqueles que se esforçaram a vida inteira para cumprir os mandamentos de Deus. É compreensível que eles se incomodassem com a bondade de Deus, e que muitos deles, como na parábola, de primeiros tornaram-se últimos, ou que o irmão mais velho na parábola do filho perdido se irou e se excluiu pessoalmente da alegria (Lc 15).

"No entanto, por meio dessa parábola Jesus em primeiro lugar advertiu os seus discípulos. De últimos, tornaram-se primeiros. Devem cuidar para não voltarem a ser últimos. Pois a bondade de Deus certamente pode *transformar em primeiros* aqueles que agora se tornaram últimos, como o jovem rico ou os fariseus. Um fariseu com o qual isso aconteceu, como promessa para todos e para o Israel inteiro, é Paulo" (cf. W. Vischer, p. 108ss).

A parábola tem o objetivo de explicar a declaração de 19.30, razão pela qual encerra com a sua repetição. Assim como a parábola mostrou, **os últimos hão de ser primeiros, e os primeiros, últimos.** A ênfase está no v. 8, que mostra a seqüência em que os trabalhadores recebem seu salário. No contexto da parábola, porém, está sendo mostrado com essa inversão tão somente como a bondade de Deus se volta contra a reivindicação de recompensa dos primeiros – no diálogo eles são os discípulos. Explicando a idéia de recompensa há pouco externada (19.29), Jesus a rejeita enquanto reivindicação *de direito*. Segundo a compreensão judaica, a idéia da recompensa fundamenta um tratamento diferenciado, de acordo com o resultado produzido. Essa compreensão Jesus rejeita, porque ele conecta a idéia da recompensa com a bondade de Deus e porque, aplicando assim a idéia, de fato a suspende. Isso ocorre com toda a pregação de Jesus (cf. o exposto sobre 5.21). Isso se evidencia de maneira singular nos textos paralelos Mt 5.46 = Lc 6.32, onde, no lugar em que Mateus usa o termo "recompensa", Lucas traz a palavra "graça, gratidão" (todavia, confira também as demais passagens referidas). Na parábola, a ênfase reside no mesmo pensamento de rejeitar qualquer *direito*. A inversão da ordem de pagamento, portanto, constitui somente uma ênfase extrema dessa rejeição. A verdade de que os "primeiros" de forma alguma possuem uma prerrogativa diante dos "últimos" expressa-se no fato de que nem mesmo na seqüência do pagamento recebem seu salário por primeiro.

Por outro lado, essa parábola previne contra uma compreensão da palavra 19.30 = 20.16, de acordo com a qual a ordem seria inversa, ou seja, que agora fosse uma vantagem ser "último", pecador e publicano. Não será desnecessário destacar convenientemente essa explicação da palavra também hoje, nas igrejas vindas da Reforma, contra uma inconsciente busca de transformar em prerrogativa, em vantagem a condição de pecador, ou o reconhecimento de ser pecador. Em todo caso existe o perigo de que, no lugar do orgulho do fariseu, se coloque o orgulho do pecador, que secretamente pensa, mesmo que não o diga: "Eu te agradeço, Deus, que não sou como esse fariseu". A maneira como primeiros se tornam últimos e últimos, primeiros, será assim que, nem para o primeiro resulta dessa condição uma vantagem, nem para o último uma desvantagem, porque a bondade de Deus é maior que todas essas diferenças.

Evidencia-se aqui que todo o pensamento em padrões terrenos não é capaz de captar as palavras do Senhor Jesus. Os discípulos achavam que, a partir da palavra de Jesus ao jovem rico, podiam deduzir para si um direito à recompensa. Jesus não o repele integralmente, mas diz: "Sim, vocês receberão recompensa, porém toda recompensa é *graça*". Novamente seria errado concluir: Portanto, é melhor ser *último*. Não é o que Jesus afirma. Prevalece o fato de que os primeiros suportaram a fadiga e o calor do dia. Para as pessoas certamente existem diferenças, contudo essas diferenças não determinam a aquisição de direitos. Nos mesmos termos Jesus já havia falado de João Batista (11.11). Por isso é melhor resumirmos o conteúdo da parábola na afirmação de que ele fala da *bondade* e da *graça* de Deus, diante das quais fracassam todos os nossos critérios (Schniewind). Entretanto, não deduzimos dela uma total igualdade das pessoas no mundo futuro.

Com alguns aspectos *práticos* queremos elucidar mais uma vez o sentido da parábola:

Será que o hino do poeta Angelus Silesius foi correto: "Eu quero amar-te sem recompensa…"? Sim e não! Pois aqui é preciso raciocinar com a dialética bíblica. Jesus "confirma" a expectativa humana por recompensa, mas ao mesmo tempo a elimina radicalmente. Ele assegura aos seus recompensa generosa (não apenas neste texto!). Para ele persiste inabalável o princípio de que Deus não deixa sem compensação nenhum serviço humano. Por isso Jesus pode formular declarações que aparentemente coincidem integralmente com a mentalidade judaica sobre a recompensa. No entanto, a presente parábola mostra o limite e a total destruição dessa mentalidade. Você pode esperar pela recompensa! Mas, no momento em que esperar por ela conscientemente, irá perdê-la. De primeiro torna-se último. Você não tem direito algum de *exigir* qualquer recompensa. Toda recompensa nada mais é que presente da graça. Ela vem da graça soberana e dadivosa de Deus, que é o Senhor ilimitado. A mensagem da Reforma: "Por graça, aqui não conta o mérito", pode ser deduzida claramente dessa parábola.

A pergunta: “Que será dado a nós?” é genuinamente humana. E a resposta é genuinamente divina. Ela anuncia: Tudo é graça. É graça que você possa trabalhar. E a recompensa também é graça.

Entretanto, a parábola também nos torna participantes de um diálogo entre Deus e ser humano. Jesus é o único capaz de estabelecer esse diálogo, pois conhece a ambos, Deus e o ser humano. Ele é o “Filho do Homem” que assumiu integralmente nossa condição humana. Ele sabia o que está dentro do ser humano (Jo 5.25). Simultaneamente ele é o “Filho de Deus”, que procede do Pai e que, por isso, tem competência de dizer: ”Ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho” (Mt 11.27). Por isso, *porque* conhece a ambos, confere ao diálogo esse impacto arrasador. Somente ele pode retratar de maneira tão convincente a acusação do homem contra Deus: “Tu és injusto comigo”, de maneira que possamos ver o ser humano concreto, em toda a sua rebelião contra Deus. Ele é o único que pode dar vitoriosamente à pessoa a resposta calma e nobre: **Meu amigo, não estou sendo injusto contigo**. Ao ser descrita a queixa da pessoa, somos levados à presença de Deus. O “pensamento meritório” está por trás, p. ex., da pergunta: “Que fiz eu para merecer isso?” Quem fala assim, pensa que “merece” uma recompensa diferente da forma de vida que lhe está sendo imposta. O ser humano acusa: Tu és injusto comigo. Na nossa parábola está sendo interpelado o homem religioso, não o afastado de Deus. A esse homem religioso deve ser dito com que facilidade ele se torna último quando levanta essa acusação (Carl Paeschke).

6. A pergunta pela verdadeira grandeza: O terceiro anúncio da Paixão, 20.17-19

(Mc 10.32-34; Lc 18.31-34)

Estando Jesus para subir a Jerusalém[a], chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse:
Eis que subimos para Jerusalém e o Filho do Homem será *entregue*[b] aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte.
E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e *crucificado*; mas ao terceiro dia ressuscitará.

Em relação à tradução

[a] “Subir” porque Jerusalém está situada no alto. Aliás, já no AT essa condição possuía um significado simbólico: O monte sagrado é o Sião (Sl 43.3; 48.3).

[b] “A autoridade máxima do povo eleito condenará à morte o Filho do Homem porque seria um messias falso. Não se limitará a condenar sua reivindicação de poder como uma questão intrajudaica. Entregará o blasfemador da majestade de Deus aos gentios, para que a autoridade secular o suplicie como agitador político e o ‘entregue para ser crucificado’, ou seja, para ser executado da maneira como somente pode ser morto um escravo que cometeu um crime de lesa-majestade. O escárnio é o oposto da homenagem prestada pelo súdito. Por meio do escárnio os soldados do procurador ridicularizarão a reivindicação de senhorio do indefeso rei dos judeus. Cada pessoa condenada à crucificação era açoitada antes de ser pregada na cruz (Mt 27.26; Josefo, Guerra, vol. II, 14.9). E a crucificação era a pena de morte que os romanos aplicavam a escravos rebeldes e a estranhos, mas não a pessoas livres ou cidadãos romanos” (Vischer, p. 112).

Os dois primeiros anúncios de Paixão sucederam diretamente aos acontecimentos em que os discípulos puderam reconhecer a glória do Senhor: após a confissão de Pedro (que se baseava numa revelação especial de Deus) e a transfiguração. Com esses anúncios fica evidente a intenção de Jesus: os discípulos não devem pensar que o caminho leva diretamente à glória. Ambas as vezes era palpável o perigo de pensarem assim (Mt 16.22; 17.4).

A terceira comunicação da Paixão apresenta uma intensidade maior nas palavras com que o Senhor descreve o seu sofrimento. Ele será **entregue aos gentios**, de modo que eles decidirão sobre ele, farão com ele o que quiserem, abusarão dele com brincadeiras de mau gosto. Essa entrega já significa em si a morte na cruz, porque, segundo o direito romano, era essa a morte prevista para os criminosos. Por trás da voz passiva do verbo, no entanto, oculta-se o fato de que isso não acontece por acaso, mas de acordo com a vontade de Deus. Pois na voz passiva fala-se da vontade de Deus, respeitosamente, para não ter de usar o nome dele. Nessa palavra explicita-se o que significa Jo 3.16, i. é, que Deus deu o seu Filho. Ao mesmo tempo essa forma verbal contém um consolo, ou seja, a certeza de que, apesar de tudo, está acontecendo a vontade de Deus, à qual o Filho obedece.

7. A mãe dos filhos de Zebedeu (Tiago e João) pede pelos seus filhos, 20.20-23

(Mc 10.35-45; Lc 22.24-27)

Então se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos e, adorando-o, pediu-lhe um favor.
Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e outro à tua esquerda.
Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos.
Então lhes disse: Bebereis o meu cálice, mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles (será concedido àqueles) a quem está preparado por meu Pai.

Em contraposição a Marcos, a história em Mateus possui uma recordação própria. Não são os *discípulos* que pedem a Jesus para receberam lugares de honra ao lado de Jesus, e sim sua **mãe** que, conforme Mc 15.40; Mt 27.56, se chamava Salomé e, conforme Jo 19.25, era a irmã da mãe de Jesus. Será que o pedido se apoia no parentesco próximo com Jesus? Mais tarde, na comunidade, os parentes de Jesus obtiveram uma posição destacada. Talvez Mateus intentou, com essa alteração, resguardar os discípulos, que no seu tempo eram as colunas da comunidade (Tiago já morrera como mártir), porque ele não acreditava que eles próprios tivessem expressado um pedido tão ambicioso, mas que este fosse antes motivado pelo orgulho materno. Contudo, essa suposição introduz em Mateus considerações que *nós hoje* realizamos, a saber, que nesse pedido se revela um orgulho infundado. Mas na comunidade certamente se admitiam *diferenças*. Mesmo a parábola anterior não quis proclamar uma igualdade geral. Até mesmo quando corrige a disputa pelo poder entre os discípulos no v. 26s, Jesus não fala de uma igualdade genérica, mas que no seu reino as leis sobre os primeiros e os últimos são diferentes das do mundo. Portanto, a diferença com Marcos não pode ser vista como uma consideração benevolente de Mateus, mas simplesmente como resultado de uma outra linha de recordação que, num detalhe como este, era diferente da de Marcos.

Mais importante é que Mateus não traz a palavra da morte, ou melhor, do batismo de morte, como Marcos. Segundo Mateus, Jesus fala apenas do **cálice** do sofrimento. Será que a deixou fora porque viu nela uma profecia de que morreriam como mártires, cumprida por um lado em Tiago, mas por outro não em João? Também essa suposição parece não ter base segura. Afinal, Mateus não sabia se a profecia sobre João não poderia vir a cumprir-se futuramente! Ademais, considerando as rigorosas ligações que Mateus e Marcos possuem cada qual com a sua tradição, nunca podemos levantar mais do que hipóteses para descobrir motivos para divergências narrativas entre eles. Também neste caso é melhor constatarmos simplesmente uma diferença na recordação, sem indagar ou pesquisar por motivos.

O diálogo trata mais uma vez de conseqüências que resultam da palavra de Jesus em 19.28. Assim como Jesus abordou em 19.1ss a questão do divórcio de forma concreta no diálogo (demissão da mulher) e assim como tratou em 19.16ss da questão da propriedade neste mundo, assim ele é forçado pela pergunta da mãe dos filhos de Zebedeu a abordar a questão da *recompensa* de forma concreta, i. é, diante de um pedido bem específico por recompensa. De certa forma o pedido é idêntico ao que os discípulos apresentam em 19.27. Lá eles indagam: "Que receberemos nós por isso?" Aqui a mãe pede pelos filhos: "Concede-lhes por isso **que no teu reino se assentem um à tua direita e outro à tua esquerda"**. O pedido é tão definido porque Jesus prometeu que os discípulos terão participação no seu reinado (19.28). A resposta de Jesus em forma de contra-pergunta pronuncia um pensamento que retorna em João, de que seu *sofrimento* significa ao mesmo tempo sua *exaltação* (Jo 3.14; 8.28; 12.32). Pelo fato de que, na crucificação de Jesus, se mostra e se confirma sua separação do mundo, a saber, que ele não é deste mundo, a crucifixão representa ao mesmo tempo sua exaltação, i. é, que ele pertence ao Pai. O evangelho de João vê incluídos nisso também os discípulos, pois o ódio com que o mundo os persegue (Jo 17.14) é destinado a ele, o Senhor (15.21)! Essa é a compreensão por trás da palavra de Jesus: ele pode conceder essa participação em seu reinado (Marcos usa neste lugar o termo "glória") na medida em que for participação no seu **sofrimento**.

A resposta breve e, portanto, segura de si, dos discípulos, requer uma correção. De forma alguma ela é precipitada e presunçosa, como a declaração de Pedro de que não negaria o Senhor (Mt 26.35). Tiago comprovou essa resposta com a sua morte e João o fez de forma semelhante como "irmão e companheiro na tribulação e no reino" (Ap 1.9). – Também aqui deve ser observado o paralelo entre "tribulação" e "reino"!

O erro dos discípulos não era que falaram *demais*, mas que entendem o sofrimento de modo errado. No judaísmo, desde os tempos dos macabeus (2Mac 7.37) e mais tarde no terrível desfecho da guerra judaica, houve martírio e disposição para o sofrimento, mas o martírio era entendido como "realização", assim como mais tarde, novamente, na igreja dos primeiros séculos. A resposta dos discípulos revela um orgulho pela própria *realização*. É o orgulho pelo que produziram com esforço, pelo que depois esperam recompensa, porque a idéia de realização sempre vem acompanhada da idéia de que a pessoa merece uma recompensa.

São esses os pensamentos que Jesus precisa rejeitar mais uma vez, lembrando os discípulos de que toda recompensa é recompensa *por graça*. Por isso não lhes é dada a resposta esperada: "Vocês, portanto, também estarão sentados ao meu lado na glória", mas eles recebem a instrução de que devem contentar-se com a graça de Deus (2Co 12.9).

8. A reação dos "dez", 20.24-28

Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos.
Então Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles.
Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;
e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo;
tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

"No v. 25, em lugar de 'povos' caberia também a tradução 'gentios', assim como no v. 19. Em ambos os momentos Jesus usa a mesma palavra, que distingue os povos em geral do povo eleito de Deus (Mt 28.19). Os povos, aos quais dentro de poucas semanas o Supremo Conselho do povo eleito entregará o Filho do Homem, para que o executem como um escravo revolucionário, são dominados e violentados. Aqueles que estão à sua frente e os lideram, pisam sobre seus súditos. Aqueles que são considerados grandes, seja porque são registrados na história mundial como os 'os grandes', seja porque em qualquer posição possuem uma importância destacada, compreendem e exercem o poder político-estatal de tal modo que rebaixam o povo. Os termos gregos usados por Mateus para caracterizar a forma de governar e exercer o poder do estado contêm ambos a preposição *katá*, que expressa enfaticamente a ação 'de cima para baixo' do opressor, que é a maneira com que a autoridade é exercida. Em Lc 22.15 os verbos são usados sem a preposição mas, em contrapartida, a expressão é potenciada quase à ironia, pela formulação 'seus tiranos se denominam de benfeitores'. Essa é uma alusão ao costume dos reis helênicos, que gostavam de conceder-se o título honorífico de *euergétes* = benfeitor.

Jesus não lamenta com nenhuma sílaba que os **povos** sejam dominados e violentados assim. Não acusa ninguém, nem pergunta como se chegou a esse ponto. Ele diz simplesmente: Vocês sabem que é assim. Com a mesma simplicidade ele prossegue: **Assim não é entre vocês**. Por conseguinte, a comunidade não tem de fazer discursos de lamentação nem lançar acusações pelo mundo sobre a miséria política, nem tampouco desenvolver uma teologia revolucionária ou reacionária do estado. Ela simplesmente tem de ser diferente. Em meio aos povos, ela tem de ser um povo em que a ordem é inversa. Na comunidade de Jesus também existe uma ordem da grandeza e da posição. Quanto mais alguém quiser ser grande, tanto mais servirá, e não dominará. Quanto mais plenamente alguém for o **servo**, o escravo dos demais, tanto mais perto ficará da primeira posição.

Numa oportunidade anterior Jesus já mostrou de modo semelhante aos discípulos que, no que tange à organização da comunidade, eles devem procurar a grandeza no fato de servirem aos pequenos (18.1-5). Mais tarde Jesus o mostrará de novo, a fim de determinar que, na sua comunidade, ao contrário da praxe dos rabinos, não existem a grandeza religiosa nem a categoria dos "clérigos", que se consideram tanto mais superiores quanto mais desprezam e violentam os "leigos"

(23.6-12). Neste momento, porém, ele está dizendo aos discípulos que a comunidade preserva sua existência e posição entre os povos com essa organização, e ainda que ela presta o seu serviço ao mundo mantendo dentro da comunidade a ordem que lhe é própria. Não pode formular sua constituição segundo o modelo dos povos e estados, nem de forma monárquica, nem oligárquica, nem democrática. A comunidade tem a sua própria constituição, que é determinada a partir do fato de que sobre ela e dentro dela nenhuma pessoa governa" (Vischer, p. 120).

Essa é a constituição que Deus outorgou originalmente a Israel (cf. Vischer, *Das Christuszeugnis des AT*, vol. 2, especialmente p. 65-144). Quando as tribos ofereceram a Gideão o domínio hereditário, ele repeliu a tentação, declarando: "Não serei eu vosso soberano, nem meu filho. O Senhor é vosso soberano!" (Jz 8.23).

Assim como na parábola dos trabalhadores na vinha, surge entre os discípulos, a partir do pensamento meritório, a *inveja*. A resposta de Jesus aponta para o contraste entre o seu reino, que inicia já agora na sua comunidade, e qualquer reino mundano. Novamente aparece uma idéia que se tornará mais freqüente no evangelho de João: "Meu reino não é deste mundo" (Jo 18.36; ou já em 8.23). Mostra-se aqui o contraste entre "Cristo ou César" que levou mais tarde a perseguições e que se cristaliza em torno do título *kýrios* (Senhor), usado pelos cristãos para falar de Jesus. Esse contraste, no entanto, não significa que não haja diferenças no reino de Deus, mas que essas diferenças se mostram em contraposição direta com os reinos do mundo. Neles governam os poderosos e exigem que **lhes sirvam**. Naquele a maior honra está em poder *servir mais*.

A comunidade de Jesus é o povo livre dos que servem, à semelhança do seu Senhor, que veio "para servir".

Portanto, Jesus está tornando clara a diferença entre aquilo que vigora na sua comunidade e o que, fora dela, acontece entre as pessoas. O mundo diz: "Ou martelo ou bigorna". A bigorna sofre os golpes e o martelo os desfere, por isso cada um se esforça ao máximo para ser martelo. Jesus tem uma opinião divergente. Ele afirma: **Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo.** Toda grandeza que rebaixa os outros e todo poder que torna os outros impotentes são condenados pelo Senhor. Quem, dos seus, age assim, está sujeito ao julgamento. Junto dele vale somente aquela grandeza que engrandece os demais e que, assim, os eleva, e que exerce o poder fortalecendo os outros. O que é grande no entender de Jesus não escraviza os outros, mas *a si próprio*, porque se submete ao bem dos outros e se torna escora deles.

Conseqüentemente, Jesus está descrevendo também neste episódio o sentido do amor. É do amor-agape que os discípulos devem receber sua honra, seu poder e sua grandeza. Ele o declara como sendo divino, realmente grandioso, como o único capaz de proporcionar honra brilhante e poder permanente. Com isso, ele instrui os discípulos a fazer o que ele pessoalmente faz, assim como o Filho do Homem "não veio para ser servido, mas para servir e entregar a sua vida a fim de pagar o resgate em lugar de muitos". Jesus está diante dos discípulos com o chamado para o poder incomparável que abrange terra e céu, tempo e eternidade, e que o eleva acima de todos como o Filho do Homem a quem foi dado o reino. Não obstante, Jesus não fez uso de sua majestade para humilhar os outros e deixar-se servir por eles. Pelo contrário, ele próprio se tornou servo e viveu para os outros, não para si. Enriqueceu aos outros, não a si próprio. Agora ele encerra o seu serviço, dando a sua vida, ou seja, entregando o bem último e extremo que alguém pode entregar (cf. Schlatter, p. 308).

A palavra final no v. 28 é igual a todas as demais palavras que falam da vinda de Jesus (Mt 5.17; 10.34; Mc 2.17; Lc 12.49; Jo 9.39; 10; 11 etc.). É uma palavra que exprime a missão de Jesus e seu objetivo. Ela possui uma importância singular pelo fato de que Jesus fala de si próprio com palavras de Is 53.

Ele é o Servo de Deus, que dá a sua vida em prol de muitos, e esses muitos são "todos" (discordando de Vischer, p. 125, que faz questão de enfatizar que ali não consta "todos". Para nós, a ênfase está no significado *abrangente* da morte de Jesus, do qual ninguém é excluído; cf. Jo 3.16). No mesmo sentido, Jesus fala da entrega de seu sangue na Ceia (26.28). Com esse versículo estão contrapostos mais uma vez o caminho de sofrimento de Jesus à disposição dos discípulos para sofrerem e, com ela, a toda a argumentação sobre sofrimento corrente no judaísmo. Ela busca sempre realização e recompensa. Jesus entregar-se integralmente e doa-se pelos "muitos".

O termo **resgate** é originário do âmbito jurídico. Pela libertação de prisioneiros de guerra – e pessoas que caíram na escravidão por dívidas – paga-se um certo valor. No entanto, o termo resgate também é usado para descrever a compensação pelos pecados. Por exemplo, ora-se em caso de perigo de morte: Que a minha morte sirva de resgate para todas as minhas injustiças (Schlatter, p. 602).

Contudo, no AT não encontramos em parte alguma a idéia de que a vida de outra pessoa pode redimir os nossos pecados. O Sl 49.8s diz: "Um homem é incapaz de redimir um outro, ou de pagar a Deus seu resgate, pois é caríssimo o preço pago por uma vida". Também Jesus pergunta em Mc 8.37: "Que daria o homem que tenha o valor da sua vida?" Ainda que no AT haja o sacrifício de animais pelos pecados, ele não é entendido como possibilidade real do ser humano de reconciliar-se com Deus. "Pois como o sangue de animais poderia ser resgate pelos pecados?" Na verdade, essa ordem foi instituída por Deus, e por parte da pessoa vem a ser uma confissão sempre renovada da culpa (Schniewind; cf. Hb 10.3).

Não temos como explicar essa palavra de Jesus do v. 28 e sua ação correspondente a partir de nenhum texto paralelo. Também o exemplo do AT é apenas uma comparação muito frágil. O sangue de Cristo é muitíssimo mais eficaz do que o sangue de todos os bois e cabritos do mundo. Qualquer outro sacrifício, qualquer doação, ou quaisquer outros termos que usemos como comparação, sempre permanecerão no âmbito humano e terreno. Na ação e entrega de Jesus, porém, está em jogo a vida *eterna*. "Nenhuma teoria do sacrifício nos mostrará quantos desses muitos perderam sua vida, e de que maneira Jesus se empenha por eles através da entrega de sua vida; isso descobrimos apenas a partir da realidade da vida, morte e ressurreição de Jesus" (Schniewind).

Citemos brevemente uma pequena pesquisa no texto original. Trata-se de uma nota, num manuscrito, sobre o v. 28. Porém, por não pertencer aos manuscritos mais antigos e preciosos, o *Códice vaticano* (B) e o *Códice sinaítico* (a) (ambos do século IV) e a edição do texto grego de Nestle *não* incluíram essa nota no texto bíblico, mas apenas a citaram numa nota de rodapé. Essa nota manuscrita é um acréscimo pessoal de um copista desconhecido. O fato de que essa nota não consta nos grandes manuscritos *Vaticano* e *Sinaítico* comprova que as palavras de Jesus foram preservadas com muita exatidão. Analisemos, pois, um pouco essa nota.

Esse pequeno grupo de manuscritos localizado no Sul da Itália, dos quais o *Códice Beza* (D) (século VI) é o mais importante, e ainda a tradução latina antiga e a tradução síria mais antiga acrescentam depois do v. 28 um texto paralelo a Lc 14.8-10. Como transição, porém, trazem Lc 14.11 com uma forma lingüística não muito clara, mas com uma considerável divergência de conteúdo: "Vocês, porém, tentam crescer a partir do pequeno e (não, na versão síria) ser humildes a partir do grande". A negação na tradução síria é uma evidente adaptação a Lc 14.11 e, por isso, com certeza uma correção. Provavelmente a frase é um imperativo que visa admoestar para a humildade, conforme a descreve a parábola em Lc 14.8-10. Contudo, essa convocação para a humildade, para crescer da insignificância exterior para a grandeza, e da grandeza exterior tornar-se humilde, mostra uma significativa mudança em relação à mensagem de Jesus. Aqui se mostra um caminho para chegar à grandeza diante de Deus, apresentando-se como pequeno. Isso em breve se tornou uma prática muito freqüente. Para Jesus, porém, a questão não é aparentar pequenez, mas ser verdadeiramente humilde, sem querer apresentar nada perante Deus (18.4; 23.11s etc.). Esse acréscimo é importante para nós, porque através dele constatamos que as palavras de Jesus foram maravilhosamente conservadas puras, apesar de que muito em breve não foram mais entendidas corretamente (o acréscimo deve ser oriundo do século II).

Jesus, portanto, segue o caminho da humilhação, cada vez mais desprezado e diminuído, e cada vez mais perto da condenação. "Brutalizado, ele se humilhou, não abriu a boca, como um cordeiro foi arrastado ao matadouro" (Is 53.7; Mt 26.63; 27.12) "Ofereceu as suas costas aos que o batiam e o seu rosto aos que arrancavam a sua barba. Não tentou se esconder quando o xingavam e cuspiam no seu rosto" (Is 50.6; Mt 26.67s). Todos o consideram como aquele que está sendo atormentado, açoitado e torturado por Deus. Não reconhecem que Deus lançou o pecado de todos eles sobre Jesus e que o castigo pesa sobre ele para a salvação deles. "Se ele entregar sua vida como sacrifício de reparação, ele verá uma descendência, prolongará os seus dias, e o beneplácito do Senhor terá êxito. Depois de ter pago com a sua vida, ele verá uma descendência, ele será cumulado de dias, logo que conhecido, justo, ele distribuirá a justiça, ele, meu Servo, em benefício às multidões. Pois as iniqüidades delas toma sobre si. Por isso eu lhe darei a sua parte nas multidões, e é com miríades que

ele repartirá o despojo, visto que se derramou a si mesmo até a morte e se deixou contar entre os pecadores, visto que carregou o pecado das multidões e intercedeu pelos transgressores" (Is 53.10-12).

A comunidade de Jesus vive entre os povos e as nações da terra como a multidão dos que foram libertados por ele, o Crucificado. Vivem como servidores e sofredores, em constante entrega alegre a Jesus e aos outros. É uma entrega que se sacrifica em favor dos outros, indistintamente se os outros tripudiam sobre essa intenção de sacrifício, recompensando-a com a morte! Isso não faz nenhuma diferença!

"O ser humano pensa em termos de egoísmo, ao qual se sacrifica tudo. O pensamento de Cristo é o amor desinteressado, que se sacrifica por todos. Com isso está dita a última e mais profunda verdade que ele quer dizer aos discípulos e, por isso, à comunidade. Portanto, esse trecho da instrução dos discípulos conduz ao mais íntimo segredo do seu coração e ao mais elevado patamar da sua vida. O bloco da instrução dos discípulos iniciou com a lei da cruz. Ele termina com a menção do mais profundo sentido da cruz, como o grande sacrifício de redenção da humanidade. Desse modo, o ensino detalhado dos discípulos sobre a grandeza e o poder que lhes será concedido, e sobre as exigências às quais serão expostos, é emoldurado por duas passagens breves, mas significativas em seu conteúdo, que formam uma unidade entre si e transformam o todo numa unidade: a lei da cruz e o mistério do sacrifício. É assim que também se esclarece que todas as três unidades são introduzidas, de forma muito bem refletida, por três anúncios da Paixão. O próprio Cristo é o que se submete à lei da cruz, que não usa sua magnitude e seu poder para si mesmo, mas para o amor que serve. Ele é quem entrega a si e sua vida como sacrifício sangrento de redenção.

"Como no sermão do Monte, aparece em todas as palavras desse discurso instrutivo a figura de Cristo. Jesus se retrata pessoalmente. De todos os discursos em Mateus, este é o mais íntimo, pois Jesus o profere ao círculo mais estreito dos seus. Portanto, ele pode falar abertamente, não precisa conter-se e não tem necessidade de se violentar. Por isso é que sua natureza mais íntima se torna visível: é o espírito de um amor que se sacrifica.

"Acima de tudo paira, misteriosa, escura, mas também brilhante, a cruz. Três vezes foi repetido o anúncio da Paixão. No início e no final, abraçando e determinando o todo, está o mistério da cruz. Justamente agora, quando o Senhor se encontra no auge de sua vida, ele fala de modo mais claro da Paixão iminente. Ela não cai sobre Jesus de repente, mas ele vê o desfecho chegar com toda a nitidez e o prediz com total evidência. Ele está *acima* dessa catástrofe, aceita-a e admite o mal, a fim de torná-lo em bem. Do crime de sua execução e da morte violenta ele produz o sacrifício da redenção para salvar o mundo.

"Quando Jesus estabelece a exigência de que os seus devem perder sua vida para ganhá-la, ele é o primeiro a cumprir essa palavra, porém de modo incomparavelmente superior, divino. Pois Jesus larga a sua vida para, através da morte de sua vida, transformar mortos em eternamente vivos. […]

"Ele é o maior de todos e se rebaixou para ser servo de todos. A ele "foi dada toda a autoridade nos céus e na terra" (Mt 28.18). Ela a usa, porém, apenas para ajudar e restaurar. Ele, que é o Filho de Deus, que não tem por que pagar impostos, paga o imposto de seu próprio sangue. Ele, a quem a lei e os profetas confirmam como o Messias e a quem a voz das alturas proclama como o "Filho muito amado", ele, de fato "o maior" no reino dos céus, tornou-se o menor (na encarnação), uma criança, um escravo que serve. Jesus foi em busca dos perdidos para salvá-los. Ele perdoa pecadores arrependidos não apenas setenta vezes sete vezes, mas sempre, sem contar e calcular. Quando exige abstenção do casamento por causa do reino dos céus, ele próprio é a grande pessoa solitária, sem laços humanos, e não obstante o extremamente rico, por meio de cuja alma se comunica o mar infinito do amor de seu Pai. Sua noiva é a comunidade. No seu retorno haverá celebração das bodas (Ap 21.2,9). Quando ele exige renúncia voluntária e alegre, prometendo compensação muitas vezes maior, ele próprio é o que não necessita de nada, nascido como pobre no estábulo. Na vida pública ele não tem onde reclinar sua cabeça. Despido de tudo, morre na cruz. Apesar disso, ele é o mais rico, porque a glória dos céus lhe pertence. Ele é o Senhor da vinha, que, ao pagar o salário, não é calculista e mesquinho, mas cuja graça transcende quaisquer limites de mera justiça. Quando os seus precisam tomar o cálice, ele é o primeiro a tomá-lo e a esvaziá-lo até o fundo, […] presenteando e entregando-o como resgate por todos. Jesus é o que sacrifica a si mesmo, sacerdote e vítima ao mesmo tempo.

"Por isso Jesus está descrito neste bloco como o servo que serve, o humilhado, excluído, maltratado, sacrificado, mas simultaneamente o Senhor sobre todos, em magnitude divina. Ele unifica a humildade e a importância no amor, que, sacrificando-se, extingue pecados e presenteia com a graça, fundando e construindo dessa maneira o reino de Deus. Ele é o Mestre. Todos os seus discípulos poderão medir na própria vida a magnitude e profundidade de suas palavras. Segui-lo na sua vida é cumprir o seu ensino, é entregar-se à morte e, atravessando-a, à vida" (cf. Gutzwiler, *Jesus, der Messias*, p. 257ss).

9. A cura de dois cegos, 20.29-34

(Mc 10.46-52; Lc 18.35-43)

29 **Saindo eles de Jericó, uma grande multidão o acompanhava.**
E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava,
clamaram: Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós!
31 **Mas, a multidão os repreendia para que se calassem. Eles, porém, gritavam cada vez mais:**
Senhor, filho de Davi, tem misericórdia de nós!
32 **Então, parando Jesus, chamou-os e perguntou: Que quereis que eu vos faça?**
33 **Responderam: Senhor, que se nos abram os olhos.**
34 **Condoído Jesus, tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista, e o foram seguindo.**

A diferença que temos de constatar nos relatos paralelos de Marcos e Lucas – ambos falam somente de um cego, que Marcos denomina de Bartimeu – mostra-nos que essas divergências não eram propositais e que elas não causavam nenhuma dificuldade à comunidade. Os evangelistas simplesmente se basearam em diferentes eventos de cura! Devem ter sido milhares os atos de restauração realizados por Jesus.

O caminho de Jesus segue de **Jericó a Jerusalém**. É a antiga rota de peregrinação para subir a Sião, que agora se torna o caminho para o sofrimento e a morte de Jesus. Contudo, é nesse caminho que ele mais uma vez revela sua glória. Nele Jesus recebe a aclamação de **dois cegos**, pobres e humildes, um grito que ressoará com mais força e intensidade quando Jesus entrar na cidade santa: **Filho de Davi!** Desde o início Mateus destacou isso. Jesus é o rei prometido de Israel, apesar de seu povo o rejeitar. Essa qualidade real, porém, não se mostra em uma apresentação gloriosa, um poder opressor, mas sim na ação de ajuda. Ao mesmo tempo ele é o Senhor, o *kýrios*, ou seja, o senhor do mundo. Ele é quem faz jus a esse título, com o qual Israel invoca a Deus e que os gentios atribuem ao imperador romano.

Durante toda a vida de Jesus, como também agora, essa sua dignidade precisa confirmar-se contra a incompreensão do seu povo que, neste caso, quer fazer calar o grito dos cegos. Justamente essa tentativa da multidão, porém, leva os cegos a clamarem cada vez mais forte e com mais clareza, anunciando quem é Jesus. Sempre de novo, desde Mt 8.5ss, é a fé dos mais miseráveis e desprezados que proclama a glória de Jesus. Apesar de todas as tentativas de silenciar esse anúncio. Apesar de todos os empecilhos que se contrapõem a essa fé.

A palavra de Jesus tem efeito imediato, assim como a palavra de Deus. Essa é uma característica para a qual Mateus gosta de chamar especialmente a atenção. "Imediatamente" é sua palavra preferida em relação às histórias de milagres.

A ação de ajuda, no entanto, constitui ao mesmo tempo um chamado para o discipulado, como em Lc 5.11.

XXVII. AS AFIRMAÇÕES DE JUÍZO SE REVELAM EM QUATRO GRANDES CONTECIMENTOS E TRÊS PARÁBOLAS, 21.1–22.14

Observação preliminar

No cap. 21 do evangelho de Mateus temos a transição mais marcante do evangelho. Antes de andar pelo caminho do sofrimento, Jesus é destacado mais uma vez com a autoridade de Filho do Pai. É o que Mateus pretende enfatizar claramente: "Vejam! É este o que agora caminha em direção à Paixão!"

Com a entrada em Jerusalém começa uma seqüência de relatos vinculada diretamente ao decurso histórico-temporal dos acontecimentos. Sem dúvida, ainda haverá breves trechos completos em si, contudo, da entrada triunfal até a crucificação estende-se um arco que abrange os diversos acontecimentos, a partir do qual eles precisam ser interpretados. Isso pode ser compreendido do simples fato de que essa *moldura* é *igual* em todos os quatro evangelhos, enquanto nos demais trechos eles agruparam seus conteúdos com mais liberdade e com maior independência uns dos outros.

O motivo dessa atitude coesa reside em que no contexto histórico dos acontecimentos que iniciam com a *entrada de Jesus em Jerusalém* reside o fundamento histórico da pregação do cristianismo primitivo. O fato de que tudo transcorreu como transcorreu e não de forma diferente *revela* que a vontade de Deus paira sobre esse processo. Por isso a seqüência dos eventos é igual nos quatro evangelhos: entrada em Jerusalém – purificação do templo – unção em Betânia – a última Ceia – a história da paixão em sentido estrito.

Todavia, também as *palavras* de Jesus relatadas dessa época possuem a mesma orientação. Elas se situam na tensão entre a gradativa *revelação de seu caráter messiânico* e a *condenação* que acontece justamente por causa dessa declaração.

Por exemplo, a parábola dos maus administradores da vinha constitui o ataque mais áspero que conhecemos contra os fariseus. A pergunta dos fariseus sobre se é correto pagar impostos somente se explica a partir da situação existente em Jerusalém, onde estava o templo e a residência do procurador romano.

O assim chamado apocalipse *sinótico* (i. é, os discursos sobre o retorno de Jesus no interior dos três evangelhos), bem como o discurso contra os fariseus, puderam ser pronunciados *dessa maneira* somente aqui em Jerusalém.

Por isso teremos de perguntar, ainda mais que nos capítulos anteriores, por essas relações sinóticas, cabendo-nos interpretar adequadamente cada trecho apenas no seu direcionamento para a *cruz*.

1. O primeiro acontecimento:A entrada em Jerusalém, 21.1-9

(Mc 11.1-10; Lc 19.38-48; Jo 12.12-16)

1 Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé[a], ao Monte das Oliveiras[b],
enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes:
2 Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo[c] achareis presa uma jumenta, e com ela um
jumentinho[d]. Desprendei-a e trazei-mos.
E se alguém vos disser alguma cousa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os
enviará.
4 Ora, isto aconteceu, para se cumprir o que foi dito, por intermédio do profeta:
Dizei à filha de Sião[e]: Eis aí te vem o teu rei, humilde, montado em jumento, num
jumentinho, cria de animal de carga,
6 Indo os discípulos, e tendo feito como Jesus lhes ordenara,
7 trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então puseram em cima deles as suas vestes, e sobre
elas Jesus montou.
E a maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos
de árvores, espalhando-os pela estrada.
E as multidões, tanto as que o precediam, como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao
Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!

Em relação à tradução

[a] Betfagé = lugar dos figos (Marcos ainda acrescenta Betânia, que era mais conhecida, por onde, porém, o cortejo de Jesus já tinha passado) é uma aldeia ao lado de Jerusalém, que, segundo a tradição rabínica, ainda era considerada parte do território sagrado. Deixando essa localidade, Jesus inicia o movimento rumo à cidade, podendo ser visto a partir do templo.

[b] O Monte das Oliveiras é citado pelo nome no AT somente em Zc 14.4. A partir deste lugar começaria o fim (sem citação do nome, em Ez 11.23; 2Sm 15.30; 2Rs 23.13). De acordo com a tradição judaica, o monte das Oliveiras possui uma importância singular. Deste monte a pomba teria trazido a folha de oliveira a Noé na arca. Situa-se aproximadamente 1 km a leste de Jerusalém, separado dela pelo vale do Cedrom.

[c] Veja o exposto sobre "imediatamente" em 20.34. Também aqui a expressão tem a finalidade de apontar para o aspecto milagroso que reside na descoberta do animal de montaria.

[d] A citação de Zc 9.9, que se cumpre com a entrada em Jerusalém, fala do animal de montaria na forma da poesia semítica, descrevendo o animal duas vezes com palavras diferentes. Jesus está montado num jumento, a saber, no jovem filhote de uma jumenta. Talvez também seja importante, como sugere Mc 11.2, que antes ninguém havia montado nesse animal. Falando de *dois* animais diferentes, os evangelhos não teriam mais entendido essa *citação* de forma correta.

Zc 9.9 tem importância na expectativa judaica pelo Messias na medida em que esta contrapunha *essa* profecia à profecia de Dn 7.13, passando a esperar o seguinte: se Israel *tiver* méritos, o Messias virá sobre as nuvens do céu, se Israel não tiver méritos, ele virá pobre e montado num jumento (Rabino Alexandrai, por volta de 270, cf. Strack-Billerbeck). Logo, a entrada de Jesus constituiria um indício para os pecados de seu povo.

[e] Aqui o termo "filha" de Sião refere-se, como no AT, à cidade de Jerusalém.

Nesta história Jesus pisa o território sagrado da cidade, no qual se consumará sua trajetória de sofrimento e vitória. Ele deixará essa cidade somente *expulso*, com a cruz nas costas. Será posto fora como um *excluído* que não pode findar sua vida dentro da área sagrada. Dentro desta moldura de "entrada e expulsão" insere-se, pois, tudo o que sucede em seguida, entre a entrada daquele que vem em nome do Senhor Iavé e a expulsão como alguém que foi condenado à morte em nome desse mesmo Senhor Iavé. Com esta observação já se definiu a característica daquilo que a presente história relata. A entrada triunfal traz consigo a primeira reivindicação claramente visível de *Jesus*, pela qual depois será trazido ao tribunal.

O próprio *local* torna claro o que está acontecendo. O Messias devia chegar vindo do monte das Oliveiras (Zc 9.9). Em cada detalhe o cortejo se desenrola da maneira como o profeta o anunciou (Is 62.11; Zc 9.9). Deus mesmo toma as providências para que tudo seja de acordo com o que ele prometeu. Por isso ele faz com que o proprietário desconhecido do jumento esteja disposto a entregar o animal. Por isso o jumento tinha de estar amarrado ali justamente na hora determinada. Tudo isso faz parecer que ocorrem coincidências, porém por detrás de todos esses eventos está Deus que os providencia. Jesus sabe dessa atuação de Deus. Ele envia os discípulos com base nesse conhecimento.

"Portanto, Cristo está diante de nós como quem dirige os acontecimentos. Ele não é *vítima* da morte, da qual não consegue e tampouco quer se esquivar, mas sim *provoca* a morte e *força*-a a comparecer perante ele. Ele sabe o que os discípulos farão, pois a Escritura precisa se cumprir (Mt 26.54; Jo 13.8). E Jesus cumpre a Escritura.

"Não obstante – numa perspectiva terrena e humana – como é precária essa improvisação! O que se desenrola ali é mais parecido com a marcha de um arlequim burlesco do que com um evento real. Um rei sobre um jumento, que nem mesmo lhe pertence, e que ele precisa devolver após o uso (segundo Mc 11.3, ele manda assegurar isso expressamente ao proprietário)! Um rei sem coroa, sem cetro, sem espada, sem corte! Seu percurso não está coberto de ricos tapetes, mas das **roupas** sujas, cheias de suor dos peregrinos, enfeitado não com belas guirlandas trabalhadas, mas com **galhos** rapidamente cortados e punhados de capim arrancado às pressas. Em torno dele grita uma multidão, na qual se confundem, a esmo, verdades (v. 9) e afirmações erradas (v. 10; cf. 16.14). É uma multidão que o aclama enquanto imagina reconhecer nele seu *ídolo messiânico*, e que o condenará quando descobrir nele alguém que não se enquadra na vontade dela. Não teria Jesus sofrido com esse júbilo *mais* do que percebido satisfação? Será que essa entrada triunfal já não foi o primeiro trecho da via dolorosa, i. é, do caminho da Paixão?

"Deve ter acontecido o *milagre do Espírito Santo*, quando alguém como o evangelista ouvia por trás dos gritos de aclamação o louvor a Deus dedicado ao Messias, prefigurado pelo próprio Deus na Escritura. Somente quem já sabe da cruz, como o próprio Senhor, pode ver que a entrada de Jesus na cidade preenche com realidade histórica não apenas *as palavras*, mas também o *sentido* da profecia de Zacarias" (cf. *Zwischen den Zeiten*, 1947 e 1948).

Apesar de tudo, pelo que se relata, a entrada constitui um ato de *homenagem*. As roupas dos discípulos servem de xairel para o rei que chega. A multidão espalha suas vestes da mesma maneira como é relatado acerca da cerimônia de coroação de Jeú (2Rs 9.13). Mas ainda é superada a homenagem que costumeiramente se presta a um rei. Os ramos fazem parte da *festa das Tendas*, e apontam para a presença de Deus, diante da eternidade do qual o povo somente vive em tendas transitórias.

Originalmente, **hosana** é um *grito de socorro* (2Sm 14.4: "Socorre-me, ó rei"), contudo já na liturgia da sinagoga seu caráter foi mudado. Tornou-se *grito de salvação*, porque o pedido de socorro estava ligada à *certeza* de se obter a ajuda. De modo semelhante aconteceu mais tarde na igreja, quando o *kýrie eleison* se transformou de um pedido num anúncio de salvação. Na festa das Tendas o *Hallel* tinha um lugar privilegiado, durante o qual se cantava o Salmo 118, e a multidão, em determinados versos, agitava os ramos em suas mãos. **Aquele que vem** é título messiânico. O próprio Jesus usou essa palavra nesse sentido já em Mt 3.11 e depois na pergunta do Batista, em Mt 11.23,29.

Depois de tudo isso, tem de causar admiração que a entrada, que com tanta *evidência* era uma proclamação de Jesus como Messias, permanecesse sem conseqüências diretas. Em geral, os romanos agiam rapidamente contra pretendentes a messias (eram os que reivindicavam ser o libertador político, o Messias), dos quais não faltavam candidatos no tempo de Jesus (At 5.36). João relata (12.16) que nem mesmo os discípulos entendiam bem o que tudo isso significava. Entretanto, deve ser assim que a luz sob a qual nós lemos a história é a luz da Páscoa, quando Jesus foi glorificado, i. é, quando se tornou claro quem ele era de fato. No momento em que acontecia o evento ainda havia um véu sobre ele, do mesmo modo como Jesus permaneceu durante sua vida terrena o "Messias" oculto. O mistério do Messias ainda paira sobre ele, porque ele é o rei que se encontra a caminho da cruz. Portanto, já o início desse caminho até a cruz está encoberto.

Contudo, muito além da cruz, o fato histórico da entrada triunfal em Jerusalém prefigura a chegada do Exaltado ao mundo. Cristo retornará com grande poder e glória.

As duas palavras dos profetas apontam para o rei que retornará com grande poder e esplendor. Is 62.11 fala da *salvação* (referindo-se à salvação escatológica) e do *juízo* (que é o juízo final). Zc 9.9 indica, na mudança da história, para aquele que vem como rei para a sua *comunidade*. O rei dessa comunidade é o vencedor. Ele é quem experimentou salvação. Ainda chega encoberto pela sua humildade. Porém permanecerá o mesmo quando for exaltado, aquele que se coloca ao lado dos pobres e miseráveis.

Quanto ele, pois, vier, terá chegado a redenção eterna da qual também os rabinos falavam quando recitavam com júbilo o Sl 118. Os anjos do céu participam do júbilo dos seres humanos. Os joelhos de todos se dobrarão, no céu, na terra e debaixo da terra, e finalmente o Vindouro será exaltado como Rei dos reis e Senhor de todos os senhores.

As pessoas que entre si falam do Vindouro, por fim ainda terão de testemunhar, com pergunta e resposta, que nele está sendo cumprida a promessa de Deus. O presente e o futuro coincidem.

Não se deve transformar com demasiada rapidez a história da entrada de Jesus em Jerusalém numa entrada dele em nosso coração. Tal redução a uma dimensão intimista não corresponde à incrível *tensão escatológica* da história (cf. *Zwischen den Zeiten*).

2. O segundo acontecimento: A purificação do templo, 21.10-17

(Mc 11.11,15-19; Lc 19.45-48; Jo 2.14-16)

10 **E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou e perguntavam: Quem é este?**
E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia.
12 **Tendo Jesus entrado no templo, expulsou a todos os que ali vendiam e compravam;**
também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.
E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores.
Vieram a ele no templo cegos e coxos, e ele os curou.
Mas vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi, indignaram-se e perguntaram-lhe:
Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?
17 **E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde pernoitou.**

Observação preliminar

Na parte inferior do templo estavam guardados grandes rebanhos de ovelhas para a venda. O comércio acontecia no pátio do templo. Acontece que essa circunstância havia causado discussões entre os rabinos. A venda de vinho para os sacrifícios e de aves havia sido assumida integralmente pelas autoridades. Para trocar

no valor pleno da cotação as diferentes moedas com que se pagava o imposto do templo, também foram colocadas bancas de câmbio no pátio, que trabalhavam com uma pequena margem de ganho.

O movimento mais intenso acontecia nas bancas de aves, porque o sacrifício de uma pomba constituía a oferta das pessoas humildes. No pátio também se encontravam os mendigos e aleijados que pediam esmolas. Esse é o quadro do movimento no templo encontrado por Jesus, que nos tempos de festa ganhava uma especial agitação.

Em comparação com Marcos e Lucas, Mateus trilha caminhos próprios na transmissão da história da purificação do templo, acrescentando-a imediatamente após a entrada em Jerusalém. A *maldição da oliveira*, que Marcos narra entre os dois eventos, *segue* somente *depois* em Mateus. Desse modo, a atual história ganha em clareza de propósito. Ela informa sobre uma ação de Jesus que confirma o que a entrada e o júbilo da multidão haviam anunciado. Por meio dessa ação, Jesus confessa que é o *Messias*.

Chamam especialmente a atenção em Mateus os versículos 10,11. Eles apontam para a importância daquilo que agora está começando: a cidade de Jerusalém tem uma percepção do significado daquele que vem a ela. A cidade já estremeceu uma vez, quando ouviu a notícia do *nascimento* de Jesus. Naquele tempo o medo diante do rei Herodes e sua possível reação podem ter sido o *motivo principal* do susto. Agora ela está se assustando com a possibilidade de que, através do profeta **Jesus de Nazaré**, chega até ela o agir de Deus. Diante de Deus estremece-se, assim como outrora o monte Sinai estremeceu sob a presença de Deus. Talvez a cidade não estivesse unânime e consciente sobre o motivo do seu alvoroço. O evangelista, porém, certamente considera esse susto como um testemunho inconsciente da presença de Deus em Jesus Cristo. A multidão proclama, aos que perguntam, Jesus como o **profeta**, revelando e encobrindo-o simultaneamente. O profeta tem uma estatura *messiânica* (Dt 18.15), mas a palavra "profeta" não é um título claro e inequívoco. Profetas houve *diversos*. Indefinida fica a questão se agora está presente *aquele* profeta que é *mais* que profeta.

Também para a história toda a pergunta permanece indefinida. Trata-se de uma ação profética poderosa, mas profetas do AT tinham realizado atos semelhantes (Jr 19 e 27) e também tinham se apresentado com uma palavra de autoridade (Am 7.10ss; Is 7.3ss). Por isso a ação de Jesus também poderia ser entendida dentro dos limites do profetismo autêntico, ou seja, que ele nada mais queria que propugnar pela observação da palavra de Jr 7.11, a qual eqüivale a uma renovação da pregação de arrependimento que convoca de um culto formal para um arrependimento sincero e profundo. O culto formal é a caverna em que o ser humano se recolhe com todos os seus pecados para esquivar-se do alcance de Deus, que exige meia volta dele.

A purificação do templo, no entanto, poderia significar algo bem diferente. Desde os tempos do exílio, quando Ezequiel (40–48) havia profetizado um novo templo para os tempos finais, ressurgia a esperança de um *novo* templo. Curiosamente foi só João (2.19) quem relatou a palavra decisiva, que reaparece no processo como acusação contra Jesus. É a afirmação de Jesus: "Eu posso derrubar o templo de Deus e reconstruí-lo dentro de três dias". Assim se pode explicar a pergunta assustada dos fariseus, que mais tarde indagam com que autoridade ele o fará. Pois poderia ser que, como suspeitam também os fariseus, aqui ainda está atuando *outra* autoridade que a de um *profeta*.

Da mesma maneira como em outra ocasião Jesus respondeu à pergunta do Batista indicando para a cura de cegos e coxos, de leprosos e surdos etc. (Mt 11.5), também agora se deveria apontar para a cura dos cegos e coxos para responder à pergunta sobre a natureza daquilo que estava acontecendo aqui. Se Mateus, novamente ultrapassando Marcos e Lucas, informa esses fatos, ele o faz com a intenção de tornar claro o que está acontecendo. No *tempo do Messias* os coxos e cegos deverão ser curados (Is 35.5s). Agora o tempo do Messias teve início.

Por fim surgem ainda como testemunhas as **crianças**, trazendo para dentro da história tudo aquilo que a entrada havia mostrado. Elas atestam que, para compreender o que está acontecendo, não está em jogo uma avaliação *racional*, que registra todos os fenômenos que observa, para no final concluir: "*Sim, aqui está* o Messias", ou: "Não, o Messias ele não pode ser. Jamais!" No entanto, o próprio Deus prepara a aclamação de homenagem das crianças, concedendo dessa maneira a descoberta de que *aqui acontece a salvação*. É por isso que são as *crianças* que dão o testemunho.

Jesus afirma isso com mais *nitidez* no texto de Lucas (19.39s) que, pelo menos no conteúdo, é paralelo a Mateus. A homenagem messiânica dedicada a ele ninguém pode fazer calar, pois é obra de Deus.

3. O terceiro acontecimento: Jesus amaldiçoa a figueira, 21.18-22

(Mc 11.12-14,20-26)

Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome.
E, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente.
20 **Vendo isso os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!**
Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá.
E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

Muitas vezes se levantou a pergunta, diante dessa história, se o acontecimento da morte súbita da figueira não está baseado na *parábola* da figueira de Lc 13.6-9 (cf. Lc 7.6), ou em uma palavra semelhante que compara o povo de Israel com a árvore que não produz frutos e que, por isso, atingida pela maldição de Deus, precisa secar.

Talvez, como poderiam supor pessoas sem fé, Jesus tenha dito essas palavras a uma figueira que há muito já estava seca diante das portas de Jerusalém. Essa árvore, há tempo ressequida à beira do caminho, teria lembrado incessantemente a jovem comunidade das palavras de Jesus. A razão que nos leva a dar espaço para essa hipótese é a consideração de que, de fato, seria a única vez em que Jesus realizou uma milagre desses, que não teve *utilidade* para ninguém, mas representou um castigo. A esse pensamento deve-se responder que esta história está tão firmemente ligada com a palavra do milagre que perderia seu sentido se fosse interpretada como mera parábola.

Portanto, teremos de dizer em todo caso que este milagre constitui um acontecimento real e que a história tem um duplo objetivo:

Por um lado, o milagre de secar uma figueira é um ato *profético* de Jesus e pertence, por isso, integralmente ao contexto da purificação do templo (Jesus demonstra na figueira o que acontecerá com o povo judeu, porque não produz aquele fruto que Deus espera dele, a saber, a fé em Cristo).

Por outro lado, diante desse *milagre demonstrativo* (como em 17.20 diante da incapacidade dos discípulos) surge a pergunta pelo milagre como tal. De acordo com essa palavra de Jesus, a fé, a oração e o milagre se complementam. A dúvida está em oposição direta, de modo que "ter fé" significa o mesmo que "não duvidar". Essa fé, porém, não é algo *indefinido*, não é uma confiança *genérica* em Deus, mas fé genuína tem uma direção bem definida. Como exemplo, expressando algo imenso, cita-se a **palavra dita ao monte** [Mt 17.20]. O paralelo de Marcos declara até com mais clareza: "Quem crer que o que diz (em oração) sucederá, isto lhe será concedido" [Mc 11.23]. Em decorrência dessa palavra, fé é a confiança em Deus numa situação bem determinada.

Esta palavra, pois, se aguça de modo especial a partir da situação do *fim de Jesus*. Caminhamos para a decisão do povo judeu referente à sua posição diante de Jesus. O povo judeu tinha fé em Deus, orgulhava-se dessa fé e vangloriava-se dela. Agora, porém, está em jogo se essa fé se comprova diante da interpelação bem específica de Deus por meio de Jesus Cristo. Em todas as parábolas e discursos está sempre de novo viva a palavra de Jesus: "Eu o sou". Ela contém o convite: *Reconheçam em mim o próprio Deus, que quer agora que vocês sejam dele*. Portanto, "fé" para o povo judeu daquela época significa "a decisão muito concreta a favor de Jesus". Para a comunidade atual a situação é semelhante. Também *hoje* não serve para nada uma fé *genérica*, que fosse equivalente a uma concordância de todos. Não, "fé" é, tanto hoje como então: decidir-se por Jesus, agarrá-lo integralmente, e *comprovar* essa fé verdadeira e viva em situações bem concretas.

O texto paralelo de Marcos traz, num determinado grupo de seus manuscritos, uma outra formulação que aguça o que significa fé. Lá consta (Mc 11.24): "Acreditai que o recebestes (quando orais)". Em conformidade com essa palavra, na *oração* a fé está tão *segura de sua autoridade* que, para ela, antes de pronunciar o pedido, já se antecipa o cumprimento (cf. Mt 5.8).

Talvez ainda seja necessário enfatizar que, com isso, Jesus não fez um *convite* para realizar milagres demonstrativos. Ao lado desta palavra permanece a que Jesus disse a Satanás: "Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4.7; cf. o exposto sobre esse texto). Igualmente vigora a *rejeição* daquele milagre de castigo que os filhos do trovão queriam rogar sobre os samaritanos (Lc 9.54).

O poder de Jesus e o poder dado por ele aos seus manifesta-se primeiramente na *ação de ajuda*, apesar de que, nesta história, Jesus, para instruir os discípulos e dar um *sinal ao povo de Israel*, demonstrou o seu *poder* uma vez desse modo, ou seja, por meio de um milagre punitivo.

4. O quarto acontecimento: Acerca da autoridade de Jesus, 21.23-27

(Mc 11.27-30; Lc 20.1-8)

Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dele os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas cousas? E quem te deu essa autoridade[a]?

24 **E Jesus lhes respondeu: Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas cousas.**

Donde era o batismo de João? Do céu[b] ou dos homens? E discorriam entre si: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não acreditastes nele?

E se dissermos: dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta.

27 **Então responderam a Jesus: Não sabemos. E ele por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas cousas.**

Em relação à tradução

[a] A pergunta *poderia* ser entendida como pela sua autorização para ensinar, porque a incumbência para ensinar era concedida somente mediante uma ordenação. Ensinar sem permissão era considerado transgressão que perverte o mundo. Nesse caso, porém, a pergunta estaria se referindo especificamente à atividade docente de Jesus (cf. sobre isso o comentário).

[b] Céu, como tantas vezes, circunscreve o nome de Deus. No texto original está sem o artigo definido, porque nesse contexto "céu" já era usado praticamente como nome próprio de Deus.

Enquanto Jesus ensina no templo, uma delegação dos sacerdotes e anciãos se aproxima dele, perguntando pela autorização para a sua maneira agir. Desse modo Jesus já se encontra, agora, como mais tarde no processo, diante da autoridade espiritual e secular de seu povo. A **pergunta** adquire uma importância incomparavelmente maior que todas as perguntas dirigidas a ele anteriormente, em controvérsias (16.1; 19.3 etc.).

Segundo o direito judaico, a pergunta meramente poderia ser pela *autoridade* de quem ele está **ensinando**. Essa seria uma pergunta bem *normal*, que os líderes até tinham obrigação de levantar. O evangelista, porém, a deixa propositadamente aberta. Para ele a questão está formulada de modo muito *mais abrangente*. Por trás dela está o susto pela marcha de *entrada* e pela *purificação* do templo. Por isso a conseqüência dessa pergunta para Jesus, caso ele confessar que a origem de sua missão está em Deus, não será apenas um *processo doutrinário* que lhe poderia acarretar uma *proibição de ensinar*, mas nessa pergunta já estão em jogo vida ou morte. Agora não pode acontecer *mais nada* em Jerusalém que não esteja direcionado para essa decisão final.

A contra-pergunta de Jesus traz consigo primeiramente a alegria de podermos ver como o Mestre se *desvia* com supremacia. Ele *escapa* da "armadilha" que acompanha a pergunta, preparando ele próprio uma armadilha aos inquiridores. Ela é difícil de desviar, à semelhança da tentação que lhe foi colocada mais tarde na questão referente à legitimidade de pagar impostos (Mt 22.15ss).

É marcante como Jesus se mostra melhor preparado para uma controvérsia dessas que seus tentadores. Há um motivo específico no fato de se mostrar a superioridade de Jesus diante dos que o tentavam. Torna-se evidente que Jesus não se encaminha para o sofrimento e a morte porque fosse inferior e tropeçasse em algum ponto. Pelo contrário, ele vai para a Paixão e morte porque sua hora está se aproximando, conforme a vontade do Pai, com quem ele se sabe unido (Jo 7.30; 8.20). As autoridades de seu povo não o podem pegar, mas ele se entregará voluntariamente nas mãos do povo quando chegar a hora. Apesar disso, a contra-pergunta de Jesus não constitui apenas uma forma de escapar, mas secretamente uma resposta bem direta. Pois quem é Jesus e com autorização de quem ele age estão indissoluvelmente ligados à importância do **Batista**! Por isso, a posição frente a Jesus está estreitamente ligada à posição diante de João. Foi o que Jesus já afirmou com clareza em Mt 11.10. Por conseguinte, na pergunta de Jesus já está contida a resposta: dependendo da posição que vocês adotarem perante João e seu batismo, também entenderão a autoridade do meu modo de agir.

Sim, a resposta é mais flagrante, pois a posição do judaísmo oficial, que pergunta Jesus, já está definida em relação a João. Jesus desmascara a pergunta deles como pergunta retórica. Através do posicionamento de Jesus frente a João Batista (e por muitas outras atitudes dele) eles todos devem saber com que reivindicação de poderes Jesus se apresenta e age. Contudo, o significado dessa reivindicação de autoridade permanece *inacessível* para aquele que *não quer* a *Jesus*. Diante dele somente é possível decidir-se pela fé ou pela descrença, pela aceitação ou rejeição.

Ao se eximir dessa maneira de uma pergunta com características de uma audiência judicial, Jesus imprimiu ao julgamento posterior contra ele a marca que lhe cabia. Não são *pessoas* que estão reunidas para julgar o Filho de Deus, porém nesse processo se consumará o último juízo sobre o povo de Israel e todos os que não querem crer.

Sucede sempre de novo que pessoas acham que têm de dirigir a Jesus Cristo e à sua mensagem a pergunta pela autoridade, e sempre de novo acontece que essa pergunta se volta contra o próprio interrogador, chamado-o à decisão: "Que lhes parece a respeito do Cristo? De quem é ele Filho?" (Mt 22.42).

5. A primeira parábola: Os filhos desiguais, 21.28-32

E que vos parece? Um homem tinha dois filhos[a]. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha.

29 **Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi.**

Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma cousa, mas este respondeu: Não quero. Depois, arrependido, foi.

Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus.

Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele.

Em relação à tradução

[a] Na RC, e na tradução ecumênica TEB, da Loyola/Paulinas, o filho que diz "não" consta primeiro, enquanto o que diz "sim" passou para o segundo lugar. Uma vez que a edição grega de Nestle, seguindo um dos manuscritos mais importantes, traz a ordem inversa, o pregador encontrará certa dificuldade, por não saber a que versão deve aderir. Por isso devemos dizer algo a respeito. Perguntamos não pelo valor dos manuscritos, o que neste contexto levaria a demais detalhes, e sim pelas razões de conteúdo que parecem ser favoráveis a uma ou outra forma textual.

Nossa tendência talvez seja de seguir a RC, porque somente assim se justifica suficientemente o pedido ao segundo filho. Se o primeiro diz *não*, resulta por si que o pai se dirige, agora, ao segundo. Esse argumento naturalmente não é contundente, porque bem poderíamos imaginar a situação, sem que fosse expressamente descrita assim, de que o pai se volta ao segundo filho depois que verificou que o primeiro não cumpriu sua palavra.

Além disso, a possibilidade de que o que disse sim tenha estado originalmente no início pode ser comprovada por uma razão bastante aceitável.

Quem é o que *disse sim* e quem é o que *disse não*?

Isso parece evidente, mesmo sem a informação expressa do v. 32. Os que *dizem sim* são os líderes do povo (v. 23), com os quais Jesus está discutindo, e os que *dizem não* são os publicanos e pecadores. Aos representantes oficiais da religião, que por princípio deram seu *sim* às exigências de Deus, são contrapostos os que dizem não, que se haviam distanciado da vontade de Deus e que, fundamentalmente, dizem não.

Entretanto, acontece que Jesus se voltou *primeiro* aos grupos *dirigentes* do povo – é o que denota a parábola da grande ceia – e, quando o rejeitaram, voltou-se aos excluídos do seu povo, que lhe *deram ouvidos*. Portanto, nessa seqüência se retrataria simplesmente a realidade daquilo que aconteceu (segundo Günther Dehn).

De modo similar a Lc 15 (a parábola do filho perdido), nossa parábola agrupa todo o povo como filhos de Deus. O povo de Israel possui a prerrogativa irrevogável de se encontrar numa ligação tão especial com Deus que não pode ser anulada nem mesmo pelo pecado do povo (Rm 3.2; 9.1ss).

Entretanto, já no tempo de Jesus se admitem diferenças dentro do povo de Israel.

Também no judaísmo há palavras que expressam algo semelhante à presente parábola. São palavras de que quem aceitou como compromisso a Torá, i. é, a palavra de Deus, e disse *sim* a ela, tem uma obrigação muito maior do que quem não conhece a vontade de Deus.

O sentido da nossa parábola, porém, reside na pergunta pela *atitude em que* se reconhece o cumprimento da vontade de Deus. Jesus recorre novamente à mensagem do Batista, com a qual se identificou desde o início (Mt 3.2-4,12). Enquanto no *judaísmo* o homem *religioso* era aquele que praticava a vontade de Deus, *Jesus*, na parábola considera quem cumpre a vontade de Deus como sendo aquele que se curvou ao chamado do Batista para se arrepender. Por outro lado, naquele que *resistiu* ao chamado do Batista mas disse sim à lei, *Jesus vê* a pessoa da parábola que disse sim, mas que no fim acaba se subtraindo à vontade de Deus.

Por meio dessa afirmação, Jesus não rotula o pecado dos publicanos e das prostitutas como insignificante. Terem dito *não* à vontade de Deus *continua* sendo o seu pecado, que não é ninharia, da mesma forma como continua sendo positivo que eles reconheceram a vontade de Deus. Na hora decisiva, que iniciou com o chamado do Batista ao arrependimento, os piedosos fracassaram e os publicanos e pecadores se aproximaram.

Além disso, a parábola vem a ser um último convite aos líderes *religiosos*. O último *não* dos piedosos ainda *não foi pronunciado*, mas será na condenação definitiva de Jesus para a morte na cruz. Jesus fala somente de João, como já fizera ao responder a questão da autoridade. *Ainda* há tempo. Acontece, porém, que, na atitude diante de João, já se tornou visível o que mais tarde se explicitará na decisão diante de Jesus. Essa é, porém, a dimensão revolucionária da palavra de Jesus, de que ele afirma que *diante da sua pessoa se decidirá quem cumpre a vontade de Deus ou não*.

A parábola abala hoje a nossa avaliação das pessoas, por meio da qual gostamos de fazer o mesmo como as pessoas religiosas daquela época. No final, a questão decisiva é que nos refugiemos integralmente nos braços de Jesus com os repetidos *nãos* à vontade de Deus que praticamos *por natureza*. Refugiando-nos nele estamos verdadeiramente cumprindo a vontade de Deus. No entanto, para cumprir a vontade de Deus nesse sentido estão dispostos em todos os tempos, *muito antes, aqueles* que sabem que não têm nada a apresentar, aqueles que sabem que por natureza sempre de novo dizem não.

6. A segunda parábola: Os maus arrendatários da vinha, 21.33-46

(Mc 12.1-12; Lc 20.9-19)

Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre, e arrendou-a a uns lavradores. Depois se ausentou do país[a].

34 **Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores para receber os frutos que lhe tocavam.**

E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram outro, e a outro apedrejaram[b].

Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte.

37 **E por último enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão.**

Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora vamos, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.

39 **E agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.**

40 **Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?**

41 **Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhes remetam os frutos nos seus devidos tempos.**

Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor, e é maravilhoso e aos nossos olhos?[c]

Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair, ficará reduzido a pó.

45 **Os principais sacerdotes e os fariseus ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava;**
46 **e, conquanto buscassem prendê-lo, temeram as multidões, porque estas o consideravam como profeta.**

Em relação à tradução

[a] Na Palestina havia três modalidades de arrendamento: Ou se fixava uma determinada parte da colheita, ou uma quantia fixa de produtos independente da respectiva colheita, ou uma quantia em dinheiro. A parábola deixa claro que os arrendatários são pessoas que contrataram a vinha pelo pagamento de um determinado percentual da colheita. Esses contratos de arrendamento às vezes eram firmados por períodos muito longos, até como contrato de arrendamento hereditário. A parábola tem em mente um caso desses, pois assim compreendemos que podia surgir entre os arrendatários a esperança de que a vinha viesse a ser transferida à propriedade deles. Às vezes ocorriam dificuldades de relacionamento de proprietários e arrendatários, sobretudo quando o valor do pagamento perfazia uma parte da colheita, porque um mau manejo da área também revertia em prejuízo para o proprietário. Desde Is 5 a relação entre proprietário e arrendatário foi usado em Israel como parábola para a relação de Deus com o seu povo.

[b] A atitude para com o arrendatário ocorre em parábolas judaicas, mais precisamente quando se fala de um rei que manda recolher tributos numa província rebelde. No conteúdo, essas parábolas são iguais à nossa. Também elas identificam os mensageiros com os profetas, e o proprietário com *Deus*. Por usar imagens comuns da época, o significado da nossa parábola era singularmente plausível para os ouvintes.

[c] Naquele tempo a citação costumava ser atribuída a Abraão ou a Davi. No entanto, posteriormente a atribuição a Davi ensejava uma interpretação messiânica, que encontramos no tempo de Jesus.

A compreensão dessa parábola é facilitada pelo fato de Jesus utilizar *figuras* que ocorrem sempre de novo. Essas figuras *constantes* são a vinha – o povo de Deus Israel; os servos de Deus – seus profetas; o Filho de Deus – o Messias; e a colheita – tempo final, juízo. A riqueza dessas figuras *constantes* e sua interpretação nos poderiam induzir a entender essa parábola, ao contrário das demais parábolas de Jesus, como alegoria, i. é, como uma história que pode ser aplicada traço por traço a uma realidade diferente. Além das imagens constantes citadas, ainda encontramos outros traços que sugerem essa aplicação, p. ex., a morte dos servos, que reaparece um pouco mais tarde com o lamento sobre Jerusalém (Mt 23.37) e, acima de tudo, o assassinato do **filho**, que, sem sombra de dúvida, deve ser entendido como profecia de sua própria morte. Porém, se quisermos continuar a interpretar alegoricamente e entender a morte do filho fora da vinha como profecia de que Jesus morreria diante dos portões de Jerusalém, teremos de nos perguntar se ainda estamos correspondendo à intenção de Jesus. Em Marcos, o filho é assassinado e depois lançado para fora, sendo essa forma de mostrar o ultraje extremo que os arrendatários cometem contra ele. Isso seguramente se alinha com o que Jesus quer dizer, a saber, que o povo ao qual foi enviado lhe inflige o máximo de desonra. Com a pequena alteração, Mateus talvez faça alusão à forma da morte de Jesus, contudo uma interpretação alegórica tão específica seguramente não estava na intenção de Jesus. Outros aspectos fogem totalmente da leitura alegórica, como, p. ex., a descrição da vinha, a viagem do Senhor para longe, e as ponderações dos viticultores. Por isso, ao interpretarmos a parábola, temos de permanecer naquilo que também se evidenciou nas demais parábolas de Jesus: há um pensamento essencial na parábola que deve ser gravado nos ouvintes. Nesse caso a idéia é a relação do povo de Israel (na pessoa de seus líderes proeminentes) com Jesus e sua reivindicação, que agora aparece com mais clareza que antes. O que Jesus quer dizer com essa parábola é tão nítido que até os sumo sacerdotes e fariseus o reconhecem.

Mt 23.37ss afirma em linguagem direta o que aqui se diz por parábola: O povo de Israel, que se rebelou sempre de novo contra os mensageiros de Deus, justamente através de seus representantes distintos, está prestes a assassinar *aquele* que Deus lhe enviou como seu último emissário, o seu filho amado. A conseqüência é a condenação de Israel e a escolha de um novo povo da aliança. Esse pensamento já fora proferido diversas vezes por Jesus como advertência ao povo judeu. Mas jamais Jesus havia identificado com tanta clareza a si próprio como o Filho de Deus (Marcos usa a designação "Filho amado", como na história da transfiguração). Novamente podemos entender a agudeza extrema com que está sendo formulada a declaração de Jesus apenas a partir da situação em que Jesus profere a parábola. A situação é de decisão, pouco antes dele ser preso. Agora não é mais possível esquivar-se, mas somente admitir essa reivindicação dele. Ou se dá a meia volta na última hora, ou se rejeita radicalmente a Jesus, com o que se cumprirá a profecia contida na parábola.

A história que Jesus narra nessa parábola contém um aspecto que ultrapassa toda vileza humana. Nenhum **viticultor** se portará dessa maneira, ainda que as dificuldades com o proprietário da vinha escalassem para um contraste desses. A história não foi tirada da vida real. É que na vida diária isso não ocorre. A história está antes determinada e configurada a partir *daquilo* que Jesus quer dizer. Justamente o seu caráter de impossibilidade aponta para o absurdo do comportamento dos fariseus e sumo sacerdotes. Diante da interpelação que Deus lhes dirige pelo envio de seu Filho eles se portam no seu agir de tal modo como jamais procederiam na vida normal e como nenhuma pessoa normal procede. Mostrando-lhes assim a irracionalidade de sua atitude, Jesus documenta a incredulidade como tolice, como já fez o Sl 14.1 e como Paulo expressou claramente em 1Co 1.18ss; 3.19. A incredulidade não é apenas desobediência, pecado, mas constitui ao mesmo tempo uma tolice tamanha que uma pessoa na vida diária jamais cometeria.

De forma idêntica, é incompreensível para conceitos humanos a atitude de Deus, que, com bondade infinita, vai em busca de nós, seres humanos. Deus age como nenhum proprietário agiria em relação a seus arrendatários. Busca a pessoa com uma longanimidade que não existe na face da terra. Não obstante, também essa paciência tem um limite, também diante dela existe um "tarde demais". Portanto, essa parábola constitui uma última oferta de Jesus, ligada à advertência de que é realmente a última, depois da qual segue a punição implacável, caso for rejeitada.

A parábola encerra com duas palavras. A primeira é uma citação da Escritura, que expõe mais uma vez o sentido da parábola. A segunda contém uma afirmação em que Jesus confessa a sua dignidade. Pois o Sl 118.22 (do qual já fora retirado o *hosana* com o qual Jesus foi saudado quando entrou em Jerusalém) já recebia interpretação messiânica em Jerusalém. *Eu* sou essa **pedra angular** que sustenta a construção do templo, diz Jesus ao atribuir-se essa palavra. A pedra angular provavelmente não é a *pedra fundamental*, mas sim a pedra final no arco da porta, que dá coesão à construção toda. Essa imagem foi usada pelos apóstolos e aparece com freqüência (cf. 1Pe 2.6-8. A partir do texto original, a palavra "pedra angular" pode ser traduzida tanto como *pedra fundamental*, quanto como *pedra angular* ou *pedra final*. Veja comentário específico).

A segunda palavra não foi transmitida incólume em nosso texto. O mesmo grupo de manuscritos em que já constatamos diversas variantes (o Códice D, as traduções velha latina e siríaca) a omitem. Contudo, está claramente registrada em Lucas e fornece uma explicação do termo "escândalo". Os fariseus se escandalizam com Jesus porque ele não corresponde ao ideal do Messias que eles construíram para si. Esse escandalizar-se, porém, acarretará para eles a terrível circunstância de que, por causa disso, perecerão.

Os fariseus se dão conta de que não somente essa parábola, mas também a anterior (talvez até se pense em mais), apontam para *eles*, que são os interpelados. Com isso foi dado um grande passo para frente, p. ex., em comparação com Mt 13.10ss. Quando a pessoa descobre que está sendo endereçada, na verdade reconheceu que Deus está falando com ela. Nesse momento está aberto o caminho para uma *decisão*. Sempre é obra de Deus que isso possa acontecer, assim como está sendo nesta parábola a intenção proposital de Jesus. Entretanto, como é diferente a reação dos fariseus da de Davi, p. ex., quando lhe foi dito: "Tu és o homem" (2Sm 12.7)! Diante da palavra de Deus, porém, há somente essas duas possibilidades: a submissão humilde, a meia volta, ou a revolta, que leva a crucificar o Senhor.

7. A terceira parábola: As núpcias do filho do rei, 22.1-14

(Lc 14.16-24)

De novo entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes:
O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho.
3 **Então enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir.**
Enviou ainda outros servos, com este recado: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas*[a]*.
Eles, porém, não se importaram (com o convite), e se foram um para o seu campo, outro para o seu negócio.
E os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram.

O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade.
Então disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos.
Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes.
10 **E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados.**
Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial[b].
12 **E perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu.[c]**
Então ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos, e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.
Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

Em relação à tradução

[a] Até os tempos atuais é costume no Oriente enviar um *convite duplo*, o primeiro como provisório e preparatório, o segundo quando a festa está *preparada* (T. W. Mason, *The sayings of Jesus*, 1949, p. 225).
Os bois (touros de sacrifício) e os animais cevados (poderiam também ser ovelhas) indicam que o banquete era riquíssimo.

[b] O rei não vem para examinar os convidados, mas para saudá-los (T. W. Mason).

[c] A interpelação é mais condescendente que amigável. É a palavra de um senhor que flagra um subalterno numa falta.

A terceira da série de parábolas estreitamente interligadas, que Mateus relata acerca dos últimos dias de Jesus em Jerusalém, também se dirige com agudeza máxima contra a camada dirigente do povo, com a qual Jesus se confrontou nas controvérsias. Esta parábola não é a última por acaso. Ela apresenta o auge das acusações que Jesus tem a levantar contra os mais proeminentes líderes de seu povo. Enquanto a parábola dos filhos desiguais (21.28ss) e a parábola dos maus arrendatários da vinha (21.33ss) tinham repreendido os líderes porque eles estavam se "esquivando" da exigência de Deus, a presente parábola levanta a acusação muito mais grave de que os líderes do povo estão *recusando* o convite de Deus. Além disso, a recusa acontece da mesma maneira que a negação da obediência. Leva ao assassinato dos que Deus enviou para comunicar o chamado de Deus aos convidados. É nesse ponto que se encontra a mais significativa variante da parábola em comparação com Lucas. É uma variante semelhante à que podemos observar entre Mateus e Lucas no caso da conhecida palavra: "Quem não é contra nós, é a favor de nós" (Mc 9.40). Na controvérsia com os fariseus, ela toma a seguinte forma: "Quem não está comigo, é contra mim" (Mt 12.30; Lc 11.23). A rejeição do chamado de Deus, comunicado por meio de Jesus, não leva a uma neutralidade qualquer, mas sim à luta *contra* Deus. A conseqüência, por isso, não é apenas a *exclusão* do reino, depois da qual ainda se poderia existir ao lado dele, mas sim, à **morte**. Desse modo a parábola apenas prolonga a linha, torna-a melhor compreensível, mais nitidamente visível do que já é em Lucas. Assim como a negação do convite com uma desculpa esfarrapada tem essencialmente o mesmo significado que os maus tratos e o assassinato dos emissários – Jesus tem em mente, como na parábola dos maus arrendatários da vinha, o tratamento dado aos profetas, e, mencionando a segunda turma de mensageiros, o evangelista já poderia ter em vista os apóstolos – assim, "não degustar o banquete" é eqüivalente ao extermínio dos convidados renitentes.

Com isso já foi expresso que o *cerne* da parábola deve ser visto no **convite** que o *rei* faz aos hóspedes que ele já havia convidado. – A data do convite retrocede a um tempo indeterminado, assim como a vocação de Israel está distante mas constitui um fato que determina o presente. – Se for esse o *ponto central* da parábola, também fica clara a sua importância na boca de Jesus. Ele próprio não se encontra na parábola, pois identificá-lo com o filho para quem o rei prepara a festa significaria uma alegorização errada. Porém Jesus está *por trás* dela. É que, por meio dele, é emitido o último chamado decisivo a seu povo. Não está sendo exposto aqui o que a parábola dos maus arrendatários da vinha expôs, a saber, que o rei envia como última tentativa seu próprio filho amado. Contudo, isso acontece na prática. Desse modo a fala em parábolas e o acontecimento real e atual se confundem. Por isso não causará tanto espanto que a descrição da ação punitiva do rei seja tão viva e atual. Podemos muito bem supor que Mateus escreve "sob a impressão imediata daquilo que sucedeu"

(Schniewind). Pois Jerusalém foi destruída e os que recusaram e mataram Jesus foram exterminados. Mesmo que esse fato ainda não tenha integralmente acontecido na época em que Mateus escreve o evangelho (cf. Introdução), o evangelista está vendo que o cumprimento que a parábola prenuncia com clareza ameaçadora está vivo e inevitavelmente próximo.

Considerando que o cerne da parábola é *convite* como ilustração para o chamado de Deus manifesto por meio de Jesus, os demais traços figurados da parábola posicionam-se ao lado, em serviço. Citam-se as "figuras constantes": o **rei** como Deus, o **banquete** como reino de Deus, os **escravos** como emissários de Deus, profetas e apóstolos. Como "figuras constantes" elas são mais que figuras. Deus *é* o rei eterno e seu reino *é* o banquete de alegria, onde todas as lágrimas estarão enxugadas. Profetas e apóstolos *são* seus escravos, que apenas cumprem a vontade dele.

A parte final da parábola traz uma nova guinada. Até então a parábola se dirigira com advertência e até ameaça ao povo de Israel, apresentando-lhe a seriedade da decisão que tinha de tomar diante de Jesus. Agora o final se volta àqueles que receberam o convite depois que os primeiros convidados o rejeitaram. Diferente de Lucas, eles não são caracterizados como pobres, aleijados, coxos e cegos (Lc 14.21), mas como **estrangeiros** que estão de passagem e recebem o convite nas encruzilhadas. Sua descrição diz apenas que eles são todas as pessoas que podem ser alcançadas, boas a más (v. 10), ou seja, que não têm características especiais, a não ser que são estrangeiros que não viviam naquela cidade atingida depois pela destruição. Eram *estrangeiros* que receberam o convite quase por acaso (se bem que o acaso sempre é escolha bondosa de Deus), pelo menos sem qualquer mérito.

Com essa parte final, Jesus se dirige à *comunidade dos que crêem nele*. Da mesma forma como nas parábolas das ervas daninhas no meio do trigo (13.24ss) e da rede de pesca (13.47ss), ele está dizendo que pertencer à comunidade ainda não é a decisão de tudo, que também essa comunidade pode ter elementos impuros. Por ora teremos de nos contentar, na explicação do final, com que uma pessoa não tem as vestes nupciais, simplesmente com a afirmação de que pertencer à comunidade não constitui uma garantia total e jamais pode ser uma almofada de repouso sobre a qual minha fé pode descansar, mas que a última decisão será tomada somente sob o olhar de Deus.

Se desconsiderarmos que seriam pessoas pobres, como gostamos de inserir aqui a partir do evangelho de Lucas, então de forma alguma é injustificada a exigência feita na parábola, de *que se compareça num* **traje nupcial**. Pelo contrário, teremos de levar em conta que, de acordo com o *cerimonial* oriental, a ausência desse traje significa uma violação singularmente melindrosa dos costumes, um *menosprezo* ao anfitrião. Esse menosprezo eqüivale a desprezar o seu convite por meio da recusa de comparecer (Jülicher, p. 424). Portanto, como *advertência*, está sendo dito à comunidade que o chamado que ela recebeu lhe impõe a responsabilidade de *viver de acordo* com essa vocação. A partir da doutrina da justificação de Paulo, deseja-se dar a essa cena uma explicação no sentido de que o convidado teria rejeitado o traje que lhe fora oferecido, por querer entrar com o seu próprio (com a justiça própria). Mas essa explicação já fracassa no fato de que o texto diz: "Por que *entraste* sem traje nupcial?" O rei, por conseguinte, esperava que seu hóspede trajasse a veste nupcial ao *entrar*. Realmente, o texto não fala nada a respeito da oferta de outra roupa para todos os hóspedes e que alguém na parábola tivesse rejeitado esse presente.

Entretanto, cabe-nos considerar o que quer dizer essa roupa, uma vez que também essa é uma das *figuras constantes* que encontramos sempre de novo em parábolas. O novo **traje** significa um novo *ser* (Mt 9.16; e sobretudo Ap 3.4; 4.4; 16.15; 19.13). Logo, a *veste nupcial* seria a existência que faz parte do reino de Deus, a vida nova doada por Jesus. Portanto, o convidado seria uma pessoa que, apesar de pertencer à comunidade, se fecha a esse novo ser, persistindo "na maneira própria de viver, ou seja, na religiosidade *própria*" (Schniewind).

A palavra final do v. 14 apresenta novos enigmas. Acaso não está em contraposição ao final da parábola, onde somente há uma pessoa chamada mas não eleita? Tampouco combina com a primeira parte da parábola, pois são justamente os "muitos" (Mc 10.45) que vêm ao banquete, em contraposição ao número limitado do povo de Israel. Contudo, já foi Jerônimo quem viu naquele um *o representante de uma grande multidão*. Por isso será correto vermos nessa última palavra uma aguçamento da advertência à comunidade contida na parte final.

XXVIII. OS TRÊS ATAQUES DOS INIMIGOS CONTRA JESUS, 22.15-46

Observação preliminar

Às três parábolas em que Jesus realizou o ataque decisivo contra a camada dirigente de seu povo, levantando a mais grave acusação contra eles, seguem *quatro controvérsias*, em que primeiramente os fariseus e seus aliados apresentam o ataque contra Jesus (nas três primeiras). Depois, na última discussão, Jesus passa mais uma vez ao ataque, perguntando pelo Cristo, o Messias. Da mesma maneira como as parábolas, teremos de entender esses debates inteiramente a partir da situação do último confronto decisivo de Jesus com os líderes de seu povo. As perguntas propostas a Jesus não são realmente perguntas, para os inquiridores, mas apenas *pretextos*, possibilidades para "armar-lhe uma cilada". É verdade que Jesus leva as questões ao campo objetivo, ao conteúdo. Não obstante, no fim permanece como *essencial* que, para os adversários, é impossível pegá-lo. Eles tão somente têm de se admirar e afastar-se, batidos e atemorizados com seu ensino (v. 22,33). As respostas de Jesus não constituem em primeira linha *ensinamentos* de Jesus, p. ex., sobre o dever do cristão diante do estado, sobre a questão da ressurreição dos mortos etc., mas *demonstrações* do seu poder na *palavra*, assim como os milagres são demonstrações do seu poder na *ação*. Suas respostas são tais evidências porque ele fala "com autoridade", como já lemos no final do sermão do Monte (7.28s).

1. O ataque dos herodianos: A disputa pela moeda do imposto, 22.15-22

(Mc 12.13-17; Lc 20.20-26)

Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra.
E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos[a], para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho[b] de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens.
17 **Dize-nos, pois, que te parece? É lícito pagar tributo (*per capita*)[c] a César ou não?**
18 **Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas?**
Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário[d].
20 **E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição?**
Responderam-lhe: De César. Então lhe disse: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.
Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se.

Em relação à tradução

[a] Sob "herodianos" devem ser entendidos ou os membros da casa de Herodes ou os seus adeptos políticos. São citados já em Mc 3.6 em conjunto com os fariseus, como aliados deles contra Jesus. Eram procurados pelos fariseus sempre que havia o perigo de uma conflito com Roma que ameaçasse a existência do povo (Schlatter, p. 644).

[b] "Caminho" é uma expressão corrente para ensino ético (Schniewind, Mc 1, p. 148). Por exemplo, o escrito da comunidade cristã primitiva *O ensino dos Doze Apóstolos* (Didaquê) começa assim: "Há dois caminhos, um para a vida e outro para a morte".

[c] No tributo *per capita* trata-se de um censo, como expressa a palavra grega, que é um termo romano adotado pela língua grega. Através do pagamento desse imposto era proclamado e reconhecido o domínio do imperador romano.

[d] O denário é uma moeda de prata romana, eqüivalente ao salário diário de um trabalhador braçal (Mt 20.2). É a unidade monetária com que se pagava o imposto. As moedas menores tinham símbolos inofensivos, mas o denário tinha a efígie de César, e a inscrição dizia, p. ex., num denário de Tibério: "Ti(berius) Caesar divi Aug(usti) f(ilius) Augustus", e no reverso: "Ponti(fex) Maxim(us)". Isso significa: Tibério César, Augusto, filho do divino Augusto, Sacerdote Máximo.

Desde bem cedo o cristianismo entendeu essa discussão como uma decisão de seu Mestre quanto ao relacionamento dos cristãos com o estado. De acordo com um evangelho apócrifo, por exemplo, os adversários formularam a pergunta de uma forma generalizadora (Papiro Eguerton, nº 2): É permitido dar aos reis aquilo que cabe à autoridade? Mais clara se torna essa transformação em Justino (*Apol*. I, 17.64), o qual intitula assim o diálogo: Será que se deve pagar impostos a César? – Com essas mudanças, porém, o presente diálogo já foi interpretado incorretamente numa direção bem determinada. Passou-se totalmente por cima da última instrução de Jesus: **Dêem a Deus o que pertence a Deus!** Mas é aqui que reside o *cerne* de sua resposta. Isso se depreende do simples fato

de que Jesus introduz na sua resposta algo que não foi perguntado, algo de que seus adversários não se aperceberam, que eles, apesar da aparência religiosa, não incluíram em sua pergunta. Porém é exatamente para essa verdade que Jesus quer remeter seus adversários.

A princípio a discussão apenas quer mostrar como Jesus, por sua palavra cheia de autoridade, escapa da armadilha que lhe foi colocada. Para entender isso, precisamos reconhecer a essência da pergunta. Para o judaísmo inteiro a dominação do imperador era radicalmente oposta ao domínio de Deus. Se, pois, Jesus anunciava o reino de Deus, tinha de rejeitar, como os zelotes, o pagamento do **imposto** *per capita*, porque ele significava admitir o governo de César. Num sentido mais rigoroso, porém, esse reconhecimento já acontecia com o simples uso das moedas que continham a imagem e a inscrição de César. As pessoas se esquivavam desse reconhecimento, evitando radicalmente olhar para a imagem, como se relata de um rabino piedoso, ou escudando-se atrás do princípio de que "a lei não podia tornar-se *insuportável*" (Schlatter, p. 648) e dizendo: "A moeda não está proibida". Assim, ficava suspensa a decisão sobre pagar ou não o imposto. Os fariseus esperavam, agora, que Jesus apoiaria a exigência dos zelotes, de *negar* o pagamento do imposto, e esperavam que ele seria aniquilado junto com a rebelião que sua declaração desencadearia. Se, porém, tomasse a decisão oposta, perderia a adesão das massas.

Portanto, é uma *evidente* cilada que está proposta a Jesus. Querem que ele caia nela com tanto maior facilidade porque apelam para a sua veracidade e também porque a questão traz embutida claramente a pergunta pelo Messias, de modo que Jesus não pode fugir dela.

Contudo, se a pergunta constitui uma *armadilha*, a resposta de Jesus inicialmente consiste em *desviar-se* dela. Jesus demonstra dessa forma que ele permite que outros imponham o rumo da ação, mas que esse está sempre nas mãos dele. Ele declarará que é o Messias no momento que o Pai determinar, quando a "sua hora tiver chegado" (Jo 2.4; 7.30; 8.20). Ele não fugirá quando "é chegada a hora" (Mt 26.45), mas se apresentará somente então, e nenhum minuto antes, entregando-se nas mãos dos pecadores. Para não se entregar nas mãos das pessoas antes, Jesus responde de uma forma pela qual se esquiva desse ataque, de modo que os adversários somente se admiram. Deixam-no parado onde está e têm de afastar-se dele. Por trás da admiração, porém, nota-se também algo do susto diante de Jesus, cuja sabedoria, com a qual escapa da cilada, o revela como o Messias. No entanto, revela-o de tal forma que seus inimigos não conseguem pegá-lo.

É nesse sentido que se usa a palavra **admirar-se** (Mt 8.27; 9.33; 15.31 etc.). Assim como Jesus se subtrai ao ataque por meio de uma resposta inteligente, ele também concede aos seus a certeza de que no momento certo "lhes será concedido" responder com igual *inteligência*. Nesse sentido, nosso trecho é algo como um exemplo da promessa que Jesus dá aos discípulos em Mt 10.19.

No entanto, a resposta de Jesus é mais do que inteligência e sabedoria para *desviar-se*! Pelo contrário, ele escapa da armadilha precisamente porque leva a sério o conteúdo da pergunta que lhe foi colocada. Na resposta acontecem duas coisas. Por um lado Jesus revela a falta de sinceridade dos próprios adversários, quando aponta para a moeda que os seus adversários usam, ou seja, que eles pessoalmente nem levam a questão a sério. Por outro, força-os a levar a sério a pergunta no seu fundo último, indicando-lhes que, na alternativa *César ou Cristo* e na pergunta do reinado de Deus em relação a todos os reinos mundanos, não estão primordialmente em jogo quaisquer atitudes exteriores, mas em primeiro lugar que realmente **demos a *Deus*** o que lhe pertence. Para que provem que de fato estão *seriamente interessados* em reconhecer o *reinado de Deus*, a oportunidade está sendo dada precisamente agora. Entretanto, é uma oportunidade da qual seus adversários querem se afastar com toda a força. A oportunidade é dada na própria pessoa de Jesus. Deus vai ao encontro dos adversários de Jesus na pessoa de Jesus, reivindicando que o reconheçam agora, que se dobrem diante dele agora. Se eles fizessem isso, a questão de pagar impostos ficaria facilmente resolvida. Não seria mais uma questão, por ser uma indagação *deste* mundo, que desaparece com este mundo. Mas se, com Jesus, chegou o reino de Deus, o fim deste mundo está às portas, e as perguntas de como se comportar neste mundo se tornaram perguntas *secundárias*. Elas possuem importância apenas na medida em que, respondendo-as, pudermos dar testemunho em prol da vinda desse reino.

Por isso, podemos captar para nós hoje como resultado dessa controvérsia o seguinte: A primeira pergunta, a única realmente importante, é "se damos a Deus o que lhe compete", i. é, se o reconhecemos como o Senhor que se revelou a nós em Cristo, se todo o nosso agir está sob o sinal de que o mundo caminha para o seu fim, que a decisão já foi tomada. – A segunda pergunta é se e como esse nosso reconhecimento do reinado de Deus se torna *visível* em nosso comportamento na terra, nas

ordens deste mundo. Devem ficar evidenciadas *duas coisas*: Primeiro, que saibamos que, nas decisões deste mundo, trata-se sempre de questões *provisórias* e *passageiras*, nas quais jamais prendemos nosso coração. Em segundo lugar, porém, igualmente deve ficar claro nas nossas decisões que as tomamos *diante da face de Deus*, ou seja, em responsabilidade diante da instância suprema, uma instância de cuja existência o mundo sequer tem conhecimento. Dessa maneira o nosso modo de agir será carregado sempre com menos paixão e maior responsabilidade que a dos que não são cristãos.

2. O segundo ataque dos saduceus: A sua pergunta pela ressurreição, 22.23-33

(Mc 12.18-27; Lc 20.27-40)

Naquele dia aproximaram-se dele alguns saduceus[a] que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram:
Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido[b].
25 **Ora, havia entre nós sete irmão; o primeiro, tendo casado, morreu, e não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão;**
26 **o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até o sétimo;**
27 **depois de todos eles, morreu também a mulher.**
28 **Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram.**
Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.
30 **Porque na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos do céu[c].**
E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou:
Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos.
33 **Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina.**

Em relação à tradução

[a] Os saduceus formam o partido sacerdotal conservador, que se origina ou do sacerdote Zadoque dos tempos davídicos ou de um líder desconhecido de sua escola de nome Saduque, que viveu em época posterior. Ao contrário dos fariseus, que colocavam uma tradição viva ao lado da Torá, uma tradição que deveria proteger a Torá como uma cerca mas que rapidamente adquiriu importância própria, os saduceus admitiam tão somente a Torá, e tinham uma atitude defensiva contra qualquer evolução da religião. A partir disso também se compreende que eles rejeitam a ressurreição, bem como a doutrina de anjos e espíritos. Como Torá, porém, eram considerados apenas os cinco livros de Moisés [Gn-Dt], o Pentateuco. Essa, pelo menos, era a opinião, hoje contestada, dos pais da igreja.

[b] O matrimônio de cunhados, chamada de "levirato" (do latim *levir* = cunhado) foi ordenado em Dt 25.5-10 para evitar que se extinguisse o nome. O primeiro filho de um matrimônio desses deveria receber o nome do falecido. Mas provavelmente havia também a intenção de manter as propriedades na família, porque a lei atinge somente irmãos que vivem juntos. Ademais, Rt 4.3ss mostra que, por esse motivo, quando faltam irmãos, a lei também se estende ao parente (consangüíneo) masculino mais próximo, a fim de que a propriedade permaneça na família. O levirato tem importância na história de Tamar (Gn 38), que aparece na genealogia de Jesus, em Mt 1.3.

[c] Veja comentário a seguir. Sob aspecto gramatical, "no céu" refere-se aos anjos de Deus. Afirma-se, portanto, que os ressuscitados serão *como os anjos no céu*, mas não que os ressuscitados estarão no céu.

A causa da disparidade dessa conversa com a disputa anterior tem fundamento na diferença entre os saduceus e os fariseus. Os fariseus formavam um partido movido pelo entusiasmo, dos quais os zelotes eram apenas os representantes mais radicais. Os saduceus eram um grupo em que se mesclavam curiosamente a ortodoxia e o liberalismo. Enquanto os fariseus tinham o objetivo de derrubar Jesus, os saduceus apenas queriam *ridicularizá-lo*. Detrás da história arbitrariamente inventada e contada com ironia, sobre **a mulher com seus sete maridos**, ouvem-se suas *risadas*. Ambas as controvérsias têm em comum que a proposição da pergunta não atende uma necessidade intrínseca real, apenas significa escapar da decisão para a qual Jesus desafia. A opinião dos saduceus já está definida há muito tempo, e eles não esperam que ela possa depender da resposta de Jesus à pergunta. Na verdade, porém, a pergunta justifica-se no conteúdo. Nas partes mais antigas, o AT

ainda não anuncia com toda a clareza a ressurreição, que encontramos somente em Isaías e no profeta Daniel (Is 25.8; 26.19; Dn 12.3). Hoje pressupomos com demasiada naturalidade essa pregação e, sem escrúpulos, a identificamos com a doutrina da imortalidade da alma, que, porém, se originou fora da Bíblia e penetrou no pensamento cristão a partir de Platão. A proclamação da ressurreição ainda haveria de se defrontar com essa convicção, e temos de nos conscientizar da diferença entre a fé extra-bíblica relativa a um componente divino nas pessoas, que é a fé na imortalidade, e a mensagem da Bíblia de que haverá uma ressurreição que será uma nova criação de Deus.

O sarcasmo dos saduceus atinge com razão uma forma grosseira da fé na ressurreição, como era lugar-comum entre os rabinos naquela época e como também se tornou usual entre os cristãos da Idade Média. O apóstolo Paulo refutou essa forma material de crença na ressurreição em 1Co 15.24ss, da mesma maneira como Jesus o faz aqui. Um forma material, p. ex., era a doutrina dos rabinos, construída sobre a frase: "Assim como um ser humano vai, assim ele volta" (citado por Schlatter, p. 652).

Jesus confronta o escárnio de seus adversários, acusando-os de conhecimento insuficiente exatamente daquilo em que se apoiam, a Torá, i. é, o Pentateuco, e criticando-os também – isso está interligado – por causa de uma compreensão falsa, estreita de Deus. Por não possuírem o conceito correto da onipotência de Deus, motivo pelo qual não são capazes de conceber a idéia da nova criação, o anúncio da ressurreição resulta para eles incompreensível. Por esse mesmo motivo, não são capazes de compreender a palavra onipotente do Deus da *sarça ardente*.

Não conseguimos acompanhar hoje da mesma maneira a argumentação de Jesus, mas ele não argumentou com iluministas modernos e sim com pessoas da sua época. Para nós a argüição de que a palavra a Moisés na sarça ardente comprova a evidência da ressurreição não seria suficiente. Mas naquele tempo tratava-se de enfrentar os saduceus, que não reconheciam nenhuma outra autoridade. Enfim, há bem mais por trás dessa argumentação. Pois está diante deles aquele que dava pessoalmente ordens à morte com palavra poderosa. Encaravam aquele no qual Deus se revela como Todo-Poderoso a eles, os céticos, os que então eram "modernos". Portanto, no centro das palavras de Jesus encontra-se o anúncio do poder de ação ilimitado de Deus. Jesus quer dizer que quem está ligado com esse Deus como estavam Abraão, Jacó e Isaque não pode ser refém da morte. Oculta por trás dessa argumentação está a mensagem de que agora, com a vinda de Jesus, chegou o tempo do Messias, e que esse é o tempo da ressurreição dos mortos (Is 26.19). Por isso a posição diante da pergunta levantada pelos saduceus acaba sendo decisiva para um posicionamento diante do próprio Jesus. Na rejeição por parte dos saduceus está incluída a rejeição a Jesus, mesmo que ela aconteça com um pouco de frieza e suposta superioridade, e sem o ódio dos fariseus.

Schlatter descreveu com maestria essa cena. À p. 334 ele expõe o que segue: "Acontece de novo como antes, quando os fariseus vieram com a sua pergunta. Onde eles vêem uma dificuldade intransponível, Jesus não vê nada difícil. Ambos não podiam achar respostas para as suas perguntas, porque a tolice já residia em sua pergunta. Os fariseus transformavam em questão super-importante a quem deveria ser dado o dinheiro. Para Jesus isso se resolve com facilidade: Dêem-no ao que o exige de vocês. Os saduceus deliberam quem deverá desposar a mulher na vida eterna. Para Jesus isso se soluciona com a mesma facilidade: Na ressurreição simplesmente não se casa. Ali o marido não precisa mais da mulher e a mulher não precisa mais do marido. Agora têm um nível superior de vida, que se iguala ao dos anjos.

"Os saduceus pensavam que a ressurreição seria o retorno às condições mundanas, i. é, o que a morte destruíra seria restituído integralmente assim como era. A esperança de Jesus não espera o antigo, mas algo maior, algo incompreensivelmente glorioso."

3. O ataque dos fariseus: A pergunta pelo principal mandamento, 22.34-40

(Mc 12.28-34; Lc 10.25-28)

34 **Entretanto os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho.**
35 **E um deles, intérprete da lei, experimentando-o, lhe perguntou:**
36 **Mestre, qual é o grande mandamento na lei?**
Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma[a] e de todo o teu entendimento.
38 **Este é o grande e primeiro mandamento.**

O segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.
Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

Em relação à tradução

[a] Aqui geralmente se traduz: "Com toda a tua alma" [NdT: O autor sugere: "Com toda a tua força vital"]. No hebraico (Dt 6.5) está a mesma palavra que em Gn 2.7, que Lutero também traduz com "tornou-se o homem uma alma vivente". A palavra refere-se à totalidade da vida humana, com todo o seu sentir, pensar, querer, com sua consciência e sua sensibilidade. Uma vez que entre nós a palavra "alma" tem uma acepção mais restrita, oriunda do helenismo (cf. o comentário ao trecho anterior), é melhor que usemos de forma inequívoca a expressão "força vital". Poderemos dizer ainda melhor "com toda a tua vida", se tivermos clareza de que com isso não está entendida a extensão temporal da vida, mas a profundidade e a totalidade de tudo o que para nós significa vida.

Podemos entender as diferenças na transmissão desse episódio como um indício de que a pergunta que aqui foi trazida a Jesus surgia na maior diversidade imaginável de formas, porque é a questão central que ocupava justamente os judeus religiosos diante de Jesus, ou seja, sua posição perante a lei. Essa pergunta aflorava vivamente nas curas em dia de sábado, bem como no comportamento despreocupado dos discípulos ao caminharem por um trigal. Porém, essa questão precisava ser resolvida na pergunta pelo centro de toda a lei. Quando Jesus, nas mais variadas determinações específicas da lei, enfatizava sua liberdade pessoal, quando fazia retroceder outros mandamentos diante do mandamento do amor, tornava-se aguda a pergunta de onde, agora, se deveria buscar o critério, qual seria o **mandamento principal**, ao qual todos os demais têm de se subordinar. Por isso é muito provável que todos os três evangelhos com suas versões singulares da história estejam corretos. Ou seja, essa pergunta pode ter sido trazida a Jesus uma vez como pergunta para tentá-lo, outra vez por uma pessoa que realmente estava procurando, ao qual Jesus até pode dizer: Não estás longe do reino de Deus (como em Mc 12.34), e uma terceira vez por alguém que também está buscando a verdade, mas que depois foge ao desafio (Lc 10.29ss). Do mesmo modo, porém, não se pode discordar de que cada evangelista persegue o seu interesse específico quando traz aquela formulação do trecho que mais lhe convinha na linha que ele estava elaborando. Assim, para Lucas a ênfase consistia no mandamento do amor ao próximo, o que ele realçou com a parábola seguinte, que para ele se torna o ponto principal. Marcos mostra que, para os escribas, não era tão impossível entender Jesus, enquanto Mateus transmitiu a história no contexto das controvérsias que ocorreram em Jerusalém durante os últimos dias. Naqueles dias as controvérsias com certeza eram mais importantes que qualquer diálogo instrutivo. Em Mateus a conversa está mais condensada que em Marcos. Não acontece mais uma troca de opiniões, mas a disputa foi resumida em pergunta e resposta. Com isso destaca-se mais uma vez a *intenção*, já observada na controvérsia sobre a moeda do imposto, de mostrar Jesus como majestosamente superior no diálogo, a quem os adversários não conseguem responder palavra alguma (22.46; de modo semelhante já em 21.27). Nesse tom de superioridade com que Jesus conduz as controvérsias, ele revela-se ao que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir *quem* está falando.

A resposta que Jesus dá não é novidade, não é nada que fosse desconhecido para seus adversários. Um aluno de Hillel resumiu, cerca de 20 a.C., a lei com as seguintes palavras: "O que é negativo para você, não o faça ao seu próximo" (citado por Klostermann e Schniewind, *Comentários ao Ev. Mc.*). De modo semelhante opinam Filo e outros. Contudo, também nessa pergunta não há interesse de ouvir algo novo. Todo o legalismo judaico tinha sua origem na palavra de Lv 18.5: "Pondo em prática as minhas leis e os meus costumes é que o homem tem a vida". Dali surgiu o esforço de obedecer corretamente a lei em cada detalhe. Por trás desse esforço, um "coar de mosquitos" (Mt 23.24), estava oculta a consciência de que, apesar de tudo, não se seria capaz de cumprir a lei. Por isso a pergunta real que estava por trás da ilegítima, de tentação, era esta: Como é possível cumprir a lei? Logo, não se tratava de reconhecimento intelectual, de doutrina, mas a única coisa que realmente interessava era a ação. Assim como Jesus dissera aos discípulos: "Sejam perfeitos" (Mt 5.48), afirmando com isso que um novo agir e um cumprimento verdadeiro da lei são possíveis, ele agora está proclamando essa possibilidade. Esse novo modo de agir, diz Jesus, brota do **amor** a Deus. O novo modo de agir, como Jesus repetira sempre de novo no sermão do Monte, é sempre de novo apenas o *sinal* desse amor a Deus. Para o amor de Deus vale, porém, já para Jesus, que ele não é constituído pelo fato de que nós de qualquer maneira nos decidimos por impulso próprio para esse

amor, mas que Deus nos amou (1Jo 4.10)! Precisamente essa é a novidade que Jesus traz, não com palavras ou com seus milagres, mas com toda a sua vida, simplesmente com sua presença como Filho entre as pessoas (dessa presença, palavras e milagres apenas constituem o sinal). É ele quem traz esse amor de Deus e possibilita, através dele, que realmente cumpramos o grande mandamento.

Neste ponto torna-se novamente visível a barreira que persiste entre Jesus e seus adversários. Para eles a resposta de Jesus apenas pode ter o significado daquilo que outros já disseram antes dele. Unicamente quem crê em Jesus como o Filho de Deus compreende que naquele momento está sendo feita essa oferta. À comunidade crente, porém, o evangelista anuncia desse modo: A vocês foi concedido! Vocês podem realizar o que Deus pede de vocês porque receberam a dádiva de Deus.

Por meio dessa palavra, Jesus prestou mais uma vez um serviço inestimável à sua comunidade. Indicou-lhe o local a partir do qual ela precisa captar a riqueza das palavras bíblicas. Dessa maneira, a vida não se torna para ela um emaranhado enigmático, no qual se confundem sem nitidez o justo e injusto, o dever e o pecado, e no qual nunca sabemos bem o que nos cabe realizar. Jesus torna reto o nosso caminho, pois nos dá um "mandamento régio", o mandamento do amor, que está no comando. Com essa mentalidade, na comunidade de Jesus, foi cumprida, desde então, a lei, inclusive com suas prescrições formais, a lei como orientação que nos ensina a amar a Deus e ao próximo acima de todas as coisas. – Tudo o mais que nos cabe realizar está ligado a esse mandamento do amor, procede dele e leva até ele, de maneira que, sem o amor, não somos nada. É por isso que esse mandamento nos fornece uma medida que coloca todo o dever no seu devido lugar. Quanto mais amor um dever contém, tanto mais sagrado é esse dever.

4. O ataque de Jesus: A disputa em torno do filho de Davi, 22.41-46

(Mc 12.35-37; Lc 20.41-44)

41 **Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus:**
Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam eles: de Davi.
Respondeu-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo:
Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés?
45 **Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?**
E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe pergunta.

Na última controvérsia, é o próprio Jesus quem toma a *iniciativa*. Ele, a quem seus adversários tantas vezes tentaram pegar em vão, pega agora os *seus adversários*, a ponto de silenciarem, porque não querem dar a única resposta possível à pergunta de Jesus. De que, então, se trata?

Havia no judaísmo *duas correntes* de tradição que falavam da vinda do Messias. Havia uma corrente ampla, que inicia já em Gn 49.10, onde se promete o *Vindouro* a partir da tribo de Judá (a tradição da palavra designando o prometido está encoberta, mas pelo conteúdo a passagem foi desde o início entendida como promessa do Messias). Ela continua, através de Isaías, pelos profetas até os escritos judaicos tardios. De acordo com ela haverá um *rebento* **de Davi**, que Deus enviará como o Messias.

Paralelamente existia, porém, uma outra linha na tradição, que inicia com o Sl 110 e também com o Sl 2. Depois, através do profeta Daniel, adquiriu maior importância na apocalíptica judaica e se mantém autônoma ao lado da primeira. Segundo ela, o Messias é entendido como *Juiz do mundo*, como *Filho do Homem*. O dois salmos expressam isso, falando diretamente do *Filho de Deus*. Pois também no Salmo 110 o Messias é designado com o mesmo título que o próprio Deus: **Senhor**.

A questão que Jesus formula para seus adversários é de como se deve harmonizar entre si essas duas tradições. Ao mesmo tempo é uma *pergunta de decisão* sobre a expectativa que seus adversários têm em relação à vinda do Messias. Será que esperam apenas a salvação *política* por meio da ajuda divina, ou esperam pelo *reino de Deus*?

A resposta que deve ser dada a esta pergunta torna-se clara para nós quando vemos como a questão foi solucionada na jovem comunidade, ou melhor, por que essa pergunta nem mais existia para a comunidade primitiva. Despreocupadamente, ela fala de Jesus como *Filho de Davi* e, não obstante, o adora como *Senhor*. A melhor resposta parece estar em Rm 1.3s, onde Paulo fala primeiro

de Jesus como "oriundo, segundo a carne, da estirpe de Davi", prosseguindo, porém: "Estabelecido, segundo o Espírito Santo, Filho de Deus com poder, por sua ressurreição". Ele termina essa frase com a fórmula, seguramente retirada da liturgia do culto: "Jesus Cristo, nosso Senhor!" Podemos ver aqui como a ressurreição de Jesus simplesmente pôs de lado a pergunta que, para a teologia judaica, parecia insolúvel. Por isso os primeiros cristãos também identificaram sem escrúpulos o Sl 110 com Jesus, enquanto o judaísmo, para contrariá-los, em breve se empenhou para interpretá-lo de modo diferente (aplicando-o a Abraão).

Portanto, a palavra acerca do **Senhor de Davi** e **Filho de Davi** tinha o objetivo de ilustrar para os adversários do Senhor "a glória e a humildade de Jesus", que ele é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. É a pergunta cristológica que Jesus formulou.

É por isso que Jesus coloca diante deles os dois fatos: O Messias é Filho de Davi e o Messias é, segundo o próprio salmo de Davi, senhor de Davi, que Deus eleva à sua direita e, na glorificação, torna vitorioso sobre todos os seus inimigos. Jesus se encontra entre seus inimigos com a autoridade do Cristo que há de retornar. Eles se calam. Mas nem isso os leva à conscientização sobre si próprios, antes intensifica seu ódio religioso, fanático.

XXIX. O ÚLTIMO ATAQUE DE JESUS AOS FARISEUS E A JERUSALÉM. CONTRA OS FARISEUS, 23.1-39

(Mc 12.38-40; Lc 11.37-54; 20.45-47)

Observação preliminar

Ao lado dos grandes discursos em que o Senhor comunicou à sua comunidade ensino e exortação, o cap. 23 do evangelho de Mateus traz um discurso que, quanto ao conteúdo, difere daqueles. Seu objetivo é *condenar* o farisaísmo e *advertir* a comunidade contra o perigo que ele traz. A estrutura do discurso é clara e simples.

A fala de Jesus inicia com um reconhecimento da *importância* fundamental dos fariseus e a seguir caracteriza os seus erros (v. 1-12).

Depois seguem *sete palavras de condenação* (13-33).

O discurso *termina* com duas palavras importantes e sérias que interpelam os fariseus como representantes do seu povo e que, por isso, são dirigidas não mais somente a eles, mas ao povo judeu, respectivamente à própria cidade de Jerusalém.

Nos outros evangelhos não se encontra um bloco paralelo, mas somente alguns paralelos esparsos e isolados em Lucas e alguns também em Marcos, de modo que Mateus traz uma boa parte de fontes próprias. Disto podemos concluir que o discurso, assim como agora se apresenta, *inclui palavras de Jesus* que também foram ditas em outras oportunidades. São oportunidades como, p. ex., a relatada no cap. 15. Entretanto, *se Mateus destaca o discurso no templo* (motivado pelas controvérsias precedentes) *como sendo decisivo contra os fariseus*, ele quer afirmar com isso que nos últimos dias o próprio Jesus designa como seus verdadeiros adversários que, o empurram à morte, os fariseus. Assim como as "controvérsias", portanto, esse discurso está situado na história da Paixão, porque caracteriza o grande antagonista de Jesus que é o farisaísmo. Contudo, o discurso não caracteriza os fariseus de uma maneira que nós teríamos de designar de novo como farisaica, *olhando de cima para baixo* sobre os fariseus como um grupo de pessoas inimigas e estranhas de Jesus. Ele denuncia o *farisaísmo* como um *perigo que reside na própria comunidade*, diante do qual não nos podemos proteger por nenhuma separação exterior, mas unicamente *examinando-nos* se não estamos nós mesmos agindo como os *fariseus*.

1. A caracterização dos fariseus, 23.1-7

Então Jesus falou às multidões e aos seus discípulos:

2 **Na cadeira de Moisés[a] se assentaram os escribas e os fariseus.**

Fazei e guardai, pois, tudo o quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem (de acordo).

Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens[b], entretanto eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.

Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas[c].

Amam o primeiro lugar nos banquetes[d] e as primeiras cadeiras nas sinagogas,

7 **as saudações nas praças, e o serem chamados mestres[e] pelos homens.**

Em relação à tradução

[a] A cadeira de Moisés, segundo a doutrina rabínica, lhe foi dada por Deus no monte Sinai. Por isso, é a cadeira do professor da lei.

[b] A figura é a do feixe de lenha, no qual são amarrados os vários galhos.

[c] As correias de oração e as franjas são um bom exemplo de como o fariseu se prendiam nas coisas exteriores. Compreendendo literalmente Êx 13.16; Dt 6.8; 11.18, os judeus escreviam sobre minúsculas folhas de pergaminho trechos da Torá como Êx 13.1-10,11-16; Dt 6.4-9; 11.13-21, colocando cada um numa cápsula artisticamente confeccionada de couro. Uma dessas cápsulas era afixada com uma tira de couro na testa abaixo dos cabelos, perpendicularmente acima do nariz, outra era usada sob a roupa no antebraço esquerdo, também atada mediante um tira, de modo que estivesse na mesma altura do coração e voltada para ele. Os judeus especialmente religiosos usavam essas correias de oração todos os dias, não só nos sábados e festivos. Era prescrição usá-las pelo menos nas orações. Deviam lembrar o portador incessantemente da lei e ser ao mesmo tempo um símbolo de sua disposição de obedecê-la sempre. É por isso que eles contavam com múltipla recompensa por usá-las, neste mundo e no vindouro. Como não havia prescrições de tamanhos específicos para essas correias de oração e cápsulas, os fariseus as confeccionavam com uma largura que chamava a atenção (o termo grego no evangelho na verdade significa "amuletos", pois mais tarde também eram considerados como tais, cf. Lauck, vol. XI, p. 56).

O que Deus havia ordenado nas referidas passagens de Moisés, a saber, atar o mandamento de Deus nas mãos e sobre a testa, para que sempre estivesse presente, obviamente deve ser entendido figuradamente. O mandamento, portanto, seria bem observado numa atitude como, p. ex., a do Sl 119.11,47: "No meu coração conservo as tuas ordens"; "Delicio-me em teus mandamentos" etc.

Entretanto, aquelas palavras produziram o costume de anotar os mandamentos, fechá-los em cápsulas e usá-los atados com correias nas mãos e na testa. Os especialmente religiosos nunca os retiravam. De maneira semelhante as franjas devem recordar os mandamentos de Deus. Quanto às borlas nos mantos, referidas no v. 5, cf. o exposto sobre 9.20 na nota 23 do capítulo 8.

Do Talmude pode-se depreender que corriam uma série de apelidos e expressões sarcásticas que caracterizavam as "poses de oração" desses fariseus: Falava-se de "fariseus de ombros", ou seja, aqueles que carregam suas realizações de oração sobre os ombros, para que todos os pudessem ver e admirar, e dos "fariseus furtivos", i. é, dos que andavam a passos lentos e cerimoniosos, mal erguendo os pés do chão, para expressar a sua *importância*. O "fariseu da compensação" faz a contabilidade de seus cumprimentos da lei em troca de seus pecados. O "fariseu da perda de sangue" não levanta os olhos, a fim de não ver de modo algum uma mulher, e assim bate a cabeça, chegando a sangrar. O "piedoso fanático" vê uma criança lutando contra as ondas, mas até desatar os filactérios para poder ajudá-la, ela já se afogou.

[d] Nos banquetes os lugares eram distribuídos de acordo com a importância. Somente mais tarde passaram a ser designados pela idade. Na sinagoga os escribas costumavam assentar-se entre o povo e o armário da Torá, com o rosto voltado para o povo (sobre a sinagoga, veja o exposto em 13.54ss).

[e] Rabino [mestre], significa originalmente "o grande", e posteriormente passou a ser idêntico a "professor" ou "mestre".

O ataque de Jesus aos fariseus começa com o reconhecimento deles como **professores da lei**, da Torá. O v. 2 não deve ser entendido erroneamente como ironia. Eles se assentam na **cadeira de Moisés** e ocupam esse lugar com razão. Por isso também é preciso entender como de pleno direito que Jesus diz que devemos **fazer o que eles dizem**. O início desse discurso é uma repetição da sua posição diante da lei, agora referida aos fariseus, conforme expôs no sermão do Monte, em 5.17ss, mas que ele já expressou antes por ocasião de seu batismo, em Mt 3.15.

A grande investida de Jesus contra os fariseus inicia com a discrepância entre *ensinar* e *praticar*, e isso num sentido bem específico. O modo de *agir* dos fariseus não contradiz *o seu ensino* numa compreensão corriqueira, p. ex., que eles ensinassem o sétimo mandamento mas eles próprios fossem ladrões. Pelo contrário, eles ensinam os mandamentos como sendo de Deus, porém *praticam-nos perante os olhos das pessoas*. Nesse sentido eles negligenciam o que é mais difícil na lei, porque é relativamente fácil parecer justo perante as pessoas. É difícil ser justo diante de Deus, e mais difícil ainda é a condenação da própria *pessoa*, que acontece na lei, e que temos de reconhecer.

Em relação à **lei**, porém, acontece que, se eu a reconheço, preciso reconhecê-la *integralmente* e praticá-la *integralmente* (Tg 2.10)! No entanto, se eu transgredir somente *um* mandamento, então sei que me tornei culpado de toda a lei. Esta verdade de fato se expressa na doutrina dos fariseus. Por meio desta doutrina eles impõem pesadas cargas às pessoas, mas eles próprios fogem para um

cumprimento formal (correias de oração, borlas, orações em público etc.), de modo que a acusação de Jesus os atinge da mesma maneira como a palavra do profeta Isaías, que Jesus lhes havia citado já em 15.8s. Portanto, Jesus recrimina os fariseus de que, no fundo, *sabem* de sua *condenação* pela lei, o que também expressam em sua doutrina, mas que *ignoram sempre de novo* essa *conseqüência*, *contradizendo-se a si mesmos* (pois do contrário teriam de ser levados a agarrar humildemente a mão de Deus estendida por meio de Jesus).

2. A exortação daí decorrente aos discípulos, 23.8-12

Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre[a], e vós todos sois irmãos.
9 **A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai[b], aquele está no céu.**
10 **Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.**
Mas o maior dentre vós será vosso servo.
Quem a si mesmo se exaltar, será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.

Em relação à tradução

[a] No v. 8 rabino é igualado ao título "professor", enquanto no v. 10 aparece outra palavra para "professor", que provavelmente em breve também se tornou um título na comunidade primitiva, que ainda hoje conhecemos pelo termo "catequista", derivado do grego.

[b] Aqui se nota de modo singular como Mateus traduz do aramaico. "Pai" é a tradução da famosa interpelação "Abba". Professores famosos eram tratados como "Abba". Eles são o "pai", assim como denominam seu aluno de "filho". O nome honorífico "pai" não era usual somente para os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Outras pessoas destacadas também o recebiam. Sobretudo os famosos escribas Shammai e Hillel eram chamados "pais do mundo".

Podemos resumir a exortação dada aos discípulos e, através deles, à comunidade, dizendo que dentro da comunidade não devem vigorar títulos que levem a que quaisquer pessoas se destaquem. Naturalmente também houve cargos na primeira comunidade (1Co 12.28ss), que estavam distribuídos de acordo com os *dons* que cada indivíduo recebeu. Entretanto, essa circunstância não levava à glorificação de *um em detrimento do outro*.

A determinação é que jamais alguém se eleve sobre o outro (apesar de que Paulo talvez tenha de evitar justamente isso na primeira carta aos coríntios). Pelo contrário, as *diferenças somente possuem importância* na medida em que as diferenças entre os diversos membros têm importância para o corpo.

É fato – e isto é admirável e apenas compreensível a partir desta ordem direta de Jesus – que *não existiu na primeira comunidade nenhum dos títulos aqui proibidos*. Apesar de que muito em breve surgiu na comunidade o cargo de *professor*, a comunidade evitou o título **rabino**, que estava à mão. Por trás dessa exortação do Senhor e dessa atitude da comunidade com certeza encontra-se a palavra de Jr 31.34, de acordo com a qual no tempo do Messias *não* haveria mais necessidade de professores, porque o próprio Deus seria o único professor a ensinar a todos. Portanto, a posição de autoridade do professor está sendo *condenada*, porque ela o posicionaria contrariamente à função de Deus como ensinador.

O que no tempo de Jesus ainda era necessário, e a medida de autoridade que ele ainda concede aos fariseus, *isso não existe mais na comunidade cristã*.

De igual modo não pode mais existir o nome **pai** no relacionamento entre pessoas, porque agora todos podem invocar o Pai no céu dizendo "Abba", "que é o verdadeiro Pai de tudo que se chama filho no céu e na terra" (Ef 3.15). Por isso a paternidade natural constitui apenas uma cópia *pálida* da condição de Deus como nosso Pai.

Foi um erro que a igreja, em seu desenvolvimento posterior, reintroduziu em diversos de seus ramos o título de "pai" (não somente no catolicismo o termo "papa" significa pai, mas também é esse o sentido da título clerical *father* na Igreja Anglicana, e na Igreja Ortodoxa o designativo "pope" expressa o mesmo). Por sermos todos "filhos" diante de Deus, a designação "irmão" é a única correta. É surpreendente que Jesus não escolhe a designação "discípulo". Provavelmente já influiu o temor de que esse também poderia tornar-se um *título* que viesse a destacar a primeira geração dos discípulos de Jesus diante dos demais. Porém era exatamente isso que Jesus queria evitar.

O nome **professor** no v. 10 possui um sentido um pouco diferente. Poderíamos traduzi-lo com "dirigente" ou até com "líder", ou **guia** (segundo Schniewind). É a designação para uma posição de mediador. Por isso é compreensível que o Senhor reserve *esta* designação para si próprio, porque ele é o único "caminho" (Jo 14.6) e a única porta ao Pai (Jo 10.7).

Toda a exortação surgiu a partir da nova situação que se criou com a vinda de Jesus, na qual a comunidade cristã, por isso, vive como comunidade singular no mundo todo como a comunidade do Messias. Todas as exortações de nada valeriam se ainda persistisse a antiga ordem, na qual Jesus também atribui aos fariseus uma posição especial. Por meio da sua vinda essa ordem foi liqüidada, motivo pelo qual um não pode mais elevar-se sobre o outro.

Os dois ditos finais são transmitidos em diversas ocasiões (cf. o exposto sobre 20.26! Quanto ao segundo dito, veja 18.4). Tão somente temos de tomar cuidado para que, pela via do **serviço**, não volte a instalar-se a glória própria, que esvazia qualquer serviço pela orgulhosa presunção: *hoc ego feci* – isso fui eu que fiz! Somente é genuíno aquele serviço que de fato acontece totalmente por causa do *outro*. Somente recebe recompensa de Deus aquela ação que não se realiza por causa da recompensa, que não acontece com o menor pensamento por méritos, em que uma mão realmente não sabe o que a outra faz (Mt 6.3). O mesmo vale para a auto-humilhação. Quando ela acontece de forma *intencional*, não representando uma *convicção sincera da própria pequenez diante de Deus*, ela nada mais é que uma forma sutil de auto-exaltação. Precisamente por Jesus condenar o "fariseu *dentro de nós*", temos de nos cuidar para não cairmos no farisaísmo oculto, que se orgulha do próprio serviço e da própria humildade e que secretamente diz para si: Eu lhe agradeço, ó Deus, porque não sou como esse fariseu [cf. Lc 18.11]!

3. As sete condenações, 23.13-33

a. 1ª Condenação

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois, vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando.

[Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso sofrereis juízo muito mais severo.][a]

b. 2ª Condenação

15 **Ai, de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito[b]; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós.**

c. 3ª Condenação

Ai de vós, guias cegos! Que dizeis: Quem jurar[c] pelo santuário; mas se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou.

17 **Insensatos e cegos! Pois, qual é maior: o ouro, ou o santuário que santifica o ouro?**

18 **E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar, fica obrigado pelo que jurou.**

Cegos! Pois, qual é maior: a oferta, ou o altar que santifica a oferta?

20 **Portanto, quem jurar pelo altar, jura por ele e por tudo o que sobre ele está.**

Quem jurar pelo santuário, jura por ele e por aquele que nele habita.

E quem jurar pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado.

d. 4ª Condenação

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque dais o dízimo[d] da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé. Deveis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas.

Guias cegos! Que coais o mosquito e engolis o camelo.

e. 5ª Condenação

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança.

Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo[e].

f. 6ª Condenação

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados[f], que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda imundícia.
Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade.

g. 7ª Condenação

29 **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos,**
30 **e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas.**
Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.
Enchei-vos, pois, à medida de vossos pais.
Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?

Em relação à tradução

[a] O v. 14 penetrou aqui em alguns manuscritos a partir dos paralelos de Mc 12.40 e Lc 20.47, assim como no grego *coiné*, de que Lutero [e Almeida] dispunha ao traduzir. É por isso que encontramos esse versículo em nossas Bíblias. Admitamos, pois, que ele não estava aqui originalmente, por faltar em manuscritos importantes. Por isso é que podemos falar de sete condenações.

[b] *Fazer prosélitos:* Um prosélito é alguém que não é judeu que passou para a fé judaica e foi aceito na comunidade cultual judaica. Isso se dava pela execução da circuncisão e pelo batismo. Como o judaísmo, não obstante as tendências universalizantes que se manifestaram sobretudo na tempo dos macabeus, permanecesse vinculado a uma nação, a posição dos prosélitos *nunca foi inequívoca*. O prosélito sempre foi um judeu de *segunda classe*. Apesar disso, desde o tempo dos macabeus e do surgimento de uma diáspora judaica maior, o missionário dos judeus era muito intenso. O sucesso mais significativo da propaganda judaica foi a conversão de uma dinastia assíria, a saber, a do rei Isates de Adiabene e sua mãe Helena, que até se envolveu ativamente no levante judaico que resultou na destruição de Jerusalém no ano 70, ou seja, deve ter sido simpatizante dos zelotes. Para a missão cristã a missão anterior dos judeus foi importante, porque Paulo podia recorrer em todo lugar à comunidade judaica e aos círculos de prosélitos ligados a ela. Em muitos casos no início as comunidades eram constituídas de prosélitos.

[c] A prática de *juramento* dos fariseus: O esforço de não citar o *nome de Deus* trouxe consigo que as pessoas juravam em nome do *templo* ou do *altar*. A menção do templo ou do altar, porém, tinha de expressar que a pessoa estava se referindo a Deus quando citava a sua propriedade. É aqui que inicia o casuísmo, ao se diferenciar que, citando o ouro do templo, se estaria mencionando em grau maior a propriedade de Deus, porque esse ouro fora consagrado a Deus. Assim também a oferta sobre o altar estaria mais fortemente relacionada com Deus do que a construção do altar. Por isso um rabino podia liberar uma pessoa de um juramento em que a invocação de Deus não estivesse inequivocamente evidente.

[d] *O dízimo:* De acordo com a Torá, o dízimo de todos os produtos do campo e do gado era santo. Em relação à sua utilização, porém, as determinações divergiam. Segundo Nm 18.20-32 e Ne 10.38, ele tinha de ser ofertado, segundo Dt 14.22ss devia ser comido num local sagrado, e dado aos levitas e necessitados somente a cada três anos. Para outras determinações, cf. Lv 27.31ss e Tob 1.7ss.

No empenho de cumprir a lei com a máxima exatidão, obedeciam-se todas as determinações, de modo que, p. ex., um judeu consciencioso tirava a cada terceiro ano o dízimo de suas receitas, não apenas do cereal, mas do menor tempero de cozinha. O dízimo era estendido àqueles produtos de plantas que crescem por si, sem nenhuma contribuição do homem, e nem sequer servem à alimentação, quando muito para temperá-la. Contrariamente, passavam sem escrúpulos por cima dos mandamentos que são mais importantes pelo conteúdo, mas mais difíceis de cumprir. Ambos os sentidos estão contidos no termo grego, traduzido aqui no v. 23 como *importantes*. Jesus não quer criticar essa exatidão na observância da lei cerimonial como tal, enquanto a aliança ainda persiste de direito. Contudo, constitui uma prioridade invertida conceder maior importância a *essas leis* que aos mandamentos éticos fundamentais. Naturalmente, os fariseus não possuíam mais nenhuma sensibilidade para a ordem correta das prioridades. Não há local em que isso se evidencia melhor que nas suas prescrições sobre a pureza e impureza dos utensílios (Lauck, p. 58).

[e] Preceitos de *purificação:* Os preceitos de purificação a que Jesus se refere eram muito brandos originalmente e sobretudo sensatos. Estavam limitados a *manter-se puro* diante de animais impuros; às parturientes, que eram tidas como impuras por algum tempo; e à lepra (cf. Lv 11–15). Outras prescrições de pureza referiam-se aos sacerdotes e aos utensílios do templo. Portanto, as prescrições das lavagens no

começo eram obrigatórias somente para os sacerdotes, e a limpeza dos utensílios valia inicialmente apenas para as vasilhas *sagradas* e tinham o objetivo de preservar o *korbã*, i. é, aquilo *que pertence a Deus*.

Há um tratado inteiro da Mixná que descreve quais são as partes do lado externo de uma vasilha de madeira, de bronze ou de cerâmica que podem tornar-se impuras e quais não, ou quando uma vasilha pode ser declarada novamente como limpa e quando não, e que tipo de impureza isso é de caso para caso etc. Quem tenta estudar esse tratado e orientar-se nesse emaranhado casuísta funde a cabeça.

Contudo, não atormentava os fariseus que o interior da vasilha estivesse impuro por estar cheio de alimentos adquiridos de forma injusta ou que servem ao desfrute desmedido (Lauck).

[f] *Os sepulcros caiados:* Não apenas o ato de tocar o morto, mas também o solo que encobria ossadas de mortos maculava a pessoa. Por isso, para prevenir-se do contato com as sepulturas existentes em toda a parte, costumava-se pintá-las de *branco*. Ou seja, a cor clara era justamente o *sinal de alerta*, assim como o chocalho dos leprosos. O costume era pintar as sepulturas todo ano antes da Páscoa com cal bem branco, para que ninguém que peregrinasse para a festa adquirisse uma impureza, que poderia ser afastada apenas através de longos cerimoniais. Essa é a razão por que as sepulturas judaicas ainda hoje, quando descuidadas e cheias de hera, são realmente um local de morte.

Em oposição a isso, iniciou no tempo dos macabeus um culto às sepulturas dos mártires e profetas, o que, por um lado, levou a construções luxuosas sobre elas, e por outro, também à proliferação de lendas sobre o destino dos mártires, sobretudo do tempo dos macabeus.

As passagens do Talmude e outros escritos do judaísmo tardio comprovam que Jesus não está exagerando na caracterização dos fariseus.

Assim, pois, não tardará o castigo de Deus para os fariseus e a nação desgovernada por eles. É verdade que muitas pessoas fiéis se esforçam por construir estátuas para os profetas assassinados pelos seus pais. Contudo, através das palavras falsas que pronunciam nessa atividade, apenas atestam para si próprios que em suas veias também corre sangue assassino. É por isso que não conseguem agir diferente do que dar continuidade e concluir as transgressões praticadas pelos seus pais. Com extrema revolta e para expressar a impossibilidade de corrigi-los, Jesus praticamente os desafia: "Completai a medida dos vossos pais". Porque não há mais como salvá-los, as realizações salvadoras de Deus apenas servem para acelerar o juízo sobre eles. Eles completarão a medida de seus pais justamente assassinando os últimos mensageiros de salvação enviados pelo próprio Jesus (cf. Lauck, p. 59).

A linha que interliga esses versículos é a acusação da *hipocrisia*, repetida em cada um dos sete **ais**.

Por isso compreenderemos a incriminação do farisaísmo de forma correta somente se soubermos o que essa palavra quer dizer. Com a palavra **hipocrisia**, como ademais com qualquer tradução, reproduzimos apenas de modo *incompleto* a palavra original. Em Mc 12.15 e Lc 12.1 Jesus define a hipocrisia como a natureza dos fariseus. Quando ele, no sermão do Monte, se refere aos hipócritas como o exemplo negativo que repugna, não estaremos errando se entendermos que ele está falando dos *fariseus*. Em Mt 7.5 e 24.51 a palavra aparece no contexto de uma parábola. Em Mt 15.7; 22.18, bem como aqui, Jesus trata os fariseus diretamente como *hipócritas*. Apenas em Lucas são endereçados assim o *povo*, em 12.56, e um *chefe de sinagoga*, em 13.15. Contudo, mesmo nestes textos os fariseus estão sendo visados como típicos representantes do povo e de sua religiosidade.

Portanto, podemos afirmar em primeiro lugar que, sob hipocrisia, Jesus entende a *religiosidade judaica*, atingindo-a e condenando-a por meio dessa caracterização.

A acusação, porém, não descreve o que nós geralmente entendemos por hipocrisia: "*aparentar*" *fazer algo que não se faz*, ou "*fingir*" *ser algo que não se é*.

Por exemplo, o fingimento dos fariseus na parábola não é que ele se gaba diante de Deus com realizações (Lc 18.9ss) que ele nem tenha realizado. Sempre de novo deparamos com palavras em que Jesus reconhece que há uma diferença entre fariseus e publicanos e pecadores, como entre fortes e doentes (Mt 9.12), entre as ovelhas que não se afastaram e a ovelha perdida (Lc 15.4). Jesus, com toda a seriedade, chama os fariseus de **justos** (Mt 9.13; Lc 15.7). Não obstante, num sentido mais profundo, reside neles *hipocrisia*, contradição consigo mesmos. A justiça tem um *limite*. É o *auto-engano*, quando o fariseu pensa que pode persistir diante de Deus com as suas obras. Não há alegria no céu pela sua justiça (Lc 15.7), e o fariseu o sabe, embora se engane ou tente se enganar a respeito desse fato. Isso já foi expresso na primeira parte do discurso, quando Jesus criticou a obediência aos mandamentos por meio de atos exteriores, que produzem somente a honra própria, mas não mais tinham em vista a vontade de Deus (v. 5s). A acusação se repete no quarto ai. Ele trata da *contradição* entre anunciar a vontade de Deus e uma *fuga diante do seu cumprimento autêntico*, ou diante do reconhecimento de que se fracassa quando se cumpre realizações exteriores. – Os fariseus

reconhecem o mais importante na lei (v. 23), porém o *contornam* cumprindo as *mínimas* prescrições detalhadas e tentando encobrir, desse modo, que fracassam redondamente perante a lei, e que por isso dependem da graça de Deus. Torna-se claro em que direção aponta o ataque de Jesus: é o fato de que ele traz a graça de Deus, mas os fariseus a rejeitam por se enganar a si mesmos com sua hipocrisia.

A partir dessa visão, não é mais difícil entender cada palavra isoladamente. Pelo fato de os fariseus viverem nessa contradição em si mesmos, fechando para si o acesso ao reino dos céus trazido por Jesus, também **impedem** de entrar *aqueles* que gostariam e os seguem como discípulos (v. 13). Pela mesma razão, sua missão, que realizam com tanto empenho, deve levar à perdição dos prosélitos, contra a sua vontade (v. 15).

Na *terceira exclamação de ai* Jesus desmascara a contradição própria que se torna visível no casuísmo farisaico, com o qual tentam escapar da implacabilidade da lei. Com essa palavras Jesus naturalmente não revoga sua rejeição fundamental do **juramento**. Continua válido que um sim seja um sim, e um não seja um não. Continua válido que todas as tentativas de não citar o nome de Deus erram o alvo (Mt 5.33-37). Na presente passagem, Jesus se torna mais claro, em comparação com o sermão do Monte. Quem jura, precisa saber o que faz. Todas as tentativas de torná-lo menos comprometedor têm de fracassar, porque ignoram a seriedade do juramento. Justamente por levar muito a sério que, em respeito ao segundo mandamento, os judeus temem usar o nome de Deus, Jesus condena o juramento. Por outro lado, ele precisa rejeitar tanto mais todas as tentativas de esquivar-se da seriedade de um tal juramento.

O quarto e quinto ais estão ligados entre si. Em ambos os casos condena-se a tentativa farisaica de cumprir a lei obedecendo às suas exigências formais, p. ex., levando o mandamento do **dízimo** tão a sério que se ultrapassa a medida estabelecida na lei. Jesus não critica o esforço, pois novamente reconhece a sua seriedade, mas revela ao mesmo tempo como exatamente dessa forma se faz a tentativa de fugir da exigência *central* da lei. Jesus reproduz a exigência central no exato sentido do AT. Já em Am 5.24 foram anunciados direito e **justiça**. No sermão do Monte Jesus declara felizes aqueles que têm fome de justiça [Mt 5.6]. O direito com certeza também significa condenação do mal, mas primeiramente é algo pertinente a Deus e que se realiza nas *ações* das pessoas, quando a própria pessoa pertence a Deus. Do mesmo modo, a **misericórdia** é em primeiro lugar uma propriedade de Deus, e somente a partir daí torna-se, nas pessoas posicionadas sob Deus, uma *ação* da pessoa que tem compaixão do seu próximo. Enfim, a **fé** por sua vez também é uma atitude que se comprova na fidelidade (essa também poderia ser uma forma de traduzir o termo grego) diante do mandamento de Deus, porém a fé demonstra essa fidelidade "do fundo do coração" (Lutero), e não pela mera ação formal. O resumo da lei dado por Jesus está de conformidade com o que em Mq 6.8 é chamado de exigência de Deus. A lei cerimonial devia ser uma auxiliar para viabilizar esse cumprimento da lei a partir do *íntimo*, a partir de uma concordância interior com ela. Mas quando torna-se um *fim em si mesma*, ela realiza o contrário (cf. o sermão do Monte).

Através de um provérbio é mostrado o contra-senso da prática farisaica. Era costume **coar** bebidas por meio de um pano, a fim de não engolir por engano uma mosquinha. Como é grotesca essa ação, e inversamente **engolir** sem preocupação "grandes animais"!

Nas quinta e sexta exclamações de ai, Jesus desmascara o contra-senso entre observar formalmente com rigor as prescrições cerimoniais e a perversão interior, da qual participam também os fariseus, com ganância e adultério. É a mesma contradição de serem mantidos **limpos** por fora os utensílios do culto, mas conterem um vinho que é **fruto de roubo**. Em decorrência, os fariseus com sua justiça exterior se equiparam a **sepulturas** cujo aspecto bonito constitui precisamente um alerta contra seu conteúdo pernicioso.

O último ai é o mais agudo. Ele desvela a contradição própria dos fariseus assim como ela se mostra precisamente na sua atitude diante de Jesus. Enquanto os fariseus praticam um ostensivo culto aos mártires e **profetas**, querendo desse modo justificar-se e purificar-se do fato de que corre sangue assassino em suas veias (Klostermann), realizam exatamente o que os profetas condenaram, e por conseqüência se voltarão contra aquele que foi enviado por Deus depois dos profetas com uma missão idêntica. Portanto, andarão nas pegadas de seus antepassados apesar de todo o culto aos mártires. Este, assim, se evidencia novamente como mera formalidade exterior. Completarão a medida de seus **pais** pregando Jesus na cruz.

Todas as condenações são unificadas naquilo que Jesus expressou nessa última. Jesus pode caracterizar os fariseus de modo tão arrasador porque tudo o que os caracteriza se manifesta de forma

mais contundente na sua atitude diante dele. Pela razão de Jesus inaugurar o reino dos céus, de na sua pessoa esse reino estar presente entre eles, por isso, e somente por isso, é um pecado capital trancar esse reino para si e para os outros. Pelo fato de Jesus trazer a graça imerecida de Deus, não apenas é tolice persistir na atitude de se autocontradizer, mas a hipocrisia também é elevada ao cúmulo quando essa falsa justiça própria é colocada acima da que foi dada por meio de Jesus Cristo.

4. Duas palavras de conclusão, 23.34-39

(Lc 20.45-47; 13.34s)

Por isso eis que eu vos envio profetas, sábios e *escribas*. A uns matareis e crucificareis, a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade;
para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra[a], desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.
36 **Em verdade vos digo que todas estas cousas hão de vir sobre a presente geração.**
***Jerusalém*, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!**
Eis que a vossa casa vos ficará deserta.
Declaro-vos, pois que desde agora já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!

Em relação à tradução

[a] *Derramado sobre a terra:* Talvez fosse melhor traduzir: "que foi derramado na terra", porque, segundo uma antiga opinião, era uma transgressão deixar correr o sangue por sobre a terra (assim informa Klostermann). Por outro lado, a citação dos primeiros assassinados "sobre a terra" faz com que pareça bem mais provável que está sendo referida a totalidade dos que foram mortos "sobre a terra" por causa de sua fé ou da missão divina que os ocupava.

Zacarias filho de Baraquias: Enquanto Abel era honrado em geral como o primeiro assassinado, não está muito claro a quem se refere essa indicação de Zacarias. Provavelmente é o Zacarias de 2Cr 24, que morreu com as palavras: "O Senhor o veja e peça contas!" (v. 22). No caso dele também confere que ele foi apedrejado no santuário, que assegurava direitos de asilo. Esse fato parece-nos ser de maior peso que a diferença relativa de que "entre templo e altar" não coincide exatamente com a definição do local em 2Cr: "No átrio da casa de Iavé". Em ambos os casos está sendo mencionado o recinto sagrado (concordando com Schniewind, contra Klostermann). É verdade que esse Zacarias se chama "filho de Joiada". Porém, devemos supor que em Mateus penetrou o cognome do profeta Zacarias. O evangelho apócrifo aos Hebreus corrigiu conseqüentemente. Na igreja antiga se pensava que o Zacarias citado em 2Cr fosse portador de dois sobrenomes.

Evidentemente, Jesus usa a primeira palavra (possivelmente também a segunda) como citação conhecida dos fariseus. De acordo com Lucas, trata-se de uma citação de um dos escritos de sabedoria, dos quais conhecemos, p. ex., entre os livros deuterocanônicos do AT, a Sabedoria de Salomão, e dos quais existiam vários. A primeira palavra também pode ser identificada ainda como citação, pelo termo introdutório: "Por isso". Referindo uma citação dessas de um escrito desconhecido para nós, Jesus a torna uma *palavra de Deus*, concede-lhe a autoridade de algo pronunciado com autorização de Deus. Por meio dela está afirmando que o povo judeu sofrerá a vingança por todos os delitos que esse povo, na orgulhosa teimosia por sua filiação abraâmica, cometeu contra o povo de Deus *oculto*, contra o verdadeiro Israel. Como sentença condenatória sobre esse povo, ele afirma o que as pessoas clamaram sobre si com arrogância perante o tribunal de Pilatos: "Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos" (27.25). Ao citar aqui essa palavra, ele também está querendo afirmar que a atitude dos fariseus em relação a ele está na mesma linha desse grito! Sim, a linha de **Abel a Zacarias**, passando por este, chega ao ápice em Jesus. Até Zacarias ainda era provisória a decisão contra a palavra de Deus presente, uma decisão que sempre de novo se manifestou na atitude do povo diante dos profetas. Na decisão contra Jesus ela se torna definitiva. Mais uma vez, como tantas outras, repercute agora a parábola dos maus arrendatários da vinha.

Uma pergunta é o que Jesus entendeu com a palavra **geração**. Nos textos em que Jesus se refere com ela inequivocamente à totalidade do povo judeu (16.4; 17.17), Lutero a traduziu como

"espécie", mas também em outras passagens a palavra deve ser entendida nesse sentido (p. ex., 12.41s; Mc 8.38). Na presente passagem e em 24.34 prefere-se entendê-la como "geração", de modo que a frase toda adquire o sentido de anúncio do juízo final iminente a curto prazo. O fato de que esse juízo final ainda não chegou não deve nos predispor contra uma tal compreensão. Pelo contrário, a partir daí temos de considerar com toda a seriedade o juízo executado sobre Israel (que caiu sobre o povo quando foi dissolvida sua existência enquanto nação). Com certeza Jesus considerou esse juízo algo definitivo. De agora em diante estava terminada a prerrogativa de Israel segundo a carne. A sentença que esse povo pronunciou contra si próprio ao condenar Jesus foi executada no ano 70, quando da destruição do templo. Assim, é certo que Jesus tinha em mente o futuro imediato quando pronunciou essa palavra.

Mais uma vez, Jesus diz que a destruição de **Jerusalém** será a execução da sentença que incide sobre o povo, vendo nesse julgamento o juízo definitivo de Deus. Não obstante, *o último versículo*, que prenuncia que o povo **não verá mais** Jesus, que ele veio pela última vez "com glória e doce luz", e que uma segunda vinda não será mais para convidar, mas para condenar, *é justamente para nós mais decisivo*.

O destino do povo judeu sempre de novo constituiu um sinal de advertência para a comunidade cristã. Ele adverte que diante de Jesus existe uma decisão definitiva, que existe um "tarde demais". Isso se tornou visível no povo judeu, mas vale para todos e torna insistente o convite: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração!" (Sl 95.7s; Hb 3.7s).

É comovente como Schlatter descreveu esses últimos versículos do cap. 23: "Também Jesus a chamou de cidade do grande rei. Contudo, ela precisa receber ainda outro nome: assassina dos profetas. Com resistência teimosa, ela afasta a todos que vêm a ela com uma incumbência divina. Jesus diz que investiu muito amor nessa cidade e se esforçou muitas vezes para reunir seus filhos junto dele. Ele poderia ter sido a proteção deles contra culpa e juízo e lhes teria trazido a paz. Porém ele não pode mudar à força a sua vontade obstinada, antes está amarrado à regra da justiça divina, que preserva a vontade da pessoa.

"Jesus, porém, lhes está sendo tirado. O Pai lhes oculta o Filho. Vivenciaram em vão que ele estava no meio deles e os chamou a si com sua grande bondade.

"Apesar disso, o discurso termina com o louvor a Deus, com o reconhecimento do Cristo e sua unificação com sua comunidade. Nada disso diminui a seriedade do juízo. À raça de víboras não foi prometido que ela ainda o louvará. Contudo, quando ele *retornar*, reunirá todos junto de si, e então não faltará um *Israel* que o adora. Seus inimigos devem saber que, apesar de tudo, são impotentes. Não exterminarão o seu nome, assim como tampouco o enviarão para sempre à morte. Mesmo que agora se torne invisível, o alvo do governo divino é que *também de Israel* estará reunida uma comunidade junto dele, que o honra como seu Senhor (Rm 9–11)" (Schlatter, p. 349s).

Chegou ao fim o sério cap. 23. Passaram as ameaças de juízo de Jesus contra os líderes de Israel. Os sete ais sobre os fariseus anunciam assustadoramente, como sete soturnos trovões, a tempestade próxima do juízo. A separação é definitiva.

Soa terrível a última frase: "Jesus saiu do templo e se retirou" (Mt 24.1).

"Impõe-se a pergunta: Como era possível que se formasse essa oposição? Afinal, no início o farisaísmo queria o bem. No tempo do exílio babilônico pessoas sinceras se haviam reunido com a vontade e decisão de levar a sério a lei do Senhor após o retorno para Jerusalém, evitando qualquer mistura com o mundo pagão e a forma de pensar dos pagãos, e separando-se de tudo o que *não* fosse condizente com a vontade de Deus. Por isso eram chamados "os separados", os *perushim*, os fariseus. No entanto, a evolução posterior tornou-se um desenvolvimento falho, em duas direções.

"Por um lado *absolutizaram* a letra da lei e caíram num legalismo de mera obediência formal da lei, negligenciando uma ética verdadeira de disposição interior e atitude do coração.

"Por outro, tornavam-se presunçosos por causa dessa sua fidelidade à lei, de modo que não buscavam mais a Deus, mas a si próprios. A prática exterior da religiosidade e a busca espiritual egoísta em lugar de buscar a Deus transformou nos fariseus a verdadeira religiosidade no seu contrário, num faz-de-conta, e conseqüentemente em hipocrisia. A palavra de Deus na lei veio a ser, por meio deles, uma caricatura. Deformou-se a magnitude e santidade da lei de Deus. Com isso não se glorifica, mas se desonra a Deus. Deus foi substituído pelo ser humano egoísta. Religiosidade, que deveria ser *serviço a Deus*, foi rebaixada para servir às pessoas. Isso significa deterioração dos valores, destruição da ordem determinada por Deus. E tudo isso acontece sob a máscara da santidade

e da alegação de que Deus o está apoiando. Daí a agudeza implacável e o *desmascaramento* impiedoso nas palavras de Jesus. Fingimento é a grande tentação dos que vivem profissionalmente na religião. É esse o perigo inerente ao falar da santidade, mas de não *vivê-la*. Constitui aparência religiosa, e desse modo falsificação da palavra e da natureza de Deus. O Filho de Deus, que é o reflexo e o clarear da essência divina em figura humana – *imago dei invisibilis* (Cl 1.15) – precisa falar e lutar com a maior radicalidade imaginável contra isso. Ele veio para glorificar a Deus, e por isso precisa desmascarar impiedosamente a todos que tiram a honra de Deus e procuram a sua própria glorificação. Nas sete exclamações de ais não apenas repercute a revolta de uma consciência honesta e de uma santa indignação, que revela a farsa da aparência e arranca a máscara do rosto da mentira, mas vibra nelas o zelo para honrar o Pai. Arde em Jesus o amor a Deus e a vontade de fazer reluzir a honra de Deus. Dizendo não ao disfarce, derrubando poderosamente templos e imagens de ídolos falsos, ele nos permite sentir que sua decisão é levantar o santuário de Deus e dar ao Senhor a glória que lhe compete" (cf. Gutzwiller, p. 282s).

XXX. AS AMEAÇAS DE JUÍZO SOBRE JERUSALÉM, O MUNDO E A COMUNIDADE, 24.1–25.46

(Mc 13.1-37; Lc 21.5-36)

Observação preliminar

Após a palavra de juízo contra os *fariseus* segue agora o anúncio de juízo sobre *Jerusalém*, o *mundo* e a *comunidade*. Estas palavras de juízo Jesus dirige aos discípulos, motivo pelo qual foram ditas em confiança, num círculo de amigos.

1. A preparação, 24.1-3

Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo.
Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada.
No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas cousas, e que sinal haverá da tua vinda (ou melhor, da volta) e da consumação (= do fim) do século.

Jesus **retira-se** do **templo** e sai com os discípulos até o monte das Oliveiras. De agora em diante não entrará mais nele. Tudo transcorre como realização de uma *visão do profeta Ezequiel*. Ele vê como a glória do Senhor abandona a cidade de Jerusalém e o templo, mais precisamente em direção do monte das Oliveiras [Ez 8.4-6]. Essa visão de Ezequiel cumpre-se agora na história. O Senhor se afasta do templo, de Jerusalém, subindo o monte das Oliveiras de maneira *exteriormente despercebida*. Não obstante, é a *glória* do Senhor que se retira do templo, deixando-o atrás de si vazio e sem importância.

Após ter chegado ao **monte das Oliveiras**, o Senhor lançou mais um último olhar sobre a pobre Jerusalém. Era como se não pudesse seguir adiante, como se lhe fosse impossível prosseguir além do topo do monte. Sentou-se na encosta daquele lado, de frente para o templo. Talvez o sol esteja se pondo, talvez já tenha desaparecido. Assim estava ele, sentado ali ao entardecer, o olhar preso à cidade amada, ao templo tantas vezes saudado e bendito, ao local sagrado que lhe fora o mais caro do mundo, mas que agora via encaminhar-se para o juízo. Esses sentimentos o moviam naquele momento. *Dessa maneira* ele se tornou o grande vidente dos juízos futuros de Deus. Mas essa previsão ele queria deixar, nos traços essenciais, como legado à sua *comunidade*.

Diante da cidade sagrada e do templo, sobre os quais caía a noite, ele queria transmitir aos seus discípulos as linhas principais dos juízos vindouros. É nesse instante que ele pronuncia a grande palavra: **Aqui não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído**.

Consternados e amedrontados os discípulos o perguntam: **Quando isso acontecerá, e qual será o sinal desses acontecimentos?**

A resposta do Senhor dá clareza à indagação dos discípulos. Inicialmente ele descreve os acontecimentos gerais que precedem a destruição de Jerusalém (a saber, a perseguição da

comunidade). A seguir ele relata a própria destruição de Jerusalém e, finalmente, fala do fim do mundo.

2. Os sinais do futuro próximo e longínquo, 24.4-14

4 **E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane.**
Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo (que está retornando), e enganarão a muitos.
E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim.
Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares;
porém, tudo isto é o princípio das dores.
9 **Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.**
10 **Neste tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros.**
Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.
E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor se esfriará de quase todos.
Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.
E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

A resposta de Jesus começa alertando contra *seduções* dos discípulos por meio de acontecimentos que *parecem* indicar a proximidade do fim. Contudo, o verdadeiro fim ainda não terá chegado. Todos esses **sinais** serão apenas precursores do juízo vindouro. A história de fato conhece uma série de acontecimentos terríveis ocorridos *antes* da ruína de Israel, porque os levantes, os abalos, as carestias e epidemias, que Jesus aponta aqui, de modo algum foram tão insignificantes antes da destruição de Jerusalém. Podemos pensar nos banhos de sangue em Cesaréia, entre sírios e judeus, quando morreram 20.000 judeus, enquanto na Síria quase cada cidade estava dividida em dois **exércitos** que se antagonizavam como inimigos de morte. Pensemos também na rápida sucessão de cinco imperadores em Roma, Nero, Galba, Otto, Vitélio Vespasiano, e nos distúrbios relacionados com ela nos círculos mais próximos quanto nos mais distantes. Lembremos a **fome** sob Cláudio (At 11.30) no ano 46, bem como os **terremotos** do tempo de Nero, na Campanha e na Ásia Menor, quando cidades inteiras submergiram, especificamente Laodicéia e Hierápolis.

No ano 63 Pompéia foi destruída por um terremoto. No ano 64 a metade de Roma, cidade de um milhão de habitantes, foi reduzida a cinzas. Para aquela época é característica a frase de Tácito: "Começo a obra de escrever sobre uma época que é rica em tragédias, sangrenta por causa de batalhas, dilacerada por revoltas".

Portanto, as afirmações de Jesus se cumpriram – e se realizarão sempre de novo, quando novas condenações assolarão a terra. Sempre se levantarão **falsos profetas** e **falsos messias** para **iludir** as pessoas com uma série de palavras e promessas grandiosas, para projetar "paraísos" por meio de programas e atos magníficos de poder. As massas serão arrastadas de um sucesso a outro. O ódio contra a comunidade de Jesus será reacendido, a **incredulidade se intensificará** e **o amor esfriará em muitos**. O egoísmo celebrará triunfos, um após o outro! Nessa situação vale para a comunidade a instrução de "perseverar e esperar". Fé que persevera é fé máxima. Em Ap 13.10 lemos: "É hora de perseverança (permanecer por baixo, suportar) e fé dos santos". **Quem, porém, perseverar até o fim, será salvo**. Não é a largada, mas a chegada que coroa a corrida do cristão. Até a chegada cabe-lhe perseverar, permanecer firme. Não até o fim do mundo, mas até o fim em que o Senhor buscará os seus para junto de si, talvez por ocasião do martírio, no sacrifício da vida, ou talvez quando ele voltar.

Estes acontecimentos, que ocorreram pela primeira vez antes da ruína de Jerusalém, hão de se repetir sem cessar na história. É verdade que a história não registra expressamente nos tempos depois de Jesus que tenham surgido falsos messias, que se apresentaram em nome próprio como o Messias ou o Jesus retornado do céu. Contudo, nas tentativas de aliciamento, de pessoas como Jônatas, Teudas, Dositéu, Simão, Menandro e outros, já se encontrava embrionariamente aquele engano que mais tarde se apresentou de modo mais decidido na forma de um messianismo falso.

Quanto mais próximo chegar o fim da história, porém, a arte de iludir e confundir dos falsos profetas aumentará de forma assustadora. O poder da mentira, a crueldade, a incredulidade, isso tudo se alastrará cada vez mais com seu horror diabólico e assumirá o controle até chegar ao último clímax, um pouco antes do julgamento do mundo. Todavia, como Mc 13.10 acentua especialmente, **primeiro** será anunciado **o evangelho do reino** no **mundo inteiro**, como **testemunho a todos os povos**. Será um testemunho em que se crê ou que se contradiz. – **Somente depois virá o fim**.

3. O juízo sobre Jerusalém, 24.15-22

Quando, pois, virdes o abominável da desolação (= profanação) de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda),
então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes.
Quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma cousa.
18 **E quem estiver no campo, não volte atrás para buscar a sua capa.**
Ai das que estiverem grávidas, e das que amamentarem naqueles dias!
20 **Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado.**
Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio até agora não tem havido, e nem haverá jamais.
Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo. Mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados.

Observação preliminar

Exatamente quarenta anos depois de Jesus ter dito estas palavras, numa festa de Páscoa, Tito se acampou com suas tropas diante de Jerusalém e começou a sitiá-la. O cerco durou cinco meses. Foi um tempo terrível para a cidade. Por causa da festa da Páscoa ela estava repleta de gente. Os dois partidos principais, que deveriam defender Jerusalém contra Roma, inicialmente estavam desunidos entre si. Encontravam-se numa constante guerra interna, transformando a cidade seguidamente num campo de batalha, até poucos dias antes do início do sítio. Nisso cometeram a extrema tolice de incendiar os enormes estoques de cereais que havia na cidade, a fim de impedir que o outro partido as possuísse. Não consideraram que desse modo eles próprios se privavam dos meios para a defesa. As lutas partidárias continuaram enquanto os romanos já estavam acampados diante dos portões da cidade. Na festa pascal aconteceu novamente uma chacina no interior da cidade. O partido de Eleazar abrira as portas do pátio interno do templo para os visitantes da festa. Os líderes do outro partido aproveitaram a oportunidade para infiltrar seus homens com armas escondidas e promover o assassinato inesperado de Eleazar e seus adeptos.

Somente quando os aríetes dos romanos começaram a arremeter contra os portões da cidade a guerra interna parou. Após 14 dias de trabalho, um dos enormes aríetes conseguiu abrir uma brecha no muro. Os romanos penetraram e se apoderaram do primeiro muro.

Então começou a luta mais encarniçada pelo segundo muro. Na cidade alastrou-se a fome. Quem por isso tentava fugir da cidade era capturado pelos romanos e *crucificado* perante a cidade, podendo ser visto de longe. Várias centenas dessas cruzes se erguiam diante da cidade.

O flagelo da fome aumentava cada vez mais, as lutas tornavam-se cada vez mais terríveis e ferozes. A raiva dos romanos diante da teimosia dos judeus não tinha limites. Estes ainda não queriam saber nada de rendição. Finalmente os muros e o monte do templo foram tomados de assalto. Quando os portões estavam totalmente queimados, Tito realizou um conselho de guerra, no qual foi decidido poupar o templo. Quando, porém, no dia seguinte os judeus realizaram dois ataques rápidos a partir do pátio interno do templo, sendo rechaçados, no segundo ataque, até o interior do pátio interno pelos soldados ocupados em apagar o incêndio da galeria de colunas, um soldado lançou uma tocha pelo telhado que caiu no vestiário dos sacerdotes. Quando isso foi noticiado a Tito, ele chegou às pressas, seguido dos generais e das legiões. Tito deu ordens para apagar o fogo. Contudo, na batalha desesperada que se desencadeou, suas ordens não foram ouvidas, e o fogo se alastrou. O futuro imperador ainda tinha esperança de salvar pelo menos o interior da construção do templo, repetindo as ordens para apagar o fogo. Contudo, a raiva dos soldados fez com que não escutassem mais o seu comando. Em vez de apagar, iniciaram novos focos de incêndio. Todo o magnífico prédio do templo tornou-se, sem chance de salvação, vítima das chamas.

Assim foi cumprida literalmente a profecia de Jesus em Lc 21.6: "Do que contemplais, dias virão em que **não restará pedra sobre pedra**; tudo será destruído".

Deve ter sido arrasador: o lamento dos judeus, o grito de triunfo dos vitoriosos, o crepitar das chamas, às quais em pouco tempo sucumbiu a cidade inteira, e o sangue humano escorrendo pelos degraus do templo. Os judeus, que haviam esperado até o fim pela ajuda do alto, pela vinda do Messias, perderam o ânimo. O mais

terrível para eles, porém, foi que com Jerusalém e o templo ruiu plena e totalmente o fundamento de sua fé e esperança mal conduzidas.

Não restou pedra sobre pedra. O templo e a cidade jaziam em ruínas fumegantes. Somente a forte muralha fundamental do terraço do templo com seus blocos enormes resistiu à destruição, e da grande e maravilhosa cidade Tito deixou incólume somente três grandes torres, que tinham os nomes Hippicus, Mariamne e Fasael. Em redor tudo o mais era cinzas, nada mais que cinzas e entulhos. As três torres foram mantidas como proteção para a guarnição que os romanos deixaram. Uma parte da muralha Tito também deixou de pé, como monumento à anterior inexpugnabilidade da cidade (provavelmente esse resto de muralha é o que atualmente se chama de "muro das Lamentações"). Das três torres deixadas de pé, que eram do palácio de Herodes, conservou-se até hoje uma, a assim chamada "torre de Davi".

Durante o demorado cerco aproximadamente um milhão de pessoas perderam a vida. Quem caía nas mãos dos romanos e não era abatido por armas, foi vendido à escravidão. Essa era a sorte de todos os prisioneiros na Antigüidade. Por isso milhares deles foram levados às minas e pedreiras do Egito, outros milhares foram comprados pelos mercadores de escravos a preços irrisórios, e lotaram os mercados com escravos judeus. Os vencedores distribuíram outros milhares entre si e os presentearam a amigos. Os jovens e homens mais belos e mais fortes já haviam sido separados anteriormente para as lutas com animais, para os jogos de gladiadores e para a marcha triunfal do Imperador. Desse modo, 900.000 filhos e filhas de Sião tornaram-se testemunhas no mundo inteiro do aniquilamento do reino judeu e da nação judaica. Em todas as cidades que Tito visitou quando retornava para Roma foram festejadas grandiosas festas de vitória, nas quais centenas de jovens judeus tinham de lutar entre si e contra animais ferozes até morrer. À frente de seu carro de vitória em Roma, porém, marcharam 700 belos jovens algemados e com eles os últimos dois mais corajosos comandantes partidários, João de Giscala e Simão bar Giora, que caíram vivos nas mãos dos romanos. A seguir eram trazidos os mais preciosos dos numerosos utensílios e tesouros do templo, "o grande candelabro dourado de sete braços, a mesa dourada e os preciosos rolos sagrados da lei". Moedas comemorativas eternizaram a queda de Jerusalém e da Judéia. Em homenagem à marcha triunfal de Tito foi construído o arco do triunfo, o "arco de Tito". Esse arco persiste em Roma até hoje. Seus trabalhos de escultura representam as legiões enquanto carregam a arca da aliança e o candelabro dourado de sete braços. Mostram também homens judeus algemados.

Enquanto quase todos os demais monumentos de vitórias romanas há muito caíram em ruínas, esse "arco de Tito", o memorial da desgraça judaica, permanece de pé, assim como o *próprio* povo judeu *permaneceu de pé*, um sinal peculiar da história universal! Qual deles durará mais tempo, a miséria do cativeiro judeu ou o monumento dela, o arco de Tito em Roma?

Por meio da guerra, a Judéia inteira foi transformada num deserto e quase totalmente privada de seus moradores judeus. O imperador Vespasiano declarou o país todo como *sua propriedade particular*. 800 veteranos romanos foram assentados bem perto da cidade destruída de Emaús. O imperador doou grandes propriedades a seus beneficiados e amigos, p. ex., *Josefo*. Judeus que porventura quisessem voltar a morar na Judéia, tinham de comprar a terra dos vencedores. Destruído em sua pátria, o povo judeu existia somente no estrangeiro. Constitui uma grande sorte que bem antes da destruição de Jerusalém havia muitos milhares de judeus residindo fora do país. Eram eles que, de agora em diante, formavam o verdadeiro contingente da nação e o constituirão "até que se complete o tempo dos gentios".

A história dos judeus é uma tragédia que se desenrola sob o sol de dois milênios, como não há outra igual para mostrar na história dos povos. Não é nenhuma tragédia *artificial*, mas uma *real*, *verdadeira*, cujo herói não morre com a sua culpa, mas ressuscita sempre de novo para um novo sofrimento, pois seus pecados deverão reverter em benefício dele e dos outros, "até que se complete o tempo dos gentios" (Cf. Heman-Harling, *Die Geschichte des jüdischen Volkes*, bem como a indicação de literatura no final do livro!).

Assim como até agora Jesus falou profeticamente de modo *geral* sobre o futuro próximo e distante, ele agora fala *particularmente sobre Jerusalém*. O Senhor descreve o destino de Jerusalém com as palavras de Daniel, que narra o horror da desolação. Não é nenhuma novidade o que o Senhor anuncia; é o que Daniel já falou em 9.26s e 12.11.

"O que a destruição traz é um horror porque nela se revela a profanação do templo, a difamação da lei! O fato a que Jesus se está referindo dificilmente é a fixação da "imagem de César Augusto" no templo por meio de Pilatos, mas o que Jesus menciona tem de ser um horror que fornece aos cristãos em Jerusalém e na Judéia um nítido sinal da catástrofe bem iminente. Daí, portanto, vem também a exortação de que o leitor do profeta Daniel reflita. Por isso os acontecimentos referidos têm de ser os últimos exatamente antes do sítio a Jerusalém. Naquele tempo o líder zelote João de Giscala, com seus seguidores e uma diversidade de bandidos que aderiram a ele, havia se apoderado do monte do templo, lutando a partir dali contra o sacerdote Eleazar e suas milícias alojadas no interior dele. Projéteis lançados pelos bandidos muitas vezes voavam até o altar e acertavam sacerdotes e pessoas que realizavam sacrifícios. No santuário praticamente era preciso caminhar pelo sangue dos

assassinados. Os cristãos se lembraram do conselho do Salvador, refugiando-se a tempo, após esse sinal, para a cidade grega de Pela, ao sul do lago de Genesaré, liderados pelo bispo Simeão" (Lauck, p. 70).

O terror da angústia é iluminado de forma soturna pela exortação do Senhor para fugirem com a *máxima pressa*. Enquanto geralmente no perigo de guerra os moradores do campo buscam proteção nas cidades fortificadas, os moradores da terra da Judéia não devem procurar socorro na sólida fortaleza de Jerusalém, mas sim fugir para as **montanhas**, onde é possível ocultar-se. Quem está no **telhado** da casa, não deve mais descer ao interior para rapidamente reunir o mais necessário de seus utensílios domésticos. Os telhados das casas eram planos e usados preferencialmente para ali permanecer, a fim de desfrutar, p. ex., a brisa matinal ou vespertina. O eirado podia ser alcançado por uma escada do lado de fora da casa. O perigo da catástrofe que se abaterá é tão repentino que será preciso correr do telhado direto para a rua, para salvar a vida! – Quem estiver no **campo** e, para poder trabalhar desembaraçadamente, trajar somente o *chitón*, uma roupa de baixo em forma de camisa, não deve correr para casa para buscar o manto, que é tão necessário para estar protegido do frio da noite. A **capa** servia como cobertor, e durante o dia, para completar a vestimenta.

Com gravidade singular são atingidas as **mães**, que trazem uma **criança** no colo ou no peito e que, em conseqüência, não podem acompanhar a fuga rápida. – Para todos os seguidores do Senhor, porém, vale que eles roguem a Deus para que a sua fuga não suceda no **inverno**, quando as tempestades retardariam a fuga. Igualmente devem pedir para que a fuga não acontecesse num **sábado**, pois a lei do sábado prescrevia que não se andasse uma distância maior que um quilômetro fora da área urbana (os judeus piedosos preferiam ser chacinados do que lutar no sábado. Cf. 1Mac 2.32ss).

A aflição que começa com a profanação do templo se estenderá por um longo tempo. Será um **tempo de grandes tribulações**, tal como **não houve** do início do mundo até hoje, nem tornará a haver. A profecia de Daniel se cumprirá (Dn 12.1ss). A demora torna esse tempo de tribulação quase insuportável. Jesus promete que, **por causa dos eleitos**, ele será **abreviado**. Do contrário, ninguém seria salvo. Jesus considera os perigos internos que estarão ligados a esse horrível tempo de julgamento. Haverá o perigo de que a fé sucumba sob o peso das execuções. Em seu lugar poderiam instalar-se o desânimo, que cresceria para desespero, ou a amargura, que se rebelaria em forma de afronta. Mas Deus não pensa unicamente na sua ira, mas também na sua misericórdia diante dos seus eleitos. A medida da tentação não excederá a capacidade de suportar dos que pertencem ao Senhor.

Jesus designa esse tempo de tormentos que virá sobre Jerusalém de "o maior da história mundial", inigualável em relação a qualquer outro período de tribulações na terra. De fato, abateram-se sobre a terra outras catástrofes maiores, em que sucumbiram numericamente muito mais pessoas do que naquele tempo em Jerusalém. Basta pensarmos nas últimas guerras mundiais e suas decorrências, como bombardeios e fugas. Mas diz-se que a queda da cidade de Jerusalém causou para Israel um horror tão grande de pavor e desespero, um sofrimento tão agudo, como em nenhuma outra ocasião da história mundial. Porque as palavras de Jesus se cumpriram literal e terrivelmente (cf. opr).

4. O futuro mais distante até o julgamento final do mundo, 24.23-31

Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis.
Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.
25 **Vede que vo-lo tenho predito.**
Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.
Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra até no Ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.
Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.
Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados.
Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória.
E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.

Enquanto o fim de Jerusalém constitui o primeiro plano, o retorno de Jesus no fim dos dias perfaz o pano de fundo. Na verdade, a profecia toda aponta para a volta de Cristo no fim dos tempos.

Num sentido genuinamente apocalíptico, as palavras de Jesus possuem um duplo sentido. *Primeiro*, num sentido direto e literal aplicam-se à queda de Jerusalém. Em *segundo* lugar, as palavras de Jesus se referem de modo típico e figurado aos acontecimentos que sucederão um pouco antes do fim dos tempos, na comunidade de Jesus. Também nessa época anterior à volta do Senhor se apresentarão **falsos messias** e **falsos profetas**. Aliados com os poderes de Satanás, colocarão em campo tudo o que puderem para confundir a comunidade de Jesus, inquietá-la, matá-la, derrotá-la ou seduzi-la para negar a Jesus. Nesse tempo de aflição surgirá a idéia de que o Cristo está oculto, detendo-se em algum lugar do **deserto**! Temos de nos mudar para o deserto. Lá ele se manifestará num lugar qualquer.

Porém, o Senhor diz à sua comunidade que ele virá como um **raio** súbito, e seu clarão, com grande poder e glória, será visível de uma extremidade do céu à outra.

Por intermédio da palavra do v. 28 a respeito dos **abutres** (**onde estiver a carniça, ali se reunirão os urubus**) Jesus garante mais uma vez que retornará. Apesar de não se ver inicialmente os urubus junto de uma animal caído, sabe-se com certeza que ele não lhes escapará, pois o acharão. "Com a mesma certeza o pecado e a miséria no mundo, quando a medida estiver completa, aproximarão a ação julgadora e salvadora do Cristo. Os discípulos não devem ficar espantados quando, por longo tempo, não se vê nada do Senhor, nem houver indícios de sua volta próxima. Não se vê o raio até que relampeje, e o abutre também surge de repente, sem ser chamado" (cf. Schlatter, p. 358).

As catástrofes naturais descritas no v. 29 distinguem-se das mencionadas no v. 7 primeiramente pela sua abrangência mundial. Povos e pessoas indistintamente serão atemorizadas por meio delas e preenchidas da expectativa angustiante pelo que ainda poderá vir. Contrariamente ao **em vários lugares** do v. 7, lê-se agora que esses acontecimentos se abaterão sobre a terra toda.

Em segundo lugar, não são acontecimentos naturais como os do v. 7 que sucedem "aqui e acolá". Trata-se de uma transformação *de toda a constituição do mundo*.

Acontecerão sinais milagrosos **no sol, na lua e nas estrelas**. Na terra surge um clamor dos povos por causa de sua perplexidade. Os exércitos celestiais serão abalados. Então **verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu na plenitude do poder e da glória**.

Com estes fenômenos são descritos não somente acontecimentos naturais extraordinários no céu e na terra, já havidos e observados durante o curso do mundo, e agora amplamente superados. Pelo contrário, denota-se uma revolução dos elementos, por meio da qual as partes mais importantes do universo perdem o equilíbrio e seu mecanismo parece estourar. É essa a introdução direta para o reaparecimento do Filho do Homem, retratado como uma descida das alturas do céu sobre uma nuvem (cf. At 1.9,11; Zahn).

Como é magnífico o precioso consolo para a comunidade: "Jesus retorna!" Ele reúne a sua comunidade no mundo inteiro. Não apenas de um povo e um lugar, mas de toda a terra ele a congrega, dentre toda a humanidade (v. 31). Esse reunir **de um extremo do céu até ao outro extremo** será executado pelos grandes emissários de Deus, os seus **anjos**, sob um estrondoso **soar de trombetas**.

5. Estejam sempre alertas!, 24.32-44

Aprendei, pois, a parábola da figueira: Quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.
33 **Assim também vós: Quando verdes todas estas cousas, sabei que está próximo, às portas.**
34 **Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.**
Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.
Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai.
Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem.
Portanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca,
39 **e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.**

Então dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro.
41 **Duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra.**
Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor.
Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa.
Por isso ficai também vós apercebidos; porque à hora em que não cuidais, o filho do Homem virá.

Ninguém precisa anunciar que o **verão** está próximo. Não carece de um comunicado oficial, nem há necessidade de esperar pelas flores. Enquanto as árvores ainda não estão brotando, não se sabe quanto tempo se prolongará o inverno. Mas quando os botões se formam e, na verdade, já se rompem, sabe-se que inevitavelmente está se aproximando o verão. Uma chuva branda e o ar quente podem acelerá-lo mais do que se espera.

Assim também vós, quando virdes tudo isso, sabei que o retorno de Jesus está próximo.

Porventura os numerosos sintomas do nosso tempo, que coincidem com as características dadas por Jesus, não adquirem grande significado, ainda que não nos queiram parecer tão importantes? Sim, cabe-nos observá-los, ouvi-los, captar o sentido mais profundo dos acontecimentos, dirigir sobre eles o foco das profecias bíblicas, interpretar corretamente as grandes linhas da evolução do mundo dos povos. – No entanto, sempre é preciso fazer essa análise acompanhada de outra. Quando cremos que nossa **redenção** se aproxima, e que em breve toda essa glória que excede nossa compreensão se tornará realidade, então a grande pergunta é se a nossa vida de fé é condizente com a luz da volta de Cristo. Quanta *luz* cai a partir dela sobre nossa vida interior atual, examinando-a a fundo! Quantas exortações e advertências os apóstolos conectaram precisamente com essa esperança!

Na nossa vida de fé, tudo está baseado na relação pessoal com o nosso Senhor. Ela será o fator decisivo para a nossa aceitação quando Jesus retornar. Assim como ele nos ama, a cada um pessoalmente, tendo-se rendido por nós na cruz, assim ele também quer ser amado por nós.

Em verdade vos digo: Esta geração não passará sem que tudo isso aconteça.

O sentido desse v. 34 é: Essa geração dos judeus não desaparecerá até o retorno de Cristo. – Esse gênero dos judeus permanecerá como garantia da verdade dessas palavras de Jesus até o fim dos dias. Cada judeu é para nós um grito: As palavras de Jesus se cumpriram e continuarão se cumprindo, **até que tudo isso aconteça**.

V. 35: **O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão**. Depois que o Senhor Jesus apontou mais uma vez claramente para a destruição desta organização terrena, à qual sucederá o surgimento de um novo céu e uma nova terra (2Pe 3.8-14), ele assegura que, quando um dia estiver instalada uma ordem totalmente diferente de coisas, suas palavras não deixarão de ser palavras de vida para todos os seus. "Como eternas, elas serão eficazes numa comunidade eterna".

Jesus continua: **Mas este dia e esta hora, ninguém os conhece, nem os anjos do céu, nem o Filho, ninguém senão o Pai, e só ele**. Com essas palavras se expressa que Jesus preserva em seu discurso (de retorno) escatológico a subordinação voluntária à decisão do Pai. Também neste aspecto transparece a verdadeira humanidade de Jesus.

O desejo do Senhor é que todo *o fato da sua volta se torne o centro da santificação dos discípulos e, em conseqüência, da comunidade*. É por isso que remete à história de **Noé**. No fim dos dias será assim como no tempo do dilúvio. Os que estão na expectativa do Senhor e vivem de acordo com a elevada vocação estarão abrigados no seu Senhor – à semelhança dos justos que, na época de Noé, encontraram abrigo na arca. Enquanto os verdadeiros fiéis anseiam com ardor cada vez maior pelo seu Senhor, apodera-se da humanidade uma segurança carnal cada vez mais completa. É um tempo semelhante aos que antecederam todas as grandes épocas de decisão na história. Todos os afazeres da vida terrena transcorrem normalmente. Todos pensam que tudo continuará assim. – Jesus não afirma que comer e beber em si fossem *pecado*. Pelo contrário, o pensamento é, antes, que no tempo de Noé, em meio à atividade diária, *realizada toda ela sem Deus*, irrompeu sem ser esperado ou anunciado, e de modo súbito e inescapável, o juízo da ira de Deus. Isso se repetirá na volta de Cristo. As pessoas estarão realizando seu trabalho diário sem Deus, cultivarão o campo, moerão – e Jesus os surpreenderá nos seus afazeres. Ele não se anunciará de modo especial, nem perante o mundo, nem perante os fiéis. Ele quer encontrá-los na sua vida cotidiana, não no espírito domingueiro, não preparados para uma recepção solene. Os que crêem não necessitam saber que seu Senhor vem

precisamente neste dia. Não precisam abster-se do trabalho. Ele os achará dormindo, ou trabalhando, porque seu coração estava e está junto dele. A separação que se processará naqueles instantes, dissolverá subitamente todos os laços terrenos, mesmo os mais íntimos.

Um será aceito, outro será deixado. A palavra "deixar" nesse local não significa algo como "perecer", mas sim "ser deixado para trás". A primeira palavra, "ser aceito", significa "tomar para si" ou, como Jesus diz em Jo 14.3, "vos receberei para mim mesmo".

Paulo também entendeu esta palavra assim. Em 1Ts 4.17, provavelmente com referência ao presente texto, ele diz "que os que crêem serão arrebatados vivos, entre nuvens, para o encontro com Cristo". Jesus tem em mente a ascensão dos discípulos como complemento da ascensão de Cristo.

A figura do v. 43 relativa ao **ladrão** pressupõe que a vinda de Jesus acontece de noite, a figura dos v. 40s pressupõe que ela sucederá de dia. "A pessoa pode estar dormindo ou trabalhando, ela será deixada para trás se não tiver se desprendido adequadamente *antes* de tudo, para se entregar sem delongas ao Senhor que passa – assim como um ímã atrai em segundos as peças de ferro e deixa de lado as peças de madeira".

O único critério segundo o qual se processa a separação é como cada fiel se relaciona com Jesus pessoalmente. Não interfere nenhuma consideração de relações de parentesco, de amizades, nem de associações com base em categoria social, profissão, formação ou outra qualquer na vida. Quem no seu interior pertence integralmente a ele, quem tem o seu Espírito, a sua vida, quem tem o próprio Jesus, esse será aceito. Todo e qualquer outro será deixado onde está. Pode continuar dormindo, moendo o seu cereal ou trabalhando no campo. Com ele Jesus não se preocupa nesse momento. Este inicialmente não tem nada a ver com o retorno de Cristo. A separação acontece de repente, num triz, sem deferência, sem equívocos, e é definitiva. É obra de um instante. Não se fazem negociações. Nenhuma opinião humana participa dela. Nem implorar nem suplicar terão algum êxito. Sequer haverá tempo para isso. Jesus sozinho a executa, e para cada um ela é o resultado natural de sua vida de fé, assim como o Senhor Jesus a conhece em cada um.

Que pudéssemos reconhecer a importância tão marcante e decisiva da volta de Jesus! Sabemos que ela, um dia, acontecerá e que decidirá também sobre a nossa sorte, contudo não sabemos *quando* virá essa noite, *quando* virá esse dia. Que não fiquemos à espera de um sinal especial!

É com esta ênfase que Jesus expõe que não será enviada uma mensagem especial, nem mesmo para os fiéis. Ao contrário, ele virá **numa hora em que não pensais**. Está dito: **Como um ladrão na noite**.

O mundo, a princípio, continuará o seu caminho, mas em breve se dará conta do que essa noite e esse dia significaram para ele. Foram-lhe tirados os que lhe serviram como "luz do mundo" e "sal da terra". "Felizes daqueles servos que o Senhor, ao chegar, encontrar vigilantes" (Lc 12.37).

TRÊS PARÁBOLAS EXEMPLIFICAM A ATITUDE DE "ESTAR SEMPRE ALERTA"

6. A primeira parábola: O servo vigilante e o servo lerdo, 24.45-51

45 **Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?**
Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.
Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens.
Mas se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se,
e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios,
virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera, e em hora que não sabe,
e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

A parábola enceta com a pergunta: Quem é o servo fiel e sensato? Essa palavra sobre o escravo fiel e prudente refere-se de modo bem especial aos discípulos e, em seguida, aos membros da comunidade. A palavra grega para **fiel** é *pistós*, e significa confiável, fiel. A palavra grega para **prudente** origina-se de *phronein*. É um verbo que inicialmente significa "pensar", e depois "ter algo em consideração". Os **escravo**, portanto, que o Senhor apresenta como exemplo, é uma pessoa confiável, alguém em quem podemos nos fiar sob qualquer circunstância. Os escravo, no entanto, também é alguém que sempre tem "algo em consideração". Ele considera incessantemente o que

convém ao Senhor. – Aos membros da comunidade compete serem confiáveis e sempre levarem em consideração que precisam desempenhar o serviço que foi dado a cada um com responsabilidade imediata perante o Senhor. **Feliz** do servo que o Senhor, ao retornar, encontrar com estas qualidades!

O outro servo da parábola é um servo mau. A ausência do Senhor, e sobretudo a delonga de seu retorno, preenchem o coração desse servo mau com desejos maus. Esses maus desejos se exteriorizam, por um lado, em **banquetear-se** e gozar, ou seja, numa vida conscientemente voltada sobre si própria, mas por outro lado também numa vida cheia de desamor e falta de escrúpulos perante os **conservos** que lhe são subordinados. Quanto menos ele próprio trabalha, tanto mais rigor e trabalho árduo exige dos outros, agindo com eles cruelmente, com pancadas e outros maus tratos.

Com uma só palavra é descrita toda a ira do Senhor ao retornar: "Ele o fará em pedaços". O Senhor saca sua espada e, com um único golpe, corta esse servo infiel ao meio. Assim procede o senhor terreno na sua ira justa.

O que o Senhor e Salvador que retorna fará é expresso com as palavras: **Ele o fará partilhar da sorte dos hipócritas: Lá haverá choro e ranger de dentes**.

O significado dessa parábola do servo bom e do mau está em que devemos ver para onde pode levar uma vida de fé quando não se orienta pelo olhar voltado para o alto, que contempla cheio de expectativa aquele que está vindo!

7. A segunda parábola: As dez moças, 25.1-13

Então reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram
a encontrar-se com o noivo.
2 **Cinco dentre elas eram néscias, e cinco prudentes.**
3 **As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.**
4 **No entanto, as prudentes, além das lâmpadas levaram azeite nas vasilhas.**
E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram.
6 **Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro.**
7 **Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.**
8 **E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas**
estão se apagando.
9 **Mas as prudentes responderam: Não! Para que não nos falte a nós e a vós outros, ide antes**
aos que o vendem e comprai-o.
E, saindo elas para comprar, chegou o noivo. E as que estavam apercebidas entraram com
ele para as bodas; e fechou-se a porta.
Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta!
Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.
Vigia, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

A parábola é material exclusivo de Mateus. No Oriente, por causa do calor, festeja-se o casamento apenas à noite. A noiva espera na casa de seus pais pelo noivo, que a buscará para o seu lar. Junto da noiva, suas damas de companhia esperam pela chegada do noivo. Logo que se anuncia que o noivo está se aproximando com seu séquito da aldeia ou da casa da noiva, as moças têm a tarefa de ir ao encontro do noivo. Como essa marcha das moças ao encontro do noivo somente se pode realizar à noite, elas precisam ter lamparinas consigo. São lâmpadas diferentes das usadas em casa (Mt 5.15), próprias para o ar livre. Como são muito pequenas, às vezes é preciso completar o óleo delas. Por isso as moças também precisam levar vasilhas com óleo, para poderem **colocar em ordem** (v. 7) as lâmpadas que durante o sono enfraqueceram sua chama. Ou seja, precisam limpar o pavio das partes carbonizadas e adicionar óleo. As vasilhas em que as moças prudentes levaram óleo para suas lâmpadas eram jarras em formato de garrafa com alças (Gustav Dalman).

Era costume que o noivo chegasse ao entardecer. Contudo, as damas de honra precisam esperar muito tempo até que ressoe o grito: **O noivo está chegando!** Faz parte da tradição dos casamentos que o noivo chega atrasado. Ele deixa que esperem por ele. Na parábola que está diante de nós, as moças precisam esperar um tempo especialmente longo. Tornam-se sonolentas e acabam adormecendo. Todas as dez. O Senhor não as critica por terem adormecido. Porém, o que torna prudentes as moças prudentes e tolas as moças tolas é algo diferente. É o fato de que as sábias, para o

caso de uma espera peculiarmente demorada, trouxeram consigo óleo de reserva, para reabastecer as lâmpadas. As néscia não se lembraram disso.

Então, por volta da meia-noite, ouve-se o anúncio: **Vejam, o noivo! Saiam ao encontro dele!** Para que as lamparinas dessem uma luz forte, está na hora de limpar o pavio e adicionar óleo, tirado da jarrinha de reserva. Em seguida as moças vão, acompanhando a noiva, ao encontro do noivo, para recepcioná-lo com honras. O encontro se realiza, depois do que o noivo e seus companheiros e a noiva com suas acompanhantes, as moças, partem rapidamente para a casa do noivo. Os acompanhantes dos noivos, como "filhos dos aposentos nupciais" (Mt 9.15), tinham uma posição de grande confiança. Sua primeira tarefa consistia em formar o cortejo nupcial. A noiva é carregada numa liteira (pessoas mais pobres possivelmente tinham de abrir mão disso). A noiva estava rodeada de seu futuro marido e seu círculo de amigos. O grupo de músicos puxa o cortejo. Vigorosos toques de tambor, alegres músicas de casamento cantadas pelo séquito, velhos e jovens se movimentam. Todos trazem na mão um ramo de murta. No alegre cortejo chega-se à casa onde será o casamento. Ainda hoje, a cerimônia começa bem tarde nesse país quente, quando as lâmpadas já estão acesas. Sobre a mesa estão os candelabros. Quando o noivo, como dono da casa, pronuncia a oração de abertura sobre o primeiro cálice de bênção, um ar solene paira sobre a ampla comunhão de mesa. O primeiro lugar é ocupado pelo noivo, a lado dele está a noiva, depois sentam-se os familiares e as damas de companhia da noiva. Por causa da hora adiantada da noite, a porta da casa é fechada. A casa enche-se de alegres conversas e risadas. O que acabamos de relatar é o contexto histórico da parábola das dez moças. O que é que o Senhor nos quer ensinar com essa parábola?

Ele quer, com ela, ilustrar e tornar evidente para nós que é imprescindível estarmos de prontidão! Embora as moças prudentes tivessem adormecido, elas estavam preparadas. E estar preparado é a idéia que predomina na parábola. Por estarem preparadas *quando foi preciso*, são chamadas de prudentes.

Com que rapidez um discípulo, i. é, alguém que vive na comunhão de Jesus, pode perder a prontidão! Quantos serão aqueles que realmente permanecem preparados? São essas as perguntas que o discípulo de Jesus deve ouvir desta parábola. O fato de ambos os grupos serem numericamente iguais (cinco néscias e cinco prudentes) reforça em muito a premência e a seriedade da exortação de Jesus para "estarmos preparados". **Vigiai, porque vocês não sabem nem o dia nem a hora em que virá o Filho do Homem!**

Com certeza o número **dez** tem um significado. Dez é o número da inteireza. São dez os mandamentos da lei. Contamos dez dedos nas duas mãos. No mínimo dez pessoas eram necessárias para uma reunião da sinagoga. A décima parte pertence a Deus. São dez as cordas da harpa. Dez ofensas esgotam a paciência. Dez pães bastam para uma viagem. Portanto, Jesus está se referindo à comunidade na sua totalidade. Todos os fiéis farão parte, quando vier o Senhor, ou do grupo das moças tolas ou do grupo das precavidas. De novo vemos o sagrado "ou – ou" da Escritura! Não existe um grupo intermediário.

Como se manifestam e se apresentam a **prontidão**, a **vigilância**, o **esperar** pelo Senhor vindouro, na vida cotidiana de um cristão crente? Por meio de uma vida consagrada a ele. "Esforcem-se […] para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor" [Hb 12.14].

Ernst Krupka relata: "Certa vez li o meu Novo Testamento e assinalei de *verde* todas as passagens que falavam da volta do Senhor. Por fim, todo o meu Novo Testamento estava praticamente pintado de verde. E eu pude constatar pessoalmente que quase todas as passagens estão ligadas a exortações para a santificação diária. Isso se tornou singularmente claro para mim: a questão da volta de Cristo não é uma pergunta de como calcular o tempo, e sim de santificação. Não nos cabe calcular – cabe-nos permitir que sejamos santificados."

Concordamos integralmente com isso e acrescentamos: Nos 260 capítulos do NT fala-se quase 300 vezes da volta do Senhor Jesus. Seremos capazes da alcançar o alto nível espiritual da *vida de santificação* do NT somente quando a espera pelo Senhor voltar a ocupar o mesmo espaço como nas comunidades dos tempos apostólicos. O professor Kaftan afirma: "A maravilhosa força da primeira comunidade cristã fundamentava-se única e exclusivamente na esperança viva pelo Cristo que está por retornar, de modo visível e pessoal".

Talvez seja permitido interpretar alguns traços individuais da parábola, após termos tentado expor o aspecto *decisivo* dela.

O que significa o **óleo**? Na lamparina daquele tempo cabia apenas pouco óleo. Por isso a jarra de óleo ficava sempre ao lado, ela praticamente fazia parte da lâmpada. Era óbvio que precisava ser levada para uma caminhada ou um tempo de espera mais longos. Quem não o fazia, era considerado desleixado, leviano, desorganizado, tolo. Foi precisamente dessa tolice que as cinco moças se tornaram culpadas. Ou seja, não se adaptaram ao mundo, não estavam envolvidas com o pecado, porém foram *tolas*. Com toda a clareza e nitidez, Jesus quer nos dizer que o óleo significa um bem espiritual imprescindível, insubstituível por nenhum outro, com o qual devemos nos abastecer logo no início da vida de fé, da trajetória de fé. *Esse bem espiritual, conforme os exegetas afirmam unanimemente, é o Espírito Santo.*

Sendo, pois, o óleo idêntico ao Espírito Santo, a tolice eqüivale à falta de espiritualidade. Começar no Espírito, mas depois estagnar, é tolice. Satisfazer-se com uma experiência de conversão ou outras "experiências com Deus", sem continuar a viver "em Deus", sem crescer na santificação, é tolice.

Sendo o óleo o Espírito Santo, a prudência consiste em começar no Espírito, seguir a vida no Espírito, e completá-la no Espírito. Viver no Espírito e ser **prudente** são a mesma coisa (cf. Krupka, *Vor Mitternacht*).

Sobre a natureza das moças **tolas**, Eichler expõe o seguinte (em: *Die Entrückung*, p. 87): "Para avaliarmos corretamente as virgens tolas, precisamos considerar dois aspectos: Primeiro, uma parábola, como já observamos anteriormente, jamais pode descrever uma questão sob todos os aspectos. Pelo contrário, ela sempre apresenta apenas alguns traços essenciais. Por isso, a natureza e o destino das moças tolas não podem ser estabelecidos de acordo com essa uma parábola apenas, mas também a partir do quadro geral da Escritura. – Em segundo lugar, as moças tolas não devem nem ser superestimadas nem subestimadas em sua natureza. Superestimamo-las quando as equiparamos quase às moças prudentes. Subestimamo-las quando dizemos que não teriam recebido o Espírito de Cristo. Na vida delas tudo seria apenas forma e aparência. Porém, no v. 1 é afirmado que as moças tolas fazem parte do reino dos céus: **Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens**. Não diz: **Semelhante às cinco virgens sábias**, mas: **Semelhante a dez virgens**. Por conseguinte, as cinco moças tolas também são do reino dos céus. No entanto, pode ser membro desse reino somente aquele que de fato tem o Espírito Santo. Em decorrência, também as moças imprudentes possuem o Espírito de Cristo. Do contrário, seria impossível que elas falassem, no v. 8: **Nossas lâmpadas estão se apagando**, i. é, 'temos ainda um pouquinho de óleo, apenas uma medida mínima do Espírito de Deus.' Por infidelidade é que perderam cada vez mais esse Espírito."

Jesus diz: **No meio da noite ressoou um grito: Eis o esposo! Saí ao seu encontro.**

Jesus fala de modo excepcionalmente vivo e palpável. Praticamente sente-se a noite escura, ouve-se o grito, vê-se a correria na terra produzida por esse grito. Justamente quando sobre a terra paira a noite escura e todos dormem profundamente é que se ouvirá o grito.

Acontece, porém, que a maioria dos exegetas defende que a meia-noite não precede o juízo final, mas as bodas, como também é mostrado com toda a clareza pela presente parábola. As bodas são o arrebatamento dos fiéis vivos, o ressuscitar dos crentes adormecidos, e a unificação de ambos com o Senhor (mais detalhes sobre os termos bíblicos "arrebatamento, primeira ressurreição, etc.", cf. em Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel*).

Após a figura dos que não observam a prontidão e vigilância, que deveriam ser concretizadas numa vida de santificação, segue outra, trazida pelo Senhor como conseqüência desse comportamento negligente. É *a imagem da porta fechada*. Essa ilustração da porta faz lembrar Mt 7.23: "Nunca vos conheci". Esse "Nunca vos conheci" é a palavra do noivo: **Não vos conheço**. As pessoas em Mt 7 e as moças em Mt 25 dirigem-se ao Cristo como "Senhor". O tratamento "Senhor" tem de denotar um conhecimento que as moças e aqueles de Mt 7 expressam. Os de Mt 7 dizem: "Senhor, Senhor! Não foi em teu nome que profetizamos? Em teu nome que expulsamos demônios? Em teu nome que fizemos muitos milagres?" De forma idêntica as moças néscias poderiam, neste cap. 25, acrescentar à palavra: **Senhor, abre-nos a porta!** as declarações (que na verdade não foram proferidas pelas moças tolas, mas que facilmente poderíamos adicionar): "Acaso não pertencemos a ti? Não esperamos a metade da noite? Não fizemos o grande esforço de ir de noite ao comerciante para comprar óleo?" Remetemos ao comentário sobre Mt 7.21-23, a fim de termos em mente e não esquecermos a terrível seriedade da palavra da "porta fechada" e do "tarde demais" lá em Mt 7 como também aqui em Mt 25.

8. A terceira parábola: Os talentos dados em custódia, 25.14-30

(Lc 19.12-27; Mc 13.34)

Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens.
A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e então partiu.
16 **O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco.**
17 **Do mesmo modo o que recebera dois, ganhou outros dois.**
18 **Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor.**
Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles.
20 **Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei.**
Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: Entra no gozo do teu senhor.
22 **E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste. Aqui tens outros dois que ganhei.**
Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: Entra no gozo do teu senhor.
24 **Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste, e ajuntas onde não espalhaste,**
25 **receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.**
26 **Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei?**
27 **Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu.**
28 **Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez.**
Porque a todo o que tem, se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.
E o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

Enquanto o Senhor geralmente usou, nas suas parábolas, imagens da vida do campo, dos artesãos e da família, na presente parábola ele tomou acontecimentos do sistema financeiro e bancário. Naquele tempo, o sistema monetário e bancário era um assunto da cidade. Mesmo que os ouvintes do Senhor não possuíssem pessoalmente tamanhas somas em dinheiro, eles tinham conhecimento do sistema bancário. Sabiam também que, tendo muito dinheiro, pode-se rapidamente ganhar muito mais dinheiro através de hábeis especulações. Na Antigüidade os juros eram elevados. Talvez os servos eficientes tenham agido eles próprios como banqueiros, emprestando o dinheiro a altos juros e realizando grandes negócios com ele.

Pelo que se constata, é indiferente para o Senhor selecionar uma vez sua ilustração de um contexto de que no geral lhe permanecia distante, como faz nessa parábola dos talentos dados em custódia.

Dediquemo-nos à interpretação da parábola. Novamente é uma parábola muito séria. É a terceira na série de seus *discursos de despedida* aos discípulos no evangelho de Mateus. Essa terceira parábola mostra uma vez mais aos discípulos quem a volta de Cristo exalta e quem ela expulsa! – A mais elevada promessa está lado a lado com o mais sério julgamento. Por amor ao mais sublime e glorioso futuro, em direção do qual o cristão renascido pode caminhar, ou seja, em direção da volta do Senhor, cabe-lhe não tratar levianamente o presente em que se encontra. Diante da expectativa pelo Senhor que retorna, o cristão não deve esquecer-se de permanecer fiel nas coisas pequenas e cotidianas! O sentido dessa parábola do Senhor é dizê-lo de forma nova e iluminá-lo com seriedade.

Na parábola, o homem que viaja para longe confia seus bens a três **servos**: ao primeiro **cinco talentos**, ao segundo **dois** e ao terceiro **um** talento. Um talento é uma unidade de peso de aproximadamente 35 kg, em moedas ou barras de ouro ou prata. O **senhor** da parábola fica ausente por longo tempo. Faz com que esperem por ele. Não sabem quando ele retornará. Com ênfase especial é dito: **Depois de *muito* tempo o senhor voltou** (v. 19). Então o senhor julga o trabalho de

seus servos. O primeiro servo duplicou os seus talentos, o segundo da mesma forma. O terceiro servo nada perdeu, mas tampouco conquistou algo. Logo, não trabalhou. Para os dois servos que trabalharam, a sentença do senhor é a mesma. Eles entram **para a alegria** do senhor. A sentença do senhor sobre o terceiro servo é arrasadora. Assim transcorre, em breves traços, a parábola.

Aplicação em poucas palavras: Não é suficiente esperar pela volta do Senhor e pelo juízo. Pelo contrário, o cristão precisa aproveitar o tempo da vida na terra para trabalhar e agir com as dádivas que lhe foram presenteadas. O Senhor espera fidelidade de cada um de nós, até que ele venha. "Negociai até a minha volta!" (Lc 19.13).

Em síntese, é esse o pensamento fundamental da interpretação. Agora o detalhamento: O número diferente dos talentos aponta para as diferentes disposições, capacidades e dons dos servos. Não os dons como tais são importantes, e sim *como* o os servos valorizaram e aproveitaram esses dons.

O Senhor não exige o mesmo de todos. A um confiou mais, a outro menos! Não seria isso injusto por parte do doador? *Não*! Porque nesta parábola não se destacam propriamente os *dons* como primordiais e essenciais, mas o uso e a valorização destes dons. Nisto o Senhor é justo, totalmente justo! O Senhor não confia mais na mão de alguém do que ele pode realizar. Não é a diferença existente entre os dois primeiros servos que importa, e sim o contraste em que o terceiro se encontra frente aos dois primeiros.

Portanto, não pode haver uma injustiça por parte do Senhor e Deus que dá e presenteia! Pois no centro do relato não está a dádiva como tal, e sim a *fidelidade* com que as dádivas são administradas e, precisamente, utilizadas em sua honra.

A que se referem os talentos e dons que recebemos de Deus? Acreditamos que eles se referem a tudo o que recebemos de Deus como dádivas naturais e sobrenaturais. Como dádivas naturais consideramos: a dádiva de um corpo saudável e das forças e capacidades com ele relacionadas, de podermos pensar, sentir e querer (cf. o primeiro artigo do Credo). Além disso é preciso mencionar as bênçãos de uma boa educação, uma escola adequada, uma vida profissional que nos sustenta, um sistema de estado de direito, enfim, tudo o que foi listado por Lutero na explicação da quarta petição do Pai Nosso. Isso é boa dádiva presenteada por Deus, por cuja administração fiel somos responsáveis perante o supremo Senhor e Juiz! Todas estas dádivas não possuem valor próprio e não servem a um fim em si mesmas, mas são meios para comprovar e demonstrar a vida de fé por meio da fidelidade nas menores coisas!

A princípio seja dito com clareza: O compromisso do fiel perante as dádivas e condições naturais deve comprovar-se no cotidiano.

Abordamos agora os dons sobrenaturais! Pois quem crê não apenas está situado nas contingências de vida terrenas, não apenas se relaciona com as dádivas e condições naturais, mas também com as dádivas e condições do Espírito de Deus. A que se referem essas últimas?

É a dádiva do próprio Espírito Santo, que foi presenteada ao crente na hora do renascimento; em seguida a palavra de nosso Deus e as descobertas que ela traz consigo; depois a oração; todas as valiosas bênçãos de Deus com bens celestiais, a graciosa direção diária e disciplina por parte do Pai, sofrimentos e tribulações – tudo, tudo é dádiva sobrenatural que nos impôs um compromisso. Tudo, porém, não deve ser visto como dado aos discípulos para uso particular, e sim considerado em combinação com o sagrado compromisso de servir. Jesus adverte que um discípulo de modo algum pode se limitar a preservar e mover no seu coração os bens da salvação eterna (por mais importante que isso possa ser enquanto primeira prioridade). Antes, ele deve passar adiante a medida de conhecimento que lhe foi dada, multiplicá-la e trabalhar com ela, até que o Senhor venha. Quem segura para si próprio os bens de salvação que recebeu, usando-os *tão somente* para a sua edificação e satisfação, não procede de acordo com a vontade do Senhor. – Não foi para esse fim que o Senhor lhe concedeu estes bens de salvação, as bênçãos, fortalecimentos e refrigérios do alto, para que neles obtivesse suficiência para sua pessoa (para isso foram dados, a princípio, também), mas a fé e o consolo visam ativar-se no amor (Gl 5.6). Um discípulo que pensa somente em si não apenas prejudica a obra do Senhor, prejudica também a si próprio. Ao servo inútil o "talento", que ele cuidadosamente guardou somente para si, é tomado apesar disso.

"Dessa maneira, a fé, o amor e a esperança derretem, quando o discípulo quer admitir como única tarefa o cultivo egoísta de sua vida espiritual.

"Constitui um engano terrível, em que vivem todas as pessoas individualistas, pensar que estariam seguras contra quaisquer danos quando se afastam dos outros. A partir de dentro, sua vida espiritual

sucumbe. Inversamente, doar-se a si mesmo aos outros com amor e serviço não desgasta os próprios bens espirituais, mas justamente os aumenta. Quem vive para os outros afasta de si a doença do egoísmo piedoso. Cumpre-se, pois, a regra da vida espiritual, resumida na frase: **A todo homem que tem será dado, mas àquele que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado** [v. 29]. Um seguidor de Jesus somente **tem** quando dá, pois nada **tem** recebido para si pessoalmente. 'Quem não dá nada, dele também será tirado o que possui, porque não *dá*.'

"Por mais enfaticamente que nessa parábola seja interpelado o discípulo individualmente, é com a mesma força que ela se volta contra todo individualismo. O seguidor de Jesus *não pode* ficar para si. Ele está destinado à comunhão. Por isso esta parábola trata da comunidade e do seu serviço ao mundo" (cf. Michaelis, *Es ging ein Säemann*, p. 208).

O Senhor diz aos servos fiéis: "Eu os constituirei sobre muito. Venham alegrar-te com seu Senhor!" "A recompensa dos fiéis é dupla: Muito é confiado em suas mãos, e são convidados para a alegria do seu Senhor. Continuam sendo seus servos, que ele prosseguirá empregando no que convier a ele. Para isso, recebem forças mais ricas, uma esfera de poder maior. Cristo não conhece vida ociosa, nem no reino dos céus. Porque os seus devem participar ativamente do seu governo. No entanto, não lhes reservou somente a tarefa maior, mas também partilha com eles a sua própria alegria. Dessa maneira Jesus descreve aos discípulos o que lhes trará o serviço a ele.

"Jesus informa sobre o servo infiel que ele se justifica por ter enterrado o talento na terra com a alegação de que falhou no serviço por medo do Senhor. No entanto, assim fala somente quem não tem amor. Quem ama seria capaz de dizer que não quer fazer nada pelo Senhor? Quem ama seria capaz de criticar o Senhor, dizendo que ele exige demais e seu mandamento é um tormento? Como haveríamos de ganhar a vida e a glória no retorno de Jesus, se nosso coração está brigando com ele? O medo que o servo alega não é medo, e sim desprezo descarado do Senhor! Pois constitui uma mentira desculpar-se com o fardo e o peso do mandamento de fidelidade! O Senhor nunca exige demais dos seus seguidores!" (Schlatter, *Erläuterungen*, p. 372).

O Senhor reiterou o que já dissera em Mt 13.12. Lá Jesus declarou por que ele *oculta* o reino dos céus para Israel. – Aqui ele diz por que *tira* o reino do discípulo indisposto para o serviço. O Senhor sempre procede de acordo com a mesma justiça. Para o seguidor de Cristo vale a mesma justiça que para o judaísmo. Ela paira com a mesma neutralidade sobre o discípulo como sobre quem não é cristão. O Senhor não concederá novas dádivas ao que não usa o que recebeu, i. é, que não o administra fielmente e não trabalha com ele (lembremo-nos do povo de Israel, que não apenas não usou as dádivas de Deus, mas até abusou delas; a lei – os fariseus). Aquilo que o Senhor incessantemente concedeu em bens e tesouros celestiais à sua comunidade e ainda continua dando, isso compromete a comunidade à fidelidade máxima, para o mais sério empenho total sem cessar.

"Caso contrário, venho a ti e, se não te arrependeres, tirarei o teu candeeiro de seu lugar!" (Ap 2.5).

Uma última afirmação seja feita: A parábola dirige-se a cada discípulo, e ainda hoje a cada um bem *pessoalmente*. Cada cristão renascido recebeu para si pessoalmente uma tarefa suprema e última. É a tarefa de deixar-se santificar, de deixar-se transformar passo a passo na imagem do Filho de Deus! Tornar-se semelhante a ele, esse é o sentido e o alvo de genuinamente seguir a Cristo!

"Por isso o trabalho da vida de cada cristão é aprender a pensar e julgar cada vez mais como Cristo pensou e julgou. É adquirir cada vez mais a concepção de vida de Cristo em lugar da egocêntrica que está na nossa natureza. Cabe-nos sentir e querer mais e mais como Cristo sentiu e quis, para que brilhe cada vez mais clara e pura a imagem de Cristo em nossa vida e nós 'cresçamos em tudo para dentro dele' (Ef 4.15). Tudo o que Deus nos deu e nos envia, nossas aptidões e dificuldades, tudo o que temos de fazer e de sofrer, deve servir a esse alvo, de que cada alma a seu modo se desenvolva em uma imagem especial de Cristo. Porque a própria santidade de Cristo é tão grande e abrangente que ela não pode ser retratada integralmente em nenhuma alma humana. Mas cada pessoa é chamada a configurar em sua vida, segundo a sua característica, um traço singular dele. Nisto consiste nossa verdadeira tarefa pessoal na vida. E será tão maravilhoso quando, no 'lado de lá', todos os que seriamente se deixaram santificar glorificarão, como imagens de Cristo, aquele de quem se tornaram semelhantes sem o terem alcançado, ele, o Cristo pleno" (cf. Lauck, p. 86).

9. O grande julgamento geral do mundo, 25.31-46

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória.
E todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas.
E porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda.
34 **Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.**
Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes;
estava nu, e me vestistes, enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me.
Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber?
38 **E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos?**
39 **E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar?**
O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.
Então o rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.
42 **Porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber;**
43 **sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me.**
44 **E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso, e não te assistimos?**
45 **Então lhes responderá: Em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.**
E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna.

O último discurso de Jesus, preservado por Mateus, não descreve mais como Jesus julga o círculo de seguidores, mas apresenta o Senhor como Juiz de todos os povos, que estão reunidos com todos os anjos diante do trono dele.

"Ele que foi julgado pelas pessoas, julgará as pessoas. O condenado condenará. Seus juizes serão acusados e ele, o acusado, julgará."

O trono de julgamento é chamado, aqui, de **trono da glória** (grego: *thrónos doxes autu*; cf. Mt 19.28. Em relação aos outros termos para trono, veja Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel*, onde são abordados os tronos reais de Jesus Cristo e os tronos de julgamento de Jesus Cristo; cadeira de juiz: 2Co 5.10; grande trono branco: Ap 20.11 etc.).

Portanto, fala-se agora da cadeira de juiz de Cristo enquanto trono da glória. Realiza-se o julgamento sobre todos os povos vivos. Ele os separará uns dos outros assim como um pastor separa as ovelhas dos carneiros.

A expressão **todos os povos** deve referir-se a todos os povos pagãos vivos naquele tempo. Não se fala dos mortos. Tampouco se menciona que as obras de amor tenham sido realizadas de algum modo "em nome de Jesus". Como os **justos** de que Jesus está falando não relacionaram de nenhuma maneira suas obras de amor com o Senhor Jesus, essa circunstância também permite concluir que se trata de povos gentios. Considerando que aos **justos**, apesar disso, é assegurado o **reino dos céus** pelo juiz, poderíamos levantar a pergunta: É possível que pessoas sejam salvas unicamente por obras? Acaso alguém pode ser salvo sem crer no Senhor Jesus Cristo, sem jamais ter ouvido a respeito dele? Sim, porventura não poderíamos formular a pergunta assim, que justiça social, amor natural às pessoas sem exceção, amor ao próximo, seriam suficiente para a salvação?

De fato são perguntas extremamente difíceis, as que foram formuladas. Não seremos capazes de elucidar até o último o sentido do julgamento dos povos.

Nossos pensamentos, por isso, constituirão somente respostas provisórias.

A idéia principal dessas palavras de Jesus sobre o julgamento dos povos será *esta*: O Filho do Homem retribuirá a cada um de acordo com o seu agir e viver. Assim já foi dito em Mt 16.27b. Esse critério de julgamento vale tanto para o seguidor de Cristo quanto para o gentio que ainda não conhece a Escritura. Ambos os grupos humanos são julgados segundo a mesma e única justiça

divina. Em vista de o Senhor, nesse julgamento dos povos, falar de todos eles, ele não fala da fé como tal, não se refere ao testemunho do seu nome, mas somente ao fazer e atuar das pessoas. Porventura não se exterioriza a mais íntima constituição do coração em cada ação e gesto da pessoa, que aconteçam de forma honesta e com intenção pura?

Além disso, não constitui uma graça muito grande, desmedida, do Senhor, que ele olhe para essa posição interior do coração e a veja e reconheça "como a um pavio que arde"? E mais, que ele leve essa faísca de pureza e verdade interiores tão a sério que a torne medida para o seu julgamento? Tão grande, profunda e ampla é a graça do Senhor, que ele se alegra com toda a boa ação pura e genuína como tal. Alegra-se tanto que até agradece por ela com o reino dos céus.

Talvez reclamemos como aqueles homens da parábola dos "trabalhadores na vinha" (Mt 20.1-16), que ficaram incomodados pela "injustiça" do Senhor, que pagou aos que tinham trabalhado apenas uma hora o mesmo salário que aos que se esforçaram durante doze horas. Talvez digamos: "Nós temos de crer em ti, temos de obedecer-te, temos de correr a vida inteira atrás da santificação, temos de deixar para trás tudo o que nos pudesse ter sido alívio, como as alegrias e comodidades do mundo, – e aqueles, que não fizeram nada disso, tu os consideras da mesma maneira como a nós! Apenas porque ajudaram a uma das pessoas sofredoras, por isso recebem o reino dos céus! (Porque não podemos afirmar que os "irmãos" que Jesus designa como *seus* irmãos tenham sido somente os discípulos. Isso seria um acréscimo arbitrário à palavra de Deus.)

Como seria a resposta de Jesus a uma reclamação e questionamento desses? Provavelmente a resposta de Jesus seria: "Os primeiros serão últimos!" [Mt 20.16]. Quem considera insignificante demais alimentar os necessitados, não é digno do reino dos céus! "Por que você olha atravessado quando eu sou tão bondoso?" (Mt 20.15). Será que a sua fé não deveria se alegrar com essa infinita graça de Deus, que não passa por cima da menor fagulha de pureza e veracidade; não deveria a fé tornar-se mais firme e consciente, reconhecendo o aspecto de que este é um Salvador verdadeiro e real que dá atenção até mesmo aos mínimos sinais de pureza desinteressada e de obras de amor, recompensando-as com um presente da maior magnitude?

"Por que você olha atravessado quando eu sou tão bondoso?" A reclamação relatada não seria em última análise farisaísmo, dureza de coração, egoísmo religioso, mentalidade de servo e não de filho?

Uma nova pergunta nos move: Porventura essa história do julgamento dos povos não está demonstrando que o Senhor reconhece unilateralmente apenas a *obra*, que, portanto, alcançamos a salvação somente pelas *obras* e não pela *fé*?

É bem verdade que o Senhor reconhece a obra. Contudo, faz uma grande diferença se *nós* elogiamos nossa obra ou se *ele* o faz. Consideremos que aqueles que o alimentaram no irmão lhe dissessem: "Nós te damos de comer etc. Que receberemos nós por isso? Tu tens uma obrigação conosco!?" Então o Senhor certamente responderia: "Tua mão esquerda sabia o que a tua direita fazia – e com isso já recebeste tua recompensa" (Mt 6.3). Quem ama de verdade deixa que o Senhor elogie a sua obra. Pois esperamos o reino dos céus da sua graça, não da nossa obra.

Por outro lado, também é válido que nossa obra não seja desprezada por nós, não seja largada no canto como nula e insignificante, como no caso do servo preguiçoso que não fez nada (Mt 24.48-51; 25.14-30). Fé morta não produz obras. Existem apenas dois caminhos: ou fazemos a vontade de Deus – ou realizamos a nossa própria. A pessoa cuja vida seguindo a Cristo não a leva a praticar a vontade de Deus, anda pelo outro caminho e não "traz o óleo na jarra". Ela enterrou o seu talento!

Mais uma pergunta: O Senhor declara aos justos (v. 34): **Recebei em herança o reino que está preparado para vós desde a fundação do mundo**. Na sentença de condenação, porém, o Senhor fala do fogo eterno, **que foi preparado para o diabo e para seus anjos** [v. 41]. – O que significa isto? **Para os justos desde a fundação do mundo**, e depois **para os perdidos, preparado para o diabo e seus anjos**?

O inferno não fazia parte do plano original da criação. Ele foi acrescentado somente depois, por causa da queda dos anjos. Então, estava destinada só para eles, não para as pessoas. Por conseguinte, não é bíblico, é contrário à Bíblia afirmar que desde a eternidade Deus destinou, a partir de sua deliberação divina, uma parte da humanidade para o inferno e outra para o céu. Essa história do julgamento dos povos nos demonstra que, apesar da grave seriedade da condenação, Deus quer que todas as pessoas sejam salvas (1Tm 2.4). Decididamente, Deus não é um senhor severo (Mt 25.24). Seus olhos e seu coração são tão grandes quanto apenas podem ser amplos os olhos e o coração de Deus!

XXXI. SOFRIMENTO E MORTE DO SENHOR, 26.1–27.66

Observação preliminar

O Senhor havia deixado o templo para nunca mais entrar nele. Vimos em 24.1: "Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando…" No instante em que Jesus se retirou do templo, este perdeu sua característica de residência de Deus. Em frente ao templo, Jesus havia descrito o futuro: do templo, da cidade e da sua comunidade, bem como profetizado seu próprio retorno com grande poder e glória.

Com clareza divina Jesus, agora, como cordeiro que leva consigo o pecado do mundo, está pronto para morrer. Após um tempo de máxima atividade, chegou para ele esse tempo de máxima passividade, quando ele próprio quer se oferecer como contrapeso na balança, em favor do mundo. Medido por padrões humanos, esse tempo de sofrimento e morte de Jesus é breve, em comparação com o primeiro tempo de sua vida na terra. Contudo, quem seria capaz de dimensionar qual é a proporção das forças despendidas numa época e noutra?

Os acontecimentos sucedem-se, pois, rapidamente.

Não há mais delongas. Quase poderíamos dizer: "Ele se lançou em direção à morte". Enquanto todos os quatro evangelistas silenciam quase completamente sobre a juventude de Jesus e os 30 anos antes de sua atividade pública, eles relatam a história do sofrimento e da morte de seu Salvador *quase hora por hora*. A paixão e a ressurreição, que inicialmente lhes pareceram fatos obscuros e totalmente enigmáticos e incompreensíveis, tornaram-se agora o objeto mais significativo e o verdadeiro ponto central de toda a sua vida de fé, enfim, de toda a sua atividade de pregação.

1. A decisão do Sinédrio, 26.1-5

Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos, disse a seus discípulos:
Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.
Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás;
4 **e deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo.**
5 **Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.**

As palavras: **Quando Jesus acabou todos esses discursos** denotam que agora a atividade de ensino de Jesus está definitivamente encerrada. Neste momento inicia sua obra salvadora propriamente dita, sua amarga paixão e morte no mastro dos criminosos. Jesus está ciente desse desfecho de sua vida na terra. A festa da **Páscoa**, a ser festejada dentro de dois dias, será o dia de sua morte.

Enquanto Jesus prenuncia com plena certeza a sua morte para a festa da Páscoa judaica, seus inimigos se reúnem para uma discussão na casa de Caifás. O objetivo da conversa é como prenderiam Jesus com astúcia e como o "eliminariam" às escondidas. A vida de Jesus não tinha nenhum valor para eles. – Em consideração com o povo, decidem evitar qualquer agitação em público. Por isso, sob hipótese alguma, o assassinato secreto planejado poderia acontecer nos dias da festa. Somente depois da festa o odiado galileu deverá ser eliminado. – Que coisa terrível! Não fosse o medo diante de uma rebelião generalizada, nem mesmo a santidade da festa teria contido os "piedosos líderes" de Israel no propósito de assassinar Jesus à traição. – O que, porém, os inimigos não queriam e tampouco sabiam, isso Jesus sabia, ou seja, que justamente na Páscoa, e ainda com toda a publicidade, ele teria de padecer a morte de um criminoso (v. 2). Vemos com que superioridade Deus e, com ele, seu Filho, pairam sobre todas as resoluções dos inimigos de Jesus. Acontece não o que querem as pessoas, mas o que Deus quer, inclusive em relação ao tempo, ao local e à hora.

A palavra *páscha*, traduzida como **Páscoa**, significa "passar do lado" e relembra como os israelitas foram poupados no Egito, quando o Senhor passou do lado de suas casas pintadas com o sangue do cordeiro, não vitimando os seus primogênitos. Mais tarde o termo *páscha* foi usado para a própria refeição e, finalmente, como vimos, para a festa toda. O primeiro mês, o *nisan*, em que se festejava a Páscoa, corresponde ao final de março e início de abril.

2. A unção em Betânia, 26.6-13

(Mc 14.3-9; Lc 7.36-50; Jo 12.1-8)

6 **Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso,**
7 **aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça, estando ele à mesa.**
8 **Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que este desperdício?**
9 **Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres.**
10 **Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo.**
Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes;
12 **pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento.**
13 **Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.**

Esse acontecimento deve ser equiparado ao relato de Jo 12.1-8. Os v. 14ss mostram *por que* a unção em Betânia, ocorrida seis dias antes da Páscoa, foi inserida neste ponto. A ação *nobre* de Maria deve ser contraposta à ação *vil* de Judas. Para ilustrar a história de como Jesus foi ungido em Betânia, relatamos algo do evangelho de João (cf, no que segue, o comentário de Godet ao evangelho de João).

A partir da contingência de que Lázaro estava presente como convidado e não como hospedeiro ou anfitrião (Jo 12.2), depreende-se que os fatos se desenrolaram não na sua casa, mas numa outra. Disso decorre naturalmente a concordância com os relatos de Mateus e Marcos, que afirmam com convicção que a ceia aconteceu na casa de Simão, o leproso, que sem dúvida era um doente curado por Jesus e que solicitou o privilégio, diante dos demais, de hospedar Jesus. Não era possível que todos hospedassem Jesus, mas cada um queria contribuir ao máximo com a homenagem que lhe estava sendo prestada: Marta pela prestação de seus serviços, ainda que numa casa alheia, Lázaro por meio de sua presença que, como tal, já contribuía mais que tudo para a glorificação do Senhor, e finalmente Maria, por meio de uma despesa realmente régia, que expressa o sentimento que movia sua alma.

De acordo com o costume daquela época no Oriente, as pessoas se deitavam em torno da mesa sobre um tipo de almofada ou divã. A cabeceira do divã estava próxima à mesa. As mesas eram consideravelmente mais baixas que as nossas. Com o braço esquerdo as pessoas se apoiavam sobre a almofada na cabeceira, com o braço direito pegavam os alimentos. O corpo ficava estendido para trás. Na extremidade do divã pousavam os pés, despidos das sandálias (cf. Lc 7.36-50). Maria faz uso dessa oportunidade e entra com uma vasilha de alabastro cheio de um perfume de alto preço.

Era costume geral entre os povos da Antigüidade ungir a cabeça dos convidados em dias festivos com óleo perfumado. Davi declara a Iavé, descrevendo a felicidade da comunhão com Deus com a figura de uma ceia preparada por Deus: "Preparas-me uma mesa. […] Unges-me a cabeça com óleo. O meu cálice transborda" (Sl 23.5). Em Lc 7.46 o Senhor constata que constituía um esquecimento ofensivo não realizar esse costume. Em Betânia não houve por que culpar os hospedeiros dessa omissão. Maria assumiu este serviço e se reservou o direito de executá-lo à sua maneira. – *Myrón* é o termo geral para todos os líquidos perfumados, e *nardos*, é o nome da variedade mais preciosa. Mateus usa o termo *myrón*, João usa *nardos*, e Marcos emprega ambos. Essa palavra, *nardos*, originária do sânscrito (em persa *nard*, em sânscrito *nalàdá*), designa uma planta nativa da Índia. Seu sumo era guardado em vasos de alabastro. O preço de uma libra romana desse perfume (Jo 12.3), igual a 300 gramas, perfazia 300 denários, o que correspondia ao salário anual de um trabalhador (cf. Mt 20.2; Jo 6.7).

Inegavelmente esta história de Mt é a mesma que a contada em Jo 12.1-8 e Mc 14.3-9. No entanto, Mt e Mc dizem que o perfume foi derramado sobre a *cabeça*, enquanto João diz que foi sobre os *pés*. Essa pequena diferença é fácil de explicar. Após a unção da forma costumeira (sobre a cabeça), começava a lavagem dos pés com o perfume, que, nesse caso, ocupa o lugar do lava-pés costumeiro (Lc 7.44). Somente João transmitiu à posteridade a memória dessa ação, atribuindo-a a Maria. Não seria fácil imaginar que Maria tivesse derramado meio litro desse perfume sobre a cabeça. – A relação dessa unção com o acontecimento narrado em Lc 7, porém, é diferente. Destaquemos brevemente os poucos traços que impossibilitam uma identidade dos dois relatos. Simão, o leproso de Betânia, do qual falam Mateus e Marcos, tem em comum nada mais que o *nome* com Simão, o

fariseu, citado por Lucas. Dentre o pequeno número de nomes que conhecemos das histórias dos evangelhos, podemos contar de 12 a 13 portadores do nome *Simão*. Como não poderia haver duas pessoas com um nome tão difundido, em cujas casas houve acontecimentos semelhantes? Um viveu na Judéia, o outro na Galiléia. Um recebe Jesus no meio de seu ministério na Galiléia, o outro poucos dias antes de seu tempo de padecimento. Na Galiléia o assunto da conversa é o perdão dos pecados, na Judéia é a despesa feita por Maria. Quanto ao fato de que as duas mulheres secam os pés de Jesus com os cabelos, uma delas está enxugando as suas lágrimas, a outra o perfume com que embalsamou o seu Senhor. Essa diferença caracteriza suficientemente as duas mulheres. Ademais, o sentimento cristão sempre protestará se Maria de Betânia for identificada com uma mulher mal-afamada.

Os discípulos começam a criticar a ação de Maria. Essa manifestação de irritação deve ter sido causada por Judas (Jo 12.4).

O tom de ordem da parte de Jesus aos discípulos é a única atitude acertada. Deixem essa mulher sossegada e em paz! Não a incomodem mais com inúteis e inoportunas acusações de um suposto desperdício fútil! Jesus declara que Maria possui justamente aquilo que, pelo juízo dos discípulos, lhe faltava, enquanto os discípulos não o possuem. Não derramou esse perfume em vão. "Ela fez o que pôde. Antecipou a unção de meu corpo para a sepultura" (Mc 14.8). Em outras palavras: Ela fez desse dia o dia do meu sepultamento. Mateus diz: **Ao derramar este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para me preparar para a sepultura**.

O sentido do v. 11 é: Se os **pobres** realmente forem alvo da preocupação de vocês, sempre haverá tempo para vocês lhes demonstrarem sua solidariedade. Contudo, a minha pessoa em breve estará afastada do cuidado e da assistência amorosa de vocês. A primeira parte da sentença parece estar apontando para Dt 15.11.

Para os discípulos essas palavras de Jesus significaram uma vigorosa exortação para aproveitarem bem as últimas horas de convívio com ele.

Com o v. 13, Jesus inaugura um memorial duradouro para Maria. O Senhor honra a cada pessoa que lhe agradece e que o engrandece de coração.

3. A traição de Judas, 26.14-16

(Mc 14.10s; Lc 22.3-6)

14 **Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs:**
Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata.
E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar (= trair).

Lucas atribui o passo de Judas a uma influência satânica. Até declara: "Satanás entrou nele" (Lc 22.3). De acordo com a compreensão bíblica, essa interferência de Satanás de forma alguma exclui a liberdade de Judas. Quando começou a seguir Jesus, Judas não tomou como questão prioritária para si o que Jesus tantas vezes exigiu dos seus, de "negarem integralmente a sua própria vida". Para ele, Jesus era apenas o meio desejado para satisfazer sua ambição e sua ganância. Agora, vendo a situação caminhar para um desfecho completamente diferente do que seu coração natural havia desejado, queria pelo menos tirar vantagem da posição falsa em que se colocara perante o seu povo, utilizando sua qualidade de discípulo para reconquistar a benevolência da autoridade israelita. Na sua traição, as trinta moedas de prata (= 120 denários) evidentemente desempenharam um papel apenas secundário, se bem que real (cf. Zc 11.13).

A *prisão* devia ser executada sem causar sensação popular. Contudo, essa oferta inesperada de Judas levou o Sinédrio a preferir agir *antes* e não *depois* da festa. Agora cabia apressar-se. O último momento havia chegado.

É horrível a história de Judas, são consternadores os degraus de sua queda: Judas, o discípulo, o insincero, o ladrão, o traidor, o suicida!

4. A última ceia pascal, 26.17-25

(Mc 14.12-16; Lc 22.7-13)

No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram:
Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa?
E ele lhes respondeu: Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer:
O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos.
19 **E eles fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.**
Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos.
21 **E, enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá (delatará)!**
22 **E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?**
E ele respondeu: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá.
24 **O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!**
25 **Então, Judas, que o traía, perguntou: Acaso, sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste.**

A palavra Páscoa ou "festa dos pães asmos" refere-se à festa toda, de sete ou oito dias. O primeiro dia da festa dos pães asmos *não* é o dia em que se mata e come o cordeiro pascal, mas sim o dia anterior, ou seja, a quinta-feira. Nesse dia era obrigatório comer pães sem fermento. Esse dia devia ser honrado pela comida e bebida (*mechiltá*). Acontece nele, portanto, uma refeição obrigatória, precisamente à noite, e com essa ceia de abertura começa a festa dos pães asmos. Devemos ter em mente essa ceia de abertura, quando se comia o cordeiro pascal, e não a refeição pascal propriamente dita.

Por que Jesus não designa pelo nome o anfitrião que tem em mente? Para isso existe somente uma resposta: a casa em que ele tenciona tomar a ceia deve permanecer ignorada pelo seu pequeno grupo. Para que essas regras misteriosas? Jesus sabia o que Judas tinha em mente, conforme demonstra o relato seguinte em Marcos. Por isso, tomando essas providências, quis antecipar-se às importunações que, pela infidelidade de seu discípulo, poderiam interferir na finalidade para a qual Jesus tinha planejado essa última noite.

Jesus deve ter sido conhecido do proprietário da casa. Senão as expressões **o Mestre** e **meus discípulos** teriam ficado incompreensíveis para ele.

A ceia pascal não podia ser celebrada em Betânia porque a ordem sacerdotal não o permitia. Era necessário poder enxergar o templo, o que era impossível a partir de Betânia. Portanto, também os moradores de Betânia tinham de se dirigir a Jerusalém.

A refeição começa no salão preparado pelos discípulos. "Jesus se sentou, ou melhor, se deitou com os apóstolos em torno da mesa. Assim já se tornara costume geral antes do tempo de Jesus. Não mais como no passado, com pressa e precipitação (Êx 12.11), pois a posição deitada justamente na ceia pascal devia ser sinal de liberdade, que lembrasse a libertação da escravidão egípcia. No Talmude, sobretudo no tratado *Pesakim*, da *Mixná*, encontram-se regras muito detalhadas sobre o transcurso da ceia pascal. Mesmo que a anotação escrita dessas prescrições tenha acontecido somente no início do século III, não há dúvida de que nelas se reflete a prática generalizada dos fariseus no tempo de Jesus. Como o povo em geral seguia a orientação dos fariseus, Jesus também deve ter cumprido, no essencial, essa prática com seus discípulos.

Por se tratar de uma festa de alegria, os "quatro copos de vinho" tinham uma função importante. A cada um, mesmo ao mais pobre, esses quatro copos deviam ser proporcionados. Igualmente era costume geral que cada conviva tivesse diante de si o seu próprio copo, que tinha de ser enchido no mínimo quatro vezes. Naturalmente não somente com vinho: Para cada terço de vinho misturava-se dois terços de água.

Quando o primeiro copo era enchido, o dono da casa, ou o cabeça da comunhão de mesa, dizia a bênção sobre o vinho: "Louvado sejas, Senhor, nosso Deus, rei do mundo, que criaste o fruto da videira", agradecendo também pela festa. Por isso comia-se, como entrada, ervas amargas, seguidas de um tipo de mingau pastoso ou massa de frutas, de figos, tâmaras e amêndoas amassadas, preparado em vinho com canela e outros temperos. As ervas amargas, que eram imergidas nessa massa, deviam lembrar a amarga escravidão no Egito.

Depois de comida a entrada, misturava-se o *segundo* copo para cada conviva. Em seguida o chefe da casa, perguntado pelo filho, dava uma explicação sobre o significado da festa, depois da qual era recitada a primeira parte do assim chamado *Hallel*. O *Hallel* completo abrangia os Sl 113–118. Depois disso começava a ceia pascal propriamente dita, ou seja, comia-se o *cordeiro pascal*. O momento era introduzido pela palavra de louvor que o dono da casa proferia sobre o pão sem fermento que ele tinha nas mãos e depois quebrava.

Após o recolhimento dos restos da comida, era servido o terceiro copo, o "copo da bênção". Ele é chamado assim porque sobre ele era proferida a bênção de gratidão pela refeição toda.

Quando, depois disso, se terminava de orar a parte final do *Hallel*, um quarto copo encerrava a festa. Como festa séria, não deveria estender-se além da meia noite.

Mateus e Marcos relatam duas coisas especiais acerca dessa ceia pascal, tão repleta de acontecimentos, a saber: Jesus *aponta o traidor* e Jesus *institui a Ceia*" (Lauck, p. 109; cf. especialmente Strack-Billerbeck, NT, vol. 4.1, p. 41-76; e Rienecker, *Begrifflicher Schlüssel zum griechischen NT*).

Primeiramente vejamos a designação do traidor. Jesus diz: **Em verdade, eu lhes digo, um de vocês me vai entregar.** Visto que esta palavra de Jesus é dita com tanta determinação, os discípulos ficam assustados. Não compreendem bem o sentido das palavras de Jesus. Mas perguntam, abalados: **Seria eu, Senhor?** A ação de Jesus, como resposta, ainda deixa indefinido quem o seria. Jesus declara: **O que põe comigo a mão na bacia, este é que me vai entregar**, em outras palavras: **Um de meus amigos e companheiros de mesa o fará**. Jesus continua: **O Filho do Homem parte…** – não porque fosse indefeso perante o traidor, mas porque essa traição está contida na deliberação de Deus.

A traição de Judas acontece porque a decisão divina da morte do Messias precisa ser cumprida e porque a *traição* representa o meio para ela. *Apenas* que permanece responsável pela traição, em qualquer circunstância, aquele que a realiza.

O "ai" que o Senhor exclama contra Judas representa uma dor profunda de sua alma. Ele tem dó dessa pessoa, até às origens de seu nascimento. Atormenta-se pela vida e eternidade dessa pessoa, a tal ponto de conseguir esquecer, por isso, a própria dor que ele lhe causa. A dor é tanto maior porque sabe que esse perdido não pode lhe trazer nada mais do que o Pai determinou. O Filho do Homem parte inevitavelmente, assim como foi estabelecido (v. 23). O fato de que, depois dessas palavras, os discípulos discutiram entre si, comprova a habilidade com que Judas sabia ocultar sua mentalidade e sua intenção. A expressão: **Acaso seria eu?** dos discípulos está inserida num momento natural. Considerou-se improvável que Judas também tenha perguntado assim (Mt 26.25). Porém, como todos os outros perguntavam, ele não podia deixar de fazê-lo, para não se delatar. A palavra de Jesus: **Tu o dizes!** expressa exatamente o mesmo que as palavras dele em Jo 13.26: "Tendo molhado o pedaço de pão (da ceia de abertura), deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes". Exatamente esse gesto de Jesus foi a resposta que Mateus transformou nas palavras: "Tu o dizes!"

Judas tinha perguntado da mesma forma como os demais discípulos ao Senhor: "Acaso sou eu, *Rabbi*?" Ou seja, ele tentou tudo o que podia para se ocultar. Imitou o susto dos discípulos e se portou tão preocupado e ansioso quanto eles.

"Foi somente Mateus quem relatou essa pergunta de Judas. Contudo, não se pode negar que Judas se esforçou cuidadosamente para ocultar sua culpa. Não podia mostrar-se informado, enquanto todos os demais estavam espantados. De sua parte, também precisava concordar com a repulsa a essa traição e também tinha de fingir que desejava ouvir de Jesus uma palavra tranqüilizadora. Por querer trair Jeus, precisava ser cuidadoso para não se trair pessoalmente. Por isso ouviu a palavra que o inculpou. Jesus fez uma destruição completa da farsa de Judas, indicando-lhe claramente que não pode safar-se por meio de dissimulações.

"Mateus interrompe a narrativa, voltando a falar de Judas somente quando este chega com a horda armada ao Getsêmani. Não informa quando Judas se separou de Jesus. O olhar do evangelista está total e exclusivamente voltado para Jesus. Ele quer que observemos com que firmeza e santidade Jesus se encaminha para a cruz. Todas as outras pessoas são questão secundária. Por causa deles Mateus não desvia nosso olhar de Jesus. É presumível que Judas tenha saído do recinto imediatamente depois daquelas palavras e se dirigido ao palácio do sumo sacerdote.

"Depois de pronunciar de modo tão solene a sentença divina sobre aquele que repeliu de si a graça, Jesus realiza ainda uma segunda ação naquela noite. Ele explica aos demais discípulos a bênção de sua morte, e não apenas isto, mas também a concede. Após afastar de si aquele discípulo

perdido e entregá-lo à morte, outorgou aos outros a participação plena na sua morte na cruz“ (Schlatter, p. 386).

5. A Ceia, 26.26-30

(Mc 14.22-25; Lc 22.15-21; 1Co 11.23-25)

Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.
27 **A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos;**
porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados.
E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai.
E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Estas palavras perfazem o cerne do relato todo nos três evangelhos. Não nos cansamos de admirar a sabedoria e a grandeza do Senhor, que se tornam visíveis na instituição da Ceia. Ela deve confirmar aos discípulos, que nunca puderam acreditar de fato na morte iminente de Jesus, que ela estava por acontecer. Essa morte tão escandalosa deve brilhar para eles com o sentido de **para o perdão dos pecados**. Deve comprometê-los a lembrarem sem cessar dessa morte, e uni-los com os que em todos os tempos crerão em Jesus. A instituição da Ceia não é fruto de uma inspiração momentânea, mas sim a seqüência de um plano conduzido cuidadosamente pelo Pai. Reconhecendo que seu sofrimento se aproxima com certeza, o Senhor unifica a clara consciência do efeito abençoador de sua morte com o seu amor pelos discípulos, que o faz esquecer-se totalmente de si próprio. Esse amor também o move a preparar-lhes, agora, antes que as horas mais difíceis se aproximem, um fortalecimento para a fé, o amor e a esperança deles.

Citamos sinteticamente o que Johannes Gossner disse acerca da Ceia: “Ao instituir a Ceia, o Salvador não nos deu seu corpo e seu sangue para disputas doutrinárias, para quebrar a cabeça, para explicar ou duvidar, mas simplesmente para desfrutar dele, para comer e beber, para o crescimento na graça e no amor, e acima de tudo na unidade dos fiéis uns com os outros e com Jesus.

“A fé singela não analisa, não explica e não define o mistério inexplicável e incompreensível: Cristo em nós (Cl 1.27; Jo 6.56). Quer apenas recebê-lo assim como Cristo o oferece, quando diz: ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo! Tomai e bebei, isto é o meu sangue!’ Ele não diz: ‘Compreendam! Pesquisem! Discutam! Briguem!’ etc.”

“É a reverência, a fome, o desejo de estarmos tão intimamente unidos a Cristo e participando de seu corpo e sangue, que ele está em nós e nós nele – é *isso* que deve espantar todos os demais pensamentos, deve envolver-nos integralmente, para sermos imbuídos somente de Cristo, dos seus méritos, da sua força e graça, da sua presença. Podemos deixar o ‘como’ completamente nas mãos dele. Isso não é assunto para a razão, mas somente para o coração, não para compreender, mas para desfrutar. Quanto mais você quiser compreender, definir, explicar, tanto menos desfrutará. Cabe-lhe apenas tomar e comer, deixando por conta do doador o que e como ele quer dar. Cabe-lhe apenas crer, pois ele dá mais do que você pode captar, crer, compreender e pedir – muitíssimo mais que seu pequeno e pobre coração pode comportar.”

Instituindo a Ceia, Jesus encerrou o convívio com seus discípulos na terra. Ele olha por cima do sofrimento e da morte em direção à eternidade e declara: **Eu lhes digo: Doravante não beberei deste fruto da videira até o dia em que o beber, de novo, com vocês no reino do meu Pai.** Somente no além eles voltarão a estar unidos e a celebrar a ceia festiva. Então, transfigurado, ele lhes entregará o cálice da alegria na Ceia.

A canção de louvor que encerrava a celebração da ceia pascal era constituída dos Salmos 115–118.

6. A caminho do Getsêmani, 26.31-35

(Mc 14.17-31; Lc 22.31-34)

Então, Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas.
Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia.
Disse-lhe Pedro: Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim.
Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes.
35 **Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo.**

O caminho de Jesus para a morte torna-se, nessa noite, uma tribulação muito grande para os discípulos. Contudo, superando a escuridão dessa noite, o Ressuscitado tornará a reuni-los, que se haviam dispersado. – Lembrando Zacarias (13.7), Jesus anuncia a seus discípulos que eles todos duvidarão dele nessa noite e que ele, desta maneira, lhes dará motivo para caírem. Como ovelhas que subitamente são privadas do pastor, assim eles serão dispersos "por medo e terror". – Pedro replica: **Mesmo que todos caiam por causa de ti, eu jamais cairei.** São palavras que combinam integralmente com o jeito de Pedro: cheio de amor pelo Mestre, mas sem o menor autoconhecimento, e *não* sem querer sobressair-se. – Por isso ele persiste na sua contradição, apesar das afirmações exatas de Jesus sobre o cantar do galo. Provocando o prenúncio de Jesus, Pedro tornou seu problema bem pior, porque, apesar de ter sido prevenido por Jesus, se lançou nesse pecado.

Marcos elabora mais os detalhes e diz com maior exatidão: "Antes que o galo cante duas vezes, me terás negado três vezes" [Mc 14.30]. A primeira negação aconteceu por volta das três horas. O fato de acontecerem dois gritos distintos do galo, dos quais o primeiro já devia ser uma advertência para Pedro, realça ainda muito mais a magnitude do seu erro.

7. A luta de oração no Getsêmani, 26.36-46

(Mc 14.32-42; Lc 22.39-46)

Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar;
e, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se.
Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.
Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.
E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?
Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.
Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.
43 **E, voltando, achou-os outra vez dormindo; porque os seus olhos estavam pesados.**
Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras.
Então, voltou para os discípulos e lhes disse: Ainda dormis e repousais! Eis que é chegada a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores.
Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.

Quando apreciamos toda a história da vida de Jesus em comparação com a de outras pessoas famosas, é curioso que justamente se deva atribuir ao fim de sua vida ainda um valor singular e um fruto especial para a humanidade.

É sabido que, na teologia protestante atual, há uma concepção bastante disseminada da vida de Jesus segundo a qual com Jesus teria acontecido o mesmo da regra geral. Coloca-se, então, toda a ênfase exclusivamente no quadro de sua vida e atuação *na terra*.

Contudo, conforme sabemos, a resposta da comunidade de Jesus àquela questão soa bem diferente. Tanto no testemunho e ensino quanto na fé da comunidade, é precisamente o próprio

sofrimento de Jesus como tal e a própria morte de Jesus como tal, é a cruz e o sangue de Cristo que constituem o cerne autônomo da doutrina e da fé na salvação. Por mais alto apreço que se dê à importância da vida e ação terrenas de Jesus, o centro da pregação e da fé na salvação, a saber a reconciliação do mundo pecaminoso e culpado com Deus, não está relacionado tanto com sua vida e atuação na terra, porém muito mais com a morte e o sangue de Cristo. Já para Paulo a cruz é o centro de seu evangelho. "Porque resolvi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 2.2).

A luta no Getsêmani travou-se em torno da aceitação clara e espontânea da morte na cruz. Esse instante da aceitação espontânea corresponde ao momento da tentação no deserto, quando Jesus rejeitou o domínio sobre o mundo. Naquela vez, renunciou a governar sobre nós sem Deus. Agora ele concorda em morrer por nós com Deus. A luta em sua alma é introduzida com as palavras (em Mateus e Marcos):

Começou a tremer e a angustiar-se.

Estamos diante do mais profundo mistério da história evangélica. Do monte da transfiguração observamos o Senhor rumar para Jerusalém com passos serenos e firmes. Vimos como, no caminho, efetuou, de maneira majestática, suas maiores realizações de poder e proferiu as mais profundas verdades sobre sua pessoa. Ouvimo-lo falar com divina serenidade sobre seu sofrimento, sua morte, seu sepultamento. Fomos testemunhas de sua atitude régia e superior diante de seus inimigos em Jerusalém. Acompanhamo-lo à sala da ceia pascal e vimos como instituiu a Ceia, oferecendo aos discípulos o seu sangue como se já derramado, e celebrando com os seus sua morte como se já consumada. Até agora, vimo-lo ir ao encontro do sofrimento com soberania divina, paz celestial, calma sobre-humana e dignidade.

E que vemos agora? Que contraste! Que mudança inconcebível! O homem, a quem os elementos da natureza obedeciam imediatamente, de quem a morte fugia, que não conhecia o medo – este está aí, diante de fracos discípulos, lamentando, triste, tremendo, fraquejando! Todo o seu ser treme e se abala. Dor inexprimível se evidencia no seu rosto. Ansiedade, temor, angústia, agonia de morte – ele vacila até quase quebrar. Ele estremece no corpo e na alma, até sucumbir, até desfalecer! – Ele não pode ficar. **Vigiem e orem comigo**, diz ele aos discípulos, e desprende-se deles à distância de uma pedrada.

Lucas diz: "Ajoelhou-se". Marcos informa: "Caiu no chão". Mateus: **Caiu de rosto em terra**. – Jesus cai de joelhos e exclama, das profundezas de seu coração, de maneira que soe longe pela noite enluarada: **Meu Pai, se é possível, que esta taça passe longe de teu Filho!** Prostra-se sobre o rosto, deita-se no chão e se retorce como um verme, e grita "com grande clamor e lágrimas" (Hb 5.7) **as mesmas palavras**: **Aba, Pai, tudo te é possível. Se for possível, livra-me desse cálice!**

Os três relatos têm em comum a figura do **cálice**. Ela ficou gravada indelevelmente na tradição. O cálice, por cujo afastamento Jesus pede, é símbolo da terrível morte na cruz, cuja imagem sangrenta e horrível está neste momento diante dele com extraordinária intensidade. Marcos acrescenta: "Aba, Pai, tudo te é possível" [Mc 14.36]. Esta é a última e suprema invocação do amor do Pai e, simultaneamente, da onipotência de Deus. Em momento algum Jesus renuncia à obra de reconciliar a humanidade. Ele indaga somente se a cruz é o único meio para alcançar essa meta. Acaso Deus, com seu poder ilimitado, não poderia encontrar um outro caminho para a reconciliação? Por conseguinte, também Jesus teve de obedecer sem entender, e teve de aprender a "andar por fé". As expressões de Hb 5.8: "Ele aprendeu a obediência", e de Hb 12.2: "o Consumador da fé", iluminam profundamente essa luta do Getsêmani.

O Pai não responde. O grito de Jesus ecoa pela noite solitária e silenciosa. Nenhuma gota de consolo refresca o sofredor cansado. As ondas do medo se avolumam, mas o Pai calado deixa seu Filho lutar.

O Senhor levanta e vai até os três discípulos, na esperança de obter algum consolo da oração conjunta. Mas em vão! Eles estão **dormindo**, de tristeza. Com voz suplicante ele os exorta a não o deixarem sozinhos nesta hora, mas que vigiem e orem com ele. Depois retorna ao mesmo local. Prostra-se no chão. Ora as mesmas palavras. Ora com mais insistência. Ele tem de romper a noite. Tem de penetrar até o coração de seu Pai. Tem de obter uma resposta.

Será que dessa vez o comovente "Aba, Pai!" atingirá, através da noite, o céu? Será que mais uma vez o Pai permanecerá calado? Acaso seu coração não se partirá diante de uma angústia tão terrível,

de uma dor tão indescritível, que pesa sobre o Filho, no qual ele tem prazer? Se naquela hora pudéssemos ter olhado no coração do Pai! Ele não *podia* responder!

Pela terceira vez o Senhor se precipita pela noite, ao local solitário. "E aconteceu que estava em agonia de morte. […] O seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" [Lc 22.44]. A morte faz estremecer seus membros abatidos. As vagas do medo chegam ao máximo, abatem-se sobre sua cabeça.

Enquanto o Senhor trava a mais amarga e terrível luta de oração jamais travada sobre a terra, os discípulos dormem!

"O Senhor teve de pisar o lagar sozinho!" Certamente esse sono dos mais fiéis amigos na hora do terror de sua alma tinha de causar dor extrema ao Salvador. Como uma pessoa gravemente enferma ficaria sentida se os seus amados dormissem, em vez de vigiarem com ele no leito!

Também pode ser possível que esse sono representou a ação de Satanás, inconsciente aos discípulos, porque, enquanto atacava o Senhor, com certeza não deixaria impunes as ovelhas.

Jesus levanta da batalha, liberto do medo, como diz a carta aos Hebreus, ou seja, completamente dono de si, como resulta no ânimo da pessoa que se entrega numa obediência total. Obviamente a morte na cruz não perdeu de forma alguma seu tormento. Porém não é mais a mesma a impressão que a expectativa dela causa em Jesus. Ele se rendeu integralmente. Fez o que anunciou, antes de atravessar o Cedrom: "Por eles eu me consagro a mim mesmo" (Jo 17.19). É um ato descrito da seguinte maneira pela carta aos Hebreus: "Pelo Espírito eterno ele se ofereceu a Deus como vítima sem mancha" (9.14). Uma vez que assumiu sobre si o sacrifício, sente de antemão a paz pela realização desse sacrifício. Daqui em diante, caminha a passos firmes em direção da cruz, diante da qual há pouco tremera. Com os discípulos é diferente. Eles não encararam com firmeza a ameaça do perigo de se tornarem infiéis, e não se prepararam contra ele por vigília e oração. É bem natural que sucumbirão.

De acordo com a opinião dos evangelistas e com as palavras que eles colocam na boca de Jesus, a morte dele não é o resultado histórico do conflito surgido entre ele e as autoridades teocráticas. Acontece com Jesus somente o que foi determinado acerca dele (Lc 22.22). "É preciso que assim aconteça" (Mt 26.54).

Jesus morre em prol da remissão dos pecados do mundo (v. 28). A doutrina apostólica, no fundo, não diz nada mais do que isso. No entanto, obviamente as epístolas destacam mais o plano divino, e os evangelhos, os fatores humanos. Ambos os aspectos se complementam. Deus age através da história, e a história concretiza o pensamento de Deus.

8. A prisão de Jesus, 26.47-50

(Mc 14.43-50; Lc 22.47-53; Jo 18.3-11)

47 **Falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo.**
48 **Ora, o traidor lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o.**
49 **E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou.**
50 **Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam.**

Tremor e temor passaram. Com tranqüilidade divina Jesus aguarda o inimigo. Quem não crê que orações são atendidas, quem não crê que, pela oração, são transmitidas forças do mundo futuro, consolo, fortalecimento e paz, este pode constatá-lo aqui. O tenebroso inimigo foi derrotado na âmbito espiritual através da oração e da súplica. A luta na área exterior, física, é a menos importante. – Quando o coração reconheceu a necessidade de uma situação e, pela oração diante de Deus, conquistou paz interior e submissão, então o sofrimento ainda poderá trazer dores horríveis, mas o seu efeito já foi superado. Ele é suportado com paz e serenidade.

Sob o símbolo do amor e da amizade, aconteceu a ação mais tenebrosa da história da humanidade. Com toda razão este beijo de Judas tornou-se, desde aquela hora, expressão do mais abominável fingimento. Com indescritível mansidão, porém, o Senhor permite que lhe seja dado esse beijo. Este amor adorável do Salvador bendito também se expressa nas palavras de Jesus, conforme Mateus: **Meu amigo, para que vieste?** [v. 49]. – Lucas traz as palavras já referidas acima.

O sinal que Judas combinou com o bando tinha a finalidade de evitar que Jesus porventura fugisse, enquanto um dos discípulos fosse aprisionado no lugar dele. As demais palavras no evangelho de João ("eu o sou" e outras) têm a simples finalidade de evitar que outro discípulo seja preso juntamente com Jesus.

De todos os relatos, entretanto, pode-se concluir que a escolta armada, que os sumo sacerdotes organizaram em conjunto com Judas, era muito exagerada. De acordo com João, Judas trouxe consigo a coorte romana. Ainda que não possamos entender isso de modo literal, porque via de regra uma coorte romana era composta de 500 homens, e havia uma somente na fortaleza Antônia. Mesmo assim, podemos supor que toda a força humana da milícia romana disponível no momento foi usada nesta tarefa. Seria, talvez, uma parte da coorte, que a representava em número considerável. É provável que João queira indicar, com a expressão "tendo Judas recebido a coorte" [Jo 18.3], que foi *Judas* quem levou os sumo sacerdotes a solicitar uma força de defesa tão grande. Também o relato de Marcos nos leva a esta conclusão, segundo a qual Judas recomendou aos seus acompanhantes que conduzissem o preso com muito cuidado após o terem prendido. Tanto aquela sagacidade em calcular as forças quanto a preocupação desmedida nos permitem vislumbrar a agitação demoníaca do traidor. Em meio à sua monstruosa traição de Jesus, ele sabia que lidava com alguém poderoso. Compreende-se, porém, que os superiores judeus devem ter considerado muito oportuno para eles solicitar uma grande força militar. Quanto maiores fossem suas exigências a Pilatos nessa questão, motivando-o com a acusação de que se tratava de prender uma pessoa altamente perigosa, tanto mais Jesus era colocado previamente sob suspeita perante a autoridade romana, à qual eles tinham de apresentar Jesus se quisessem levá-lo à morte.

9. A tentativa de defesa, 26.51-54

51 **E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha.**
Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.
Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?
54 **Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?**

Os autores sinóticos não dizem nem o nome do discípulo que ataca nem o do servo atingido. João cita os nomes dos dois [Jo 18.10]. Por quê? Enquanto o Sinédrio ainda detinha poder, a sabedoria determinava que não se mencionasse o nome de Pedro. Por isso também a tradição oral observou o silêncio sobre esse assunto. Contudo, escrevendo após a morte de Pedro e a destruição de Jerusalém, João não foi mais detido por esse temor. Quanto ao nome **Malco**, ele deve ter ficado na lembrança daquele discípulo que era amigo da casa do sumo sacerdote e conhecia esse homem. O que deveríamos pensar do autor do 4º evangelho, se esses nomes próprios apontados por ele fossem invenções arbitrárias? – Assim como Lucas, João esclarece: "a orelha direita".

Jesus diz: **Embainha a tua espada!** Esse golpe de violência não apenas deixaria uma impressão errada da pessoa de Pedro, mas também da causa do Senhor. Faltou pouco para Jesus ser impossibilitado de dirigir a Pilatos (Jo 18.36) a palavra tão importante para sua defesa contra a acusação dos judeus: "A minha realeza não é deste mundo. Se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus." Evidentemente não houve necessidade de outra medida do que curar imediatamente Malco, para recuperar a situação favorável, comprometida pela falha de Pedro.

Na história do reino de Deus houve tantas ocasiões em que servos de Deus tinham as melhores intenções, mas prejudicaram a causa de Jesus por causa de um entusiasmo carnal. De tantas pessoas à procura foi cortada a orelha por insistência pouco espiritual, de tal maneira que elas não queriam mais saber de nada. Porém Jesus restaura e constrói o seu reino apesar dos erros de seus servos.

Pedro queria provar que estava disposto a ir com o Senhor para a luta, sim, para a morte. Tinha boas intenções, mas empenhou-se pelo Senhor com falta de entendimento. Naturalmente era mais fácil, ao lado desse Senhor, atacar com a espada do que vencer o poder oculto das trevas com vigília e oração. Contudo, mais tarde Pedro acabou aprendendo. Aprendeu a deixar-se amarrar como seu Senhor e sacrificar sua vida no serviço dele.

10. As palavras de Jesus ao bando, 26.55,56

Naquele momento, disse Jesus às multidões: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava [convosco] ensinando, e não me prendestes.
Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.

O sentido das palavras de Jesus à multidão é: Por medo diante do povo, vocês não me prenderam à luz do dia. Mas agora, à noite, vocês o fazem. – Jesus é tratado como um ladrão perigoso que pode ser preso somente com a força das armas. Entretanto, dia após dia ele estivera sentado no templo perante o público. Por que agora as espadas e os porretes? Tudo isso, porém, serve igualmente ao cumprimento das Escrituras.

A **fuga dos discípulos**, narrada por Mateus e Marcos, não é mencionada por Lucas.

11. O interrogatório perante o Sinédrio, 26.57-68

(Mc 14.53-72; Lc 22.54-71; Jo 18.12-27)

E os que prenderam Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam reunido os escribas e os anciãos.
58 **Mas Pedro o seguia de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, tendo entrado, assentou-se entre os serventuários, para ver o fim.**
Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte.
E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, afinal, compareceram duas, afirmando:
Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias.
62 **E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti?**
Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.
Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.
Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia!
Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte.
Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!

Os mais ferrenhos inimigos do Senhor reuniram-se rapidamente à noite, a fim de encaminhar a questão sem delongas. Entretanto, para manter pelo menos a aparência do direito, realizam uma segunda reunião cedo de manhã, num horário legalmente permitido, não para prosseguir nas investigações, mas para confirmar, no que fosse necessário, uma decisão já tomada.

Vemos como o Senhor, submetido às mais rudes torturas, mantém um inabalável **silêncio**, assim como antes diante das falsas testemunhas. Na história da Paixão somos informados *quatro* vezes sobre esse silêncio: diante de *Caifás* (v. 63), perante *Herodes* (Lc 23.9) e *duas* vezes diante de *Pilatos* (Mt 27.12 e Jo 19.9). Constitui uma das tarefas mais marcantes interpretar esse silêncio em toda a sua força. Contribuirá muitíssimo para aprofundarmos nossa vida de fé se observarmos quando Jesus falou e quando se calou.

O sumo sacerdote e todo o tribunal procuravam por falsos testemunhos contra Jesus, a fim de poderem matá-lo.

"A lei exigia que a acusação fosse comprovada pela declaração de testemunhas oculares. Se elas faltavam, nenhum juiz judeu pronunciava uma sentença de condenação. Essa também é a razão por que inicialmente foi feita a tentativa de determinar, a partir de afirmações de testemunhas, que Jesus estava em discórdia com Deus e sua vontade. Essa, porém, era uma tentativa complicada. Pois ninguém o ouvira blasfemar contra Deus. Jamais ele censurou uma pessoa sequer sem que

fundamentasse sua afirmação perante todas as consciências. Mateus relata uma das expressões que naquele tempo eram usadas contra Jesus: **Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias.** É a mesma palavra de Jesus que está em Jo 2.19. Contudo, ela foi distorcida pelos seus acusadores. Jesus jamais falou que destruiria o templo, mas sim que Israel o estava destruindo por brigar com Deus e por rejeitar aquele que Deus enviou. No lugar do santuário profanado por Israel, que caminha rumo à destruição, Jesus coloca a si próprio, na forma de Ressuscitado, porque ele é que se torna o mediador da presença divina para o mundo e que manifesta o senhorio de Deus.

"Os acusadores retiraram daquelas palavras a inculpação de Israel que elas continham. Não captam que, por meio delas, Jesus descrevia a culpa deles, porém detectam nelas a intenção arrogante de querer destruir o santuário de Israel. Tampouco se apercebem que, neste exato momento, tornava-se verdadeira a palavra pela qual eles o acusavam como pecador e insensato. Agora eles estavam agredindo o **templo** de Deus, no qual Deus estava com eles, e começaram a obra da demolição que Jesus reverterá novamente após três dias.

"**Levantou-se o sumo sacerdote e perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Mas Jesus guardou silêncio.** Quando o sumo sacerdote exigiu que Jesus se posicionasse quanto à sua atitude diante do templo, Jesus abriu mão de qualquer defesa.

"Teria sido muito fácil para Jesus declarar-se fiel à santidade do templo enquanto casa de seu Pai. No entanto, ele evitou tudo que pudesse causar a impressão de que estivesse resistindo à sua morte. Unicamente a direção do próprio Deus mostraria qual era o verdadeiro sentido daquela sua profecia. Ela trará a demonstração de que em Jesus o templo foi quebrado e ressurge em nova forma. Agora Jesus não podia esclarecer mais nada com palavras.

"**E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Messias, o Filho de Deus.** Uma vez que era impossível declarar Jesus um pecador a partir de uma prova testemunhal, o sumo sacerdote exigiu de Jesus que ele próprio declarasse sua vocação real. Para que não tentasse esquivar-se, pronunciou sobre ele a fórmula de juramento, para lhe abrir a boca com a ameaça do julgamento divino. Também o sumo sacerdote conecta as duas expressões, tal como o discípulo, quando confessou Jesus [Mt 16.16]: Cristo, o Filho de Deus. Desse modo ele lembra Jesus a base sagrada, a partir da qual o Prometido receberá seu poder e sua missão. Quem lança mão da promessa como se fosse destinada a si próprio, esse se posiciona diante de Deus como seu Filho. Se o faz com usurpação, essa atitude contém uma maldosa negação da santidade divina" (Schlatter, p. 338s).

Ou seja, o sumo sacerdote resolveu formular a pergunta final e decisiva. Praticamente para forçar a resposta, emprega a fórmula do juramento. Chegou, pois, o instante decisivo. Da boca do sumo sacerdote ouve-se a pergunta: "És tu o Filho de Deus?" Quem aprendeu a compreender a fundo este interrogatório, experimenta ainda hoje a tensão ansiosa que prende a atenção de toda a assembléia. O que dirá ele? Com tranqüilidade e clareza, para que todos o ouçam, ele declara: "Tu o dizes! Sou o que acabaste de dizer."

Como isso parecia inacreditável aos juizes, Jesus acrescenta que Deus, muito além de todo pensamento humano, confirmará e consumará gloriosamente sua afirmação sobre si mesmo. No momento atual, é verdade, ele está diante deles batido, pisado e amarrado. De agora em diante, porém, ele se encontra no caminho de volta ao Pai, onde se assentará **à direita de Deus**, e de onde retornará um dia com grande poder e glória como juiz do mundo.

Naquele instante o sumo sacerdote **rasgou as suas roupas**. Tamanha blasfêmia que tinha de ouvir com os seus ouvidos o deixou sobressaltado. A blasfêmia o abalou extremamente. Como sinal de pavor, porque teve de ouvir tamanha ofensa a Deus, de modo que se tornava pecador também, rasgou sua roupa na altura do peito.

Qual é a sentença condenatória em caso de blasfêmia? A resposta não pode ser outra: ele é culpado de morte (veja também as pesquisas inteligentes de Bornhäuser sobre a confissão de Pedro e a pergunta do sumo sacerdote!).

A controvérsia sobre a pessoa de Cristo persiste até hoje. Mais de cinqüenta gerações passaram desde que Jesus declarou sob juramento que ele é Filho de Deus. Em cada geração esta questão foi levantada, houve lutas a favor e contra ela, e assim será até o fim – até que ele, no seu glorioso retorno, porá fim à controvérsia para sempre.

Ainda hoje está de pé, com toda a nitidez, a pergunta pela decisão, como a formulamos acima: *Ou* Cristo testemunhou a verdade e é Filho de Deus, ressuscitou e está à direita de Deus como rei de seu reino e retornará como juiz do mundo, *ou* ele cometeu perjúrio. Neste caso, o cristianismo seria o mais grandioso golpe que enganou o mundo, e os cristãos seriam "os mais infelizes de todos os homens" [1Co 15.19]. Uma posição intermediária, uma fé que não traça essa conseqüência lógica, mas que tenta conciliar entre esses dois extremos, é um absurdo, uma inverdade por excelência.

"Depois que a sentença foi proferida, os juizes dão livre vazão ao seu ódio. É sabido que a boa educação, mesmo diante do condenado, e mais ainda, o respeito diante da magnitude da justiça, exigem que se o condenado seja protegido de quaisquer maus tratos, para que possa triunfar nele unicamente o direito. No entanto, os inimigos de Jesus desconhecem tais sentimentos. Não há limites para seus atos pessoais de zombaria e maus tratos.

Segundo o teor de Mateus, todos esses escárnios e abusos devem ser atribuídos aos próprios membros do Sinédrio. Não são mais capazes de controlar sua fúria e se divertem dando-lhe pancadas e tapas, a ponto de esquecerem sua dignidade de juizes. A segunda palavra grega também poderia ser traduzida com "cacetadas", que é o sentido que possui em toda a literatura profana. No entanto, será mais correto neste contexto o significado de "dar bofetadas", o qual é comum a todas as demais passagens do NT e que também cabe melhor no nexo da cena toda. Pois ao que parece fizeram com Jesus a brincadeira de moleque, que o escritor grego Pollux descreve assim (no seu *Onomasticón* 9.29): "Vedam os olhos de alguém e lhe dão bofetadas. Depois ele precisa adivinhar quem o bateu ou com que mão o fez". O fato de que Jesus precisa tolerar sem resistência todos os maus tratos deles, deixa claro, segundo eles, que a opinião dele sobre sua filiação divina é uma mentira" (em relação a isso, cf. Lauck, p. 136).

12. A negação de Pedro, 26.69-75

69 **Ora, estava Pedro assentado fora no pátio; e, aproximando-se uma criada, lhe disse: Também tu estavas com Jesus, o galileu.**
70 **Ele, porém, o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.**
71 **E, saindo para o alpendre, foi ele visto por outra criada, a qual disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno.**
E ele negou outra vez, com juramento: Não conheço tal homem.
Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia.
74 **Então, começou ele a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem! E imediatamente cantou o galo.**
Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente.

Entre os discípulos em fuga, o primeiro a se recompor foi Pedro, juntamente com um segundo discípulo, de nome João. Seguiram o pelotão que conduzia Jesus, naturalmente ficando à distância. Quando chegaram ao palácio do sumo sacerdote, aquele segundo discípulo conseguiu entrar de imediato na antessala, por ser conhecido daquele. Parece que está audaciosamente fazendo uso de um relacionamento antigo com essa casa, a nós desconhecido. Pedro, por sua vez, parece ter sido impedido por uma vigia na porta. Talvez seu companheiro tenha percebido sua falta somente depois que ele próprio já havia entrado. Por isso retorna e fala com a vigia, podendo, logo, levar Pedro para dentro. Esta nota tem valor inestimável. Não podemos supor que o outro discípulo de Jesus tenha negado sua relação com ele. Naturalmente ele tampouco esta preparado no seu espírito para ingressar no salão do tribunal, para testemunhar a favor de Jesus diante das falsas testemunhas. Cautelosamente, João adotou a posição de um amigo do acusado que o observava com simpatia.

Pedro, por sua vez, deve ter passado pela soleira da porta do palácio com preocupação. Continuava viva em sua memória a lembrança de que há pouco desembainhara a espada contra os empregados da casa.

É verdade, não sem um pressentimento terrível Pedro está entrando nesse local, pois Jesus lhe havia anunciado claramente que ele o negaria. Num caráter tão ativo como o seu, essa grande insegurança interior se exterioriza com nitidez, e muito mais na medida em que a tenta reprimir. Parece que foi exatamente esse esforço que se tornou a primeira causa dele ser tentado. Era uma

noite fria. Os empregados haviam acendido uma fogueira de carvão que queimava no pavilhão, e sentaram-se ao redor a fim de se aquecer. Pedro entrou na roda, para se aquecer também. Conforme Mateus, temos de supor, até, que ele primeiro se abaixou para se sentar, talvez para dar uma impressão completa de uma firmeza segura de si. Contudo, é possível que sua inquietação interior em breve o tenha levado a levantar-se. O fato de Pedro se aproximar dos empregados irritou a vigia, que desde o início achara que aquele não era o seu lugar. Achegou-se ao discípulo e perguntou-lhe: **Não és tu também um dos seguidores daquele homem?** Subitamente, pois, viu-se ele desmascarado no meio dos vingadores a serviço do seu inimigo. Abalado e confuso, esqueceu-se de tudo e disse não. Essa primeira negação, porém, soou quase como se Pedro quisesse negar-se também a si próprio. É bem provável que Mateus nos transmitiu a expressão literal do discípulo que caía: **Não sei o que dizes!** Na triste situação em que se encontrava, talvez tenha tentado convencer-se inicialmente que, com essa resposta, foi nada mais que uma evasiva inteligente. De acordo com Lucas, a criada, ao perguntar, o havia encarado firmemente sob a luz da fogueira. Ele, porém, a afastou de si com indignação, pelo que se revelou sua agitação: **Mulher, não o conheço!** Essa foi a primeira negação. Aconteceu diante dos ouvidos de todo esse círculo. Pedro já foi derrotado no interrogatório da empregada.

Isto deve ter acontecido no momento em que Jesus, inquirido pela sumo sacerdote, apelou para os seus ouvintes: "Pergunta-o aos que me escutaram. Eles bem sabem o que eu disse" (Jo 18.21).

De acordo com Mateus e Marcos, parece que logo após a primeira negação Pedro tinha a intenção de deixar esse lugar perigoso. Somente a partir de João podemos supor que ele ainda permaneceu por um tempo entre os empregados em torno do fogo. Provavelmente não quis trair seu embaraço íntimo e assegurar, pela demora, a sua retirada. Contudo, no momento em que queria sair do salão para a antessala (onde talvez o outro discípulo permanecera por cautela), a segunda tentação se pôs no seu caminho. Agora a agitação do discípulo acuado era enorme. Segundo Marcos, podia-se escutar o primeiro cantar do galo, sem que isso chamasse à consciência o discípulo cambaleante. Nos relatos também ficou registrado este seu nervosismo. A criada o viu de novo, diz Marcos, começando a falar dele entre os presentes: "Este aí é um deles" [Mc 14.69]. Outra mulher também o viu, segundo Mateus, e a afirmação ali transmitida é, pelo conteúdo, a mesma. Outro o viu, diz Lucas, e falou: "Tu também és um dos dele" [Lc 22.58]. E, de acordo com João, vários dos empregados em redor do fogo lhe perguntaram: "Não és, porventura, também tu um dos seus discípulos?" [Jo 18.25].

Pedro nega de novo! Com um juramento, ele reforça sua palavra: **Não conheço esse homem!**

O perigo passa a aumentar incrivelmente, porque outras pessoas no círculo o reconheceram e gritavam: **Sem dúvida alguma você também é um deles! Aliás, o seu sotaque o denuncia** [v. 73].

João informa que quem falou assim era empregado do sumo sacerdote, um parente daquele de quem Pedro cortara a orelha. João simplesmente prossegue: "Ele negou mais uma vez". Mateus e Marcos acrescentam o significativo "e ele começou": **Então ele se pôs a jurar com imprecações: Eu não conheço este homem!**

Neste momento de desgraça ouviu-se o cantar dos galos. Era a segunda vez.

Nesse instante Jesus estava sendo conduzido pelo lado do grupo que cercava de modo assustador o discípulo que o negou. Talvez Jesus ainda ouviu as últimas palavras de Pedro se amaldiçoando. "Jesus, voltando-se, pôs os olhos em Pedro" diz Lucas [Lc 22.61]. Seu olhar expressava a profundidade em que o discípulo caíra, o quanto ferira o seu coração, e como este sangrava, não apenas por causa dele, mas também em favor dele. Talvez o discípulo ainda pudesse constatar as marcas das torturas que Jesus sofrera. Todavia, a agitação deste cortejo, cujos integrantes não podiam parar de maltratar o Senhor, lhe dizia que o seu Senhor fora maldito e condenado pelo Sinédrio, culpado de morte!

Nessa situação ele reencontrou-se consigo mesmo. Da profundeza da alma lembrou-se do que Jesus dissera: **Antes que o galo cante tu me negarás três vezes**. Então **retirou-se e chorou amargamente**.

Pedro saiu **para a noite**, mas não para a noite do desespero como Judas. Chorando amargamente, caminhou em direção da alvorada. O anjo da graça o conduziu no árduo caminho para o tribunal do espírito, o qual condenaria à morte a sua velha vida, sobretudo o seu velho orgulho. Dessa forma, foi-lhe dado que ele pudesse caminhar para morte com Cristo de uma maneira muito mais salutar do que ele imaginara. Primeiramente seu arrependimento tinha de ser completo, ele tinha de obter a paz da misericórdia e da reconciliação da boca de Cristo. Somente depois ele teria condições de prestar a

reparação de sua culpa contra as pessoas, por meio de um grandioso testemunho, diante do qual desapareceu o escândalo de sua grande negação.

Deve ser observado muito bem que, pelo caminho de seu arrependimento, Pedro se apresenta como o primeiro grande tipo radiante da verdadeira salvação, enquanto Judas tomou o rumo oposto com seu remorso. Este tentou primeiro fazer reparação perante os inimigos, perante os quais se tornou culpado, um caminho pelo qual jamais conseguiu chegar a Cristo. Quando a doutrina cristã descreve a natureza de uma conversão sincera, ela de forma alguma pode esquecer-se de olhar para o coração e a vida de Pedro, a *figura davídica da nova aliança*.

13. A ida ao tribunal secular, 27.1,2

(Mc 15.1; Lc 22.66; 23.1; Jo 18.28,31s)

1 **Ao romper o dia, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem;**
e, amarrando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos.

A terrível noite chegou ao fim. Começa um dia incomparável. Acontece a grande ação que reconcilia a humanidade, que será lembrada enquanto viverem pessoas sobre a terra.

Ao ser transferido para o procurador romano, Jesus passa da esfera de Israel para a esfera do império mundial. A breve palavra: **Entregaram-no ao governador Pilatos** contém uma idéia terrível. Por meio dessa medida, Jesus foi expulso da comunidade do povo israelita, isto é, ele foi amaldiçoado.

A partir do momento em que Cristo foi entregue nas mãos dos romanos, ele deixou a história de Israel e entrou na história mundial. A partir de agora ele, com seu sofrimento e sua morte, pertence ao mundo todo. – No entanto, antes de nos apresentar a cena de Jesus diante de Pilatos, Mateus relata o horrível fim de Judas.

14. O fim do traidor, 27.3-10

(cf. At 1.18s)

Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo:
Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo.
Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se.
6 **E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue.**
E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros.
8 **Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue.**
Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram;
e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

Quando se dá conta daquilo que provocou, Judas é tomado de desespero brutal. Ele vai correndo aos sumo sacerdotes e anciãos, arrependido da sua ação: **Pequei, pois delatei sangue inocente!** Uma terrível acusação aos sumo sacerdotes e anciãos. Mas ao invés de se assustarem, eles respondem friamente: **Que temos nós com isso? O problema é seu!** – Desse modo, eles revelam toda a sua maldade. É demoníaca a retribuição dos maus deste mundo!

A fúria da impotência novamente toma conta de Judas. Com todo o ímpeto ele arremessa o dinheiro maldito contra o portal do templo. Depois foge em disparada. Em vez de chorar como Pedro, em vez de olhar para Deus, olha somente para si e seu pecado. Por que viu somente seu pecado? Porque antes olhou somente para si próprio, para a sua vantagem, por isso agora também não podia mais tirar o olhar de si próprio.

"Provavelmente no dia seguinte os sumo sacerdotes encontram as trinta moedas de prata. Ainda que não tivesse havido testemunha ocular que observou o desvairado, a partir do número de moedas e do local do achado ficava claro de imediato do que se tratava. Agora os senhores se mostram novamente da exata maneira como o Senhor os descreveu, a saber, como pessoas que 'coam mosquitos e engolem elefantes' (Mt 23.24). Por se tratar de 'dinheiro de sangue', as moedas eram consideradas impuras, assim como o dinheiro recebido com prostituição. Por isso não podiam ser lançadas no tesouro do templo (Dt 23.19). Em razão disso, após deliberação prévia – no que se revela como levavam a sério essas questões secundárias –, decidem comprar o assim chamado campo do oleiro. Ou seja, um terreno argiloso que serviu para o empreendimento de um oleiro, que agora se tornará um lugar para sepultar judeus e prosélitos vindos de fora da cidade. Pois esses estrangeiros não possuíam túmulos de família como os residentes em Jerusalém. Neste fato Mateus vê que novamente se cumpriu uma antiga profecia. Obviamente, essa promessa e seu cumprimento causam as maiores dificuldades aos exegetas. Pois a citação não se encontra no profeta Jeremias, e sim em Zacarias (11.13)" (Lauck). É possível que tenha havido um erro de cópia!

15. A pergunta de Pilatos a Jesus, 27.11-14

(Mc 15.2-5; Lc 23.2s; Jo 18.29-38)

Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus?
Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes.
E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu.
13 **Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem?**
Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador.

Diante de Pilatos, a acusação é bem outra que aquela por causa da qual eles próprios o tinham condenado. A condenação deles fora por blasfêmia. Diante de Pilatos Jesus é acusado de sedição.

Constitui um jogo falso quando os superiores dos judeus, que odiavam os romanos e seu imperador, fingem que estão preocupados com a autoridade do imperador romano! Assumem a posição de serem mais leais que o próprio alto funcionário romano em Jerusalém.

A primeira pergunta que Pilatos dirige a Jesus é: **És tu o rei dos judeus?** É um momento singular, em que estão frente a frente o representante da maior potência mundial de então e aquele que trouxe a virada dos tempos. O romano não tinha nenhuma idéia do significado deste momento que abalaria o mundo e a eternidade, quando Jesus foi trazido diante dele. A questão para ele era inicialmente apenas um dos numerosos incômodos que seu cargo entre esses judeus lhe proporcionava, e que ele desejava acabar o quanto antes e com boas maneiras. Eram indizivelmente pequenas as pessoas às quais naquelas horas foi entregue a decisão sobre a questão suprema (Prieser).

Os quatro relatos coincidem nessa pergunta que Pilatos dirige a Jesus: "És tu o rei dos judeus?" Por João sabemos que Jesus estava diante do tribunal, enquanto os judeus estavam de pé na antessala. Pilatos percorria o caminho deles até Jesus e, de volta, de Jesus até os judeus. Chama a atenção a brevidade da resposta: **Tu o dizes**. Contudo, por João sabemos que essa declaração resume uma conversa bastante longa entre Jesus e Pilatos, que a tradição oral não havia preservado. Pilatos tinha percepção suficiente para saber o que deveria pensar deste súbito empenho do Sinédrio em favor do governo romano na Palestina. Sua conversa com Jesus acerca desse primeiro ponto da acusação, detalhadamente descrita em Jo 18.33-38, convenceu-o cabalmente de que não estava lidando com nenhum concorrente do imperador.

Diante das demais perguntas de Pilatos, Jesus se cala: **Não ouves, quantas acusações te fazem?**

16. Barrabás ou Jesus?, 27.15-26

(Mc 15.6-15; Lc 23.17-25; Jo 18.39–19.1)

15 **Ora, por ocasião da festa, costumava o governador soltar ao povo um dos presos, conforme eles quisessem.**
16 **Naquela ocasião, tinham eles um preso muito conhecido, chamado Barrabás.**

17 **Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?**
Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado.
E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.
20 **Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus.**
21 **De novo, perguntou-lhes o governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte?**
Responderam eles: Barrabás!
Replicou-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado!
Responderam todos.
23 **Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado!**
Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco!
E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!
26 **Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado.**

A preferência de Pilatos era conceder a vida a Jesus. Era tempo de festa. Israel celebrava sua libertação da terra do Egito. A cidade estava repleta de alegria e júbilo. Também o procurador Pilatos costumava colaborar neste dia com a alegria popular, anistiando um preso. Acaso não seria possível conceder o indulto a Jesus e libertá-lo?

No evangelho de João, Pilatos praticamente oferece ao povo a libertação de Jesus, relembrando-o desse costume. Provavelmente foi assim que realmente aconteceu. Em Mateus, Pilatos apresenta a opção entre Jesus e Barrabás. Em Marcos é o povo que interrompe a libertação referente a Jesus e reivindica subitamente a libertação de um prisioneiro. Dessas diferenças depreende-se novamente com toda a clareza que os evangelistas não copiaram um do outro, mas que cada autor é determinado, em seu relato, pelas suas testemunhas oculares.

Não se sabe qual é a origem do mencionado costume. Não é provável que tenha sido introduzido pelos romanos. Talvez o costume fosse um memorial da grande libertação nacional do êxodo do Egito, que era festejado na festa da Páscoa. Os romanos, que faziam questão de preservar os costumes dos povos subjugados, devem ter adotado esse costume. A escolha do povo é retratada por Lucas como unânime e independente, enquanto Mateus e Marcos, mais exatos, a atribuem a uma pressão exercida pelos líderes e seus empregados (isso coincide com Jo 19.6).

Marcos e Lucas caracterizam Barrabás como uma pessoa que tinha se tornado culpada de um assassinato durante uma rebelião. Ou seja, era representante do mesmo espírito revolucionário do qual o Sinédrio acusava Jesus. Encaminhar Jesus para a cruz e pedir a libertação de Barrabás significava realizar, ao mesmo tempo, dois atos significativos. Significava rejeitar o espírito da obediência e da fé que animava toda a obra de Jesus e que poderia ter salvo o povo. Simultaneamente significava soltar as rédeas do espírito de revolta, que tinha de precipitar o povo na perdição. – Como a libertação de Barrabás era um ato judicial, Pilatos, para concretizá-la, tinha de se sentar na sua cadeira de juiz. É provável que naquele instante lhe tenha sido comunicada a mensagem de sua mulher, da qual fala Mateus (v. 19): **Quando estava sentado em seu estrado, sua esposa mandou dizer-lhe…**

A esposa de Pilatos o adverte, porque um sonho angustiante à noite lhe indicou que a condenação do **Justo**, do Inocente, significaria grande perigo para Pilatos. É um sinal estranho: a mulher pagã, com base num sonho, adverte Pilatos. Israel, que tem a Escritura e conhece Jesus, rejeita o Senhor.

A opção por Barrabás constituiu o primeiro ato da última rejeição definitiva de Cristo, o primeiro expoente de alcance mundial do fato de que os judeus recusam o Messias e o entregam aos gentios.

Uma vez que fracassaram todos os esforços da parte de Pilatos para salvar Jesus, ele ainda tenta oferecer uma última resistência, mas em vão. Os inimigos de Jesus sentem-se agora senhores da situação.

A gritaria dos judeus (segundo Marcos e Mateus): **Fora com ele, fora com ele. Seja crucificado!** concretizou, enfim, o grau máximo e último da repulsa do Messias em direção dos gentios.

Rejeitando e amaldiçoando Jesus, lançaram fora também a própria esperança pelo Messias. Distanciaram-se de todas as profecias messiânicas, a fim de saciarem unicamente sua sede do sangue de Jesus. – Depois de declararem que rejeitavam Jesus, os judeus, em termos legais, estavam totalmente rendidos ao poder romano. Do mesmo modo Pilatos estava agora entregue ao poder demoníaco dos judeus, inimigos de Cristo, de maneira que cedia à vontade deles – porque não via outra saída. Por um medo supersticioso, porém, não quis que o ato de condenação parecesse como um ato dele. **Lavou as mãos**, a fim de eximir-se de toda culpa por essa quebra do direito.

"Para os judeus, a ação de Pilatos era muito mais impressionante. Na lei de Moisés consta a determinação (Dt 21.6ss): 'Quando no país que o Senhor, teu Deus, der para o possuíres, for encontrado uma pessoa assassinada, da qual não se sabe quem a assassinou, os anciãos da localidade mais próxima do corpo devem pegar uma novilha e conduzi-la a um riacho que nunca seca. Ali devem quebrar a nuca da vaca, de tal modo que o sangue corra para o riacho. Depois disso todos os anciãos da localidade devem lavar as mãos sobre a vaca, da qual foi quebrada a nuca, e dizer em alta voz: Nossas mãos não derramaram esses sangue, e nossos olhos nada viram desse crime.' Ou seja, solenemente Pilatos imita esse costume judeu na sua cadeira de juiz: 'Sou inocente desse sangue. Vocês são responsáveis.' Uma horrível resposta ecoa pelos ares: 'Seu sangue venha sobre nós e nossos filhos!' Jamais foi dita uma maldição mais horrenda. E jamais uma maldição se cumpriu de maneira tão terrível. Se aqueles que a proferiram naquela manhã na fortaleza de Antônia pudessem ver 40 anos à frente, o seu sangue teria congelado nas veias. Mesmo antes do cerco a Jerusalém o sangue jorrava 'torrencialmente' no país. No final do ano 66 foram trucidados 20.000 judeus em Cesaréia por seus concidadãos gentios. Em Citópolis os sírios enfurecidos massacraram 13.000 judeus. Algo semelhante aconteceu em outras cidades e aldeias. Em Alexandria, onde os judeus administravam para si dois bairros através de um etnarca, foram chacinados 50.000 deles, parcialmente pelos gregos, parcialmente por soldados romanos, e sua casas reduzidas a cinzas. Na conquista de Gamala pelos romanos foram mortos até mesmo os bebês. Somente duas mulheres, que se esconderam, escaparam com vida. Mais cruel foi o massacre em Jerusalém. Na cidade a guerra civil se desencadeava até mesmo no templo, onde os sicários combatiam uns aos outros (cf. o comentário a 24.15). Durante uma celebração sacrificial, o pátio interno ficou como que 'transformado num mar' pelo sangue dos chacinados. Quando, mais tarde, durante o sítio, os moradores famintos, que haviam sido forçados sob tortura a entregar seus últimos estoques aos líderes da rebelião e a roer o couro de calçados e cintos velhos, tentavam à noite, em bandos, procurar plantas fora dos muros da cidade, era caçados pelos soldados enfurecidos, torturados e crucificados. Diariamente morriam 500 ou mais na cruz, até que não houvesse mais madeira para confeccionar cruzes. Quando, enfim, a cidade foi conquistada, a espada romana grassou sem piedade contra tudo o que a fome e a peste ainda tinham deixado com vida, quer criança ou velho, quer homem ou mulher. De acordo com Josefo, 1,1 milhões de pessoas foram mortas durante todo o tempo do sítio. Os vitoriosos pouparam somente os homens ainda jovens e saudáveis, para transformá-los em escravos. 97.000 foram levados à escravidão. Contudo, para que todos esses escravos não superlotassem o mercado, milhares deles foram destinados a lutar no anfiteatro como gladiadores ou com animais ferozes. Os demais desapareceram nas minas da Frígia ou tiveram de prestar trabalhos forçados na construção do Coliseu."

Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!

Então ele lhes soltou Barrabás. Quanto a Jesus, depois de o ter mandado flagelar, entregou-o para ser crucificado.

Mateus compreende os açoites como início da crucificação, porque cada pessoa condenada à morte na cruz era primeiramente açoitada pelos romanos. De fato, foi assim também no caso de Jesus. Contudo, por meio de Lucas sabemos que, com esse ato, Pilatos tentou combinar ainda outro objetivo, qual seja, torturando Jesus, queria saciar a ânsia sanguinária da multidão e assim livrá-lo. Precisamente a partir dessa intenção uma execução bem severa dessa punição terrível lhe deve ter sido bem-vinda. Também a lei judaica conhecia a pena do açoitamento (sobre isso, cf. o exposto em 10.17). Muito diferentes e mais cruéis eram os açoites dos romanos. Para eles não valiam as limitações e medidas de cautela. Sobretudo não havia uma legislação sobre o número de chibatadas. Um limite somente se alcançava quando os algozes estavam exaustos ou tinham satisfeito sua crueldade. Os verdadeiros açoites não podiam ser executados num cidadão romano (cf. At 22.25ss). Por isso o açoitamento era aplicado somente em provincianos e escravos, às vezes como preparação

para a crucificação, outras vezes como tortura para forçar uma confissão. Para executá-la eram usadas tiras estreitas de couro duro, em que foram trançados pedaços de ossos, chumbos e espinhos agudos. O delinqüente era amarrado numa coluna baixa, assim que seu corpo curvado permitia ser alcançado pelas chicotadas de todos os lados. Os relatórios gerais dos autores clássicos e das atas dos mártires explicam muitos aspectos. Por exemplo, no escrito especial da comunidade de Esmirna, elaborado por testemunhas oculares, acerca da morte do santo Policarpo, lê-se na introdução, em que se relata acerca dos demais mártires: "Dilacerados pelos açoites, a ponto de ser possível ver os vasos sangüíneos interiores e a estrutura do corpo, eles os suportavam de tal modo que mesmo os que estavam em redor tinham compaixão e choravam". Eusébio informa acerca do açoitamento do santo Doroteu (sob Diocleciano) que "até os ossos ficaram expostos". As diversas expressões para designar essa punição falam uma linguagem inequívoca: "recortar", "dilacerar", "quebrar", "moer", "perfurar", "lavrar". As veias, os músculos, as entranhas ficavam expostas diante dos olhares apavorados dos espectadores. Não raro o delinqüente morria sob a violência das chicotadas.

O Filho de Deus foi açoitado. Aqui toda boca humana deve parar de falar, e o escritor deve parar de descrevê-lo. Nesse momento cabe apenas silenciar (cf. Lauck; sobre o assunto, Strack-Billerbeck e Bornhäuser; mais detalhes na bibliografia indicada no final do livro).

17. Jesus é submetido ao escárnio, 27.27-30

(Mc 15.16-20; Jo 19.2s)

27 **Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte.**
28 **Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate;**
tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus!
E, cuspindo nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça.

Ao suplício segue-se o escárnio. Também aqui nos cabe ficar calados, com humildade e silêncio. – Jesus, porém, suporta tudo calado. "Não abriu a boca. Como cordeiro foi levado ao matadouro, e como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, que não abre a sua boca" (Is 53.7; leia desde o v. 2b: "Não tinha aparência nem formosura").

18. A execução de Jesus, 27.31-50

(Mc 15.21-41; Lc 23.26,33-49; Jo 19.16-30)

31 **Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado.**
32 **Ao saírem (da cidade), encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz.**
33 **E, chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira,**
deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber.
Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte.
36 **E, assentados ali, o guardavam.**
37 **Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.**
E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda.
Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo:
Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!
41 **De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam:**
Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele.
Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus.

44 **E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele.**

Desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre toda a terra.

Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

47 **E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias.**

E, logo, um deles correu a buscar uma esponja e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber.

49 **Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo.**

50 **E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito.**

Está iniciando a *via crucis*: **Tornaram a pôr-lhe suas vestes. A seguir, eles o levaram para a crucificação**…

O Talmude de Jerusalém relata que, antes da crucificação, se oferecia ao condenado uma bebida anestesiante, que pessoas compadecidas, geralmente mulheres distintas de Jerusalém, mandavam preparar por sua conta. A cruz era composta de duas peças, uma viga vertical (*staticulum*) e outra horizontal (*antenna*). Na primeira, mais ou menos no meio, estava afixado um pino de madeira ou chifre (*cornu* ou *sedile*), sobre o qual o crucificado ficava montado. Do contrário o peso do corpo rapidamente teria provocado a ruptura das mãos, de modo que o corpo cairia. Geralmente se erguia primeiro a cruz que era afirmada no chão (Cícero, *Verr*. 5.66; Josefo, *Guerra* 6.4). Depois o corpo era içado com cordas até a altura da viga transversal, e as mãos e os pés eram pregados. Raramente se pregava o condenado sobre a cruz ainda deitada e se erguia a cruz depois.

Os crucificados viviam em geral por cerca de doze horas, às vezes até o segundo e terceiro dia. A febre que se manifestava em breve causava uma sede ardente. A crescente inflamação das feridas nas costas, nas mãos e nos pés, bem como a pressão do sangue contra a cabeça, o pulmão e o coração, e o inchaço de todas as veias causavam uma indescritível agonia, terríveis dores de cabeça, além da lenta letargia dos membros provocada pela posição desconfortável do corpo. Tudo contribuía para tornar essa forma de execução, pela expressão de Cícero (em *Verr*., v. 64), o mais cruel e terrível castigo.

A execução tinha de acontecer fora da cidade (Lv 24.14). Isso constituía um símbolo de exclusão da sociedade humana (Hb 13.12). Jo 19.17 diz que Jesus saiu da cidade e, segundo o costume (Mt 10.38) carregava pessoalmente sua cruz.

A partir desse fato retornamos ao v. 32. Tão logo fora proferida a sentença contra o acusado, os judeus demandavam pressa. Pois desejavam, segundo seu costume em festas, que a crucificação fosse realizada se possível antes do meio-dia e que o crucificado ainda pudesse ser removido antes do pôr do sol e sepultado num túmulo. Por isso podemos supor que o cortejo caminhava a passos rápidos, em tempo acelerado, até o alvo. Pela prática costumeira, Jesus, nessa marcha rápida, ainda tinha de carregar pessoalmente sua cruz. Mesmo que a madeira da cruz não possuía as dimensões gigantescas que muitas vezes lhe são dadas nas ilustrações, certamente representava um peso considerável. Ademais, o Senhor já estava muito abalado fisicamente pelos sofrimentos anteriores. A intensa luta no coração e espírito na noite pascal anterior, o grave combate no Getsêmani, a vigília, as tensões, os dramas do seu coração, e finalmente o terrível suplício, todos esses acontecimentos tinham esgotado suas forças. A todos esses esforços somava-se, agora, a rápida caminhada sob o peso da cruz. Totalmente esgotado, o Santo era tangido sob a carga da cruz. Apesar disso, chegou com o peso até a entrada da cidade. Não sabemos se sucumbiu aqui sob a carga, ou se cambaleou. Em todo caso, chamaram um substituto para continuar carregando a cruz por ele, logo que saíram da cidade. Diante do portão encontraram um homem, de nome Simão de Cirene (situada na Líbia, ao norte da África, onde viviam muitos judeus), que vinha do campo. Quando redigiu seu evangelho, Marcos o identificou como pai de Alexandre e Rufo, dois homens que devem ter sido conhecidos da comunidade cristã do seu tempo. Portanto, sem dúvida eram companheiros de fé. Provavelmente Simão não tinha um relacionamento mais próximo com Jesus. Pelo menos permaneceu fora, no campo, enquanto Jesus estava sofrendo diante do tribunal romano. Talvez tenha sido por isso que chamou a atenção do cortejo, por entrar sozinho pelo portão em direção oposta, enquanto todo o povo corria junto de Jesus para fora da cidade. Esse homem, portanto, foi chamado pelos soldados e forçado, sob a forma de requisição militar, a levar a cruz atrás de Jesus. Obviamente o trecho desse lugar até o local da execução não podia mais ser muito longo.

Não apenas para o próprio Simão, mas também para o Senhor foi significativo que esse Simão de Cirene prestou uma ajuda ao Senhor Jesus por um breve período. Simão Pedro não está nas proximidades, apesar de ter prometido seguir seu Mestre até a morte. Da distante Cirene, porém, precisa surgir outro Simão que deve aliviar o difícil caminho do Cordeiro de Deus até o "matadouro". Esse Simão não tinha idéia da graça e honra que lhe foi concedida, pois não podia imaginar a glória daquele a quem deveria servir. Foi coagido a servir por meio da violência. Mais tarde, porém, seus filhos aparecem na história da comunidade, e ele próprio com certeza também compreendeu posteriormente que serviço lhe foi permitido realizar.

Mc 15.21 comprova que esse evento serviu para estabelecer contato entre Simão e o Salvador, e que logo depois ingressou com a esposa e os dois filhos na comunidade. Mais tarde estes residiam em Roma (Rm 16.33).

O v. 33 nos leva a um ponto na história da Paixão em que tudo, mesmo o menor detalhe, se torna importante, porque está em foco o eixo em torno do qual gira a história da humanidade. Chegamos a um ponto na vida de Jesus em que, a rigor, não se pode mais falar dos feitos de Jesus. Mãos e pés estão pregados na cruz – ele não pode fazer mais nada, nem sequer se mexer. Não consegue movimentar nenhum membro. O corpo todo está amarrado numa dor indizível. Jesus somente consegue pronunciar palavras com gemidos.

O nome **lugar da caveira** não se origina de cabeças espalhadas de pessoas executadas, pois então o termo grego *stranion* deveria estar no plural: "local das caveiras". Tampouco seria permitido que os ossos ficassem insepultos. Pelo contrário, o nome se origina do formato arredondado e despido do monte.

A via do suplício ficou para trás de Jesus, o santo e precioso cordeiro de Deus. O morro do suplício foi alcançado. Jesus subiu os degraus até o altar maior. Até agora ele carregou a cruz, chegou a hora em que a cruz deve carregá-lo. – Estamos diante do mais horrível episódio que o mundo já presenciou, diante do mistério que os próprios anjos desejam em vão espiar, diante de um testemunho da profundeza insondável do amor divino, como não existe igual no céu e na terra. Aqui se anula aquela maldição que, com suas terríveis conseqüências, com seus horrores que prolongam até a eternidade, pesa soturnamente sobre a humanidade que geme. Aqui se destroçam as portas do inferno e se quebra o poder de Satanás. Aqui se consuma a redenção da humanidade. Aqui está a cruz, essa árvore da vida, da qual emanam forças salutares sobre a humanidade doentia, essa bandeira, sob a qual cada cristão luta e vence, esse abrigo seguro, para onde o cristão se refugia diante das tempestades e intempéries do mundo, esse signo sagrado, sob o qual o cristão vive e morre!

Chegando ao Gólgota, **deram-lhe de beber vinho misturado com fel**. No hebraico, a palavra "fel" também pode significar "absinto" ou "vermute". Portanto, era vinho para anestesiar. Marcos diz: "Deram-lhe vinho misturado com mirra" [Mc 15.23]. O costume entre os judeus era dar essa bebida anestésica aos condenados à morte (cf. Pv 31.6s). Jesus não tomou essa bebida. Queria sofrer com plena consciência.

Para repartir suas vestes, os soldados lançaram a sorte. O sorteio das roupas, por meio do qual o executado se torna uma espécie de objeto de brincadeiras, pertence à mesma série de fatos como o escárnio relatado nos v. 39ss. De acordo com a lei romana, as roupas dos executados pertenciam aos algozes. É provável que cada cruz era vigiada por um pelotão de quatro soldados. A sorte era lançada duas vezes: Primeiro sobre as quatro peças das vestes de Jesus que eram bastante iguais em valor (manto, chapéu, cinto e sandálias). Em segundo lugar sobre a camisa ou túnica, que era preciosa demais para ser cortada em quatro pedaços.

Acima da cabeça do crucificado os soldados afixaram uma **placa** que continha a indicação de sua culpa. De acordo com o costume, essa placa era carregada na frente do cortejo. O conteúdo da placa é citado de memória por Mateus de modo um pouco diferente que em João. Mateus diz: **Este é Jesus, o rei dos judeus**. Em Jo 19.19 lê-se: "Jesus de Nazaré, o rei dos judeus".

O fato de que no mesmo dia foram executados mais dois criminosos além de Jesus contradiz o direito romano, de acordo com o qual somente uma pessoa podia ser executada a cada dia. Para Jesus essa crucifixão no meio de dois criminosos significa mais uma humilhação.

Jesus Cristo, o Senhor de todos os senhores e Rei de todos os reis, está pendurado como um líder rebelde e criminoso entre dois malfeitores que, pelo visto, foram legitimamente condenados (cf. Lc 23.41)!

Quando Jesus abria um pouco os olhos, não via nada além de rostos maliciosos e hostis, e com os ouvidos não ouvia nada além de sarcasmo e escárnio.

Até mesmo os senhores do Sinédrio não conseguem reprimir sua atroz alegria pela desgraça de Jesus!

Os que passavam, destacavam com satisfação que mais uma vez ficou provada a grandeza do **templo**, porque não era o templo que saía derrotado, mas sim aquele que falara da ruína do templo. Eles não tinham a mínima idéia de que justamente agora aquela palavra estava se cumprindo.

Soam extremamente rudes e cruéis as palavras de escárnio: **A outros salvou, mas a si próprio não consegue salvar!**

É comportamento subumano, demoníaco, escarnecer de uma pessoa moribunda, pessoalmente indefesa e fraca, que durante sua vida toda, em todo lugar onde passava, ajudou os outros. Outra exclamação cruel de gozação era: **Confiou em Deus, que este o salve. Pois falou de si: Eu sou Filho de Deus.**

De acordo com Mateus e Marcos, também os dois homens crucificados ao lado dele participaram do escárnio.

Do meio-dia até às 3 horas da tarde, todo o país foi envolto em **trevas**. É como se o sol não pudesse ficar assistindo quando a luz do mundo se apaga. Chegou a hora das trevas. Em torno da cruz fez-se silêncio. Jesus está calado. Tampouco os escarnecedores se manifestam.

A hora chega até às três da tarde. Então, como um grito, ecoa a partir da cruz uma voz forte, atravessando o silêncio: **Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?** É Jesus, Jesus que está morrendo. São as palavras iniciais do Sl 22, oradas por ele em voz alta. – Enquanto a dor dilacera o seu corpo, uma noite terrível penetra em sua alma. Isso é o pior na vida, essas lutas da alma, quando ela se torna solitária, quando tudo nela é revolvido, moído e queimado. – As dores na alma de Jesus constituíram tormento máximo e extremo. – O grito de dor da alma de Jesus tem a ver com Deus. O Senhor não se lamenta que Israel o abandonou, que seus discípulos fugiram dele. O fundamental em sua dor é que Deus o abandonou! O seu Deus! – Qual foi o motivo por que Deus teve de deixar seu Filho só? (Falamos em termos humanos quando pensamos que ele, o *Filho* de Deus, foi entregue sem misericórdia à morte, como um maldito.) – Qual foi o motivo desse terrível abandono e dessa horrível maldição? O motivo foi este: Jesus foi feito pecado por nós!

Reflitamos um pouco sobre o pecado do mundo! Há seis mil anos o pecado se arrasta pela humanidade, como uma torrente negra, larga e profunda. Nosso mundo é um oceano escuro de pecado, que fede como a peste. Pensemos nos crimes que clamam ao céu, praticados há milênios contra inúmeras pessoas. Lembremo-nos de nosso próprio pecado e digamos a nós mesmos que entre os bilhões de pessoas que viveram nesta terra não houve um sequer que não tenha merecido o juízo, que não tenha acrescentado pecados à enxurrada dos já existentes. Apenas consideremos quanto mal sobe diariamente da terra para o céu, desafiando o sagrado julgamento de Deus. Creio que nenhuma pessoa seria capaz de suportar a visão das crueldades do pecado já praticadas na terra – pois ela o mataria.

No entanto, essa imensurável culpa da humanidade o Senhor teve de contemplar espiritualmente no Getsêmani. Como nuvens negras de um temporal, o pecado se acumulou sobre a sua cabeça e preencheu o horizonte inteiro. *Neste momento* ele o separou de seu Pai. Provavelmente como nunca antes, Jesus vê agora toda a indescritível miséria da humanidade caída, toda a torrente de perdição, o mar insondável do pecado, a culpa incalculável. Como não tomaria conta de todo seu ser o desespero?

Mas isso não era tudo. Jesus não apenas viu esse quadro terrível, mas se empenhou por esse pecado horrível, pagou por ele, assumiu a sua culpa, suportou o castigo por ele. Era o único que conhecia o santo Deus. Era também o único que podia aquilatar que castigo merecia essa imensa culpa do pecado. Ele, o Filho amado, foi feito maldição! *Ele foi feito pecado*, i. é, ele foi transformado nesse mar terrível, horrível, diabólico, que ele vê diante de si! Ele, que até então não foi atingido por nenhum pecado, que lhe tinha a maior aversão, ele agora carregou sobre si esse fardo terrível, envolveu-se com ele, identificou-se com ele. É verdade, quem já se colocou diante do santo Deus, trêmulo com o seu próprio pecado, e depois imagina o sagrado "Filho do Homem", estremece e precisa indagar como foi possível que o Senhor perseverou naquelas seis horas.

Entretanto, nesse quadro escuro não podemos esquecer a maior escuridão: o poder das trevas. É o próprio Senhor que chama a atenção para esse inimigo, quando diz um pouco antes, nos discursos de

despedida (Jo 14.30): “Doravante eu já não falarei muito convosco, pois aproxima-se o príncipe deste mundo…” “Agora é a vossa hora, é o poder das trevas” (Lc 22.53), diz Jesus aos seus adversários logo após sua prisão. As profundezas extremas desse poder se abrem diante de Jesus. Não somos informados como o poder das trevas o ataca, mas basta saber que é neste momento que ele promove sua luta mais terrível e intensiva contra ele. Deve tê-lo cercado todo o horrível e sombrio exército espiritual do inferno. Esse sinistro exército assassinará, agora, o Príncipe da vida, o Puro, o Santo.

Em silêncio dobramos nossos joelhos e nos calamos envergonhados. Nesta vida jamais compreenderemos cabalmente como o Senhor Jesus consumou uma reconciliação para o mundo, ou como aquilo que ele suportou podia ser eqüivalente ao castigo que uma geração pecadora deveria sofrer. Não temos critério para comparar. Não dispomos de nada que alcance as profundezas desse mistério insondável.

Apesar de Jesus saber de sua vitória e sua ressurreição, ele não ignorou a dor do presente por causa do futuro, mas viveu o sofrimento na cruz com a mais plena e cruel realidade e veracidade. Ele experimentou, naquelas horas, não a graça e comunhão de Deus, mas, em grau inexprimível, sua ira e seu juízo.

O clamor de oração de Jesus em hebraico: **Eli, Eli, lamá sabactâni**, traduzido ao português como: **Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?**, foi entendido mal. As pessoas diziam: **Ele chama por Elias, o profeta, que deveria vir como precursor do Cristo**. Os escarnecedores achavam que estava mais do que na hora de que viesse Elias, para reabilitar a Jesus, enforcado, o Cristo, como Filho de Deus. – Era uma zombaria gratuita, este escárnio: **Este chama Elias**.

Em seguida à exclamação de Jesus, “Eli, Eli, lamá sabactâni” = “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, Mateus conta que se matou a sede de Jesus com auxílio de uma esponja com vinagre. O evangelista João justifica esse ato de dar de beber (Jo 19.28): “Sabendo que, a partir de então, tudo estava consumado, para que a Escritura se cumprisse (integralmente) até o fim, Jesus disse: Tenho sede.” Portanto, o nexo é o seguinte: No mesmo salmo, cujas palavras iniciais Jesus grita noite a dentro, lê-se alguns versículos depois: “Meu vigor secou como um caco, minha língua se me cola no palato” (Sl 22.16). E no Sl 69.22 encontra-se uma misteriosa referência típica do Messias que desmaia: “Quando tenho sede, dão-me vinagre de beber”. Jesus, ciente de ter agora tomado todo o cálice de sofrimento que o Pai lhe serviu, quer cumprir também essa última profecia ainda não realizada, pois dedica-se a cumprir a vontade de Deus até nos mínimos aspectos, apesar de estar imerso na mais dura agonia do corpo e da alma, e apesar de estar abandonado por seu querido Pai. Por isso acrescentou à exclamação do abandono de Deus esse lamento pela sua sede. Afinal, era a sede que mais atormentava os crucificados. De tudo o que acabamos de dizer sobre a crucifixão de Jesus, pode-se deduzir quanto sofrimento essa sede trouxe para Jesus. Apesar disso, ele, que suportou tudo calado, não teria externado nada, se a profecia não o tivesse levado a dizê-lo. Enquanto isso, lá embaixo, os homens fizeram suas piadas sobre o grito do abandono de Jesus. Afinal, seriamente ninguém deve tê-lo entendido mal. Mas a brincadeira estava à mão. Elias não apenas retornaria nos dias do Messias, para apresentá-lo ao povo. Também circulava uma porção de falatório estranho entre os judeus acerca do grande profeta que “voa pelo mundo como um pássaro” e liberta os fiéis de tudo que é angústia e aperto. Esses escarnecedores naturalmente faziam parte dos judeus que estavam em redor da cruz, e que conheciam o aramaico. Quando um soldado compadecido (Lc 23.36) chegou correndo para atender o clamor de Jesus por causa da sede, eles continuaram seus gracejos, acompanhando a ação do soldado com expressões sarcásticas como: **Ainda veremos**. **Vamos ver se Elias vem para salvá-lo**.

A bebida oferecida a Jesus era a mesma que os soldados sempre carregavam consigo em seus exercícios, a chamada *posca*, uma limonada preparada com água, vinagre e ovos batidos. Jesus, que rejeitara a primeira bebida anestésica, agora bebeu avidamente esse líquido refrescante (Jo 19.30). Quanto ele deve ter sofrido na cruz! Precisamente esse seu último gesto de beber revela muito a esse respeito. Em seguida falou: “Está consumado” (Jo 19.30). **Gritando novamente com voz forte, rendeu o espírito** (cf. Lauck; Strack-Billerbeck; e Bornhäuser).

É Lucas quem nos relata que grito era esse: “Jesus deu um grande grito. Ele disse: Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” – e, com essas palavras, expirou” (Lc 22.46).

Jesus inclinou a cabeça e faleceu! Calou-se a voz que se fez ouvir para os milhões e milhões de habitantes da terra. Apagou-se o olhar que perscrutava o grande e o pequeno, os motivos ocultos das pessoas e as profundezas de Deus. Encolheu-se o peito que abraçou o mundo inteiro com amor.

Quebrou-se o coração que batia calorosa e fielmente para amigos e inimigos. Desfaleceu a mão que afastava aflição e morte, tempestade e doença. –

No madeiro da vergonha morreu Jesus. Desprezado pelos escarnecedores, aos poucos literalmente supliciado até a morte. Morreu como alguém cuja obra e tarefa de vida fracassou totalmente. Faleceu como uma pessoa horrivelmente "desnudada", como alguém "derrotado", como mentiroso e impostor – perante o mundo!

19. Os acontecimentos logo após a morte, 27.51-53

Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas;
abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram;
e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.

A partir deste momento, a situação muda. No momento em que Jesus em voz alta entregou seu espírito ao Pai, aconteceu um forte terremoto que fendeu as rochas. O mundo físico sente que o Rei eterno morre, que a sua morte lança a base para a sua perdição e transfiguração. Sente dores de parto de uma evolução pela qual progredirá para um novo estágio de sua vida obscura, conforme condiz com a virada na humanidade que há pouco teve início (Rm 8.18).

O escurecimento do sol igualmente nos remete para a profunda e misteriosa relação entre o reino da natureza e o da graça, que ainda foi pouco pesquisada pelos teólogos. A natureza se envolve num manto de luto não apenas "como se lamentando pelo seu Filho maior". Quando a palavra que se fez carne, e pela qual todas as coisas foram feitas, se finda na morte, a natureza trêmula presta um testemunho inequívoco da grandeza de Jesus.

Acrescentando: Subitamente **rasgou-se de cima a baixo**, para admiração da multidão, a **cortina** que ocultava o santíssimo lugar. Ela tinha vinte metros de comprimento e quatro dedos de espessura. O que nunca fora visto é mostrado aos olhares de todos. Estava descoberto diante de todos em Israel o que até então haviam visto de fora com olhares tímidos e corações assustados. Depois disso, qualquer um tinha acesso ao lugar sagrado que, antes, podia ser adentrado somente uma vez por ano pelo sumo sacerdote, trazendo nas mãos o sangue de sacrifícios. Apareceram, desvendados, o trono da graça e a arca da aliança, emoldurados pelos querubins de ouro maciço. Era a moradia do Deus oculto.

O que se queria expressar nessa hora tão estranha por meio desse evento extraordinário, jamais acontecido na face da terra? A velha aliança estava desfeita. A sombra teve de ceder à realidade. Os paradigmas foram cumpridos. As profecias foram realizadas. Os sacrifícios foram extintos por meio do único sacrifício que prevalece eternamente.

Daqui em diante o caminho ao trono da graça está aberto para todos. Assim como o sumo sacerdote, ao presenciar uma grande ofensa, rasgou a sua roupa, assim Deus rasga a cortina que ocultava o santíssimo, e que era até então o lugar da sua revelação. Dessa forma Deus declara: Não existe mais santíssimo nem lugar sagrado, de modo que tampouco existem antessala, altar, sacrifícios válidos. O templo foi abolido pelo próprio Deus. O poder abençoador do sacrifício transferido a outro sangue, a outro altar, a outro sumo sacerdote. É exatamente isso o que Jesus tinha anunciado aos judeus, ao dizer: Se me matarem, terão demolido o templo.

A terra tremeu, os rochedos se fenderam. Os túmulos abriram-se, os corpos de muitos santos já falecidos ressuscitaram. Saindo dos túmulos, depois da sua ressurreição, eles entraram na Cidade Santa e apareceram a um grande número de pessoas (v. 52s).

"Aconteceu um terremoto, suficientemente intenso para que se formassem fendas nas paredes rochosas, numerosas nos montes em torno de Jerusalém. Em todas essas paredes, porém, há grande número de câmaras mortuárias, cujos acessos, enquanto elas eram ocupadas, ficavam fechados por lajes de pedra. Por isso qualquer abalo sísmico em Jerusalém tinha o efeito de que os túmulos se abriam, porque as portas de pedra caíam. Essa circunstância confere importância a esse sinal. Simboliza que, com a morte de Jesus foi vencida a morte, e que sua morte abre as sepulturas das pessoas. Pois é por causa de sua morte que a comunidade, liberta de culpa e juízo, é transferida para a vida eterna. Mateus nos informa que esse sinal não era apenas figurado, mas que a morte de Jesus proporcionou para muitos um ingresso imediato no estado de ressuscitados. Nisso seu olhar está

voltado para Jerusalém, para onde a fidelidade de Deus envia de modo maravilhoso novas testemunhas de Cristo. Através desse acontecimento foi declarado para muitos por que Jesus morreu. Eles viram que ele entregou a sua vida como resgate, pelo qual libertou muitos da culpa e da morte. Mateus não fala do destino daqueles que imediatamente experimentaram o poder vital da morte de Jesus. No entanto, devemos imaginá-lo à semelhança do que aconteceu após a ressurreição de Jesus. Assim como o Ressuscitado é elevado ao reino invisível de Deus, assim também os que receberam nova vida através da morte dele, serão alçados às regiões celestiais.

"Ao lado das testemunhas transfiguradas de Jesus, Mateus posiciona as pessoas que confessaram o seu nome" (Schlatter, *Erl*., p. 415).

20. O testemunho do capitão gentio sobre Jesus, 27.54

54 **O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus.**

Em dois momentos Jesus na cruz tinha chamado Deus de seu Pai. Portanto, o capitão estava certo ao formular: **Ele realmente foi Filho de Deus**.

Provavelmente o guerreiro romano achava que há muito sabia o que significa morrer. De fato, ele sabia o que era morrer honrosamente, segundo os fundamentos romanos de coragem. Em muitos campos de batalha ele devia ter presenciado essa morte. Contudo, era nova para ele a majestade da morte voluntária, manifesta no trovão da força, com a qual Jesus entregou a Deus sua vida. Ela tomou conta de sua alma, como uma revelação do Deus eterno. Esse morrer divino despertou-o para uma nova vida. Como que fora de si de entusiasmo, o homem começou a dizer palavras admiráveis. Louvou a Deus por esses acontecimentos, e o mínimo era que engrandecesse como um Justo aquele que ele tinha sido incumbido de executar como criminoso (Lc 23.47). Reforçou com um juramento que Jesus é o Filho de Deus. Não declarou isso no sentido de uma compreensão cristã já desenvolvida, porém tampouco com um espírito de crendice pagã. Inegavelmente o capitão tinha conhecimento, a partir da acusação com que os judeus levaram Jesus à cruz, de que ele próprio teria se arrogado a posição de Filho de Deus. Era isso, pois, o que ele jurava: A palavra de Cristo sobre si mesmo, ainda que fosse capaz de captar seu conteúdo apenas precariamente. Mateus nos leva a concluir com toda a certeza sobre essa relação com a palavra de Jesus. Sim, verdadeiramente, era este o Filho de Deus! É como se o capitão quisesse afirmar: Foi realmente assim como Jesus falou. Ele não foi um blasfemo, do que seus inimigos o quiseram rotular. Conduziram-no a essa certeza especialmente o terremoto e os sinais que o acompanharam. O capitão viu neles um sinal de Deus. Até seus companheiros foram tomados desse sentimento. Cheios de temor aderiram ao seu testemunho.

Conseqüentemente, esse gentio crente e seus companheiros no Gólgota tornaram-se os primeiros representantes do mundo gentílico que futuramente viria a dobrar seus joelhos diante do poder da cruz de Cristo. Sim, essa testemunha de Cristo, pela afirmação de que Cristo de fato foi o Filho de Deus, até parecia estar proferindo uma crítica aos judeus por terem repudiado Jesus como blasfemo.

21. Os enlutados junto à cruz, 27.55,56

Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o servirem;
entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu.

Mateus não diz nada acerca dos discípulos. Contudo, fala das mulheres enlutadas. Os últimos a permanecer no lugar sagrado foram os conhecidos de Jesus, que ficaram à distância, olhando para ele como se estivessem presos no chão, principalmente as mulheres fiéis que desde a Galiléia aderiram ao seu cortejo para servi-lo, entre as quais são citadas em particular Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e a mãe dos filhos de Zebedeu. Não perdiam de vista o moribundo. Tampouco ficaram perdidos para elas os sinais pelos quais Deus glorificava na morte o seu primogênito. Quanto mais, porém, esses sinais começavam a fazer efeito, quanto mais os inimigos começavam a recuar atemorizados, tanto mais confiantes elas podiam projetar-se para perto da cruz.

22. O sepultamento do Senhor, 27.57-61

(Mc 15.42-47; Lc 23.50-55; Jo 19.38-42)

Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus.

58 **Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue.**

59 **E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho**
e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou.
Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria.

José, de Arimatéia (uma cidadezinha provavelmente situada na margem oeste da região montanhosa da Palestina, em direção ao mar Mediterrâneo), foi quem se encarregou do sepultamento de Jesus. João diz que José de Arimatéia era um discípulo de Jesus, contudo secretamente, acrescenta ele, porque temia os judeus. Era uma pessoa boa e justa, como informa Lucas (Lc 23.50). Ele era possuído de esperança pelo reino de Deus (estava direcionado com seus anseios para a revelação desse reino). Esse pensamento fiel e piedoso o levou à comunhão com Cristo. Entretanto, o que até então o impedira de manifestar-se publicamente a favor de Jesus foram considerações terrenas, as mesmas que detiveram por longo tempo a Nicodemos. Ele era uma pessoa rica, como relata Mateus, um respeitado membro do Conselho, diz Marcos. Logo, tinha muito a perder. Naturalmente ele já tinha dado sinais inequívocos perante o Sinédrio de que era favorável a Jesus. De acordo com Lucas, ele não deu seu apoio nem à decisão nem à ação deles. Por outro lado, até aquele momento ele não tinha dado testemunho público em favor de Jesus. Essa situação, porém, mudou.

José de Arimatéia dirigiu-se a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Por meio dessa petição, ele deixou seu resguardo anterior e tomou publicamente o lado daquele que fora executado como criminoso.

Mateus e Marcos, em seguida, relatam os acontecimentos como se José de Arimatéia tivesse providenciado sozinho o sepultamento de Jesus – o que obviamente não é verdade. Acontece que Mateus fez um relato breve. Do v. 61, bem como de Lucas e João, podemos deduzir que as mulheres também estiveram presentes. De acordo com Jo 19.39, compareceu ao sepultamento também Nicodemos. – Era arriscado sepultar Jesus. Depositar o maldito junto dos filhos de Israel não significava outra coisa do que protestar contra a sua excomunhão. O sepultamento de Jesus por José de Arimatéia constitui um ato corajoso. O fato de sepultá-lo em sua própria sepultura vem a ser também uma confissão a favor dele, ainda que seja somente no sentido de Lc 24.19. Aproxima-se dele Nicodemos, como outrora à noite. Esses dois homens abrem mão da ceia pascal, que começava por aquela hora. Não podem celebrá-la, pois o contato com o morto os torna impuros. Contudo, por amor ao Crucificado, eles renunciam à ceia. Preferem ser alvo da ira de seus concidadãos a admitir que Jesus seja enterrado como um maldito.

Começa, pois, o último e triste serviço que eles pensam poder prestar a Jesus. Não foi transmitido a nós com exatidão o que fazem. No entanto, as fontes permitem afirmar algumas coisas. Enrolam o corpo num linho branco, com certeza após terem limpado o corpo do sangue. Nicodemos traz perfume, mirra e aloé com peso total de uns 35 Kg. Sente a necessidade de honrar agora o Senhor com uma despesa principesca, da maneira como pouco antes agira Maria de Betânia. Fazia parte do costume da época preparar sepultamentos dispendiosos para personalidades famosas. – O uso peculiar do termo no evangelho de João permite traduzirmos: “Foi sepultado como se fosse uma pessoa distinta de Jerusalém”, ele, o maldito.

A mais feliz providência assegurou a sepultura. José de Arimatéia era proprietário de um jardim muito próximo do Gólgota, no qual ele mandara talhar uma nova sepultura no rochedo. Nenhum morto havia sido sepultado ali. Essa sepultura não foi preciosa demais para ele colocar nela o corpo do Senhor.

Depois de realizarem às pressas o sepultamento, José fechou a sepultura colocando uma grande pedra na entrada dela. Estava próximo o horário do início do sábado. Rapidamente, ao entardecer, sucederam-se os diversos últimos acontecimentos da crucificação, o fim da execução, a retirada da cruz, bem como o sepultamento de Jesus.

23. A guarda e o lacre da sepultura, 27.62-66

62 **No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos,**
disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei.
Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro.
65 **Disse-lhes Pilatos: Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer.**
Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta.

Os líderes de Israel ficaram muito irritados com a notícia do sepultamento de Jesus. É que eles haviam escutado diversas declarações dos seguidores de Jesus a respeito dos anúncios que Jesus fizera da sua paixão e ressurreição. Agora incomoda-os a idéia: Se no final sua ação terminasse mal e os discípulos desse Jesus de Nazaré encenassem algo – então "todo o seu trabalho de executá-lo" teria sido em vão. Portanto, de todos os modos era preciso evitar que surgisse "a fé na sua ressurreição". Dito e feito! Dirigiram-se a Pilatos!

"Pilatos provavelmente não se terá mostrado muito amigável quando já de novo constatou a presença desse grupo no portal do seu palácio. Por isso eles também o tratam humilde e submissamente de 'senhor'. Obviamente não lhe comunicam a sua verdadeira preocupação, em relação à qual fazem o maior esforço para não crerem nela. Em vez disso, transmitem-lhe outro argumento, do qual esperam maior impacto sobre o procurador romano: Lembramo-nos de que aquele impostor – chamam-no de 'impostor' ou também de 'sedutor do povo' – para consolar os bispos e sacerdotes que terá mais tarde, que foram e são designados com a mesma acusação pelos inimigos da igreja de todos os tempos – que aquele impostor ainda afirmou em vida: Depois de três dias ressuscitarei! Querem deixar claro que isso é mais uma 'mentira', assim como todas as suas demais 'charlatanices'. Contudo, seus discípulos, que aprenderam dele como enganar o povo, poderiam vir e roubar o corpo e depois anunciar ao povo: 'Ele ressuscitou.' Se esse povo já não estava longe de fazer uma revolução por causa das trapaças de Jesus, esse 'segundo calote' realmente levará as massas a ficarem fora de si. Ao que parece, Pilatos não tem ânimo para discutir demoradamente com eles ou, como eles queriam, cuidar pessoalmente da questão. Afinal, ele poderia tornar-se ridículo: Vigiar a sepultura de um morto! Por outro lado, Pilatos não quer contrariá-los. Ao que parece, ele também tem suas suspeitas sobre a questão. Por isso responde de forma breve e abrupta: Vocês terão uma escolta. É assim que se deve explicar o original grego, e não: 'Vocês já têm uma escolta.' Pois trata-se de uma guarnição que não era formada por empregados do templo, e sim de um comando romano (cf. 28.14). Naturalmente já haviam sido recolhidos os pelotões que atuaram, ou colaboraram, na prisão e execução de Jesus. Vão e providenciem segurança, da melhor maneira que puderem. É o que os líderes farão com a máxima cautela possível. Lacram a pedra do sepulcro" (Lauck, p. 199; cf. Strack-Billerbeck; Bornhäuser).

XXXII. A RESSURREIÇÃO DO SENHOR!, 28.1-10

Observação preliminar

A vida de todas as pessoas na terra sempre termina com a sua morte. A morte dá um fim terminante à história de vida da pessoa. Nem mesmo os maiores entre os grandes constituem uma exceção desse fato. Não obstante: uma pessoa é exceção, com uma sucedeu diferente. Os quatro evangelistas bíblicos que nos deram informação sobre a história da vida terrena de Jesus são unânimes no testemunho decidido e absolutamente autoconfiante daquilo que no mais seria inacreditável e inconcebível: a vida de Jesus não terminou na morte, ele está vivo e verdadeiramente ressuscitado de sua sepultura. Cada um à sua maneira, eles contam uma parte da história da vida de Jesus após a sua morte, que consiste de uma série de manifestações palpáveis e corporais do Ressuscitado nesta terra entre as pessoas. É precisamente sobre esse maravilhoso desfecho da vida terrena de Jesus, testemunhado por todos os evangelistas, que se fundamenta todo o evangelho apostólico de Jesus

Cristo: “Esse Jesus que vocês crucificaram, foi ressuscitado dentre os mortos” [At 4.10]! Ele, que estava morto, agora *vive*! Continua vivendo eternamente como aquele que venceu a morte.

Esse evangelho do Senhor e Salvador ressuscitado e eternamente vivo convoca pessoas ainda hoje, não para guardarem a memória de um homem que foi morto e sepultado há séculos, mas para chegarem-se a Jesus Cristo, o Ressuscitado e eternamente vivo, que oferece a si próprio para uma comunhão presente e realmente vivencial com ele e, através dele, com Deus. Enquanto eternamente vivo ele também governa pessoalmente a sua comunidade na terra, constrói o seu reino na terra e o instalará gloriosamente no dia de sua vinda. Tudo isso depende da veracidade do fato da ressurreição de Jesus Cristo e, assim, da eficácia da história de sua ressurreição.

1. A ressurreição de Jesus, 28.1-10

(Mc 16.1-10; Lc 24.1-12; Jo 20.1-18)

No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.
2 **E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela.**
O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve.
E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos.
5 **Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado.**
Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.
Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo!
8 **E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.**
E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram.
Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão.

No relato da ressurreição as mulheres têm o papel principal. Um dever especial chama-as ao túmulo. – De acordo com Mt 28.1, elas são “Maria, a Madalena” e “a outra Maria” (a tia de Jesus).

De acordo com Marcos, são as mesmas duas e ainda: Salomé, a mãe de Tiago e João.

Segundo Lucas também são as duas primeiras mais Joana, a esposa do funcionário herodiano Cuza (Lc 8.3).

O evangelista João cita somente Maria Madalena pelo nome. Contudo não é apenas improvável que nessa hora da manhã ela tivesse ido sozinha à sepultura, mas ela própria alude à presença de outras pessoas quando diz: “Não sabemos onde o puseram” (Jo 20.2). O motivo de João citar o nome dela de forma tão especial são as aparições que ele logo em seguida passa a descrever com todos os detalhes e que em Lucas, assim como em Mateus, haviam sido generalizadas e relacionadas a todas as mulheres.

Nenhum dos evangelistas descreve o fato da ressurreição como tal porque nenhum deles o presenciou. Somente o *Ressuscitado* foi visto. É dele que dão testemunho. Mateus é quem retrocede mais. Um terremoto causado pelo anjo movimenta a pedra e a desloca. O anjo se assenta sobre ela e as sentinelas fogem. Quando as mulheres chegam, encontram a sepultura aberta.

O evangelista Mateus explicou o significado superior desse terremoto. Ele escreve: **Porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou-se e removeu a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um raio, e a sua veste, branca como a neve. E os guardas tremeram espavoridos com sua manifestação e ficaram estarrecidos de susto.** Não está sendo dito que eles o viram na figura definida de um anjo, mas sim que se aperceberam com terror da sua manifestação. E deveriam estar preparados para ela depois de tudo o que aconteceu, especialmente depois de terem passado as horas da noite vigiando a sepultura desse homem misterioso, que já tinha abalado os soldados romanos no Getsêmani (cf. At 9.7).

Mas como o evangelista podia saber desses acontecimentos? Sem dúvida o próprio Mateus experimentou o terremoto naquela madrugada, assim como todos os que viviam nos arredores de

Jerusalém. Mais tarde relacionou corretamente esse abalo sísmico com a ressurreição. Provavelmente o fato de que mais tarde as discípulas viram o **anjo do Senhor** na sepultura lhe permitiu deduzir que fora naquela ocasião que ele havia descido do céu. Os guardas, por sua vez, certamente ainda foram vistos pelas próprias mulheres em estado de choque ou de máxima perturbação nas proximidades do túmulo. A pedra estava e permanecia afastada da entrada da sepultura para tempos eternos. O anjo que se assenta sobre a pedra que ele rolou para o lado da entrada do túmulo constitui o mais maravilhoso contraste para o lacre que o Sinédrio afixara na pedra. O poder do céu triunfa sobre o poder da terra. O anjo das alturas senta-se solenemente sobre o sinal destruído que expressa a autoridade impotente dos judeus e romanos. Eles queriam confinar o Senhor e com ele toda a esperança cristã num reino dos mortos que ficasse trancado eternamente.

O acontecimento maravilhoso na sepultura de Jesus sucedeu enquanto as mulheres estavam a caminho. Quando se aproximaram do sepulcro notaram que a pedra já estava afastada dele. No entanto, podiam constatá-lo de uma distância considerável, uma vez que a pedra era bem grande.

Um lacre estatal e um destacamento militar são insignificâncias diante de Deus. Quando o Onipotente fala, os seres humanos têm de silenciar. Quando o Eterno age, as mãos humanas ficam paralisadas, e as medidas de segurança humanas não representam nada.

Anjos ocupam a cena. Os grandes mensageiros de Deus entram visivelmente em ação. Mais uma vez era tempo dos anjos, como no nascimento de Jesus. É tarefa dos anjos dar conta de ambos os eventos: anunciar o nascimento e anunciar a ressurreição. Uma ressurreição sem essas circunstâncias extraordinárias teria sido como uma primavera sem flores, um sol sem raios, um triunfo sem coroa de louros.

A maravilhosa congruência entre o começo da primeira vida do Senhor Jesus e o começo de sua segunda vida sobre a terra ocorre, porém, em mais um aspecto. Nos dois começos vemos pessoas na dúvida e na tristeza sendo surpreendidas, fortalecidas e alegradas por um mensageiro celestial. Nos dois inícios, todas as circunstâncias secundárias e acontecimentos correlatos são descritos com detalhes, mas sobre o ponto inicial da própria vida e da ressurreição do Senhor paira um misterioso véu. Ele é ressuscitado pelo poder do Altíssimo (Rm 6.4; Ef 1.20), do mesmo modo como tinha sido "concebido" pelo poder do Altíssimo (Lc 1.35).

Quanto à conhecida controvérsia sobre o número de anjos, lembramos a exortação do poeta Lessing, que diz: "Frios compiladores de contradições! Porventura não notais que os evangelistas não *contam* os anjos? Toda a sepultura, toda a região em torno da sepultura está invisivelmente rodeada de anjos. Não havia apenas dois anjos como uma dupla de sentinelas deixadas diante da moradia do general que partiu. Mas ali estavam milhões deles. Aparecia não sempre o mesmo, mas sim, ora um, ora outro, ora num local, ora em outro, uma vez sozinho, outra vez acompanhado, uma vez dizendo isso, outra vez aquilo."

Não temais é uma palavra dita não apenas pelo *anjo do Natal*, mas agora anunciada também pelo *anjo pascal*. O anjo continua: **Sei quem procurais, Jesus, o crucificado. Ele não está aqui.** Jamais se ouviu numa sepultura tal notícia: "Ele não está aqui"! – Um morto sempre pode ser encontrado! **Ele ressuscitou, conforme havia dito.** Unicamente ele tem a capacidade de passar do mundo dos mortos ao reino do Deus vivo assim como um senhor que entra e sai dos quartos de sua casa.

Ele não está aqui, ele ressurgiu! Essa é a grandiosa palavra da Páscoa, a palavra da vida. Atônitas, pasmas, totalmente transtornadas de susto e medo, e por outro lado cheias de júbilo e alegria, assim as mulheres ficaram aturdidas e fascinadas.

Está certo Schlatter: "O anjo as convida a se aproximarem e observar o recinto: está vazio. Jesus ressuscitou. É isso que elas devem dizer aos discípulos, repetindo-lhes as suas promessas, de que ele os conduzirá de volta à Galiléia e que lá o verão. Mateus não descreve quando e como Jesus ressuscitou. Isso nenhuma testemunha presenciou e por isso também ninguém o relatou. Ele apenas nos diz que o túmulo não sofreu nenhuma alteração com a ressurreição de Jesus. Por meio dela Jesus passou para um estágio de poder que não é mais afetado pela natureza. Saiu da sepultura da mesma maneira como mais tarde apareceu no meio dos discípulos, sem ser impedido por nenhum objeto natural. Por conseguinte cumpre-se nele a sua promessa de que a ressurreição não apenas reconstitui o que é terreno, mas também cria algo novo que paira gloriosamente sobre o terreno e que, por isso, permanece sendo para nós um mistério total.

As mulheres de imediato experimentam algo mais magnífico. Não têm de comparecer diante dos discípulos apenas com a palavra do anjo, mas recebem a incumbência do próprio Jesus. **Partiram**

depressa da sepultura, com medo e grande alegria, e correram para anunciá-lo aos seus discípulos. E eis que Jesus veio ao seu encontro e disse-lhes: Alegrai-vos! Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então Jesus disse: Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; e lá me verão!

A primeira coisa que aconteceu quando ele estava novamente vivo diante delas foi que elas se prostraram diante dele, adorando-o. Depois ele as incumbe de serem suas mensageiras aos discípulos, dando-lhes, através delas, a ordem de retornarem à Galiléia. Agora encerram-se também para eles os dias de sofrimento em Jerusalém. Jesus cumpre a palavra que lhes deu, levando-os não somente consigo até Jerusalém, mas também conduzindo-os de volta, guardados sob sua proteção. Com medo e temor haviam subido à cidade santa. Agora a deixam na certeza de que na Galiléia os espera o encontro com o Ressuscitado (Schlatter, p. 420).

XXIII. OS INIMIGOS DE JESUS SEM SAÍDA, 28.11-15

1. Os judeus subornam os guardas, 28.11-15

11 **E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera.**
12 **Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados,**
recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos.
14 **Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança.**
15 **Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje.**

Os adversários do Senhor perderam a cabeça. Na sua perplexidade, apelam para o método do suborno. Os soldados são forçados a fazer declarações falsas. E como são grotescas as afirmações que os soldados devem repetir. Como se manifesta nelas toda a tolice de seu agir e todo embotamento de sua razão! Justamente aquilo que os inimigos queriam impedir com suas medidas (vigilância de soldados, lacre no túmulo etc.), ou seja, que o corpo do Senhor fosse roubado, isso os soldados agora precisam "anunciar aos quatro ventos". A isso acrescenta-se ainda algo que desmascara a mentira ridícula e absurda. Os soldados subornados devem dizer: "Enquanto nós, soldados da guarda, dormíamos, os discípulos roubaram o corpo". É realmente impossível que os inimigos inventassem uma tolice maior. – Pois como se poderia, enquanto se dorme, constatar que discípulos se aproximam do túmulo, para roubar? E mais: Que vergonha terrível para os próprios soldados, terem deixado acontecer isso, eles que estavam armados até os dentes. Que desonra para toda a categoria dos soldados!

Contudo, em troca de dinheiro abandona-se até a honra profissional, mente-se e repete-se o que é ordenado. Que decadência!

O episódio todo nada mais é que um documento de como envolver-se com forças demoníacas e deixar-se seduzir pelo diabo levam a situações sem saída e enredam a pessoa em mentiras absurdas. Os inimigos de Jesus estão tão terrivelmente empedernidos e tolamente iludidos que não vêem nem compreendem mais nada.

De maneira tão horrível foram derrotados em todos os pontos.

XXXIV. O SERVIÇO EM PLENA AUTORIDADE E A PALAVRA DA ONIPRESENÇA DO RESSUSCITADO, 28.16-20

1. A Grande Comissão, 28.16-20

(Mc 16.14-18; Lc 24.44-49)

17 **Seguiram os onze discípulos para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes designara.**
E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.
Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.
Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;
ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

O envio dos discípulos ao mundo perfaz a conclusão do evangelho de Mateus.

Acabou a história do sofrimento, da morte e da ressurreição do Senhor em e diante de Jerusalém.

O último encontro do Senhor com seus seguidores realiza-se na **Galiléia**, ou seja, no lugar em que o Senhor havia iniciado a trajetória oficial e pública na terra, onde também havia reunido seus discípulos, onde os ensinara, onde os enviara pela primeira vez, onde efetuara os milagres, onde fundara sua comunidade, enfim, lá onde predissera tudo o que agora já havia acontecido.

Portanto, é no lugar em que o Senhor tinha dado início ao seu grande e eterno ministério de redenção, em que viveu e agiu e amou os seus até o fim, que também devia acontecer o *término* de sua carreira na terra, de sua vinda em humildade.

Durante a Ceia ele dissera aos discípulos que, após a ressurreição, ele iria na frente deles até a Galiléia (Mt 26. 32). É isto o que acontece agora.

Os onze discípulos estão reunidos ao redor dele. Esta é para ele, o Senhor, e para os seus onze uma cena inesquecível, do mais marcante impacto. – Quantas vezes, durante sua caminhada terrena, ele havia reunido os discípulos ao seu redor. E sempre de novo eles tinham ouvido com admiração o seu discurso, seus pensamentos sobre a eternidade.

Agora, mais uma vez ele os ajuntou ao seu redor. Contudo, dessa vez a "reunião" é bem diferente.

O Senhor não é mais *terreno*, e sim *eterno*; não mais aquele que *irá* até Jerusalém para sofrer e morrer – não, o Senhor agora é aquele que *foi* para Jerusalém, que *sofreu* e *morreu* e foi ressuscitado, que conquistou a vitória, que consumou a obra da salvação!

Diante de seus discípulos, pois, está Jesus como o vencedor e o Filho de Deus, como o Messias prometido, com glória e majestade, com fulgor eterno e esplendor sobrenatural. Nesta condição ele profere de modo claro e audível, poderoso e divino, a palavra: **Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.**

Essa é a palavra de pena autoridade do Ressuscitado. A vitória está ganha. A redenção foi consumada. – Essa palavra, porém, está acessível somente *ao que crê*. Não é um poder que o mundo conhece. O poder do mundo é potência que se manifesta exteriormente, é sucesso, triunfo, é demonstração de força em todos os níveis.

A autoridade que foi dada ao Ressuscitado é um poder de uma espécie muito diferente.

As maneiras como se manifestam os dois poderes, o mundano e o divino, devem ilustrar para nós a essência dessas duas "potências".

Inicialmente, o fato é este:

O poder do mundo, que recebe sua força do diabo, é a mais terrível realidade. O diabo é o grande inimigo de Deus, é o deus deste mundo, o príncipe desse século. O NT fala disso com toda a clareza. Afirma: Vocês não estão lutando contra carne e sangue. O mundo jaz nas mãos do maligno. O diabo anda ao derredor como leão que ruge. Ele se disfarça como anjo da luz.

A tentação de Jesus no deserto, sua luta no Getsêmani e a crucificação no Gólgota teriam sido apenas simulações de batalha se não pudéssemos afirmar: Naquele momento realmente estava em jogo a causa de Deus. O Senhor Cristo deparou-se de fato com um inimigo mortal, ao qual o Senhor levou extremamente a sério. Por conseguinte, temos de pronunciar este terrível pensamento, se o pudermos compreender ou não: Existe um poder sombrio que quer destronar Deus, e não é ponto pacífico que esse poder seja vencido.

Todo aquele que trabalha no reino de Deus está ciente da realidade funesta desse inimigo terrível dentro e ao redor de si. Paulo sabe que está sendo esbofeteado por um mensageiro de Satanás (2Co 12.7). Ele também quer perdoar a pessoa que o ofendeu em Corinto, "para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não ignoramos as intenções dele" (2Co 2.11). Ele entrega o incestuoso a

Satanás (1Co 5.5; cf. 1Ts 2.18). – Deus e Satanás são adversários irreconciliáveis, que se opõem, entre os quais não há relacionamento, nem pacto nem intermediação! O diabo não é um macaco de Deus, um duende, um instrumento de Deus, um funcionário subalterno na corte de Deus, como o expressa o Mefistófeles de Goethe. O diabo não é "estrume para adubar a vinha de Deus!" (cf. Heim).

Não, de fato não é isso, mas sim o temível sedicioso e rebelde contra Deus! – Esse poder do diabo, quanto mais perto estivermos do fim do mundo, há de revelar-se de modo horrível. Na medida em que se aproxima o fim, o diabo se desdobrará, revelando-se com todo o seu horror e crueldade. É o que descreve também o Apocalipse de João. O poder da mentira, da crueldade sádica, o vício antinatural, a descrença, o ódio, o desamor, tudo isso aparecerá mais e mais com todo o seu terror diabólico, até a última tribulação que supera tudo o que até então aconteceu. Não é assim, que o diabo julgado e vencido no Gólgota esteja preso como um condenado, mantido no cárcere, tornado inofensivo; ele circula livremente, aterrorizador como um leão que ruge, a fim de – se puder – devorar os eleitos. A injustiça tomará conta. Os poderes do mundo, os poderes da perdição, os poderes da morte exclamam com muitas vozes: "*Foi-nos dada toda a autoridade*. Quem não se dobra a nós, será destruído!"

A esses terríveis desdobramentos do poder de Satanás, que se estendem até os extremos da terra, e aos seus poderes de perdição e morte, contrapõe-se agora a palavra vitoriosa do Ressuscitado, a palavra que tem de ser compreendida de modo absoluto e total: ***A mim* foi dada toda a autoridade no céu e na terra**.

Como devemos entender essa palavra que *desafia* todas as experiências naturais, tudo o que está "diante dos olhos"?

Como a compreenderemos? Seria, porventura, verdade que Deus é impotente frente ao que está "diante dos olhos"? Seria a ressurreição nada mais que um fato invisível, que somente pode ser compreendido no "sentido espiritual, interior", que não se relaciona de nenhum modo com os poderes visíveis?

O poder e a onipotência do Ressuscitado constituem uma autoridade de natureza totalmente diferente dos poderes deste mundo, porque Deus e tudo o que é divino são sempre "totalmente diferentes". Inegavelmente, Deus tem o poder de aniquilar num instante o diabo e todos os seus adeptos. Assim nós, humanos, faríamos com os nossos inimigos, se tivéssemos o poder para isso. Contudo, essa não é a natureza da autoridade divina. Com tal ato súbito de onipotência o poder contrário certamente estaria eliminado, mas não realmente superado. Com base em sua onipotência, Deus, por isso, toma o caminho oposto. Ele supera o mal ao dar-lhe espaço, de modo que possa desdobrar-se mais e mais. O maligno deve revelar todas as suas profundezas satânicas, mais precisamente da maneira exposta acima.

Como senhor soberano da história mundial, Deus pode dar-se ao luxo de não esmagar com um simples ato de onipotência o poder contrário satânico que se rebela contra ele.

A onipotência de Deus sempre age de maneira oposta ao nosso pensamento. Também Lutero descobriu em Cristo que a onipotência de Deus vivifica quando leva para a cruz, que ela cura quando ele fere os seus, que ele quebra você em mil pedaços quando quer usá-lo. Quando Deus age de modo contrário às nossas orações e desejos, muitas vezes está atendendo essencial e profundamente as nossas preces. Assim ele procedeu com todos os santos de Cristo. Muitas vezes ele os fez cumprir com toda a vontade aquilo que menos queriam. Deu-lhes vitória quando estavam em desvantagem, fortaleceu-os quando estavam fragilizados, abençoou-os quando os conduzia a tribulações e escuridão. Assim a fraqueza, perseguição, tribulação e angústia são os meios pelos quais Deus salva e põe de pé. Por isso os humilhados e desprezados são sempre os seus filhos que ele ama de modo bem singular, dos quais está especialmente próximo (Sl 34.19). Deparamo-nos com uma estonteante visão da vida!

Por isso Lutero entoa sempre de novo o cântico daquela autoridade de Deus que quebra e destroça, pois é justamente *por meio dessas medidas* que ele *quer* revelar seu poder divino. A tribulação faz parte do cristão. É o sinal da graça. Por isso o ser humano deve alegrar-se quando lhe é permitido sofrer. Por isso deve agradecer quando Deus realiza o contrário daquilo por que ele suplicou. Somente quando existe a submissão de si próprio, sim, quando não existe nada, a ação onipotente de Deus se torna possível.

"Deus é alguém que tem vontade de realizar o que perante o mundo é tolo e ineficaz."

Essa onipotência foi dada ao Ressuscitado. Uma onipotência que, por um lado, não vale nada e não é nada perante o mundo, mas que, por outro lado, incessantemente, contra todos os obstáculos do mundo, contra todo o ódio do diabo e todas as decisões opostas a Deus, conduz os pensamentos, planos e intenções de Deus ao mais maravilhoso e grandioso alvo, de modo milagroso e superpotente. É uma plenipotência que deverá se revelar na eternidade com toda a eficácia e maravilhosa transfiguração.

De nenhuma outra maneira temos de entender a palavra de Jesus: **A mim foi entregue toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra**, uma autoridade de característica divina, um poder agora oculto diante dos olhos do mundo – mas que então será manifesto diante de todos, com julgamento e glória.

À palavra de autoridade do *Ressuscitado* segue a ordem plenipotenciária do *Príncipe da vida*, que diz: **Ide!** O magnífico e único enviado Jesus Cristo, ressuscitado, vivo e poderoso – está *enviando*. Agora o envio não é provisório, limitado, transitório e para uma vez, como em Mt 10, mas definitivo, ilimitado, permanente, duradouro. Rompeu-se o estreitamento étnico da sinagoga e abriu-se a universalidade da comunidade. A comunidade de Jesus que abrange o mundo inteiro substituiu o modo etnicamente fechado de pensar da velha aliança pela nova aliança que rompe todas as barreiras.

Por isso a ordem com autoridade universal: *Ide!*

A essa ordem poderosa, *Ide!*, acrescenta-se a *tríplice ordem de serviço* ou *ordem de missão de Jesus*:

- Façam que todos os povos sejam discípulos!;
- Batizem-nos!;
- Ensinem-nos!

a. Façam que todos os povos sejam discípulos!

A expressão "façam que todos os povos sejam discípulos", de acordo com o texto original grego, significa algo bem diferente e muito mais amplo que a tradução com o sentido de "ensinar todos os povos". – O próprio Jesus mostrou e representou o que significa "fazer discípulos". Seus discursos nada mais eram que um chamado ao *discipulado*, a *segui-lo*. Seguidor de Jesus é aquele que se voltou com toda a seriedade ao Senhor e está empenhado em viver conforme a vida do Senhor, ou seja, em buscar a santificação com disposição total.

Não é, de modo algum, uma questão óbvia que **todos os povos** devam ser convocados ao discipulado. Isto é um milagre nada menor que a própria ressurreição do Senhor, um milagre que já se anunciava na história do Encarnado e que acontece de modo poderoso ao se abrirem as portas para o mundo, depois que Israel fechou suas portas para Deus e rejeitou o Cristo com descrença!

É esse o sentido de "façam que todos os povos sejam discípulos!". Convoquem para a decisão por Jesus, o Exaltado! Para isto, façam uso da "palavra" da cruz e da ressurreição!

b. O segundo ponto é: Batizem os povos no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A fórmula em tríade do batismo, que aparece aqui pela primeira vez, ainda não constitui uma confissão de fé trinitária elaborada, mas sim uma fórmula litúrgica correspondente aos três mergulhos da pessoa a ser batizada. Nela naturalmente se prepara o posterior desenvolvimento para uma confissão de fé. A locução "no nome de" significa a entrega do batizando ao Pai, Filho e Espírito. A realidade de Deus é desdobrada em três aspectos *num só nome*. O nome único previne o mal-entendido de que seriam três deuses aos quais o batizando é consagrado e aos quais a fé se dirige em três perspectivas (K. Barth).

O tríplice *desdobramento*, porém, atesta como o Deus único se volta *para nós* e se *revela* no batismo.

Tanto a palavra como o batismo adquirem seu sentido e sua força do fato de que é o Ressuscitado quem transmite ambos (palavra e batismo) aos seus discípulos. Estão imbuídos da vida a partir da morte, inerente ao Ressuscitado, e têm o propósito de concretizar essa vida.

Em relação ao batismo de João, este batismo tem um novo sentido, mesmo que, como aquele constitua a sentença de morte sobre o velho homem e o selo da salvação eterna. A novidade deste batismo, instituído pelo Ressuscitado, é que Jesus Cristo entrou nele e tornou-se o seu conteúdo, através da sua morte e ressurreição. Ser batizado significa, agora, morrer com Cristo e erguer-se com

ele para uma vida nova (Rm 6.1ss; cf. G. Bornkamm, em: *Göttinger Meditationen*, 1947, vol. 4, p. 411ss).

c. À palavra e ao batismo que expusemos acima agrega-se ainda outra palavra: Ensinem-nos a cumprir tudo o que eu tenho mandado.

Palavra – batismo – palavra: esta é, portanto, a tríplice ordem de serviço do Ressuscitado.

Este *ministério do ensino* é a condução e liderança do grupo de seguidores de Jesus, realizadas através da *palavra*. A palavra não é apenas palavra de *arauto*, palavra de chamado, que visa a decisão, mas a palavra também é de *aprofundamento*, de *cura de almas*, de *ensino*, de *exortação*, de *consolo*, a palavra que deve conduzir de conhecimento a conhecimento, que deve desvelar mais e mais a riqueza da vocação celestial em Jesus Cristo.

A tríplice ordem missionária é emoldurada pela palavra da onipresença: **Eis que estou convosco todos os dias até a consumação do tempo**.

A palavrinha "eis" sempre aponta para algo muito especial, importante e digno de atenção. Nesta palavra o especial e importante é que Jesus exteriormente deixa de ser visível, porém interiormente permanece com eles, invisível, e precisamente em todo o tempo ("todos os dias") e em todo o lugar ("com vocês"). A essência da comunidade de Jesus é que o Jesus Ressuscitado continua vivo e atuante. É a comunhão oculta dos cristãos com o Cristo, dos chamados com o que chama, dos enviados com o que envia.

Essa promessa do Senhor é a verdadeira preparação e legitimação da comunidade de Jesus, que a potencia e capacita para o serviço. Ela retira os discípulos do presente século. Sem ela, seguir a Cristo seria uma ação movida por recordações, presa aos altos e baixos da história, ao destino de viver e morrer. Sob essa promessa, no entanto, ser discípulo constitui, em meio ao presente século, um pedaço do novo mundo de Deus. A comunidade não está isenta das angústias deste mundo, pelo contrário, de acordo com a vontade de Jesus Cristo, e sendo seus discípulos, está ainda mais exposta a elas. Não obstante, ela já as atravessou, porque está com ela aquele Senhor para cuja revelação se direciona todo o curso do mundo, quando o **estou com vocês todos os dias** será mudado para **estaremos com o Senhor para sempre** (1Ts 4.17; Jo 14.3; cf. G. Bornkamm).

Mateus não encerra com a ascensão de Jesus. O fim de seu evangelho é dado com as palavra da *autoridade*, do *serviço* e da *onipresença*. Esse acontecimento não representa o encerramento apenas em sentido formal, mas também de modo mais profundo perfaz o alvo de toda a mensagem de alegria. Constitui a culminância da história de Jesus Cristo, e ao mesmo tempo a última palavra sobre o mundo e sobre sua última incumbência e o legado do Ressuscitado para a sua comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ESPECIAIS PARA MATEUS

Mateus 1

Godet, Friedrich: Das Leben Jesu vor seinem öffentlichen Auftreten (1892)
Goebel, Siegfried: Kindheitsgeschichte Jesu (1920)
Bornhäuser, Karl: Die Geburts- und Kindheitsgeschichte Jesu
Dietrich: Über die Jungfrauengeburt in "Biblische Studien und Zeitfragen" Herausg. Rienecker

Mateus 2

Gerhardt, Oswald: Der Stern des Messias (1922)
Rienecker, Fritz: em "Reichsgottesarbeiter" Julho-Agosto 1953, página 78
Busch, Wilhelm: Die Weisen aus dem Morgenland in Magier, Zöllner, Jünger

Mateus 3

Bornhäuser, Karl: Das Wirken des Christus durch Taten und Worte (1924)
Seur, Le: Johannes der Täufer (1909)

Mateus 4

Baumgarten: Die Geschichte Jesu (1927)
Kähler, Martin: Kommet und sehet (1929)
Thielicke, Helmut: Zwischen Gott und Satan (1946)

Mateus 5–7

Bornhäuser, Karl: Die Bergpredigt (1927)

Heim, Karl: Die Bergpredigt (1948)
Thielicke, Helmut: Die Bergpredigt (1950)
Lüthi, Walter: Der Heiland (Ein Gang durch die Bergpredigt) (1936)
Schlatter: Die Gabe des Christus, eine Auslegung der Bergpredigt (1928)
Schieder: Die Bergpredigt (1942)

O Pai Nosso

Modersohn, Ernst: Das Gebet des Herrn (1928)
Mumssen, Rudgar: Das Vaterunser
Thielicke, Helmut: Das Gebet, das die Welt umspannt (1947)
Thielicke, Helmut: Das Vaterunser (dargeboten von deutschen Dichtern, 1940)
Lüthi, Walter: Das Vaterunser (1946)

Mateus 8,9

Bornhäuser, Karl: Das Wirken des Christus durch Taten und Worte (1924)

Mateus 11

Otto, Richard: Verborgen und doch offenbar (sobre Mt 11.25,26)

Mateus 12

Heim, Karl: In den Händen des Meisters, página 24ss (1949)
Röder: Die Versündigung umd die Sünde wider den Heiligen Geist
Kähler, Martin: Das Zeichen Jona (Mt 12.38-42) em "Wiedergeboren durch die Auferstehung Christi"
Schmitz, Richard: Die Sünde wider den Heiligen Geist (1936)
Schrenk, Elias: Über die Sünde wider den Heiligen Geist

Mateus 13

Brunner, Emil: Saat und Frucht (Zehn Predigten über Gleichnisse Jesu, 1946)
Michaelis, Wilhelm: Es ging ein Säemann aus…
Michaelis, Wilhelm: Das hochzeitliche Kleid
Jeremias, Joach.: Die Gleichnisse Jesu (1952)

Mateus 14

Heim, Karl: Lebendige Kraft, página 84 (1950)

Mateus 16

Vischer, Wilhelm: Die Evangelische Gemeindeordnung (Mt 16.1–20.28) (1946)
Kähler, Martin: Das göttliche Muss (Mt 16.21,22)

Mateus 17

Kroeker, Jakob: Allein mit dem Meister
Wagner-Groben: Von Tabor bis Golgatha (1929)

Mateus 22

Heim, Karl: Gottes Wort ist nicht gebunden (1940)
Rendtorff: Der Gottesmensch (1929)

Mateus 24,25

Eichhorn: Die letzten Dinge
Heim, Karl: Zeit und Ewigkeit in "Glaube und Leben"
Heim, Karl: Die Weltanschauung der Bibel
Michaelis, Wilhelm: Der Herr verzieht nicht die Verheissung (1942)
Hartenstein, Karl: Wann wird das geschehen? Eine Auslegung von Matth. 24 und 25 (1951)

Mateus 26,27

Goebe, Siegfried: Leidengeshichte Jesu (1921)
Borchert, Otto: Tod Jesu
Bornhäuser, Karl: Zeiten und Stunden in der Auferstehungsgeschichte Jesu (1921)
Bezzel, Hermann: Die 7 Worte Jesu am Kreuz (1918)

Stockmeyer, Otto: Die 7 Worte Jesu am Kreuz
Bornhäuser, Karl: Die Leidens- und Auferstehungsgeschichte Jesu
Dannenbaum, Hans: Das Rätsel von Kreuz und Auferstehung (1951)
Reylaender: Die Passion unseres Herrn Jesu Christi
Beyer, Hugo: Die Beiden stärksten Stunden im Leben Jesu.
Schimmelpfeng, Hans: Gottes Antwort. Sechzehn Fragen und Antworten aus der Passions- und Ostergeschichte (1940)
Hartenstein, Karl: Der Kreuzesweg des Herrn (1948)

Mateus 28

Riggenbauch: Die Auferstehung Jesu (1905)
Ihmels: Die Auferstehung Jesu (1921)
Goebel, Siegfried: Die Auferstehung Jesu (1922)
Rengstorf, Karl Heinrich: Die Auferstehung Jesu (1952)
Goebel, Siegfried: Lebensworte des Auferstandenen (1923)
[1]

[1]Rienecker, F. (1998; 2008). *Comentário Esperança, Evangelho de Mateus; Comentário Esperança, Mateus* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.